



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA E LITERATURA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: LINGUÍSTICA

ANTÔNIO FÉLIX DE SOUZA NETO

AFRICADAS [tʃ] E [dʒ] NO PORTUGUÊS FALADO POR SERGIPANOS

Maceió/AL
2020

ANTÔNIO FÉLIX DE SOUZA NETO

AFRICADAS [tʃ] E [dʒ] NO PORTUGUÊS FALADO POR SERGIPANOS

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal de Alagoas, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Linguística.

Área de concentração: Linguística

Orientador: Professor Dr. Aldir Santos de Paula

Maceió
2020

**Catálogo na fonte Universidade
Federal de Alagoas Biblioteca
Central**

Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

- S729a Souza Neto, Antônio Félix de.
Africadas [tʃ] e [dʒ] no português falado por sergipanos / Antônio Félix de Souza
Neto. – 2020.
320 f. : il. color.
- Orientador: Aldir Santos de Paula.
Tese (doutorado em Linguística e Literatura) – Universidade Federal de Alagoas.
Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura. Maceió,
2020.
- Bibliografia. f. 309-313.
Apêndice: f. 314-319.
Anexo: f. 320.
1. Africada (Fonética). 2. Fonologia. 3. Fala - Idosos - Sergipe. I. Título.

CDU: 81'342.52(813.7)



TERMO DE APROVAÇÃO

ANTÔNIO FÉLIX DE SOUZA NETO

Título do trabalho: “AFRICADAS [tʃ] E [dʒ] NO PORTUGUÊS FALADO POR SERGIPANOS IDOSOS”

Tese aprovada como requisito para obtenção do grau de DOUTOR em LINGUÍSTICA, pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal de Alagoas, pela seguinte banca examinadora:

Orientador:

Prof. Dr. Aldir Santos de Paula (PPGLL/Ufal)

Examinadores:

Prof. Dra. Dra. Raquel Meister KoFreitag

Prof. Dr. João Henrique da Costa Cardoso (IFAL)

Prof. Dr. Adeilson Pinheiro Sedrins (PPGLL/Ufal)

Prof. Dr. Jair Barbosa da Silva (PPGLL/Ufal)

Maceió, 30 de abril de 2020.

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, Pedro Moreira de
Souza (*in memoriam*) e Helena
Ismerim Silva

AGRADECIMENTOS

A Deus

Aos meus pais, Pedro Moreira de Souza (*in memoriam*) e Helena Ismerim Silva

À minha segunda mãe, Nilzete Barbosa da Silva

Ao PPGLL da UFAL

Ao meu orientador, o professor Dr. Aldir Santos de Paula

À professora Dra. Raquel Meister Ko. Freitag

Ao professor Dr. João Henrique Costa Cardoso

Ao Prof. Dr. Adeilson Pinheiro Sedrins

Ao professor Dr. Jair Barbosa da Silva

Ao meu professor, Antônio Ponciano Bezerra

À minha professora, Denise Porto Cardoso

Aos meus colegas conselheiros do DLEV/UFS

Aos meus colegas do PPGLL/UFAL

À minha colega, a professora MsC. Selma Cruz Santos

À minha esposa, Ana Paula Alcântara Santos de Souza

Ao meu sobrinho/irmão, Luís Cláudio Moreno Rezende

Aos meus irmãos de sangue: Anatólio Perez Garcia Moreno (*in memoriam*), Ambrosina Garcia Moreno Rezende, Angélica Garcia Moreno de Menezes, Isaac Garcia Moreno e Petrônio Garcia Moreno

A minha cunhada e amiga, Eva Gabriela Alcântara Santos

Ao meu enteado e amigo, Rogério Victor Alcântara Santos

Ao estudante do curso de Bacharelado em Cinema e Audiovisual da UFS, Thiago Ferreira Tenório

À bibliotecária, Melânia Lima

A todos os informantes/colaboradores (entrevistados) da pesquisa que enseja esta tese, sem os quais não teríamos os dados necessários para a análise.

EPÍGRAFE

“Segmentar em unidades discretas o que é variação contínua (a fala) é uma atividade complexa e expõe o paradoxo entre a invariância e a variabilidade da matéria fônica”.

Joseph S. Perkell e Dennis H. Klatt (1986)

RESUMO

Nesta tese, descrevemos a gramática das realizações africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ] no português falado por sergipanos com idade igual ou acima de 60 anos: nessa variedade do português, as realizações africadas [tʃ] e [dʒ] estão restritas a alguns itens lexicais de natureza onomatopaica e antropônima e a contextos em que o aproximante palatal adjacente [j] de ditongo dos tipos vogal+[j] e [j]+vogal é esperado. Nosso tratamento quantitativo (estatístico/probabilístico) com o *software R* demonstrou que, embora em variação com suas contrapartes oclusivas (dento)alveolares plenas [t] e [d] e africada alveolar [tʂ] nos referidos contextos de ditongo, as africadas alveopalatais ([tʃ] e [dʒ]) são quase categóricas, predominando em 94% dos dados da nossa pesquisa. Evidências acústicas apontam uma correlação sistemática entre monotongação – ou o apagamento do aproximante palatal [j] adjacente (precedente ou seguinte) dos decursos vogal+[j] e [j]+vogal – e as realizações africadas alveopalatais ([tʃ] e [dʒ]). Constatamos que, tanto nos itens lexicais de natureza onomatopaica e antropônima quanto nos contextos em que o aproximante palatal [j] é apagado da superfície, as africadas [tʃ] e [dʒ] têm potencialidades contrastivas (fonêmicas/fonológicas) no léxico dessa variedade. A partir dessas constatações, levantamos a hipótese de que essas restrições fazem parte de uma gramática das africadas ([tʃ] e [dʒ]) que tem a propriedade de preservar o léxico. A regra generalizante dessa gramática pode, pois, ser deduzida nos seguintes termos: as realizações africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ] se restringem a alguns itens lexicais de natureza onomatopaica e antropônima e a contextos nos quais o gatilho ([j]) que dispara a regra (africação) da qual [tʃ] e [dʒ] resultam pode ser apagado logo em seguida. À luz da Fonologia Autossegmental, tal como documentada em Goldsmith (1995), nos itens lexicais em que o gatilho ([j]) do processo do qual resulta não figura na adjacência, estamos interpretando a realização [tʃ] como africada plena e, por conseguinte, “segmento de contorno” ([tʃ]); já em contextos em que o aproximante palatal [j] de ditongo (incluindo aqueles que podem ocorrer por inserção (epêntese) desse aproximante palatal [j]) dos tipos vogal+[j] e [j]+vogal é esperado, entendemos que essas realizações africadas podem ser interpretados como “segmentos complexos” ([tʃ^j] e [dʒ^j]) ou “de contorno” ([tʃ] e [dʒ]), resultantes de um único processo – espraiamento bidirecional de traços do aproximante palatal [j] esperado – que gera uma articulação [palatal] menor/secundária ([^j]) ou um segmento fonético fricativo [palatal] ([ʃ] ou [ʒ]) intruso. Nos termos da Fonética Articulatória (BARBOSA; MADUREIRA, 2015), essa interpretação é compatível com coarticulação preservatória ou antecipatória de traços do aproximante [j]. À luz da Fonética Acústica – tal como documentada em Ladefoged e Maddieson (1996), Ladefoged (2001), Ladefoged e Johnson (2011), Barbosa e Madureira (2015) e Kent e Read (2015) – trata-se de um segmento em duas fases (oclusão e fricção) sucessivas. Com os recursos do *software PRAAT*, testamos nossa hipótese de a interação do apagamento do aproximante palatal [j] com a africação alveopalatal de /t/ e /d/ coincidir com um alongamento compensatório dos segmentos africanos [tʃ] e [dʒ] adjacentes. Concluímos que as restrições dessa gramática se justificam pela correlação do traço [palatal] do aproximante [j] com [tʃ] e [dʒ] e pelas potencialidades contrastivas (fonêmicas/fonológicas) destas

africadas na variedade do português falado pelos sergipanos idosos. O produto final desta tese dá as dimensões qualitativa e quantitativa à pesquisa que lhe dá ensejo.

Palavras-chave: Africada (Fonética). Fonologia. Fala. Idosos. Sergipe

ABSTRACT

In this thesis, we describe the grammar of the alveopalatal affricate realizations [tʃ] and [dʒ] in the Portuguese spoken by the Sergipanos aged 60 years on: in this variety of Portuguese, the alveopalatal affricate realizations ([tʃ] and [dʒ]) are restricted to some lexical items of onomatopoeic and anthroponomic nature and to contexts in which the adjacent palatal approximant [j] of diphthongs of the types vowel+[j] and [j]+vowel is expected. Our quantitative (statistical/probabilistic) treatment with the software R demonstrated that, although in variation with its counterparts the full (dental)alveolar occlusive ([t] and [d]) and the alveolar affricate ([tʃ]) in the referred diphthong contexts, the alveopalatal affricates ([tʃ] and [dʒ]) are almost categorical, predominating in 94% of our survey *data*. Acoustic evidences point to a systematic correlation between monotongation – or the deletion of the adjacent palatal approximant [j] (preceding or following) of vowel+[j] and [j]+vowel courses – and the alveopalatal affricate realizations ([tʃ] and [dʒ]). We found that, both in the lexical items of onomatopoeic and anthroponomic nature and in the contexts in which the palatal approximant [j] is erased from the surface, the affricates [tʃ] and [dʒ] have contrasting (phonemic/phonological) potentials in the lexicon of this variety. From these findings, we hypothesized that these restrictions are part of the grammar of the affricates ([tʃ] and [dʒ]) that has the property of preserving the lexicon. The generalizing rule of this grammar can, therefore, be deduced in the following terms: the alveopalatal affricate realizations [tʃ] and [dʒ] are restricted to some lexical items of onomatopoeic and anthroponomic nature and to contexts in which the trigger ([j]) that triggers the rule (affrication) from which [tʃ] and [dʒ] result can be erased right thereafter. In the light of the Autosegmental Phonology, as documented in Goldsmith (1995), in the lexical items in which the trigger ([j]) of the process from which [tʃ] would result does not appear in the adjacency, we are interpreting the realization [tʃ] as full affricate and, therefore, “contour segment” ([tʃ]); since in contexts where the diphthong palatal approximant [j] (including those that may occur by insertion (epenthesis) of this palatal approximant [j]) of the types vowel+[j] and [j]+vowel is expected, we understand that these affricate realizations can be interpreted as complex ([t^j] e [d^j]) or contour ([tʃ] and [dʒ]) segments, resulting from a single process – the bidirectional spreading of the [palatal] feature of the palatal approximant [j] expected – which generates a minor/secondary [palatal] articulation or an intrusive fricative [palatal] segment ([ʃ] or [ʒ]). In terms of Articulatory Phonetics (BARBOSA; MADUREIRA, 2015), this interpretation is compatible with preservative or anticipatory coarticulation of the features of the approximant [j]. In the light of Acoustic Phonetics – as documented in Ladefoged and Maddieson (1996), Ladefoged (2001), Ladefoged and Johnson (2011), Barbosa and Madureira (2015) and Kent and Read (2015) – it is a segment in two successive phases (occlusion and friction). With the resources of the software PRAAT, we tested our hypothesis of the erasure interaction of the palatal approximant [j] with the alveopalatal affrication of /t/ and /d/ coincide with a compensatory elongation of the adjacent affricate segments [tʃ] and [dʒ]. We conclude that the restrictions of this grammar are justified by the correlation of the trait [palatal] of the approximant [j] with [tʃ] and [dʒ] and by the contrasting (phonemic/phonological) potential of these affricates in the variety of

Portuguese spoken by the elderly Sergipe. The final product of this thesis gives the qualitative and quantitative dimensions to the research that gives rise to it.

Keywords: Affricate (Phonetics). Phonology. Speech. Elderly. Sergipe

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Representação de vogais	91
Figura 2 - Representação do segmento simples [t]	92
Figura 3 - Representação do segmento simples [d]	92
Figura 4 - Representação do segmento complexo [kp]	94
Figura 5 - Representação do segmento de contorno	97
Figura 6 - Representação da relação “unidade de tempo-raiz” do segmento de acordo com sua complexidade	99
Figura 7 - Assimilação total progressiva (esquerda – direita).....	101
Figura 8 - Assimilação total progressiva (direita – esquerda).....	101
Figura 9 a, b - Assimilação possível e Assimilação impossível	102
Figura 10 a, b - Possível no ponto de C e Impossível no ponto de C	102
Figura 11 - Assimilação além de uma consoante.....	103
Figura 12 - Assimilação progressiva (esquerda – direita) dos traços [coronal, -anterior]	104
Figura 13 a, b - Representação proibida	105
Figura 14 - Assimilação regressiva (direita – esquerda) dos traços da vogal	106
Figura 15 - Assimilação progressiva (esquerda – direita) dos traços da vogal	110
Figura 16 - Vogal longa e segmento de contorno adjacente	111
Figura 17 - Diagrama do processo de africacão de /t/ antes de /i/	113
Figura 18 - Diagrama do processo de africacão de /t/ depois de [j]	114
Figura 19 - Diagrama do processo de africacão de /d/ antes de /i/	114
Figura 20 - Diagrama do processo de africacão de /d/ depois de [j]	114
Figura 21 - Assimilação progressiva (esquerda - direita) dos traços do aproximante [j].....	116
Figura 22 - Assimilação progressiva (esquerda - direita) dos traços do aproximante [j].....	117
Figura 23 - Assimilação regressiva (direita - esquerda) dos traços do aproximante [j].....	118
Figura 24 - Assimilação regressiva (direita - esquerda) dos traços do aproximante [j].....	118
Figura 25 - Assimilação regressiva (direita - esquerda) dos traços do aproximante [j].....	119
Figura 26 - Assimilação regressiva (direita - esquerda) dos traços do aproximante [j].....	119
Figura 27 - Plotagem do oscilograma em 2 canais e do espectrograma com formantes e intensidade do item lexical “Tchá” (antropônimo/apelido) e camadas: (1) segmentada dos seus constituintes fônicos, (2) transcrição fonética e (3) transcrição ortográfica. Com destaque para as características acústicas da realização de todo o item monossilábico tônico “Tchá” (antropônimo/apelido) [ˈtʃa] (0.296122 segundos) (JP82M0-Tchá-1).....	140
Figura 28 - Plotagem do oscilograma em 2 canais e do espectrograma com formantes e intensidade do item lexical “Tchá” (antropônimo/apelido) e camadas: (1) segmentada dos seus constituintes fônicos, (2) transcrição fonética e (3) transcrição ortográfica. Com destaque para as características acústicas da realização das duas fases (oclusiva e fricativa) da africada alveopalatal desvozada [tʃ] (0.085901 segundos) do item monossilábico tônico “tchá” (antropônimo /apelido) [ˈtʃa] (JP82M0-Tchá-1). 143	
Figura 29 - Plotagem do oscilograma em 2 canais e do espectrograma com formantes e intensidade do item lexical “tchá” (onomatopeia) e camadas: (1) segmentada dos seus constituintes fônicos, (2)	

Figura 38 - Plotagem do oscilograma em 2 canais e do espectrograma com formantes e intensidade do item lexical “feita” e camadas: (1) segmentada dos seus constituintes fônicos, (2) transcrição fonética e (3) transcrição ortográfica. Com destaque para as características acústicas da realização de todo o item lexical dissilábico paroxítono “feita” [' f e . t ʃ e] (0.375170 segundos) (IT78F0-feita-1).	165
Figura 39 - Plotagem do oscilograma em 2 canais e do espectrograma com formantes e intensidade do item lexical “feita” e camadas: (1) segmentada dos seus constituintes fônicos, (2) transcrição fonética e (3) transcrição ortográfica. Com destaque para as características acústicas da realização da vogal [e] resultante da monotongação parcial do ditongo [eɨ] do item lexical dissilábico paroxítono “feita” [' f e . t ʃ e] (IT78F0-feita-1).	167
Figura 40 - Plotagem do oscilograma em 2 canais e do espectrograma com formantes e intensidade do item lexical “feita” e camadas: (1) segmentada dos seus constituintes fônicos, (2) transcrição fonética e (3) transcrição ortográfica. Com destaque para a realização africada alveopalatal desvozeada [tʃ] (0.061703 segundos) do item lexical paroxítono “feita” [' f e . t ʃ e] (IT78F0-feita-1).	169
Figura 41 - Plotagem do oscilograma em 2 canais e do espectrograma com formantes e intensidade do item lexical “muita” e camadas: (1) segmentada dos seus constituintes fônicos, (2) transcrição fonética e (3) transcrição ortográfica. Com destaque para as características acústicas da realização de todo o item lexical dissilábico paroxítono “muita” [' m ũ . t ʃ e] (0.346304 segundos) (LA71M0-muita-2). .	172
Figura 42 - Plotagem do oscilograma em 2 canais e do espectrograma com formantes e intensidade do item lexical “muita” e camadas: (1) segmentada dos seus constituintes fônicos, (2) transcrição fonética e (3) transcrição ortográfica. Com destaque para as características acústicas da realização da vogal [ũ], resultante da monotongação parcial do ditongo nasalizado [ũj] do item lexical dissilábico paroxítono “muita” [' m ũ . t ʃ e] (LA71M0-muita-2).	174
Figura 43 - Plotagem do oscilograma em 2 canais e do espectrograma com formantes e intensidade do item lexical “feita” e camadas: (1) segmentada dos seus constituintes fônicos, (2) transcrição fonética e (3) transcrição ortográfica. Com destaque para a realização africada alveopalatal desvozeada [tʃ] (0.079438 segundos) do item lexical dissilábico paroxítono “muita” [' m ũ . t ʃ e] (LA71M0-muita-2).	176
Figura 44 - Plotagem do oscilograma em 2 canais e do espectrograma com formantes e intensidade do item lexical “muita” e camadas: (1) segmentada dos seus constituintes fônicos, (2) transcrição fonética e (3) transcrição ortográfica. Com destaque para as características acústicas da realização de todo o item lexical dissilábico paroxítono “muita” [' m ũ j . t ʃ j e] (0.342200 segundos) (JP82M0-muita-3).	179
Figura 45 - Plotagem do oscilograma em 2 canais e do espectrograma com formantes e intensidade do item lexical “muita” e camadas: (1) segmentada dos seus constituintes fônicos, (2) transcrição fonética e (3) transcrição ortográfica. Com destaque para as características acústicas do ditongo nasalizado [ũj], do item lexical dissilábico, paroxítono “muita” [' m ũ j . t ʃ j e] (JP82M0-muita-3).	181
Figura 46 - Plotagem do oscilograma em 2 canais e do espectrograma com formantes e intensidade do item lexical “feita” e camadas: (1) segmentada dos seus constituintes fônicos, (2) transcrição fonética e (3) transcrição ortográfica. Com destaque para a realização africada alveopalatal desvozeada [tʃ] (0.067833 segundos) do item lexical dissilábico paroxítono “muita” [' m ũ j . t ʃ j e] (JP82M0-muita-3).	183
Figura 47 - Plotagem do oscilograma em 2 canais e do espectrograma com formantes e intensidade do item lexical “muita” e camadas: (1) segmentada dos seus constituintes fônicos, (2) transcrição fonética e (3) transcrição ortográfica. Com destaque para as características acústicas do aproximante palatal	

[jɐ] epentético do ditongo [jɐ] do item lexical dissilábico paroxítono “muita” [ˈmũ.j.tʃjɐ] (JP82M0-muita-3).	184
Figura 48 - Plotagem do oscilograma em 2 canais e do espectrograma com formantes e intensidade do item lexical “muita” e camadas: (1) segmentada dos seus constituintes fônicos, (2) transcrição fonética e (3) transcrição ortográfica. Com destaque para as características acústicas da realização de todo o item dissilábico paroxítono “muita” [ˈmũ.tʃjɐ] (0.577188 segundos) (UB77F0-muita-1).	187
Figura 49 - Plotagem do oscilograma em 2 canais e do espectrograma com formantes e intensidade do item lexical “muita” e camadas: (1) segmentada dos seus constituintes fônicos, (2) transcrição fonética e (3) transcrição ortográfica. Com destaque para as características acústicas da realização da vogal [ũ], resultante da monotongação parcial do ditongo nasalizado [ũj], do item lexical dissilábico, paroxítono “muita” [ˈmũ.tʃjɐ] (UB77F0-muita-1).	189
Figura 50 - Plotagem do oscilograma em 2 canais e do espectrograma com formantes e intensidade do item lexical “feita” e camadas: (1) segmentada dos seus constituintes fônicos, (2) transcrição fonética e (3) transcrição ortográfica. Com destaque para a realização africada alveopalatal desvozeada [tʃ] (0.075943 segundos) do item lexical dissilábico paroxítono “muita” [ˈmũ.tʃjɐ] (UB77F0-muita-1).	192
Figura 51 - Plotagem do oscilograma em 2 canais e do espectrograma com formantes e intensidade do item lexical “muita” e camadas: (1) segmentada dos seus constituintes fônicos, (2) transcrição fonética e (3) transcrição ortográfica. Com destaque para as características acústicas do aproximante palatal [jɐ] epentético do ditongo [jɐ] do item lexical dissilábico paroxítono “muita” [ˈmũ.tʃjɐ] (UB77F0-muita-1).	193
Figura 52 - Plotagem do oscilograma em 2 canais e do espectrograma com formantes e intensidade do item lexical “sítio” e camadas: (1) segmentada dos seus constituintes fônicos, (2) transcrição fonética e (3) transcrição ortográfica. Com destaque para as características acústicas da realização de todo o item lexical dissilábico paroxítono “sítio” [ˈsɪ.tʃu] (0.317460 segundos) (IT72M0-sítio-1).	196
Figura 53 - Plotagem do oscilograma em 2 canais e do espectrograma com formantes e intensidade do item lexical “sítio” e camadas: (1) segmentada dos seus constituintes fônicos, (2) transcrição fonética e (3) transcrição ortográfica. Com destaque para a realização africada alveopalatal desvozeada [tʃ] (0.087936 segundos) do item lexical dissilábico paroxítono “sítio” [ˈsɪ.tʃu] (IT72M0-sítio-1).	200
Figura 54 - Plotagem do oscilograma em 2 canais e do espectrograma com formantes e intensidade do item lexical “sítio” e camadas: (1) segmentada dos seus constituintes fônicos, (2) transcrição fonética e (3) transcrição ortográfica. Com destaque para as características acústicas da realização da vogal [u] resultante da monotongação do ditongo [ju] do item lexical dissilábico paroxítono “sítio” [ˈsɪ.tʃu] (IT72M0-sítio-1).	201
Figura 55 - Plotagem do oscilograma em 1 canal e do espectrograma com formantes e intensidade do item lexical “satisfeita” e camadas: (1) segmentada dos seus constituintes fônicos, (2) transcrição fonética e (3) transcrição ortográfica. Com destaque para as características acústicas da realização de todo o item lexical polissilábico paroxítono “satisfeita” [ˈsɑʃt.ˈfɛ.tʃɐ] (0.836916 segundos) (RP75F0-satisfeita-1).	204
Figura 56 - Plotagem do oscilograma em 1 canal e do espectrograma com formantes e intensidade do item lexical “satisfeita” e camadas: (1) segmentada dos seus constituintes fônicos, (2) transcrição fonética e (3) transcrição ortográfica. Com destaque para as características acústicas da realização da	

vogal [e] resultante da monotongação parcial do ditongo [ej] do item lexical polissilábico paroxítono “satisfeita” [ˈsaʃt.ˈfɛ.tʃɐ] (0.836916 segundos) (RP75F0-satisfeita-1).	206
Figura 57 - Plotagem do oscilograma em 1 canal e do espectrograma com formantes e intensidade do item lexical “satisfeita” e camadas: (1) segmentada dos seus constituintes fônicos, (2) transcrição fonética e (3) transcrição ortográfica.Com destaque para as características acústicas da realização africada alveopalatal desvozeada [tʃ] (0.099974 segundos) do item lexical polissilábico paroxítono “satisfeita” [ˈsaʃt.ˈfɛ.tʃɐ] (0.836916 segundos) (RP75F0-satisfeita-1).	206
Figura 58 - Plotagem do oscilograma em 2 canais e do espectrograma com formantes e intensidade do item lexical “sitinho” e camadas: (1) segmentada dos seus constituintes fônicos, (2) transcrição fonética e (3) transcrição ortográfica.Com destaque para as características acústicas da realização de todo o item lexical dissilábico oxítono “sitinho” [ˈsɪ.ˈtʃĩw̃] (0.432902 segundos) (IT72M0-sitinho-3).	209
Figura 59 - Plotagem do oscilograma em 2 canais e do espectrograma com formantes e intensidade do item lexical “sitinho” e camadas: (1) segmentada dos seus constituintes fônicos, (2) transcrição fonética e (3) transcrição ortográfica.Com destaque para as características acústicas da realização da vogal [i] da primeira sílaba do item lexical dissilábico oxítono “sitinho” [ˈsɪ.ˈtʃĩw̃] (0.432902 segundos) (IT72M0-sitinho-3).	211
Figura 60 - Plotagem do oscilograma em 2 canais e do espectrograma com formantes e intensidade do item lexical “sitinho” e camadas: (1) segmentada dos seus constituintes fônicos, (2) transcrição fonética e (3) transcrição ortográfica.Com destaque para as características acústicas da realização da vogal nasalizada [ĩ] do ditongo nasalizado [ĩw̃] da sílaba tônica do item lexical dissilábico oxítono “sitinho” [ˈsɪ.ˈtʃĩw̃] (IT72M0-sitinho-3).	211
Figura 61 - Plotagem do oscilograma em 2 canais e do espectrograma com formantes e intensidade do item lexical “sitinho” e camadas: (1) segmentada dos seus constituintes fônicos, (2) transcrição fonética e (3) transcrição ortográfica.Com destaque para as características acústicas da realização africada alveopalatal desvozeada [tʃ] (0.098929 segundos) item lexical dissilábico oxítono “sitinho” [ˈsɪ.ˈtʃĩw̃] (0.432902 segundos) (IT72M0-sitinho-3).	213
Figura 62 - Plotagem do oscilograma em 2 canais e do espectrograma com formantes e intensidade do item lexical “doida” e camadas: (1) segmentada dos seus constituintes fônicos, (2) transcrição fonética e (3) transcrição ortográfica.Com destaque para as características acústicas da realização de todo o item lexical dissilábico paroxítono “doida” [ˈdɔj.dʒɐ] (0.634898 segundos) (IT78F0-doida-1). ..	217
Figura 63 - Plotagem do oscilograma em 2 canais e do espectrograma com formantes e intensidade do item lexical “doida” e camadas: (1) segmentada dos seus constituintes fônicos, (2) transcrição fonética e (3) transcrição ortográfica.Com destaque para as características acústicas da realização do ditongo [oj] do item lexical dissilábico paroxítono “doida” [ˈdɔj.dʒɐ] (IT78F0-doida-1).	218
Figura 64 - Plotagem do oscilograma em 2 canais e do espectrograma com formantes e intensidade do item lexical “doida” e camadas: (1) segmentada dos seus constituintes fônicos, (2) transcrição fonética e (3) transcrição ortográfica.Com destaque para a realização africada alveopalatal vozeada [dʒ] (0.118160 segundos) do item lexical dissilábico paroxítono “doida” [ˈdɔj.dʒɐ] (IT78F0-doida-1).	220
Figura 65 - Plotagem do oscilograma em 2 canais e do espectrograma com formantes e intensidade do item lexical “cuidar” e camadas: (1) segmentada dos seus constituintes fônicos, (2) transcrição fonética e (3) transcrição ortográfica.Com destaque para as características acústicas da realização de	

todo o item lexical dissilábico oxítono “cuidar” [ku. 'dʒa] (0.515782 segundos) (SC70M2-cuidar-1).	223
Figura 66 - Plotagem do oscilograma em 2 canais e do espectrograma com formantes e intensidade do item lexical “cuidar” e camadas: (1) segmentada dos seus constituintes fônicos, (2) transcrição fonética e (3) transcrição ortográfica.Com destaque para as características acústicas da realização da vogal [u] resultante da monotongação do ditongo [u.j] do item lexical dissilábico oxítono “cuidar” [ku. 'dʒa] (SC70M2-cuidar-1).	224
Figura 67 - Plotagem do oscilograma em 2 canais e do espectrograma com formantes e intensidade do item lexical “cuidar” e camadas: (1) segmentada dos seus constituintes fônicos, (2) transcrição fonética e (3) transcrição ortográfica.Com destaque para a realização africada palatal vozeada [dʒ] (0.080811 segundos) do item lexical dissilábico oxítono “cuidar” [ku. 'dʒa] (SC70M2-cuidar-1).	227
Figura 68 - Plotagem do oscilograma em 2 canais e do espectrograma com formantes e intensidade do item lexical “remédio” e camadas: (1) segmentada dos seus constituintes fônicos, (2) transcrição fonética e (3) transcrição ortográfica.Com destaque para as características acústicas da realização de todo o item lexical trissilábico paroxítono “remédio” [fĩ. 'mɛ.dʒu] (0.692606 segundos) (GL02F0-remédio-8).	229
Figura 69 - Plotagem do oscilograma em 2 canais e do espectrograma com formantes e intensidade do item lexical “remédio” e camadas: (1) segmentada dos seus constituintes fônicos, (2) transcrição fonética e (3) transcrição ortográfica.Com destaque para as características acústicas da realização africada alveopalatal vozeada [dʒ] (0.067148 segundos) do item lexical trissilábico paroxítono “remédio” [fĩ. 'mɛ.dʒu] (GL02F0-remédio-8).	232
Figura 70 - Plotagem do oscilograma em 2 canais e do espectrograma com formantes e intensidade do item lexical “remédio” e camadas: (1) segmentada dos seus constituintes fônicos, (2) transcrição fonética e (3) transcrição ortográfica.Com destaque para as características acústicas da realização da vogal [u] resultante da monotongação do ditongo [jɯ] do item lexical trissilábico paroxítono “remédio” [fĩ. 'mɛ.dʒu] (GL02F0-remédio-8).	233
Figura 71 - Plotagem do oscilograma em 1 canal e do espectrograma com formantes e intensidade do item lexical “mandioca” e camadas: (1) segmentada dos seus constituintes fônicos, (2) transcrição fonética e (3) transcrição ortográfica.Com destaque para as características acústicas da realização de todo o item lexical trissilábico paroxítono “mandioca” [mã.j. 'dʒjɔ.kɐ] (0.606032 segundos) (RP75F0-mandioca-1).	236
Figura 72 - Plotagem do oscilograma em 1 canal e do espectrograma com formantes e intensidade do item lexical “mandioca” e camadas: (1) segmentada dos seus constituintes fônicos, (2) transcrição fonética e (3) transcrição ortográfica.Com destaque para as características acústicas da realização ditongada [ã.j] do item lexical trissilábico paroxítono “mandioca” [mã.j. 'dʒjɔ.kɐ] (RP75F0-mandioca-1).	238
Figura 73 - Plotagem do oscilograma em 2 canais e do espectrograma com formantes e intensidade do item lexical “mandioca” e camadas: (1) segmentada dos seus constituintes fônicos, (2) transcrição fonética e (3) transcrição ortográfica.Com destaque para as características acústicas da realização africada alveopalatal vozeada [dʒ] (0.085509 segundos) do item lexical trissilábico paroxítono “mandioca” [mã.j. 'dʒjɔ.kɐ] (RP75F0-mandioca-1).	240
Figura 74 - Plotagem do oscilograma em 2 canais e do espectrograma com formantes e intensidade do item lexical “mandioca” e camadas: (1) segmentada dos seus constituintes fônicos, (2) transcrição fonética e (3) transcrição ortográfica.Com destaque para as características acústicas da realização do	

ditongo [jɔ] do item lexical trissilábico paroxítono “mandioca” [mãj.ˈdʒjɔ.ke] (RP75F0-mandioca-1).....	241
Figura 75 - Plotagem do oscilograma em 1 canal e do espectrograma com formantes e intensidade do item lexical “rádio” e camadas: (1) segmentada dos seus constituintes fônicos, (2) transcrição fonética e (3) transcrição ortográfica.Com destaque para as características acústicas da realização de todo o item lexical dissilábico paroxítono “rádio” [ˈfia.j. dʒjɔ] (0.577166 segundos) (SC84F0-rádio-3). 244	
Figura 76 - Plotagem do oscilograma em 1 canal e do espectrograma com formantes e intensidade do item lexical “rádio” e camadas: (1) segmentada dos seus constituintes fônicos, (2) transcrição fonética e (3) transcrição ortográfica.Com destaque para as características acústicas da realização ditongada [aj] do item lexical dissilábico paroxítono “rádio” [ˈfia.j. dʒjɔ] (SC84F0-rádio-3).	246
Figura 77 - Plotagem do oscilograma em 2 canais e do espectrograma com formantes e intensidade do item lexical “rádio” e camadas: (1) segmentada dos seus constituintes fônicos, (2) transcrição fonética e (3) transcrição ortográfica.Com destaque para as características acústicas da realização africada alveopalatal vozeada [dʒ] (0.092927 segundos) do item lexical dissilábico paroxítono “rádio” [ˈfia.j. dʒjɔ] (SC84F0-rádio-3).	248
Figura 78 - Plotagem do oscilograma em 2 canais e do espectrograma com formantes e intensidade do item lexical “rádio” e camadas: (1) segmentada dos seus constituintes fônicos, (2) transcrição fonética e (3) transcrição ortográfica.Com destaque para as características acústicas da realização do ditongo [ju] do item lexical dissilábico paroxítono “rádio” [ˈfia.j. dʒjɔ] (SC84F0-rádio-3).	249
Figura 79 - Plotagem do oscilograma em 1 canal e do espectrograma com formantes e intensidade do item lexical “radinho” e camadas: (1) segmentada dos seus constituintes fônicos, (2) transcrição fonética e (3) transcrição ortográfica.Com destaque para as características acústicas da realização de todo o item lexical dissilábico oxítono “radinho” [fia.ˈdʒĩw̃] (0.404036 segundos) (UB77F0-radinho-1).....	252
Figura 80 - Plotagem do oscilograma em 2 canais e do espectrograma com formantes e intensidade do item lexical “radinho” e camadas: (1) segmentada dos seus constituintes fônicos, (2) transcrição fonética e (3) transcrição ortográfica.Com destaque para as características acústicas da realização da vogal [a] da primeira sílaba do item lexical dissilábico oxítono “radinho” [fia.ˈdʒĩw̃] (UB77F0-raadinho-1).	254
Figura 81 - Plotagem do oscilograma em 2 canais e do espectrograma com formantes e intensidade do item lexical “radinho” e camadas: (1) segmentada dos seus constituintes fônicos, (2) transcrição fonética e (3) transcrição ortográfica.Com destaque para as características acústicas da realização da vogal nasalizada [ĩ] do ditongo nasalizado [ĩw̃] da sílaba tônica do item lexical dissilábico oxítono “radinho” [fia.ˈdʒĩw̃] (UB77F0-radinho-1).	254
Figura 82 - Plotagem do oscilograma em 2 canais e do espectrograma com formantes e intensidade do item lexical “radinho” e camadas: (1) segmentada dos seus constituintes fônicos, (2) transcrição fonética e (3) transcrição ortográfica.Com destaque para as características acústicas da realização africada alveopalatal vozeada [dʒ] (0.098278 segundos) item lexical dissilábico oxítono “radinho” [fia.ˈdʒĩw̃] (UB77F0-radinho-1).	256

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 Distribuição das formas alvo com realizações africada alveopalatal, africada alveolar e oclusiva alveolar.....	265
Gráfico 2 Distribuição das formas alvo quanto aos contextos adjacentes: aproximante.....	267
Gráfico 3 Distribuição das formas alvo quanto aos contextos adjacentes: vogal.....	2744
Gráfico 4 Distribuição das formas alvo quanto aos contextos linguísticos: posição do alvo na palavra, tonicidade do alvo.	278
Gráfico 5 Distribuição das formas alvo quanto aos contextos linguísticos: número de sílabas da palavra, vozeamento do alvo.....	281
Gráfico 6 Distribuição do alvo quanto aos contextos linguísticos: nasalidade.	284
Gráfico 7 Tempo médio de duração das realizações [t] e [d], [tʃ] e [dʒ].....	287
Gráfico 8 Tempo médio de duração da realização africada alveolar ([tʃ]) e a conjugação das realizações oclusivas alveolares ([t] e [d]) assim como as africadas alveopalatais ([tʃ] e [dʒ]).	2900
Gráfico 9 Tempo médio de duração das realizações africadas alveopalatais ([tʃ] e [dʒ]) em função do aproximante palatal [j] no contexto precedente: realizado/apagado.	293
Gráfico 10 Tempo médio de duração das realizações africadas alveopalatais ([tʃ] e [dʒ]) em função do aproximante palatal [j] no contexto seguinte: realizado/apagado.	295
Gráfico 11 Regressão linear: duração~realização+context adjacente.....	299

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Realização “palatalizada de /t/”	54
Quadro 2	Realização “africada palatal surda”	54
Quadro 3	Realização “oclusiva dental sonora palatalizada”	56
Quadro 4	Realização “africada palatal surda”	57
Quadro 5	Realização “africada palatal sonora”	58
Quadro 6	Realizações selecionadas para a análise acústica (contexto/código de realização).....	139

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ADJ.	Adjetivo
ADV.	Advérbio
ANTROP.	Antropônimo
AUM.	Aumentativo
DIM.	Diminutivo
FEM.	Feminino
GERUND.	Gerúndio
G.	Grau
IMPERF.	Imperfeito
IND.	Indicativo
INF.	Infinitivo
INT.	Intensificador
MASC.	Masculino
NUM.	Numeral
ONOM.	Onomatopeia
PART.	Particípio
PASS.	Passado
PERF.	Perfeito
PL.	Plural
PRES.	Presente
PRET.	Pretérito
QUANT.	Quantificador
S.	Substantivo
SING.	Singular

SUBJ.	Subjuntivo
TOP.	Topônimo
V.	verbo
1^a	primeira pessoa
3^a	terceira pessoa

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	26
2	NOSSAS HIPÓTESES	36
2.1	Hipótese principal.....	37
2.2	Hipóteses secundárias	39
3	METODOLOGIA DA PESQUISA.....	42
3.1	A pesquisa bibliográfica nos estudos prévios acerca das realizações alveopalatais [tʃ] e [dʒ] no português falado em Sergipe (PS)	42
3.2	A pesquisa bibliográfica na literatura especializada em Fonologia Autossegmental e em Fonética Linguística (Articulatória e Acústica).....	43
3.3	A pesquisa de campo: a coleta de dados de fala dos sergipanos.....	44
3.4	O tratamento dos dados da pesquisa	46
3.5	A análise acústica dos dados da pesquisa com os recursos do <i>software PRAAT</i>	48
3.6	Tratamento quantitativo (estatístico/probabilístico) dos dados da pesquisa com os recursos do <i>software R</i>	50
3.7	A documentação da pesquisa.....	52
4	CONSTATAÇÕES DE ESTUDOS PRÉVIOS ACERCA DE [tʃ] E [dʒ] NO PS.....	53
4.1	Rossi (1987)	53
4.2	Cardoso (1993 <i>apud</i> HORA, 1997), (2005)	56
4.3	Ferreira <i>et al</i> (1994).....	59
4.4	Mota e Rollemberg (<i>apud</i> HORA, 1997).....	59
4.5	Souza Neto (2014 [2008]).....	61
4.6	Souza Neto (2010)	61
4.7	Freitag (2015).....	64
4.8	Freitag (2015), Andrade, Evangelista e Santana (2016), Pinheiro, Silva e Cardoso (2018), Corrêa (2018)	65
4.9	Freitag e Santos (2016).....	66
4.10	Souza (2016)	67
4.11	Aguilera; Aragão; Isquardo; Mota (2016).....	68
4.12	Souza Neto (2017)	69
4.13	Freitag; Souza Neto; Corrêa (2019).....	71
5	BASES TEÓRICAS DA FONÉTICA ARTICULATÓRIA	73
5.1	Pike (1971).....	73
5.2	Ladefoged e Maddieson (1996).....	76

5.3 Ladefoged e Johnson (2011)	77
5.4 Kent e Read (2015)	84
5.5 Barbosa e Madureira (2015)	85
6 BASES TEÓRICAS DA FONOLOGIA AUTOSSEGMENTAL	89
6.1 Goldsmith (1995)	89
6.2 Clements e Hume (1995)	90
6.2.1 Representação de vogais.....	91
6.2.2 Segmentos simples	92
6.2.3 Segmento complexo	94
6.2.4 Segmento de contorno	97
6.2.5 Unidade de tempo.....	98
6.2.6 Processos assimilatórios e suas restrições	100
6.3 Revisão Bibliográfica	105
6.3.1 Hora (1990) e Bisol e Hora (1993).....	106
6.3.2 Souza Neto (2008, 2014).....	109
6.3.3 Cardoso (2010)	112
7 BASES TEÓRICAS DA FONÉTICA ACÚSTICA	122
7.1 Ladefoged e Jonhson (2011)	122
7.2 Kent e Read (2015)	124
7.3 Barbosa e Madureira (2015)	125
8 ANÁLISE DOS DADOS DA PESQUISA	135
8.1 Análise acústica das realizações [t̺] e [d̺] com os recursos do software PRAAT	135
8.1.1 “Tchá” (antropônimo/apelido) (ocorrência 1: código JP82M0-Tchá-1)	140
8.1.2 “tchá” (onomatopeia) (ocorrência 1: código IT72M0-tchá-1).....	145
8.1.3 “tchou” (onomatopeia) (ocorrência 1: código IT72M0-tchou-1)	149
8.1.4 “tchopo” (onomatopeia) (ocorrência 1: código RP75F0-tchopo-1)	154
8.1.5 “coitada” (ocorrência 1: código IT78F0-coitada-1)	158
8.1.6 “feita” (ocorrência 1: código IT78F0-feita-1)	165
8.1.7 “muita” (ocorrência 2: código LA71M0-muita-2)	171
8.1.8 “muita” (ocorrência 3: código JP82M0-muita-3).....	178
8.1.9 “muita” (ocorrência 1: código UB77F0-muita-1).....	186
8.1.10 “sítio” (ocorrência 1: código IT72M0-sítio-1)	195
8.1.11 “satisfeita” (ocorrência 1: código RP75F0-satisfeita-1).....	203
8.1.12 “sitinho” (ocorrência 3: código IT72M0-sitinho-3)	208
8.1.13 “doida” (ocorrência 1: código IT78F0-doida-1).....	216

8.1.14 “cuidar” (ocorrência 1: código SC70M2-cuidar-1)	222
8.1.15 “remédio” (ocorrência 8: código GL02F0-remédio-8).....	228
8.1.16 “mandioca” (ocorrência 1: código RP75F0-mandioca-1)	235
8.1.17 “rádio” (ocorrência 3: código SC84F1-rádio-3).....	243
8.1.18 “radinho” (ocorrência 1: código UB77F0-radinho-1)	251
8.2 Tratamento quantitativo (estatístico/probabilístico) dos dados da pesquisa com os recursos do software R	259
8.2.1 Distribuição das formas alvo	263
8.2.2 Distribuição dos alvos quanto aos contextos adjacentes: aproximante	266
8.2.3 Distribuição do alvo quanto aos contextos adjacentes: vogal.....	272
8.2.4 Distribuição do alvo quanto aos contextos linguísticos: posição da sílaba na palavra e tonicidade da sílaba.....	277
8.2.5 Distribuição do alvo quanto aos contextos linguísticos: número de sílabas da palavra e vozeamento da realização.....	277
8.2.6 Distribuição do alvo quanto aos contextos adjacentes: nasalidade.....	283
8.2.7 Tempo médio de duração das realizações [t] e [d], [tʃ] e [dʒ].....	286
8.2.8 Tempo médio de duração das realizações: “oclusivas alveolares”, “africadas alveolares” e “africadas alveopalatais”	288
8.2.9 Tempo médio de duração das realizações africadas alveopalatais ([tʃ] e [dʒ]) em função do aproximante palatal [j] no contexto precedente	292
8.2.10 Tempo de duração das realizações africadas alveopalatais ([tʃ] e [dʒ]) em função do aproximante palatal [j] no contexto seguinte	294
8.2.11 Teste de regressão linear: duração~realização+contexto adjacente.....	296
9 CONCLUSÃO.....	303
REFERÊNCIAS	310
APÊNDICE	315
ANEXOS	320

1 INTRODUÇÃO

De acordo com Ladefoged e Maddieson (1996), os sons africados ocorrem em muitas línguas do mundo, sendo $tʃ$ a mais comum, estando em 45% das línguas. No português do Brasil (doravante PB), sob o rótulo de “palatalização (ou realizações palatalizadas) de /t/ e /d/”, as realizações africadas $[tʃ]$ e $[dʒ]$ se encontram documentadas por vários autores que abordam o assunto: Bisol (1990), Adant (1988), Hora (1990), Callou e Leite (2003), Santos (1996), Pagotto (2004) e Silva (2001) são alguns desses autores¹. Julgamos conveniente destacá-los aqui porque, guardadas as diferenças de região pesquisada e/ou em suas interpretações, de acordo com esses autores, no PB, as “realizações palatalizadas de /t/ e /d/” estão restritas ao contexto adjacente à vogal /i/.

Relativamente ao português falado em Sergipe, português sergipano (doravante PS), ainda é pouco conhecida a literatura que trata, com rigor acadêmico, das realizações africadas. Na consulta aos estudos prévios acerca do PS², constatamos que realizações africadas ($[tʃ]$ e $[dʒ]$) estão documentadas em Rossi et al (1987); Ferreira et al (1994); Mota e Rollemberg (1997); Cardoso (1993 apud HORA, 1997); Cardoso (2005); Souza Neto (2008, 2010, 2014, 2017); Cardoso (2015); Freitag (2015); Andrade, Evangelista e Santana (2016); Souza (2016); Pinheiro, Silva e Cardoso (2018); Corrêa (2019) e Freitag, Souza Neto e Corrêa (2019)³. Contudo, em nenhum desses estudos é identificada uma variedade de língua/fala comum aos sergipanos com idade de 60 anos acima, tampouco são identificados os reais contextos a que $[tʃ]$ e $[dʒ]$ estão restritas nessa variedade. É, portanto, da carência de estudo que identifique, explique e justifique as realizações africadas alveopalatais $[tʃ]$ e $[dʒ]$ ⁴ na variedade do português falado por sergipanos idosos que decorre esta tese. Ademais, em quaisquer desses estudos prévios é dada a abordagem que damos aqui àquelas realizações do PS. Diferentemente dos referidos estudos prévios, nesta tese descrevemos uma gramática das

¹ Cf. REFERÊNCIAS.

² Cf. capítulo 4.

³ Cf. REFERÊNCIAS.

⁴ Reconhecemos a possibilidade de ocorrências de valores intervalares tais como $[t, d; t^h, d^h; t_s, d_z]$ na fala de sergipanos. Contudo, devido às implicações fonológicas decorrentes das nossas interpretações – de acordo com a Fonologia Autossegmental e a Geometria de Traços (cf. GOLDSMITH, 1995; CLEMENTS; HUME, 1995) –, decidimos restringir nossa pesquisa às realizações africadas alveopalatais ($[tʃ]$ e $[dʒ]$).

realizações africadas alveopaltais [tʃ] e [dʒ] a partir de uma abordagem que integra Fonética Articulatória⁵, Fonologia Autossegmental⁶, Fonética Acústica⁷ e Tratamento Quantitativo (estatístico/probabilístico)⁸. Os nossos propósitos principais com esta tese são os de constituir referência acerca do objeto de pesquisa que lhe dá ensejo e situá-la na esteira da evolução dos estudos das realizações africadas (“palatalizadas”) [tʃ] e [dʒ] no PS.

Nessa variedade do português sergipano, as realizações africadas alveopalatais ([tʃ] e [dʒ]) estão assim distribuídas:

- 1) [tʃ] restrita a certos itens lexicais de natureza onomatopaica (a exemplo de [ˈtʃa], barulho correspondente a uma enxurrada; [ˈtʃow], barulho correspondente a um golpe de instrumento cortante; etc.) e antroponímica (a exemplo de [ˈtʃa], apelido) nos quais (o provável) gatilho (/i/) do (provável) processo (“palatalização”, segundo Hora (1990) e Bisol e Hora (1993)) do qual resultariam essas realizações não figura na adjacência;
- 2) [tʃ] e [dʒ] restritas a contextos em que o aproximante palatal [j] de ditongo dos tipos vogal+[j] e [j]+vogal é esperado (incluindo aqueles cuja ditongação pode ocorrer por inserção do aproximante palatal [j] epentético), nos quais (o provável) gatilho ([j]) do (provável) processo do qual resultam as precedem (em sílabas distintas, tal como nas palavras “muita” [ˈmũj.tʃɐ] e “doido” [ˈdoj.dʒu]) ou as seguem (na mesma sílaba, tal como em “sítio” [ˈsĩ.tʃju] e “rádio” [ˈfia.dʒju]).

Os dados de fala dos sergipanos pesquisados (entrevistados) nos permitem reconhecer, portanto: a) a realização africada [tʃ] não condicionadas pela vogal (gatilho) /i/, em alguns itens lexicais de natureza onomatopaica e antroponímica; e b) um fenômeno de africacão das oclusivas /t/ e /d/, como resultado de um processo engatilhado exclusivamente pelo (traço

⁵ Cf. capítulo 5.

⁶ Cf. capítulo 6.

⁷ Cf. capítulo 7.

⁸ Cf. seção 8.2.

[palatal] do) aproximante palatal [j] do *onset* silábico (no plano tautossilábico, tal como em “rádio” [ˈfĩːa.dʒjʊ]) e da *coda* silábica (no plano heterossilábico, “oito” [ˈoj.tʃʊ])¹⁰.

Isto faz do português desses sergipanos uma variedade distinta da maioria das variedades do português vernacular brasileiro (doravante PVB) já descritas, nas quais as africadas (“palatalizadas”) [tʃ] e [dʒ] podem resultar de processo que envolve compartilhamento/espraiamento/assimilação de traço da vogal nuclear /i/ seguinte (HORA, 1990), (BISOL e HORA, 1993), (SOUZA NETO, 2008, 2014) entre vários outros)¹¹. A despeito destas, nas quais o processo de que resultam as africadas (“palatalizadas”) [tʃ] e [dʒ] é engatilhado pela vogal nuclear /i/ seguinte (HORA, 1990), (BISOL; HORA, 1993), (SOUZA NETO, 2008, 2014) entre vários outros, no português dos sergipanos pesquisados (entrevistados), [tʃ] e [dʒ] se aplicam particularmente a contextos em que o gatilho (o aproximante palatal [j] do *onset* ou da *coda*) que dispara a regra de africacão (ou as realizações [tʃ] e [dʒ]) pode ser apagado logo em seguida. O mesmo não deve ocorrer (ao menos em sílaba tônica) naquelas variedades já pesquisadas do PB, pois o apagamento do gatilho (a vogal nuclear /i/) em palavras como “tia” [ˈtʃi.ɐ] e “dia” [ˈdʒi.ɐ], por exemplo, acarretaria apagamento de sílaba¹² e poderia gerar contraste no léxico: o apagamento do gatilho (a vogal nuclear /i/) tanto apagaria a sílaba cujo núcleo é esta vogal quanto ensejaria as realizações [ˈtʃa] (antropônimo/apelido ou onomatopeia no PS¹³) e [ˈdʒa] (que pode não ter correspondente no léxico do PB).

Ao descrevermos a gramática das realizações africadas alveopaltais [tʃ] e [dʒ] no português desses sergipanos, nesta tese apresentamos:

⁹ Nessa posição inicial, depois de pausa, reconhecemos a possibilidade de [fĩ] variar com sua contraparte desvozeada [h], no PS.

¹⁰ Seguindo Câmara Jr. (cf. CÂMARA JR., 1973, 2002, 2008), nesta tese estamos assumindo que o segmento aproximante [j] tem comportamento de consoante, na variedade do PS pesquisada (cf. capítulos 4, 5, 6 e 7).

¹¹ As eventuais menções às realizações africadas ([tʃ] e [dʒ]) resultantes de processo que envolve compartilhamento/espraiamento/assimilação de traço da vogal nuclear [i] adjacente servem exclusivamente para efeito de comparação e distinção da gramática descrita nesta tese.

¹² Em artigo que trata da palatalização das oclusivas dentais e da Fonologia Lexical, Bisol e Hora (1993) também apresentam e analisam dados do português da Bahia e Rio Grande do Sul nos quais o fenômeno coincide com apagamento da vogal nuclear e reestruturação silábica.

¹³ Cf. quadro 1 e seções 8.1.1 e 8.1.2.

- a) evidências acústicas de uma correlação sistemática entre monotongação – ou o apagamento do aproximante palatal [j] adjacente (precedente ou seguinte) dos decursos vogal+[j] e [j]+vogal – e as realizações africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ];
- b) evidências das potencialidades fonêmicas de [tʃ] e [dʒ] no léxico dessa variedade – tanto nos itens lexicais em que (o provável) gatilho ([j]) e (o provável) alvo (/t/ e /d/) do (provável) processo do qual resultariam essas realizações não figuram na adjacência quanto nos contextos em que o aproximante palatal [j] é apagado da superfície;
- c) a hipótese de que as restrições dessa gramática das africadas [tʃ] e [dʒ] tem a propriedade de preservar o léxico;
- d) a regra generalizante: as realizações africadas ([tʃ] e [dʒ]) estão restritas aos itens lexicais nos quais têm potencialidades contrastivas e a contextos de ditongo dos tipos vogal+[j] e [j]+vogal nos quais o gatilho ([j]) que dispara a regra de africacão pode ser apagado logo em seguida;
- e) a interpretação da realização [tʃ], nos itens lexicais em que gatilho ([j]) e alvo (/t/ e /d/) do processo do qual resultariam não figuram na adjacência, como “segmento de contorno”;
- f) as possíveis interpretações das realizações [tʃ] e [dʒ], em contextos de ditongo dos tipos vogal+[j] e [j]+vogal, como “segmentos complexos ([t^j] e [d^j])” ou “de contorno ([tʃ] e [dʒ])”, resultantes de um único processo – espraiamento bidirecional de traços – tendo como gatilho o aproximante palatal [j], e como alvo os fonemas /t/ e /d/;
- g) nossa preferência por interpretá-los como “segmentos de contorno ([tʃ] e [dʒ])”, resultantes do desligamento solidário dos traços do nó cavidade oral do aproximante [j] na direção da raiz de /t/ e /d/, gerando assim um segmento fonético fricativo [palatal] ([ʃ] ou [ʒ]) intruso, cujo resultado final é um segmento africado alveopalatal [tʃ] ou [dʒ];
- h) a proposta de interpretação da Fonética Articulatória (BARBOSA; MADUREIRA, 2015), segundo a qual os segmentos investigados no PS são compatíveis com coarticulação preservatória ou antecipatória dos traços [contínuo, -anterior, palatal] do aproximante [j];

- i) os resultados do teste da nossa hipótese de a interação do apagamento do aproximante palatal [j] com a africacão de /t/ e /d/ coincidir com um alongamento compensatório dos segmentos africados [tʃ] e [dʒ] adjacentes;
- j) um tratamento quantitativo (estatístico/probabilístico) com o *software R* – que aponta variáveis contingenciais dessa gramática e os quantitativos das forças potenciais das variáveis.

Embora antes de tudo no reconhecimento e na descrição de uma gramática particular das realizações africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ], em tudo isto está o ineditismo desta tese.

Ademais, além de corroborar estudos prévios que encontram evidências de uma mudança em curso no PS, sob efeito da variável geracional (SOUZA NETO, 2008, 2014), (FREITAG, 2015), (EVANGELISTA; SANTANA; ANDRADE, 2016), (PINHEIRO; SILVA; CARDOSO, 2018) e (CORREA, 2018)¹⁴, esta tese documenta uma gramática das realizações africadas [tʃ] e [dʒ] que, por ser própria dos sergipanos com idade de 60 anos acima, pode estar em vias de obsolescência. Um outro indício da possível obsolescência dessa gramática desses sergipanos pode ser prevista na correlação das realizações africadas/“palatalizadas” [tʃ] e [dʒ] com “menor escolarização” e com “regiões não urbanas” dos falantes sergipanos, conforme assinala o trecho que segue:

[...] no ambiente progressivo (como em *oito* e *doido*), os estudos evidenciam um processo de decréscimo de uso na comunidade, com a variante palatal sendo mantida por falantes de menor escolarização e em regiões não urbanas. (FREITAG; SOUZA NETO; CORRÊA, 2019, p. 68, grifo da edição).

Como as realizações fonéticas que investigamos em Sergipe já são atestadas na fala de sergipanos a partir dos estudos de Rossi et al (1987), Ferreira et al (1994), Mota e Rollemberg (1997), Cardoso (1993 *apud* HORA, 1997), Cardoso (2005), Souza Neto (2008, 2014), 2010, 2017), Cardoso (2015), Freitag (2015), Andrade, Evangelista e Santana (2016), Souza (2016), Pinheiro, Silva e Cardoso (2018), Corrêa (2019) e Freitag, Souza Neto e Corrêa (2019), empreendemos uma pesquisa de campo seguindo as pistas desses estudos prévios. Estes estudos prévios identificam realizações variadas de /t/ e /d/ em vários municípios sergipanos.

¹⁴ De acordo com esses estudos prévios, aos mais velhos correspondem as realizações africadas [tʃ] e [dʒ], engatilhadas pela vogal /i/ precedente (“palatalização progressiva”); ao passo que aos mais jovens correspondem as realizações africadas [tʃ] e [dʒ], engatilhadas pela vogal /i/ seguinte (“palatalização regressiva”).

Para empreendermos a pesquisa de campo, optamos pela forma da coleta de dados de fala a partir de entrevistas sociolinguísticas com narrativa de vida, seguindo o modelo laboviano (LABOV, 2008), pois queríamos registrar as realizações investigadas na naturalidade da fala espontânea de uma conversa conduzida com o mínimo de formalidade possível (o que num laboratório de fonética é menos provável de acontecer). Realizamos a coleta das falas dos sergipanos com os recursos de um aparelho gravador *H4n Pro (Handy Recorder)*¹⁵, cedido pelo projeto “Falares Sergipanos virtual: variedade, diversidade, contato e os direitos linguísticos”¹⁶. As entrevistas tiveram duração média de 40’ (40 minutos) cada.

Diante dos dados de fala coletados em nossa pesquisa de campo, constatamos que as ocorrências das realizações africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ] estavam restritas ao nível lexical. Por isso, optamos por restringir o escopo desta tese às realizações africadas alveopalatais ([tʃ] e [dʒ]) que ocorrem nos domínios do item lexical; decidimos considerar em nossa investigação apenas aspectos contextuais fonético-fonológicos concernentes ao item lexical. Assim, constituímos o *corpus* da nossa pesquisa apenas de itens lexicais nos quais identificamos impressões auditivas de realização daqueles segmentos. A partir dessas impressões, selecionamos os itens lexicais mais expressivos (para uma análise acústica) e de maior nitidez visual (para uma análise de imagem) com os recursos do *software PRAAT* (acessível em: <http://www.fon.hum.uva.nl/praat/>)¹⁷.

Considerando que, em contextos de ditongo dos tipos vogal+[j] e [j]+vogal, as realizações africadas [tʃ] e [dʒ] derivam dos fonemas oclusivos [dental, alveolar] /t/ e /d/, resultando de processo que envolve compartilhamento/espraiamento/assimilação de traço do aproximante palatal [j] adjacente (SOUZA NETO, 2008, 2014) entre outros, recorreremos à Fonologia Autossegmental (doravante FA), tal como proposta por Goldsmith (1995), para uma explicação fonológica dessas realizações; e à Geometria de Traços (doravante GT), tal como proposta por Clements e Hume (1995), para uma representação geométrica dos processos que envolvem tais realizações. De acordo com esse modelo fonológico, as

¹⁵ Informações sobre configuração e recursos do aparelho *H4n Pro (Handy Recorder)* estão disponíveis na rede *internet*. Sugerimos o tutorial acessível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ucv17jyXBc>.

¹⁶ O aparelho gravador é parte do acervo patrimonial da Universidade Federal de Sergipe, adquirido através do projeto “Falares Sergipanos virtual: variedade, diversidade, contato e os direitos linguísticos” (Edital 02/2015 SENACON/MJ; Edital CAPES/FAPITEC/SE 10/2016 PROMOB).

¹⁷ Usamos a versão para Windows “Edição de 64 bits: praat6019_win64.zip (2016; 7,68 MB)”, acessada e baixada em 20 de junho de 2018.

realizações africadas alveopalatais podem ser interpretadas como “segmentos complexos” (simbolizados por [tʃ] e [dʃ]) ou como “segmentos de contorno” (simbolizados por [tʃ̥] e [dʒ̥]). À luz da FA, entendemos que nos itens lexicais nos quais (o provável) gatilho (/i/) do (provável) processo do qual resultam as realizações africadas alveopalatais [tʃ̥] e [dʒ̥] não figuram na adjacência devem ser interpretados exclusivamente como “segmentos de contorno” (simbolizados por [tʃ̥] e [dʒ̥]); já aquelas africadas alveopalatais que ocorrem em contextos de ditongo dos tipos vogal+[j] e [j]+vogal, entendemos estas como possíveis de serem interpretadas como “segmentos complexos” (simbolizados por [tʃ] e [dʃ]) ou como “segmentos de contorno” (simbolizados por [tʃ̥] e [dʒ̥]), sendo resultantes de um único processo – espraçamento bidirecional de traços –, tendo como gatilho o aproximante palatal [j], e como alvo os fonemas /t/ ou /d/ adjacentes. Contudo, distinguimos os processos referentes a cada uma dessas interpretações:

- a) como “segmentos complexos”, resultam de espraçamento de traços do nó ponto de vogal do aproximante palatal [j] na direção do nó ponto de consoante de /t/ ou /d/ adjacentes; e
- b) como “segmentos de contorno”, resultam do desligamento solidário dos traços do nó de cavidade oral do aproximante [j], que se espraçam na direção da raiz de /t/ ou /d/.

Seja dos traços do nó ponto de vogal, seja do desligamento solidário dos traços do nó de cavidade oral, o processo de espraçamento gera um segmento fonético (fricativo [ʃ] ou [ʒ]) intruso. O resultado final do processo é um segmento africado alveopalatal ([tʃ̥] ou [dʒ̥]).

Considerando que cada realização investigada deve ter uma representação/simbolização fonética unívoca, recuperamos as concepções fundantes de Pike (1971 [1947]) e as propostas de foneticistas como Ladefoged e Maddieson (1996), Ladefoged (2001), Ladefoged e Johnson (2011), Barbosa e Madureira (2015) e Kent e Read (2015), para uma interpretação dos fatos fonéticos correspondentes às realizações africadas alveopalatais ([tʃ̥] e [dʒ̥]) no subsistema do português sergipano pesquisado.

Para uma explicação fonética articulatória das realizações africadas alveopalatais ([tʃ̥] e [dʒ̥]) como resultantes de espraçamento bidirecional de traços, recorreremos à Fonética

Articulatória tal como documentada em Ladefoged e Maddieson (1996), Ladefoged (2001), Ladefoged e Johnson (2011), Barbosa e Madureira (2015) e Kent e Read (2015). Nos termos da Fonética Articulatória, em contextos de ditongo dos tipos vogal+[j] e [j]+vogal, as realizações africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ] são compatíveis com coarticulação preservatória e/ou antecipatória (dos traços [contínuo, -anterior, palatal]) do aproximante palatal [j] precedente e/ou seguinte.

Diante das impressões acústicas de apagamento do aproximante palatal [j] dos decursos vogal+[j] e [j]+vogal, recorreremos à Fonética Acústica. À luz da Fonética Acústica – tal como documentada em Ladefoged e Maddieson (1996), Ladefoged (2001), Ladefoged e Johnson (2011), Barbosa e Madureira (2015) e Kent e Read (2015) – e com os recursos do *software* PRAAT, testamos a nossa hipótese de correlação sistemática entre monotongação – ou o apagamento do aproximante palatal [j] adjacente (precedente ou seguinte) dos decursos vogal+[j] e [j]+vogal – e as realizações africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ]¹⁸. Testamos ainda nossa hipótese de a interação do apagamento do aproximante palatal [j] com a africacão de /t/ e /d/ coincidir com um alongamento compensatório dos segmentos africados [tʃ] e [dʒ] adjacentes¹⁹. Para a testagem dessa e de outras hipóteses desta tese²⁰, empreendemos uma análise acústica dos dados da pesquisa²¹.

Os parâmetros considerados em nossa análise acústica²² foram os seguintes:

- a) evidências de realizações em duas fases sucessivas (obstrução/silêncio transiente e ruído/turbulência) compatíveis com as africadas alveopalatais ([tʃ] e [dʒ]) precedendo uma descida gradual compatível com a realização do segmento aproximante palatal ([j]);
- b) tempo de duração das realizações africadas alveopalatais ([tʃ] e [dʒ]) quando precedendo a realização do segmento aproximante palatal ([j]);

¹⁸ Cf. capítulo 2, seção 2.2.

¹⁹ Cf. capítulo 2, seção 2.2.

²⁰ Cf. capítulo 2, seção 2.2.

²¹ Cf. seção 8.1.

²² Cf. capítulo 8.

- c) evidências de realizações em duas fases sucessivas (silêncio transiente e ruído) compatíveis com as africadas alveopalatais ([tʃ] e [dʒ]) sucedendo uma subida gradual compatível com a realização do segmento aproximante palatal ([j]);
- d) tempo de duração das realizações africadas alveopalatais ([tʃ] e [dʒ]) quando adjacente (seguinte) à realização do segmento aproximante palatal ([j]);
- e) evidências de realizações africadas alveopalatais ([tʃ] e [dʒ]) precedendo o apagamento do aproximante palatal ([j]) precedente;
- f) tempo de duração das realizações africadas alveopalatais ([tʃ] e [dʒ]) quando coincidem com apagamento do aproximante palatal ([j]) precedente;
- g) evidências de realizações africadas alveopalatais ([tʃ] e [dʒ]) sucedendo o apagamento do aproximante palatal ([j]) precedente;
- h) tempo de duração das realizações africadas alveopalatais ([tʃ] e [dʒ]) quando coincidem com apagamento do aproximante palatal ([j]) seguinte.

Devido à inviabilidade de apresentar nesta tese a análise de todo o *corpus* da pesquisa que enseja esta tese, apresentamos aqui apenas uma amostra da análise acústica, nos contextos referentes às nossas hipóteses, na qual os fatos fonéticos analisados estão mais evidentes – selecionamos os dados mais expressivos das realizações investigadas, nos respectivos contextos analisados, e as imagens mais nítidas das plotagens dessas realizações, com os recursos do *PRAAT*²³.

Para dar a dimensão quantitativa à pesquisa que enseja esta tese, apresentamos um tratamento quantitativo (estatístico/probabilístico) dos dados da pesquisa, com os recursos do *software R*²⁴. Este *software* permite contabilizar todos os dados da pesquisa, apresentar resultados ortogonais, identificar correlações sistemáticas entre cada fator de cada variável dependente em relação a cada fator das variáveis independentes, calcular o peso relativo de cada fator sobre a ocorrência de cada uma das variantes, testar modelos estatísticos particulares etc.. Além disso, o *software R* dispõe de recursos para gerar tabelas de contingências e plotar gráficos que sevem para ilustrar nossa análise. Uma das finalidades desse tratamento quantitativo é identificar correlações sistemáticas entre as variáveis

²³ Cf. seção 8.1.

²⁴ Cf. seção 8.2.

dependentes – realizações plenas dental/alveolar ([t] e [d]), africada alveolar ([tʃ]) e africadas alveopalatais ([tʃ̺] e [dʒ̺]) – e as forças potenciais das variáveis independentes linguísticas (realização/apagamento do segmento aproximante palatal ([j]), qualidade da vogal do monotongo, item lexical, número de sílabas do item lexical; tonicidade da sílaba) sobre as ocorrências dessas realizações na variedade do PS estudada.

Assim, além de corroborar concepções da Fonologia Autossegmental (GOLDSMITH, 1995), (CLEMENTS; HUME, 1995), da Fonética Linguística (PIKE 1971), (LADEFOGED; MADDIESON, 1996), (LADEFOGED, 2001), (LADEFOGED; JOHNSON, 2011), (BARBOSA; MADUREIRA, 2015) e (KENT; READ, 2015) e resultados de alguns estudos prévios do PB/PVB²⁵, esta tese representa um avanço nos estudos fonético-fonológicos das realizações africadas alveopalatais ([tʃ̺] e [dʒ̺]) do PS.

Um dos reflexos desta tese é a sugestão de uma reinterpretação das realizações [tʃ̺] e [dʒ̺] – em função do contexto fonético de sua realização – em outras variedades do PB/PVB e alhures (onde quer que haja ocorrência das realizações africadas [tʃ̺] e [dʒ̺] em itens lexicais e contextos equivalentes aos descritos nesta tese, em outras variedades do português em outros lugares do planeta).

Por outro lado, é possível que estudos longitudinais (diacrônicos) das realizações africadas [tʃ̺] e [dʒ̺] no PVB (bem como em outras variedades de língua portuguesa mundo afora) – estudos que considerem os processos sociohistóricos da colonização; estudos que considerem os reflexos do histórico de contatos das línguas do colonizador europeu com as dos povos colonizados na constituição do PVB (LUCCHESI; BAXTER, 2006), (LUCCHESI, BAXTER; RIBEIRO, 2009), (PETTER; CUNHA, 2015); estudos que considerem os contatos de variedades do superstrato português do colonizador com línguas do substrato em processo de colonização, sobretudo aquelas cujas africadas [tʃ̺] e [dʒ̺] constem em seus inventários fonético-fonológicos – possam dar outras explicações para tais realizações no PS²⁶.

²⁵ Cf. capítulos 4, 5, 6 e 7.

²⁶ Em que pese a participação do português do colonizador europeu na constituição do PB cf. (LUCCHESI; BAXTER, 2006); (LUCCHESI; BAXTER; RIBEIRO, 2009); (PETTER; CUNHA, 2015) e considerando a concepção saussureana de diacronia como a uma sucessão de sincronias, (cf. SAUSSURE, 2006), de acordo com Paul Teyssier (2001), realizações africadas “[d]entais-alveolares” e “[p]alatais” são atestadas com valor

Os contornos e resultados do estudo que documentamos nesta tese estão distribuídos em seus nove capítulos, além dos elementos pré- e pós-textuais. No capítulo 1, apresentamos a INTRODUÇÃO desta tese. No capítulo 2, apresentamos NOSSAS HIPÓTESES. No capítulo 3, apresentamos a metodologia que adotamos na pesquisa (METODOLOGIA DA PESQUISA) que ora documentamos aqui. No capítulo 4, apresentamos CONSTATAÇÕES DE ESTUDOS PRÉVIOS ACERCA DAS REALIZAÇÕES [tʃ] E [dʒ] NO PS que, de algum modo, tratam dos segmentos de som que investigamos no PS. No capítulo 5, apresentamos os argumentos da Fonética Articulatória (BASES TEÓRICAS DA FONÉTICA ARTICULATÓRIA) que servem de evidência dos fatos linguísticos que analisamos. No capítulo 6, apresentamos as concepções da Fonologia Autossegmental (BASES TEÓRICAS DA FONOLOGIA AUTOSSEGMENTAL) que adotamos na pesquisa. No capítulo 7, apresentamos o modelo analítico da Fonética Acústica (BASES TEÓRICAS DA FONÉTICA ACÚSTICA) que adotamos em nosso estudo. No capítulo 8, apresentamos as análises acústica e estatística/probabilística (ANÁLISE DOS DADOS DA PESQUISA) que apontam as evidências dos fatos linguísticos analisados. No capítulo 9, apresentamos as nossas CONCLUSÕES.

2 NOSSAS HIPÓTESES

Neste capítulo, apresentamos a hipótese básica desta tese e seus desdobramentos (as hipóteses secundárias), bem como as constatações que nos direcionaram para aquelas.

2.1 Hipótese principal

Diante dos dados de fala dos sergipanos pesquisados (entrevistados), constatamos que as realizações africadas alveopalatais ([tʃ] e [dʒ]) estão restritas a itens lexicais de natureza antroponímica e onomatopaica, e a contextos em que o aproximante palatal [j] de ditongo dos tipos vogal+[j] e [j]+vogal é esperado (incluindo aqueles cuja ditongação pode ocorrer por inserção do aproximante palatal [j] epentético), estando assim distribuídas:

a) [tʃ] restrita a itens lexicais de natureza antroponímica como “Tchá” [ˈtʃa] (apelido) e onomatopaica como “tchá” [ˈtʃa:] (barulho correspondente a uma enxurrada), “tchou” [ˈtʃow] ou “tchopo” [ˈtʃo.pu] (barulho correspondente a um golpe de instrumento cortante)²⁷; e

b) [tʃ] e [dʒ] restritas a contextos em que o aproximante palatal [j] de ditongo dos tipos vogal+[j] (tal como nas palavras “oito” [ˈoj.tʃu] e “doido” [ˈdoj.dʒu]) e [j]+vogal (tal como nas palavras “sítio” [ˈsi.tʃju] e “presídio” [pɾe.ˈzi.dʒju]) é esperado.

Diante da constatação de que, a realização africada alveopalatal [tʃ] ocorre sem a presença do aproximante palatal [j] (provável gatilho), podendo contrastar com sua contraparte oclusiva plena [t], gerando pares mínimos como:

a) “Tchá” [ˈtʃa] (apelido), “tchá” [ˈtʃa:] (barulho correspondente a uma enxurrada) e “tá” [ˈta] (variante de 3ª pessoa do singular do verbo estar)²⁸;

²⁷ Embora não conste nos dados da pesquisa que enseja esta tese, na variedade pesquisada do PS, as realizações africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ] são esperadas em itens lexicais de outras naturezas (a exemplo da interjetiva “eita” [ˈej.tʃe] ~ [ˈe.tʃe] e da forma de despedida “tchau” [ˈtʃaw]).

²⁸ Cf. Banco de Dados Falaes Sergipanos, acessível em <https://docplayer.com.br/23574900-Banco-de-dados-falares-sergipanos.html> ou DOI: <https://doi.org/10.5007/1984-8420.2013v14n2p156>.

- b) “tchou” [ˈtʃow] ou “tchopo” [ˈtʃo.pu] (barulho correspondente a um golpe de instrumento cortante) e “tou” [ˈtow] (variante de 1ª pessoa do singular do verbo estar) ou “topo” [ˈto.pu] (cume, cimo)²⁹.

E, diante da constatação de que o apagamento do aproximante palatal [j] que coincide com as realizações africadas [tʃ] e [dʒ] (tal como em “oito” [ˈo.tʃu] e “doido” [ˈdo.dʒu]; “sítio” [ˈsi.tʃu] e “presídio” [pɾɛ.ˈzi.dʒu]) não compromete o léxico, ao passo que o apagamento desse aproximante, quando não coincide com as realizações africadas [tʃ] e [dʒ], cria um ambiente fonético favorável ao contraste entre [tʃ] e [dʒ] e sua contraparte oclusiva plena [t] e [d] e africada alveolar [tʃ] e [dʒ], tal como em:

- c) “oito” [ˈo.tʃu] e “outro” [ˈo.tu] ~ [ˈo.tʃu] (variantes de [ˈow.tɾu] na variedade pesquisada)³⁰;
- d) “doido” [ˈdo.dʒu] e *[ˈdo.du]/[ˈdo.dʒu] (estas últimas sem correspondentes no léxico da variedade pesquisada)³¹;
- e) “sítio” [ˈsi.tʃu]³² e “cito” [ˈsi.tu] ~ [ˈsi.tʃu]³³;
- f) “presídio” [pɾɛ.ˈzi.dʒu]³⁴ e “presido” [pɾɛ.ˈzi.du] ~ [pɾɛ.ˈzi.dʒu] (esta última sem correspondente no léxico dessa variedade)³⁵.

Levantamos a nossa hipótese principal nesta tese, qual seja a de que estamos diante de restrições de uma gramática das realizações africadas ([tʃ] e [dʒ]) que tem a propriedade de preservar o léxico, podendo, pois, a regra generalizante ser deduzida nos seguintes termos: as

²⁹ Cf. Banco de Dados Falares Sergipanos, acessível em <https://docplayer.com.br/23574900-Banco-de-dados-falares-sergipanos.html> ou DOI: <https://doi.org/10.5007/1984-8420.2013v14n2p156>.

³⁰ Cf. Banco de Dados Falares Sergipanos, acessível em <https://docplayer.com.br/23574900-Banco-de-dados-falares-sergipanos.html> ou DOI: <https://doi.org/10.5007/1984-8420.2013v14n2p156>.

³¹ Cf. Banco de Dados Falares Sergipanos, acessível em <https://docplayer.com.br/23574900-Banco-de-dados-falares-sergipanos.html> ou DOI: <https://doi.org/10.5007/1984-8420.2013v14n2p156>.

³² Embora não constem nos dados da pesquisa que enseja esta tese, o contraste também gera pares mínimos como “pátio” [ˈpa.tʃju] ~ [ˈpa.tju] e “pato” [ˈpa.tu], na variedade pesquisada.

³³ Cf. Banco de Dados Falares Sergipanos, acessível em <https://docplayer.com.br/23574900-Banco-de-dados-falares-sergipanos.html> ou DOI: <https://doi.org/10.5007/1984-8420.2013v14n2p156>.

³⁴ Embora não constem nos dados da pesquisa que enseja esta tese, o contraste também gera pares mínimos como “lêndea” [ˈlẽ.dʒjɐ] ~ [ˈlẽ.dʒɐ] e “lenda” [ˈlẽ.dɐ], na variedade pesquisada.

³⁵ Cf. Banco de Dados Falares Sergipanos, acessível em <https://docplayer.com.br/23574900-Banco-de-dados-falares-sergipanos.html> ou DOI: <https://doi.org/10.5007/1984-8420.2013v14n2p156>.

realizações africadas [tʃ] e [dʒ] estão restritas aos itens lexicais nos quais podem contrastar com sua contraparte oclusiva plena [t] e [d] e/ou africada alveolar [ts] e [dz], e a contextos de ditongo dos tipos vogal+[j] e [j]+vogal, nos quais o gatilho ([j]) que dispara a regra de africacão palatal (ou as realizações africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ]) pode ser apagado logo em seguida.

Isso faz do português desses sergipanos uma variedade distinta da maioria das variedades do PB/PVB já estudadas, pois, na maioria das variedades do PB/PVB, o processo de que resultam as africadas ([tʃ] e [dʒ]) é engatilhado pela vogal nuclear (/i/) seguinte (HORA, 1990; BISOL e HORA, 1993; SOUZA NETO, 2008, 2014 entre vários outros)³⁶. Ademais, na maioria das variedades do PB, o apagamento do gatilho (a vogal nuclear /i/) acarretaria apagamento de sílaba e poderia gerar contraste no léxico: em palavras como “tia” [ˈtʃi.ɐ] e “dia” [ˈdʒi.ɐ], o apagamento do gatilho (a vogal nuclear /i/), depois de disparar a regra de africacão, tanto apagaria a sílaba em que é núcleo quanto ensejaria realizações tais como [ˈtʃa] (apelido ou onomatopeia no PS) e [ˈdʒa] (que pode não ter correspondente no léxico da variedade do PS pesquisada).

2.2 Hipóteses secundárias

Das constatações mencionadas acima, decorrem outras hipóteses (secundárias/complementares): uma delas decorre diretamente da constatação da restrição de [tʃ] e [dʒ] a contextos de ditongo dos tipos vogal+[j] (tal como nas palavras “oito” [ˈoj.tʃu] e “doido” [ˈdoj.dʒu]) (incluindo aqueles cuja ditongação pode ocorrer por inserção do aproximante palatal [j] epentético, a exemplo de “radio” [ˈfiaj.dʒu], “remédio” [fĩ.ɛ.j.dʒu] etc.³⁷) e [j]+vogal (tal como nas palavras “sítio” [ˈsi.tʃju] e “presídio” [prɛ.ˈzi.dʒju]), precedendo ou seguindo o aproximante palatal [j]); outra decorre da constatação de que [tʃ] e [dʒ] podem ocorrer também precedendo ou sucedendo uma monotongação correspondente ao apagamento desse aproximante palatal [j] (SOUZA

³⁶ As eventuais menções às realizações africadas ([tʃ] e [dʒ]) resultantes de processo que envolve compartilhamento/espraiamento/assimilação de traço da vogal nuclear (/i/) adjacente são para efeito de comparação, pois fogem à regra da gramática descrita nesta tese.

³⁷ Os outros processos dos quais resultam as realizações desses itens lexicais não estão no escopo desta tese.

NETO, 2010, 2017), tal como nas realizações [ˈo.tʃu] e [ˈdo.dʒu]; [ˈsi.tʃu] e [ˈprɛ.zi.dʒu]); outras ainda decorrem de constatações em nossa análise acústica documentada em Souza Neto (2017).

Da constatação da restrição de [tʃ] e [dʒ] a contextos de ditongo dos tipos vogal+[j] e [j]+vogal (precedendo ou seguindo o aproximante palatal [j]) decorre nossa hipótese de que, nesses contextos, as realizações africadas ([tʃ] e [dʒ]) resultam de um único e mesmo processo – cujo (provável) gatilho é o aproximante palatal ([j]) e cujo (provável) alvo são as oclusivas (/t/ e /d/) – diferindo apenas na direção (progressiva ou regressiva). À luz da FA, tal como proposta por Goldsmith (1995) e da GT, tal como proposta por Clements & Hume (1995), [tʃ] e [dʒ] resultariam do espriamento de traços do nó ponto de vogal do aproximante palatal [j] na direção do nó ponto de consoante de /t/ ou /d/ adjacentes; ou do espriamento solidário dos traços do nó cavidade oral do aproximante [j] na direção da raiz de [t] ou [d]. Qualquer um desses processos gera um segmento fonético (fricativo [ʃ] ou [ʒ]) intruso, tendo como resultado final o segmento africado alveopalatal [tʃ] e [dʒ]. Uma vez confirmada, esta nossa hipótese não corrobora a tese de Hora (1990) e Hora e Bisol (1993) da “palatalização” das oclusivas /t/ e /d/, enquanto fenômeno restrito ao domínio da sílaba, ou seja, restrito à sílaba onde estão gatilho e alvo do processo do que derivaria a fricção palatal – “palatalização”.

Da constatação de que [tʃ] e [dʒ] podem ocorrer também precedendo ou sucedendo uma monotongação correspondente ao apagamento do aproximante palatal [j] (SOUZA NETO, 2010, 2017) (tal como nas realizações [ˈo.tʃu] e [ˈdo.dʒu]; [ˈsi.tʃu] e [ˈprɛ.zi.dʒu]), decorrem as hipóteses seguintes:

- a) as realizações africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ] não estão condicionadas à realização do aproximante [j] – nesse contexto, deve haver interação entre /t/ e /d/ e o apagamento do aproximante [j] na superfície; e contrariamente

b) o apagamento do aproximante [j] condiciona as realizações africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ] porque cria um ambiente propício para contraste entre as realizações [t] e [d] e as realizações [tʃ] e [dʒ], respectivamente, na superfície (SOUZA NETO, 2010) – isto justifica a correlação sistemática e necessária entre as realizações africadas [tʃ] e [dʒ] e o apagamento do aproximante [j] que, nesse contexto, devem ser categóricas.

Das constatações em nossa análise acústica documentada em Souza Neto (2017) decorre ainda a hipótese seguinte: a) o apagamento do aproximante [j] precedente ou seguinte é compensado com um alongamento (compensatório) na duração dos segmentos africados [tʃ] e [dʒ] imediatamente adjacentes.

Reapresentamos e discutimos todas estas hipóteses ao longo desta tese, em meio aos estudos prévios acerca das realizações africadas [tʃ] e [dʒ] no PS (capítulo 4), e em meio às exposições das bases teóricas da Fonética Articulatória (capítulo 5), da FA (capítulo 6) e da Fonética Acústica (capítulo 7). No capítulo 8, testamos as hipóteses em meio à apresentação da nossa análise acústica das realizações africadas [tʃ] e [dʒ], com os recursos do *PRAAT* (seção 8.1) e do nosso tratamento quantitativo (estatístico/probabilístico), com os recursos do *software R* (seção 8.2).

No capítulo 3 que segue, apresentamos o percurso metodológico que seguimos na pesquisa que dá ensejo a esta tese.

3 METODOLOGIA DA PESQUISA

A metodologia da pesquisa que ora documentamos aqui encerara seis passos:

- 1) uma pesquisa bibliográfica acerca das realizações alveopalatais [tʃ] e [dʒ] no PS, focalizando os itens lexicais em que (o provável) gatilho ([j]) do (provável) processo do qual resultariam não figura na adjacência, e em contextos de ditongo dos tipos vogal+[j] precedente e [j]+vogal seguinte;
- 2) uma pesquisa bibliográfica acerca dos segmentos investigados na literatura especializada em Fonologia Autossegmental e em Fonética (Articulatória e Acústica);
- 3) uma pesquisa de campo – coleta de dados de fala – em municípios do estado de Sergipe, seguindo as pistas dos estudos prévios acerca das realizações alveopalatais [tʃ] e [dʒ] no PS (capítulo 4);
- 4) o tratamento dos dados da pesquisa, para uma análise acústica com os recursos do *software PRAAT*;
- 5) a análise dos dados da pesquisa com os recursos do *software PRAAT*; e
- 6) o tratamento quantitativo (estatístico/probabilístico) dos dados da pesquisa com os recursos do *software R*; e 6) a documentação da pesquisa.

3.1 A pesquisa bibliográfica nos estudos prévios acerca das realizações alveopalatais [tʃ] e [dʒ] no português falado em Sergipe (PS)

A pesquisa bibliográfica acerca das realizações alveopalatais [tʃ] e [dʒ] no PS tinha por finalidade o reconhecimento da evolução dos estudos acerca das africadas [tʃ] e [dʒ] no PS, bem como a busca de indicações/pistas para a nossa pesquisa de campo acerca dessas africadas nas variedades dialetais sergipanas. Conforme afirmamos desde o capítulo 1, constatamos que ainda é pouco conhecida a literatura que trata, com rigor acadêmico, dos aspectos fonético-fonológicos do PS. E menor e menos conhecida ainda é a literatura que faz referência às realizações africadas [tʃ] e [dʒ] em contextos de ditongo dos tipos vogal+[j] precedente e [j]+vogal seguinte nessa variedade regional do português. Nos documentos contemplados na pesquisa bibliográfica das realizações alveopalatais [tʃ] e [dʒ] no PS, não

encontramos um registro sequer dessas realizações em itens lexicais em que (o provável) gatilho ([j]) do (provável) processo do qual resultam não é esperado (a exemplo de antropônimo e onomatopeia que apresentamos nesta tese). Dos estudos de que temos conhecimento e que, de algum modo, abordam o assunto desta tese, os testemunhos mais pertinentes para os nossos propósitos aqui são os de Rossi et al (1987), Ferreira et al (1994), Mota e Rollemberg (1997), Cardoso (1993 *apud* HORA, 1997), Cardoso (2005), Souza Neto (2008, 2010, 2014, 2017), Cardoso (2015), Freitag (2015), Andrade, Evangelista Santana (2016), Souza (2016), Pinheiro, Silva e Cardoso (2018), Corrêa (2019) e Freitag, Souza Neto e Corrêa (2019), por referirem textualmente alguma realização de /t/ e/ou /d/ ou o contexto de ditongo no qual são previstas realizações (alofônicas) dos fonemas /t/ e/ou /d/ em Sergipe. Portanto, essas são as referências de estudos prévios acerca das realizações africadas [tʃ] e [dʒ] que consultamos (capítulo 4).

3.2 A pesquisa bibliográfica na literatura especializada em Fonologia Autossegmental e em Fonética Linguística (Articulatória e Acústica)

A pesquisa bibliográfica na literatura especializada em Fonologia Autossegmental e em Fonética Linguística (Articulatória e Acústica) tinha por finalidade o embasamento teórico e metodológico para a nossa abordagem das realizações africadas [tʃ] e [dʒ] tal como encontradas na variedade do PS falada pelos sergipanos pesquisados/entrevistados.

Considerando o fenômeno que estávamos investigando em Sergipe como possível processo que envolve espraçamento/assimilação/compartilhamento de traço (HORA, 1990); (BISOL; HORA, 1993); (SOUZA NETO, 2008, 2010, 2014, 2017) entre vários outros, recorreremos à Fonologia Autossegmental e à Geometria de Traços, nas formas propostas por Goldsmith (1995) e Clements e Hume (1995).

Por outro lado, buscávamos argumentos da Fonética Articulatória que explicassem e justificassem as ocorrências sistemáticas do aproximante [j], bem como o apagamento deste, e as realizações africadas de /t/ e /d/ na mesma sílaba e em sílabas adjacentes. Buscávamos também argumentos da Fonética Acústica, na forma de evidências, sinais acústicos das realizações de /t/ e /d/ compatíveis com as realizações africadas [tʃ] e [dʒ] nos contextos em que foram identificadas. Buscávamos ainda uma proposta de interpretação fonética que

apontasse uma representação/simbolização fonética fiel e unívoca das realizações investigadas. Por isso, recuperamos as concepções fundantes de Pike (1971) e recorreremos também às propostas por Ladefoged e Maddieson (1996), Ladefoged (2001), Ladefoged e Johnson (2011), Barbosa e Madureira (2015) e Kent e Read (2015).

3.3 A pesquisa de campo: a coleta de dados de fala dos sergipanos³⁸

Conforme informamos na seção 3.1, seguimos as pistas dos estudos de Rossi et al (1987), Ferreira et al (1994), Mota e Rollemberg (1997), Cardoso (1993 *apud* HORA, 1997), Cardoso (2005), Souza Neto (2008, 2010, 2014, 2017), Cardoso (2015), Freitag (2015), Andrade, Evangelista e Santana (2016), Souza (2016), Pinheiro, Silva e Cardoso (2018), Corrêa (2019) e Freitag, Souza Neto e Corrêa (2019). Estes estudos identificam realizações africadas e/ou palatalizadas dos fonemas /t/ e /d/ no PS, inclusive na fala de sergipanos adultos, em vários municípios sergipanos (capítulo 4). Nesses estudos, constatamos que as realizações africadas/palatalizadas dos fonemas /t/ e /d/, em contexto seguinte ao gatilho (a vogal /i/), são encontradas na fala dos sergipanos adultos de mais idade. Isto serviu como primeira motivação para direcionarmos nossa pesquisa para a fala dos sergipanos adultos com mais idade. À medida que avançávamos na pesquisa, os dados apontavam para a hipótese de uma gramática das realizações africadas ([tʃ] e [dʒ]) identificada com sergipanos com idade de 60 anos acima – disso decorre a delimitação da nossa pesquisa aos sergipanos dessa faixa etária.

Côncios do histórico das realizações africadas alveolares ([ts] e [dz]) e (alveo)palatais ([tʃ] e [dʒ]) no PB³⁹, decidimos investigar, além das indicações dos estudos

³⁸ Nossa coleta de dados atende às exigências do comitê de ética da Plataforma Brasil, pois é parte das tarefas do projeto de pesquisa intitulado CARACTERIZAÇÃO DO PORTUGUÊS POPULAR FALADO EM COMUNIDADES RURAIS AFRO-BRASILEIRAS DA BAHIA E DE SERGIPE (documentação de comunidades de práticas para o estudo de contatos linguísticos), cadastrado na Plataforma Brasil (Parecer CAAE: 15582219.1.0000.5546) e do Banco de Dados Falares Sergipanos. Para efeitos de comprovação, conferir <http://plataformabrasil.saude.gov.br/visao/publico/indexPublico.jsf> ou acessar: <https://docplayer.com.br/23574900-Banco-de-dados-falares-sergipanos.html> ou DOI: https://doi.org/10.5007/1984-8420.2013v14n2p156_

³⁹ No histórico das realizações africadas alveolares ([ts] e [dz]) e palatais ([tʃ] e [dʒ]) do PB constam: sua existência (com valor contrastivo/fonêmico/fonológico) desde o galego português (cf. TEYSSIER, 2001); possíveis contatos do português com o dialeto *kipeá* da língua *kiriri* (na qual [tʃ] e [dʒ] existiam com valor contrastivo/fonêmico/fonológico), de comunidades de fala existentes no território onde hoje é Sergipe (cf. AZEVEDO, 1965). Além disto, considerando que no substrato da origem histórica do PB constam línguas africanas (cf. LUCCHESI; BAXTER, 2006); (LUCCHESI; BAXTER; RIBEIRO, 2009); (PETTER; CUNHA, 2015) –

prévios, realizações africadas na comunidade quilombola da Mussuca, no município de Laranjeiras, e na comunidade indígena dos Xocós, da ilha de São Pedro, no município de Porto da Folha.

Assim, o *locus* da pesquisa se restringiu aos seguintes municípios sergipanos: Aquidabã (codificado como AQ), Itabaianinha (codificado como IB), Itaporanga D’Ajuda (codificado como IT), Japarutuba (codificado como JP), Lagarto (codificado como LG), Laranjeiras (codificado como LA), Nossa Senhora da Glória (codificado como GL), Poço Redondo (codificado como PR), Ribeirópolis (codificado como RP), São Cristóvão (codificado como SC) e nas comunidades quilombola da Mussuca (codificado como MU), no município de Laranjeiras, e indígena dos Xocó da ilha de São Pedro, no município de Porto da Folha (codificado como SP). Nesses municípios, contatamos colaboradores que deram acesso aos idosos que constituíram a população da pesquisa. A população da pesquisa foi constituída de 22 pessoas com idade igual ou superior a 60 anos, distribuídos por sexo: 1 homem e 1 mulher em cada município/comunidade.

Mesmo reconhecendo a pertinência das análises fonéticas que utilizam frase veículo preestabelecida, optamos por fazê-lo a partir de entrevistas sociolinguísticas com narrativa de vida, seguindo o modelo laboviano (LABOV, 2008). Para constituir um *corpus* espontâneo (de dados de fala espontânea) – embora reconheçamos que a situação de exposição ao pesquisador, diante do gravador, pode interferir na espontaneidade da fala na variedade do falante –, intentamos coletar os dados de fala na naturalidade da situação específica de comunicação com um pesquisador “dos aspectos sociais” da vida daquela comunidade de fala. Um dos grandes ganhos da adoção desse modelo de coleta para nossa pesquisa foi o da manifestação de um léxico próprio das variedades de cada localidade pesquisada, nas quais as realizações que investigávamos são muito recorrentes⁴⁰.

inclusive em possíveis línguas “criadas” em terras brasileiras (cf. PETER; CUNHA, 2015) – [tʃ] e [dʒ] existem em outras línguas com histórico de colonização semelhante ao PB – a exemplo das línguas crioulas de base portuguesa tais como guineense (cf. SCATAMBURLO, 2007), santome (cf. FERRAZ, 2001), angolar (cf. MAURER, 1995), fá d’ambô (SERGOBE, 2010), kabuverdianu (CARDOSO, 1989), papiamentu (KOUWENBERG; MURRAY, 1994) etc..

⁴⁰ Os itens encontrados nesse léxico são apresentados, em ordem alfabética, em um glossário apenso a esta tese (cf. APÊNDICE, APENDICE A – GLOSSÁRIO).

Para realizar as gravações das falas dispusemos dos recursos de um aparelho gravador *H4n Pro (Handy Recorder)*⁴¹, cedido pelo projeto “Falares Sergipanos virtual: variedade, diversidade, contato e os direitos linguísticos”⁴². Realizamos as entrevistas sempre em algum compartimento domiciliar do entrevistado (ou de outro alguém da comunidade). Todas as entrevistas foram realizadas mediante consulta e consentimento prévios – na forma do Termo de Consentimento anexado a esta tese⁴³ – dos entrevistados, sob o argumento de que estávamos realizando uma consulta pública para fins de pesquisa acadêmico-científica. Por serem realizadas junto a pessoas da referida faixa etária, não solicitamos dos entrevistados a autoidentificação de gênero ou de orientação sexual⁴⁴. Portanto, a identificação do sexo (masculino ou feminino) seguiu nossas impressões e o que consta no Registro Geral (RG) do entrevistado.

As entrevistas tiveram duração média de 40’ (40 minutos) cada. Ao final da coleta dos dados nas entrevistas, tínhamos um total de 880’ (880 minutos) de gravação em formato *wave*. Os dados coletados são parte constitutiva do Banco de Dados Falares Sergipanos⁴⁵, vinculado ao projeto “Falares Sergipanos virtual: variedade, diversidade, contato e os direitos linguísticos”.

3.4 O tratamento dos dados da pesquisa

Depois de coletarmos as falas dos entrevistados, as submetemos aos recursos do *software PRAAT*⁴⁶. O *software PRAAT*, além de registrar e armazenar o áudio, possibilita a conversão do sinal acústico em imagem. As imagens, por sua vez, permitem a identificação de características acústicas dos sons. Com o uso do recurso “*Open long sound file*”, realizamos as leituras dos arquivos das entrevistas a partir das quais realizamos seções de oitavas para a

⁴¹ Informações sobre configuração e recursos do aparelho *H4n Pro (Handy Recorder)* estão disponíveis na rede *internet*. Sugerimos o tutorial acessível em <https://www.youtube.com/watch?v=Ucvl17jyXBc>

⁴² O aparelho gravador é parte do acervo patrimonial da Universidade Federal de Sergipe, adquirido para realização do projeto “Falares Sergipanos virtual: variedade, diversidade, contato e os direitos linguísticos” (Edital 02/2015 SENACON/MJ; Edital CAPES/FAPITEC/SE 10/2016 PROMOB).

⁴³ Cf. Anexos.

⁴⁴ Suspeitávamos que nossa solicitação da autoidentificação de gênero ou orientação sexual na entrevista pudesse inibir a exposição do falante.

⁴⁵ Para saber mais sobre o Banco de Dados Falares Sergipanos, acessar <https://docplayer.com.br/23574900-Banco-de-dados-falares-sergipanos.html> ou DOI: <https://doi.org/10.5007/1984-8420.2013v14n2p156>

⁴⁶ Usamos a versão (acessível em: <http://www.fon.hum.uva.nl/praat/>) para Windows “Edição de 64 bits: *praat6019_win64.zip* (2016; 7,68 MB)”, acesso em: 20 de jun. 2018.

identificação dos itens lexicais nos quais encontramos impressões auditivas de realizações africadas alveopalatais ([tʃ] e [dʒ]) e dos contextos de sua ocorrência.

Mesmo reconhecendo a possibilidade de ocorrências das realizações investigadas desde os limites da sílaba até o nível pós-lexical (capítulo 4), nos dados da pesquisa que enseja esta tese, encontramos as realizações africadas alveopalatais ([tʃ] e [dʒ]) apenas nos limites dos itens lexicais. Por isso, decidimos investigar somente aspectos contextuais fonético-fonológicos concernentes ao nível lexical. Assim, constituímos o *corpus* da nossa pesquisa apenas de itens lexicais: os itens lexicais “da fala espontânea” (controlada pelo gênero entrevista) nos quais houve ocorrência dos segmentos investigados.

Para a segmentação dos itens lexicais extraídos das falas dos informantes/colaboradores entrevistados, seguimos primeiramente as nossas impressões auditivas nas seções de oitivas. Somente depois da seleção dos itens lexicais, a partir das oitivas, seguimos as pistas básicas de realização dos segmentos investigados indicadas pelos modelos teórico-metodológicos da Fonética (Articulatória e Acústica) tal como encontrada em Ladefoged e Maddieson (1996), Ladefoged (2001), Ladefoged e Johnson (2011), Barbosa e Madureira (2015) e Kent e Read (2015). Na segmentação, não adotamos qualquer técnica para cálculo de média, desvio padrão, normalização etc.

Com um total de 1115 itens lexicais nos quais tivemos impressão de ocorrência das realizações africadas alveopalatais ([tʃ] e [dʒ]) ou outras realizações nos contextos em que aquelas são previstas na variedade pesquisada, constituímos o *corpus* de nossa pesquisa. Codificamos todos os 1115 itens lexicais para serem analisados com os recursos do *PRAAT*. Na codificação adotamos o seguinte padrão: forma abreviada do nome do município do falante (2 dígitos em letras maiúsculas: a exemplo de **IT**, para Itabaiana), número correspondente à idade do falante (2 dígitos: a exemplo de **02**, para 102 anos), sexo do falante (**M** para o masculino; **F** para o feminino), número cardinal correspondente à escolaridade do falante (**0** para nenhuma escolaridade; **1** para escolaridade primário; **2** para escolaridade ginásio). (cf. seção 8.1).

A partir dos 1115 itens que constituem o *corpus* da pesquisa, selecionamos as realizações mais expressivas para uma análise acústica com maior nitidez de imagem. As análises acústicas são apresentadas nas subseções de 8.1.1 a 8.1.18. Com o uso do recurso

“*Read from file*”, realizamos as leituras dos arquivos dos itens lexicais segmentados com o recurso “*Open long sound file*”. A partir dessas leituras, realizamos as segmentações das unidades fonéticas investigadas e seus contextos imediatos (precedente e seguinte) de realização, considerando os aspectos acústicos mais relevantes para esta tese (cf. seção 3.5). Para a segmentação das unidades fonéticas investigadas, seguimos orientações básicas encontradas em Ladefoged e Maddieson (1996), Ladefoged (2001), Ladefoged e Johnson (2011), Barbosa e Madureira (2015) e Kent e Read (2015). Para a análise dos sinais acústicos recorremos ao recurso “*TextGrid*” do *PRAAT*. Este recurso fornece as imagens acústicas em forma de plotagem (“*ploter*”) (cf. seção 8.1). O recurso “*TextGrid Annotation*” do *PRAAT* possibilita a transcrição dos sinais acústicos nas plotagens, em camadas correspondentes ao modelo de análise pretendida. Com o recurso “*TextGrid Annotation*”, em nossas plotagens, optamos pela transcrição em 3 camadas: 1) fonética dos segmentos analisados e seus contextos adjacentes imediatos; 2) fonética de todo o item lexical analisado; e 3) grafemática/ortográfica do item lexical analisado⁴⁷.

Conforme informamos em nota de rodapé na seção 3.3, os itens lexicais nos quais identificamos as realizações africadas alveopalatais ([tʃ] e [dʒ]) (ou outras realizações nos contextos em que aquelas são previstas na variedade pesquisada) são apresentados, em ordem alfabética, em um glossário apenso a esta tese (APÊNDICE, APENDICE A – GLOSSÁRIO). Nesse glossário, apresentamos os itens lexicais com descrição de suas respectivas classes e categorias gramaticais desinenciais/flexionais (gênero, número/pessoa, tempo/modo, grau etc.), de acordo com a aceção dos informantes/colaboradores entrevistados, a partir dos contextos discursivos de suas ocorrências nas entrevistas.

3.5 A análise acústica dos dados da pesquisa com os recursos do *software PRAAT*

A análise acústica dos dados da pesquisa consistiu da testagem das nossas hipóteses nesta tese (capítulo 2). Nas plotagens fornecidas pelo recurso “*TextGrid*” do *PRAAT*, identificamos os sinais acústicos compatíveis com os segmentos investigados: selecionamos, medimos e analisamos nas imagens, os sinais acústicos compatíveis com realizações africadas alveopalatais ([tʃ] e [dʒ]) e seus contextos adjacentes imediatos, focalizando a realização do

⁴⁷ Cf. seção 8.1.

aproximante ([j]) e o apagamento deste. Os parâmetros considerados no reconhecimento dessas realizações foram os seguintes:

- a) Evidência de silêncio seguido de ruído/turbulência e vozeamento, compatíveis com duas fases sucessivas (oclusão/silêncio e fricção/turbulência, respectivamente) equivalentes a realizações africadas alveopalatais ([tʃ] e [dʒ]);
- b) Duração das duas fases sucessivas (oclusão/silêncio e fricção/turbulência, respectivamente) equivalentes a realizações africadas alveopalatais ([tʃ] e [dʒ]);
- c) Evidência de realização ou de apagamento do aproximante ([j]) adjacente às realizações africadas alveopalatais ([tʃ] e [dʒ]);
- d) Evidência de silêncio seguido de ruído/turbulência e vozeamento, compatíveis com duas fases sucessivas (oclusão/silêncio e fricção/turbulência, respectivamente) equivalentes a realizações africadas alveolares ([ts] e [dz]) adjacentes à realização do aproximante ([j]);
- e) Evidência de silêncio e vozeamento, compatível com oclusão/silêncio equivalente a realizações oclusivas plenas ([t] e [d]) adjacentes a realização do aproximante ([j]) ou ao apagamento deste;
- f) Duração do silêncio transiente equivalente a uma das realizações oclusivas plenas ([t] e [d]) adjacentes à realização do aproximante ([j]) ou ao apagamento deste;
- g) Dinâmica de transição na estrutura formântica em mudança gradual compatível com a realização de um ditongo constituído de vogal+aproximante ([j]) ou aproximante ([j])+vogal adjacente a uma das realizações analisadas;
- h) Evidência de estacionariedade na estrutura formântica compatível com monotongação correspondente ao apagamento do aproximante ([j]) do ditongo adjacente a uma das realizações analisadas;
- i) Evidência de estacionariedade na estrutura formântica compatível com uma vogal adjacente a uma das realizações analisadas.

Ressaltamos que, embora reconheçamos a pertinência dos procedimentos para cálculo de média, desvio padrão, normalização etc. (BARBOSA; MADUREIRA, 2015), (KENT; READ, 2015) etc., não os adotamos em nossa análise acústica.

Devido à inviabilidade de apresentar, neste documento, a análise acústica de todo o *corpus* da pesquisa, apresentamos apenas uma amostra dos resultados mais expressivos da análise acústica das realizações investigadas, nos respectivos contextos analisados, e as imagens mais nítidas das plotagens do *PRAAT* nas quais os fatos fonéticos analisados estão mais evidentes (seção 8.1).

Nossa apresentação dos resultados das análises acústicas é feita a partir de plotagens com oscilogramas em 1 ou 2 canais e espectrogramas de banda larga com formantes e intensidade. As plotagens são legendadas e seguidas dos nossos comentários das análises acústicas relativamente às nossas hipóteses.

Nos oscilogramas em 1 ou 2 canais (parte superior das figuras), podemos identificar evidências de fases distintas nos tipos e nas formas de ondas regulares/irregulares que se sucedem, com frequências altas/baixas, amplitudes altas/baixas. Nos espectrogramas de banda larga com formantes (parte inferior das figuras), podemos identificar evidências das fases distintas nas áreas claras/escuras do espectrograma relativamente às áreas adjacentes e na estacionariedade/dinâmica dos formantes. As evidências identificadas nos oscilogramas são sempre complementares das dos espectrogramas.

Somente as medidas de tempo total de duração do item lexical selecionado e de tempo de realização dos segmentos africados alveopalatais [tʃ] e [dʒ], em seus contextos imediatos, estão sendo apresentadas e comentadas nas análises.

3.6 Tratamento quantitativo (estatístico/probabilístico) dos dados da pesquisa com os recursos do *software R*

Nossa proposta de um tratamento quantitativo (estatístico/probabilístico) para os dados da nossa pesquisa decorre exclusivamente do nosso interesse em identificar correlações sistemáticas entre as realizações africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ] (bem como suas contrapartes oclusivas plenas [t] e [d] e africada alveolar [tʂ]) e as forças potenciais dos contextos de suas ocorrências. Com isto, damos a dimensão quantitativa à pesquisa que enseja esta tese: o que os dados da pesquisa significam em termos quantitativos, percentuais e probabilísticos, considerando as nossas hipóteses nesta tese. Na prática, este tratamento tem por finalidade identificar os quantitativos, percentuais e as probabilidades de ocorrência das realizações africadas alveopalatais ([tʃ] e [dʒ]) nos contextos em que foram encontradas,

diante da constatação de coocorrências de suas contrapartes oclusivas plenas ([t] e [d]) e africada alveolar ([tʃ]).

Por estarmos descrevendo a gramática das realizações africadas alveopalatais ([tʃ] e [dʒ]), em nosso tratamento quantitativo, consideramos somente as variáveis linguísticas, ou seja, o que é concenente aos itens lexicais que constituem o *corpus* da pesquisa (em detrimento do que concerne aos falantes: sexo, idade, escolaridade, município de onde nunca saiu pra morar).

Para dar o tratamento quantitativo que propomos, recorreremos aos recursos do *software R*⁴⁸. O *software R* dispõe de uma variedade de recursos dentre os quais interessa-nos os de contabilizar todos os dados da pesquisa e, a partir das rotinas de confrontação entre todos os fatores de cada uma das variáveis consideradas na pesquisa, apresentar resultados ortogonais, nos quais cada fator da variável dependente (variantes linguísticas) é testado em relação a sua frequência de ocorrência com suas contrapartes da variável dependente (cada uma das variantes linguísticas: as realizações africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ], oclusivas plenas [t] e [d] e africada alveolar [tʃ]) e com cada um dos fatores das variáveis independentes (os itens lexicais com suas características segmentais e suprasegmentais; realização ou apagamento do aproximante [j]; duração das realizações africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ], oclusivas plenas [t] e [d] e africada alveolar [tʃ]), identificando correlações sistemáticas entre cada fator de cada variável dependente em relação a cada fator das variáveis independentes, calcular o peso relativo de cada fator sobre a ocorrência de cada uma das variantes, testar modelos estatísticos particulares etc.. Além disso, o *software R* dispõe de recursos para gerar tabelas e gráficos que sevem para ilustrar nossa análise.

Assim, os resultados da nossa análise quantitativa são apresentados em gráficos legendados, seguidos dos nossos comentários, considerando nossas hipóteses nesta tese.

⁴⁸ O *software R* (acessível em: <https://cran.r-project.org>) é um programa de análise estatística e gráfica que se distingue por não utilizar uma interface interativa para as provas estatísticas. Trata-se de um projeto de *software* livre que oferece uma vasta possibilidade de manipulação e análise dos dados que permite ao analista chegar a conclusões mais adequadas ao seu objeto de estudo (cf. OSHIRO, 2014).

3.7 A documentação da pesquisa

Conforme anunciamos no capítulo 1, a pesquisa está documentada na forma desta tese, composta de 9 capítulos. Além da introdução (capítulo 1), das nossas hipóteses (capítulo 2) e deste capítulo 3, no qual apresentamos a metodologia da pesquisa, apresentamos algumas constatações de estudos prévios acerca do objeto desta tese (capítulo 4), os fundamentos teóricos da nossa pesquisa (capítulos 5, 6 e 7), uma análise acústica com os recursos do *software PRAAT* (seção 8.1) e uma análise estatística com os recursos do *software R* (seção 8.2) e as nossas conclusões (capítulo 9). O texto final, depois de submetido à apreciação da banca examinadora, será depositado na biblioteca do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal de Alagoas (PPGLL/UFAL), para catalogação.

Com este percurso metodológico, conseguimos documentar uma gramática fonético-fonológica das africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ] na fala de sergipanos com idade de 60 anos acima que, por ser própria de sergipanos idosos⁴⁹, pode estar em vias de desaparecer⁵⁰.

No capítulo 4 que segue, apresentamos estudos prévios acerca das realizações africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ] ou suas equivalentes no PS.

⁴⁹ Seguimos o conceito do Estatuto do Idoso, de acordo com o qual “idoso/idoso” é toda pessoa com idade igual ou superior a 60 anos (cf. Estatuto do Idoso/Lei n. 10.741, de 1º de outubro de 2003).

⁵⁰ Cf. capítulo 4.

4 CONSTATAÇÕES DE ESTUDOS PRÉVIOS ACERCA DE [tʃ] E [dʒ] NO PS

Neste capítulo, apresentamos estudos prévios que, de alguma maneira, documentam alguma ocorrência das realizações africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ] ou suas equivalentes no PS.⁵¹ Esses estudos nos servem de referência acerca das realizações que investigamos no PS e apontam pistas para a pesquisa de campo que dá ensejo a esta tese. Além de referenciar os estudos que deram pistas para a nossa pesquisa de campo, nosso propósito em apresentar esses estudos prévios é o de situar esta tese na esteira da evolução dos estudos das realizações africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ] no PS e em outras variedades do PB e alhures.

Os estudos de Rossi (1987), Ferreira *et al* (1994), Mota e Rollemberg (*apud* HORA, 1997), Cardoso (1993 *apud* HORA, 1997), Cardoso (2005), Souza Neto (2008 [2014], 2010, 2017), Cardoso (2015), Freitag (2015), Freitag (2015a,b), Evangelista; Santana; Andrade (2016), Souza (2016), Pinheiro; Silva; Cardoso (2018), Corrêa (2019) e Freitag; Souza Neto; Corrêa (2019) nos interessam na medida em que referem a realizações palatalizadas e/ou africadas dos fonemas /t/ e/ou /d/ em contexto fonológico de ditongo com o aproximante palatal [j] adjacente – seja como traço dialetológico ou sociolinguístico, seja como variantes posicionais dos fonemas /t/ e/ou /d/, em Sergipe.

4.1 Rossi (1987)

O estudo de Rossi (1987) está documentado no Atlas Linguístico de Sergipe I (ALS I), constituído de 182 cartas, nas quais estão registradas, em transcrição fonética⁵², as pronúncias de itens lexicais onomasiológicos nas falas de homens e mulheres (com idade de 30 anos acima) de 15 localidades sergipanas, nomeadas segundo o censo do Estado no ano de 1970. No ALS I, podemos identificar realizações de /t/ e /d/ identificadas como: “variante aspirada de /d/”; “variante palatalizada de /d/”; “variante (oclusiva incompleta), dita fricativa de /d/”; “variante aspirada de /t/”; “variante palatalizada de /t/”; e “africada palatal surda /t+ʃ/”.

⁵¹ Ressaltamos de antemão que, por falta de recursos, nem todos os símbolos fonéticos usados aqui são a reprodução fiel dos símbolos dos textos citados. Nesses casos, fizemos adaptações das classificações dos sons e dos símbolos que os representam, de acordo com o IPA (usamos a versão *SIL Manuscript IPA93*).

⁵² Rossi (1987) informa que na transcrição fonética do ALS I adota o sistema LACERDA-HAMMARSTRÖM, acrescido de sinais propostos por GÖRAN HAMMARSTRÖM.

De acordo com o ALS I, as realizações “palatalizada de /t/” e “africada palatal surda” estão distribuídas dialetalmente tal como adaptadas nos quadros 1 e 2:

Quadro 1 - Realização “palatalizada de /t/”

Local	Contexto	Carta
Gararu	em ambiente com [j] ⁵³ precedente	61
Ribeirópolis	em ambiente com [j] precedente e com [i] ⁵⁴ seguinte	42
São Cristóvão	em ambiente com [j] precedente e com [i] seguinte	106

Fonte: Adaptado de Rossi (1987).

Quadro 2 – Realização “africada palatal surda”

Local	Contexto	Carta
Nossa Senhora da Glória	em ambiente ⁵⁵ com [j] ⁵⁶ precedente	61
Tomar do Geru		64
Tomar do Geru	em ambiente com [j] precedente apagado na superfície	61, 64
Tomar do Geru	em ambiente com [j] ⁵⁷ precedente	61

⁵³ No ALS I, esse segmento aproximante ([j]) precedente está representado com um símbolo que “indica perda parcial de sonoridade”.

⁵⁴ No ALS I, essa vogal ([i]) seguinte está representada com um símbolo que “indica perda parcial de sonoridade”.

⁵⁵ No ALS I, a vogal seguinte ([u]) está representada com um símbolo que “indica reduzido grau de perceptibilidade”.

⁵⁶ No ALS I, esse segmento aproximante ([j]) precedente está representado com um símbolo que “indica que se julgou o sinal emitido com grau de perceptibilidade menos reduzido que” os identificados com “grau reduzido”.

⁵⁷ No ALS I, esse segmento aproximante ([j]) precedente está representado com um símbolo que “indica que se julgou o sinal emitido com grau de perceptibilidade menos reduzido que” os identificados com “grau reduzido”.

São Cristóvão	em ambiente com [j] precedente apagado na superfície	61
São Cristóvão	em ambiente ⁵⁸ com [j] precedente apagado na superfície	64
Ribeirópolis	em ambiente ⁵⁹ com [j] precedente	61
Estância	em ambiente ⁶⁰ com [j] ⁶¹ precedente	61

Fonte: Adaptado de Rossi (1987).

Embora a transcrição fonética do ALS I adote o sistema LACERDA-HAMMARSTRÖM acrescido de sinais propostos por GÖRAN HAMMARSTRÖM (ROSSI et al, 1987), as realizações “palatalizada de /t/” e “africada palatal surda” estão claramente expressas no texto do ALS I como realizações distintas ocorridas no mesmo contexto fonológico, qual seja com o aproximante palatal [j] precedente.

Além de apontar municípios sergipanos para nossa pesquisa de campo, no ALS I, interessa-nos essa distinção das realizações “palatalizada de /t/” e “africada palatal surda” relativamente à posição do aproximante palatal [j] – se no contexto fonológico precedente ou no contexto fonológico seguinte –, pois, nesta tese, embora reconheçamos uma distinção entre realização palatalizada surda ([t^j]) e realização africana alveopalatal surda ([tʃ]) (SOUZA NETO, 2010, 2017), as estamos interpretando como resultantes de um mesmo processo

⁵⁸ No ALS I, a vogal seguinte ([v]) está representada com um símbolo que “indica reduzido grau de perceptibilidade”.

⁵⁹ No ALS I, esse segmento aproximante ([j]) precedente está representado com um símbolo que “indica que se julgou o sinal emitido com grau de perceptibilidade menos reduzido que” os identificados com “grau reduzido”.

⁶⁰ No ALS I, a vogal seguinte ([v]) está representada com um símbolo que “indica reduzido grau de perceptibilidade”.

⁶¹ No ALS I, o segmento aproximante ([j]) está representado com um símbolo que “indica reduzido grau de perceptibilidade”.

(espraiamento de traços, engatilhado pelo aproximante palatal [j] adjacente), em direções distintas (progressivo e regressivo)⁶².

4.2 Cardoso (1993 *apud* HORA, 1997), (2005)

A partir de dados do Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFL) (ROSSI; ISENSEÉ; FERREIRA, 1963) e do ALS I (ROSSI et al, 1987), Cardoso (1993) afirma que a africada surda [tʃ] “tem um percurso definido entre o norte de Minas Gerais, passando pela Bahia e atingindo Sergipe.” (CARDOSO, 1993 *apud* HORA, 1997, p. 131). Nesse texto de Cardoso (1993), interessa-nos o fato de a autora informar – com base no APFL e no ALS I – da ocorrência da realização africada palatal surda ([tʃ]) em Sergipe.

Outro estudo de Cardoso (2005) está documentado no Atlas Linguístico de Sergipe II (ALS II), constituído de 108 cartas, nas quais estão registradas, em transcrição fonética⁶³, as pronúncias de itens lexicais onomasiológicos nas falas de homens e mulheres (com idade de 30 anos acima) de 15 localidades sergipanas, nomeadas segundo o censo do Estado no ano de 1970.⁶⁴ No ALS II, podemos identificar realizações de /t/ e /d/ identificadas como: “variante aspirada de /d/”; “variante palatalizada de /d/”; “variante (oclusiva incompleta), dita fricativa de /d/”; “variante aspirada de /t/”; “variante palatalizada de /t/”; e “africada palatal surda /t+ʃ/”, “variante africada palatal sonora de /d/”. Essas realizações estão distribuídas dialetalmente tal como adaptamos para os quadros de 3 a 5:

Quadro 3 - Realização “oclusiva dental sonora palatalizada”

Local	Contexto	Carta
Ribeirópolis	em ambiente com [j] ⁶⁵ seguinte	97

Fonte: Adaptado de Rossi et al (1987).

⁶² Cf. capítulo 6.

⁶³ Segundo Cardoso (2005, p. 47), “[a] transcrição dos dados segue o sistema de transcrição fonética adotado no primeiro volume do Atlas Linguístico de Sergipe, com pequenas mudanças de símbolos – mas sem alteração da interpretação de fonemas e variantes”.

⁶⁴ Os dados que constituem o ALS II correspondem aos dois terços restantes do material coletado nos anos de 1966 e 1977 para o ALS I.

⁶⁵ No ALS I, esse segmento aproximante ([j]) precedente está representado com um símbolo que identifica a vogal “anterior alta oral”.

Quadro 4 - Realização “africada palatal surda”

Local	Contexto	Carta
Currálinho Gararu Nossa Senhora da Glória Propriá Brejo Grande Ribeirópolis Simão Dias Laranjeiras Itaporanga D’ajuda São Cristóvão Pedrinhas Estância Tomar do Geru Santa Luzia	em ambiente ⁶⁶ com [j] ⁶⁷ precedente	9
Propriá		30
Ribeirópolis Divina Pastora Laranjeiras Itaporanga D’ajuda Pedrinhas Estância Santa Luzia		66

Fonte: Adaptado de Rossi et al (1987).

⁶⁶ No ALS I, a vogal seguinte ([ʊ]) está representada com um símbolo que “indica reduzido grau de perceptibilidade”.

⁶⁷ No ALS I, esse segmento aproximante ([j]) precedente está representado com um símbolo que “indica que se julgou o sinal emitido com grau de perceptibilidade menos reduzido que” os identificados com “grau reduzido”.

Quadro 5 - Realização “africada palatal sonora”

Local	Contexto	Carta
Propriá	em ambiente com [j] ⁶⁸ precedente	30
Nossa Senhora da Glória		35
Ribeirópolis		35, 97
Itaporanga D’ajuda		35
Pedrinhas		
Tomar do Geru		
Currálinho	97	

Fonte: Adaptado de Rossi et al (1987).

Conforme ilustrado nos quadros de 3 a 5, a realização “oclusiva dental sonora palatalizada” está claramente expressa no texto do ALS II como realização distinta das realizações “africada palatal surda” e “africada palatal sonora” – a primeira ocorrida no contexto fonológico precedente ao aproximante palatal [j]. As realizações “africada palatal surda” e “africada palatal sonora” também estão claramente expressas no texto do ALS II como realizações distintas, ocorridas no mesmo contexto fonológico, qual seja no contexto fonológico seguinte ao aproximante palatal [j]. Disso decorre nosso interesse no ALS II.

Igualmente ao que referimos no ALS I, além de apontar pistas para nossa pesquisa de campo, interessa-nos no ALS II essa distinção das realizações “oclusiva dental sonora palatalizada”, “africada palatal surda” e “africada palatal sonora” relativamente à posição do aproximante palatal [j], pois, nesta tese, embora reconheçamos uma distinção entre realização palatalizada sonora ([d^j]), realização africana alveopalatal surda ([t^ʃ]) e africana alveopalatal sonora ([d^ʒ]), as estamos interpretando como resultantes de um mesmo processo (espraiamento de traços, engatilhado pelo aproximante palatal [j] adjacente), em direções distintas (progressivo e regressivo) (capítulo 6).

⁶⁸ No ALS I, esse segmento aproximante ([j]) precedente está representado com um símbolo que “indica perda parcial de sonoridade”.

4.3 Ferreira et al (1994)

No capítulo dedicado à “variação entre *ei* e *e* em Sergipe”, Ferreira et al (1994) observam ocorrências do ditongo (“*ei*”) e da vogal (“*e*”) em contexto adjacente ao fonema /t/. Segundo as autoras, em Sergipe,

[...] Diante de /t/ registra-se [ey] quando o fonema se realiza como oclusiva dental, ocorrendo [ey] ou [e] – o primeiro com frequência um pouco mais elevada que o segundo – quando a realização é africada palatal. Há no **corpus** uma única ocorrência de [e] antes de [t] na amostra de fala do informante 2 que emitiu a mesma forma com a africada palatal: rej[et]o e rej[ets]o. (FERREIRA et al, 1994, p. 143, grifo da edição).

Embora o capítulo do qual foi extraído o trecho citado acima não tenha sido dedicado às realizações de fonema /t/, mas à “variação entre *ei* e *e* em Sergipe”, nele interessa-nos o fato de as autoras identificarem, no contexto de realização do ditongo do tipo vogal+[j] (“[ey]”) e de sua monotongação (“[e]”, que coincide com o apagamento da semivogal [y] desse ditongo), uma variação entre as realizações oclusiva dental e africada palatal (“[t]” e “[ts]”, na representação do trecho citado). Pois, nesta tese, defendemos a hipótese de uma correlação sistemática entre apagamento do aproximante de ditongo do tipo vogal+[j] e a realização africada alveopalatal surda ([tʃ]), devida a suas potencialidades contrastivas (fonêmicas/fonológicas)⁶⁹.

4.4 Mota e Rollemberg (*apud* HORA, 1997)

Ao analisarem “a ocorrência das variantes africadas palatais [tʃ] e [dʒ], em formas do tipo muito, oito, doido, cuidado, geralmente identificadas como ‘africadas baianas’ [...]”, Mota e Rollemberg (*apud* HORA, 1997) informam que, nos registros magnetofônicos realizados para o Atlas Linguístico de Sergipe (ALS), identificam-se ocorrências da africada palatal vozeada [dʒ], “em formas monovocabulares como **doido**, **cuidado** e até depois de semivogal alta de vocábulo precedente, do tipo **não sei do nome, tem desses casos, o boi do carro**, realizados, respectivamente, como não [ˈseydʒu] nome, [tẽyˈdʒesis] casos, o [ˈboydʒu] carro” (MOTA; ROLLEMBERG *apud* HORA, 1997, p. 132).

⁶⁹ Cf. capítulos 2, 6 e 8.

Nesse texto de Mota e Rollemberg (*apud* HORA, 1997), interessa-nos o fato de as autoras informarem, com base nos dados coletados (os registros magnetofônicos) para realização do ALS (depois ALS I e ALS II), acerca da ocorrência da realização africada vozeada [dʒ], inclusive em contexto seguinte à semivogal [y], em Sergipe, pois, nas “formas monovocabulares como **doido**, **cuidado**”, o apagamento do aproximante [j] poderia gerar um ambiente favorável a contraste entre [dʒ] e [d] no nível lexical e pós-lexical do PS, conforme demonstramos a seguir:

- a) “doido” ['do.dʒu] e ['do.du] (esta última realização sem correspondente no léxico do PS);
- b) “cuidado” [ku. 'dʒa.du] e [ku. 'da.du]⁷⁰ (esta última realização sem correspondente no nível lexical do PS).

E, embora, nos estudos de Mota e Rollemberg (*apud* HORA, 1997), a realização africada vozeada [dʒ], em Sergipe, também ocorra em contexto de fronteira de palavra (no domínio pós-lexical) – nas formas “não ['sey#dʒu] nome, [tẽy# 'dʒesis] casos, o ['boy#dʒu] carro” –, nesses contextos, o apagamento do aproximante [j] também poderia gerar um ambiente favorável a contraste entre [dʒ] e [d] no nível lexical do PS, conforme demonstramos a seguir:

- c) Em “não ['sey#dʒu] nome”, o apagamento do aproximante [j] de “['sey#dʒu]” gera um ambiente favorável a contraste com “cedo” (advérbio/1ª pessoa do presente do indicativo de ceder) ['se#du]/['se.du];
- d) Em “[tẽy# 'dʒesis] casos”, o apagamento do aproximante [j] de “[tẽy# 'dʒesis]” gera um ambiente favorável a contraste com “tendesses” (2ª pessoa do pretérito perfeito do subjuntivo de tender) [tẽ# 'desis]/[tẽ. 'de.sis];
- e) Em “o ['boy#dʒu] carro”, o apagamento do aproximante [j] de ['boy#dʒu] gera um ambiente favorável a contraste com “boldo” (planta/chá) ['bo#du]/['bo.du].

⁷⁰ No nível pós-lexical, a realização [ku# 'da.du] tem correspondente no PS.

Conforme reiteramos na seção 4.3, defendemos a hipótese de uma correlação sistemática entre apagamento do aproximante [j] de ditongo do tipo vogal+[j] e a realização africada alveopalatal vozeada ([dʒ]), pois essa correlação gera um ambiente favorável a contraste entre [dʒ] e [d] no PS. Ademais, já demonstramos que a africada [dʒ] tem potencialidades contrastivas (fonêmicas/fonológicas) no PS (capítulo 2).

4.5 Souza Neto (2008, 2014)

A pesquisa que documentamos em Souza Neto (2008, 2014)⁷¹ foi realizada a partir de entrevistas sociolinguísticas por meio das quais coletamos dados de fala de pessoas nascidas em Aracaju, que não se afastaram de sua cidade natal por tempo igual ou superior a dois anos. A abordagem dessa pesquisa apresenta uma explicação, enriquecida a partir de abordagens da FA, da GT e da Sociolinguística Quantitativa, para as realizações de /t/ e /d/ na variedade do português aracajuano – referente a Aracaju, capital do estado de Sergipe. Embora em Souza Neto (2008, 2014) reconheçamos valores intervalares entre as realizações [t] e [t^j] (ou [tʃ]) e [d] e [d^j] (ou [dʒ]), sob a orientação da FA e da GT (GOLDSMITH, 1995), (CLEMENTS; HUME, 1995) e seguindo a proposta de Hora (1990), interpretamos todas as realizações diferentes de [t] e [d] encontradas em nossa pesquisa como fenômenos de palatalização, resultantes de espraçamento/assimilação de traço.

Não obstante a concepção de Hora (1990) acerca do domínio da palatalização como restrito à sílaba em que ocorre, interpretamos todas as realizações diferentes de [t] e [d] ou como espraçamento/assimilação progressiva (heterossilábica) de traço da vogal /i/ antecedente e/ou como espraçamento/assimilação progressiva (tautossilábica) de traço da vogal /i/ seguinte, por estarem restritas ao contexto com a vogal /i/ ([i] e/ou [j]) adjacente e, portanto, simbolizadas como [t^j] e [d^j]. Assim, das 1719 ocorrências do fonema /t/, identificamos 298 ocorrências da realização [t^j]; das 1960 ocorrências do fonema /d/, identificamos 123 ocorrências da realização palatalizada [d^j]. Outra contribuição desta nossa pesquisa foi as constatações de que as realizações resultantes de espraçamento/assimilação

⁷¹ Pesquisa documentada em nossa dissertação de mestrado (SOUZA NETO, 2008), depois editada e publicada pela editora da UFS (cf. SOUZA NETO, 2014).

progressiva (heterossilábica) de traço do aproximante [j] antecedente identifica os falantes mais velhos; e que em contexto com gatilho duplo – com [j] precedente e [ɪ] seguinte, simultaneamente, tal como em leite [ˈlɛj.tɪ] –, as realizações palatalizadas são categóricas. Essas constatações também nos deram pistas para a pesquisa que dá ensejo a esta tese – elas apontaram a carência de uma pesquisa junto aos sergipanos mais velhos e a necessidade de uma redefinição dos contextos de realização de [tʃ] e [dʒ] no PS.

Nesse estudo de 2008 e 2014, documentamos ocorrências de realizações oclusivas plenas ([t] e [d]) e outras realizações de /t/ e /d/ como realizações palatalizadas – simbolizadas por [tʲ] e [dʲ], por estarmos interpretando estas últimas como resultantes de processo de espraçamento (progressivo ou regressivo) de traço da vogal /i/ adjacente – expressamente (e por falta de melhor juízo) por estarem restritas ao contexto fonológico adjacente àquela vogal.

Diferentemente da pesquisa que documentamos em Souza (2008, 2014) – assim como dos demais estudos prévios acerca das realizações de /t/ e /d/ no PS (cf. capítulo 4) –, esta tese se distingue porque, nela, descrevemos uma gramática das realizações africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ] na variedade do português dos sergipanos idosos, na qual as africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ] estão restritas a alguns itens lexicais de natureza onomatopaica e antroponímica nos quais a vogal /i/ não figura na adjacência e a contextos fonológicos de ditongo dos tipos [j]+vogal e vogal+[j], configurando uma restrição privativa dessa variedade do PS.

4.6 Souza Neto (2010)

A partir de dados de estudos prévios, o artigo que publicamos em Souza Neto (2010) reapresenta questões que levantamos em Souza Neto (2008, 2014), mas não tiveram resposta até então. Em síntese, as questões buscam resposta para o fato de as “realizações palatalizadas de /t/ e de /d/, em contexto fonológico com ditongo adjacente, tais como nas palavras ‘peito’, ‘rejeito’, ‘oito’, ‘muito’, cuida’, ‘peida’, ‘rádio’, ‘pátio’ [...], em Sergipe”, poderem se realizar com ou sem a realização plena do segmento aproximante [j] (como respectivamente em

[¹pej.tʃu] ou [¹pe.tʃu], [fie.¹zej.tʃu] ou [fie.¹ze.tʃu], [¹oj.tʃu] ou [¹o.tʃu], [¹mũj.tʃu] ou [¹mũ.tʃu], [¹kuj.dʒe] ou [¹ku.dʒe], [¹pej.dʒe] ou [¹pe.dʒe], [¹fia.d^ju] ou [¹fia.dʒu], [¹pa.t^ju] ou [¹pa.tʃu]) (SOUZA NETO, 2010, p. 141). Disso decorre a proposta de uma explicação para o “fato de depois de decursos do tipo [aj, ej, oj, uj] ou antes de decursos do tipo [jɐ, ju] as formas palatalizadas (ou africadas) de /t/ e de /d/ promoverem (ou serem promovidas por) o apagamento do aproximante [j] da superfície”. Disso decorre também a hipótese que apresentamos nesse artigo: a “de que, nesses casos, as realizações palatalizadas estariam antecedendo ou sucedendo um processo de monotongação” (SOUZA NETO, 2010, p. 144). Assim, o propósito do referido artigo é apresentar uma proposta de reinterpretação das realizações de /t/ e /d/, como “segmentos complexos” ou como “segmentos de contorno”, tendo inclusive reflexos em suas simbolizações:

- a) “segmentos complexos” (representados por [t^j] e [d^j]), quando precedendo a realização do aproximante [j]); e
- b) “segmentos de contorno” (representados por [tʃ] e [dʒ]), quando sucedendo a realização do aproximante [j] ou quando sucedendo o apagamento deste na superfície.

Embora já propondo uma reinterpretação das realizações [t^j] e [d^j] como “segmentos complexos” e [tʃ] e [dʒ] como “segmentos de contorno” em função do contexto de ditongo – precedendo ou sucedendo o aproximante [j] ou seu apagamento –, em nosso artigo de 2010, não apresentamos uma explicação para tal reinterpretação a partir de restrições previstas pelo modelo fonológico não-linear (FA) que adotamos. Contudo, apresentamos uma análise de [t^j] e [d^j] e [tʃ] e [dʒ], em função do contexto fonológico de ditongo com o aproximante palatal [j] precedente ou seguinte. Ademais, esse artigo revela nossa inquietação persistente por uma explicação para as realizações de /t/ e /d/ em função do contexto fonológico de ditongo e de uma distinção nas simbolizações que reflitam claramente a interpretação das realizações de /t/ e /d/ em duas fases distintas (oclusiva e fricativa) no PS.

Diferentemente do artigo publicado em Souza Neto (2010), neta tese, estamos propondo duas interpretações possíveis para as realizações africadas aveopalatais [tʃ] e [dʒ]:

como “segmentos de contorno”, quando em contexto sem o provável gatilho (o aproximante [j] adjacente); e como “segmentos complexos” ou “de contorno”, quando em contexto de ditongo dos tipos [j]+vogal e vogal+[j].⁷²

4.7 Freitag (2015)

Em seu estudo dedicado aos aspectos socioestilísticos da variação linguística (efeitos de escolarização e monitoramento) em correlação com comunidade de prática, Freitag (2015) observa as realizações das oclusivas alveolares (/t/ e /d/) em ambiente seguinte ao *glide* palatal ([j]), na busca dos condicionamentos para a escolha da variante oclusiva ([t] e [d]) e da variante africada ([tʃ] e [dʒ]), na comunidade de práticas *Praesidium* Mãe da Divina Graça da Legião de Maria, povoado do município de Lagarto (SE).

A partir de dados coletados de 10 horas de gravação de encontros e entrevistas sociolinguísticas⁷³, a autora da pesquisa analisa as ocorrências das referidas variantes, seguindo o método de escuta impressionística. Freitag (2015) reconhece que o método adotado (escuta impressionística) implica em redução no gradiente da variação. Dito de outro modo, com a redução da variável contínua dependente aos valores [t] e [d] e [tʃ] e [dʒ], pode-se (certamente) estar ignorando valores intervalares entre [t] e [tʃ] e entre [d] e [dʒ]. Segundo a autora, “[n]a prática, isto implica na computação de realizações discretas de africadas e oclusivas; embora haja um gradiente entre elas (por exemplo, realizações oclusivas alveolares, não são distinguidas de realizações oclusivas dentais)” (FREITAG, 2015, p. 132, tradução livre nossa⁷⁴).

Freitag (2015) informa que, em sua pesquisa, havia uma expectativa de uma variável dependente ternária, com as seguintes variantes: 1) africada alveolopalatal em contexto seguinte ao *glide* palatal [j] (tal como em /'dojdʒu/ e /'pejtʃu/); 2) africada alveolopalatal sucedendo monotongação pelo apagamento do *glide* palatal [j] da superfície

⁷² Embora reconhecendo essas duas interpretações como possíveis, ao final do capítulo, apresentamos as razões pelas quais optamos por “segmento de contorno” (cf. capítulo 6, seção 6.3).

⁷³ Os dados coletados nessa pesquisa constituem o Banco de Dados Falares Sergipanos.

⁷⁴ In practice, this means the computation of affricate and occlusive discrete realizations; even though there is a gradient between them (alveolar occlusive realizations from dental occlusive realizations are not distinguished, for example) (FREITAG, 2015, p. 132).

(tal como em /'dodʒu/ e /'petʃu/); e 3) oclusiva alveolar em contexto seguinte ao *glide* palatal [j] (tal como em /'dojdu/ e /'pejtʃu/). “Contudo, a variante africada com *glide* palatal explícito não foi encontrada na análise de escuta impressionística.” (FREITAG, 2015, p. 132, tradução livre nossa⁷⁵). A autora da pesquisa informa ainda que, de um total de 775 ocorrências, 225 foram da variante africada.

Além das pistas para nossa pesquisa de campo, interessa-nos no estudo de Freitag (2015) sua interpretação das (225) ocorrências das “oclusivas alveolares (/t/ e /d/)” como (variantes) “africadas”, e as simbolizações dessas “africadas” como “[tʃ] e [dʒ]”, em contexto fonológico no qual é prevista a ocorrência de ditongo – “em ambiente seguinte ao *glide* palatal ([j])”. Interessa-nos também o reconhecimento da autora de que, com a redução da variável contínua dependente aos valores [t] e [d] e [tʃ] e [dʒ], pode-se (certamente) estar ignorando valores intervalares entre [t] e [tʃ] e entre [d] e [dʒ].

Contudo, diferentemente de Freitag (2015), nesta tese, identificamos e analisamos uma (sub)variedade do PS na qual as realizações africadas aveopalatais [tʃ] e [dʒ] estão restritas a contexto em que o gatilho (o aproximante [j]) não figura na adjacência e a contextos de ditongo dos tipos [j]+vogal e vogal+[j], nos quais esse aproximante pode se realizar ou estar apagado na superfície.

4.8 Freitag (2015), Andrade, Evangelista e Santana (2016), Pinheiro, Silva e Cardoso (2018), Corrêa (2018)

Assim como já apontaram outros estudos citados neste capítulo, os estudos de Freitag (2015); Andrade, Evangelista e Santana, (2016); Pinheiro, Silva e Cardoso (2018); Corrêa (2018) documentam um processo de incremento das variantes palatalizadas de /t/ e /d/, quando engatilhadas pela vogal /i/ do contexto seguinte, como variante de prestígio na avaliação dos sergipanos, sendo o incremento liderado por falantes de maior escolarização⁷⁶ e

⁷⁵ However, the affricate variant with explicit palatal glide was not perceived in the impressionistic hearing analysis. (FREITAG, 2015, p. 132).

⁷⁶ Quando precedendo a vogal /i/, as formas palatalizadas de /t/ e /d/ são amparadas por instrumentos normativos (cf. FREITAG, 2020).

em regiões urbanas; ao mesmo tempo em que documentam um decréscimo das variantes palatalizadas de /t/ e /d/, quando engatilhadas pela vogal /i/ do contexto precedente, como variante de desprestígio na avaliação dos sergipanos, sendo mantida por falantes de menor escolarização e em regiões não urbanas.

Além de corroborar os resultados dos estudos de Freitag (2015); Andrade, Evangelista e Santana (2016); Pinheiro, Silva e Cardoso (2018) e Corrêa (2018) – no que concerne a manutenção das realizações africadas aveopalatais [tʃ] e [dʒ] por falantes de menor escolarização e em regiões não urbanas⁷⁷ –, esta tese se distingue daqueles estudos prévios porque, nela, focalizamos uma gramática das africadas ([tʃ] e [dʒ]) que, por ser própria dos sergipanos idosos, pode estar em vias de desaparecer.

4.9 Freitag e Santos (2016)

O estudo de Freitag e Santos (2016) – como o próprio título (“Percepção e atitudes linguísticas em relação às africadas pós-alveolares em Sergipe”) já anuncia – é dedicado à percepção e às atitudes linguísticas dos sergipanos em relação às africadas pós-alveolares. Os dados⁷⁸ de fala foram obtidos por meio de entrevistas sociolinguísticas a 28 jovens da Grande Aracaju⁷⁹ (com idade de 17 a 23 anos), residentes da Região Metropolitana de Aracaju, São Cristóvão e Nossa Senhora do Socorro. O protocolo de testagem de atitudes tinha por objetivo testar a relação desses sergipanos com as realizações dos “fonemas /t/ e /d/ diante da vogal alta /i/, como em tia /tʃia/, /dʒia/, ou [i] derivado de /e/, como em /heawmentʃe/ e diante do glide /j/, como em /oitʃo/, /doidʒo/ [...]” (FREITAG; SANTOS, 2016, p. 115). Os dados foram submetidos à percepção e à avaliação subjetiva de “residentes da capital e do interior, estudantes da Universidade Federal de Sergipe de diferentes cursos da instituição, com faixa etária entre 18 e 41 anos de idade, sendo 18 sergipanos do sexo feminino e 18 sergipanos do sexo masculino” (FREITAG; SANTOS, 2016, p. 114). Os pesquisadores concluíram que “a atitude dos indivíduos universitários aracajuanos quanto a (*sic.*) forma palatalizada indica mais prestígio, ao contrário da forma não-palatalizada que ainda sofre estigma social” (FREITAG; SANTOS, 2016, p. 120-121).

⁷⁷ Cf. seção 3.3.

⁷⁸ Os dados coletados nessa pesquisa passaram a constituir a amostra Falares Sergipanos (cf. FREITAG; MARTINS; TAVARES, 2012; FREITAG, 2013).

⁷⁹ A Grande Aracaju inclui os bairros de fronteira entre a capital Aracaju e os municípios (São Cristóvão, Nossa Senhora do Socorro, Barra dos Coqueiros/Ilha de Santa Luzia) vizinhos (cf. SEPLAG, 2005).

Além das pistas para nossa pesquisa de campo, interessa-nos nesse estudo de Freitag e Santos (2016) a identificação das realizações “africadas pós-alveolares” com as “palatalizadas”, indistintamente simbolizadas por [tʃ] e [dʒ]; interessa-nos também sua definição do contexto de realização de [tʃ] e [dʒ]: “diante da vogal alta /i/ [...] e diante do glide /j/ [...]”⁸⁰

Diferentemente de Freitag e Souza (2016), nesta tese, reconhecemos uma variedade na qual as realizações africadas ([tʃ] e [dʒ]) ocorrem (em itens lexicais de natureza onomatopaica e antroponímica) não condicionadas pela vogal (/i/); e um fenômeno equivalente à “palatalização” das oclusivas /t/ e /d/, como resultado de um processo engatilhado exclusivamente pelo aproximante palatal ([j]) do *onset* silábico (no nível tautossilábico) e da *coda* silábica (no nível heterossilábico).

4.10 Souza (2016)

O estudo de Souza (2016) se concentra no fenômeno da palatalização em três municípios sergipanos: Aracaju, Itabaiana e Lagarto. Os dados amostrais de sua pesquisa foram constituídos de falas de 60 sergipanos selecionados segundo os seguintes critérios:

- a) ter naturalidade na cidade onde mora e não ter permanecido fora por mais de 02 anos;
- b) possuir ensino superior completo ou em andamento; e
- c) ter idade entre 18 e 29 anos.

Souza (2016) observa ocorrências de “palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ diante da vogal alta [i], onde ocorre uma realização articulatória passando a ser realizados (sic.) como africadas palato-alveolares (/tʃ/ e /dʒ/)” (SOUZA, 2016, p. 44).

Conforme conta no resumo de sua dissertação, “foram tomadas 60 entrevistas sociolinguísticas de universitários do banco de dados Falares Sergipanos, estratificadas quanto ao sexo/gênero e localidade”. De acordo com o autor da pesquisa, foram identificadas

⁸⁰ Esse estudo tem entre as suas referências o nosso estudo documentado em Souza Neto (2008; 2014). Dele, pode-se presumir que, assim como nós, as autoras assumem tratar-se de um mesmo fenômeno – palatalização –, independentemente de o gatilho (a vogal /i/) figurar no contexto precedente ou seguinte (núcleo ou marginal).

3.000 ocorrências do fenômeno da palatalização nos dados coletados para esse seu estudo: “Aracaju e Itabaiana foram os que mais favoreceram a palatalização” (SOUZA, 2016, p. 72).

Souza (2016, p. 73) conclui que “os dados da análise acústica revelam a existência de gradientes entre a produção entre (sic.) a forma plena e o padrão inovador, o que sugere uma mudança em progresso”.

Nesse estudo de Souza (2016, p. 44), interessa-nos as (3.000) ocorrências de realizações palatalizadas de /t/ e /d/ nos municípios sergipanos de Aracaju, Itabaiana e Lagarto, identificadas (e simbolizadas) pelo autor como “palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ diante da vogal alta [i]” com “uma realização articulatória passando a ser realizados (sic.) como africadas palato-alveolares (/tʃ/ e /dʒ/)”, configurando uma mudança em progresso.

Nesta tese, corroboramos a existência de um gradiente – posto que, identificamos realizações oclusivas plenas ([t] e [d]) e africadas alveolar ([tʃ]) alveopalatais ([tʃ] e [dʒ]) na fala dos sergipanos entrevistados – e, ao reconhecemos uma gramática das africadas ([tʃ] e [dʒ]) restrita a itens lexicais de natureza onomatopáica e antropônima (não condicionadas pela vogal /i/) e a contextos de ditongo dos tipos [j]+vogal e vogal+[j], na fala dos sergipanos idosos, corroboramos a hipótese de uma mudança em progresso (SOUZA, 2016) no PS.

4.11 Aguilera; Aragão; Isquierdo; Mota (2016)

O estudo de Aguilera et al (2016, p. 75-77) – “Variação fônica e léxico-semântica no português do Brasil a partir de dados do projeto ALiB” –, como o próprio título deixa transparecer, é de orientação variacionista e analisa fenômenos de variação fônica e léxico-semântica, valendo-se de dados do projeto ALiB. Nele encontra-se uma análise da “AFRICATIZAÇÃO DO /T, D/ DEPOIS DE SEMIVOGAL PALATAL”, considerando as variáveis “diatópica”, “diatópico-diageracional”, “diatópico-diastrática” e “diatópico-diagenérica”. Na seção (“4.3.1 Variação diatópica”) dedicada à variação diatópica, as autoras assim se manifestam:

[...] No *corpus* do ALiB analisado por Mota e Santos (2012), referente às capitais do Nordeste, as *africadas baianas* se documentam, principalmente, em Maceió (com

60% e 0,88 de peso relativo) e em Aracaju (com 26% e 0,56 de peso relativo), vindo a seguir, com índices menores, em ordem decrescente: Natal, com 18% e 0,49 de peso relativo; João Pessoa, com 13% e 0,31 de peso relativo; Recife, com 10% e 0,27 de peso relativo; e Salvador, com 9% e 0,22 de peso relativo. (AGUILERA et al, 2016, p. 75, grifo da edição).

Nesse estudo, interessa-nos as 84 ocorrências (de um total de 316) de realizações africadas de /t/ e /d/ no contexto de ditongo com aproximante [j] precedente – “AFRICATIZAÇÃO DO /T, D/ DEPOIS DE SEMIVOGAL PALATAL”, nos termos das autoras – na capital sergipana, Aracaju, pois, diferentemente do referido estudo, nesta tese, descrevemos uma gramática das realizações africadas alveopalatais ([tʃ] e [dʒ]) privativa do português dos sergipanos idosos, na qual as africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ] estão restritas a alguns itens lexicais nos quais a vogal /i/ não figura na adjacência e a contextos fonológicos de ditongo dos tipos [j]+vogal e vogal+[j].

4.12 Souza Neto (2017)

No estudo que documentamos em Souza Neto (2017), apresentamos uma proposta de redefinição dos contextos de realização dos segmentos [t^j] e [d^j] e dos segmentos [tʃ] e [dʒ] no português vernacular do Brasil (PVB), sugerindo que essas simbolizações podem se referir a fenômenos distintos, por apresentarem características fonéticas (acústicas) distintas. As hipóteses básicas do estudo que documentamos em Souza Neto (2017) são as seguintes:

- a) as realizações palatalizadas [t^j] e [d^j] apresentam características acústicas específicas, pois (assim como as africadas alveolares [tʃ] e [dʒ]) estão restritas ao ambiente **onde há evidência de realização de um segmento aproximante [j] adjacente**;
- b) as realizações africadas [tʃ] e [dʒ] apresentam características acústicas específicas, pois estão restritas ao ambiente **onde não há evidência de realização de um segmento aproximante [j] adjacente**. (SOUZA NETO, 2017, p. 109, grifo da edição).

O *locus* do estudo documentado em Souza Neto (2017) é o município sergipano de Aquidabã (no agreste sergipano). A partir de uma coleta de dados de entrevistas sociolinguística (seguindo o modelo laboviano) a 10 pessoas (homens e mulheres) naturais daquele município, realizamos uma análise fonética acústica – com os recursos do PRAAT – das realizações palatalizadas e/ou africadas e dos segmentos adjacentes (vogal ou

aproximante) precedente ou seguinte. Nas análises, constatamos evidências de realização e de apagamento do segmento aproximante [j], bem como de realização de um segmento em duas fases, compatível com uma africacão – as realizações [tʃ] e [dʒ]. Disso decorre a proposta de uma (re)interpretação dos segmentos palatalizados (simbolizados com [tʲ] e [dʲ]) como possíveis resultados de processo de espraçamento/assimilação de traço – quando há evidência de realização do segmento aproximante [j] adjacente – e da interpretação dos segmentos africados de [tʃ] e [dʒ] como realizações independentes da realização do segmento aproximante [j]. O argumento para tal proposta, em Souza Neto (2017), deriva da constatação de que, nos dados de fala de Aquidabã, a duração de um segmento palatalizado ([tʲ] e [dʲ]) é menor do que a dos segmentos africados ([tʃ] e [dʒ]).⁸¹

Dessa constatação da diferença na duração do segmento palatalizado ([tʲ] e [dʲ]) e dos segmentos africados ([tʃ] e [dʒ]) decorre nossa hipótese de que a transição do segmento aproximante [j] para a fase oclusiva da realização palatalizada ([tʲ] e [dʲ]) (e vice-versa) é mais curta do que a transição do segmento vocálico – que decorre do apagamento do aproximante [j] do ditongo – para as realizações africadas ([tʃ] e [dʒ]) (e vice-versa). “Isso pode ser explicado pelo ponto [coronal] comum ao segmento aproximante e à fase oclusiva dos segmentos palatalizados ([tʲ] e [dʲ])” (SOUZA NETO, 2017, p. 128-129). Por outro lado, as análises desse estudo permitiram a constatação de que:

[...] não há evidência acústica de que a fase oclusiva dos segmentos palatalizados ([tʲ] e [dʲ]) assim como dos africados palatais ([tʃ] e [dʒ]) possibilita espraçamento ou assimilação de qualquer traço (além de ponto e voz) de uma vogal adjacente: a fase oclusiva dos segmentos palatalizados ([tʲ] e [dʲ]) assim como dos africados palatais ([tʃ] e [dʒ]) parece não possibilitar espraçamento ou assimilação de traço além do [coronal] da língua (para os vozeados e os não vozeados [tʲ] e [dʲ]; [tʃ] e [dʒ]) e do voz (para os segmentos vozeados [dʲ] e [dʒ]).” (SOUZA NETO, 2017, p. 129).

Dessa constatação decorre a conclusão de que

[...] a partir dos dados de Aquidabã, na correlação com o segmento aproximante [j] de ditongos, e como resultado de processo de espraçamento, assimilação ou compartilhamento de traço, as simbolizações palatalizadas ([tʲ] e [dʲ]) parecem

⁸¹ Embora não apresente as medidas referentes às realizações dos segmentos, esse estudo apresenta outras evidências empíricas das diferenças na duração das realizações investigadas.

mais pertinentes foneticamente se considerarmos os traços [coronal e voz] para a fase oclusiva. Somente a fase fricativa possibilita espraçamento, assimilação ou compartilhamento de qualquer outro traço: a fase oclusiva [coronal] das africadas (sejam alveolares sejam palatais), por exemplo, é incompatível com coarticulação (ou articulações maior e menor). Isto parece impossibilitar um processo de espraçamento progressivo (esquerda-direita) de um traço como o [-anterior], pois isto resultaria em mudança de ponto da fase oclusiva [coronal, alveolar]; a fase fricativa, por sua vez, possibilita o processo de espraçamento/assimilação/compartilhamento regressivo (direita-esquerda) do traço [anterior]. (SOUZA NETO, 2017, p. 129).

Os testemunhos desses estudos prévios serviram de motivação para algumas das nossas hipóteses nesta tese (cf. capítulo 2, seção 2.2), dentre as quais a de uma correlação sistemática entre o apagamento do segmento aproximante [j] precedente e as realizações africadas alveopalatais ([tʃ] e [dʒ])^{82, 83}. Por outro lado, não encontramos qualquer estudo que proponha uma distinção entre realizações palatalizadas ([t^j] e [d^j]) e africadas alveopalatais ([tʃ] e [dʒ]) em função do contexto fonológico com o segmento aproximante ([j] adjacente (precedente e seguinte), a partir de restrições fonológicas ou a partir de parâmetros fonéticos (articulatórios e acústicos), no PB.

Apesar das constatações do estudo publicado em Souza Neto (2017), reiteramos aqui que, nesta tese, estamos propondo duas interpretações possíveis para as realizações africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ]: como “segmentos de contorno”, quando em contexto sem o provável gatilho (o aproximante palatal [j] adjacente); e como “segmentos complexos” ou “de contorno”, quando em contexto de ditongo dos tipos [j]+vogal e vogal+[j]. (capítulo 6, seção 6.3).

⁸² Essa hipótese já tinha sido apresentada em nosso artigo intitulado *Realizações Palatalizadas de /t/ e de /d/: segmentos de contorno ou segmentos complexos? O caso de Sergipe*, na revista *Interdisciplinar* (cf. SOUZA NETO, 2010). Posteriormente, essa mesma hipótese foi apresentada em setembro de 2016, na Universidade Estadual da Bahia (UNEB), por ocasião do VI Encontro de Sociolinguística, em Salvador. A hipótese fazia parte de uma proposta de redefinição dos contextos das realizações palatalizadas (/t^j/ e /d^j/) e/ou africadas palatais (/tʃ/ e /dʒ/) no português do nordeste do Brasil, considerando a possibilidade de um contínuo nas realizações dos fonemas /t/ e /d/ ([t e d] – [ts e dz] – [tʃ e dʒ]). Daquele evento resultou a publicação do nosso texto *Realizações palatalizadas (/t^j/ e /d^j/) e/ou africadas palatais (/tʃ/ e /dʒ/) e sua correlação com ditongos no Nordeste do Brasil, capítulo do livro Estudos sobre o Português do Nordeste: língua, lugar e sociedade* (cf. SOUZA NETO, 2017).

⁸³ Mota e Rollemberg (*apud* HORA, 1997) já observaram ocorrências das realizações africadas ([tʃ] e [dʒ]) em correlação com o apagamento da semivogal [y] do ditongo decrescente [ey] no dialeto baiano.

4.13 Freitag, Souza Neto e Corrêa (2019)

Em Freitag, Souza Neto e Corrêa (2019), apresentamos um panorama da evolução dos estudos da palatalização das oclusivas /t/ e /d/ no PS, com base em estudos prévios – Souza Neto (2008, 2010, 2014, 2017), Cardoso (2015), Freitag (2015), Andrade, Evangelista e Santana (2016), Souza (2016), Pinheiro, Silva e Cardoso (2018) e Corrêa (2019) entre outros – e uma agenda de pesquisa para estudos ulteriores. Aliás, a tese aqui documentada é parte da agenda de pesquisa que propomos em Freitag, Souza Neto e Corrêa (2019).

As constatações dos estudos citados neste capítulo dão a medida do estágio de evolução dos estudos das realizações africadas alveopalatais ([tʃ] e [dʒ]) no PS. Com esta tese, estamos constituindo mais uma referência entre esses estudos. Além da importância da sua atualização teórica e metodológica, destacamos a importância documental e histórica desta tese, por estarmos documentando uma gramática fonético-fonológica que, por ser própria de sergipanos idosos, pode estar em vias de obsolescência.

No capítulo 5 que segue, apresentamos uma das bases teóricas desta tese, qual seja a Fonética Articulatória.

5 BASES TEÓRICAS DA FONÉTICA ARTICULATÓRIA

Neste capítulo, apresentamos as bases teóricas da Fonética Articulatória que fundamentam esta tese e nossa problematização. Recuperamos concepções de Pike (1971), Ladefoged e Maddieson (1996), Ladefoged (2001), Ladefoged e Johnson (2011) que convergem com as propostas atualizadas de Kent e Read (2015), Barbosa e Madureira (2015), sobretudo no que concerne: um segmento consonantal palatalizado, um segmento africado (alveolar, álveo-palatal/palato-alveolar e palatal), um segmento aproximante palatal ou o *glide* ([j]); suas propriedades articulatórias; seu lugar de articulação, se em fases sucessivas distintas (homorgânicas e/ou heterorgânicas); suas simbolizações em conformidade com suas características fonético-articulatórias etc.. Reiteramos também aqui que nem todos os símbolos fonéticos estão sendo fiéis aos dos textos citados – quando preciso, os adaptamos aos símbolos do *IPA* (versão *SILManuscript IPA93*).

5.1 Pike (1971)

Em seu célebre *PHONEMICS (a technique for reducing language to writing)*, Pike (1971) – em seção dedicada aos segmentos oclusivos com realização fricativa – assim define e classifica um segmento africado:

[...] UMA AFRICADA[...] é uma oclusiva seguida imediatamente por uma fricativa. Se a fricativa ocorre no mesmo ponto de articulação da oclusiva, a realização da oclusiva mais a fricativa é chamada de afrizada HOMORGÂNICA. [...]. Se a fricativa ocorre em um ponto de articulação diferente, a sequência resultante de dois segmentos é chamada de afrizada HETERORGÂNICA. (PIKE, 1971, p. 33⁸⁴).

Em nota de rodapé, Pike (1971) adverte que “[o] termo [AFRICADA] é especialmente útil quando a sequência de segmentos constitui um único fonema” (PIKE, 1971, p. 33⁸⁵; grifo nosso). De acordo com essa proposta de Pike (1971), uma afrizada não deve ser interpretada como realização de mais de um segmento fonêmico ou resultado de processo, mas como uma realização plena, uma realização fonêmica.

⁸⁴ AN AFFRICATE [...] is a stop followed immediately by a fricative. If the fricative occurs at the same point of articulation as the closure for the stop, the stop plus its fricative release is called a HOMORGANIC affricate. [...]. If the fricative is at a diferente point of articulation, the resulting sequence of two segments is called a HETERORGANIC affricate. (PIKE, 1971, p. 33, grifo da edição).

⁸⁵ “The term is especially useful when the sequence of segments constitutes a single phoneme.” (PIKE, 1971, p. 33).

Na mesma página que define e classifica um segmento “AFRICADO”, Pike (1971, p. 33) propõe um exercício de articulação desse segmento:

[...] Exercício 2. Repita isto, começando com [t] em posição alveolar e álveo-palatal mas à medida que você move a língua mova-a levemente de modo que você realize sequências [tʃ] e [tʃ̠]. Repita este exercício, articulando variedades retroflexa e frontal de [ʃ] e [ʃ̠]. (PIKE, 1971, p. 33⁸⁶).

Esses fragmentos de Pike (1971) merecem nossa atenção porque, assim como ele, entendemos que as realizações africadas alveolares [tʃ] e [dʒ] são segmentos de realização “HOMORGÂNICA” ao passo que as africadas alveopalatais [tʃ̠] e [dʒ̠] podem ser segmentos de realização “HOMORGÂNICA” ou “HETERORGÂNICA”. Contudo, preferimos assumir que, na variedade do PS pesquisada, as africadas alveopalatais ([tʃ̠] e [dʒ̠]) são segmentos de realização “HETERORGÂNICA”. Seguindo Pike (1971 [1947]), parece possível e coerente interpretar a ocorrência das fases oclusivas alveolares [t] e [d], seguidas das fases fricativas alveolares [ʃ] e [ʒ], como realizações “HOMORGÂNICAS”; do mesmo modo que a ocorrência de fases oclusivas alveolares [t] e [d], seguidas, respectivamente, de fases fricativas pós-alveolares/palatais [ʃ̠] e [ʒ̠], devem ser “HETERORGÂNICAS”. As africadas alveopalatais devem corresponder a pontos (heterorgânica) e modos (oclusiva e fricativa) distintos.⁸⁷ Disso decorrem as simbolizações formais [tʃ] e [dʒ] e [tʃ̠] e [dʒ̠] que assumimos nesta tese.

Em seção dedicada às “Fricativas Orais Modificadas por uma Articulação Não-Fricativa Adicional”, Pike (1971) afirma também:

[...] Articulação simultânea mas não-fricativa da parte média da língua contra o palato duro resulta em PALATALIZAÇÃO de uma fricativa. Uma realização retardada da articulação palatal produz um segundo segmento. Se uma variedade frontal de [ç] ou [ʃ̠] é realizada lentamente com um [j] OFF GLIDE (*sic.*), a

⁸⁶ “Exercise 2. Repeat this, beginning with [t] at alveolar and alveo-palatal position, but as you release the tongue move it slightly so that you get sequences [tʃ] and [tʃ̠]. Repeat this exercise, releasing to retroflex and fronted varieties of [ʃ] and [ʃ̠].” (PIKE, 1971, p. 33).

⁸⁷ Embora podendo ter o mesmo articulador ativo ([coronal]), as realizações africadas alveopalatais [tʃ̠] e [dʒ̠] não devem corresponder a dois eventos articulatórios (distintos), ocorrendo simultaneamente no mesmo ponto, pois isto configuraria violação da propriedade da “impenetrabilidade da matéria” (observada pelo filósofo seiscentista Isaac Newton) da qual deriva o entendimento de que dois ou mais corpos não podem, simultaneamente, ao mesmo tempo, ocupar o mesmo lugar no espaço.

sequência de segmento duplo [ç^j] é também às vezes reconhecida como palatalizada.⁸⁸ (PIKE, 1971, p. 28).

Seguindo essa interpretação de Pike (1971), podemos, por nossa vez, interpretar as realizações de [t] ou [d], quando “Modificadas por uma Articulação Não-Fricativa Adicional”, a exemplo do aproximante palatal [j], como palatalizadas, podendo, portanto, ser simbolizadas, respectivamente, por [t^j] e [d^j]. E, se a “PALATALIZAÇÃO [...]” de [t] e [d] pode ainda resultar de uma realização retardada da articulação palatal [que] produz um segundo segmento”, então, as realizações de [t] ou [d], “lentamente com um [j] OFF GLIDE (*sic.*)”, deve também ser reconhecida como palatalização e, portanto, simbolizadas com [t^j] e [d^j].

As interpretações de Pike (1971) de uma “AFRICADA” (a exemplo das “sequências [tʃ] e [tʃ̥]”) e da “PALATALIZAÇÃO” como um segmento realizado “lentamente com um [j] OFF GLIDE (*sic.*)” – sendo a “PALATALIZAÇÃO” simbolizada, pelo próprio autor, com um sobrescrito ([ç^j]) – merecem nossa atenção, pois, nesta tese, a exemplo de Pike (1971 [1947]), reconhecemos a pertinência das interpretações distintas para as africadas alveopalatais, em função dos contextos de sua realização: a) [tʃ̥] e [dʒ̥], em itens lexicais sem o gatilho ([j]) do processo do qual resultariam; e b) [t^j] e [d^j] ou [tʃ̥] e [dʒ̥] nos contextos de ditongo dos tipos vogal+[j] e [j]+vogal aos quais estão restritas. Contudo, para não violar o Princípio do Contorno Obrigatório (*Obligatory Contour Principle – OCP*) previsto pela FA (cf. capítulo 6) e para evitar confusões decorrentes das simbolizações sobrescritas [t^j] e [d^j], nesta tese, mesmo em contextos de ditongo dos tipos vogal+[j] e [j]+vogal, estamos simbolizando as realizações africadas alveopalatais com [tʃ̥] e [dʒ̥] (cf. seção 6.3).

Em seção dedicada aos mecanismos de controle e produção dos sons da fala, Pike (1971) avalia a distinção entre “sons que se realizam com o ar escapando da boca por cima do centro da língua, mas sem fricção local na boca [...] e os que não se realizam assim.” Aos primeiros, o foneticista diz poderem ser convenientemente chamados de VOCOIDES; aos

⁸⁸ Reproduzimos os símbolos do texto citado com adaptações para os símbolos do IPAchart (SILManuscript IPA93).

últimos, “incluindo sons que se realizam com fricção local na boca ou que não se realizam com qualquer escapamento de ar pela boca” diz poderem ser convenientemente chamados de NÃO-VOCOÍDES. Ainda nessa mesma seção, Pike (1971) informa que os sons vocóides não-silábicos “[i] e [u] [...] podem opcionalmente ser representados como ‘y’ e ‘w’, respectivamente.” (cf. PIKE, 1971, p. 4-5⁸⁹). Em nota de rodapé, Pike (1971) informa: “quando [i] e [u] são fonemicamente consoantes, uma linha de ‘semivogais,’ ou vocóides não-silábicas, deve ser acrescida à tabela de consoantes, com [y] classificada como palatal e [w] como bilabial” (PIKE, 1971, p. 5⁹⁰).

Dessa concepção de Pike (1971) acerca dos sons vocóides não-silábicos “[i] e [u]”, interessa-nos o fato de o “[i]”, ao ocupar a margem final (*coda*) silábica no sistema fonotático do PB (CÂMARA JR., 1970, 1973, 2008), ter realização de aproximante palatal [j] (BISOL, 2005) e poder ser interpretada como fonemicamente/fonologicamente assilábica, pois, no contexto de nossa investigação no PS, o aproximante palatal [j] ocorre ocupando a *coda* silábica, antecedendo as realizações africadas [tʃ] e [dʒ] (tal como em “jeito” [ˈʒej.tʃu], “doido” [ˈdoj.dʒu]) ou o *onset* silábico, sucedendo aquelas realizações (tal como em “sítio” [ˈsi.tʃju]⁹¹, “rádio” [ˈfia.dʒju]), podendo inclusive ser apagado da superfície fonológica (tal como em “jeito” [ˈʒe.tʃu], “doido” [ˈdo.dʒu]; “sítio” [ˈsi.tʃu], “rádio” [ˈfia.dʒu]).

5.2 Ladefoged e Maddieson (1996)

Ladefoged e Maddieson (1996, p. 90) informam que “as africadas mais comuns são desvozeadas e sibilantes; a africada palato-alveolar tʃ ocorre em aproximadamente 45 por

⁸⁹ “One of the most important distinctions in sound types is that between sounds which have the air escaping from the mouth over the center of the tongue but with no strong local friction in the mouth [...] and those sounds which do not.” (PIKE, 1971, p. 4).

“[...] nonsyllabic [i] and [u], [...] may optionally be written as “y”, “w”, [...] respectively (PIKE, 1971, p. 5).”

⁹⁰ [...] when [i] and [u] are phonemically consonants, a line of “semivowels,” or nonsyllabic vocoids, may be added to the consonant chart, with [y] classed as palatal and [u] as bilabial. (PIKE, 1971, p. 5).

⁹¹ Também nesses contextos, embora seja tentador apontar a vogal nuclear [i] como gatilho do processo do qual resultariam, nesta tese apresentamos evidências de que, na gramática dos sergipanos idosos, as realizações africadas alveopalatais ([tʃ] e [dʒ]) devem ser engatilhadas exclusivamente pelo aproximante [j] da *coda* (heterossilábico) ou do *onset* (tautossilábico).

cento das línguas do mundo” (LADEFOGED; MADDIESON, 1996, p. 90⁹²). De acordo com esses autores, as africadas são oclusivas cuja soltura da constrição é modificada de modo a produzir uma subsequente fricção prolongada. Essa concepção da africada [tʃ] de Ladefoged e Maddieson (1996, p. 90) parece reduzir a fase fricativa da africada a uma realização específica da oclusiva, com uma soltura prolongada. Nessa concepção dos foneticistas, interessa-nos sua identificação da africada [tʃ] com uma realização específica de uma oclusiva com soltura prolongada (não condicionada ao contexto adjacente ao aproximante palatal [j]), pois, na variedade do PS que pesquisamos, realizações compatíveis com essa africada são encontradas em itens lexicais nos quais o (provável) gatilho ([j]) do (provável) processo do qual resultariam⁹³ não figuram na adjacência⁹⁴. E isto impede que a africada [tʃ] seja explicada pela presença de um [j] adjacente.

5.3 Ladefoged e Johnson (2011)

Ladefoged e Johnson (2011) descrevem os sons oclusivos como um grupo caracterizado pela completa oclusão de dois articuladores; os sons fricativos como um grupo caracterizado por um estreitamento de dois articuladores de modo a produzir uma corrente de ar turbulenta; e os sons aproximantes como um grupo caracterizado pela aproximação de dois articuladores, mas de modo que não produzem uma corrente de ar turbulenta.

Em uma seção que trata do lugar do gesto articulatório, Ladefoged e Johnson (2011) definem os sons consonantais palato-alveolares como aqueles produzidos com a ponta da língua e a parte posterior do cume alveolar. De acordo com os autores, na pronúncia desse tipo de consoante, a exemplo das fricativas da língua inglesa, em palavras tais como *shy*, *she*, *show*,

[...] Durante a realização da consoante inicial, a ponta da sua língua pode estar abaixada atrás dos dentes frontais inferiores ou suspensa próxima do cume alveolar, mas a lâmina da língua está sempre perto da parte posterior do cume alveolar. Porque esses sons são produzidos na parte mais posterior da boca do que aqueles da

⁹² “The most common affricates are voiceless and sibilant; the palato-alveolar affricate tʃ occurs in approximately 45 percent of the world’s languages [...]” (LADEFOGED; MADDIESON, 1996, p. 90).

⁹³ Cf. capítulo 3.

⁹⁴ Cf. capítulos 2, 6 e 8.

consoante inicial das palavras *sigh, sea, sew*, eles também podem ser chamados de pós-alveolares. (LADEFOGED; JOHNSON, 2011, p. 12⁹⁵).

Dessas definições de Ladefoged e Johnson (2011), interessa-nos seu entendimento de que a articulação das consoantes palato-alveolares – a exemplo de [ʃ] e [ʒ] – envolve ponta e lâmina da língua contra a parte posterior dos alvéolos, pois, na variedade do PS que investigamos, as realizações africadas [tʃ] e [dʒ] têm uma fase final compatível com uma realização pós-alveolar.

Ao se referirem às consoantes palatais, Ladefoged e Johnson (2011) as definem como aquelas produzidas com a ponta da língua e o palato duro, e as exemplifica com o aproximante [j], segmento inicial da palavra inglesa *you* “[...] com a ponta da língua levantada contra o palato duro” (LADEFOGED; JOHNSON, 2011, p. 13⁹⁶). No mesmo texto, Ladefoged & Johnson (2011) definem um segmento aproximante como “um gesto em que um articulador está próximo de um outro, mas sem o trato vocal estar estreitado até o ponto em que uma corrente de ar turbulenta seja produzida.” Como exemplos de aproximante, os autores apontam o primeiro som da palavra *yatch* – em que “a parte frontal da língua está alçada contra a área palatal do céu da boca, mas não tão proximamente a ponto de um som fricativo ser produzido [...]” (LADEFOGED; JOHNSON, 2011, p. 15⁹⁷). Os foneticistas informam que estão “usando o símbolo [j] do IPA” para simbolizar o segmento aproximante palatal no inglês, “som inicial de *yes, yet, yeast*” (LADEFOGED; JOHNSON, 2011, p. 37⁹⁸).

A definição e a descrição do segmento aproximante palatal [j] da língua inglesa apresentadas por Ladefoged e Johnson (2011) nos interessam porque, assim como estes foneticistas em relação ao inglês, entendemos que, na realização do aproximante [j] na variedade do PS que pesquisamos, “a parte frontal da língua está alçada contra a área palatal

⁹⁵ During the consonants, the tip of your tongue may be down behind the lower front teeth or up near the alveolar ridge, but the blade of the tongue is always close to the back part of the alveolar ridge. Because these sounds are made farther back in the mouth than those in *sigh, sea, sew*, they can also be called post-alveolar. (LADEFOGED; JOHNSON, 2011, p. 12).

⁹⁶ Say the word *you* very slowly so that you can isolate the consonant at the beginning. If you say this consonant by itself, you should be able to feel that it begins with the front of the tongue raised toward the hard palate (LADEFOGED; JOHNSON, 2011, p. 13).

⁹⁷ “(A gesture in which one articulator is close to another, but without the vocal tract being narrowed to such an extent that a turbulent airstream is produced.)”. [...] the first sound in *yacht*, the front of the tongue is raised toward the palatal area of the roof of the mouth, but it does not come close enough for a fricative sound to be produced. [...] The consonants in the word *we* (approximation between the lips and in the velar region) [...] the word *raw* (approximation in the alveolar region) (LADEFOGED; JOHNSON, 2011, p. 15).

⁹⁸ “we have used the IPA symbol [j] for the initial sound in *yes, yet, yeast*.”

do céu da boca, mas não tão proximamente a ponto de um som fricativo ser produzido”; interessam-nos também na medida em que – à semelhança do que ocorre no inglês –, na variedade do PS que investigamos, o aproximante palatal [j] tem comportamento de consoante, ocupando sempre a *coda* ou o *onset* silábicos, inclusive antecedendo ou sucedendo as realizações africadas [tʃ] e [dʒ]⁹⁹.

Ao se referirem às africadas [tʃ] e [dʒ] do inglês, Ladefoged e Johnson (2011) apontam os primeiros e os últimos sons das palavras *church* ([tʃ]) e *judge* ([dʒ]). Os foneticistas explicam que, apesar de serem transcritos como dígrafos ([tʃ] e [dʒ]) no *IPA*, em inglês funcionam como unidades consonantais plenas. Ladefoged & Johnson (2011) observam que “outros livros sobre fonética transcrevem [tʃ] e [dʒ] (como em *church* e *judge*) com símbolos simples, tais como [č] e [ǰ].” Para os foneticistas, “[e]stas transcrições realçam o fato de que africadas são unidades sonoras pelo uso de uma única letra para transcrevê-las.” E asseveram mais adiante: “quando se quer deixar perfeitamente claro que está-se simbolizando uma africada e não um *cluster* consonantal, a ligadura [tʃ̂] é usada para uni-los.”

Dessas observações de Ladefoged e Johnson (2011), interessa-nos sua interpretação dos segmentos africados [tʃ] e [dʒ], no inglês, como unidades sonoras – não *clusters* de consoantes – e sua proposta de usar a ligadura [tʃ̂], para “deixar perfeitamente claro que está-se simbolizando uma africada e não um *cluster* consonantal” (LADEFOGED; JOHNSON, 2011, p. 37–38¹⁰⁰), pois, entendemos que, em itens lexicais nos quais (o provável) gatilho ([j]) do (provável) processo do qual resultariam as realizações africadas alveopalatais não figuram na adjacência (capítulos 2, 6 e 8), as realizações africadas alveopalatais do PS são unidades sonoras – não realizações modificadas por articulação adicional do segmento aproximante palatal [j] precedente. Por isso, (seguindo o entendimento de Ladefoged e

⁹⁹ Cf. seção 5.1.

¹⁰⁰ Some other books on phonetics transcribe [tʃ] and [dʒ] (as in *church* and *judge*) with single symbols, such as [č] and [ǰ]. These transcriptions highlight the fact that affricates are single units by using a single letter to transcribe them. [...].

When we wish to make perfectly clear that we are writing an affricate and not a consonant cluster, the ligature symbol [tʃ̂] is used to tie symbols together (LADEFOGED; JOHNSON, 2011, p. 38).

Johnson (2011)), nos referidos itens lexicais, doravante estamos simbolizando as africadas alveopalatais do PS com ligadura: [tʃ] e [dʒ].

Ladefoged e Johnson (2011) já observaram que as africadas [tʃ] e [dʒ] enfrentam o problema histórico da sua disposição no quadro de sons das línguas, do seu lugar entre as colunas e linhas da tabela de sons das línguas, quando se consideram os aspectos ponto e modo de articulação, tomando o *IPA* como modelo. Isto ocorre exatamente porque, da perspectiva articulatória, [tʃ] e [dʒ] realizam duas fases distintas, podendo, portanto, figurarem: 1) na coluna dos sons palato-alveolares, na linha do elemento fricativo; ou 2) na coluna dos sons alveolares, na linha do elemento oclusivo (LADEFOGED; JOHNSON, 2011). Segundo os foneticistas,

[...] o alfabeto fonético internacional evita a imprecisão que é inevitável quando o elemento oclusivo e o elemento fricativo do som africado têm lugares diferentes de articulação listando somente símbolos oclusivos e fricativos na tabela de consoantes. (LADEFOGED; JOHNSON, 2011, p. 43¹⁰¹).

Segundo Ladefoged e Johnson (2011, p. 67¹⁰²), “uma afrizada é simplesmente uma sequência de uma oclusiva seguida de uma fricativa homorgânica”. Os foneticistas alertam para o fato de, na perspectiva do fonólogo, a afrizada poder ser interpretada como uma unidade fonológica plena.

Em seguida, Ladefoged e Johnson (2011) retomam sua concepção acerca das africadas para advertirem do fato de nem toda sequência de oclusiva seguida de fricativa poder ser interpretada como afrizada tampouco ter *status* especial na fonologia, pois, podem resultar de *clusters* consonantais bem como outras sequências de oclusiva mais fricativa que não são africadas – a exemplo de [tθ] em *eighth* e [tʃ] em *cat*, no inglês. Segundo Ladefoged & Johnson (2011), “do ponto de vista de um fonólogo, considerando o padrão sonoro do inglês,

¹⁰¹ The international phonetic alphabet avoids the inaccuracy that is inevitable when the stop element and fricative element of the affricate have different place of articulation by listing only stop and fricative symbols in the consonant chart (LADEFOGED; JOHNSON, 2011, p. 43).

¹⁰² An affricate is simply a sequence of a stop followed by a homorganic fricative (LADEFOGED; JOHNSON, 2011, p. 67).

as africadas palato-alveolares são claramente unidades plenas” (LADEFOGED; JOHNSON, 2011, p. 67¹⁰³).

Aqui, interessa-nos seu entendimento de que nem toda sequência de oclusiva seguida de fricativa poder ser interpretada como africada tampouco terem *status* especial na fonologia, porque, na variedade do PS que pesquisamos, [tʃ] e [dʒ] parecem ter *status* de variantes posicionais e, ainda que restritamente, propriedades contrastivas, fonêmicas/fonológicas (capítulos 2, 6 e 8).

Em seção em que tratam de gestos consonantais adicionais, Ladefoged e Johnson (2011) descrevem a produção de alguns sons que envolvem mais de um modo de articulação, podendo ter como resultado final um som compatível com uma africada. Nesses casos, segundo os foneticistas, “os articuladores (ponta ou lâmina da língua e cume alveolar) realizam juntos a oclusão e depois, em vez de ficarem plenamente afastados, se separam levemente, de modo que uma fricativa é criada aproximadamente no mesmo lugar de articulação” (LADEFOGED; JOHNSON, 2011, p. 15-16¹⁰⁴).

Nessa descrição, fica claro que os foneticistas se referem a uma oclusão alveolar seguida de gesto adicional acidental (uma fricção) homorgânico/heterorgânico criado pelo afastamento lento dos articuladores. Reconhecemos esta descrição de Ladefoged e Johnson (2011) como compatível com as realizações africadas que pesquisamos no PS. Contudo, diferentemente destes foneticistas, estamos interpretando [tʃ] e [dʒ], na variedade que pesquisamos, como segmentos alveopalatais heterorgânicos¹⁰⁵ (alveolar e pós-alveolar/palatal, sucessiva ou simultaneamente).

¹⁰³ “An affricate is simply a sequence of a stop followed by a homorganic fricative. [...] From the point of view of a phonologist considering the sound pattern of English, the palato-alveolar affricates are plainly single units [...]” (PIKE, 1971, p. 67).

¹⁰⁴ At the beginning, the tongue comes up to make contact with the back part of the alveolar ridge to form a stop closure. This contact is then slackened so that there is a fricative at the same place of articulation. [...] This kind of combination of a stop immediately followed by a fricative is called an affricate, in this case a palato-alveolar (or post-alveolar) affricate. [...] In all these sounds the articulators (tongue tip or blade and alveolar ridge) come together for the stop and then, instead of coming fully apart, separate only slightly, so that a fricative is made at approximately the same place of articulation (LADEFOGED; JOHNSON, 2011, p. 15-16).

¹⁰⁵ Diante da variabilidade inerente ao gesto articulatorio (cf. capítulo 8), reconhecemos possíveis realizações africadas palatais homorgânicas idiossincráticas no PS.

Ladefoged e Johnson (2011) interpretam as realizações palatalizadas como produto de articulação secundária. Em seção que trata dos gestos articulatórios secundários, tais autores observam:

[...] é apropriado considerar articulações secundárias aquelas em conjunção com vogais porque podem geralmente ser descritas como acrescentadas de articulações próprias de vogais. Definida formalmente, uma articulação secundária é um gesto com grau menor de oclusão ocorrendo aproximadamente ao mesmo tempo que um outro gesto (primário). (LADEFOGED; JOHNSON, 2011, p. 234¹⁰⁶).

Em seguida, os autores informam que consideram quatro tipos de articulação secundária, dentre as quais a palatalização. Para os autores,

[...] palatalização é a adição de um gesto da parte frontal da língua voltada para cima, como em [i], a um outro gesto. [...] Palatalização pode ser simbolizada por [ʲ] depois de um símbolo. [...] Os termos palatalização e palatalizado são às vezes usados de um modo levemente diferente daquele que temos usado. Em vez de descrever um gesto secundário, esses termos podem descrever um processo em que o gesto primário é modificado de modo que se torna mais palatal. Assim, diz-se que um som é palatalizado se o ponto de articulação se move para a região do palato em alguma circunstância particular. (LADEFOGED; JOHNSON, 2011, p. 234¹⁰⁷).

Na página seguinte, os autores concluem acerca dos termos palatalização, palatalizado etc.: “[t]odos esses usos dos termos palatalização e palatalizado envolvem descrição de um processo – alguma coisa se torna algo mais – mais do que um gesto secundário” (LADEFOGED; JOHNSON, 2011, p. 235¹⁰⁸).

Dessas manifestações de Ladefoged e Johnson (2011), interessa-nos sua concepção da palatalização como um gesto adicional que pode ser simbolizado com um [ʲ] sobrescrito a outro gesto, a exemplo de [tʲ] e [dʲ], porque entendemos que africadas alveopalatais e realizações palatalizadas de /t/ e /d/ redundam ou se reduzem a um mesmo evento articulatório no PS (capítulo 6). E, reiteramos, embora reconheçamos a pertinência dos

¹⁰⁶ It is appropriate to consider secondary articulations in conjunction with vowels because they can usually be described as added vowel-like articulations. Formally defined, a secondary articulation is a gesture with a lesser degree of closure occurring at approximately the same time as another (primary) gesture (LADEFOGED; JOHNSON, 2011, p. 234).

¹⁰⁷ Palatalization is the addition of a high front tongue gesture, like that in [i], to another gesture. [...] Palatalization can be symbolized by [ʲ] after a symbol. The terms palatalization and palatalized are sometimes used in a slightly different way from the way in which we have been using them so far. Instead of describing a secondary gesture, these terms may describe a process in which the primary gesture is changed so that it becomes more palatal. Thus, sounds are said to be palatalized if the point of articulation moves toward the palatal region in some particular circumstance (LADEFOGED; JOHNSON, 2011, p. 234).

¹⁰⁸ All these uses of the terms palatalization and palatalized involve descriptions of a process— something becoming something else—rather than a secondary gesture (LADEFOGED; JOHNSON, 2011, p. 235).

símbolos [t^j] e [d^j] (capítulo 6), nos contextos em que o aproximante palatal [j] de ditongo dos tipos vogal+[j] e [j]+vogal é esperado, estamos assumindo as simbolizações [tʃ] e [dʒ] nesta tese (capítulo 6, seção 6.3).

Ao distinguirem gestos articulatórios, Ladefoged e Johnson (2011) observam que o lugar de articulação designa tanto o alvo quanto os órgãos que participam da articulação. Os foneticistas definem um som palatal como uma articulação “da parte frontal da língua se aproximando ou tocando o palato duro, e, para muitos falantes, com a ponta da língua voltada para baixo atrás dos dentes frontais inferiores”. Os foneticistas chamam atenção para o fato de não haver distinção clara entre sons palatais e palato-alveolares. Os autores exemplificam com o que eles consideram o único som palatal – o aproximante /j/ – e os únicos sons palato-alveolares – as fricativas [ʃ] e [ʒ] e as africadas [tʃ] e [dʒ]¹⁰⁹. (LADEFOGED; JOHNSON, 2011, p. 167-169). Assim como Ladefoged e Johnson (2011), entendemos que são “palato-alveolares” as africadas [tʃ] e [dʒ], porque realizam duas fases distintas no contínuo entre alvéolos e palato duro.

No plano fonológico, Ladefoged e Johnson (2011, p. 32-33) advogam em favor da definição das “vogais como vocóides silábicas e **semivogais** como vocóides assilábicas”. Os foneticistas afirmam que as semivogais “são vocóides que ocorrem no começo ou no fim de uma sílaba. Quando no começo de uma sílaba, uma semivogal geralmente consiste de um *glide* rápido de uma vogal alta para uma vogal seguinte.” Para os foneticistas, “as semivogais do inglês são [j] e [w], que são como versões assilábicas das vogais altas do inglês [i] e [u], respetivamente.” Ladefoged e Johnson (2011) identificam o gesto de uma semivogal com o de um som aproximante, por terem um lugar particular de articulação, como as consoantes. Em seguida, os autores reafirmam a classificação do som [j] como aproximante palatal (LADEFOGED; JOHNSON, 2011, p. 234).

No mesmo capítulo em que trata das consoantes do inglês, Ladefoged e Johnson (2011) apresentam os sons aproximantes daquela língua, e informam que a articulação desses sons “varia levemente dependendo da articulação da vogal seguinte.” Acerca do aproximante [j], Ladefoged e Johnson (2011) afirmam que aproximantes são sons de natureza vocálica

¹⁰⁹ In English, the only palato-alveolar sounds are the fricatives and affricates [ʃ, ʒ, tʃ, dʒ]. [...] The only true palatal in English is /j/ [...] (LADEFOGED; JOHNSON, 2011, p. 169).

que têm a característica de serem articulatoriamente estreitados. Algumas linhas mais a frente, os autores observam que, não obstante sua natureza vocálica, no inglês, aproximantes podem constituir *cluster* com consoantes oclusivas: “[o] aproximante /j/ como em *you* [jʊ] pode ocorrer [...] em *clusters*, como em [...] *cue* [kju], e [...] em *tune* [tjun]” (LADEFOGED; JOHNSON, 2011, p. 68¹¹⁰).

Essas concepções de Ladefoged e Johnson (2011) acerca do segmento aproximante palatal [j] e de seu comportamento na fonotática do inglês nos interessam, sobretudo porque, conforme vimos informando desde a INTRODUÇÃO¹¹¹ desta tese, seguindo Câmara Jr. (CÂMARA JR., 1973, 2002, 2008), também o estamos interpretando como segmento assilábico, devido ao seu comportamento na fonotática da variedade do PS que pesquisamos: como constituinte da *coda* (a exemplo de “jeito” [ˈʒej.tʃʊ], “doido” [ˈdoj.dʒʊ] etc.) ou do *onset* (a exemplo de “sítio” [ˈsi.tʃjʊ], “rádio” [ˈfia.dʒjʊ] etc.).

5.4 Kent e Read (2015)

Segundo Kent e Read (2015), uma africada é um segmento constituído de duas fases distintas: “(1) fechamento do trato vocal seguido por; (2) uma soltura ruidosa” (KENT; READ, 2015, p. 86). Dito de outro modo, “[...] uma africada pode ser modelada em duas fases, primeiro como uma oclusiva e depois como uma fricativa” (KENT; READ, 2015, p. 86). Em seção que trata exclusivamente das CONSOANTES AFRICADAS, Kent e Read (2015) informam que “[h]á apenas duas africadas em inglês, [tʃ] e [dʒ]” e comentam a descrição usual majoritária do ponto de articulação [palatal] bem como a de alguns que “acreditam que o ponto de articulação [dessas consoantes] não é verdadeiramente palatal [...]”. Segundo Kent e Read (2015),

“[...] a africada é um som complexo, envolvendo uma sequência de articulações oclusivas e fricativas. Como as oclusivas, as africadas são produzidas com um período de completa obstrução do trato vocal. Como as fricativas, as africadas são produzidas com um período de fricção.” (KENT; READ, 2015, p. 277, grifo nosso).

¹¹⁰ “The articulation of each of them varies slightly depending on the articulation of the following vowel. [...] The approximant /j/ as in *you* [jʊ] can occur in similar consonant clusters, as in *pew*, *cue* [pjʊ, kjʊ], and, for speakers of British English, *tune* [tjun].” (LADEFOGED; JOHNSON, 2011, p. 68).

¹¹¹ Conferir nota de rodapé 2, página 27.

Aqui, interessa-nos o fato de Kent e Read (2015) apresentarem a polêmica acerca do ponto de articulação das africadas, pois, nesta tese, embora reconheçamos a possibilidade de realizações africadas palatais idiossincráticas, estamos assumindo que, na variedade do PS que pesquisamos, [tʃ] e [dʒ] são realizações heterorgânicas (alveopalatais). Assim como Kent e Read (2015), entendemos que [tʃ] e [dʒ] são realizações constituídas de duas fases: uma oclusão alveolar seguida de uma fricção palatal.

Kent e Read (2015) também sintetizam os conceitos de *glides* (semivogais) e aproximantes como sendo termos descritivos da natureza vocálica, da articulação estreitada e dos movimentos lentos de estreitamento e de adequação do trato vocal para a realização de um segmento vocálico adjacente. De acordo com Kent e Read (2015), a realização de um ditongo (ou *glide*) coincide com uma mudança na configuração articulatória, que resulta em mudança de padrão acústico. Seguindo Kent e Read (2015), entendemos que, na variedade que pesquisamos no PS, o aproximante palatal [j] corresponde a movimentos lentos de estreitamento e de adequação do trato vocal para a realização de um segmento vocálico adjacente. Não obstante, esses movimentos podem ser sutis a ponto de não deixarem evidências acústicas claras de sua realização¹¹².

5.5 Barbosa e Madureira (2015)

Em seção que trata do “subsistema supralaríngeo”, Barbosa e Madureira (2015, p. 46), informam que, na produção dos sons africados, há dois ou três tipos de fontes conjugadas: fonte de ruído transiente (correspondente à fase oclusiva), fonte de ruído contínuo (correspondente à fase fricativa) e fonte de voz (caso das vozeadas).

Em seção que trata da segmentação dos sons das línguas, Barbosa e Madureira (2015, p. 176) afirmam: “[a]s consoantes africadas são sons que se iniciam como oclusivos e terminam como fricativos [...]”. Em capítulo que trata das “CARACTERÍSTICAS BÁSICAS DA PRODUÇÃO DE OCLUSIVAS E AFRICADAS”, Barbosa e Madureira (2015, p. 314) apresentam estudos que distinguem as realizações africadas do PB como segmentos com duas fases distintas (oclusiva e fricativa), cada uma das quais com características acústicas próprias.

¹¹² Cf. seção 8.1.

Dessas manifestações de Barbosa e Madureira (2015), interessa-nos particularmente sua concepção acerca das africadas como realização de duas fases sucessivas e distintas (oclusiva seguida de fricativa), pois, conforme reiteramos na seção 4.4, estamos assumindo que, na variedade que pesquisamos no PS, as africadas [tʃ] e [dʒ] são realizações heterorgânicas alveopalatais, constituídas de duas fases: uma oclusão alveolar seguida de uma fricção palatal¹¹³.

Ao tratarem das “CARACTERÍSTICAS BÁSICAS DA PRODUÇÃO DAS VOGAIS E DOS DITONGOS ORAIS DO PORTUGUÊS”, Barbosa e Madureira (2015) afirmam que

[...] Para o ditongo, formado por uma vogal e uma semivogal, o que muda na produção é que, além da configuração assumida para a vogal, durante o segmento semivocálico a língua muda rapidamente para uma configuração próxima à da vogal homorgânica. Assim, a realização de /aj/ envolve um movimento para a configuração da vogal /a/ e, logo depois, um movimento da língua para frente e para cima, para uma configuração próxima à da vogal [i]. Na maior parte das vezes, esse movimento durante a semivogal não tem região estacionária, ou seja, a língua está continuamente em movimento para um alvo no trato. É por essa razão que as semivogais são articulatoriamente classificadas como aproximantes. (BARBOSA; MADUREIRA, 2015, p. 236, grifo nosso).

Aqui, interessa-nos particularmente o entendimento de Barbosa e Madureira (2015) acerca das características vocálicas do segmento aproximante palatal [j] e da dinâmica de sua realização, o que lhe distingue de seu correlato vocálico [i], pois, na variedade que pesquisamos no PS, as africadas [tʃ] e [dʒ] mantêm uma correlação sistemática com [j], não com [i] (capítulos 2, 6 e 8).

Em seção que trata de “coarticulação por produção”, Barbosa e Madureira (2015) informa que “[o]s efeitos do contexto segmental se fazem sentir porque a fala é coproduzida, ou seja, os movimentos dos articuladores para a produção de um mesmo som modificam-se em função dos sons adjacentes.” Nessa seção, os autores explicam o fenômeno da “coarticulação antecipatória” como aquele em que um traço do segmento seguinte se antecipa, produzindo um som com o traço adicional desse segmento seguinte; os autores explicam o fenômeno da “coarticulação preservatória” como aquela em que um traço do segmento precedente persiste, produzindo um som com o traço adicional desse segmento precedente (BARBOSA; MADUREIRA, 2015, p. 48).

¹¹³ Cf. seção 4.1.

Dessas manifestações de Barbosa e Madureira (2015), interessa-nos particularmente o entendimento dos foneticistas acerca da coarticulação como envolvendo antecipação de traço do contexto/ambiente seguinte (“coarticulação antecipatória”) ou preservação de traço do contexto/ambiente precedente (“coarticulação preservatória”), pois, esta é a interpretação fonética-articulatória que estamos dando às realizações africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ], quando nos contextos em que o aproximante palatal [j] de ditongo dos tipos vogal+[j] e [j]+vogal é esperado. À luz da Fonética Articulatória, tal como proposta em Barbosa e Madureira (2015), entendemos que somente a fase fricativa das realizações [tʃ] e [dʒ] é compatível com o fenômeno da africção por coarticulação antecipatória (dos traços [contínuo, -anterior, palatal]) da realização aproximante [j] seguinte, e por coarticulação preservatória (dos traços [contínuo, -anterior, palatal]) da realização aproximante [j] precedente.

Ademais, Barbosa e Madureira (2015) entendem que “os efeitos do contexto segmental se fazem sentir porque a fala é coproduzida, ou seja, os movimentos dos articuladores para a produção de um mesmo som modificam-se em função dos sons adjacentes”. E esse entendimento dos foneticistas é bem acolhido pela FA – particularmente em Goldsmith (1995) e Clements e Hume (1995) – no que tange os processos de espraiamento/assimilação/compartilhamento de traço dos quais devem resultar [tʃ] e [dʒ], quando nos referidos contextos de ditongo (capítulo 6).

Estas são, portanto, as bases teóricas da Fonética Articulatória nas quais apoiamos nossas hipóteses da coarticulação (preservatória e antecipatória) do aproximante palatal [j] com as realizações de /t/ e /d/ adjacentes (capítulo 2). É da convergência dessas concepções da Fonética Articulatória com a dos processos assimilatórios da FA que decorre nossa explicação para as realizações africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ], quando nos contextos em que o aproximante palatal [j] de ditongo dos tipos vogal+[j] e [j]+vogal é esperado.

No capítulo 6 que segue, apresentamos as bases da FA que orientam nossa interpretação fonológica das realizações africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ] na variedade pesquisada do PS.¹¹⁴

¹¹⁴ Justificamos a ordenação do capítulo (5) que trata da Fonética Articulatória antes do capítulo (6) que trata da FA com o fato de esta última ter aquela como base.

6 BASES TEÓRICAS DA FONOLOGIA AUTOSSEGMENTAL

Neste capítulo, apresentamos as bases teóricas da Fonologia que fundamentam nossa abordagem das realizações africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ], e nossa problematização. Recorremos à FA, tal como proposta por Goldsmith (1995), por entendermos que o objeto de nossa pesquisa no PS merece uma explicação fonológica que considere aspectos fonéticos na superfície. Além da FA, recorremos à GT, tal como proposta por Clements e Hume (1995), para uma representação não-linear dos processos que envolvem o objeto desta tese. Ao final do capítulo, fazemos uma revisão bibliográfica das realizações [tʃ] e [dʒ] a partir dos estudos de Hora (1990), Bisol e Hora (1993), Souza Neto (2008, 2010, 2014, 2017) e Cardoso (2010), para então apresentarmos nossa proposta de interpretação daquelas realizações no PS.

6.1 Goldsmith (1995)

O modelo da FA proposto por John Goldsmith (1995) procura articular aspectos fonéticos dos sons das línguas como traços independentes e autônomos que podem se mover para além e/ou aquém do segmento, devendo por isso ser tratados como autossegmentos que operam individualmente ou em conjunto na composição dos sons da fala. Por referir sempre e predominantemente à participação dos órgãos da fonação, esse modelo pode ser considerado de base articulatória¹¹⁵. Sendo de base articulatória, a FA pretende dar conta de como os órgãos do aparelho fonador estão coordenados na produção dos sons da fala.

Na perspectiva da FA, os traços são o que identifica o segmento, e a autonomia de cada traço depende do domínio a que esse se associa para poder atuar como autossegmento. Embora possam atuar independentemente como autossegmentos, operando individualmente ou em conjunto na composição dos sons da fala, os traços obedecem a uma hierarquia na composição desses sons. Da independência dos traços que atuam como autossegmentos decorre sua mobilidade e a propriedade que os traços – como autossegmentos – têm de se espalhar. Nesse modelo, o apagamento de um segmento, por exemplo, não implica necessariamente o desaparecimento de todos os traços que o compõem. Por ser um modelo derivado da proposta não-linear, a FA encara as unidades fonológicas como constituídas de propriedades simultâneas (não-lineares). Por operarem em um domínio próprio,

¹¹⁵ De acordo com Blevins (2004), a classificação dos sons da fala em termos de lugar de articulação pode remeter ao século V antes de Cristo.

autossegmentos idênticos adjacentes podem ser compartilhados ou reduzidos a um único. Por isso, segmentos adjacentes podem compartilhar seus traços comuns. O modelo fonológico da FA, tal como proposto por Goldsmith (1995), permite, portanto, que identifiquemos os traços (ou autossegmentos) que participam na constituição dos segmentos, que espraíam, que são assimilados e que são compartilhados.

6.2 Clements e Hume (1995)

A GT proposta por Clements e Hume (1995) segue a proposta não-linear de representação formal dos aspectos da fala, e baseia-se “na ideia de que a fala é produzida usando vários articuladores funcionando independentemente, na qual os segmentos são representados em termos de configurações nodulares [raízes, nós, galhos], organizadas hierarquicamente [...]” (DE PAULA, 2007, p. 47). Isso decorre do entendimento de que o segmento apresenta uma estrutura interna hierarquizada cujos traços que o compõem se organizam, podendo ser representados de modo a descrever o fenômeno fonológico de acordo com a participação dos articuladores e seu efeito na constituição dos sons. De acordo com Clementes e Hume (1995), qualquer som da fala pode ser representado por esse modelo, assinalando-se os traços bivalentes com a notação binária (+ ou -) e com os traços monovalentes (cavidade oral, ponto de C, ponto de V), de acordo com a complexidade do segmento.

O modelo de representação da GT, tal como proposto por Clements e Hume (1995) permite que representemos as realizações dos segmentos, os processos dos quais derivam, restrições de processos e apagamentos de traços.

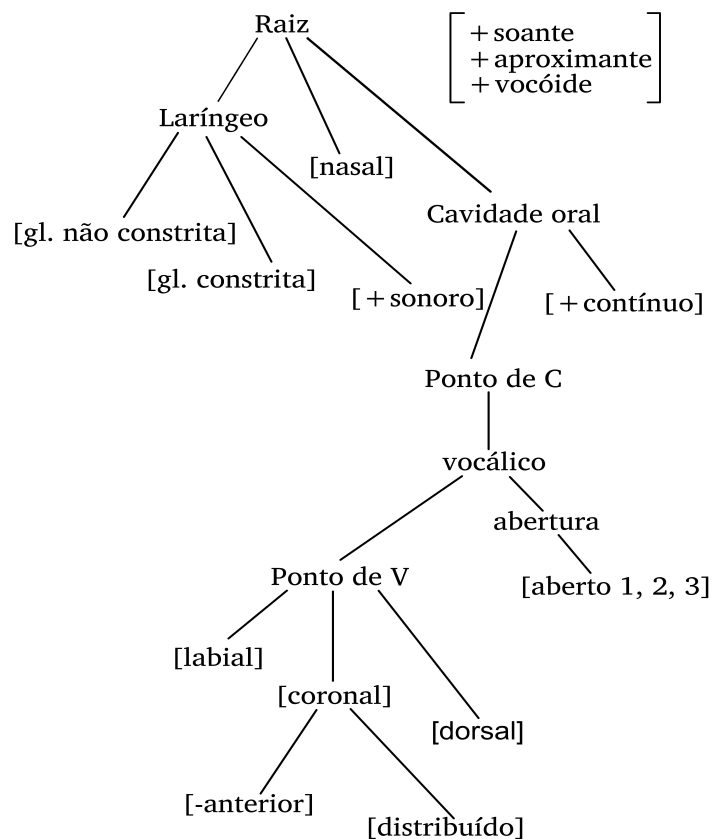
Nas subseções de 6.2.1 a 6.2.6 que seguem, apresentamos as representações geométricas e suas respectivas interpretações – de acordo com Goldsmith (1995) e Clements e Hume (1995) – de segmentos, unidade de tempo, processos assimilatórios e suas restrições, todos envolvidos no estudo que realizamos no PS.

6.2.1 Representação de vogais

Na representação de vogais (Figura 1), a Raiz tem os traços maiores monovalentes [+soante, +aproximante, +vocóide] e domina os traços [laríngeo] e [nasal]. Nas vogais, o nó laríngeo é sempre [+sonoro]. Na Cavidade oral é sempre [+contínuo] nas vogais. No Ponto de

C, o nó vocálico domina o traço de [abertura] sempre [+aberto] nas vogais. Afora estes monovalentes, todos os ramos abaixo da raiz até o Ponto de V seguem uma representação com os traços bivalentes [+ , -]. Abaixo do ponto de C, é o nó vocálico com o Ponto de V que domina os terminais bivalentes [+/-labial, +/-coronal e +/-dorsal] e os monovalentes [+aberto1, 2, 3] e [-anterior].

Figura 1 - Representação de vogais



Fonte: Adaptado de Bisol (2005).

Conforme demonstrado na figura 1, a representação genérica das vogais inclui segmentos aproximantes. Desde a raiz ([+aproximante]) até o Ponto de V ([-anterior]), o segmento aproximante palatal [j] é idêntico a uma vogal.

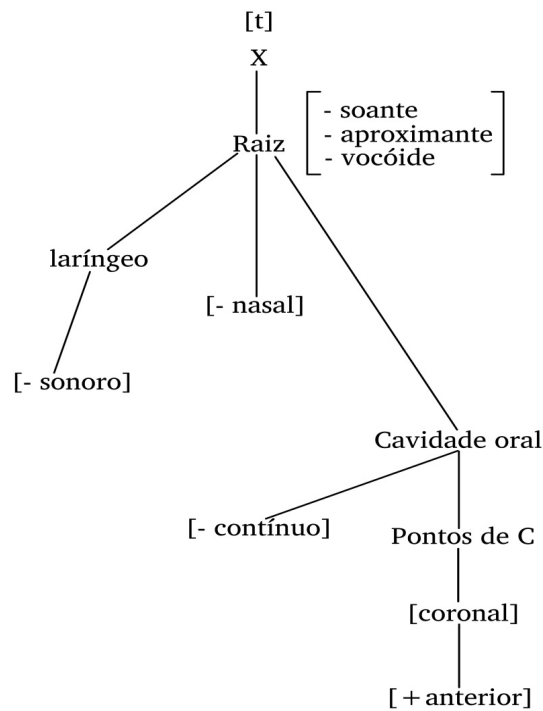
É, portanto, a identificação do aproximante palatal [j] com o traço [+contínuo], do nó Cavidade oral, e o traço [-anterior] ([palatal]), no Ponto de V que nos interessa nesta tese, pois esses seus traços ([+contínuo], [-anterior]) podem espriar para os segmentos ([dental],

[alveolar]) [t] e [d], quando estes estão adjacentes, convertendo-os em segmentos [-anterior] ([pós-alveolar], [palatal]) ou em segmentos com dois traços simultâneos de articulação oral, sendo um deles [+contínuo, -anterior]¹¹⁶.

6.2.2 Segmentos simples

O segmento simples consiste de um nó de raiz e caracterizado por apenas um traço de articulação oral, tal como em [t] e [d], ambos com o traço [coronal], como nas figuras 2 e 3:

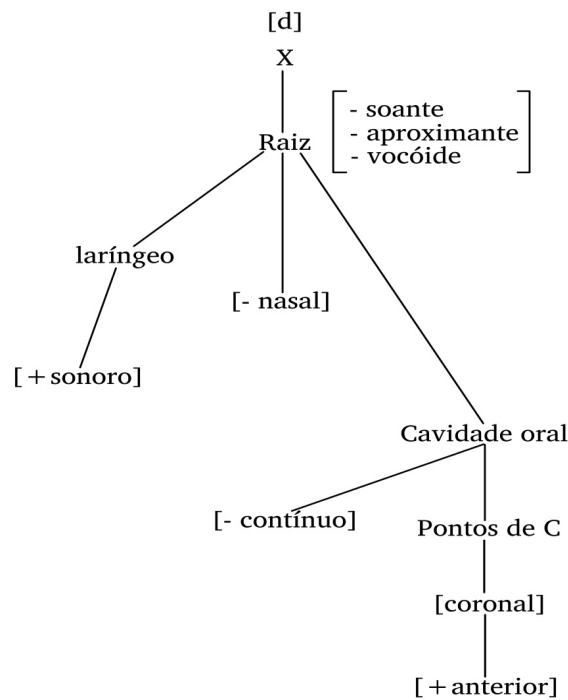
Figura 2 - Representação do segmento simples [t]



Fonte: Adaptado de Bisol (2005).

Figura 3 - Representação do segmento simples [d]

¹¹⁶ Cf. subseções 6.2.3 e 6.2.4.



Fonte: Adaptado de Bisol (2005).

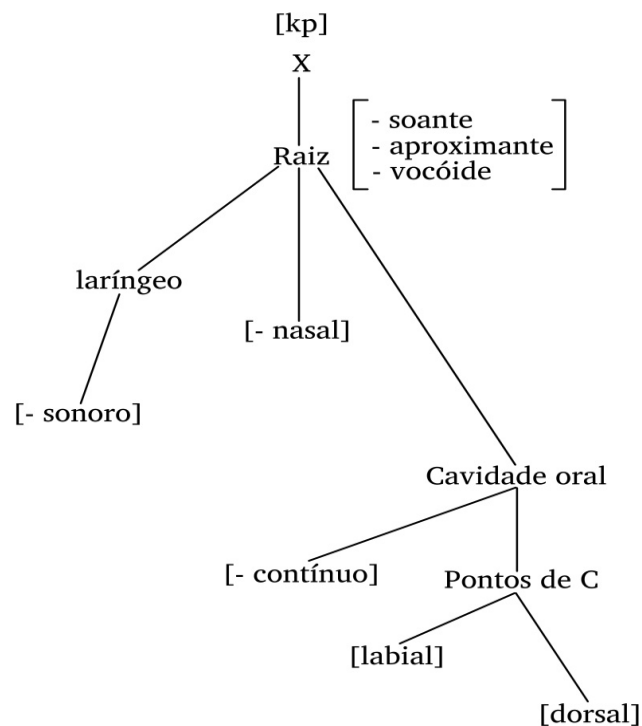
Conforme demonstrado nas figuras 2 e 3, os segmentos simples [t] e [d] são constituídos com os traços [-contínuo], na Cavidade oral, e [+anterior], no ponto de C. E esta identificação de [t] e [d] nos interessa nesta tese, pois, é nesses lugares que [t] e [d] podem assimilar os traços ([+contínuo], [-anterior]) do segmento aproximante palatal [j], quando este está adjacente, convertendo-os em segmentos [-anterior] ([pós-alveolar], [palatal]) ou em segmentos com dois traços simultâneos de articulação oral, sendo um deles [contínuo, -anterior] (subseções 6.2.3 e 6.2.4).

Além de vogais e segmentos simples, interessa-nos também as representações geométricas dos “segmentos complexos” e dos “segmentos de contorno” propostas por Clements e Hume (1995, 1996), porque, de acordo com a FA, realizações compatíveis com as africadas alveopalatais podem ser interpretadas como “segmentos complexos” ou como “segmentos de contorno.”

6.2.3 Segmento complexo

O segmento complexo consiste de um nó de raiz e é caracterizado por pelo menos dois traços diferentes de articulação oral, correspondentes a um segmento com duas ou mais constrictões simultâneas na cavidade oral – tal como em [kp] constituído com os traços de articulação oral [labial, dorsal] – como na figura 4.

Figura 4 - Representação do segmento complexo [kp]



Fonte: Adaptado de Bisol (2005).

Conforme representado na figura 4, é no Ponto de C que ocorrem as articulações simultâneas.

São também interpretados como segmentos complexos aqueles constituídos de articulações maior e menor. Os segmentos complexos incluem as realizações africadas alveopalatais porque estas podem ser interpretadas como segmentos constituídos com dois

traços distintos de articulação oral (um maior [dental, alveolar] e outro menor [palatal])¹¹⁷, convertendo-se em segmentos com dois traços simultâneos de articulação oral, sendo um deles [+contínuo, -anterior], donde derivam as simbolizações [t^j] e [d^j] (CLEMENTS; HUME, 1995).

Essa concepção dos segmentos complexos nos interessa por entendemos que, no contexto em que o aproximante palatal [j] de ditongo dos tipos [j]+vogal e vogal+[j] é esperado, as realizações africadas alveopalatais de /t/ e /d/ podem ser interpretadas como segmentos complexos, nas formas representadas nas subseções 6.2.6, 6.3.1 e 6.3.2 desta tese.

Acerca da articulação “menor” (também “secundária”, na literatura da FA), Clements e Hume (1995) citam o foneticista Ladefoged (1982, p. 210), segundo o qual uma articulação secundária é “uma articulação com grau secundário de constricção ocorrendo ao mesmo tempo que a outra articulação (primária)” (CLEMENTS; HUME, 1995, p. 284¹¹⁸).

Clements e Hume (1995) ressaltam ainda que, na perspectiva dos foneticistas, o termo articulação secundária é sempre reservado a articulações inerentes, em detrimento das articulações determinadas pelo contexto. Na mesma seção, os autores afirmam que definir um som de uma língua dessa maneira “não é adequado para uma definição fonológica, na medida em que se baseia em critérios fonéticos.”¹¹⁹ Ainda nessa seção, os autores citam a proposta de Sagey (1986, 1989) de uma redefinição das articulações primária e secundária em termos de uma distinção puramente fonológica das articulações maior e menor, ao observar que “na maioria dos tipos de consoantes complexas, somente um grau de obstrução é distintivo; o outro é inteiramente previsível, e seu grau de obstrução não precisa ser especificado na representação” (CLEMENTS; HUME, 1995, p. 284¹²⁰).

¹¹⁷ Na Revisão Bibliográfica desta tese (cf. seção 6.3), apresentamos propostas prévias de interpretação para as realizações africadas (“palatalizadas”) de /t/ e /d/ no PB/PVB, como segmentos constituídos com dois traços distintos de articulação oral.

¹¹⁸ “an articulation with a secondary degree of closure occurring at the same time as another (primary) articulation.” (CLEMENTS; HUME, 1995, p. 284).

¹¹⁹ “The definition given above is not adequate as a phonological definition, since it is based on phonetic criteria.” (CLEMENTS; HUME, 1995, p. 284).

¹²⁰ “[...] in most types of complex consonants, only one degree of closure is distinctive; the other is fully predictable, and its degree of closure need not be specified in the representation.” (CLEMENTS; HUME, 1995, p. 284).

Um bom termo para essa questão parece ser alcançado por Blevins (2004, p. 113-114), quando afirma que “[a] distribuição dos traços de lugar/ponto distintivos em consoantes é severamente limitada em muitas línguas”¹²¹. Blevins (2004) comenta a distinção fonológica a partir dos articuladores ativos lábios e língua, refletida nos traços de articulação [labial], [coronal] e [dorsal]. Para Blevins (2004), esses traços são responsáveis pela distinção dos pontos de articulação maiores ou primários (referindo à participação dos lábios, a parte frontal e o dorso da língua, respectivamente) dos segmentos. Constituindo classes de articuladores maiores, cada um desses traços pode estar acompanhado de outros traços de articulação menor ou secundário: labialização, palatalização, velarização e faringalização são exemplos desses traços resultantes da participação dos seus respectivos órgãos correspondentes. Embora os traços fonológicos sejam distintos das propriedades fonéticas gradientes, em uma análise fonológica específica, os traços fonéticos podem desempenhar uma função importante.

A polêmica de fonólogos e foneticistas acerca das articulações (“maior”/“primária”/“principal” e “menor”/“secundária” etc.) dos “segmentos complexos” nos interessa na medida em que, nesta tese, estamos propondo um termo médio que faz coincidir interpretação fonológica e interpretação fonética articulatória, a partir de evidências fonéticas acústicas: ressaltadas questões teóricas polêmicas dentro da própria FA (seção 6.3) e diante das evidências fonéticas tais como apresentamos em Souza Neto (2017) (seção 4.12), entendemos que as realizações africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ] podem resultar de espriamento de traços de articulação “menor”/“secundária” do aproximante palatal [j] (na direção de /t/ e /d/), que gera um segmento (fonético) fricativo ([ʃ] ou [ʒ]) intruso (seção 6.3).

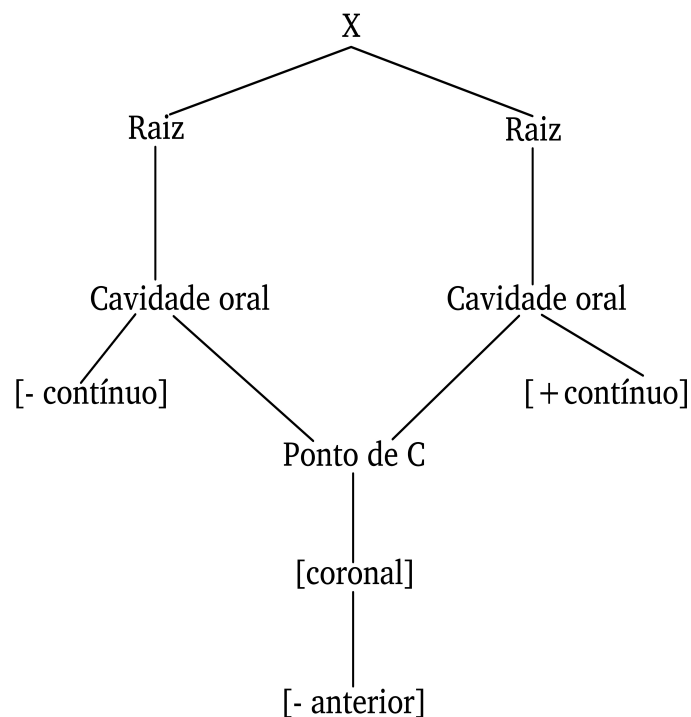
Outrossim, constatamos que, na variedade que pesquisamos no PS, é a articulação “secundária” ou “menor”, correspondente à fase fricativa dos segmentos complexos ([tʃ] e [dʒ]) que pode gerar contraste entre esses segmentos complexos e sua contraparte simples [t] e [d], quando aqueles coincidem com o apagamento de traços do aproximante palatal [j] (tal como em “pátio” [ˈpa.tʃu] e “pato” [ˈpa.tu]; “lêndea” [ˈlẽ.dʃɐ] e “lenda” [ˈlẽ.dɐ]) (SOUZA NETO, 2010, p. 141).

¹²¹ “The distribution of distinctive place features on consonants is severely limited in many languages” (BLEVINS, 2004, p. 113-114).

6.2.4 Segmento de contorno

O segmento de contorno é constituído de sequências (ou “contornos”) de traços diferentes. De acordo com Anderson (1976 apud GOLDSMITH, 1995), a motivação para o reconhecimento de segmentos de contorno é a existência de ‘efeitos de borda’, ou seja, um dado segmento pode se constituir com um traço (+), numa borda, e (-) noutra. De acordo com Bisol (2005), geralmente segmentos de contorno incluem as africadas (a exemplo de [tʃ] e [dʒ]).

Figura 5 - Representação do segmento de contorno



Fonte: Adaptado de Bisol (2005).

Conforme demonstrado na figura 5, no segmento de contorno, é o nó de Cavidade oral que domina as bordas (esquerda e direita). Essas bordas apresentam um traço bivalente [+,-]: cada uma sempre com sinal oposto ao da outra.

Os “segmentos de contorno” também incluem as realizações africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ] porque estas podem ser interpretadas como segmentos constituídos com efeito de bordas, cujos traços [-contínuo] (da borda esquerda, referente à oclusão de [t] ou [d]) e

[+contínuo] (da borda direita, referente à fricção de [ʃ] ou [ʒ]) se opõem (CLEMENTS; HUME, 1995).

Essa concepção dos “segmentos de contorno” nos interessa porque – diferentemente dos “segmentos complexos” (seção 6.2.3), que podem resultar de articulação “menor” / “secundária”, ou seja, de espraçamento de traços do aproximante palatal [j] (na direção de /t/ e /d/) – os “de contorno” não precisam resultar de articulação “menor” / “secundária”, de espraçamento de traços do aproximante palatal [j] (na direção de /t/ e /d/). E, quando resultam de espraçamento, entendemos que este deva acontecer nas formas representadas nas figuras 24 e 25 (subseção 6.3.3).

Ressaltamos aqui também nosso entendimento de que é a fase fricativa dos segmentos de contorno [tʃ] e [dʒ] que pode gerar contraste entre estes e sua contraparte simples [t] e [d], quando aqueles coincidem com o apagamento do aproximante palatal [j] (tal como em “oito” [ˈo.j.tʃu] e “outro” [ˈo.tu]; “peido” [ˈpe.dʒu] e “Pedro” [ˈpe.du]) (SOUZA NETO, 2010, p. 141).

Sejam como “segmentos complexos” (simbolizados com [t^j] e [d^j]) ou como “segmentos de contorno” (simbolizados com [tʃ] e [dʒ]), as realizações africadas alveopalatais (“palatalizadas”) podem ocorrer coincidindo com o apagamento do aproximante palatal [j]. Por isso, além das interpretações e de suas respectivas simbolizações, interessamos ainda a interpretação de Clements e Hume (1995) acerca do apagamento dos traços de um segmento, sem que se apague sua raiz ou sua unidade de tempo, pois, de acordo com o modelo da FA, o apagamento dos traços do segmento aproximante palatal [j] do ditongo – a monotongação – pode ter como resultado o alongamento (compensatório) de outro segmento adjacente.

6.2.5 Unidade de tempo

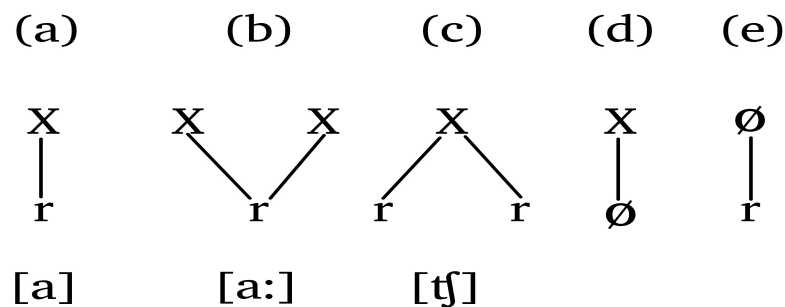
No modelo de representação da GT, a “unidade de tempo” que domina o “nó de raiz” está ligada a este de acordo com o seu grau de complexidade. Assim vogais (diga-se também de aproximantes) e consoantes “simples” são segmentos que se constituem com uma unidade de tempo e com apenas um nó de raiz; vogais longas ou consoantes geminadas se constituem

com duas unidades de tempo e com apenas um nó de raiz; segmentos “de contorno” se constituem com uma unidade de tempo e com dois nós de raiz.

Além de representações de segmentos “simples”, “complexos” e “de contorno”, o modelo geométrico (GT) permite ainda a representação de flutuação e apagamento de segmento. Disso tem origem a representação da figura 6, encontrada em Clements e Hume (1995).

Na representação da figura 6, em (a) uma unidade de tempo “X” está ligada ao nó de raiz “r”, que representa o segmento [a] por apenas uma linha de associação; em (b) tem-se duas unidades de tempo “X X” ligadas a um único nó de raiz “r”, representando o segmento longo [a:] por duas linhas de associação; em (c) uma unidade de tempo “X” está ligada a dois nós de raiz “r r”, que representam o segmento de contorno [tʃ] por duas linhas de associação; em (d) a unidade de tempo “X” não tem a que se associar, pois, no lugar da raiz existe uma flutuação – mutação ou apagamento de segmento; e em (e) o nó de raiz não tem a que se associar, pois, há uma flutuação na unidade de tempo (CLEMMENTS; HUME apud GOLGSMITH, 1995).

Figura 6 - Representação da relação “unidade de tempo-raiz” do segmento de acordo com sua complexidade



Fonte: Adaptado de Bisol (2005).

Esta representação da relação “unidade de tempo-raiz” do segmento de acordo com sua complexidade nos interessa na medida em que, de acordo com o modelo da FA, nos contextos de ditongo dos tipos [j]+vogal e vogal+[j] que investigamos no PS, podemos encontrar:

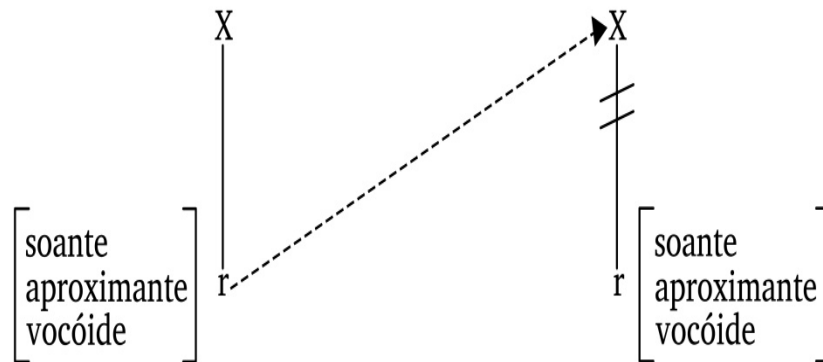
- a) “segmentos simples” (caso de [t], [d] e [j]) (seções 6.2.1 e 6.2.2);
- b) “segmentos complexos” (caso de [t^j] e [d^j]) (seção 6.2.3), constituídos com uma unidade de tempo e com apenas um nó de raiz;
- c) “segmentos de contorno” constituídos com uma unidade de tempo e com dois nós de raiz (caso de [tʃ] e [dʒ]) (seção 6.2.4);
- d) “segmentos alongados” (caso de [t^j:] e [d^j:]), constituídos com duas unidades de tempo e com apenas um nó de raiz, ou [tʃ:] e [dʒ:], constituídos com duas unidades de tempo e com dois nós de raiz (figura 6).

Considerando a hipótese do alongamento compensatório das realizações que investigamos no PS (capítulo 2), os segmentos alongados ([t^j:] e [d^j:] ou [tʃ:] e [dʒ:]) devem coocorrer sistematicamente com o apagamento de traços do segmento aproximante palatal [j] do ditongo dos [j]+vogal e vogal+[j] (capítulos 2, 6 e 8), pois, estamos testando a hipótese de este alongamento ser compensatório do apagamento dos traços do segmento aproximante palatal [j] adjacente (seção 8.2).

6.2.6 Processos assimilatórios e suas restrições

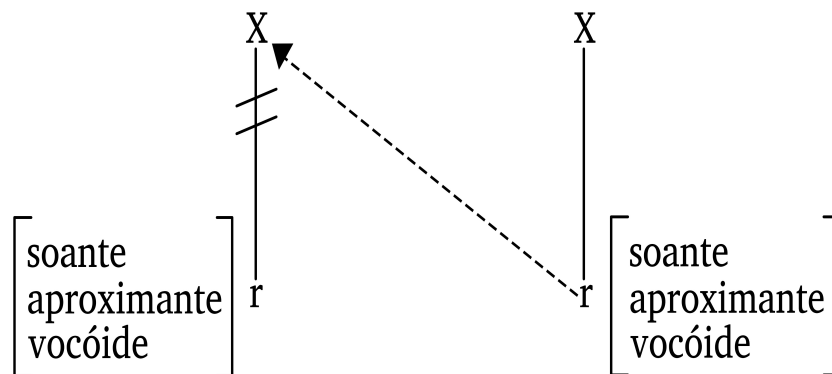
Clements e Hume (1995) observam que um processo assimilatório pode ser total ou parcial, ocorrer em qualquer ponto da realização do segmento, bidirecionalmente (de contexto precedente para contexto seguinte – progressivo – e de contexto seguinte para precedente – regressivo). Na representação arbórea, isto equivale a dizer que processos assimilatórios podem ocorrer desde a raiz até qualquer outro ponto (galho) da árvore que representa a realização do segmento. O modelo da GT permite, pois, que tais processos sejam representados na forma genérica que demonstramos nas figuras que seguem de 7 a 13:

Figura 7 - Assimilação total progressiva (esquerda – direita)



Fonte: Adaptado de Bisol (2005).

Figura 8 - Assimilação total progressiva (direita – esquerda)



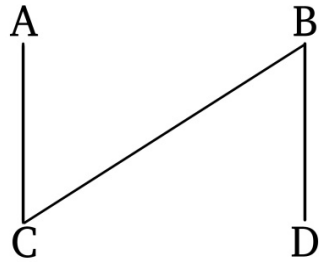
Fonte: Adaptado de Bisol (2005).

Conforme demonstramos nas representações das figuras 7 e 8, os processos de assimilação total progressiva (figura 7) e regressiva (figura 8) são possíveis desde que haja desligamento da linha que associa a unidade de tempo à raiz do segmento (subseção 6.2.5).

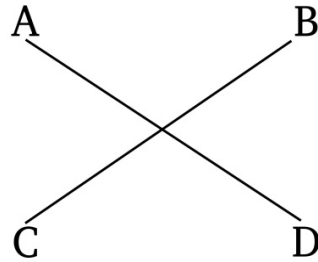
Embora possíveis em qualquer ponto, desde a raiz até qualquer outro ponto (galho) da árvore, de acordo com Goldsmith (1995), alguns processos sofrem restrições. Entre as restrições está o Princípio do Não-Cruzamento (*No-Crossing Principle, PNC*) (GOLDSMITH, 1995), (CLEMENTS; HUME, 1995), de acordo com o qual os traços que constituem um segmento não podem se cruzar, pois o cruzamento implicaria não só desordem na hierarquia dos traços, mas também atropelamento destes, uns contra os outros. Segundo Bisol (2005),

“[e]sse princípio funciona como uma Condição de Boa Formação, que bloqueia a aplicação de qualquer regra que possa violá-lo.” (BISOL, 2005, p. 65, grifo nosso). Essa restrição deve ser representada, de acordo com Clements e Hume (1995), tal como nas figuras 9a e 9b:

Figura 9a – Assimilação possível



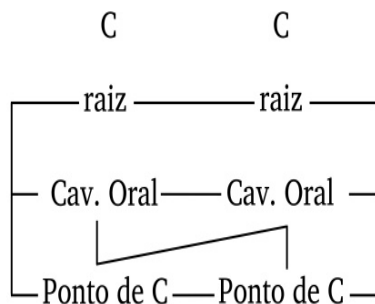
9b – Assimilação impossível



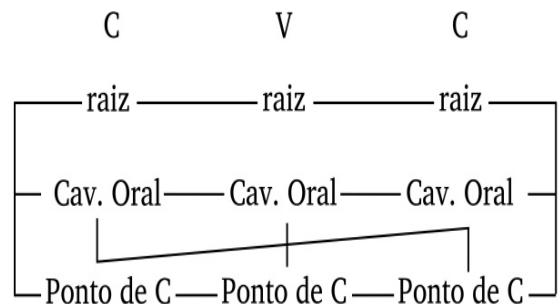
Fonte: Adaptado de Clements e Hume (1995).

Da restrição do PNC decorrem as representações nas figuras 10a e 10b. Em 10a estão representados processos assimilatórios possíveis no Ponto de C (somente consoantes imediatamente adjacentes); em 10b estão representados os impossíveis (consoantes além de uma vogal adjacente):

Figura 10a - Possível no ponto de C



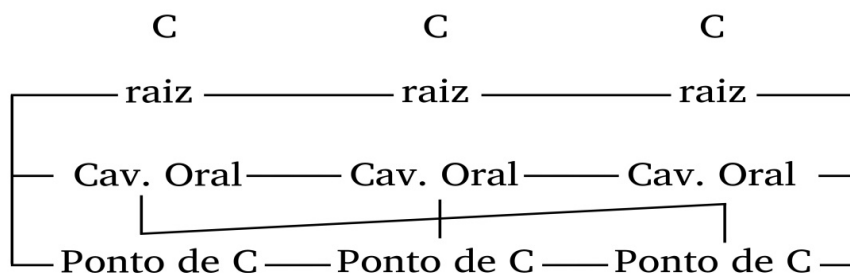
10b - Impossível no ponto de C



Fonte: Adaptado de Bisol (2005).

Aqui, interessa-nos as restrições que derivam do PNC, pois, podendo o mesmo ser dito acerca de consoante além de uma consoante, tal como representado na figura 11:

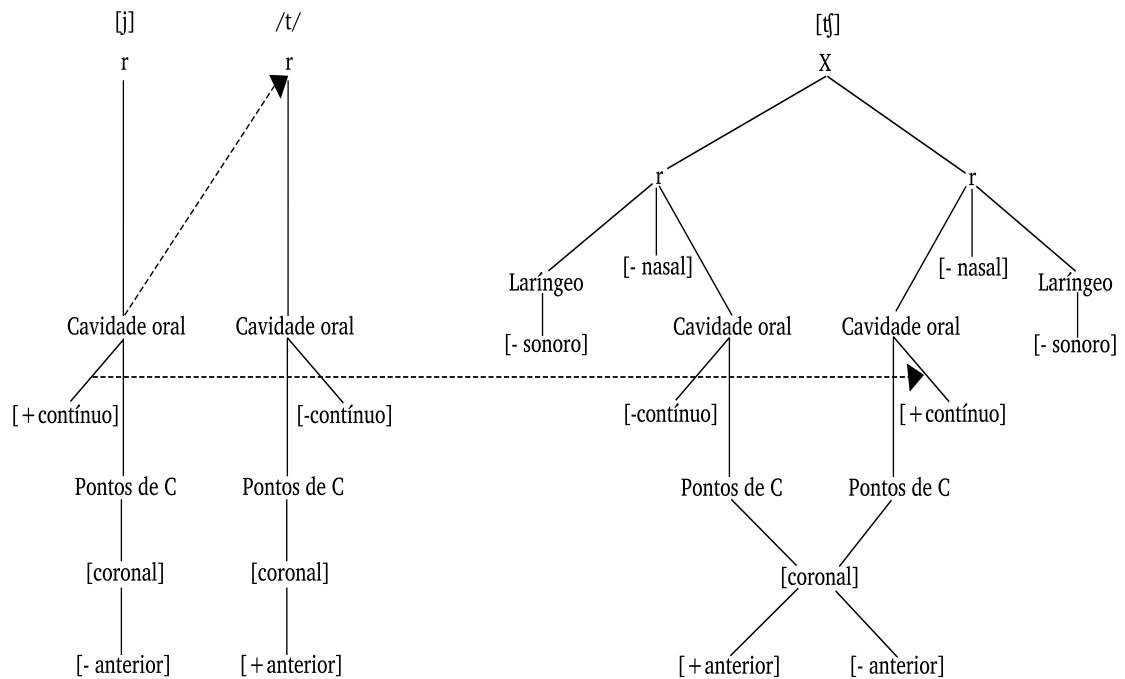
Figura 11 – Assimilação além de uma consoante



Fonte: Adaptado de Bisol (2005).

Somos obrigados a reconhecer que as realizações africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ] como resultado de espraimento progressivo de traços do aproximante palatal [j] precedente violariam o PNC, uma vez que, no nosso entendimento, para que os traços desse aproximante espraíem – do ponto de V [coronal/palatal, -anterior] – para as oclusivas [dental-alveolar] /t/ e /d/ – no ponto de C [coronal, +anterior] (HORA, 1990; BISOL e HORA, 1993) –, teríamos que reconhecer que, antes, o traço [+contínuo] do [j] precedente, teria cruzado o traço [-contínuo] da fase oclusiva [t...] ou [d...] já especificado no nó de cavidade oral, para enfim realizar a fase [+contínuo] das realizações [tʃ] ou [dʒ], tal como representado na figura 12:

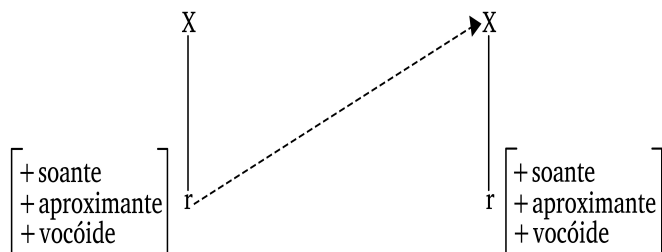
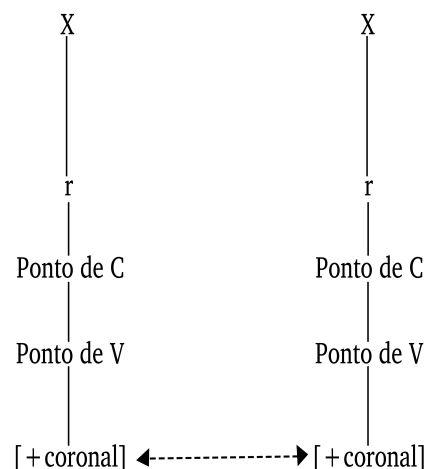
Figura 12 - Assimilação progressiva (esquerda – direita) dos traços [coronal, -anterior]



Fonte: Elaborada por Antônio Félix Souza Neto (2019).

Dito de outro modo, para que o aproximante palatal [j] precedente sirva de gatilho para o espreadimento/assimilação progressivo/a do traço [+contínuo] do aproximante palatal [j] precedente, o traço [+contínuo] do aproximante palatal [j] precedente precisaria cruzar o traço [-contínuo] da borda oclusiva das realizações africadas alveopalatais, para, enfim, realizar a borda fricativa [+contínuo] destes segmentos.

Outra restrição importante de processo de assimilação é encontrada em Clements e Hume (1995), quando estes discutem processos de “dissimilação”, ou formalmente “desligamento de traços ou nós”. De acordo com Clements e Hume (1995), uma melhor explicação acerca da “orfandade” de traços ou nós desligados vem do PCO (CLEMMENTS; HUME, 1995), originalmente proposto em trabalhos de Leben (1976) e Mc Carthy (1988). Segundo esse princípio, elementos adjacentes idênticos são proibidos, e isso inclui segmentos adjacentes idênticos e traços adjacentes idênticos na mesma camada. Pelo PCO está, portanto, proibida uma representação tal como na figura 13:

Figura 13a - Representação proibida**13b** - Representação proibida

Fonte: Adaptado de Bisol (1995).

Aqui, interessa-nos a restrição de traços e/ou autosegmentos adjacentes na mesma camada, pois, na representação do aproximante palatal [j], o traço [coronal] – comum aos segmentos [j] e [t] ou [d] – está no Ponto de V, ao passo que na representação das oclusivas [t] e [d], está no Ponto de C. Assim, seguindo o PCO, o traço [coronal] pode espriar do Ponto de V do segmento aproximante palatal [j] para ser assimilado no Ponto de C dos segmentos [t] ou [d], quando adjacentes. Por outro lado, o traço [-anterior] ([palatal]) próprio de [j] pode (mas não necessariamente deve) ser assimilado por [t] ou [d], desde que isso implique em mudança/conversão de ponto de articulação – para palatal – ou de ponto e modo, com articulações simultâneas, sendo uma delas [-anterior] ([palatal]).

6.3 Revisão Bibliográfica

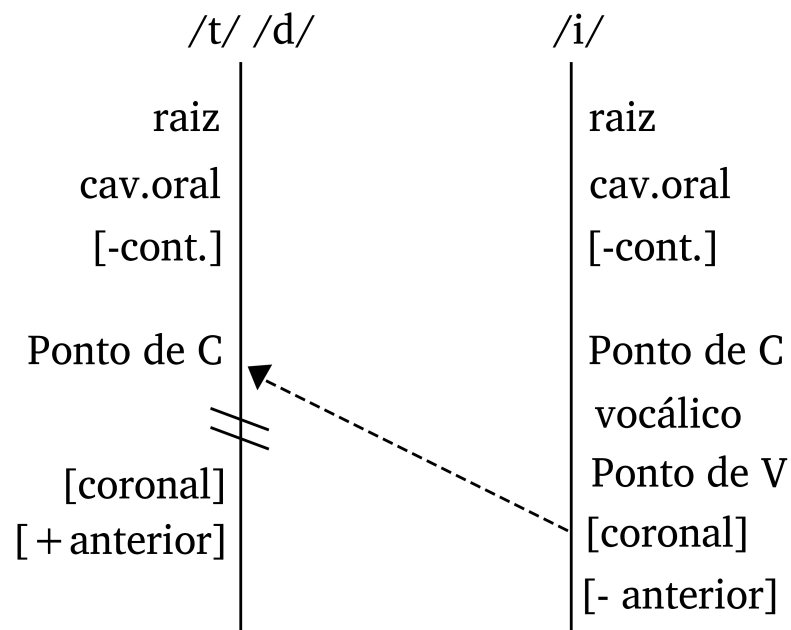
Nesta seção, fazemos uma revisão bibliográfica das realizações [tʃ] e [dʒ] nas referências teóricas e metodológicas da FA (tal como encontrada em Goldsmith (1995)) e da GT (tal como encontrada em Clements e Hume, (1995)), a partir dos estudos de Hora (1990), Bisol e Hora (1993), Souza Neto (2008, 2010, 2014, 2017) e Cardoso (2010), para então apresentarmos nossa proposta de interpretação daquelas realizações no PS.

6.3.1 Hora (1990) e Bisol e Hora (1993)

De acordo com Hora (1990), as realizações [tʃ] e [dʒ] no PB se constituem com palatalização. No seu entendimento, a palatalização resulta do espriamento do traço [coronal] do segmento (/i/) seguinte – que se aplicaria no vazio, posto que as oclusivas alveolares já se constituem com esse traço –, tendo o efeito de converter o traço [+ anterior] da oclusiva (/t/ ou /d/) em [-anterior].

Seguindo o modelo de representação da GT proposta por Clements e Hume (1990), na proposta de Hora (1990), o processo de assimilação regressiva (direita-esquerda) dos traços [coronal, - anterior] do segmento imediatamente à direita pode ser representado tal como na figura 14:

Figura 14 - Assimilação regressiva (direita – esquerda) dos traços da vogal



Fonte: Adaptado de Bisol (2005).

Conforme demonstrado na figura 14, o processo consiste do espriamento dos traços [coronal, -anterior] da vogal /i/ seguinte. Esses traços são espriados a partir do ponto de V, e são assimilados pelas consoantes /t/ ou /d/ no ponto de C. Ressaltamos que essa

representação se aplica ao processo de assimilação regressiva (direita-esquerda) dos traços [coronal, - anterior] do segmento vocálico /i/ imediatamente à direita, na mesma sílaba (tautossilábico).

Bisol e Hora (1993), em artigo que trata da “Palatalização da oclusiva dental e Fonologia Lexical”, informam que adotam o modelo não-linear da Fonologia, para descrever processos como o da palatalização “por meio de regras que lidam com traços independentemente, o que permite distinguir assimilação parciais de totais e captar a especificidade do processo.” Os autores informam ainda que, seguindo Clements (1991), consideram “que o ponto de articulação de vogais e consoantes são (*sic.*) definíveis pelo mesmo conjunto de traços, assim, por exemplo, [coronal] tanto especifica consoantes como vogais frontais [...]” (BISOL; HORA, 1993, p. 30). Bisol e Hora (1993, p. 31) observam ainda que cada regra fonológica tem um domínio próprio e, conforme prevê a teoria, todos os traços de um segmento devem estar representados em linhas de associação sob o domínio hierárquico da especificação estrutural. Em admitindo que “no português, as consoantes oclusivas coronais estão plenamente especificadas quando a palatalização acontece, comportando-se como regra que muda traço, ao invés de regra que constrói estruturas.”

Em que pese a orientação de sua abordagem vir da Fonologia Lexical, os autores apresentam o pressuposto de que “o processo de palatalização consiste no espraçamento do traço [+coronal], dominado pelo nó vocálico.” Para os autores, isto equivale ao espraçamento de traço menor/secundário. Acerca da palatalização das oclusivas /t/ e /d/, Bisol e Hora (1993) afirmam:

[...] Trata-se, pois, de espraçamento de traço secundário (ou de traços) que, ao ser assimilado pela **consoante [+coronal, +anterior] precedente**, provoca a mudança do traço que não combina com o assimilador e seus dominados. Nesse caso, o **[+anterior] da consoante converte-se em [-anterior]**, uma vez que todo vocálico é redundantemente [-anterior]. (BISOL; HORA, 1993, p. 31, grifo nosso).

Os autores ressaltam ainda que o domínio da palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ é a sílaba na qual ocorre (BISOL; HORA, 1993, p. 31).

Não obstante a interpretação de Bisol e Hora (1993, p. 31) – sob o argumento de que “[...] no português, as consoantes oclusivas coronais estão plenamente especificadas quando a palatalização acontece” –, entendemos que a conversão do traço [+anterior] da consoante

oclusiva (/t/ e /d/) em [-anterior] acarretaria mudança obrigatória de ponto da consoante resultante. Dito de outro modo, entendemos que a assimilação do traço [-anterior] da vogal adjacente converteria a consoante oclusiva (/t/ e /d/) em uma (palatalizada ou africada) [-anterior] (palatal), obrigatoriamente¹²².

Se Bisol e Hora (1993) seguem Clements e Hume (1995), o resultado final do processo no PVB pode ser:

- a) um “segmento complexo”, com “um nó de raiz caracterizado por pelo menos dois traços diferentes de articulador oral, representando um segmento com duas ou mais constrictões simultâneas no trato oral”; ou
- b) um “segmento de contorno”, isto é, “um segmento constituído de sequências (ou ‘contornos’) de traços diferentes” (CLEMENTS; HUME, 1996, p. 6-7).

Sendo “complexo”, os dois traços de articulação oral podem corresponder à participação de articuladores diferentes simultaneamente ([coronal] da língua e [alveolar] e [palatal] do palato duro). Sendo “de contorno”, as “sequências (ou ‘contornos’) de traços diferentes” podem corresponder ao mesmo articulador ([coronal] da língua e [palatal] do palato) ou a articuladores diferentes simultânea ou sucessivamente ([coronal] da língua e [alveolar] e [palatal] do palato duro).

Diferentemente de Bisol e Hora (1993), preferimos considerar a possibilidade de um contínuo [dental – alveolar – palatal] para as realizações de /t/ e /d/ no PS. E, diante da variabilidade inerente ao gesto articulatorio, julgamos prudente assumir, nesta tese, o ponto articulatorio médio – alveopalatal (correspondendo aos pontos de articulação [alveolar] da oclusão e [palatal] da fricção, seja simultânea, seja sucessivamente)¹²³. Entendemos que, somente os traços menores [-anterior, palatal] dos segmentos palatalizados ([t^j] e [d^j]) podem refletir o processo engatilhado por uma vogal /i/ seguinte, pois, somente a fase fricativa é compatível com espraiamento/assimilação (regressivo(a)) do traço [-anterior] dessa vogal. Ademais, a despeito da afirmação de que “no português, as consoantes oclusivas

¹²² Nosso entendimento encontra apoio na Fonética Articulatória (cf. LADEFOGED; JOHNSON, 2011, p. 234; cf. seção 5.3).

¹²³ Segundo Pike (1971, p. 33), uma africada pode se constituir como variedade retroflexa e frontal de [s] e [ʃ], podendo corresponder a eventos simultâneos ou sucessivos (cf. seção 5.1).

coronais estão plenamente especificadas quando a palatalização acontece [...]” (BISOL; HORA, 1993, p. 31), reiteramos aqui¹²⁴ que, nesta tese, apresentamos evidências de uma gramática do PS na qual as realizações africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ] têm propriedades fonêmicas/fonológicas contrastivas (capítulos 2, 6 e 8).

6.3.2 Souza Neto (2008, 2014)

Sob a orientação da FA (tal como proposta por Goldsmith (1995)) e seguindo o modelo da GT (tal como encontrada em Clements e Hume (1995)), demos uma interpretação generalizante do processo de palatalização das oclusivas /t/ e /d/, na variedade aracajuana do PB (SOUZA NETO, 2008, 2014). Essa interpretação deriva da falta de melhor juízo para explicar as realizações desses fonemas em função do contexto fonológico. Sob a influência da proposta de Hora (1990) e Bisol e Hora (1993), interpretamos o fenômeno da palatalização de /t/ e /d/ como resultante de espraçamento de traço da vogal /i/ adjacente (precedente ou seguinte). A motivação principal para tal generalização decorre da nossa constatação de que, nos dados de fala coletados na pesquisa de campo entre 2006 e 2008 (SOUZA NETO, 2014 [2008]), as realizações “palatalizadas” estavam restritas ao contexto adjacente (precedente ou seguinte) à vogal /i/. Outra motivação decorre da constatação de que, depois de ditongo do tipo vogal+[j], realizações africadas de /t/ e /d/ podem ocorrer com ou sem realização do aproximante [j] na superfície – tal como nas palavras ‘cuida’, ‘prefeita’, ‘oito’, que em Aracaju podem se realizar respectivamente como [ˈku.j.dʒɐ] ou [ˈku.dʒɐ], [pre.ˈfej.tʃɐ] ou [pre.ˈfe.tʃɐ], [ˈoj.tʃu] ou [ˈo.tʃu].¹²⁵ Nesses casos, as realizações africadas de /t/ e /d/ estariam sucedendo um processo de monotongação, devendo haver alguma correlação entre a monotongação e as realizações africadas de /t/ e /d/.

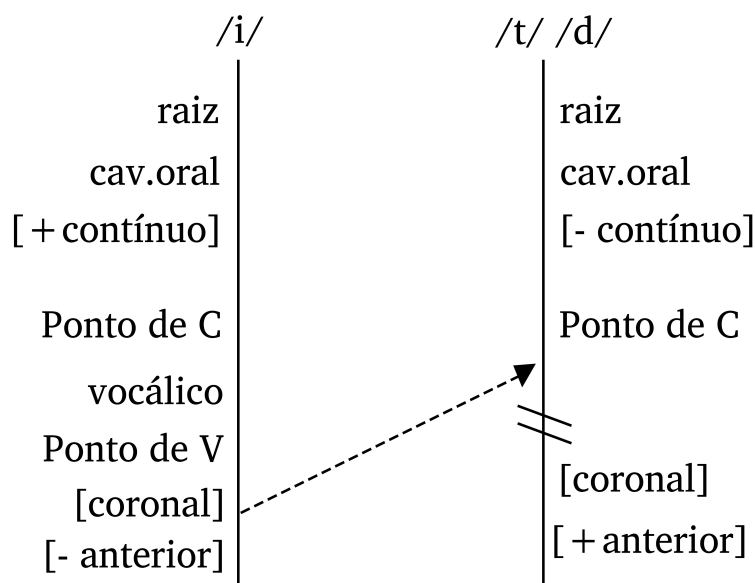
¹²⁴ Já havíamos afirmado isto em seção anterior, a despeito da observação de Sagey (1986, 1989) – “na maioria dos tipos de consoantes complexas, somente um grau de obstrução é distintivo; o outro é inteiramente previsível, e seu grau de obstrução não precisa ser especificado na representação.” (cf. subseção 6.2.3).

¹²⁵ De acordo com Bisol (1989 apud HORA, 2004), há uma tendência de apagamento do segundo elemento dos ditongos decrescentes quando aquele segue uma consoante palatal, por não causar prejuízo para o significado da palavra: “caixa” e “peixe” podem ser pronunciados como [ˈka.ʃɐ] e [ˈpe.ʃɐ], respectivamente, sem prejuízo para o significado. Para a autora, nesses casos, ocorre um processo de assimilação no qual o traço “alto” da consoante palatal é compartilhado pelos segmentos adjacentes.

Por isso, interpretamos o fenômeno da palatalização de /t/ e /d/ como engatilhado pela vogal /i/ adjacente, tendo como alvo as consoantes /t/ e /d/ (não restrito ao domínio da sílaba conforme preconizado por Hora (1990) e Bisol e Hora (1993)), e em ambas as direções, ou seja, como espraçamento (progressivo e regressivo) de traço da vogal /i/.

Portanto, foi por falta de melhor juízo que interpretamos as realizações (africadas) de /t/ e /d/ seguintes ao aproximante palatal [j] da sílaba precedente como “palatalização”, resultante do processo de assimilação progressiva. Foi por estarem restritas ao ambiente adjacente às realizações [i] ou [j] da vogal /i/, que entendemos tratar-se do mesmo processo em direções distintas (bidirecional), podendo, portanto, ser representadas, tal como na figura 15:

Figura 15 - Assimilação progressiva (esquerda – direita) dos traços da vogal



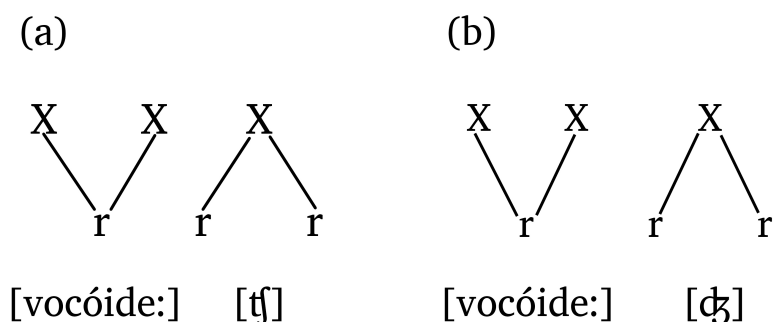
Fonte: Adaptado de Souza Neto (2008 [2014])

Conforme demonstrado na figura 15, em Souza Neto (2008, 2014), entendemos que o processo consistiria do espraçamento dos traços [coronal, -anterior] da vogal /i/ precedente. Esses traços seriam espraçados a partir do ponto de V, e assimilados pelas consoantes /t/ ou /d/ no ponto de C. Ressaltamos que, em nossa interpretação (SOUZA NETO, 2008, 2014), essa representação se aplicaria ao processo de assimilação progressiva (esquerda-direita) dos

traços [coronal, - anterior] do segmento vocálico /i/ imediatamente à esquerda, na sílaba precedente (heterossilábico).

Seguindo o modelo não-linear da FA, em Souza Neto (2008, 2014), entendemos que a ausência do aproximante [j] na superfície, por sua vez, não equivaleria ao apagamento dos seus traços, mas ao processo de espraiamento/assimilação de traços pelo segmento adjacente. A realização [j] ocorre seguindo uma vogal nos ditongos decrescentes do tipo vogal+[j]. Com a assimilação dos traços [coronal, - anterior] do aproximante [j] pelo segmento seguinte (à direita), todos os traços restantes desse aproximante se confundiriam com os traços da vogal que lhe antecede no ditongo monotongado. Disso decorrem interpretações tais como nas figuras em 16 a e b:

Figura 16 - Vogal longa e segmento de contorno adjacente



Fonte: Adaptado de Souza Neto (2014)

Por isso, em Souza Neto (2008, 2014), concluímos que as realizações africadas de /t/ e /d/ que sucediam o apagamento do aproximante palatal [j] poderiam ser interpretadas como “segmentos de contorno”, representados, por conseguinte, por [tʃ] e [dʒ], respectivamente. Contudo, teríamos que reconhecer dois outros processos envolvendo a palatalização de /t/ e /d/: o apagamento dos traços do aproximante palatal [j] e o alongamento da vogal adjacente. Por serem encontrados, em nossos dados de fala de aracajuanos, somente em ambiente adjacente à vogal /i/, preferimos interpretá-las como “segmentos complexos”, resultantes do processo de assimilação progressiva (esquerda-direita) dos traços [coronal, - anterior] daquele

segmento aproximante palatal [j] imediatamente à esquerda, na sílaba precedente (heterossilábico).

Uma das razões para tal interpretação decorreu do fato de o processo de monotongação, ou seja, apagamento do segundo elemento dos ditongos do tipo vogal+[j] serem encontrados, somente antes das realizações palatalizadas – em detrimento das realizações simples ([t] e [d]) –, pois, o processo de monotongação antes das realizações simples acarretaria mudança de significado (embora com pouca produtividade) na variedade aracajuana. Além disso, um segmento de contorno deve apresentar traços cujos sinais +/- se opõem desde a raiz, ao passo que o espriamento/assimilação de traços de que resulta a palatalização de /t/ e /d/ ocorre no ponto de C, conforme demonstrado na figura 15, e, portanto, não atinge a raiz do segmento assimilador a ponto de convertê-lo em um segmento com duas raízes.

Diferentemente da nossa interpretação em Souza Neto (2014 [2008]), nesta tese, reiteramos a interpretação apresentada em Souza Neto (2017), porque entendemos que simbolizar como realizações “palatalizadas” [t^j] e [d^j] o resultado de espriamento progressivo de traços do aproximante palatal [j] configuraria violação do PNC¹²⁶.

6.3.3 Cardoso (2010)

Em estudo sobre os processos de nativização/adaptação de termos ingleses usados no jargão da informática da língua portuguesa, Cardoso (2010) observa que o processo de palatalização /t/ e /d/ é também acionado quando o gatilho (a vogal /i/) está adjacente (antes e/ou depois).

Se isto ocorre, a palatalização (africação) progressiva não é um fenômeno idiossincrático ou restrito a uma variedade marginal, mas sim, faz parte do sistema fonológico/fonotático do PVB¹²⁷.

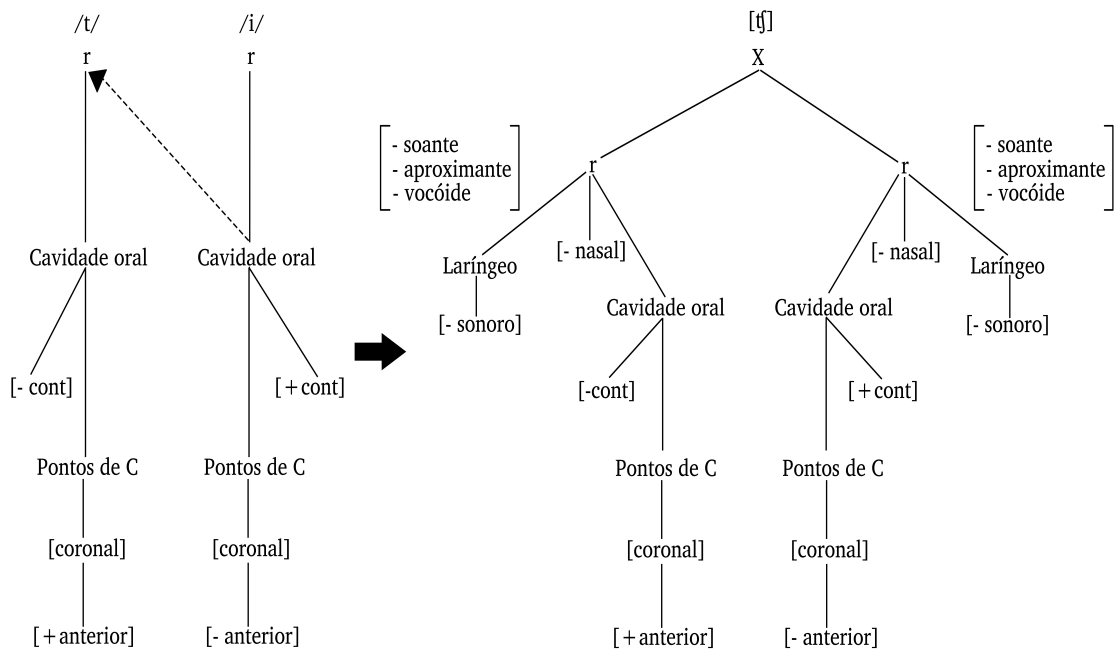
¹²⁶ Cf. seções 4.5, 4.6 e 4.12.

¹²⁷ Albano (2001), em seção que trata da “Africação de [t,d]”, apresenta esse fenômeno como indicador dialetal do Português do Brasil (PB). Segundo a autora: “[u]m dos indicadores dialetais importantes do PB é a ocorrência ou não de palatalização com fricção das oclusivas coronais diante de [i].” Albano (2001, p. 68).

Cardoso (2010, p. 81) constituiu seu *corpus* a partir da fala de alagoanos. O pesquisador apresenta exemplos de dados analisados no *corpus* de sua pesquisa, a partir da pronúncia de palavras como *notebooks* ([₁notʃi'bukis] – informante 5), *byte* ([₁bajtʃi] – informante 1) e *download* ([daw'lodʒi] – informante 1).

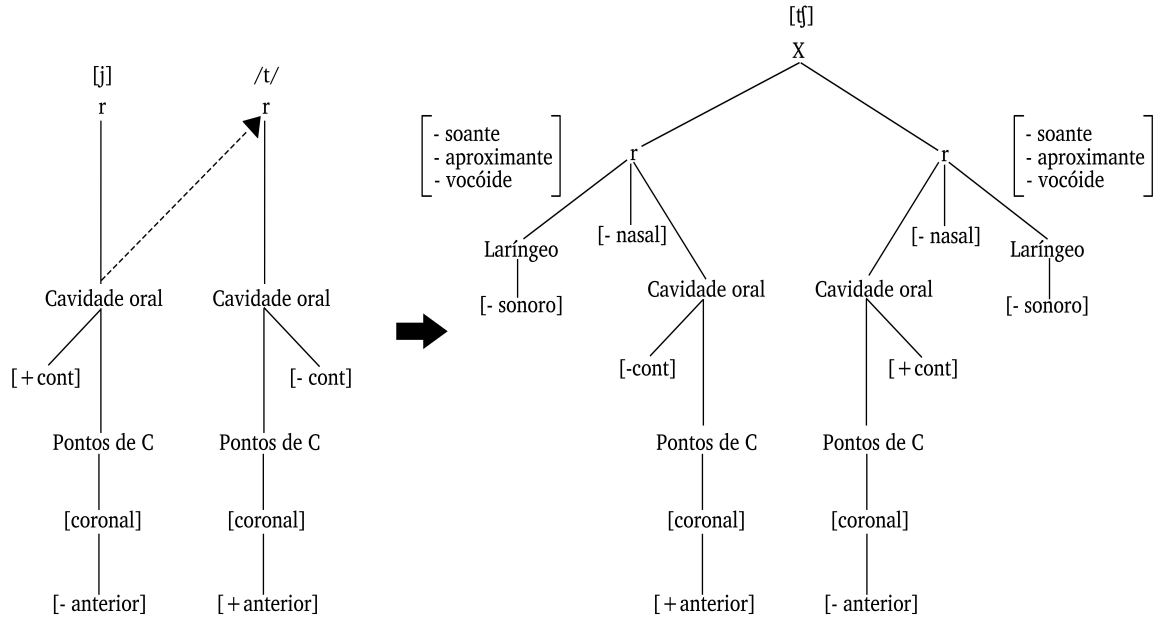
O autor da pesquisa em Alagoas entende a palatalização de /t/ e /d/, de modo semelhante ao que fizemos em Souza Neto (2014), como um processo de espraçamento de traço bidirecional (progressivo e regressivo). Não obstante, diferentemente da nossa (SOUZA NETO, 2014), Cardoso (2010) propõe outra interpretação. Segundo Cardoso (2010), “[o] processo de africacão ou palatalização de /t/ e /d/ antes de /i/ (espraçamento regressivo) ou depois de [j] (espraçamento progressivo), [...] que resulta em [tʃ] e [dʒ], respectivamente”, pode ser ilustrado pelos diagramas de 17 a 20:

Figura 17 - Diagrama do processo de africacão de /t / antes de /i /



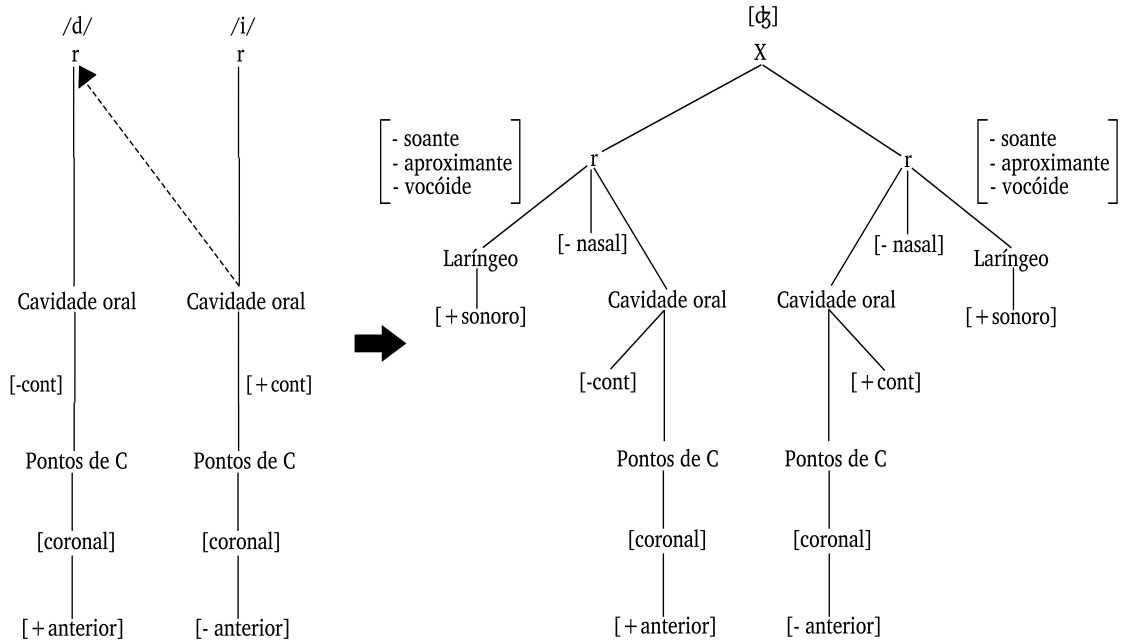
Fonte: Adaptado de Cardoso (2010).

Figura 18 - Diagrama do processo de africação de /t / depois de [j]



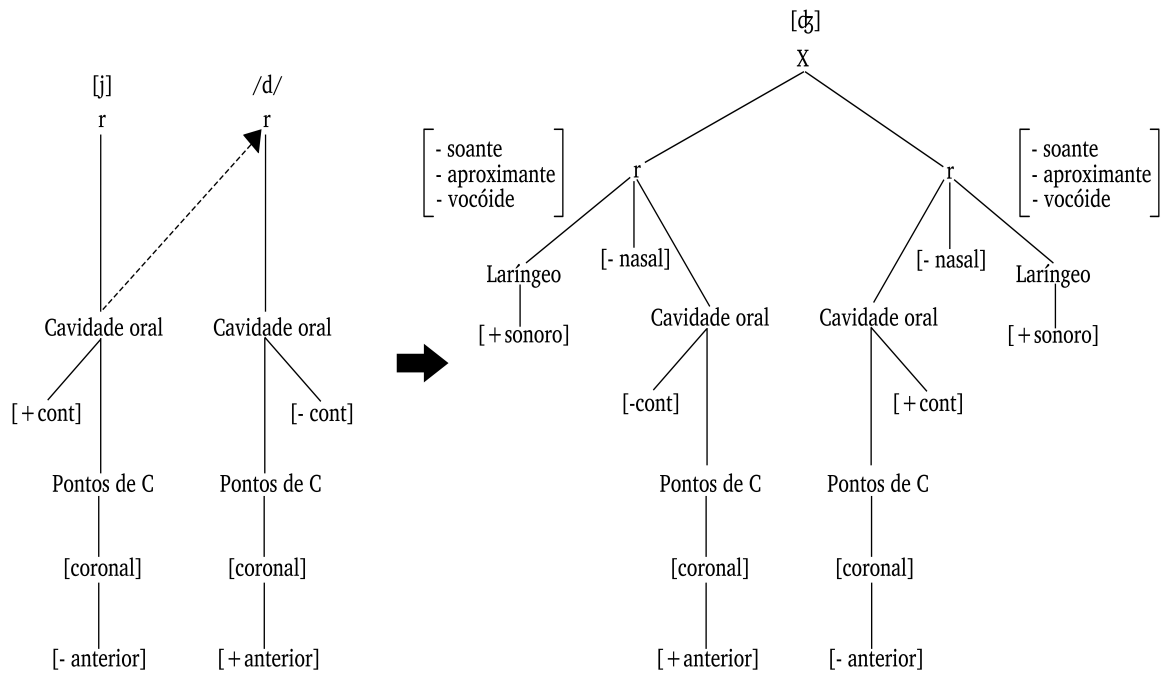
Fonte: Adaptado de Cardoso (2010).

Figura 19 - Diagrama do processo de africação de /d / antes de /i /



Fonte: Adaptado de Cardoso (2010).

Figura 20 - Diagrama do processo de africacão de /d/ depois de [j]



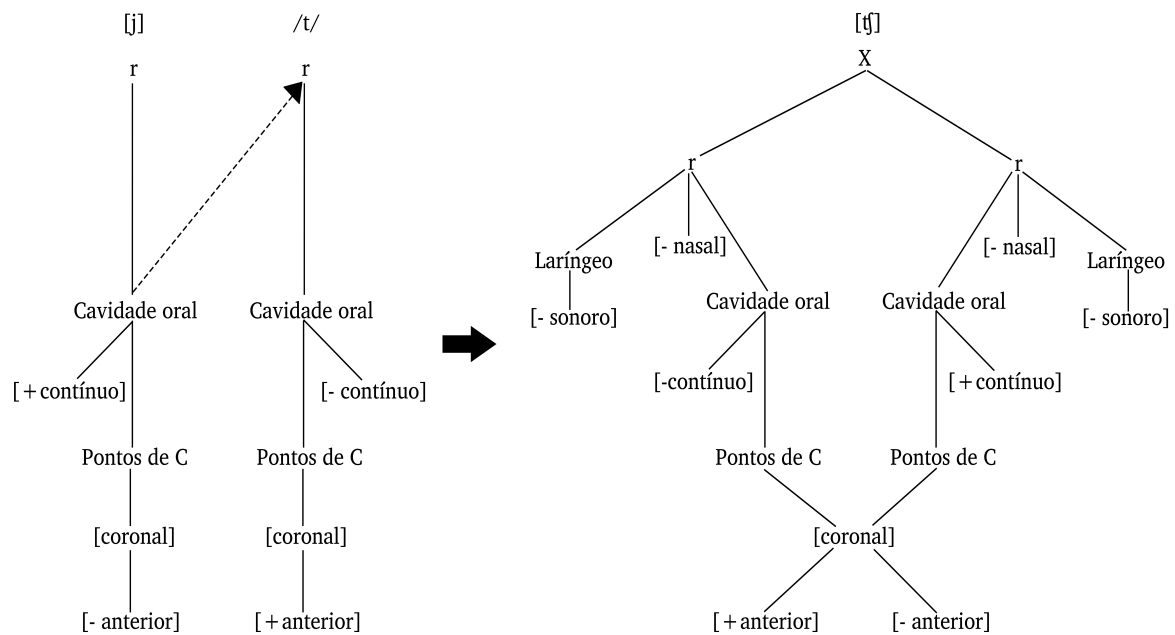
Fonte: Adaptado de Cardoso (2010).

Conforme demonstrado nas figuras de 17 a 20, Cardoso (2010) interpreta o processo de “africacão ou palatalizacão de /t/ e /d/ antes de /i/ (espraiamento regressivo) ou depois de [j] (espraiamento progressivo) [...]”, do que resultam “[tʃ] e [dʒ], respectivamente”, como espraiamento do nó da Cavity Oral (da vogal [i] seguinte ou do aproximante [j] precedente) para a raiz dos segmentos [t] ou [d], convertendo-os em um único segmento ([tʃ] ou [dʒ]) com duas raízes, cujas bordas se opõem pelos traços [-contínuo] (borda esquerda) e [+contínuo] (borda direita) (CARDOSO, 2010, p. 80-81).

Depreendemos das representacões nas figuras de 17 a 20 que Cardoso (2010) interpreta a “africacão ou palatalizacão de /t/ e /d/” como resultante do espraiamento de todos os traços solidários do nó da cavity oral diretamente para a raiz de /t/ ou /d/ adjacente. Essa proposta de Cardoso (2010) é coerente com a da FA, na forma concebida por Goldsmith (1995) e representada por Clements e Hume (1995), segundo a qual o espraiamento de traços a partir da raiz de um segmento pode atingir a raiz de outro segmento ((GOLDSMITH, 1995), (CLEMMENTS; HUME, 1995), (BISOL, 2005) entre outros).

Já reiteramos na subseção 6.3.2 nosso entendimento de que, simbolizar como realizações “palatalizadas” [tʲ] e [dʲ] o resultado de espriamento progressivo de traços do aproximante palatal [j] violariam o PCO (seção 4.6 e subseções 4.12 e 6.2.6). Por isso, nesta tese, à semelhança de Cardoso (2010), propomos a interpretação das realizações africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ], quando sucedendo o aproximante palatal [j], como “segmento de contorno”, resultante do espriamento de todos os traços solidários do nó da cavidade oral diretamente para a raiz de /t/ ou /d/ adjacente¹²⁸. Não obstante, por entendermos que o traço [coronal] é compartilhado¹²⁹ pelas duas fases da resultante [tʃ] e [dʒ], propomos as representações das figuras 21 e 22 que seguem:

Figura 21 - Assimilação progressiva (esquerda - direita) dos traços do aproximante [j]

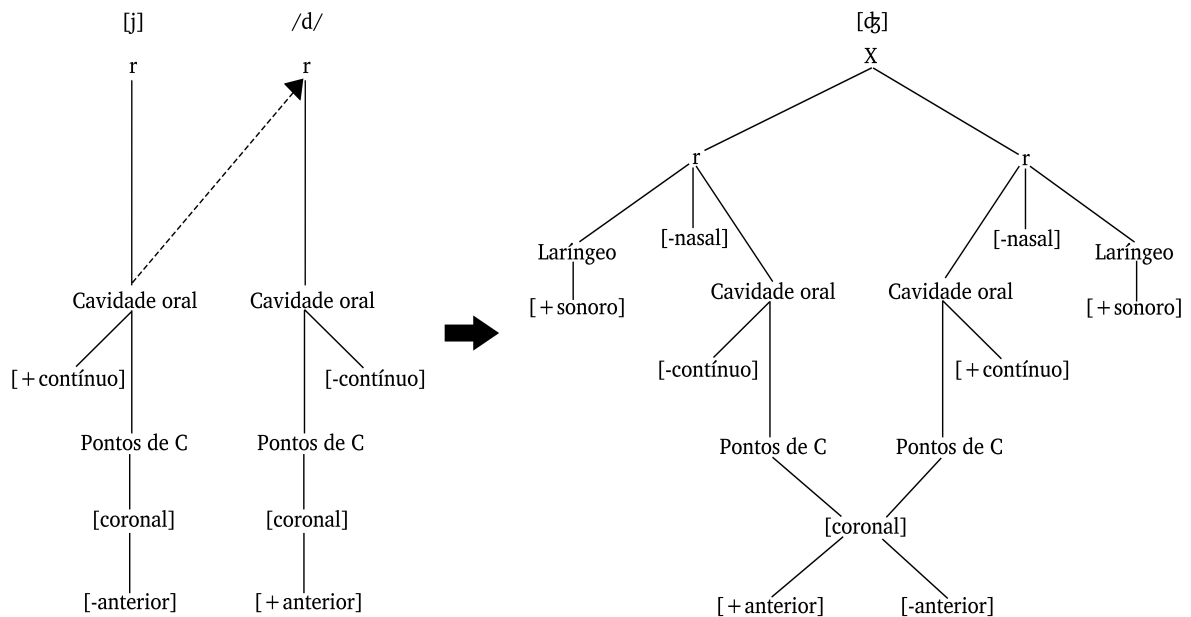


Fonte: Adaptado de Cardoso (2010).

¹²⁸ Pelo fato de o traço [+contínuo] (do segmento intruso [...ʃ] ou [...ʒ]) aparecer na borda direita (e não na esquerda) do segmento resultante [tʃ] e [dʒ], em conversa informal, o professor Dr. João Henrique Cardoso, chamou esse fato de “efeito espelho”.

¹²⁹ A especificação do traço [coronal] nas duas bordas adjacentes violaria o PCO (cf. seção 4.6 e subseções 4.12 e 6.2.6).

Figura 22 - Assimilação progressiva (esquerda - direita) dos traços do aproximante [j]

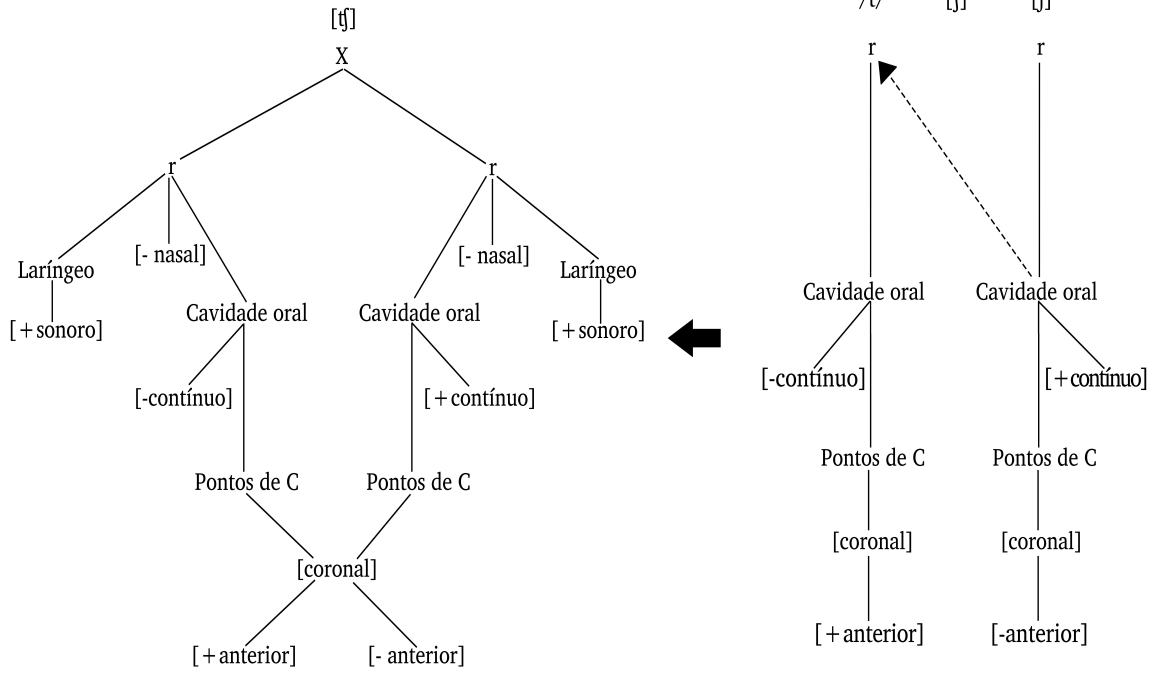


Fonte: Adaptado de Cardoso (2010).

Por outro lado, diferentemente de Cardoso (2010), por entendermos que somente a fase fricativa é compatível com espraçamento/assimilação/compartilhamento de traços do aproximante palatal [j], reconhecemos duas interpretações possíveis para as realizações africadas, quando em contexto precedente ao aproximante [j]:

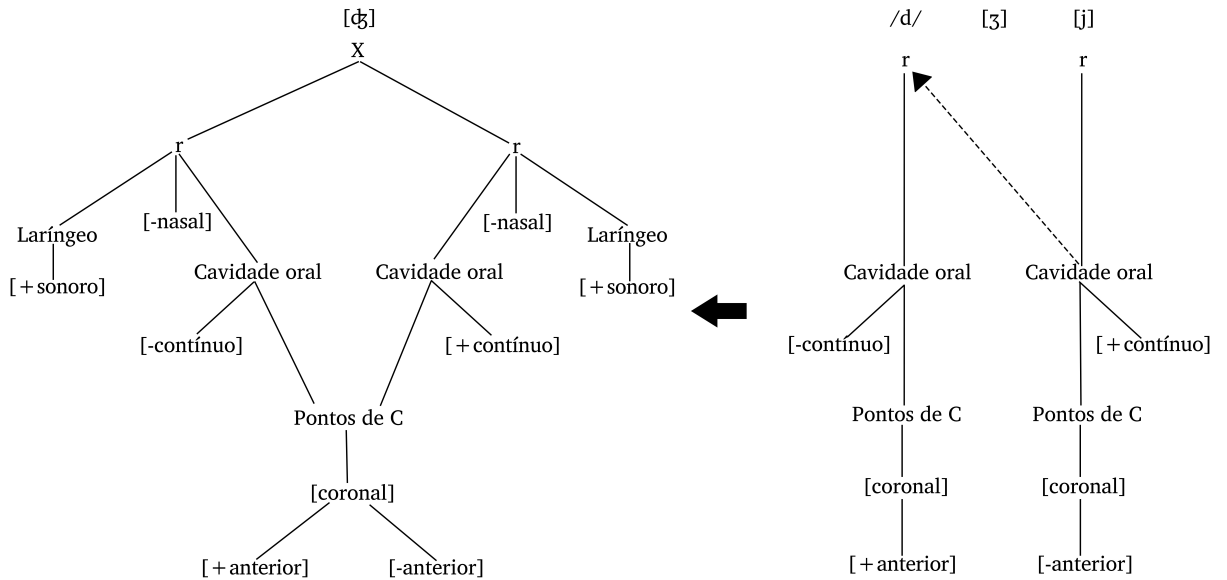
- como “segmento de contorno”, resultante do espraçamento de todos os traços solidários do nó da cavidade oral diretamente para a raiz de /t/ ou /d/ adjacente, gerando um segmento ([ʧ] ou [ʤ]) intruso, tal como representado nas figuras 23 e 24; ou
- como “segmentos complexos”, resultante de espraçamento dos traços [coronal, -anterior] do ponto de V do aproximante [j] para o ponto de C ainda não especificado, gerando uma articulação [palatal] menor, tal como representado nas figuras 25 e 26:

Figura 23 - Assimilação regressiva (direita - esquerda) dos traços do aproximante [j]



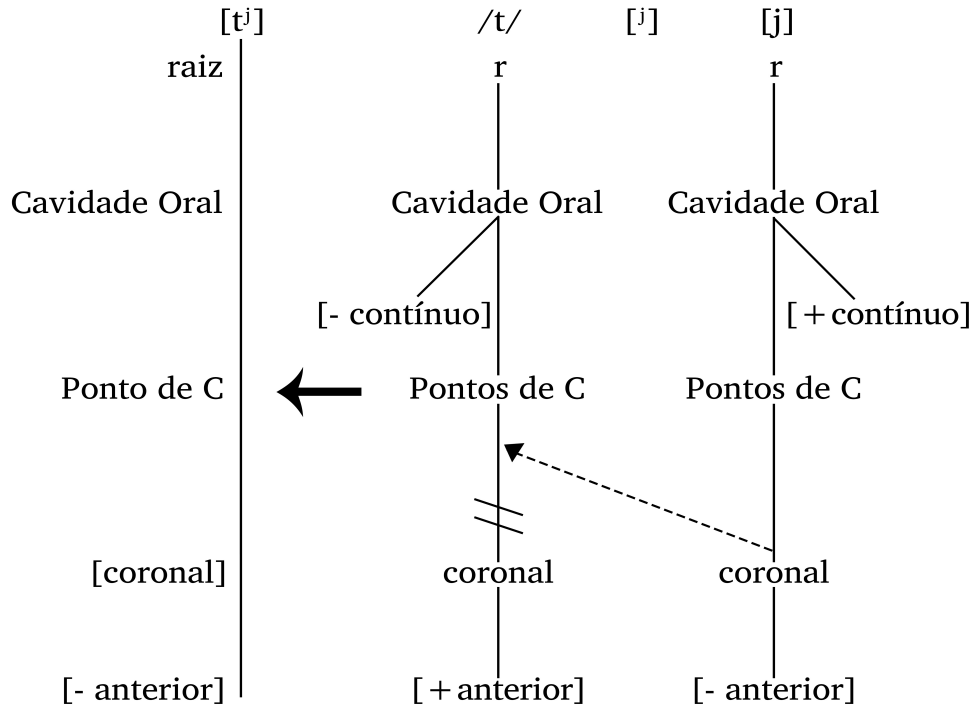
Fonte: Adaptado de Cardoso (2010).

Figura 24 - Assimilação regressiva (direita - esquerda) dos traços do aproximante [j]



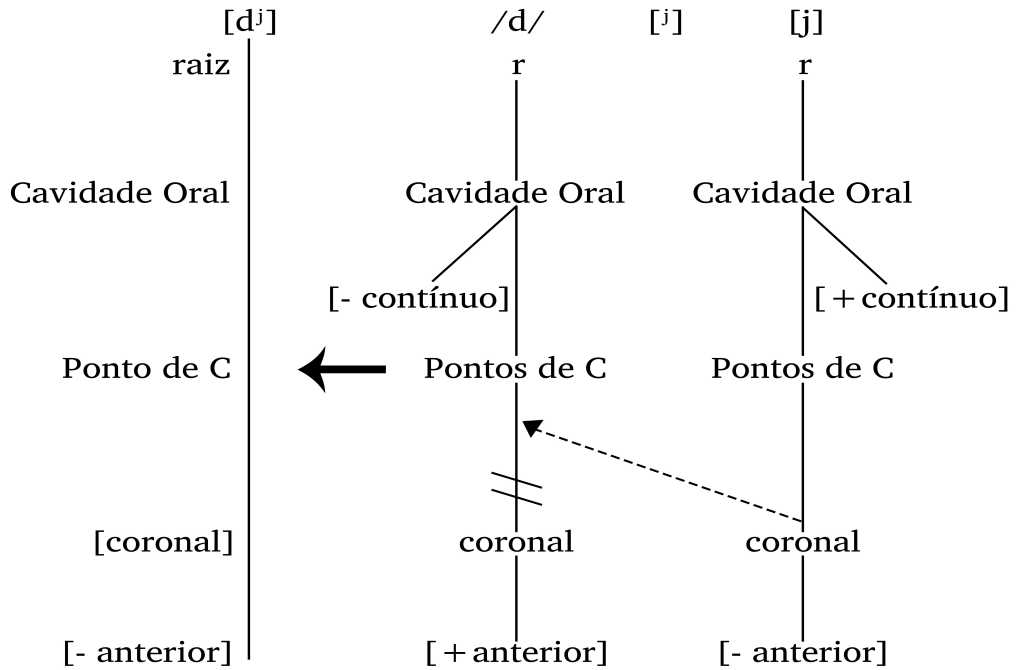
Fonte: Adaptado de Cardoso (2010).

Figura 25 - Assimilação regressiva (direita - esquerda) dos traços do aproximante [j]



Fonte: Elaborada por Antônio Félix Souza Neto (2019).

Figura 26 - Assimilação regressiva (direita - esquerda) dos traços do aproximante [j]



Fonte: Elaborada por Antônio Félix Souza Neto (2019).

Conforme demonstrado nas figuras 25 e 26, o espraçamento dos traços [coronal, -anterior] do ponto de V do aproximante [j] para o ponto de C ainda não especificado, gera uma articulação [palatal] menor, e tem como resultado um segmento [coronal, -anterior] – uma realização palatalizada ([t^j] e [d^j], segundo o IPA) ou uma africada [palatal] (mas não alveopalatal!).

Contudo, mesmo reconhecendo a pertinência das representações em 25 e 26 e suas implicações nas simbolizações formais ([t^j] e [d^j], segundo o IPA), para evitar confusão decorrente das interpretações possíveis das africadas alveopalatais no modelo da FA (seções 6.2.3 e 6.2.4) que adotamos nesta tese, preferimos simbolizar as africadas alveopalatais que investigamos no PS com [tʃ] e [dʒ]. Entre as motivações para tal preferência estão as seguintes:

- a) ainda que a palatalização e suas respectivas simbolizações ([t^j] e [d^j], segundo o IPA) lhes sejam equivalentes, em itens como “leite” e “cuide”, por exemplo, as representações [ˈle.j.t^jɪ] e [ˈku.j.d^jɪ]¹³⁰ violariam o PCO (seção 6.2.6);
- b) não simbolizar colisão de traço de articulação menor (a exemplo de palatalização e labialização) resultante de espraçamento/assimilação progressivo(a) com espraçamento/assimilação regressivo(a): em representações de itens como “leito” [ˈle.j.tʃʊ] e “cuido” [ˈku.j.dʒʊ], nos quais o/a espraçamento/assimilação progressivo(a) dos traços [coronal, -anterior] do aproximante palatal [j] podem coincidir com espraçamento/assimilação regressivo(a) do traço [+labial] da vogal /u/ (tal como em [ˈle.j.t^wʊ] e [ˈku.j.d^wʊ], que violam o PCO), as simbolizações [t^j] e [d^j] ensejariam [ˈle.j.t^jwʊ] e [ˈku.j.d^jwʊ];
- c) não precisar reconhecer uma hierarquia ou prioridade entre os processos de espraçamento/assimilação no domínio da sílaba (tautosilábico) e além deste domínio (heterossilábico), prevalecendo a progressivo(a) (a exemplo de [ˈle.j.t^jʊ] ou [ˈku.j.d^jʊ]) sobre a regressivo(a) (a exemplo de [ˈle.j.t^wʊ] ou [ˈku.j.d^wʊ]).

¹³⁰ Nesses contextos, embora seja tentador apontar a vogal nuclear [ɪ] como gatilho do processo do qual resultariam, nesta tese apresentamos evidências de que, na gramática dos sergipanos entrevistados, as realizações africadas alveopalatais ([tʃ] e [dʒ]) devem ser engatilhadas exclusivamente pelo aproximante [j] da *coda* (heterossilábico) ou do *onset* (tautosilábico) (cf seção 8.1).

Outrossim, as representações em 25 e 26 parecem corroborar a tese (da “palatalização no domínio da sílaba”) de Hora (1990) e Hora e Bisol (1993), exclusivamente no que concerne ao espraimento dos traços [coronal, -anterior] regressivo do ponto de V do aproximante [j] para o nó de cavidade oral.

Aqui mantemos o nosso entendimento de que o espraimento dos traços [coronal, -anterior] progressivo do ponto de V do aproximante [j] para o nó de cavidade oral poderia ser bloqueado pela fase oclusiva ou converter /t/ e /d/ em africadas palatais (mas não alveopalatais!).

É, portanto, da compatibilidade do conceito de coarticulação (antecipatória e preservatória) da Fonética Articulatória (cf. capítulo 5) com os de espraimento/assimilação da FA que derivam nossa interpretação das realizações africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ], quando nos contextos em que o aproximante palatal [j] de ditongo dos tipos vogal+[j] e [j]+vogal é esperado. É também da pertinência da influência dos contextos fonológicos que derivam as interpretações de espraimento/assimilação e, por conseguinte, dos “segmentos complexos” (representados por [tʃ] e [dʒ]) e dos “segmentos de contorno” (representados [tʃ] e [dʒ]).

No capítulo 7 que segue, apresentamos as bases teóricas e metodológicas da Fonética Acústica que adotamos nesta tese. É a Fonética Acústica que dá a dimensão empírica desta tese.

7 BASES TEÓRICAS DA FONÉTICA ACÚSTICA

Neste capítulo, apresentamos as bases teóricas e metodológicas da Fonética Acústica que fundamentam nossa análise fonética das realizações africadas alveopalatais ([tʃ] e [dʒ]) e dos contextos de sua realização, na variedade do PS que pesquisamos. Revisitamos as concepções de Ladefoged e Johnson (2011) que convergem com as propostas atualizadas de Kent e Read (2015), Barbosa e Madureira (2015) que adotamos aqui. Reiteramos também neste capítulo que nem todos os símbolos fonéticos estão sendo fiéis aos dos textos citados.

7.1 Ladefoged e Johnson (2011)

Em seção dedicada aos “formatos de ondas das consoantes” fornecidos pelos recursos tecnológicos para análise acústica da fala, Ladefoged e Johnson (2011) afirmam: “[o]s lugares de articulação não são óbvios em nenhuma forma de onda, mas as diferenças em alguns dos principais modos de articulação – oclusivo, nasal, fricativo e aproximante – são geralmente aparentes.”¹³¹.

Portanto, de acordo com Ladefoged e Johnson (2011), diferenças entre sons oclusivos, fricativos e aproximantes podem ser observadas em suas características acústicas. A partir de estudo da língua inglesa, os pesquisadores constataram o seguinte:

- a) oclusivas vozeadas apresentam picos correspondentes às vibrações das cordas vocais, ao passo que as desvozeadas apresentam uma linha plana;
- b) em uma sequência de uma vogal seguida de uma consoante oclusiva ocorre um curto silêncio seguido de um barulho comparável com uma plosão correspondente à realização da oclusiva.

Os foneticistas observam que a estrutura acústica de um som consonantal é muito mais complicada e complexa do que a estrutura de um som vocálico. Por isso, consoantes são identificadas com as estruturas que antecedem e com as estruturas que sucedem a realização de um som vocálico. Assim, é possível distinguir os sons consonantais naquilo que não

¹³¹ “The places of articulation are not obvious in any waveform, but the differences in some of the principal manners of articulation — stop, nasal, fricative, and approximant — are usually apparent.” (LADEFOGRD; JOHNSON, 2001, p. 17-18).

identifica um som vocálico, via de regra adjacente no PS. (LADEFOGRD; JOHNSON, 2011, p. 93, 198).

Dessa manifestação de Ladefoged e Johnson (2011), interessa-nos a possibilidade de identificar sinais acústicos – dos modos de articulação – compatíveis com as realizações africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ], no que estas se distinguem de vogais e, sobretudo, no que confere a [tʃ] e [dʒ] duas fases distintas: uma correspondente à oclusão e outra à fricção. De modo análogo, interessa-nos também a possibilidade de identificar as características acústicas do modo de articulação compatível com o aproximante [j] de ditongos dos tipos vogal+[j] e [j]+vogal, sobretudo no que este se distingue da vogal adjacente.

Quanto aos sons vocálicos, Ladefoged e Johnson (2011) informam que estes sons podem ser descritos, acusticamente, sob vários aspectos, dentre os quais os concernentes aos formantes. Segundo Ladefoged e Johnson (2011), “os três formantes mais baixos distinguem as vogais umas das outras”^{132 133}

Dessa descrição de Ladefoged e Johnson (2011), interessa-nos a possibilidade de identificar e distinguir as vogais a partir dos três primeiros (“mais baixos”) formantes, pois, em nossa análise acústica, descrevemos os contextos de ditongo ou monotongo adjacentes às realizações africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ], na variedade do PS pesquisada.

Em uma outra seção, ao se referirem aos ditongos, Ladefoged e Johnson (2011) assim se manifestam: “[p]or uma questão de conveniência, [os ditongos] podem ser descritos como movimentos de uma vogal para outra.”¹³⁴ Os autores afirmam ainda que “os ditongos não começam ou terminam com qualquer um dos sons que ocorrem em vogais simples.”¹³⁵ Ao observarem os ditongos da língua inglesa, os pesquisadores distinguem aqueles cujo primeiro elemento (silábico) é o mais proeminente – sendo o último elemento (assilábico) “tão breve e

¹³² “[...] the lowest three formants distinguish vowels from each other.” (LADEFOGRD; JOHNSON, 2011, p. 187).

¹³³ Ladefoged e Johnson lembram que as frequências dos formantes variam também com a configuração fisiológica dos órgãos que participam da fonação de cada falante. (LADEFOGRD; JOHNSON, 2011, p. 189).

¹³⁴ “As a matter of convenience, they can be described as movements from one vowel to another.” (LADEFOGED; JOHNSON, 2011, p. 92).

¹³⁵ “[...] the diphthongs often do not begin and end with any of the sounds that occur in simple vowels.” (LADEFOGED; JOHNSON, 2001, p. 92).

transitório que torna difícil determinar sua qualidade exata”¹³⁶ – daquele cujo último elemento (silábico) é o mais proeminente (LADEFOGED; JOHNSON, 2011, p. 92- 93). Ladefoged e Johnson (2011) afirmam que tratar o elemento menos proeminente dos ditongos como vogal ou como consoante é uma questão de interpretação, mas que tem implicações na organização dos padrões silábicos de qualquer língua.

Dessa manifestação de Ladefoged e Johnson (2011), interessa-nos:

- a) a possibilidade de identificar e distinguir ditongos como a um movimento de uma vogal para outra;
- b) sua concepção (fonotática) dos constituintes silábico e assilábico dos ditongos; e
- c) sua observação da maior proeminência do constituinte silábico relativamente ao assilábico dos ditongos.

Pois, a exemplo de Ladefoged e Johnson (2011) com os ditongos na língua inglesa, estamos considerando o segmento [vocoide] dinâmico e transitório, menos proeminente ou apagado parcial ou completamente – dos contextos do tipo [j]+vogal e vogal+[j], no PS – como aproximante palatal ([j]) assilábico¹³⁷.

7.2 Kent e Read (2015)

Em seção que trata de “DITONGOS E *GLIDES*”, Kent e Read (2015,) observam que ditongos e *glides* são interpretados como acusticamente semelhantes às vogais, diferindo particularmente no aspecto dinâmico – em detrimento do aspecto estacionário das vogais – da mudança no trato vocal, que pode ser identificada na transição de formantes. De acordo com os autores, a realização de um ditongo coincide com uma mudança na configuração articulatória, que resulta em mudança de padrão acústico. Segundo Kent e Read (2015, p. 87, grifo nosso e da edição), “[o]s ditongos e *glides* são associados com uma estrutura formântica em mudança gradual”.

Nessa manifestação de Kent e Read (2015), interessa-nos a possibilidade de identificar o segmento aproximante palatal [j] – dos contextos de ditongo dos tipos vogal+[j] e

¹³⁶ “In fact, the last part is often so brief and transitory that it is difficult to determine its exact quality.” (LADEFOGED; JOHNSON, 2001, p. 92).

¹³⁷ Já informamos, desde a INTRODUÇÃO desta tese, que nossa interpretação do segmento [j] como assilábico, na variedade do PS que pesquisamos, tem apoio nas concepções de Câmara JR. (1973, 2002, 2008) para o PB.

[j]+vogal – na mudança de padrão acústico, na transição de formantes e na “estrutura formântica em mudança gradual”. Nesses contextos, a ausência dessas marcas acústicas deve ser indício de apagamento do aproximante [j].

Em seção que trata das “CONSOANTES AFRICADAS”, os autores informam que as africadas podem ser identificadas com um silêncio (correspondente à obstrução/oclusão) seguido de turbulência (correspondente à fricção). Segundo os autores, “[b]asicamente, então, a descrição acústica das africadas implica uma descrição da parte oclusiva e uma descrição da parte de ruído” (KENT; READ, 2015, p. 277, grifo nosso).

Kent e Read (2015, p. 277, grifo nosso) dão pistas para a identificação das africadas, afirmando que “[o] intervalo de fricção para as africadas tende a ser mais curto do que para as fricativas”. Para reafirmar essa distinção das africadas, Kent e Read (2015) citam Howell e Rosen (1983), segundo os quais “as pistas acústicas para distinguir africadas de oclusivas são o *tempo de subida* da energia do ruído e a duração da fricção” (KENT; READ, 2015, p. 278, grifos da edição).

Nestas últimas manifestações de Kent e Read (2015), interessa-nos a possibilidade de identificar as realizações de [tʃ] e [dʒ] com um silêncio seguido de turbulência e seu tempo de duração – não especificamente para distingui-las de oclusivas e fricativas – porque, conforme anunciamos no capítulo 2 desta tese, estamos testando a hipótese de o apagamento do aproximante [j] coincidir com um alongamento compensatório das africadas [tʃ] e [dʒ]¹³⁸.

7.3 Barbosa e Madureira (2015)

A publicação de Barbosa e Madureira (2015) é de fundamental importância e se converte em referência indispensável para esta tese, especialmente por tratar-se de um “MANUAL DE FONÉTICA ACÚSTICA EXPERIMENTAL” com “APLICAÇÕES A DADOS DO PORTUGUÊS”, apresentando, entre outras coisas, estudos fonéticos de variedades do PB.

¹³⁸ Cf. capítulos 2 e 8.

Ao tratarem da segmentação dos sons da fala, Barbosa e Madureira (2015) informam sobre os princípios norteadores dessa tarefa de segmentar a fala em unidades fonéticas (segmentos fônicos). Segundo os autores, esses princípios são os seguintes:

1. as características fonéticas dos segmentos fônicos diferem de acordo com o contexto prosódico em que estão inseridos e, em um mesmo contexto prosódico, podemos constatar também variação intra e intersujeitos em relação à gradiência de um fenômeno [...];
2. a fala é coproduzida, ou seja, os segmentos da fala não são produzidos separadamente;
3. a variação dos parâmetros acústicos é contínua;
4. os limites entre sons adjacentes são impossíveis de ser identificados do ponto de vista auditivo;
5. a inspeção da forma de onda permite detectar as alterações ocorridas nos segmentos da fala ao longo do tempo, e o espectrograma de banda larga permite visualizar as características formânticas, a presença de ruídos transientes e contínuos, a barra de sonoridade, as transições de formantes [...]. (BARBOSA; MADUREIRA, 2015, p. 169-170).

Desses princípios apresentados por Barbosa e Madureira (2015), interessam-nos para esta tese:

- a) a pertinência dos aspectos contextuais, pois, em nossa análise quantitativa (estatística/probabilística) (seção 8.2), estamos considerando efeitos de aspectos segmentais e suprasegmentais sobre as ocorrências das africadas;
- b) a coprodução dos sons da fala, pois, seguindo o entendimento da Fonética Articulatória (BARBOSA; MADUREIRA, 2015, p. 48), estamos interpretando as realizações africadas [tʃ] e [dʒ] também como resultantes da coarticulação (de traços) do aproximante [j] com as oclusivas [t] e [d] (seção 5.5);
- c) as variações, sobretudo na duração das realizações de [tʃ] e [dʒ] (na presença e na ausência do aproximante [j] adjacente), pois, estamos testando a hipótese de a ausência (por apagamento) do aproximante [j] adjacente coincidir com o alongamento compensatório de [tʃ] e [dʒ] (capítulo 2 e seção 8.2);
- d) a impossibilidade de identificar de ouvido os limites entre sons adjacentes, porque (apesar de partirmos de oitivas impressionísticas das gravações das entrevistas sociolinguísticas (seções 2.3 e 2.4)), em atendimento a esse princípio, nossa análise acústica consiste da identificação dos sinais acústicos dos segmentos investigados (até

mesmo o apagamento do aproximante [j]), a partir das imagens disponibilizadas pelo *software* PRAAT (seção 8.1).

Segundo Barbosa e Madureira (2015), “os sons implosivos ou transientes, *burst* em inglês, são sons de duração extremamente curta para nossa orelha (menores ou da ordem de poucas dezenas de milissegundo)” (BARBOSA; MADUREIRA, 2015, p. 69, grifo da edição).

Em subseção que trata da segmentação de oclusivas, Barbosa e Madureira (2015) destacam aspectos acústicos – “o silêncio” correspondente à obstrução e “o ruído transiente” correspondente à plosão, respectivamente. Segundo os autores, “[s]egmentar uma oclusiva compreende, portanto, contemplar esses eventos acústicos: silêncio de oclusão/barra de vozeamento, ruído transiente e transição até o início da vogal” (BARBOSA; MADUREIRA, 2015, p. 174).

Em seção que trata da segmentação de fricativas, Barbosa e Madureira (2015, p. 176) assim se manifestam: “são sons [...] cujo resultado acústico é o ruído contínuo”.

Depois de tratarem da segmentação de oclusivas e fricativas, Barbosa e Madureira (2015) tratam da segmentação das africadas. Segundo Barbosa e Madureira (2015, p. 176), na segmentação das consoantes africadas – “sons que se iniciam como oclusivos e terminam como fricativos [...]” –, “os eventos acústicos contemplados na sua segmentação compreendem a sequência de silêncio ou barra de sonoridade, no caso dos vozeados, ruído transiente e ruído contínuo”.

Nessas manifestações de Barbosa e Madureira (2015), interessa-nos a possibilidade de, a partir dos sinais acústicos, segmentar as fases sucessivas que compreendem a realização das africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ]:

- a) silêncio de oclusão (e barra de vozeamento), ruído transiente e transição;
- b) ruído contínuo.

Ao tratarem do modelo de Tubo Acústico, Barbosa e Madureira (2015, p. 116) observam que é possível prever para as oclusivas que, devido à grande pressão por trás do ponto de constrição, durante a fase de soltura, a configuração do trato vocal favorece a geração de turbulência e de ruído transiente equivalente ao da fricativa homorgânica. Assim, o

ruído transiente da soltura na realização de uma oclusiva alveolar [t, d] é compatível com o de sua contraparte fricativa alveolar [s, z], do mesmo modo que o ruído transiente da soltura na realização de uma oclusiva pós-alveolar [c, ʃ] é compatível com o de sua contraparte fricativa alveolar [ʃ, ʒ].

Essa concepção de Barbosa e Madureira (2015) acerca da fase de soltura de uma constrição é de fundamental importância para esta tese, pois, é dela que deriva nossa interpretação da fase de turbulência/ruído da realização africada alveolar desvozeada [tʃ], na variedade do PS pesquisada. Estamos interpretando a realização africada alveolar desvozeada [tʃ] como provável reflexo da pressão por trás do ponto de constrição, durante a fase de soltura da oclusiva ([t]), cuja configuração do trato vocal, com coarticulação preservatória ou antecipatória de um segmento vocoide ([- anterior]) imediatamente adjacente, favorece a geração de turbulência/ruído transiente equivalente ao da fricativa homorgânica.¹³⁹

O mesmo não dizemos das africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ], pois, em que pesem os efeitos acústicos da pressão por trás do ponto de constrição durante a fase de soltura de uma oclusiva, estamos interpretando a fase de turbulência (ruído) das realizações africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ]:

- a) como reflexos acústicos de coarticulação antecipatória ou preservatória (de traços) do segmento aproximante palatal [j] (quando em contexto de ditongo dos tipos vogal+[j] e [j]+vogal) (seção 8.1); e
- b) como uma realização plena (quando nos demais contextos¹⁴⁰) (seção 8.1).

Seguindo a Teoria da Perturbação e a Teoria Acústica Padrão, Barbosa e Madureira (2015) observam acerca dos movimentos às margens das vogais que, por efeito de coarticulação com oclusivas,

[...] o movimento numa transição de articulação alveolar consonântica para uma vogal depende do ponto de articulação da vogal: o movimento é de subida de F2 e F3 se a vogal é anterior, de descida de F2 e F3 se a vogal é posterior e de movimento pouco inclinado se a vogal é central. Para articulações pós-alveolares pós-vocálicas, ao final da vogal ocorre o movimento inverso dos formantes: de descida de F2 e F3

¹³⁹ Embora não conste em nossos dados, diga-se o mesmo da sua contraparte vozeada [dz].

¹⁴⁰ Em nossos dados, há somente uma exceção: a palavra “sitinho” [sĩ. 'tʃĩw̃] (cf. seção 8.1).

se a vogal é anterior, de subida de F2 e F3 se a vogal é posterior e de movimento pouco inclinado se a vogal é central. (BARBOSA; MADUREIRA, 2015, p. 117).

Em nota de rodapé, os autores informam que “esse comportamento se dá às margens das vogais para outras consoantes alveolares [...]” (BARBOSA; MADUREIRA, 2015, p. 117).

Essas observações de Barbosa e Madureira (2015) nos interessam na medida em que, seguindo a Teoria da Perturbação e a Teoria Acústica Padrão, em nossa análise acústica, nos contextos de ditongo nos quais o aproximante palatal [j] é apagado da superfície, consideramos os movimentos de subida e descida dos formantes mais baixos (F1, F2, F3), para a identificação da qualidade da vogal monotongada – em sua transição para [t] e [d] e destas últimas para aquela.

Em subseção que trata da segmentação de aproximantes, Barbosa e Madureira (2015, p. 180) observam que esses sons são “produzidos com aproximação entre os articuladores, formando uma passagem para a corrente de ar que não é suficientemente estreita para provocar turbulência [...]”. Na identificação visual desses sons, deve-se observar que “[h]á predominância na parte baixa do espectro [...]”.

Aqui, interessa-nos a possibilidade de identificação do segmento aproximante palatal [j] com um sinal acústico em movimento, com “predominância na parte baixa do espectro”.

Barbosa e Madureira (2015) ressaltam ainda que, na segmentação de ditongos e tritongos, “não há necessidade de separar os constituintes que os formam, embora seja possível se estabelecer critérios para fazê-lo, como, por exemplo, identificar os pontos nos quais se verifica uma mudança nas trajetórias dos segundos formantes”.

Em subseção que trata da segmentação de vocóides, Barbosa e Madureira (2015) observam que esses sons “são fáceis de visualizar no espectrograma de banda larga, pois seus formantes têm mais energia do que os outros sons ressoantes e apresentam um período estático”¹⁴¹. Os autores destacam a dificuldade de “delimitar os seus limites finais (*offsets*),

¹⁴¹ Apesar dessa constatação, Barbosa e Madureira (2015) recorrem à Teoria de Tubos para explicar as ondas estacionárias correspondentes às vogais. Os autores informam que “[a]s ondas estacionárias são chamadas de formantes.” (cf. BARBOSA; MADUREIRA, 2015, p. 80). E, embora informem que os formantes e o período estático identifiquem as vogais, ressaltam que as ondas estacionárias (ou formantes) se aplicam não somente a sons vocálicos, mas também a consonantais. Os foneticistas advertem que somente os sons bilabiais e os

principalmente antes de pausa silenciosa, visto que, frequentemente, nesses *offsets* ocorre mudança de configuração vocal que afeta a qualidade da vogal.” Barbosa e Madureira (2015) informam que entre “os princípios norteadores para delimitar os *offsets* vocálicos, pode-se observar conjuntamente a diminuição da amplitude da onda e a visibilidade do segundo formante (até que ponto no tempo esse formante ainda é visível)” (BARBOSA; MADUREIRA, 2015, p. 180 - 181, grifo da edição).

Nessas manifestações de Barbosa e Madureira (2015), interessa-nos a possibilidade de segmentação de ditongos a partir do critério da mudança na trajetória do segundo formante, pois, nossa análise acústica inclui identificação do aproximante palatal [j] (bem como o apagamento deste) em ditongo dos tipos vogal+[j] e [j]+vogal.

Acerca das vogais átonas, Barbosa e Madureira (2015) informam que “[a]lém de redução duracional, as vogais átonas estão sujeitas a outros processos fônicos, como desvozeamento”. De acordo com os autores, é a duração o fator que mais distingue os valores maiores de uma vogal pré-tônica relativamente a sua correlata pós-tônica.¹⁴² (BARBOSA; MADUREIRA, 2015, p. 146).

Ao tratarem dos sinais acústicos da frequência fundamental das vogais, Barbosa e Madureira (2015, p. 146) afirmam: “o padrão de estrias horizontais, os harmônicos da fundamental, sobe ligeiramente ao final da vogal tônica e desce durante a vogal pós-tônica.”

Essas observações acerca dos sinais acústicos das vogais em função de seus aspectos prosódicos nos interessam porque, tanto em nossa análise acústica (cf. seção 8.1) quanto em nossa análise quantitativa (estatística/probabilística) (cf. seção 8.2.), consideramos aspectos das vogais (adjacentes às realizações africadas [tʃ] e [dʒ]) tais como vozeamento, tonicidade e intensidade da sílaba em que se realizam.

Ao tratarem da segmentação dos sons das línguas, Barbosa e Madureira (2015) observam que, não obstante a variação própria da fala, a frequência fundamental identifica os

labiodentais, segundo a teoria de tubos, por serem exteriorizados sem passar por um tubo, não produzem formantes. (cf. BARBOSA; MADUREIRA, 2015, p. 92).

¹⁴² Embora no escopo desta tese não consideremos medidas de frequência dos segmentos, informamos que, a partir de testes com frase veículo, em contexto precedente a uma oclusão velar desvozeada, os autores observam ainda que, os valores de frequência das vogais pós-tônicas diminuem na direção anterior-posterior: nesse contexto, por exemplo, diminuem as frequências na direção de [ɪ] para [ʊ], sendo a vogal pós-tônica baixa [ɐ] aquela que apresenta maior valor de frequência nessa posição (BARBOSA; MADUREIRA, 2015, p. 266).

sons vozeados. Segundo Barbosa e Madureira (2015, p. 79-80), “[a] frequência fundamental pode variar para um mesmo falante por uma série de fatores, tanto linguísticos quanto paralinguísticos e extralinguísticos.” Os autores afirmam que “[a] frequência fundamental também varia entre diferentes falantes para situações semelhantes, por conta da massa e características de controle da vibração das pregas vocais de cada pessoa.”

Ao tratarem da razão entre comprimento, velocidade, frequência de onda etc., segundo a teoria de tubos, os autores ressaltam que “[q]uanto menor o comprimento do trato, maiores os valores das frequências dos formantes. Seus valores absolutos refletem simultaneamente aspectos fisiológicos (tamanho do trato) e aspectos linguísticos (relação entre os valores de frequência dos formantes)” (BARBOSA e MADUREIRA, 2015, p. 91).

Segundo Barbosa e Madureira (2015, p. 92), “os formantes são padrões potenciais de vibração obtidos pela criação de ondas estacionárias no trato vocal que dependem unicamente das dimensões do trato ressoante, o trato vocal.”

Aqui, interessa-nos a variação da frequência fundamental devida a fatores linguísticos, paralinguísticos e extralinguísticos, pois, nosso *corpus* foi constituído de dados:

- a) de fala espontânea de pessoas idosas: 60 anos acima;
- b) a partir de entrevistas sociolinguísticas (seção 3.2).

Por isso, nos sinais acústicos que analisamos, consideramos as variações de frequência fundamental nos vocóides como provável decorrência desses fatores. Isto se converte em motivação para nossa análise quantitativa (estatístico/probabilístico) nesta tese (seção 8.2).

Barbosa e Madureira (2015) apresentam uma proposta de leitura dos sinais acústicos na análise. As recomendações dos autores para guiar o olhar do analista na leitura das imagens dos sons nas plotagens para vocóides, oclusivas e fricativas são as seguintes:

1. vogais: observar o formato da onda e a regularidade dos padrões (periodicidade); no espectrograma de banda larga, observar a estrutura formântica (os dois ou três primeiros formantes que determinam a qualidade da vogal);
2. oclusivas: considerar o período de silêncio, a barra de sonoridade no caso das oclusivas vozeadas, o ruído transiente (plosão) e o intervalo de tempo até o início do primeiro pulso regular das vogais que as seguem;

3. fricativas: considerar o intervalo de ruído contínuo e a presença (sons vozeados) ou ausência de barra de sonoridade (sons não-vozeados). (BARBOSA; MADUREIRA, 2015, p. 169-171).

Embora sua proposta não refira especificamente a realizações africadas, essas recomendações de Barbosa e Madureira (2015) nos serviram na identificação dos sinais acústicos das vogais monotongadas e dos segmentos em duas fases (oclusiva e fricativa) compatíveis com [tʃ] e [dʒ].

Sobre a propriedade estacionária de alguns sons da fala nos sinais acústicos, Barbosa e Madureira (2015) afirmam:

[...] há estacionariedade espectral em sons longos, como vogais tônicas, fricativas e soantes, mas não em ditongos, visto que, nesse caso, há mudança espectral de vogal para semivogal, bem como em vogais muito curtas, como pós-tônicas, e com algumas consoantes, como oclusivas. (BARBOSA; MADUREIRA, 2015, p. 152).

Ao tratarem das “CARACTERÍSTICAS BÁSICAS DA PRODUÇÃO DAS VOGAIS E DOS DITONGOS ORAIS DO PORTUGUÊS”, Barbosa e Madureira (2015) afirmam que

[...] Para vogais distintas, configurações de trato diferentes geram acusticamente formantes com amplitudes, larguras de banda e frequências distintas. Para o ditongo, formado por uma vogal e uma semivogal, o que muda na produção é que, além da configuração assumida para a vogal, durante o segmento semivocálico a língua muda rapidamente para uma configuração próxima à da vogal homorgânica. [...]. Na maior parte das vezes, esse movimento durante a semivogal não tem região estacionária [...]. (BARBOSA; MADUREIRA, 2015, p. 236, grifo nosso).

Ao compararem o PB e o PE, Barbosa e Madureira (2015) constatam ainda que, na monotongação de ditongos, as estrias correspondentes aos primeiros formantes (F1 e F2) seguem um padrão estacionário. Ao analisarem as realizações da palavra “pouco” na frase veículo “Digo pouco baixinho”, os autores apresentam uma ilustração da realização motongada [ˈpo.ku] em um “espectrograma de banda larga com traçado LPC superposto”, a partir do qual constatam que

[...] a vogal [o] tem um padrão estacionário para os dois primeiros formantes. Não há qualquer indício de um movimento de formantes à margem direita do trecho associável a uma semivogal em sua margem direita. (BARBOSA; MADUREIRA, 2015, p. 282).

Aqui, interessa-nos em Barbosa e Madureira (2015) a propriedade estacionária das vogais e a ausência dessa propriedade em vogais curtas, pós-tônicas, ditongos e oclusivas;

interessa-nos também as diferenças acústicas decorrentes de configurações de trato diferentes, pois, nossa análise acústica inclui comentários desses aspectos nos segmentos que investigamos no PS.

Ao tratarem de aspectos prosódicos que podem interferir na segmentação, Barbosa e Madureira (2015) advertem:

[...] a realização de um pico de duração numa sílaba lexicalmente acentuada normalmente afeta algumas sílabas anteriores contíguas, mesmo em outras palavras fonológicas, sem que essas sílabas sejam percebidas como proeminentes. Essas sílabas não proeminentes têm, em geral, sua duração aumentada nessa situação, aumento duracional que é consequência habitual de uma maior excursão da articulação linguomandibular, o que altera sobretudo os valores do primeiro formante.” (BARBOSA; MADUREIRA, 2015, p. 169-197-198).

Para esclarecerem acerca dos efeitos acústicos do acento, Barbosa e Madureira (2015) citam ainda Massini (1991), Fernandes (196) e Moraes (1987), segundo os quais,

[...] os correlatos acústicos do acento lexical em português brasileiro são a maior duração silábica, a queda de intensidade relativa da sílaba tônica para a pós-tônica, e, quando a palavra assinala acento de *pitch*, a presença de um movimento de subida ou descida da frequência fundamental ao longo da tônica [...]. (BARBOSA; MADUREIRA, 2015, p. 208).

Esses aspectos prosódicos apontados por Barbosa e Madureira (2015) nos interessam na medida em que, tanto em nossa análise acústica (seção 8.1) quanto em nossa análise quantitativa (estatística/probabilística) (seção 8.2.), consideramos aspectos prosódicos da sílaba (onde ocorrem as realizações africadas [tʃ] e [dʒ]) e/ou da vogal (do ditongo ou do monotongo) adjacente às realizações africadas [tʃ] e [dʒ]. Além disso, nesta tese, estamos testando a hipótese de um alongamento compensatório das realizações africadas [tʃ] e [dʒ] como reflexo do apagamento do segmento aproximante [j] adjacente (capítulo 2 e seção 8.2), que pode coincidir com o aumento da duração da sílaba tônica do item lexical analisado.

Essas são as bases teóricas e metodológicas da Fonética Acústica que adotamos nesta tese. É nestas bases que encontramos os parâmetros para a análise acústica das africadas [tʃ] e [dʒ] e seus respectivos contextos imediatos de realização, tal como apresentamos no capítulo 8 que segue. É da altura dessas bases que enxergamos os sinais acústicos das

realizações dos segmentos de som e seus respectivos contextos fonéticos na variedade investigada do PS.

No capítulo 8 que segue, apresentamos as análises qualitativa (acústica) (seção 8.1) e quantitativa (estatística/probabilística) (seção 8.2) dos dados da pesquisa que dá ensejo a esta tese.

8 ANÁLISE DOS DADOS DA PESQUISA

Neste capítulo, apresentamos nossa análise acústica das realizações africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ], em todos os contextos nos quais estas foram identificadas nas entrevistas aos sergipanos idosos (seção 8.1). Em nossa análise quantitativa (estatística/probabilística) dos dados da pesquisa, além das realizações africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ], apresentamos também as raras ocorrências da realização africana alveolar [tʰs] e das oclusivas plenas [t] e [d], nos contextos em que o aproximante palatal [j] de ditongo dos tipos vogal+[j] e [j]+vogal é esperado (seção 8.2).

Conforme anunciamos desde o início desta tese, nossas análises se restringem ao item lexical nos quais foram identificadas impressões das realizações investigadas, e consiste da identificação de aspectos fonéticos acústicos dessas realizações – bem como de seus respectivos contextos de realização – que corroboram nossas interpretações à luz da Fonética Articulatória (capítulo 5), da Fonologia Autossegmental (capítulo 6) e da Fonética Acústica (capítulo 7). Portanto, em nossas análises acústica (seção 8.1) e quantitativa (estatística/probabilística) (seção 8.2), além de aspectos acústicos, consideramos aspectos articulatórios e fonológicos (segmentais e suprasegmentais) dos itens analisados. Nossa análise quantitativa (estatística/probabilística) dos dados da pesquisa é apresentada a partir de gráficos ilustrativos, com comentários do significado estatístico dos quantitativos das variantes e das variáveis consideradas em nossa análise dos dados (seção 8.2).

8.1 Análise acústica das realizações [tʃ] e [dʒ] com os recursos do *software PRAAT*

Nossa proposta de análise acústica baseia-se no fato de que “[é] impossível segmentar o contínuo da fala, tentando estabelecer de oitiva os limites entre os sons.” (BARBOSA; MADUREIRA, 2015, p. 167). Por outro lado, reconhecemos que, conforme ressaltam Barbosa e Madureira (2015), citando Perkell e Klatt (1986),

[...] Segmentar em unidades discretas o que é variação contínua (a fala) é uma atividade complexa e expõe o paradoxo entre a invariância e a variabilidade da matéria fônica, pois implica executar a tarefa de estabelecer limites em um meio que não tem limites definidos (o contínuo acústico), tendo como guias o conhecimento das características fonéticas dos segmentos e suas consequências acústicas e a inspeção visual de como essas características se manifestam na forma de onda e no espectrograma de banda

larga. (PERKELL; KLATT, 1983 apud BARBOSA; MADUREIRA, 2015, p. 167).

Assim, o modelo de análise que adotamos nesta tese baseia-se no entendimento de que “[s]egmantar o contínuo sonoro implica, portanto, desenvolver um olhar para o detalhe fonético que se manifesta visualmente no sinal acústico” (BARBOSA e MADUREIRA, 2015, p. 167).

Considerando que os sinais acústicos sevem de pistas para identificação dos segmentos fonéticos investigados – bem como de seus respectivos contextos de realização –, fazemos nossa análise a partir de imagens (plotagens) geradas pelo *PRAAT*. Conforme anunciamos na metodologia da pesquisa (seção 3.5), os parâmetros fonéticos considerados na análise acústica são os seguintes:

- a) Evidência de silêncio seguido de ruído/turbulência e vozeamento, compatíveis com duas fases sucessivas (oclusão/silêncio e fricção/turbulência, respectivamente) equivalentes a realizações africadas alveopalatais ([tʃ] e [dʒ]);
- b) Duração das duas fases sucessivas (oclusão/silêncio e fricção/turbulência, respectivamente) equivalentes a realizações africadas alveopalatais ([tʃ] e [dʒ]);
- c) Evidência de realização ou de apagamento do aproximante ([j]) adjacente às realizações africadas alveopalatais ([tʃ] e [dʒ]);
- d) Evidência de silêncio seguido de ruído/turbulência e vozeamento, compatíveis com duas fases sucessivas (oclusão/silêncio e fricção/turbulência, respectivamente) equivalentes a realizações africadas alveolares ([tʃ] e [dʒ]) adjacentes à realização do aproximante ([j]);
- e) Duração das duas fases sucessivas (oclusão/silêncio e fricção/turbulência, respectivamente) equivalentes a realizações africadas alveolares ([tʃ] e [dʒ]);
- f) Evidência de realização ou de apagamento do aproximante ([j]) adjacente às realizações africadas alveolares ([tʃ] e [dʒ]);
- g) Evidência de silêncio e vozeamento, compatível com oclusão/silêncio equivalente a realizações oclusivas plenas ([t] e [d]) adjacentes a realização do aproximante ([j]) ou ao apagamento deste;

- h) Duração do silêncio transiente equivalente a uma das realizações oclusivas plenas ([t] e [d]) adjacentes a realização do aproximante ([j]) ou ao apagamento deste;
- i) Evidência de realização ou de apagamento do aproximante ([j]) adjacente às realizações oclusivas plenas ([t] e [d]);
- j) Dinâmica de transição na estrutura formântica em mudança gradual compatível com a realização de um ditongo constituído de vogal+aproximante ([j]) ou aproximante ([j])+vogal adjacente às realizações analisadas;
- k) Evidência de estacionariedade na estrutura formântica compatível com monotongação correspondente ao apagamento do aproximante ([j]) do ditongo adjacente às realizações analisadas;
- l) Evidência de estacionariedade na estrutura formântica compatível com uma vogal adjacente às realizações analisadas.

Apresentamos os resultados das análises acústicas a partir de oscilogramas e espectrogramas em banda larga com formantes e intensidade. As evidências que identificamos nos oscilogramas são complementares das dos espectrogramas. Nos oscilogramas, podemos identificar evidências de fases distintas nos tipos e nas formas de ondas regulares/irregulares que se sucedem, com frequências altas/baixas, amplitudes altas/baixas. Nos espectrogramas em banda larga com formantes, podemos identificar evidências das fases distintas nas áreas claras/escuras relativamente às áreas adjacentes na dinâmica dos formantes.

Nas imagens (plotagens) geradas pelo *PRAAT*, o item lexical analisado aparece em três camadas:

- 1) formas segmentadas dos constituintes fônicos do item lexical;
- 2) transcrição fonética do item lexical; e
- 3) transcrição ortográfica do item lexical.

Em cada uma dessas camadas, damos destaque (com o cursor sobre a área da plotagem) às características acústicas da realização sob análise.

Ressaltamos que nossas interpretações dos resultados da análise acústica com os recursos do *PRAAT*, além dos parâmetros acústicos supramencionados, incluem considerações

de aspectos articulatórios (como provável lugar/ponto e modo) e fonológicos (como número de sílabas do item lexical, proeminência acentual, padrão silábico etc.) previsíveis¹⁴³.

Conforme informamos no capítulo 3, o *corpus* da nossa pesquisa está constituído de 1115 dados (seção 3.4) relevantes para a testagem das nossas hipóteses nesta tese (capítulo 2). Nesse total, apenas 18 contextos fonéticos são relevantes para as realizações africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ], objeto desta tese. Ademais, conforme anunciamos na seção 3.5, na seleção das ocorrências para serem apresentadas na análise acústica, consideramos aquelas mais expressivas e mais nítidas para uma análise de imagem. Por isso, do total de 1115 ocorrências, apresentamos somente 18 ocorrências. Nossa análise acústica é apresentada em seções intituladas de acordo com o código correspondente a cada ocorrência.

Ressaltamos aqui que, conforme previsto na literatura da Fonética Acústica (capítulo 7), alguns sinais acústicos – inclusive os relativos a vibração de pregas vocais e a duração das realizações investigadas – podem se dever à idade do falante (são próprios da fala de pessoas com idade de 60 anos acima); outros podem configurar idiossincrasias (KENT; READ, 2015; BARBOSA; MADUREIRA, 2015).

Ressaltamos também que, em nossa análise acústica dos contextos de realização das africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ], a realização (diga-se também do apagamento) do aproximante palatal [j] pode ser categórica ou parcial, configurando assim um gradiente. Diante dessa constatação, decidimos tratar como realização apenas aquelas cujos sinais são mais evidentes; como apagamento aquelas cujos sinais são menos evidentes. Informamos de antemão que, além de sua realização e de seu apagamento (categórico e parcial), identificamos realizações do segmento aproximante palatal [j] epentético, ou seja, no lugar em que este não é esperado, no contexto precedente ou no contexto seguinte às realizações africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ].

Considerando os contextos relevantes para nossas hipóteses nesta tese, a expressividade da realização e a nitidez da imagem fornecida pelo *PRAAT*, os dados selecionados para nossa análise acústica são os que seguem distribuídos na forma do quadro 6:

¹⁴³ Consideramos também eventuais aspectos imprevistos no presente estudo, a exemplo dos idiossincráticos da realização e/ou do falante.

Quadro 6 - Realizações selecionadas para a análise acústica (contexto/código de realização)

Contexto	Código da realização
a) pausa no contexto precedente e vogal no contexto seguinte	1) JP82M0-Tchá-1 2) IT72M0-tchá-1 3) IT72M0-tchou-1 4) RP75F0-tchopo-1
b) realização do aproximante palatal [j] no contexto precedente e vogal no contexto seguinte	1) IT78F0-coitada-1 2) IT78F0-doida-1
c) apagamento do aproximante palatal [j] no contexto precedente e vogal no contexto seguinte	1) IT78F0-feita-1 2) LA71M0-muita-2 3) SC70M2-cuidar-1
d) realização do aproximante palatal [j] no contexto precedente e aproximante palatal [j] (epentético) no contexto seguinte	1) JP82M0-muita-3
e) apagamento do aproximante palatal [j] no contexto precedente e realização do aproximante palatal [j] (epentético) no contexto seguinte	1) UB77F0-muita-1
f) vogal no contexto precedente e apagamento do aproximante palatal [j] no contexto seguinte	1) IT72M0-sítio-1 2) GL02F0-remédio-8
g) apagamento do aproximante palatal [j] no contexto precedente e vogal no contexto seguinte	1) RP75F0-satisfeita-1
h) vogal nos contextos precedente e seguinte	1) IT72M0-sitinho-3 2) UB77F0-radinho-1
i) aproximante palatal [j] (epentético) no contexto precedente e realização do aproximante palatal [j] no contexto seguinte	1) RP75F0-mandioca-1 2) SC84F0-rádio-3

Fonte: Elaborado por Anônio Félix Souza Neto, com os recursos do *Microsoft Word* (2019).

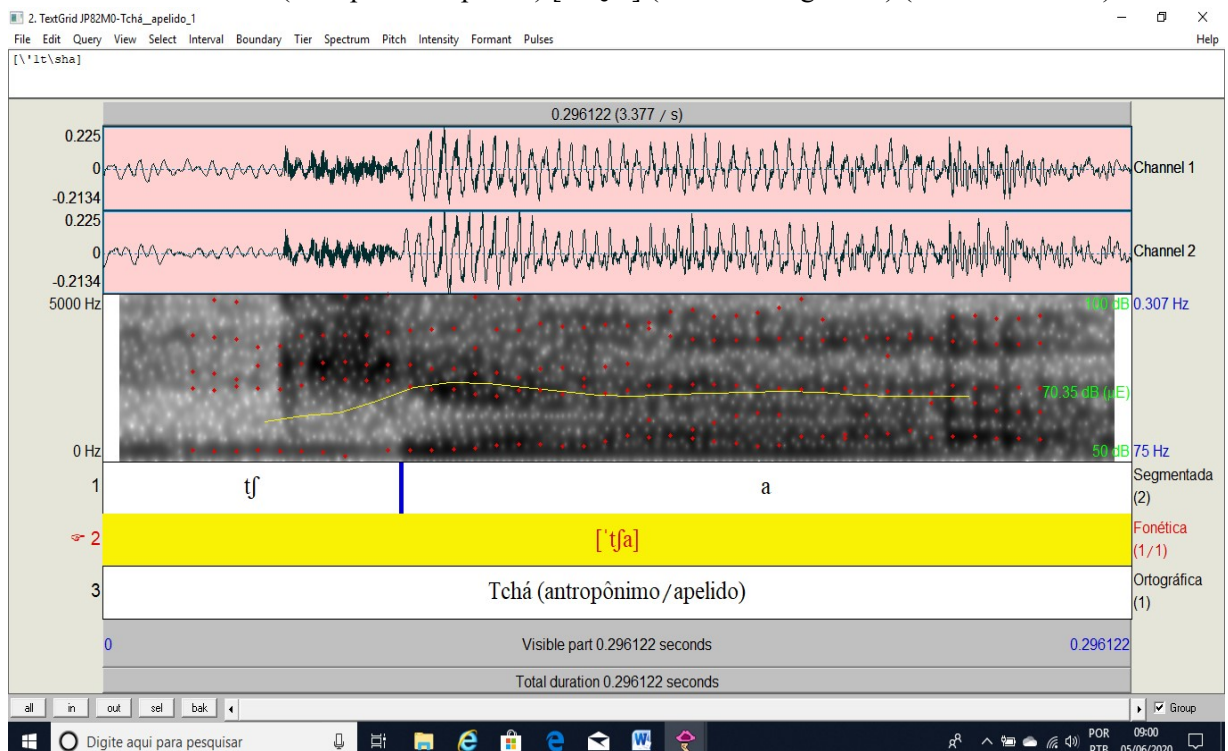
As análises acústicas (com os recursos do *software PRAAT*) das 18 ocorrências selecionadas e seus respectivos comentários seguem nas subseções de 8.1.1 a 8.1.18:

8.1.1 “Tchá” (antropônimo/apelido) (ocorrência 1: código JP82M0-Tchá-1)

O item lexical “Tchá” (antropônimo/apelido) foi realizado pelo informante/colaborador codificado como JP82M0, um colaborador do povoado São José, município de Japaratuba, sexo masculino, com 82 anos de idade, que diz nunca ter frequentado a escola.

Nas oitivas, tivemos a impressão da realização [ʰtʃa], ou seja, de uma realização africada alveopalatal desvozeada ([ʰtʃ]) em posição inicial de palavra, precedida de pausa e seguida da vogal [a], em um item lexical monossilábico tônico. As evidências dessa realização estão ilustradas na plotagem da figura 27. As fases da africada [ʰtʃ] estão ilustradas, respectivamente, nas plotagens das figuras 27 e 28, e comentadas em seguida:

Figura 27 - Plotagem do oscilograma em 2 canais e do espectrograma com formantes e intensidade e camadas: (1) segmentada dos seus constituintes fônicos, (2) transcrição fonética e (3) transcrição ortográfica. Com destaque para as características acústicas da realização de todo o item monossilábico tônico “Tchá” (antropônimo/apelido) [ʰtʃa] (0.296122 segundos) (JP82M0-Tchá-1).



Fonte: Elaborado por Antônio Félix de Souza Neto, com os recursos do PRAAT (Textgrid) (2019).

Em nossa segmentação, JP82M0-Tchá-1 teve duração total de 0.296122 segundos, na forma registrada pelo PRAAT. Observando a figura 27, podemos identificar, nos formatos das ondas do oscilograma e nas áreas do espectrograma, duas fases iniciais sucessivas equivalentes a uma oclusão seguida de fricção, compatíveis com uma realização africada alveopalatal desvozeada [tʃ̥]. Por outro lado, parece não ser possível identificar evidências de uma dinâmica de transição na estrutura formântica em mudança gradual compatível com realização de um ditongo constituído de vogal+aproximante ([j]) ou aproximante ([j])+vogal.

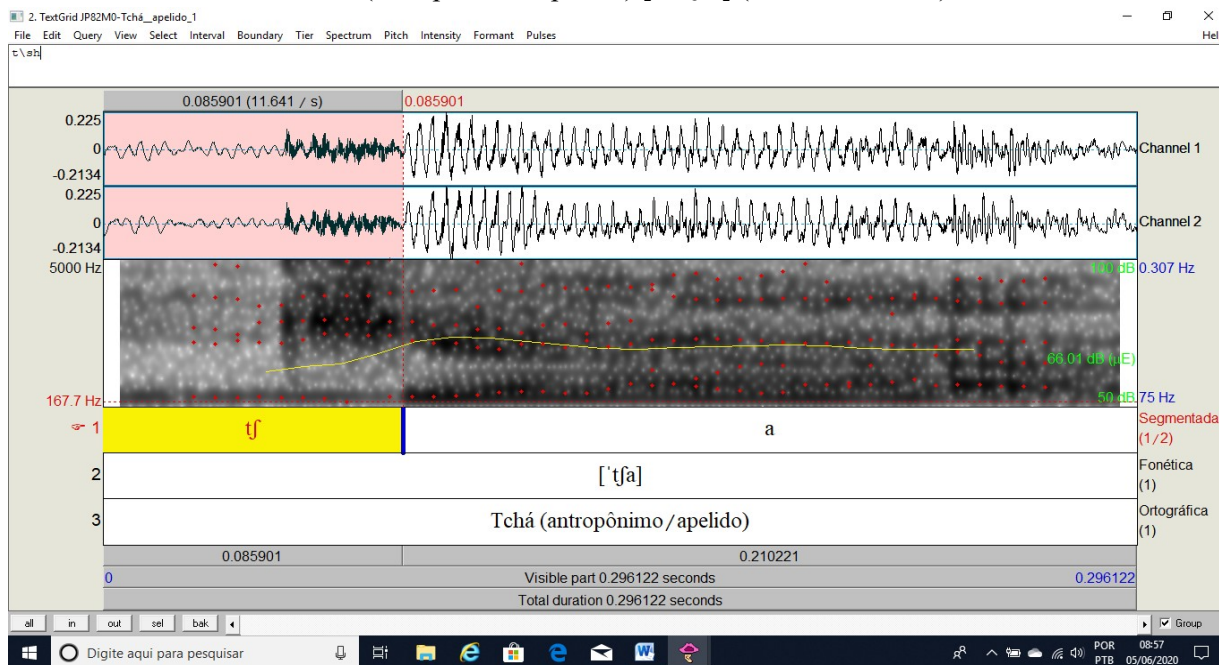
A primeira fase corresponde à oclusão, obstrução/silêncio transiente. No oscilograma, as pistas mais evidentes da fase oclusiva [t] da realização africada [tʃ̥] são identificadas com as ondas de tipo e forma nitidamente irregulares (não-periódicas/aperiódicas) de baixa frequência e baixa amplitude. No espectrograma, as pistas mais evidentes da fase oclusiva [t] da realização africada [tʃ̥] são identificadas com o nível de cinza contínuo mais claro de todo o espectrograma, correspondente a uma obstrução/silêncio transiente. Em que pese a idade do falante (JP82M0), embora correspondendo à fase oclusiva desvozeada [t], uma leve macha um pouco mais escura na área da barra de vozeamento correspondente à frequência fundamental (F0) evidencia ocorrência de tensão das pregas vocais durante sua realização. Por outro lado, essa tensão pode ser idiossincrática de JP82M0-Tchá-1.

A segunda fase corresponde à fricção/turbulência. No oscilograma, as pistas mais evidentes da fase fricativa [ʃ] da realização africada [tʃ̥] são identificadas com as ondas também irregulares (não-periódicas/aperiódicas) de frequências nitidamente bem mais altas relativamente à primeira fase. No espectrograma, as pistas mais evidentes da fase fricativa [ʃ] da realização africada [tʃ̥] são identificadas com o nível de cinza contínuo mais escuro relativamente à primeira fase, na área do espectrograma correspondente aos formantes mais acima (F2, F3 etc.). Uma leve macha escura (contínua desde a fase oclusiva anterior) na área da barra de vozeamento correspondente à frequência fundamental (F0) evidencia persistência de tensão das pregas vocais durante sua realização. A persistência na tensão das pregas vocais pode ser idiossincrática de JP82M0-Tchá-1.

A fase que sucede a fricção corresponde à realização da vogal [a] tônica, antes de pausa. A transição da fase fricativa [ʃ] (da realização africada [tʃ]) para a vogal [a] tônica é evidenciada pela mudança brusca nos sinais do oscilograma e do espectrograma. No oscilograma, o tipo e a forma das ondas são nitidamente mais regulares e de mais alta amplitude relativamente às fases precedentes. No espectrograma, a fase estacionária desde a barra de vozeamento correspondente à frequência fundamental (F0) até as áreas dos formantes acima (F1, F2, F3 etc.) e a concentração de energia são compatíveis com a realização da vogal [a] tônica final. As mudanças nos sinais do oscilograma e do espectrograma no final desta última fase correspondem ao esmaecimento (*offset*) na realização da vogal [a], antes de pausa.

Como o contexto fonético – a ausência do aproximante palatal [j] – não nos permite atribuir à fase fricativa o fenômeno da africacão por coarticulação antecipatória ou preservatória dos traços [contínuo, -anterior, palatal] do aproximante palatal [j] (seção 5.5), em que pesem a expressividade ilocucionária, o curso da intensidade (linha amarela da área do espectrograma) e a duração da realização do item lexical analisado (JP82M0-Tchá-1- [tʃa]), as características acústicas das duas fases (oclusiva e fricativa) iniciais juntas (que em nossa segmentação têm duração de 0.085901 segundos) são compatíveis com a realização africada alveopalatal [tʃ], tal como ilustrado na parte destacada com o cursor na figura 28:

Figura 28 - Plotagem do oscilograma em 2 canais e do espectrograma com formantes e intensidade e camadas: (1) segmentada dos seus constituintes fônicos, (2) transcrição fonética e (3) transcrição ortográfica. Com destaque para as características acústicas da realização das duas fases (oclusiva e fricativa) da africada alveopalatal desvozada $[tʃ]$ (0.085901 segundos) do item monossilábico tônico “Tchá” (antropônimo/apelido) $[ˈtʃa]$ (JP82M0-Tchá-1).



Fonte: Elaborado por Antônio Félix de Souza Neto, com os recursos do *PRAAT (Textgrid)* (2019).

A constatação da realização em duas fases (oclusiva e fricativa, respectivamente) equivalentes à africada alveopalatal $[tʃ]$ (no item monossilábico tônico “Tchá” (antropônimo/apelido) $[ˈtʃa]$ (JP82M0-Tchá-1)), ocorrendo independentemente da realização do segmento aproximante palatal $[j]$ ou do apagamento deste invalida a hipótese de correlação entre a realização e/ou apagamento do aproximante $[j]$ e a realização africada alveopalatal $[tʃ]$ (capítulo 2). Nesse caso, é incoerente interpretar as duas fases sucessivas (oclusiva e fricativa) como realização palatalizada de $/t/$ ($[t^j]$) e, por extensão, como segmento complexo (subseção 6.2.3), com articulação maior e menor, sendo esta última resultante do espraçamento/assimilação de traços do aproximante $[j]$ (subseção 6.3.3). Diante das características acústicas das duas fases iniciais sucessivas do item analisado (JP82M0-Tchá-1) e da ausência de qualquer evidência de realização ou apagamento do aproximante $[j]$ (possível gatilho), identificamos essas duas fases com a realização da africada alveopalatal $[tʃ]$, devendo, portanto, ser interpretada como segmento de contorno (subseções 6.2.4 e

6.3.3). Embora essa realização africada [tʃ] (no item monossilábico tônico “Tchá” (antropônimo/apelido) [ˈtʃa] (JP82M0-Tchá-1)) possa estar ocorrendo em duas fases homorgânicas ([palatais]), preferimos interpretá-la como em duas fases heterorgânicas ([alveopalatais]) (seção 5.1).

Ressaltamos o fato de a realização africada [tʃ] (do item monossilábico tônico “Tchá” (antropônimo/apelido) [ˈtʃa] (JP82M0-Tchá-1)) ocorrer em posição tônica inicial de um item lexical com padrões fonológico e fonético CV. Nesse contexto fonético, a realização africada alveopalatal desvozeada [tʃ] é categórica (seção 8.2), pois aí, [tʃ] pode contrastar com [t], gerando pares mínimos tais como:

- a) [ˈta] (variante local: forma reduzida – “tá” – por aférese da primeira sílaba – [eʃ.] – de “está”, terceira pessoa do indicativo presente do verbo “estar”); e
- b) [ˈtʃa] (antropônimo ou onomatopeia) (seções 8.1.1 e 8.1.2).

A realização africada alveolar [tʃ], por sua vez, carregaria a realização [ˈtʃsa], sem correspondentes no léxico da variedade do PS pesquisada¹⁴⁴.

Esses resultados da análise do item lexical monossilábico tônico “Tchá” (antropônimo/apelido) [ˈtʃa] (JP82M0-Tchá-1) corroboram nossa hipótese de as realizações africadas [tʃ] e [dʒ] fazerem parte de uma gramática cuja regra as restringe a itens lexicais nos quais têm potencialidades contrastivas.

Portanto, “Tchá” (antropônimo/apelido) [ˈtʃa] (JP82M0-Tchá-1) está contemplado pela regra.

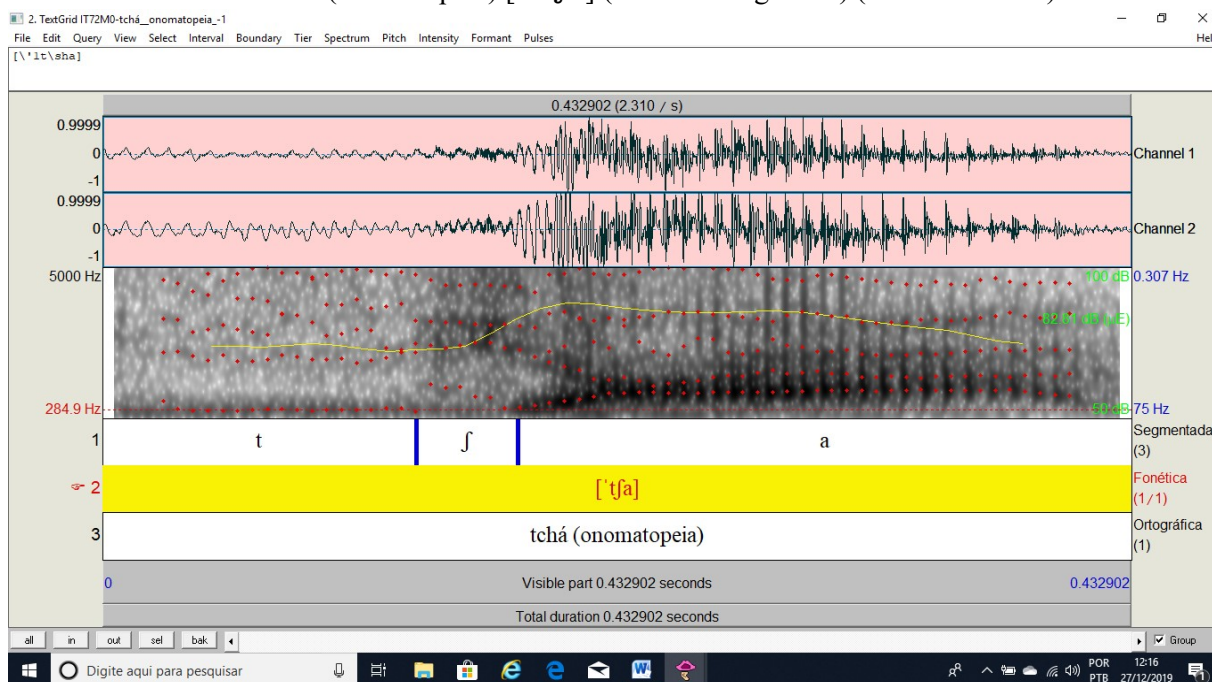
¹⁴⁴ Cf. Banco de Dados Falares Sergipanos, acessível em <https://docplayer.com.br/23574900-Banco-de-dados-falares-sergipanos.html> ou DOI: https://doi.org/10.5007/1984-8420.2013v14n2p156_

8.1.2 “tchá” (onomatopeia) (ocorrência 1: código IT72M0-tchá-1)

O item lexical “tchá” (onomatopeia) foi realizado pelo informante/colaborador codificado como IT72M0, um colaborador do município de Itaporanga D’Ajuda, sexo masculino, com 72 anos de idade, que diz nunca ter frequentado a escola.

Nas oitivas, tivemos a impressão da realização [ʼtʃa], ou seja, de uma realização africada alveopalatal desvozeada ([tʃ]) em posição inicial de palavra precedida de pausa e seguida da vogal [a], em um item lexical monossilábico tônico. Diferentemente do antropônimo de JP82M0-Tchá-1 (subseção 8.1.1), IT72M0-tchá-1 é um item de natureza onomatopaica. Isto evidencia que não estamos diante de uma realização idiossincrática, mas, ao contrário, estamos tratando de um item lexical com morfossemântica distribuída na variedade do PS pesquisada. As evidências dessa realização estão ilustradas na plotagem da figura 29. As fases da africada [tʃ] estão ilustradas, respectivamente, nas plotagens das figuras 29 e 30 e comentadas em seguida:

Figura 29 - Plotagem do oscilograma em 2 canais e do espectrograma com formantes e intensidade e camadas: (1) segmentada dos seus constituintes fônicos, (2) transcrição fonética e (3) transcrição ortográfica. Com destaque para as características acústicas da realização de todo o item monossilábico tônico “tchá” (onomatopeia) [ʼtʃa] (0.432902 segundos) (IT72M0-tchá-1).



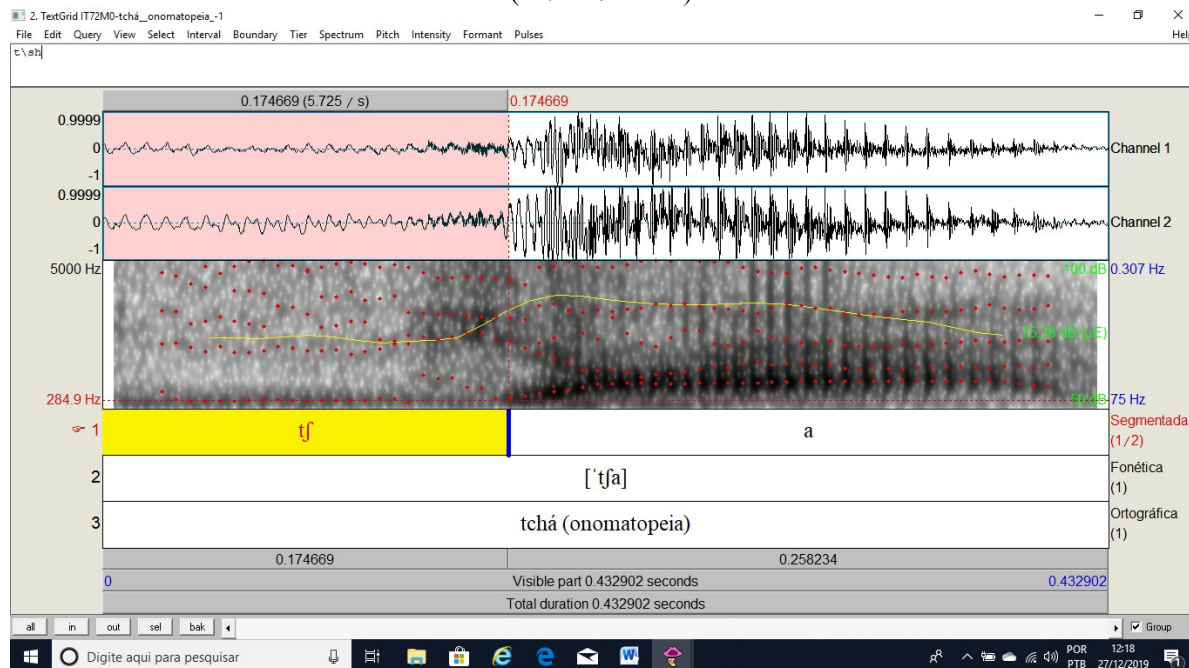
Fonte: Elaborada por Antônio Félix de Souza Neto, com os recursos do PRAAT (Textgrid) (2019).

Em nossa segmentação, IT72M0-tchá-1 teve duração total de 0.432902 segundos, na forma registrada pelo PRAAT. Observando a figura 29, podemos constatar que, à semelhança do antropônimo de JP82M0-Tchá-1 (seção 8.1.1), todos os sinais acústicos de IT72M0-tchá-1 são compatíveis com a realização da onomatopeia [' t̃ʃa], cujo contexto fonético – precedido de pausa e seguido da vogal [a] – não nos permite apontar o aproximante palatal [j] como gatilho para a realização africada [t̃ʃ]; tampouco podemos atribuir à fase fricativa [ʃ] da realização africada [t̃ʃ] o fenômeno da africacão por coarticulação antecipatória ou preservatória dos traços [contínuo, -anterior, palatal] do aproximante palatal [j] (cf. seção 5.5).

Em que pesem a expressividade ilocucionária, o curso da intensidade (linha amarela da área do espectrograma) e a duração da realização do item lexical analisado (IT72M0-tchá-1-[' t̃ʃa]) (seção 8.2), as duas fases (oclusiva e fricativa) iniciais juntas têm, em nossa segmentação, duração de 0.174609 segundos (aproximadamente o dobro da realização de JP82M0-Tchá-1, subseção 8.1.1)¹⁴⁵, tal como ilustrado na parte destacada com o cursor na figura 30:

¹⁴⁵ Na seção 8.2, apresentamos nosso tratamento quantitativo (estatístico/probabilístico) das durações das africadas alveopalatais [t̃ʃ] e [dʒ], em função do contexto fonético de sua realização, nos dados da nossa pesquisa do PS.

Figura 30 - Plotagem do oscilograma em 2 canais e do espectrograma com formantes e intensidade e camadas: (1) segmentada dos seus constituintes fônicos, (2) transcrição fonética e (3) transcrição ortográfica. Com destaque para as características acústicas da realização das duas fases (oclusiva e fricativa) da africada alveopalatal desvozada [tʃ] (0.174609 segundos) do item monossilábico tônico “tchá” (onomatopeia) [ˈtʃa] (IT72M0-tchá-1).



Fonte: Elaborada por Antônio Félix de Souza Neto, com os recursos do *PRAAT (Textgrid)* (2019).

De modo análogo ao antropônimo de JP82M0-Tchá-1 (subseção 8.1.1), a constatação da realização em duas fases (oclusiva e fricativa, respectivamente) equivalentes à africada alveopalatal [tʃ], no item monossilábico tônico “tchá” (onomatopeia) [ˈtʃa] (IT72M0-tchá-1), ocorre independentemente da realização do aproximante palatal [j] ou do apagamento deste. Isto invalida a nossa hipótese de correlação entre a realização e/ou apagamento do aproximante [j] e a realização africada alveopalatal [tʃ] (capítulo 2). E, por conseguinte, invalida a interpretação das duas fases sucessivas (oclusiva e fricativa) como resultantes do espriamento/assimilação de traços do aproximante palatal [j] (subseção 6.3.3), tornando incoerente a interpretação das duas fases sucessivas (oclusiva e fricativa) como realização palatalizada de /t/ ([t^j]) e, por extensão, como segmento complexo (cf. subseção 6.2.3), com articulação maior e menor, sendo esta última resultante do espriamento/assimilação de traços do aproximante [j]. Diante das características acústicas das duas fases iniciais sucessivas do item analisado e da ausência de qualquer evidência de realização ou apagamento do aproximante [j] (possível gatilho), identificamos essas duas fases com a realização da

africada alveopalatal [tʃ], devendo, portanto, ser interpretada como segmento de contorno (subseções 6.2.4 e 6.3.3). Embora essa realização africada [tʃ] do item monossilábico tônico “tchá” (onomatopeia) [ˈtʃa] (IT72M0-tchá-1) possa estar ocorrendo em duas fases homorgânicas (palatais), preferimos interpretá-la como em duas fases heterorgânicas (alveopalatais) (seção 5.1).

Ressaltamos aqui também o fato de a realização africada [tʃ] do item monossilábico tônico “tchá” (onomatopeia) [ˈtʃa] (IT72M0-tchá-1) ocorrer em posição tônica inicial de um item lexical com padrões fonológico e fonético CV. Nesse contexto fonético, a realização africada alveopalatal desvozeada [tʃ] é categórica (seção 8.2), pois aí, [tʃ] pode contrasair com [t], gerando pares mínimos tais como:

- a) [ˈta] (variante local: forma reduzida – “tá” – por aférese da primeira sílaba – [eʃ.] – de “está”, terceira pessoa do indicativo presente do verbo “estar”); e
- b) [ˈtʃa] (antropônimo ou onomatopeia) (subseções 8.1.1 e 8.1.2).

A realização africada alveolar [ts], por sua vez, também carregaria a realização [ˈtsa], sem correspondentes no léxico da variedade do PS pesquisada¹⁴⁶.

Esses resultados da análise do item lexical monossilábico tônico “tchá” (onomatopeia) [ˈtʃa] (IT72M0-tchá-1) corroboram nossa hipótese de as realizações africadas [tʃ] e [dʒ] fazerem parte de uma gramática cuja regra as restringe a itens lexicais nos quais têm potencialidades contrastivas.

Portanto, assim como “Tchá” (nome próprio de pessoa/apelido) [ˈtʃa] (JP82M0-Tchá-1), “tchá” (onomatopeia) [ˈtʃa] (IT72M0-tchá-1) está também contemplado pela regra.

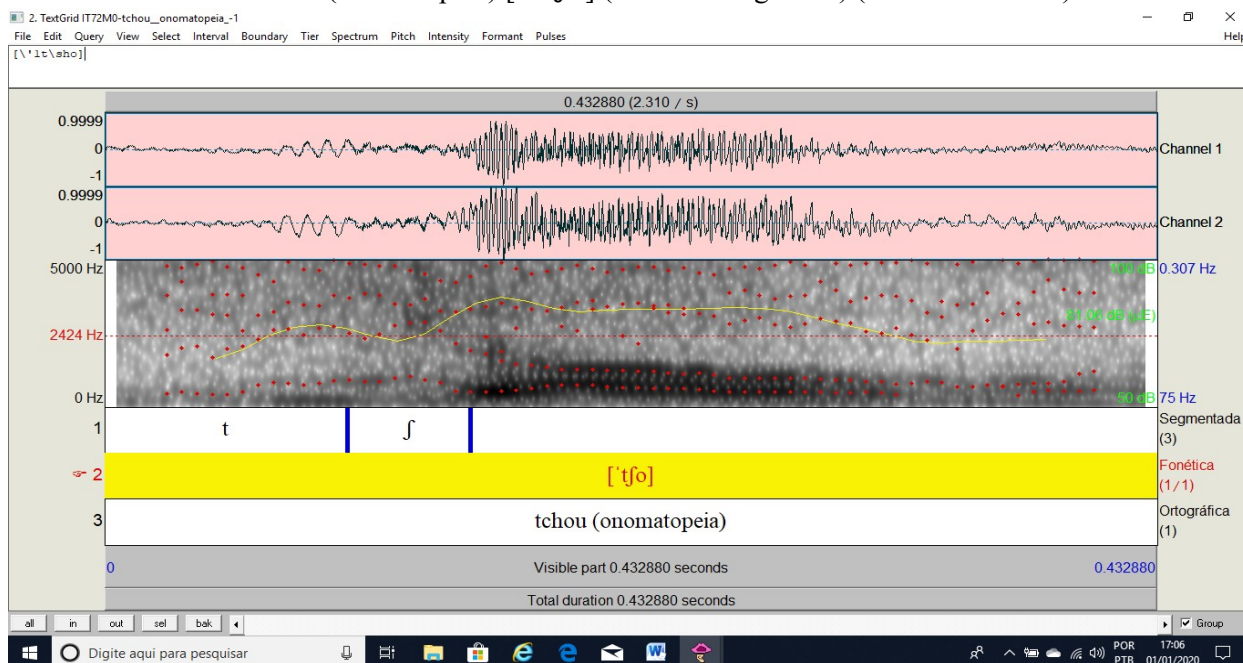
¹⁴⁶ Cf. Banco de Dados Falares Sergipanos, acessível em <https://docplayer.com.br/23574900-Banco-de-dados-falares-sergipanos.html> ou DOI: https://doi.org/10.5007/1984-8420.2013v14n2p156_

8.1.3 “tchou” (onomatopeia) (ocorrência 1: código IT72M0-tchou-1)

O item lexical “tchou” (onomatopeia) foi realizado pelo mesmo informante/colaborador codificado como IT72M0 (subseção 8.1.2), um colaborador do município de Itaporanga, sexo masculino, com 72 anos de idade, que diz nunca ter frequentado a escola.

Nas oitivas, tivemos a impressão da realização [ˈtʃo], ou seja, de uma realização africada alveopalatal desvozeada ([tʃ]) em posição inicial de palavra precedida de pausa e seguida da vogal [o], em um item lexical monossilábico tônico. As evidências dessa realização estão ilustradas na plotagem da figura 31. As fases da africada [tʃ] estão ilustradas, respectivamente, nas plotagens das figuras 31 e 32 e comentadas em seguida:

Figura 31 - Plotagem do oscilograma em 2 canais e do espectrograma com formantes e intensidade e camadas: (1) segmentada dos seus constituintes fônicos, (2) transcrição fonética e (3) transcrição ortográfica. Com destaque para as características acústicas da realização de todo o item monossilábico tônico “tchou” (onomatopeia) [ˈtʃo] (0.432880 segundos) (IT72M0-tchou-1).



Fonte: Elaborada por Antônio Félix de Souza Neto, com os recursos do PRAAT (Textgrid) (2019).

Em nossa segmentação, IT72M0-tchou-1 teve duração total de 0.432880 segundos, na forma registrada pelo PRAAT. Observando a figura 31, podemos identificar, nos formatos das

ondas do oscilograma e nas áreas do espectrograma, duas fases iniciais sucessivas equivalentes a uma oclusão seguida de fricção, compatíveis com uma realização africada alveopalatal desvozeada [tʃ̥]. Por outro lado, também aqui parece não ser possível identificar evidências de uma dinâmica de transição na estrutura formântica em mudança gradual compatível com realização de um ditongo constituído de vogal+aproximante ([j]) ou aproximante ([j])+vogal.

A primeira fase corresponde à oclusão, obstrução/silêncio transiente. No oscilograma, as pistas mais evidentes da fase oclusiva [t] da realização africada [tʃ̥] são identificadas com as ondas de tipo e forma nitidamente irregulares (não-periódicas/aperiódicas) de baixa frequência e baixa amplitude até o momento em que começa a transição para a fase seguinte. No espectrograma, as pistas mais evidentes da fase oclusiva [t] da realização africada [tʃ̥] são identificadas com o nível de cinza contínuo mais claro (relativamente às fases imediatamente seguintes), correspondente a uma obstrução/silêncio transiente. Em que pese a idade do falante (IT72M0), embora correspondendo à fase oclusiva desvozeada [t], também em IT72M0-tchou-1, uma leve macha um pouco mais escura na área da barra de vozeamento correspondente à frequência fundamental (F0) evidencia ocorrência de tensão das pregas vocais, mas somente no final de sua realização, na transição para a fase seguinte.

A segunda fase corresponde à fricção/turbulência. No oscilograma, as pistas mais evidentes da fase fricativa [ʃ] da realização africada [tʃ̥] são identificadas com as ondas também nitidamente irregulares (não-periódicas/aperiódicas) de frequências mais altas do que as da fase precedente. No espectrograma, as pistas mais evidentes da fase fricativa [ʃ] da realização africada [tʃ̥] são identificadas com o nível de cinza contínuo mais escuro relativamente à primeira fase, na área do espectrograma correspondente aos formantes mais acima (F2, F3 etc.).

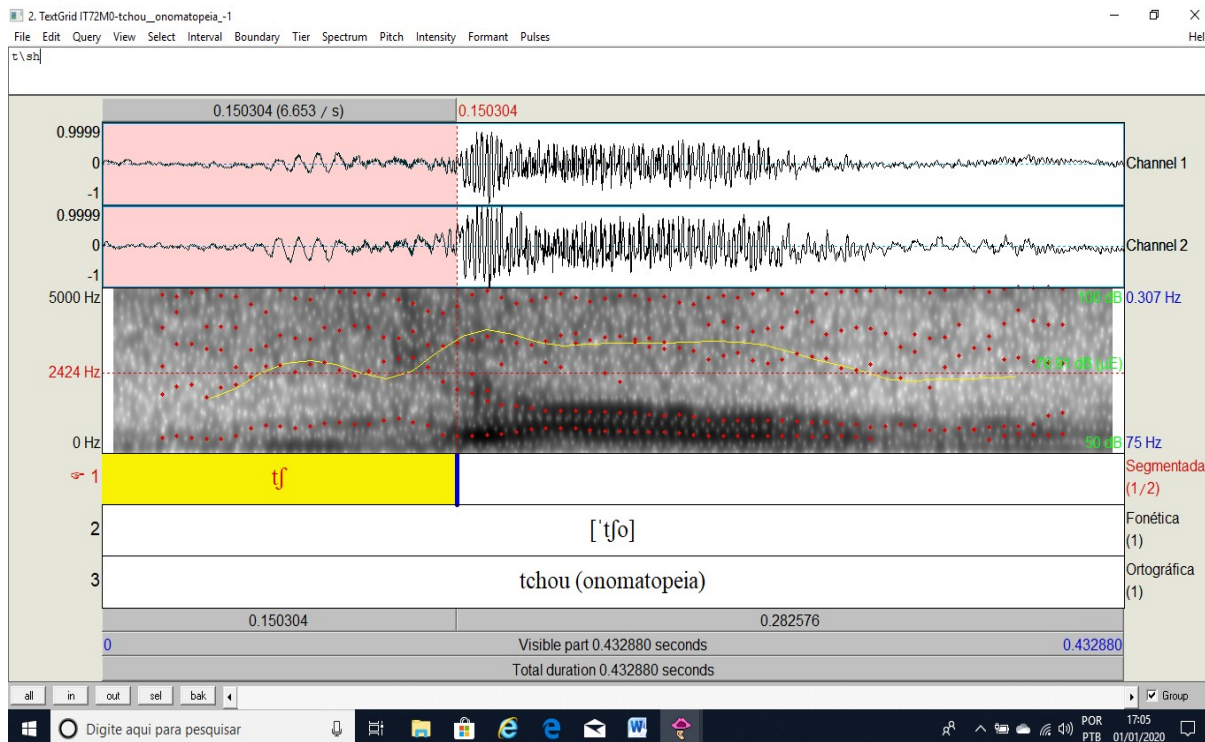
A fase que sucede a fricção corresponde à realização da vogal [o] tônica, antes de pausa. A transição da fase fricativa [ʃ] (da realização africada [tʃ̥]) para a da vogal [o] tônica é evidenciada pela mudança brusca nos sinais do oscilograma e do espectrograma. No oscilograma, o tipo e a forma das ondas são nitidamente mais regulares e de mais alta frequência e mais alta amplitude relativamente às das duas fases precedentes. No

espectrograma, a fase estacionária desde a barra de vozeamento correspondente à frequência fundamental (F0) até as áreas dos formantes mais baixos (F1 e F2) e a concentração de energia são compatíveis com a realização da vogal [o] tônica final. As mudanças nos sinais do oscilograma e do espectrograma no final desta última fase correspondem ao esmaecimento (*offset*) na realização da vogal [o], antes de pausa.

Assim como em JP82M0-Tchá-1-[^htʃa] (cf. seção 8.1.1) e em IT72M0-tchá-1-[^htʃa] (subseção 8.1.2), o contexto fonético – a ausência do aproximante palatal [j] – não nos permite atribuir à fase fricativa o fenômeno de africacão por coarticulação antecipatória ou preservatória dos traços [contínuo, -anterior, palatal] do aproximante palatal [j] (seção 5.5).

Em que pesem a expressividade ilocucionária, o curso da intensidade (linha amarela da área do espectrograma) e a duração da realização do item lexical onomatopaico analisado (IT72M0-tchou-1) (seção 8.2), as duas fases (oclusiva e fricativa) iniciais juntas têm, em nossa segmentação, duração de 0.150304 segundos (duração aproximada da onomatopeia em IT72M0-tchá-1-[^htʃa] 0.175432 segundos, subseção 8.1.2, relativamente à sua equivalente em JP82M0-Tchá-1-[^htʃa] 0.085901, subseção 8.1.1). Suas características acústicas são compatíveis com a realização da africada alveopalatal [^htʃ], tal como ilustrado na parte destacada com o cursor na figura 32:

Figura 32 - Plotagem do oscilograma em 2 canais e do espectrograma com formantes e intensidade e camadas: (1) segmentada dos seus constituintes fônicos, (2) transcrição fonética e (3) transcrição ortográfica. Com destaque para as características acústicas da realização das duas fases (oclusiva e fricativa) da africada alveopalatal desvozada [tʃ] (0.150304 segundos) do item monossilábico tônico “tchou” (onomatopeia) [ˈtʃo] (IT72M0-tchou-1).



Fonte: Elaborada por Antônio Félix de Souza Neto, com os recursos do *PRAAT (Textgrid)* (2019).

A constatação da realização em duas fases (oclusiva e fricativa, respectivamente) equivalentes à africada alveopalatal [tʃ], no item monossilábico tônico “tchou” (onomatopeia) [ˈtʃo] (IT72M0-tchou-1), ocorrendo independentemente da realização do segmento aproximante palatal [j] ou do apagamento deste, invalida a nossa hipótese de correlação entre a realização e/ou apagamento do aproximante [j] e a realização africada alveopalatal [tʃ] (capítulo 2). Nesse caso, também é incoerente interpretar as duas fases sucessivas (oclusiva e fricativa) como realização palatalizada de /t/ ([tʲ]) e, por extensão, como segmento complexo (subseção 6.2.3), com articulação maior e menor, sendo esta última resultante do espraimento/assimilação de traços do aproximante [j] (subseção 6.3.3). Diante das características acústicas das duas fases iniciais sucessivas do item analisado e da ausência de qualquer evidência de realização ou apagamento do aproximante [j] (possível gatilho), identificamos essas duas fases com a realização da africada alveopalatal [tʃ], devendo, portanto, ser interpretada como segmento de contorno (subseções 6.2.4 e 6.3.3). Embora essa

realização africada [tʃ] do item monossilábico tônico “tchou” (onomatopeia) [ˈtʃo] (IT72M0-tchou-1) possa estar ocorrendo em duas fases homorgânicas (palatais), preferimos interpretá-la como em duas fases heterorgânicas (alveopalatais) (seção 5.1).

Ressaltamos o fato de a realização africada [tʃ] do item monossilábico tônico “tchou” (onomatopeia) [ˈtʃo] (IT72M0-tchou-1) – à semelhança de JP82M0-Tchá-1- [ˈtʃa] (subseção 8.1.1) e IT72M0-tchá-1-[ˈtʃa] (subseção 8.1.2) – ocorrer em posição tônica inicial de um item lexical com padrões fonológico e fonético CV. Nesse contexto fonético, a realização africada alveopalatal desvozeada [tʃ] é categórica (seção 8.2), pois aí, [tʃ] pode contrastar com [t], gerando pares mínimos tais como:

- a) [ˈto] (variante local: forma reduzida – tô – por aférese da primeira pessoa do indicativo presente do verbo estar – estou); e
- b) [ˈtʃo] “tchou” (onomatopeia).

A realização africada alveolar [ts], por sua vez, carregaria a realização [ˈtso], sem correspondentes no léxico da variedade do PS pesquisada¹⁴⁷.

Esses resultados da análise do item lexical monossilábico tônico “tchou” (onomatopeia) [ˈtʃo] (IT72M0-tchou-1) corroboram nossa hipótese de as realizações africadas [tʃ] e [dʒ] fazerem parte de uma gramática cuja regra as restringe a itens lexicais nos quais têm potencialidades contrastivas.

Portanto, “tchou” (onomatopeia) [ˈtʃo] (IT72M0-tchou-1) está também contemplado pela regra.

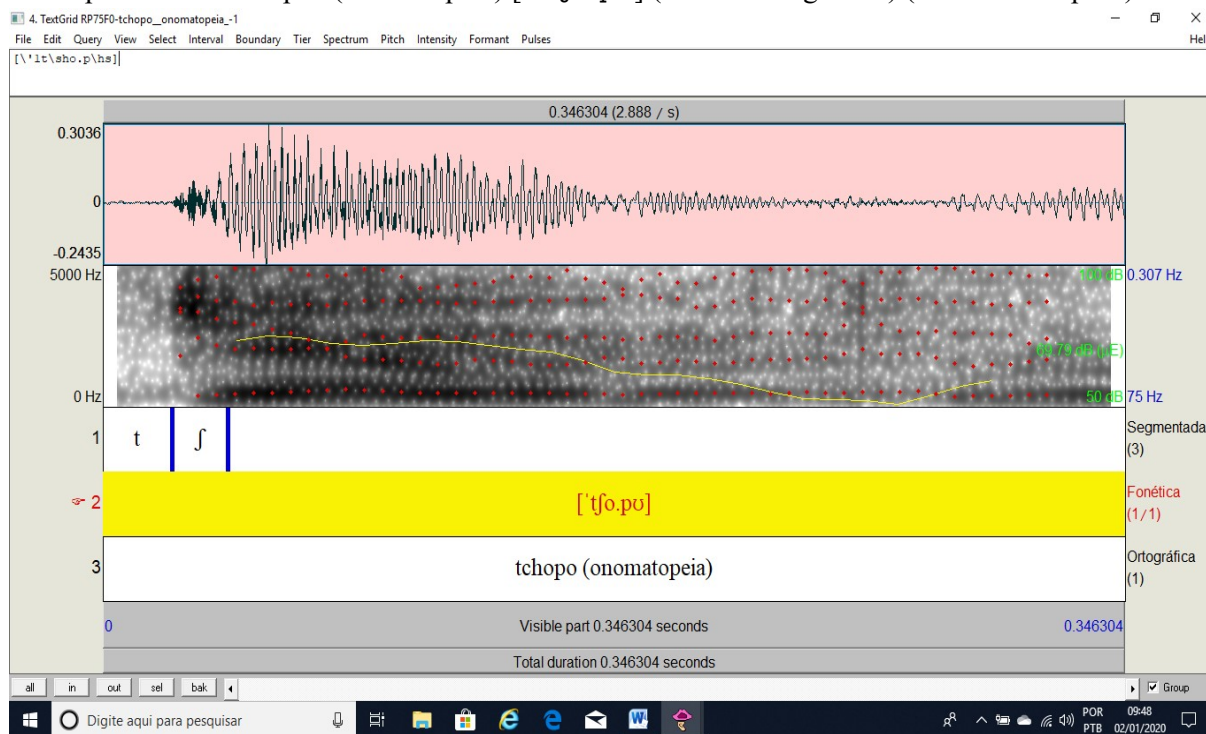
¹⁴⁷ Cf. Banco de Dados Falares Sergipanos, acessível em <https://docplayer.com.br/23574900-Banco-de-dados-falares-sergipanos.html> ou DOI: https://doi.org/10.5007/1984-8420.2013v14n2p156_

8.1.4 “tchopo” (onomatopeia) (ocorrência 1: código RP75F0-tchopo-1)

O item lexical “tchopo” (onomatopeia) foi realizado pela informante/colaboradora codificada como RP75F0, uma colaboradora do município de Ribeirópolis, sexo feminino, com 75 anos de idade, que diz nunca ter frequentado a escola.

Nas oitivas, tivemos a impressão da realização [ʰtʃo.pu], ou seja, de uma realização africada alveopalatal desvozeada ([ʰtʃ]) em posição tônica inicial de palavra, precedida de pausa e seguida da vogal [o], em um item lexical dissilábico paroxítono. As evidências dessa realização estão ilustradas na plotagem da figura 33. As fases da africada [ʰtʃ] estão ilustradas, respectivamente, nas plotagens das figuras 33 e 34 e comentadas em seguida:

Figura 33 - Plotagem do oscilograma em 1 canal e do espectrograma com formantes e intensidade e camadas: (1) segmentada dos seus constituintes fônicos, (2) transcrição fonética e (3) transcrição ortográfica. Com destaque para as características acústicas da realização de todo o item dissilábico paroxítono “tchopo” (onomatopeia) [ʰtʃo.pu] (0.346304 segundos) (RP75F0-tchopo-1).



Fonte: Elaborada por Antônio Félix de Souza Neto, com os recursos do PRAAT (Textgrid) (2019).

Em nossa segmentação, RP75F0-tchopo-1 teve duração total de 0.346304 segundos, na forma registrada pelo PRAAT. Observando a figura 33, podemos identificar, nos formatos das ondas do oscilograma e nas áreas do espectrograma, duas fases iniciais sucessivas

equivalentes a uma oclusão seguida de fricção, compatíveis com uma realização africada alveopalatal desvozeada [tʃ̥]. Por outro lado, assim como em JP82M0-Tchá-1-[^htʃ̥a] (subseção 8.1.1), IT72M0-tchá-1-[^htʃ̥a] (subseção 8.1.2) e IT72M0-tchou-1-[^htʃ̥o] (subseção 8.1.3), parece não ser possível identificar evidências de uma dinâmica de transição na estrutura formântica em mudança gradual compatível com realização de um ditongo constituído de vogal+aproximante ([j]) ou aproximante ([j])+vogal.

A primeira fase corresponde à oclusão, obstrução/silêncio transiente. No oscilograma, as pistas mais evidentes da fase oclusiva [t] da realização africada [tʃ̥] são identificadas com as ondas de tipo e forma nitidamente irregulares (não-periódicas/aperiódicas) de baixa frequência e baixa amplitude até o momento em que começa a transição para a fase seguinte. No espectrograma, as pistas mais evidentes da fase oclusiva [t] da realização africada [tʃ̥] são identificadas com o nível de cinza contínuo mais claro (relativamente às demais fases que se sucedem no espectrograma), correspondente a uma obstrução/silêncio transiente.

A segunda fase corresponde à fricção, turbulência. No oscilograma, as pistas mais evidentes da fase fricativa [ʃ] da realização africada [tʃ̥] são identificadas com as ondas também nitidamente irregulares (não-periódicas/aperiódicas) de frequências mais altas do que as da fase precedente. No espectrograma, as pistas mais evidentes da fase fricativa [ʃ] da realização africada [tʃ̥] são identificadas com o nível de cinza contínuo mais escuro relativamente à primeira fase, na área do espectrograma correspondente aos formantes mais acima (F2, F3 etc.). Em que pese a idade da falante (RP75F0), embora correspondendo à fase fricativa [ʃ], também em RP75F0-tchopo-1 uma leve macha um pouco mais escura na área da barra de vozeamento correspondente à frequência fundamental (F0) evidencia ocorrência de tensão das pregas vocais no final de sua realização, na fase de transição para a fase seguinte. Por outro lado, essa tensão pode ser idiossincrática de RP75F0-tchopo-1.

A fase que sucede a fricção corresponde à realização da vogal [o] da sílaba tônica [^htʃ̥o.̣] da palavra analisada (RP75F0-tchopo-1-[^htʃ̥o.pu])¹⁴⁸. A transição da fase

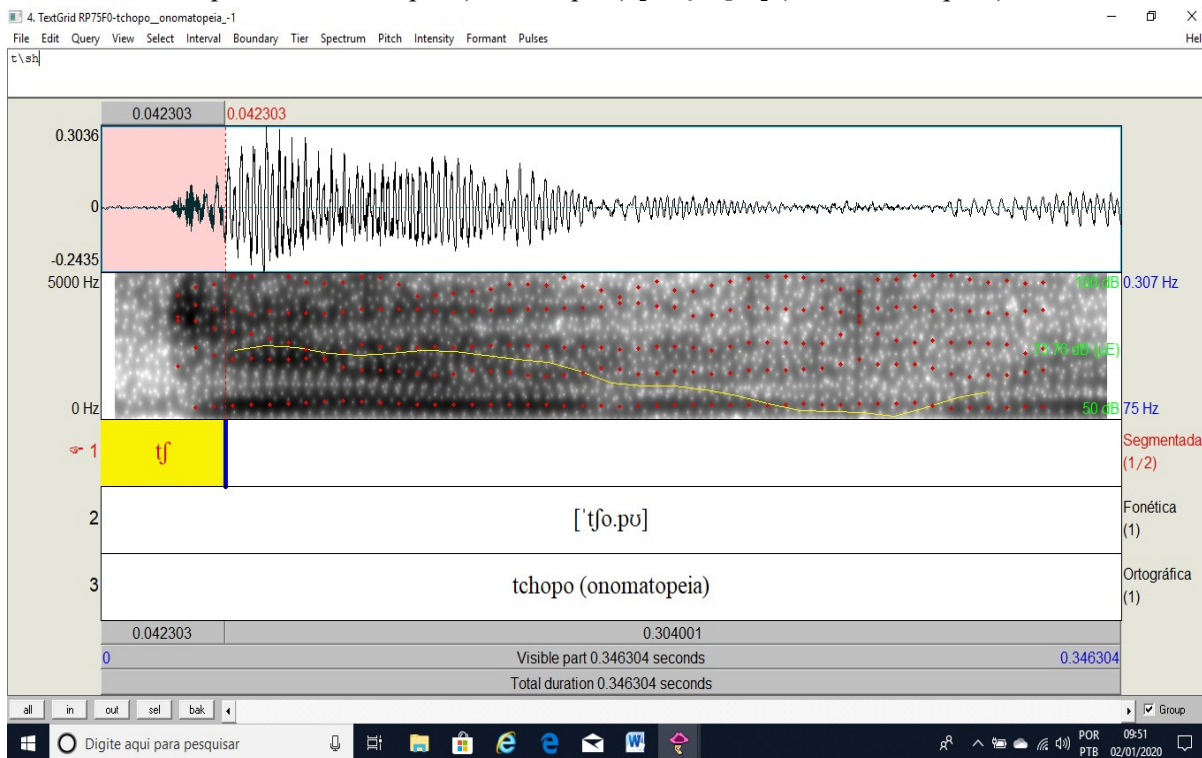
¹⁴⁸ Ressaltamos que não é do escopo desta seção (8.1) de análise acústica o que excede os contextos imediatamente precedente e seguinte às realizações investigadas. Outros aspectos dos itens lexicais analisados estão sendo considerados na seção (8.2) em que damos tratamento quantitativo (estatístico/probabilístico) ao *corpus* da pesquisa que dá ensejo a esta tese.

fricativa [ʃ] (da realização africada [tʃ̺]) para a da vogal [o] tônica é evidenciada pela mudança brusca nos sinais do oscilograma e do espectrograma. No oscilograma, o tipo e a forma das ondas são nitidamente mais regulares e de mais alta amplitude relativamente às fases precedentes. No espectrograma, a fase estacionária, desde a barra de vozeamento correspondente à frequência fundamental (F0) até as áreas dos formantes mais baixos (F1 e F2), e a concentração de energia são compatíveis com a realização da vogal [o] da sílaba tônica inicial da palavra. As mudanças nos sinais do oscilograma e do espectrograma que sucedem essa vogal [o] tônica correspondem à realização da sílaba final ([_pʊ]) da palavra analisada (RP75F0-tchopo-1).

Aqui também, assim como em JP82M0-Tchá-1-['tʃ̺a] (subseção 8.1.1), IT72M0-tchá-1-['tʃ̺a] (subseção 8.1.2) e IT72M0-tchou-1-['tʃ̺o] (subseção 8.1.3), o contexto fonético – a ausência do aproximante palatal [j] – não nos permite atribuir à fase fricativa o fenômeno da africacão por coarticulação antecipatória ou preservatória dos traços [contínuo, -anterior, palatal] do aproximante palatal [j] (seção 5.5).

Em que pesem a expressividade ilocucionária, o curso da intensidade (linha amarela da área do espectrograma) e a duração da realização do item lexical analisado (RP75F0-tchopo-1), as duas fases (oclusiva e fricativa) iniciais juntas têm, em nossa segmentação, duração de 0.042303 segundos (menos de um terço das durações das onomatopeias em IT72M0-tchá-1-['tʃ̺a] 0.175432 segundos, subseção 8.1.2; e em IT72M0-tchou-1-['tʃ̺o], subseção 8.1.3), e suas características acústicas são compatíveis com a realização da africada alveopalatal [tʃ̺], tal como ilustrado na parte destacada com o cursor na figura 34:

Figura 34 - Plotagem do oscilograma em 1 canal e do espectrograma com formantes e intensidade e camadas: (1) segmentada dos seus constituintes fônicos, (2) transcrição fonética e (3) transcrição ortográfica. Com destaque para as características acústicas da realização das duas fases (oclusiva e fricativa) da africada alveopalatal desvozada [tʃ] (0.042303 segundos) do item lexical dissilábico paroxítono “tchopo” (onomatopeia) [ˈtʃo.pu] (RP75F0-tchopo-1).



Fonte: Elaborada por Antônio Félix de Souza Neto, com os recursos do *PRAAT (Textgrid)* (2019).

A constatação da realização em duas fases (oclusiva e fricativa, respectivamente) equivalentes à africada alveopalatal [tʃ], no item dissilábico “tchopo” (onomatopeia) [ˈtʃo.pu] (RP75F0-tchopo-1), ocorrendo independentemente da realização do segmento aproximante palatal [j] ou do apagamento deste, invalida a nossa hipótese de correlação entre a realização do aproximante [j] e a realização africada alveopalatal [tʃ] (capítulo 2). Nesse caso, também é incoerente interpretar as duas fases sucessivas (oclusiva e fricativa) como realização palatalizada de /t/ ([tʃ]) e, por extensão, como segmento complexo (subseção 6.2.3), com articulação maior e menor, sendo esta última resultante do espraiamento/assimilação de traços do aproximante [j] (subseção 6.3.3). Diante das características acústicas das duas fases iniciais sucessivas do item analisado e da ausência de qualquer evidência de realização ou apagamento do aproximante [j] (possível gatilho), identificamos essas duas fases com a realização africada alveopalatal [tʃ], devendo, portanto,

ser interpretada como segmento de contorno (subseções 6.2.4 e 6.3.3). Embora essa realização africada [tʃ] do item dissilábico “tchopo” (onomatopeia) [ˈtʃo.pu] (RP75F0-tchopo-1) possa estar ocorrendo em duas fases homorgânicas (palatais), preferimos interpretá-la como em duas fases heterorgânicas (alveopalatais) (seção 5.1).

Ressaltamos o fato de a realização africada [tʃ] do item dissilábico “tchopo” (onomatopeia) [ˈtʃo.pu] (RP75F0-tchopo-1) – à semelhança de JP82M0-Tchá-1-[ˈtʃa] (subseção 8.1.1), IT72M0-tchá-1-[ˈtʃa] (subseção 8.1.2) e IT72M0-tchou-1-[ˈtʃo] (subseção 8.1.3) – ocorrer em posição tônica inicial de sílaba com padrões fonológico e fonético CV. Nesse contexto fonético, a realização africada alveopalatal desvozeada [tʃ] é categórica (seção 8.2), pois aí, [tʃ] pode contrastar com [t], gerando pares mínimos tais como:

- a) [ˈto.pu] (substantivo, sinônimo de “cume, cimo” etc.); e
- b) [ˈtʃo.pu] “tchopo” (onomatopeia).

A realização africada alveolar [ts], por sua vez, carregaria a realização [ˈtso.pu], sem correspondentes no léxico da variedade do PS pesquisada¹⁴⁹.

Esses resultados da análise do item lexical dissilábico “tchopo” (onomatopeia) [ˈtʃo.pu] (RP75F0-tchopo-1) corroboram nossa hipótese de as realizações africadas [tʃ] e [dʒ] fazerem parte de uma gramática cuja regra as restringe a itens lexicais nos quais têm potencialidades contrastivas.

Portanto, “tchopo” (onomatopeia) [ˈtʃo.pu] (RP75F0-tchopo-1) está também contemplado pela regra.

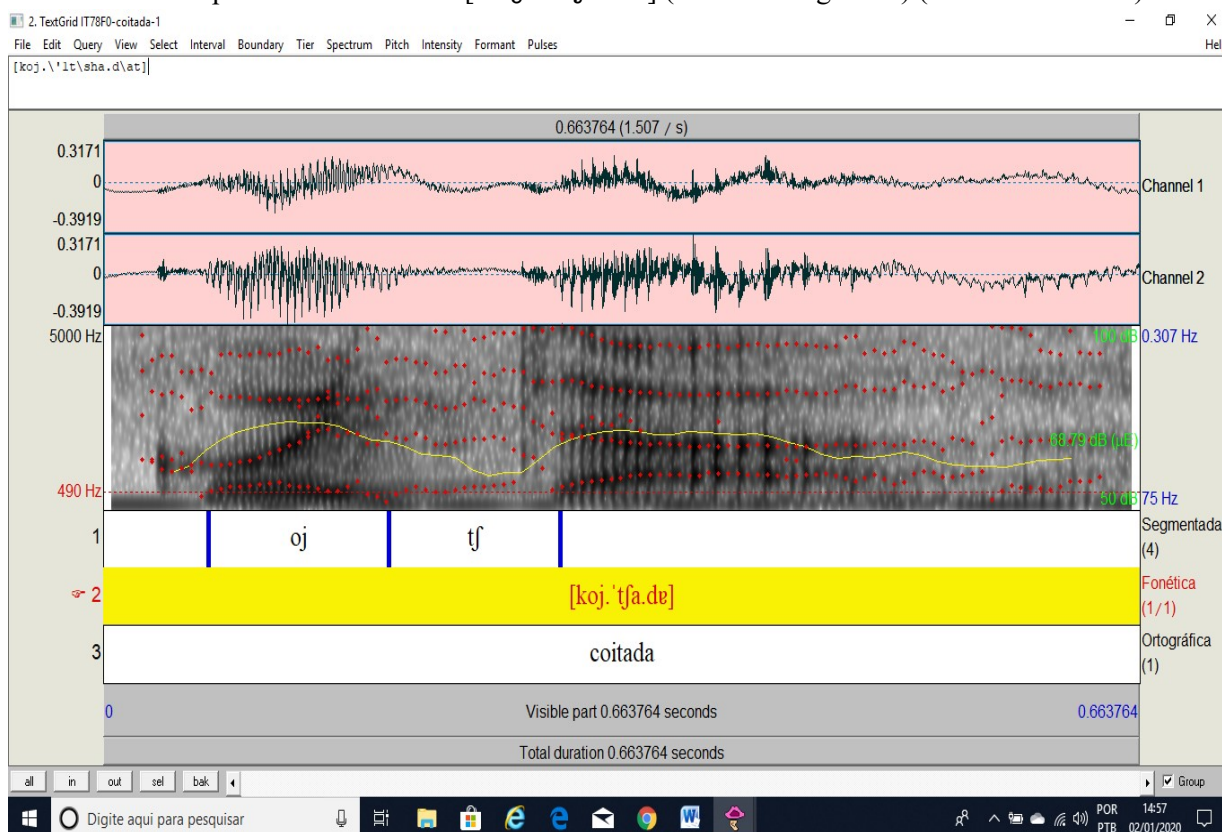
8.1.5 “coitada” (ocorrência 1: código IT78F0-coitada-1)

¹⁴⁹ Cf. Banco de Dados Falares Sergipanos, acessível em <https://docplayer.com.br/23574900-Banco-de-dados-falares-sergipanos.html> ou DOI: https://doi.org/10.5007/1984-8420.2013v14n2p156_

O item lexical “coitada” foi realizado pela informante/colaboradora codificada como IT78F0, uma colaboradora do povoado Rio Fundo, município de Itaporanga, sexo feminino, com 78 anos de idade, que diz nunca ter frequentado a escola.

Nas oitivas, tivemos a impressão da realização [koj.ˈtʃa.dɐ], ou seja, de uma realização africada alveopalatal desvozeada ([tʃ]) em posição tônica medial de palavra, precedida do aproximante palatal [j] do ditongo [oj] e seguida da vogal baixa [a], em um item lexical trissilábico paroxítono. As evidências dessa realização estão ilustradas na plotagem da figura 35. As fases do ditongo [oj] e da africada [tʃ] estão ilustradas, respectivamente, nas plotagens das figuras de 36 a 38 e comentadas em seguida:

Figura 35 - Plotagem do oscilograma em 2 canais e do espectrograma com formantes e intensidade e camadas: (1) segmentada dos seus constituintes fônicos, (2) transcrição fonética e (3) transcrição ortográfica. Com destaque para as características acústicas da realização de todo o item lexical trissilábico paroxítono “coitada” [koj.ˈtʃa.dɐ] (0.663764 segundos) (IT78F0-coitada-1).



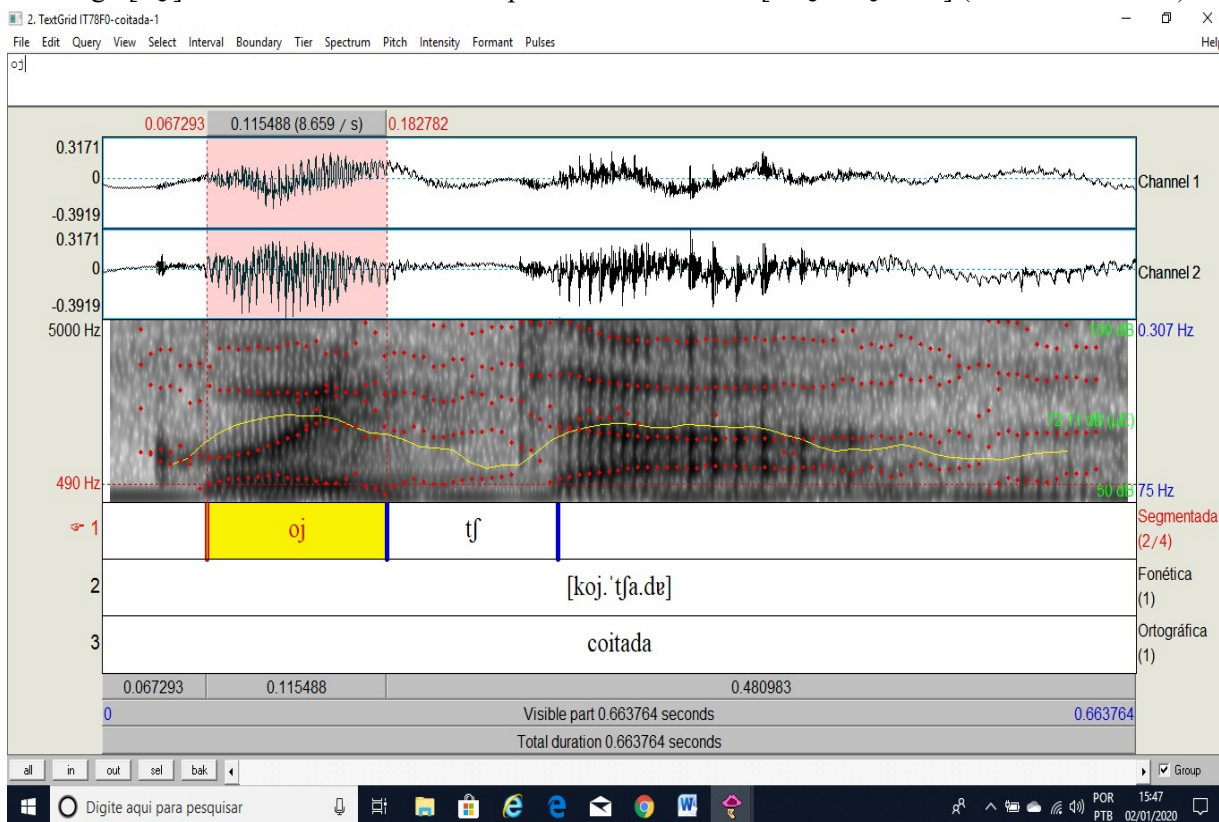
Fonte: Elaborada por Antônio Félix de Souza Neto, com os recursos do PRAAT (Textgrid) (2019).

Em nossa segmentação, IT78F0-coitada-1 teve duração total de 0.663764 segundos, na forma registrada pelo *PRAAT*. Observando a figura 35, podemos identificar, nas ondas do oscilograma e nas áreas do espectrograma, duas fases sucessivas equivalentes a uma dinâmica de transição nos formatos de ondas e na estrutura formântica em mudança gradual, compatível com a realização do ditongo [oj]. Também podemos identificar outras duas fases sucessivas equivalentes a uma oclusão seguida de fricção, compatíveis com uma realização africada alveopalatal desvozeada [tʃ].

Diferentemente de JP82M0-Tchá-1-[^htʃa] (subseção 8.1.1), IT72M0-tchá-1-[^htʃa] (subseção 8.1.2), IT72M0-tchou-1-[^htʃo] (subseção 8.1.3) e de RP75F0-tchopo-1-[^htʃo.pu] (subseção 8.1.3), em IT78F0-coitada-1, as evidências da dinâmica de transição na estrutura formântica em mudança gradual compatível com a realização do ditongo [oj] valida a nossa hipótese de o aproximante [j] servir de gatilho para a realização [tʃ] seguinte (capítulo 2).

Observando as figuras 35 e 36, podemos identificar claramente os sinais acústicos correspondentes ao ditongo [oj]. No oscilograma, as pistas mais evidentes da realização do aproximante palatal [j] do ditongo [oj] são identificadas com as ondas de tipo e forma nitidamente mais regulares (periódicas e aperiódicas) de alta frequência e alta amplitude até o momento em que começa a transição para a fase (oclusiva) seguinte. No espectrograma, as pistas mais evidentes da realização do aproximante palatal [j] do ditongo [oj] são identificadas com o nível de cinza contínuo mais escuro na área do espectrograma correspondente à frequência fundamental (F0) e aos primeiros formantes (F1, F2 e F3), e na dinâmica da transição na estrutura formântica em mudança gradual: a subida gradual do segundo formante (F2) na direção do terceiro formante (F3) é compatível com a realização do aproximante palatal [j] do ditongo [oj]. As evidências dessa realização do aproximante palatal [j] do ditongo [oj] estão ilustradas com o destaque do cursor na área de realização desse ditongo na figura 36:

Figura 36 - Plotagem do oscilograma em 2 canais e do espectrograma com formantes e intensidade do item lexical “coitada” e camadas: (1) segmentada dos seus constituintes fônicos, (2) transcrição fonética e (3) transcrição ortográfica. Com destaque para as características acústicas da realização do ditongo [oj] do item lexical trissilábico paroxítono “coitada” [koj.ˈtʃa.dɐ] (IT78F0-coitada-1).



Fonte: Elaborada por Antônio Félix de Souza Neto, com os recursos do *PRAAT (Textgrid)* (2019).

A fase que sucede a realização do aproximante palatal [j] do ditongo [oj] corresponde à oclusão, obstrução/silêncio transiente. No oscilograma, as pistas mais evidentes da fase oclusiva [t] da realização africada [tʃ] são identificadas com as ondas de tipo e forma nitidamente irregulares (não-periódicas/aperiódicas) de baixa frequência e baixa amplitude até o momento em que começa a transição para a fase seguinte. No espectrograma, as pistas mais evidentes da fase oclusiva [t] da realização africada [tʃ] são identificadas com o nível de cinza contínuo mais claro (relativamente às fases imediatamente precedente e seguinte), correspondente a uma obstrução/silêncio transiente. Em que pese a idade da falante (IT78F0) e/ou a idiossincrasia da realização, embora correspondendo à fase oclusiva desvozeada [t], também em IT78F0-coitada-1 uma leve macha um pouco mais escura na área da barra de vozeamento, aproximadamente no meio da realização (correspondente à frequência fundamental (F0)), evidencia ocorrência de tensão das pregas vocais durante sua realização.

A fase que sucede a oclusão, obstrução/silêncio transiente corresponde à fricção, turbulência. No oscilograma, as pistas mais evidentes da fase fricativa [ʃ] da realização africada [tʃ] são identificadas com as ondas também nitidamente irregulares (não-periódicas/aperiódicas) de frequências mais altas relativamente às da fase (oclusiva) precedente. No espectrograma, as pistas mais evidentes da fase fricativa [ʃ] da realização africada [tʃ] são identificadas com o nível de cinza contínuo mais escuro (relativamente à fase (oclusiva) precedente) na área do espectrograma correspondente aos formantes logo acima (F2, F3 etc.). Em que pese a idade da falante (IT78F0) e/ou a idiossincrasia da realização, embora correspondendo à fase fricativa desvozeada [ʃ], também em IT78F0-coitada-1 uma leve macha um pouco mais escura na área da barra de vozeamento, aproximadamente no meio da realização, correspondente à frequência fundamental (F0) evidencia persistência de tensão das pregas vocais durante sua realização.

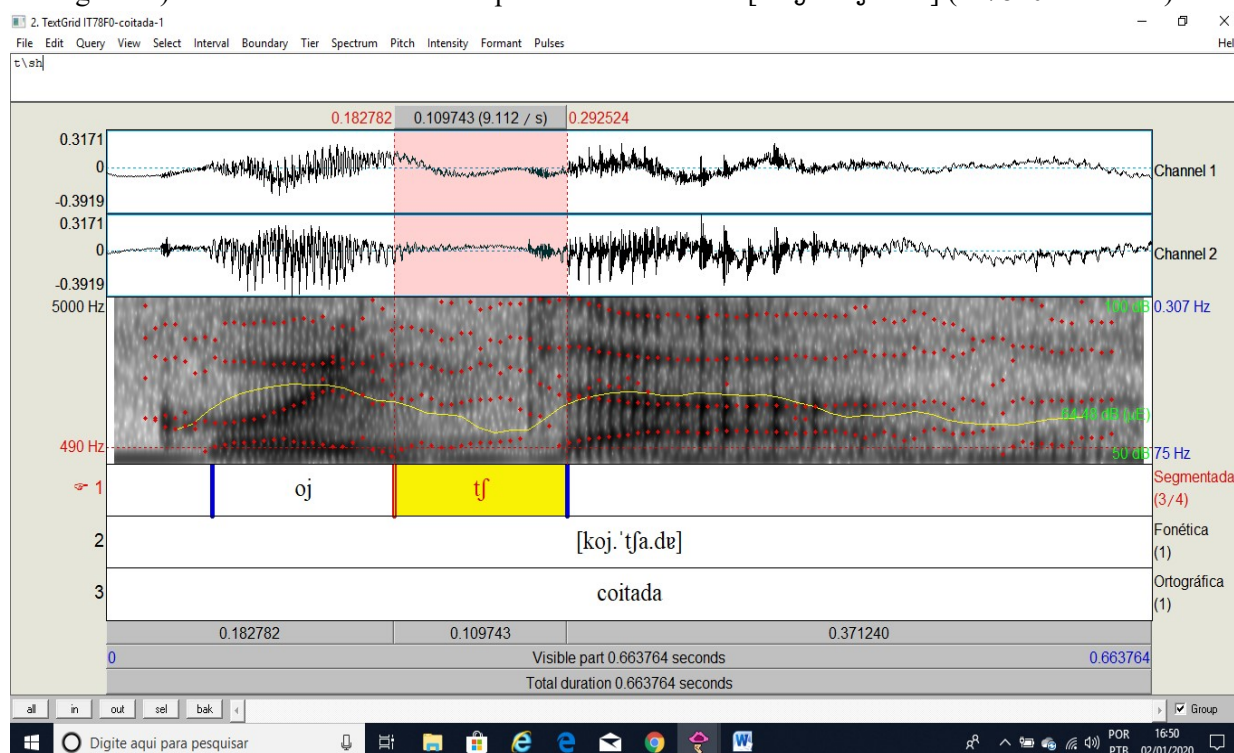
A fase que sucede a fricção/turbulência corresponde à realização da vogal [a] da sílaba tônica [_. 'tʃa. _] da palavra analisada (IT78F0-coitada-1-[koj. 'tʃa.dɐ]). A transição da fase fricativa [ʃ] (da realização africada [tʃ]) para a da vogal [a] tônica é evidenciada pela mudança brusca nos sinais do oscilograma e do espectrograma. No oscilograma, o tipo e a forma das ondas são nitidamente de mais alta frequência, relativamente às fases imediatamente precedentes. No espectrograma, a fase estacionária desde a barra de vozeamento correspondente à frequência fundamental (F0) até as áreas dos formantes logo acima (F1, F2, F3 etc.) e a concentração de energia são compatíveis com a realização da vogal [a] da sílaba tônica medial da palavra. As mudanças nos sinais do oscilograma e do espectrograma que sucedem essa vogal [a] tônica correspondem à sílaba ([_. '_.dɐ]) final da palavra analisada (IT78F0-coitada-1).

Diferentemente de JP82M0-Tchá-1-['tʃa] (subseção 8.1.1), IT72M0-tchá-1-['tʃa] (subseção 8.1.2), IT72M0-tchou-1-['tʃo] (subseção 8.1.3) e RP75F0-tchopo-1-['tʃo.pu] (subseção 8.1.4), em IT78F0-coitada-1-[koj. 'tʃa.dɐ], a presença do aproximante palatal [j] no contexto fonético precedente nos permite atribuir à fase fricativa o fenômeno da africacão por coarticulação preservatória dos traços [contínuo, -anterior, palatal] do aproximante palatal [j] (seção 5.5). Nos termos da FA, a fase fricativa (africacão)

corresponde ao espriamento/à assimilação progressiva dos traços [contínuo, -anterior, palatal] do aproximante palatal [j], que gera um segmento intruso equivalente a [ʃ] (subseção 6.3.3).

Em que pesem a presença da vogal [a] tônica no contexto seguinte, a realização do aproximante palatal [j] precedente, a expressividade ilocucionária, o curso da intensidade (linha amarela da área do espectrograma) e a duração da realização do item lexical analisado (IT78F0-coitada-1) (seção 8.2), as duas fases (oclusiva e fricativa) juntas têm, em nossa segmentação, duração de 0.109743 segundos, e suas características acústicas são compatíveis com a realização africada alveopalatal [tʃ], tal como ilustrado na parte destacada com o cursor na figura 37:

Figura 37 - Plotagem do oscilograma em 2 canais e do espectrograma com formantes e intensidade e camadas: (1) segmentada dos seus constituintes fônicos, (2) transcrição fonética e (3) transcrição ortográfica. Com destaque para a realização africada alveopalatal desvozeada [tʃ] (0.109743 segundos) do item lexical trissilábico paroxítono “coitada” [koj. 'tʃa.dɐ] (IT78F0-coitada-1).



Fonte: Elaborada por Antônio Félix de Souza Neto, com os recursos do *PRAAT (Textgrid)* (2019).

A constatação da realização do aproximante palatal [j] no contexto fonético precedente à realização em duas fases (oclusiva e fricativa, respectivamente) equivalentes à

africada alveopalatal [tʃ], no item lexical trissilábico “coitada” [ko.j.ˈtʃa.dɐ] (IT78F0-coitada-1), valida a nossa hipótese de correlação entre a realização do aproximante [j] e a realização africana alveopalatal [tʃ] (capítulo 2). Nesse caso, podemos interpretar as duas fases sucessivas (oclusiva e fricativa) como realização palatalizada de /t/ ([tʲ]) e, por extensão, como segmento complexo (subseção 6.2.3), com articulação maior e menor, sendo esta última resultante do espriamento/assimilação progressivo(a) dos traços [contínuo, -anterior, palatal] do aproximante palatal [j] (subseção 6.3.3). Contudo, conforme anunciamos na subseção 6.3.3 desta tese, mesmo reconhecendo a pertinência da simbolização formal ([tʲ], segundo o IPA), para evitar confusão decorrente das interpretações possíveis da africana alveopalatal no modelo da FA (subseções 6.2.3, 6.2.4 e 6.3.3) que adotamos aqui, preferimos interpretá-la como segmento de contorno e, por conseguinte, simbolizá-la com [tʃ] (subseções 6.2.4 e 6.3.3). Embora essa realização africana [tʃ] do item lexical trissilábico “coitada” [ko.j.ˈtʃa.dɐ] (IT78F0-coitada-1) possa estar ocorrendo em duas fases homorgânicas (palatais), preferimos interpretá-la como em duas fases heterorgânicas (alveopalatal) (seção 6.1).

Ressaltamos o fato de a realização africana [tʃ] do item lexical trissilábico “coitada” [ko.j.ˈtʃa.dɐ] (IT78F0-coitada-1) ocorrer em posição tônica medial de palavra, em sílaba com padrões fonológico e fonético CV. Embora não conste nos dados da nossa pesquisa (seção 8.2), nesse contexto fonético, por não contrastarem no léxico da variedade do PS pesquisada, [tʃ], [tʃs] e [t] podem estar em variação.

Esses resultados da análise do item lexical trissilábico “coitada” [ko.j.ˈtʃa.dɐ] (IT78F0-coitada-1) corroboram nossa hipótese de as realizações africanas [tʃ] e [dʒ] fazerem parte de uma gramática cuja regra as restringe a contextos em que o aproximante palatal [j] de ditongo dos tipos vogal+[j] e [j]+vogal é esperado.

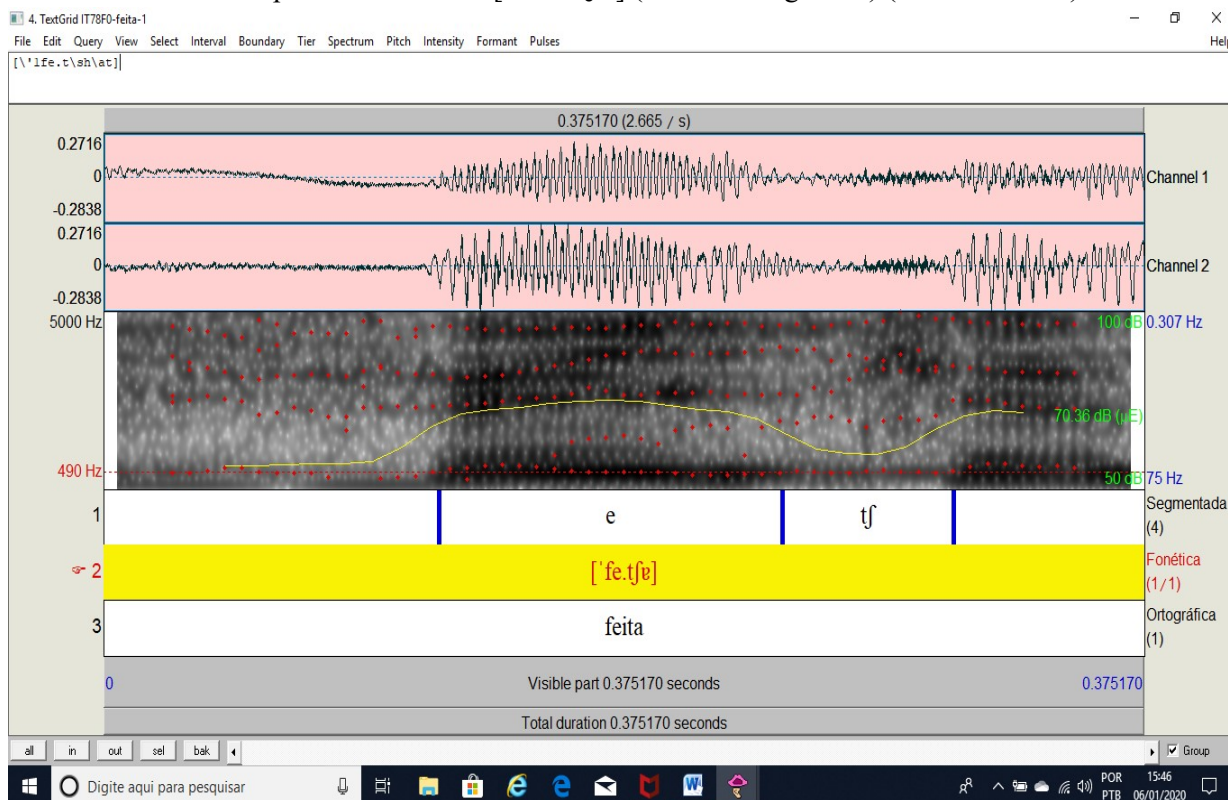
Portanto, “coitada” [ko.j.ˈtʃa.dɐ] (IT78F0-coitada-1) está também contemplado pela regra.

8.1.6 “feita” (ocorrência 1: código IT78F0-feita-1)

O item lexical “feita” foi realizado pela mesma informante/colaboradora codificada como IT78F0 (subseção 8.1.5), uma colaboradora do povoado Rio Fundo, município de Itaporanga, sexo feminino, com 78 anos de idade, que diz nunca ter frequentado a escola.

Nas oitivas, tivemos a impressão da realização [^h f e . t ʃ e], ou seja, de uma realização africada alveopalatal desvozeada ([t ʃ]) em posição pós-tônica final de palavra, precedida da vogal [e] e seguida da vogal [e], em um item lexical dissilábico paroxítono. As evidências dessa realização estão ilustradas na plotagem da figura 38. As fases da vogal [e] e da africada [t ʃ] estão ilustradas, respectivamente, nas plotagens das figuras 39 e 40 e comentadas em seguida:

Figura 38 - Plotagem do oscilograma em 2 canais e do espectrograma com formantes e intensidade e camadas: (1) segmentada dos seus constituintes fônicos, (2) transcrição fonética e (3) transcrição ortográfica. Com destaque para as características acústicas da realização de todo o item lexical dissilábico paroxítono “feita” [^h f e . t ʃ e] (0.375170 segundos) (IT78F0-feita-1).

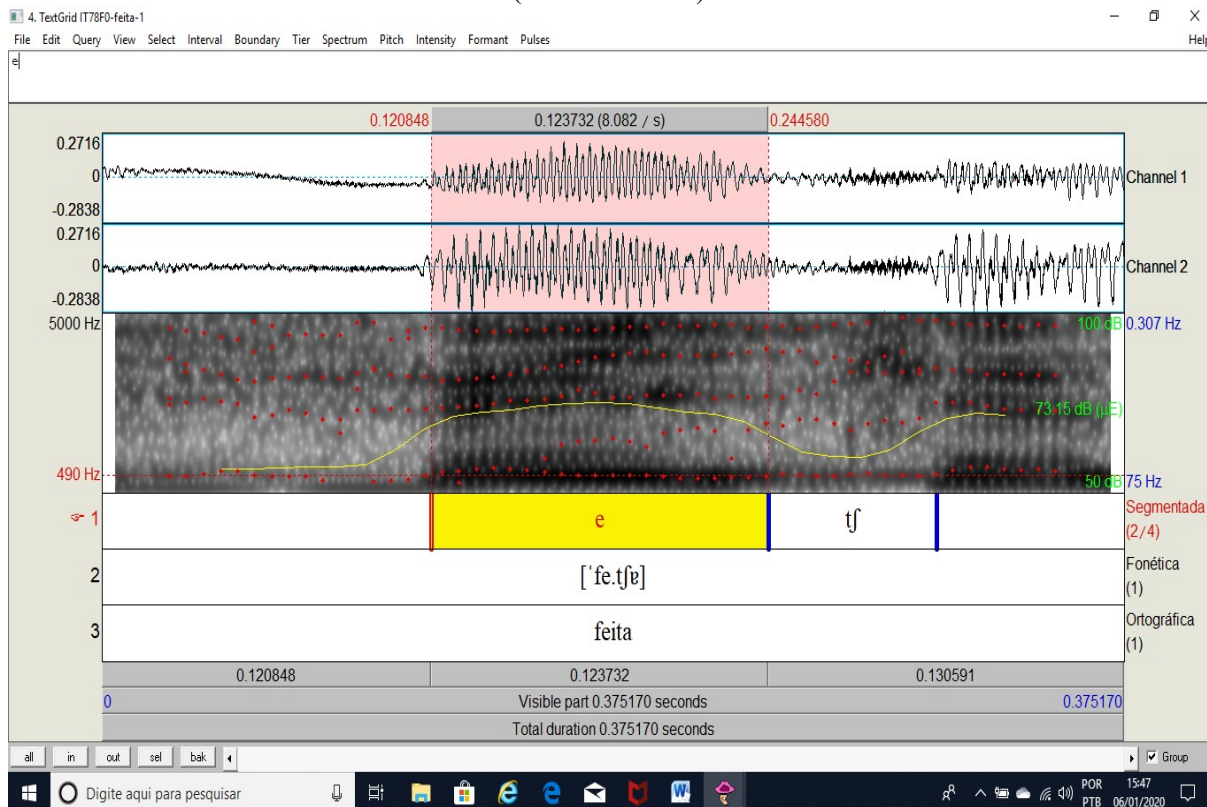


Fonte: Elaborada por Antônio Félix de Souza Neto, com os recursos do *PRAAT* (*Textgrid*) (2019).

Em nossa segmentação, IT78F0-feita-1 teve duração total de 0.375170 segundos, na forma registrada pelo PRAAT. Observando a figura 38, não podemos identificar com clareza duas fases sucessivas equivalentes a uma dinâmica de transição nos formatos de ondas e na estrutura formântica em mudança gradual, compatível com a realização do ditongo [ej] esperado. Não obstante, podemos identificar duas fases sucessivas equivalentes a uma oclusão seguida de fricção, compatíveis com uma realização africada alveopalatal desvozeada [tʃ].

Ao contrário de duas fases claramente distintas correspondentes ao ditongo [ej], observando as figuras 38 e 39, podemos identificar uma realização compatível com a vogal [e]. A realização desta vogal [e] equivale ao apagamento (parcial) do aproximante palatal [j] do ditongo [ej]. No oscilograma, as pistas mais evidentes da realização da vogal (parcialmente) monotongada [e] são identificadas com as ondas de tipo e forma nitidamente mais regulares (periódicas e aperiódicas) de alta frequência e alta amplitude até o momento em que começa a transição para a fase (oclusiva) seguinte. No espectrograma, as pistas mais evidentes da realização da vogal (parcialmente) monotongada [e] são identificadas com o nível de cinza contínuo mais escuro na área do espectrograma correspondente à frequência fundamental (F0) e aos formantes mais acima (F2, F3, F4 etc.), e na ausência de uma clara dinâmica de transição na estrutura formântica em mudança gradual. Diferentemente de uma dinâmica de transição na estrutura formântica em mudança gradual, os sinais acústicos identificam mais uma fase estacionária na barra de vozeamento correspondente à frequência fundamental (F0) e nas áreas dos formantes mais acima (F2, F3, F4 etc.), e uma concentração de energia compatível com a realização da vogal (parcialmente) monotongada [e] da sílaba tônica inicial da palavra analisada (IT78F0-feita-1). As evidências de apagamento (parcial) do aproximante palatal [j] do ditongo [ej] estão ilustradas com o destaque do cursor na área de realização da vogal (parcialmente) monotongada [e] na figura 39:

Figura 39 - Plotagem do oscilograma em 2 canais e do espectrograma com formantes e intensidade e camadas: (1) segmentada dos seus constituintes fônicos, (2) transcrição fonética e (3) transcrição ortográfica. Com destaque para as características acústicas da realização da vogal [e] resultante da monotongação parcial do ditongo [ej] do item lexical dissilábico paroxítono “feita” [ˈfɛ.tʃɛ] (IT78F0-feita-1).



Fonte: Elaborada por Antônio Félix de Souza Neto, com os recursos do PRAAT (Textgrid) (2019).

A fase que sucede a realização monotongada [e] corresponde à oclusão, obstrução/silêncio transitente. No oscilograma, as pistas mais evidentes da fase oclusiva [t] da realização africada [tʃ] são identificadas com as ondas de tipo e forma nitidamente irregulares (não-periódicas/aperiódicas) de baixa frequência e baixa amplitude até o momento em que começa a transição para a fase seguinte. No espectrograma, as pistas mais evidentes da fase oclusiva [t] da realização africada [tʃ] são identificadas com o nível de cinza contínuo mais claro relativamente às fases imediatamente precedente e seguinte. Em que pese a idade da falante (IT78F0), embora correspondendo à fase oclusiva desvozeada [t], também em IT78F0-feita-1 uma leve macha um pouco mais escura na área da barra de vozeamento, aproximadamente no meio da realização, correspondente à frequência fundamental (F0), evidencia ocorrência de tensão das pregas vocais durante sua realização. Por outro lado, essa tensão pode ser idiossincrática de IT78F0-feita-1.

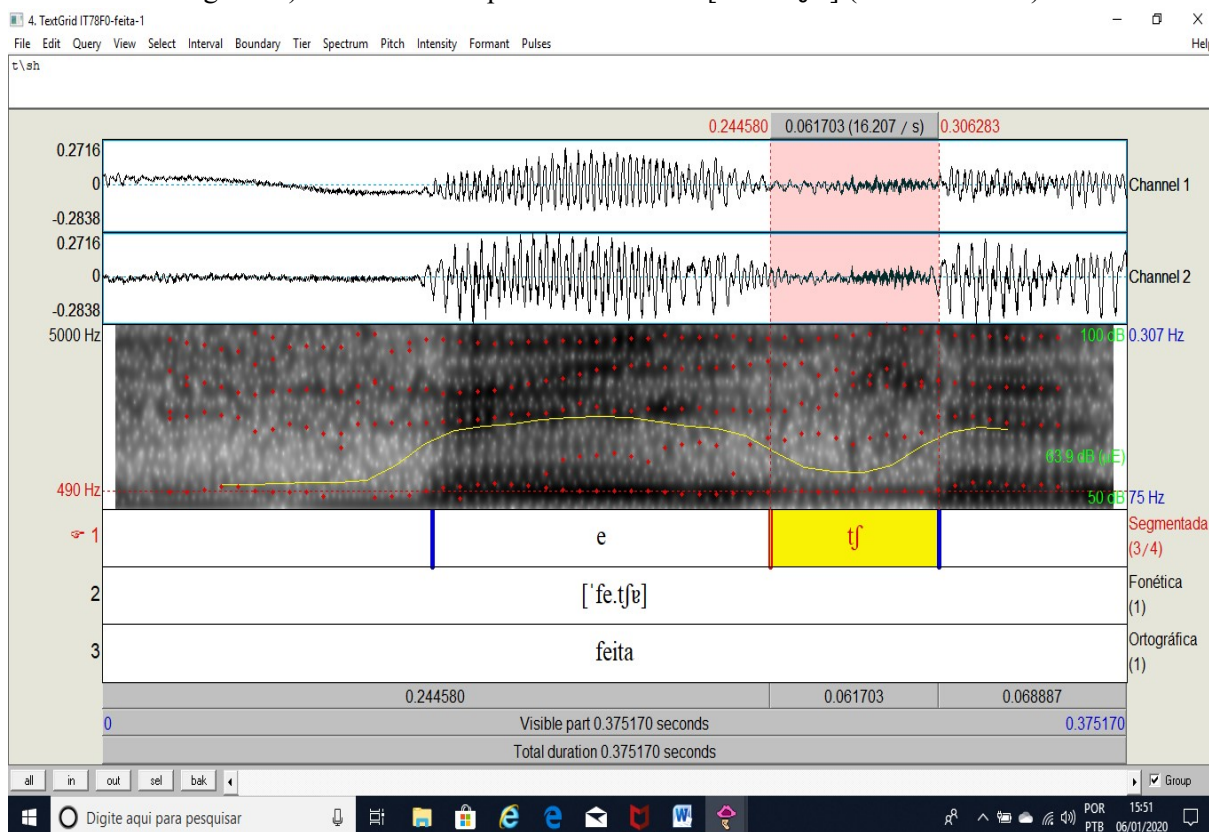
A fase que sucede a oclusão, obstrução/silêncio transiente corresponde à fricção, turbulência. No oscilograma, as pistas mais evidentes da fase fricativa [ʃ] da realização africada [tʃ] são identificadas com as ondas também nitidamente irregulares (não-periódicas/aperiódicas) de frequências mais altas relativamente às da fase (oclusiva) precedente. No espectrograma, as pistas mais evidentes da fase fricativa [ʃ] da realização africada [tʃ] são identificadas com o nível de cinza contínuo mais escuro relativamente à fase (oclusiva) precedente, na área do espectrograma correspondente aos formantes mais acima (F3, F4 etc.). Em que pese a idade da falante (IT78F0), embora correspondendo à fase fricativa desvozeada [ʃ], também em IT78F0-feita-1 uma leve macha um pouco mais escura na área da barra de vozeamento, aproximadamente no meio da realização, correspondente à frequência fundamental (F0), evidencia persistência de tensão das pregas vocais durante sua realização. Por outro lado, essa tensão também pode ser idiossincrática de IT78F0-feita-1.

A fase que sucede a fricção/turbulência corresponde à realização da vogal [ɐ] da sílaba pós-tônica [' _ .tʃɐ] da palavra analisada (IT78F0-feita-1-[' fɛ.tʃɐ]). A transição da fase fricativa [ʃ] (da realização africada [tʃ]) para a da vogal [ɐ] pós-tônica é evidenciada pela mudança brusca nos sinais do oscilograma e do espectrograma. No oscilograma, o tipo e a forma das ondas são nitidamente mais regulares e de mais alta frequência e mais alta amplitude relativamente às fases precedentes. No espectrograma, a fase estacionária desde a barra de vozeamento correspondente à frequência fundamental (F0) até as áreas dos formantes mais acima deste (F2, F3, F4 etc.) e a concentração de energia são compatíveis com a realização da vogal [ɐ] pós-tônica final, antes de pausa.

Diferentemente de IT78F0-coitada-1-[ko.j.'tʃa.dɐ] (subseção 8.1.5), em IT78F0-feita-1-[' fɛ.tʃɐ], embora na ausência (parcial) do aproximante palatal [j] no contexto fonético precedente, podemos atribuir à fase fricativa o fenômeno da africação por coarticulação preservatória dos traços [contínuo, -anterior, palatal] do aproximante palatal [j] (seção 5.5). Nos termos da FA, a fase fricativa (africação) corresponde ao espraiamento/à assimilação progressiva dos traços [contínuo, -anterior, palatal] remanescentes do aproximante palatal [j] (parcialmente apagado), que gera um segmento intruso equivalente a [ʃ] (seção 6..3.3).

Em que pesem a presença da vogal [ɐ] pós-tônica no contexto seguinte, o apagamento (parcial) do aproximante palatal [j] precedente, a expressividade ilocucionária, o curso da intensidade (linha amarela da área do espectrograma) e a duração da realização do item lexical analisado (IT78F0-feita-1) (seção 8.2), as duas fases (oclusiva e fricativa) juntas têm, em nossa segmentação, duração de 0.061703 segundos, e suas características acústicas são compatíveis com a realização da africada alveopalatal [tʃ], tal como ilustrado na parte destacada com o cursor na figura 40:

Figura 40 - Plotagem do oscilograma em 2 canais e do espectrograma com formantes e intensidade e camadas: (1) segmentada dos seus constituintes fônicos, (2) transcrição fonética e (3) transcrição ortográfica. Com destaque para a realização africada alveopalatal desvozeada [tʃ] (0.061703 segundos) do item lexical paroxítono “feita” [ˈfɛ.tʃɐ] (IT78F0-feita-1).



Fonte: Elaborada por Antônio Félix de Souza Neto, com os recursos do PRAAT (Textgrid) (2019).

A constatação do apagamento (parcial) do aproximante palatal [j] no contexto fonético precedente à realização em duas fases (oclusiva e fricativa, respectivamente) equivalentes à africada alveopalatal [tʃ], no item dissilábico paroxítono “feita” [ˈfɛ.tʃɐ] (IT78F0-feita-1), valida a hipótese de correlação entre o apagamento do aproximante [j] e a

realização africada alveopalatal [tʃ] (capítulo 2). Nesse caso, podemos interpretar as duas fases sucessivas (oclusiva e fricativa) como realização palatalizada de /t/ ([t^j]) e, por extensão, como segmento complexo (subseção 6.2.3), com articulação maior e menor, sendo esta última resultante do espriamento/assimilação progressivo(a) dos traços [contínuo, -anterior, palatal] remanescentes do aproximante palatal [j] precedente (parcialmente apagado) (subseção 6.3.3). Contudo, conforme anunciamos na subseção 6.3.3 desta tese, mesmo reconhecendo a pertinência da simbolização formal ([t^j], segundo o IPA), para evitar confusão decorrente das interpretações possíveis da africada alveopalatal no modelo da FA (subseções 6.2.3, 6.2.4 e 6.3.3) que adotamos aqui, preferimos interpretá-la como segmento de contorno e, por conseguinte, simbolizá-la com [tʃ] (subseções 6.2.4 e 6.3.3). Embora essa realização africada [tʃ] do item lexical dissilábico paroxítono “feita” [ˈfɛ.tʃɐ] (IT78F0-feita-1) possa estar ocorrendo em duas fases homorgânicas (palatais), preferimos interpretá-la como em duas fases heterorgânicas (alveopalatal) (seção 5.1).

Ressaltamos o fato de a realização africada [tʃ] do item lexical dissilábico “feita” [ˈfɛ.tʃɐ] (IT78F0-feita-1) ocorrer em posição pós-tônica final de palavra, em sílaba com padrões fonológico e fonético CV. Nesse contexto fonético, a realização africada alveopalatal desvozeada [tʃ] é categórica (seção 8.2), pois:

- a) a realização plena [t] carrearia a realização [ˈfɛ.tɐ]; e
- b) de modo análogo, a realização africada alveolar [tʃ] carrearia a realização [ˈfɛ.tʃɐ].

Ambas sem correspondentes no léxico da variedade do PS pesquisada¹⁵⁰.

Esses resultados da análise do item lexical dissilábico “feita” [ˈfɛ.tʃɐ] (IT78F0-feita-1) corroboram nossa hipótese de as realizações africadas [tʃ] e [dʒ] fazerem parte de uma gramática cuja regra as restringe a:

¹⁵⁰ Cf. Banco de Dados Falares Sergipanos, acessível em <https://docplayer.com.br/23574900-Banco-de-dados-falares-sergipanos.html> ou DOI: <https://doi.org/10.5007/1984-8420.2013v14n2p156>.

- a) contextos em que o aproximante palatal [j] de ditongo dos tipos vogal+[j] e [j]+vogal é esperado, podendo o gatilho ([j]) que dispara a regra de africacão ser apagado logo em seguida; e
- b) itens lexicais nos quais têm potencialidades contrastivas.

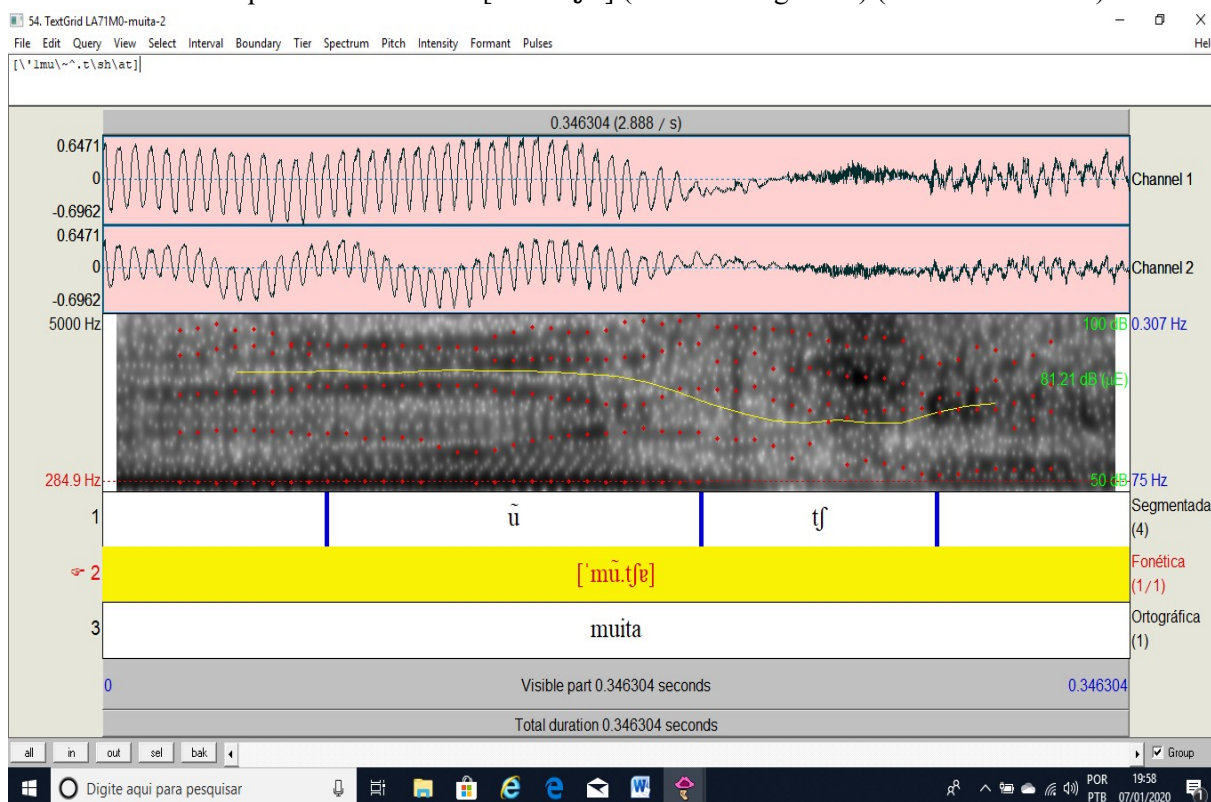
Portanto, “feita” [ˈfɛ.tʃɐ] (IT78F0-feita-1) está também contemplado pela regra.

8.1.7 “muita” (ocorrência 2: código LA71M0-muita-2)

O item lexical “muita” foi realizado pelo informante/colaborador codificado como LA71M0, um colaborador do município de Laranjeiras, sexo masculino, com 71 anos de idade, que diz nunca ter frequentado a escola.

Nas oitivas, tivemos a impressão da realização [ˈmũ.tʃɐ], ou seja, de uma realização africada alveopalatal desvozeada ([tʃ]) em posição pós-tônica final de palavra, precedida da vogal nasalizada [ũ] e seguida da vogal [ɐ], em um item lexical dissilábico paroxítono. As evidências dessa realização estão ilustradas na plotagem da figura 41. As fases da vogal nasalizada [ũ] e da africada [tʃ] estão ilustradas, respectivamente, nas plotagens das figuras 42 e 43 e comentadas em seguida:

Figura 41 - Plotagem do oscilograma em 2 canais e do espectrograma com formantes e intensidade e camadas: (1) segmentada dos seus constituintes fônicos, (2) transcrição fonética e (3) transcrição ortográfica. Com destaque para as características acústicas da realização de todo o item lexical dissilábico paroxítono “muita” [ˈmũ.tʃɐ] (0.346304 segundos) (LA71M0-muita-2).



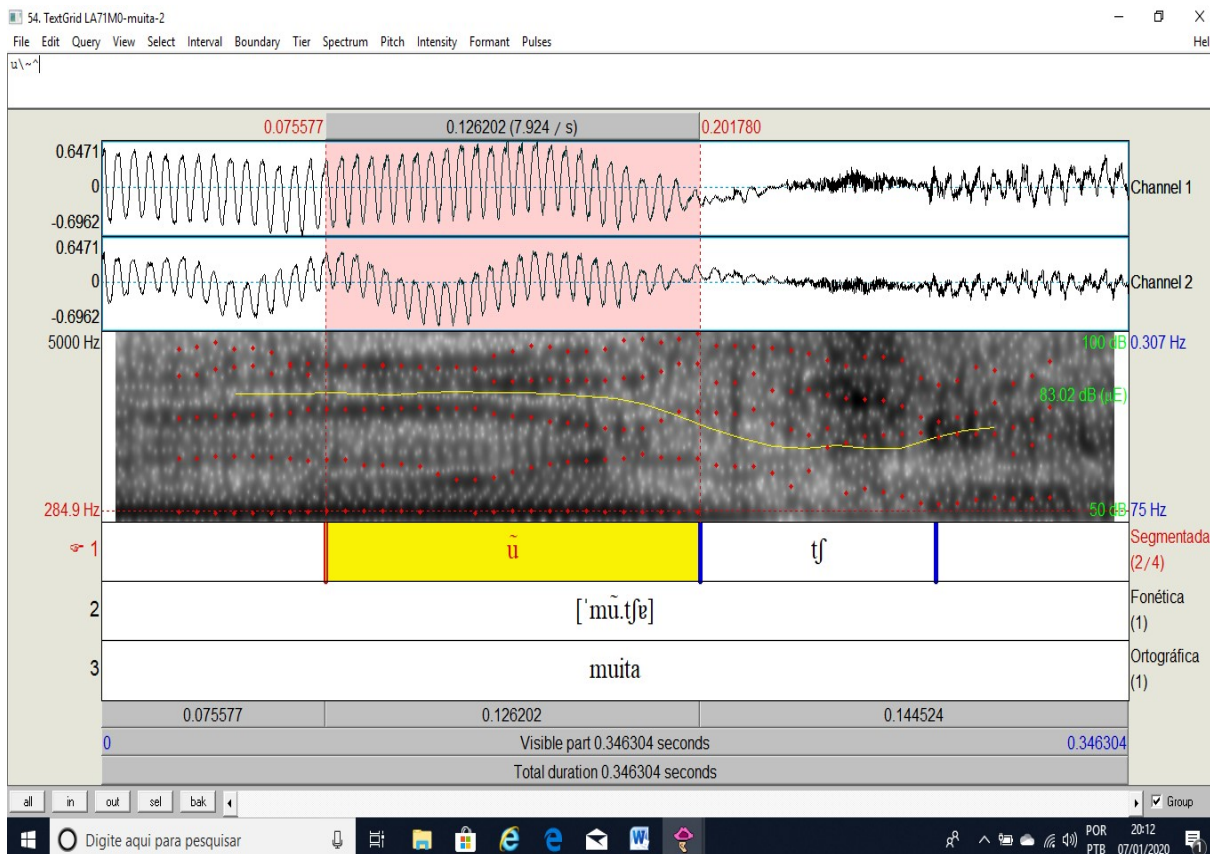
Fonte: Elaborada por Antônio Félix Souza Neto, com os recursos do *PRAAT (Textgrid)* (2019).

Em nossa segmentação, LA71M0-muita-2 teve duração total de 0.346304 segundos, na forma registrada pelo PRAAT. Observando a figura 41, não podemos identificar com clareza duas fases sucessivas equivalentes a uma dinâmica de transição nos formatos de ondas e na estrutura formântica em mudança gradual, compatível com a realização do ditongo nasalizado [ũ̃j] esperado. Não obstante, contrariando a nossa hipótese de correlação entre realização do aproximante palatal [j] e realização africada alveopalatal desvozeada [tʃ] (capítulo 2), podemos identificar duas fases sucessivas equivalentes a uma oclusão seguida de fricção, compatíveis com uma realização africada alveopalatal desvozeada [tʃ].

Assim como em IT78F0-feita-1 (subseção 8.1.6), ao contrário de duas fases claramente distintas correspondentes ao ditongo nasalizado [ũ̃j], observando as figuras 41 e 42, podemos identificar em LA71M0-muita-2 uma realização compatível com a vogal nasalizada [ũ̃]. A realização desta vogal nasalizada [ũ̃] equivale ao apagamento (parcial) do

aproximante palatal [j] do ditongo nasalizado [ũ̃j]. No oscilograma, as pistas mais evidentes da realização da vogal nasalizada (parcialmente) monotongada [ũ] são identificadas com as ondas de tipo e forma nitidamente mais regulares (periódicas e aperiódicas) de alta frequência e alta amplitude até o momento em que começa a transição para a fase (oclusiva) seguinte. No espectrograma, as pistas mais evidentes da realização da vogal nasalizada (parcialmente) monotongada [ũ] são identificadas com o nível de cinza contínuo mais escuro na área do espectrograma correspondente à frequência fundamental (F0) e aos formantes logo acima (F1, F2, F3, F4 etc.), e na ausência de uma clara dinâmica de transição na estrutura formântica em mudança gradual. Diferentemente de uma dinâmica de transição na estrutura formântica em mudança gradual, os sinais acústicos identificam mais uma fase estacionária na barra de vozeamento correspondente à frequência fundamental (F0) e nas áreas dos formantes mais acima (F3, F4 etc.), e uma concentração de energia compatível com a realização da vogal nasalizada (parcialmente) monotongada [ũ] da sílaba tônica inicial da palavra analisada (LA71M0-muita-2). As evidências de apagamento (parcial) do aproximante palatal [j] do ditongo nasalizado [ũ̃j] estão ilustradas com o destaque do cursor na área de realização da vogal nasalizada (parcialmente) monotongada [ũ] na figura 42:

Figura 42 - Plotagem do oscilograma em 2 canais e do espectrograma com formantes e intensidade e camadas: (1) segmentada dos seus constituintes fônicos, (2) transcrição fonética e (3) transcrição ortográfica. Com destaque para as características acústicas da realização da vogal (parcialmente) monotongada [ũ], resultante do apagamento parcial do aproximante [j] do ditongo nasalizado [ũj] do item lexical dissilábico paroxítono “muita” [ˈmũ.tʃɐ] (LA71M0-muita-2).



Fonte: Elaborada por Antônio Félix de Souza Neto, com os recursos do PRAAT (*Textgrid*) (2019).

A fase que sucede a realização (parcialmente) monotongada [ũ] corresponde à oclusão, obstrução/silêncio transitente. No oscilograma, as pistas mais evidentes da fase oclusiva [t] da realização africada [tʃ] são identificadas com as ondas de tipo e forma nitidamente irregulares (não-periódicas/aperiódicas) de baixa frequência e baixa amplitude até o momento em que começa a transição para a fase seguinte. No espectrograma, as pistas mais evidentes da fase oclusiva [t] da realização africada [tʃ] são identificadas com o nível de cinza contínuo mais claro relativamente às fases imediatamente precedente e seguinte. Em que pese a idade do falante (LA71M0), embora correspondendo à fase oclusiva desvozeada [t], também em LA71M0-muita-2 uma leve macha um pouco mais escura na área da barra de vozeamento, mais no início da realização, correspondente à frequência fundamental (F0),

evidencia ocorrência de tensão das pregas vocais durante sua realização. Por outro lado, essa tensão pode ser idiossincrática de LA71M0-muita-2.

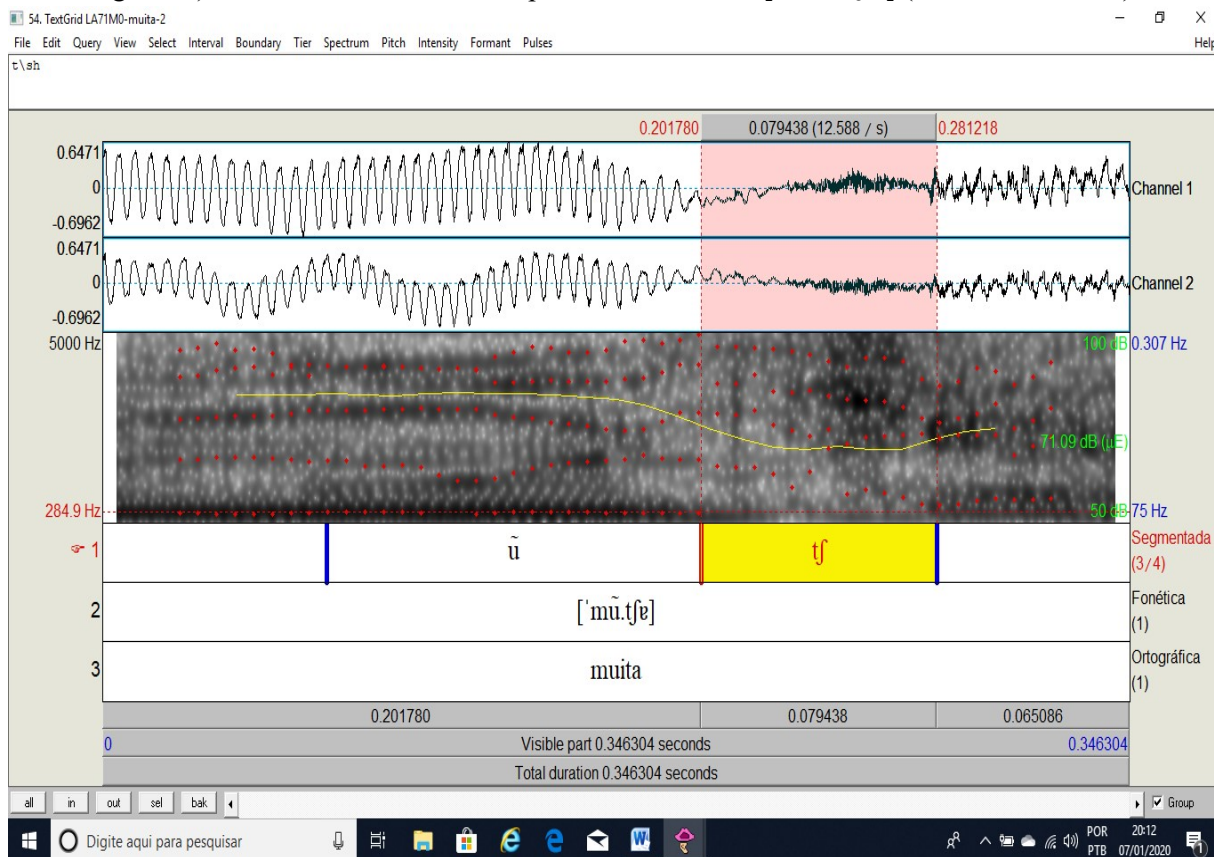
A fase que sucede a oclusão, obstrução/silêncio transiente corresponde à fricção, turbulência. No oscilograma, as pistas mais evidentes da fase fricativa [ʃ] da realização africada [tʃ] são identificadas com as ondas também nitidamente irregulares (não-periódicas/aperiódicas) de frequências mais altas relativamente às da fase (oclusiva) precedente. No espectrograma, as pistas mais evidentes da fase fricativa [ʃ] da realização africada [tʃ] são identificadas com o nível de cinza contínuo mais escuro relativamente à fase (oclusiva) precedente, na área do espectrograma correspondente aos formantes mais acima (F3, F4 etc.). Em que pese a idade do falante, em LA71M0-muita-2, não identificamos evidência de tensão das pregas vocais durante sua realização da fase fricativa desvozeada [ʃ].

A fase que sucede a fricção/turbulência corresponde à realização da vogal [ɐ] da sílaba pós-tônica [' _ . t ʃ ɐ] da palavra analisada (LA71M0-muita-2-[' mũ . t ʃ ɐ]). A transição da fase fricativa [ʃ] (da realização africada [tʃ]) para a da vogal [ɐ] pós-tônica é evidenciada pela mudança nos sinais do oscilograma e do espectrograma. No oscilograma, o tipo e a forma das ondas são mais regulares e de mais alta amplitude relativamente às fases precedentes. No espectrograma, a fase estacionária na barra de vozeamento correspondente à frequência fundamental (F0) e nas áreas dos formantes mais acima deste (F2, F3 etc.), e a concentração de energia são compatíveis com a realização da vogal [ɐ] pós-tônica final (*offset*) esmaecendo antes de pausa.

Assim como em IT78F0-feita-1, mesmo na ausência do aproximante palatal [j] no contexto fonético precedente, podemos atribuir à fase fricativa o fenômeno da africacção por coarticulação preservatória dos traços remanescentes [contínuo, -anterior, palatal] do aproximante palatal [j] precedente (parcialmente apagado) (seção 5.5). Nos termos da FA, a fase fricativa (africacção) corresponde ao espriamento/à assimilação progressiva dos traços remanescentes [contínuo, -anterior, palatal] do aproximante palatal [j] precedente (parcialmente apagado), que gera um segmento intruso equivalente a [ʃ] (subseção 6.3.3).

Em que pesem a presença da vogal [ɐ] pós-tônica no contexto seguinte, o apagamento do aproximante palatal [j] precedente, a expressividade ilocucionária, o curso da intensidade (linha amarela da área do espectrograma) e a duração da realização do item lexical analisado (LA71M0-muita-2) (seção 8.2), as duas fases (oclusiva e fricativa) juntas têm, em nossa segmentação, duração de 0.079438 segundos, e suas características acústicas são compatíveis com a realização da africada alveopalatal [tʃ], tal como ilustrado na parte destacada com o cursor na figura 43:

Figura 43 - Plotagem do oscilograma em 2 canais e do espectrograma com formantes e intensidade e camadas: (1) segmentada dos seus constituintes fônicos, (2) transcrição fonética e (3) transcrição ortográfica. Com destaque para a realização africada alveopalatal desvozeada [tʃ] (0.079438 segundos) do item lexical dissilábico paroxítono “muita” [ˈmũ.tʃɐ] (LA71M0-muita-2).



Fonte: Elaborada por Antônio Félix de Souza Neto, com os recursos do PRAAT (Textgrid) (2019).

A constatação do apagamento (parcial) do aproximante palatal [j] no contexto fonético precedente à realização em duas fases (oclusiva e fricativa, respectivamente) equivalentes à africada alveopalatal [tʃ], no item dissilábico paroxítono “muita” [ˈmũ.tʃɐ]

(LA71M0-muita-2), válida a hipótese de correlação entre o apagamento do aproximante [j] e a realização africada alveopalatal [tʃ] (capítulo 2). Nesse caso, podemos interpretar as duas fases sucessivas (oclusiva e fricativa) como realização palatalizada de /t/ ([tʲ]) e, por extensão, como segmento complexo (subseção 6.2.3), com articulação maior e menor, sendo esta última resultante do espraçamento/assimilação progressivo(a) dos traços remanescentes [contínuo, -anterior, palatal] do aproximante palatal [j] precedente (parcialmente apagado) (subseção 6.3.3). Contudo, conforme anunciamos na subseção 6.3.3 desta tese, mesmo reconhecendo a pertinência da simbolização formal ([tʲ], segundo o IPA), para evitar confusão decorrente das interpretações possíveis da africada alveopalatal no modelo da FA (subseções 6.2.3, 6.2.4 e 6.3.3) que adotamos aqui, preferimos interpretá-la como segmento de contorno e, por conseguinte, simbolizá-la com [tʃ] (subseções 6.2.4 e 6.3.3). Embora essa realização africada [tʃ] do item dissilábico paroxítono “muita” [ˈmũ.tʃɐ] (LA71M0-muita-2) possa estar ocorrendo em duas fases homorgânicas (palatais), preferimos interpretá-la como em duas fases heterorgânicas (alveopalatal) (seção 5.1).

Ressaltamos o fato de a realização africada [tʃ] do item lexical dissilábico “muita” [ˈmũ.tʃɐ] (LA71M0-muita-2) ocorrer em posição pós-tônica final de palavra, em sílaba com padrões fonológico e fonético CV. Nesse contexto fonético, a realização africada alveopalatal desvozeada [tʃ] é categórica (seção 8.2), pois aí, [tʃ] pode contrastar com [t], gerando pares mínimos tais como:

- a) [ˈmũ.tɐ] (terceira pessoa do indicativo presente de “montar”); e
- b) [ˈmũ.tʃɐ] “muita” (modificador/intensificador).

A realização africada alveolar [ts], por sua vez, carregaria a realização [ˈmũ.tsɐ], sem correspondente no léxico da variedade do PS pesquisada¹⁵¹.

¹⁵¹ Cf. Banco de Dados Falares Sergipanos, acessível em <https://docplayer.com.br/23574900-Banco-de-dados-falares-sergipanos.html> ou DOI: <https://doi.org/10.5007/1984-8420.2013v14n2p156>.

Esses resultados da análise do item lexical dissilábico “muita” [ˈmũ.tʃɐ] (LA71M0-muita-2) corroboram nossa hipótese de as realizações africadas [tʃ] e [dʒ] fazerem parte de uma gramática cuja regra as restringe a:

- a) contextos em que o aproximante palatal [j] de ditongo dos tipos vogal+[j] e [j]+vogal é esperado, podendo o gatilho ([j]) que dispara a regra de africacão ser apagado logo em seguida; e
- b) itens lexicais nos quais têm potencialidades contrastivas.

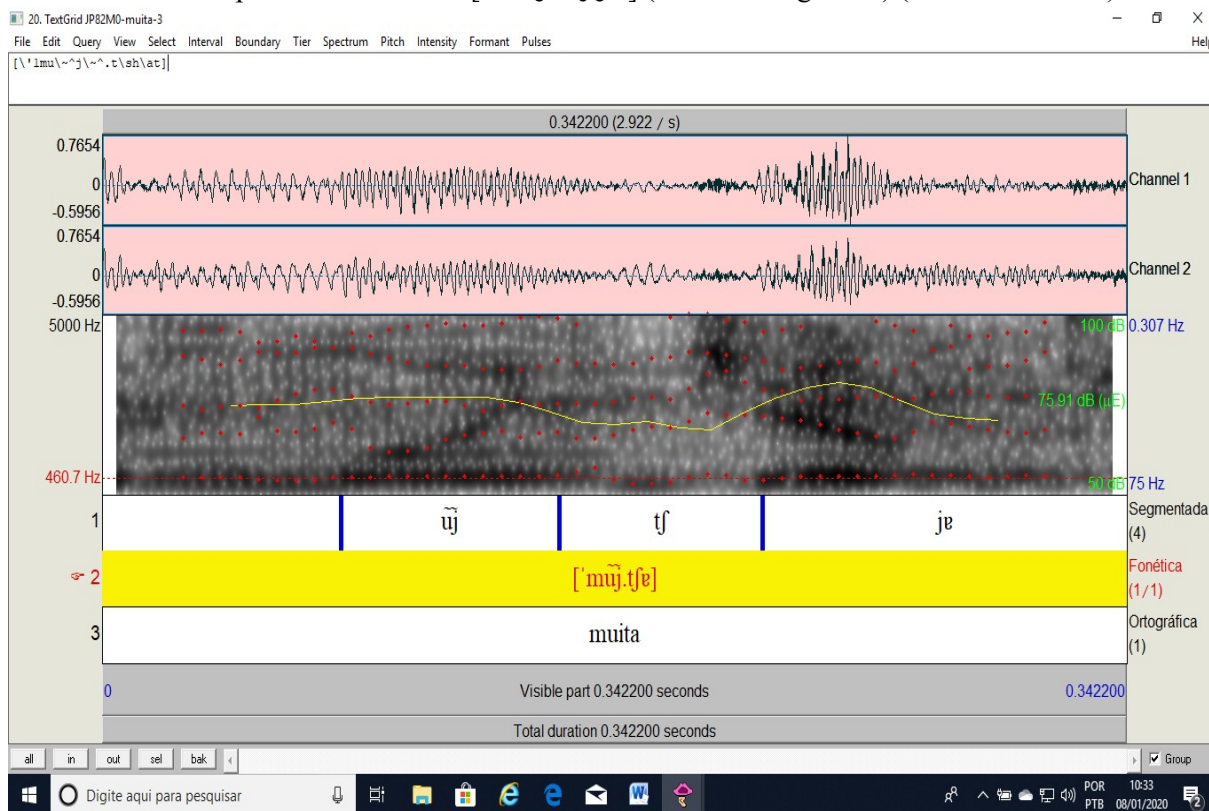
Portanto, “muita” [ˈmũ.tʃɐ] (LA71M0-muita-2) está também contemplado pela regra.

8.1.8 “muita” (ocorrência 3: código JP82M0-muita-3)

O item lexical “muita” foi também realizado pelo mesmo informante/colaborador codificado como JP82M0 (subseção 8.1.1), um colaborador do povoado São José, município de Japaratuba, sexo masculino, com 82 anos de idade, que diz nunca ter frequentado a escola.

Nas oitivas, tivemos a impressão da realização [ˈmũ̃j.tʃjɐ], ou seja, de uma realização africada alveopalatal desvozeada ([tʃ]) em posição pós-tônica final de palavra, precedida do aproximante palatal nasalizado [j̃] do ditongo [ũ̃j] e seguida do aproximante palatal [j] epentético, em um item lexical dissilábico paroxítono. As evidências dessa realização estão ilustradas na plotagem da figura 44. As fases do ditongo [ũ̃j], da africada [tʃ] e do aproximante palatal [j] epentético estão ilustradas, respectivamente, nas plotagens das figuras 45 a 47 e comentadas em seguida:

Figura 44 - Plotagem do oscilograma em 2 canais e do espectrograma com formantes e intensidade e camadas: (1) segmentada dos seus constituintes fônicos, (2) transcrição fonética e (3) transcrição ortográfica. Com destaque para as características acústicas da realização de todo o item lexical dissilábico paroxítono “muita” [ˈmũj.tʃjɐ] (0.342200 segundos) (JP82M0-muita-3).



Fonte: Elaborada por Antônio Félix de Souza Neto, com os recursos do *PRAAT (Textgrid)* (2019).

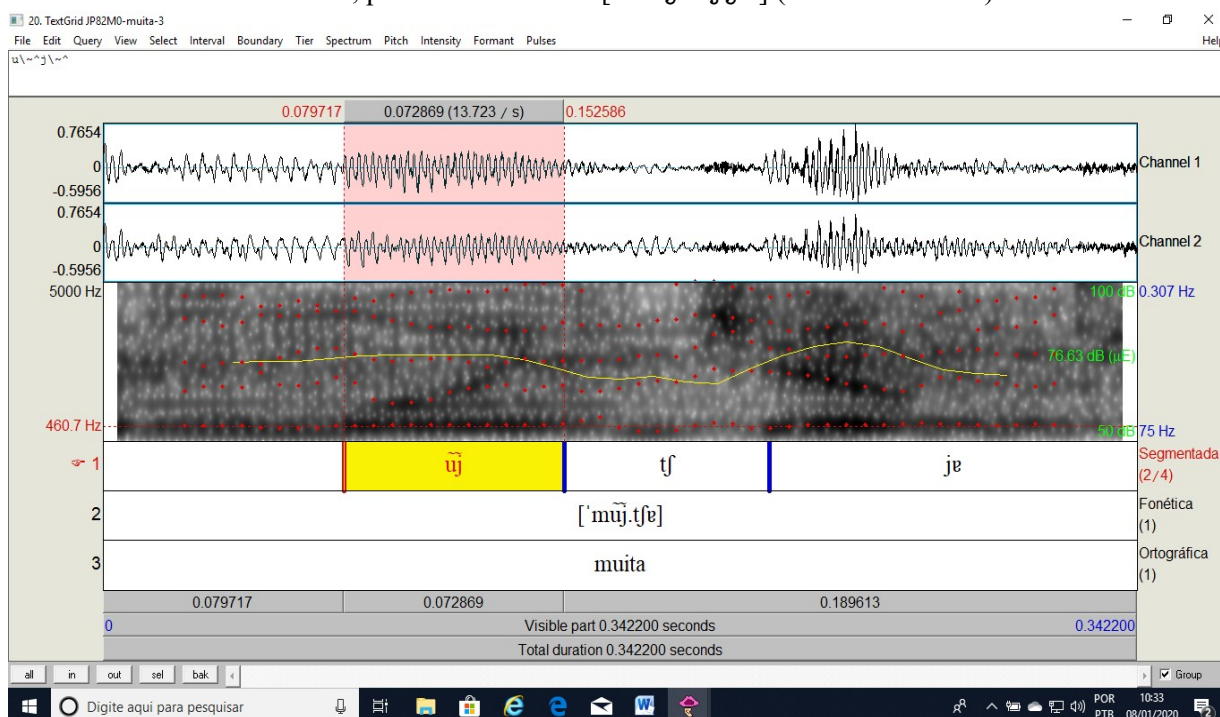
Em nossa segmentação, JP82M0-muita-3 teve duração total de 0.342200 segundos, na forma registrada pelo PRAAT. Observando a figura 44, podemos identificar duas fases sucessivas equivalentes a uma dinâmica de transição nos formatos de ondas e na estrutura formântica em mudança gradual, compatível com a realização do ditongo nasalizado [ũj]. Também podemos identificar duas fases sucessivas equivalentes a uma oclusão seguida de fricção, compatíveis com uma realização africada alveopalatal desvozeada [tʃ]. Podemos ainda identificar duas fases sucessivas equivalentes a uma dinâmica de transição nos formatos de ondas e na estrutura formântica em mudança gradual, compatível com a realização do ditongo [jɐ].

Assim como em IT78F0-coitada-1 (subseção 8.1.5), em JP82M0-muita-3, as evidências da dinâmica de transição na estrutura formântica em mudança gradual compatível com a realização do ditongo nasalizado [ũj] precedente e do ditongo [jɐ] seguinte validam a

nossa hipótese de o aproximante [j] servir de gatilho para a realização [tʃ] intercalada (capítulo 2).

Observando as figuras 44 e 45, podemos identificar mais facilmente os sinais acústicos correspondentes ao ditongo nasalizado [ũ̃j]. No oscilograma, as pistas mais evidentes da realização do aproximante palatal [j] do ditongo nasalizado [ũ̃j] são identificadas com as ondas de tipo e forma regulares (periódicas e aperiódicas) de alta frequência e alta amplitude até o momento em que começa a transição para a fase (oclusiva) seguinte. No espectrograma, as pistas mais evidentes da realização do aproximante palatal [j] do ditongo nasalizado [ũ̃j] são identificadas com o nível de cinza contínuo mais escuro na área do espectrograma correspondente à frequência fundamental (F0) e, sobretudo, na dinâmica da transição na estrutura formântica em mudança gradual: a subida gradual do segundo formante (F2) na direção dos formantes acima (F3, F4 etc.) é compatível com a realização do aproximante palatal [j] do ditongo [ũ̃j]. As evidências dessa realização do aproximante palatal [j] do ditongo nasalizado [ũ̃j] estão ilustradas com o destaque do cursor na área de realização desse ditongo na figura 45:

Figura 45 - Plotagem do oscilograma em 2 canais e do espectrograma com formantes e intensidade e camadas: (1) segmentada dos seus constituintes fônicos, (2) transcrição fonética e (3) transcrição ortográfica. Com destaque para as características acústicas do ditongo nasalizado [ũ̃j], do item lexical dissilábico, paroxítono “muita” [ˈmũ̃j.tʃjɐ] (JP82M0-muita-3).



Fonte: Elaborada por Antônio Félix de Souza Neto, com os recursos do *PRAAT (Textgrid)* (2019).

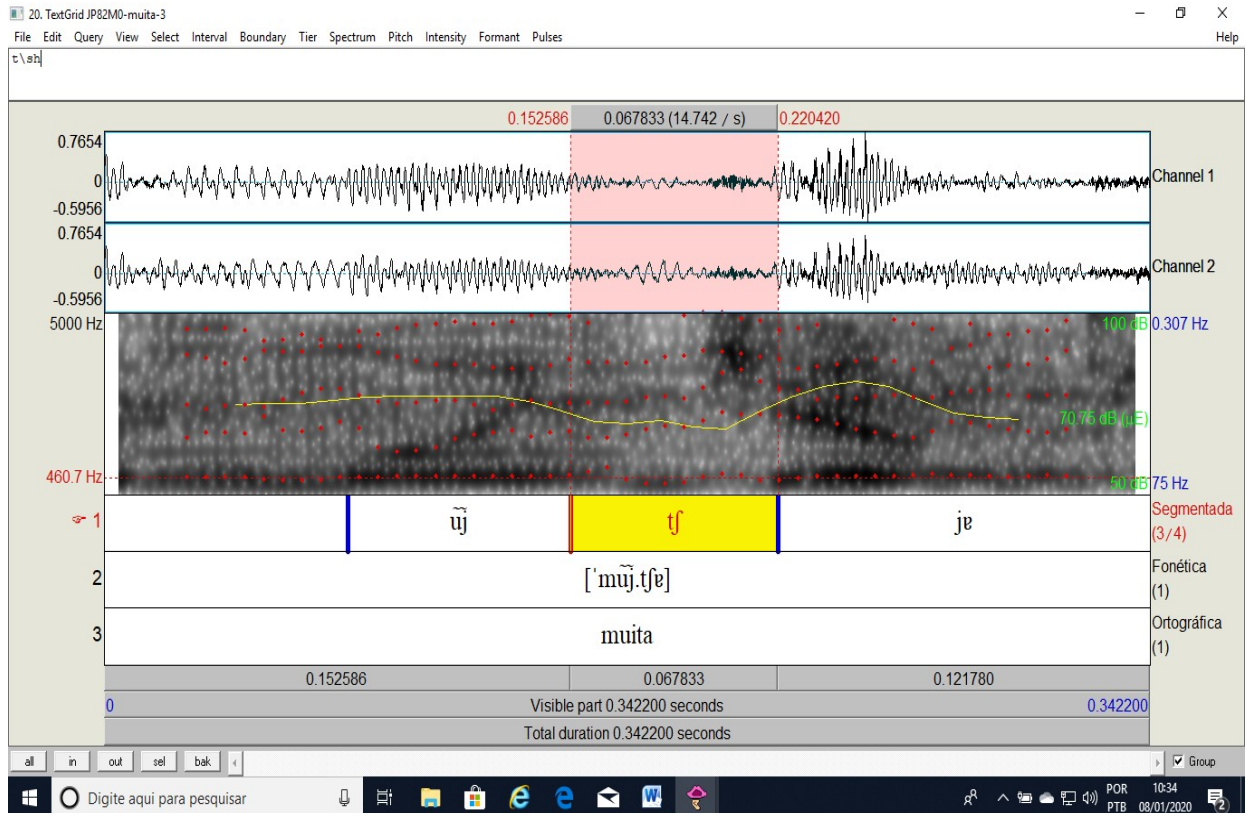
A fase que sucede a realização do aproximante palatal [j] do ditongo nasalizado [ũ̃j] corresponde à oclusão, obstrução/silêncio transitente. No oscilograma, as pistas mais evidentes da fase oclusiva [t] da realização africada [tʃ] são identificadas com as ondas de tipo e forma nitidamente irregulares (não-periódicas/aperiódicas) de baixa frequência até o momento em que começa a transição para a fase seguinte. No espectrograma, as pistas mais evidentes da fase oclusiva [t] da realização africada [tʃ] são identificadas com o nível de cinza contínuo mais claro (relativamente às fases imediatamente precedente e seguinte), correspondente a uma obstrução/silêncio transitente. Em que pese a idade da falante (JP82M0), embora correspondendo à fase oclusiva desvozeada [t], também em JP82M0-muita-3 uma leve macha um pouco mais escura na área da barra de vozeamento, mais no início e no meio da realização, correspondente à frequência fundamental (F0), evidencia ocorrência de tensão das pregas vocais durante sua realização. Por outro lado, essa tensão pode ser idiossincrática de JP82M0-muita-3.

A fase que sucede a oclusão, obstrução/silêncio transiente, corresponde à fricção, turbulência. No oscilograma, as pistas mais evidentes da fase fricativa [ʃ] da realização africada [tʃ] são identificadas com as ondas também nitidamente irregulares (não-periódicas/aperiódicas) de frequências mais altas relativamente às da fase (oclusiva) imediatamente precedente. No espectrograma, as pistas mais evidentes da fase fricativa [ʃ] da realização africada [tʃ] são identificadas com o nível de cinza contínuo mais escuro relativamente à fase (oclusiva) imediatamente precedente, na área do espectrograma correspondente aos formantes mais acima (F4, F5 etc.). Em que pese a idade do falante (JP82M0), em JP82M0-muita-3, não identificamos evidência de tensão das pregas vocais durante sua realização da fase fricativa desvozeada [ʃ].

Em JP82M0-muita-3, a presença do aproximante palatal [j] nos contextos fonéticos precedente e seguinte simultaneamente nos permite atribuir à fase fricativa o fenômeno de africacão por coarticulação preservatória e/ou antecipatória dos traços [contínuo, -anterior, palatal] dos aproximantes palatais [j] adjacentes (seção 5.5). Nos termos da FA, a fase fricativa (africacão) corresponde ao espraiamento/à assimilação progressiva/regressiva dos traços [contínuo, -anterior, palatal] dos aproximantes palatais [j] adjacentes (subseção 6.3.3), que gera um segmento intruso equivalente a [ʃ]. A coincidência do aproximante palatal [j] nos contextos fonéticos precedente e seguinte simultaneamente possibilita o compartilhamento (homorgânico) dos traços [contínuo, -anterior, palatal] na fase fricativa equivalente a [ʃ].

Em que pesem as realizações dos aproximantes palatais ([j] precedente e [j] seguinte), a expressividade ilocucionária, o curso da intensidade (linha amarela da área do espectrograma) e a duração da realização do item lexical analisado (JP82M0-muita-3) (seção 8.2), as duas fases (oclusiva e fricativa) juntas têm, em nossa segmentação, duração de 0.067833 segundos, e suas características acústicas são compatíveis com a realização da africada alveopalatal [tʃ], tal como ilustrado na parte destacada com o cursor na figura 46:

Figura 46 - Plotagem do oscilograma em 2 canais e do espectrograma com formantes e intensidade e camadas: (1) segmentada dos seus constituintes fônicos, (2) transcrição fonética e (3) transcrição ortográfica. Com destaque para a realização africana alveopalatal desvozeada [tʃ] (0.067833 segundos) do item lexical dissilábico paroxítono “muita” [ˈmũj.tʃjɐ] (JP82M0-muita-3).

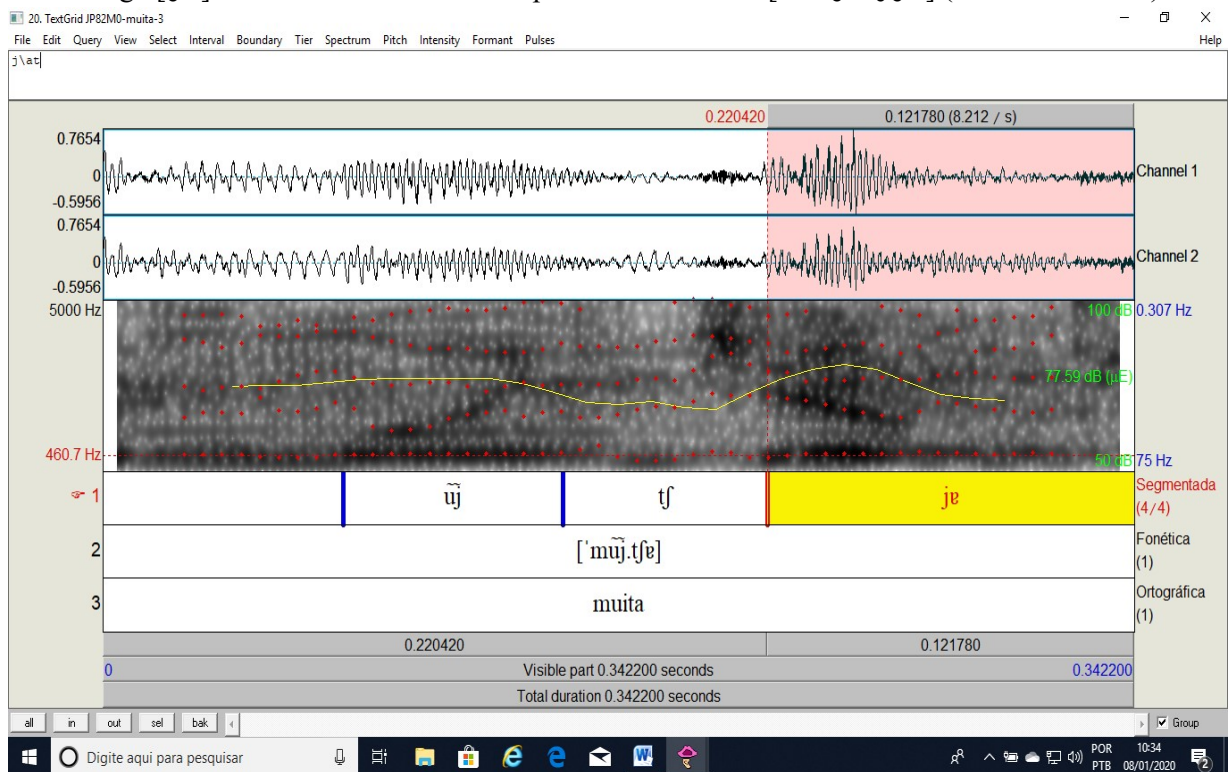


Fonte: Elaborada por Antônio Félix de Souza Neto, com os recursos do *PRAAT (Textgrid)* (2019).

A fase que sucede a fricção/turbulência corresponde à realização do aproximante palatal [j] epentético do ditongo [jɐ] da sílaba pós-tônica [ˈ_ .tʃjɐ] da palavra analisada (JP82M0-muita-3-[ˈmũj.tʃjɐ]). A transição da fase fricativa [ʃ] (da realização africana [tʃ]) para a do aproximante palatal [j] epentético do ditongo [jɐ] da sílaba pós-tônica é evidenciada pela mudança brusca nos sinais acústicos do oscilograma e pela mudança gradual nos sinais acústicos do espectrograma. No oscilograma, as pistas mais evidentes da realização do aproximante palatal [j] do ditongo [jɐ] são identificadas com as ondas de tipo e forma mais regulares (periódicas e aperiódicas) de alta frequência e alta amplitude até o momento em que começa a transição para a fase seguinte. No espectrograma, as pistas mais evidentes da realização do aproximante palatal [j] do ditongo [jɐ] são identificadas com o nível de cinza contínuo mais escuro na área do espectrograma correspondente à frequência fundamental (F0) e aos formantes logo acima (F1, F2 e F3), e na dinâmica da transição na

estrutura formântica em mudança gradual: a descida gradual do terceiro formante (F3) na direção dos formantes abaixo deste (F2 e F1) é compatível com a realização do aproximante palatal [j] do ditongo [jɐ]. As evidências dessa realização do aproximante palatal [j] do ditongo nasalizado [jɐ̃] estão ilustradas com o destaque do cursor na área de realização desse ditongo na figura 47:

Figura 47 - Plotagem do oscilograma em 2 canais e do espectrograma com formantes e intensidade e camadas: (1) segmentada dos seus constituintes fônicos, (2) transcrição fonética e (3) transcrição ortográfica. Com destaque para as características acústicas do aproximante palatal [jɐ̃] epentético do ditongo [jɐ̃] do item lexical dissilábico paroxítono “muita” [ˈmũj̃.t̚jɐ̃] (JP82M0-muita-3).



Fonte: Elaborada por Antônio Félix de Souza Neto, com os recursos do *PRAAT (Textgrid)* (2019).

A constatação da realização do aproximante palatal [j] simultaneamente nos contextos fonéticos precedente e seguinte à realização em duas fases (oclusiva e fricativa, respectivamente) equivalentes à africada alveopalatal [tʃ], no item dissilábico “muita” [ˈmũj̃.t̚jɐ̃] (JP82M0-muita-3), valida a hipótese de correlação entre a realização do aproximante [j] e a realização africada alveopalatal [tʃ] (capítulo 2). Nesse caso, podemos interpretar as duas fases sucessivas (oclusiva e fricativa) como realização palatalizada de /t/ ([t^j]) e, por extensão, como segmento complexo (subseção 6.2.3), com articulação maior e

menor, sendo esta última resultante do espriamento/assimilação progressivo(a) e regressivo(a) simultâneos(as) dos traços [contínuo, -anterior, palatal] dos aproximantes [j] precedente e seguinte (subseção 6.3.3). Contudo, conforme anunciamos na subseção 6.3.3 desta tese, mesmo reconhecendo a pertinência da simbolização formal ([t^j], segundo o IPA), para evitar confusão decorrente das interpretações possíveis da africada alveopalatal no modelo da FA (subseções 6.2.3, 6.2.4 e 6.3.3) que adotamos aqui, preferimos interpretá-la como segmento de contorno e, por conseguinte, simbolizá-la com [tʃ] (subseções 6.2.4 e 6.3.3). Embora essa realização africada [tʃ] do item dissilábico “muita” [ˈmũj.tʃjɐ] (JP82M0-muita-3) possa estar ocorrendo em duas fases homorgânicas (palatais), preferimos interpretá-la como em duas fases heterorgânicas (alveopalatal) (seção 5.1).

Ressaltamos o fato de a realização africada [tʃ] do item dissilábico “muita” [ˈmũj.tʃjɐ] (JP82M0-muita-3) ocorrer em posição pós-tônica final de palavra, em sílaba com padrões fonológico e fonético CCV. Nesse contexto fonético, [tʃ] é categórico na variedade do PS pesquisada (seção 8.2), pois aí:

- a) [t] carrearía a realização [ˈmũj.tjɐ]; e
- b) [tʃ], por sua vez, carrearía a realização [ˈmũj.tʃjɐ].

Ambas sem correspondentes no léxico da variedade do PS pesquisada¹⁵².

Ressaltamos que também em JP82M0-muita-3, a presença do aproximante palatal [j] epentético do ditongo [jɐ] da sílaba pós-tônica [ˈ_.tʃjɐ] evidencia uma correlação da realização africada alveopalatal desvozeada [tʃ] com esse aproximante, configurando uma restrição da gramática das africadas alveopalatais na variedade do português falado por sergipanos idosos.

¹⁵² Cf. Banco de Dados Falaes Sergipanos, acessível em <https://docplayer.com.br/23574900-Banco-de-dados-falaes-sergipanos.html> ou DOI: <https://doi.org/10.5007/1984-8420.2013v14n2p156>.

Esses resultados da análise do item lexical dissilábico “muita” [ˈmũj.tʃjɐ] (JP82M0-muita-3) corroboram nossa hipótese de as realizações africadas [tʃ] e [dʒ] fazerem parte de uma gramática cuja regra as restringe a:

- a) contextos em que o aproximante palatal [j] de ditongo dos tipos vogal+[j] e [j]+vogal é esperado (incluindo aqueles cuja ditongação pode ocorrer por inserção do aproximante palatal [j] epentético), podendo o gatilho ([j]) que dispara a regra de africacão ser apagado logo em seguida; e
- b) itens lexicais nos quais têm potencialidades contrastivas.

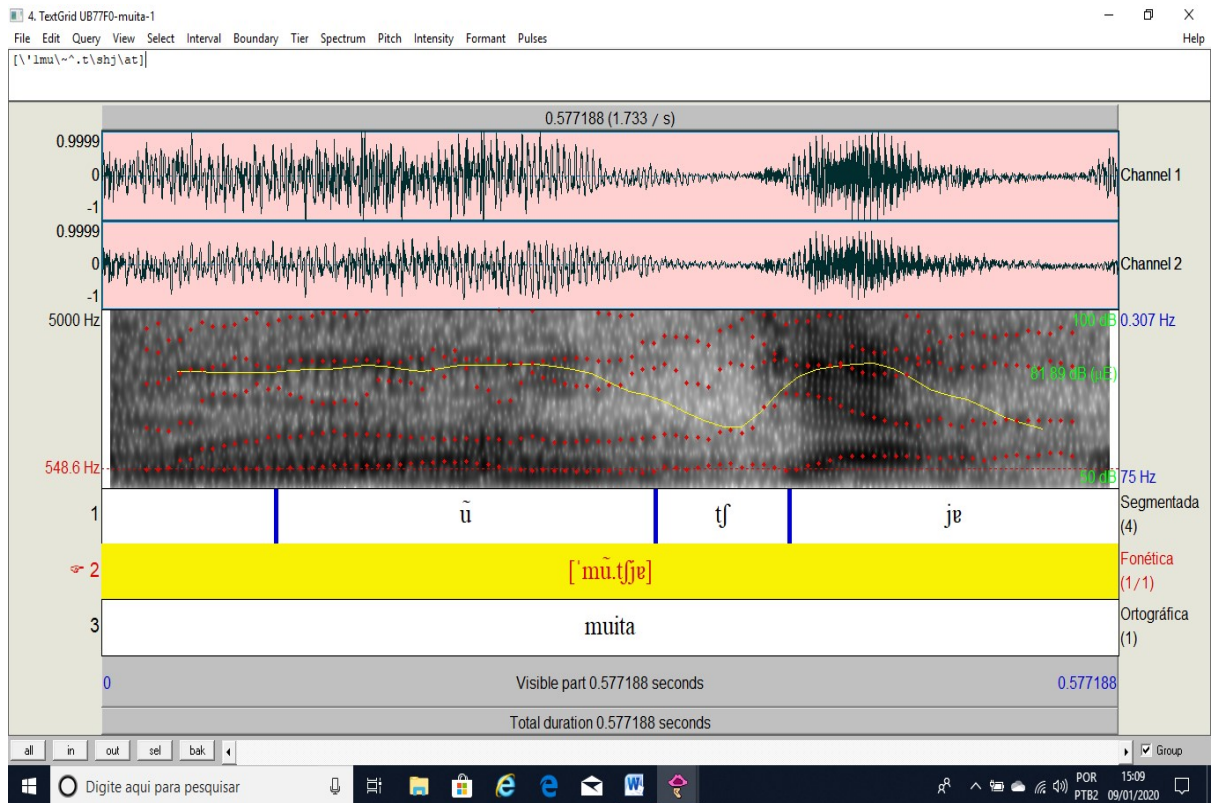
Portanto, “muita” [ˈmũj.tʃjɐ] (JP82M0-muita-3) está também contemplado pela regra.

8.1.9 “muita” (ocorrência 1: código UB77F0-muita-1)

O item lexical “muita” foi ainda realizado pelo informante/colaborador codificado como UB77F0, um colaborador do município de Umbaúba, sexo feminino, com 77 anos de idade, que diz nunca ter frequentado a escola.

Nas oitavas, tivemos a impressão da realização [ˈmũ.tʃjɐ], ou seja, de uma realização africada alveopalatal desvozeada ([tʃ]) em posição pós-tônica final de palavra, precedida da vogal nasalizada [ũ] e seguida do aproximante palatal [j] epentético, em um item lexical dissilábico paroxítono. As evidências dessa realização estão ilustradas na plotagem da figura 48. As fases da vogal nasalizada [ũ], da africada [tʃ] e do aproximante palatal [j] epentético estão ilustradas, respectivamente, nas plotagens das figuras 49 a 51 e comentadas em seguida:

Figura 48 - Plotagem do oscilograma em 2 canais e do espectrograma com formantes e intensidade e camadas: (1) segmentada dos seus constituintes fônicos, (2) transcrição fonética e (3) transcrição ortográfica. Com destaque para as características acústicas da realização de todo o item dissilábico paroxítono “muita” [ˈmũ.tʃjɐ] (0.577188 segundos) (UB77F0-muita-1).



Fonte: Elaborada por Antônio Félix de Souza Neto, com os recursos do PRAAT (Textgrid) (2019).

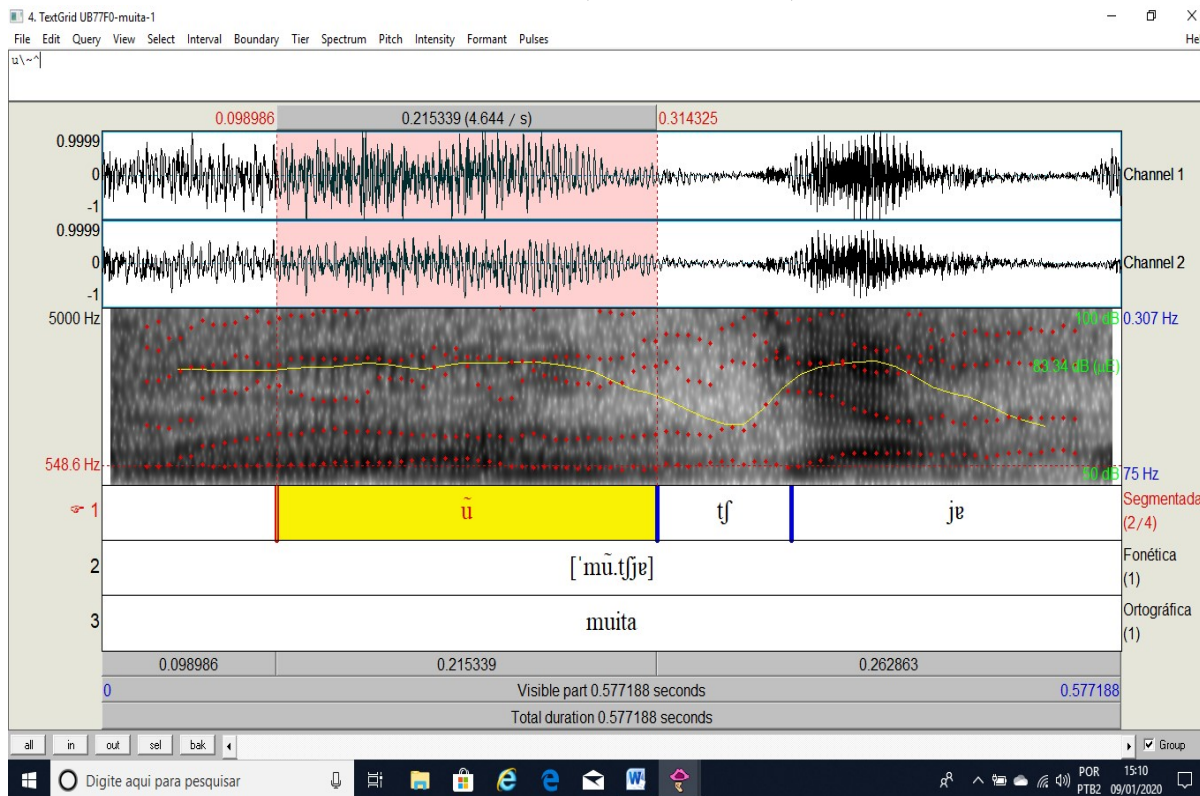
Em nossa segmentação, UB77F0-muita-1 teve duração total de 0.577188 segundos, na forma registrada pelo PRAAT. Observando a figura 48, não podemos identificar com clareza duas fases sucessivas equivalentes a uma dinâmica de transição nos formatos de ondas e na estrutura formântica em mudança gradual, compatível com a realização do ditongo nasalizado [ũ̃] esperado. Não obstante, podemos identificar duas fases sucessivas equivalentes a uma oclusão seguida de fricção, compatíveis com uma realização africada alveopalatal desvozeada [tʃ]. Podemos ainda identificar duas fases sucessivas equivalentes a uma dinâmica de transição nos formatos de ondas e na estrutura formântica em mudança gradual, compatíveis com a realização do ditongo [jɐ].

Assim como em JP82M0-muita-3 (seção 8.1.8), em UB77F0-muita-1, as evidências da dinâmica de transição na estrutura formântica em mudança gradual compatíveis com a

realização do ditongo [jɐ] seguinte validam a nossa hipótese de o aproximante [j] servir de gatilho para a realização [tʃ] (capítulo 2).

Assim como em LA71M0-muita-2 (subseção 8.1.7), ao contrário de duas fases claramente distintas correspondentes ao ditongo nasalizado [ũj], observando as figuras 48 e 49, podemos identificar em UB77F0-muita-1 uma realização compatível com a vogal nasalizada [ũ]. A realização desta vogal nasalizada [ũ] equivale ao apagamento (parcial) do aproximante palatal [j] do ditongo nasalizado [ũj]. No oscilograma, as pistas mais evidentes da realização da vogal nasalizada (parcialmente) monotongada [ũ] são identificadas com as ondas (periódicas e aperiódicas) de alta frequência e alta amplitude até o momento em que começa a transição para a fase (oclusiva) seguinte. No espectrograma, as pistas mais evidentes da realização da vogal nasalizada [ũ] são identificadas com o nível de cinza contínuo mais escuro na área do espectrograma correspondente à frequência fundamental (F0) e aos formantes logo acima (F1, F2, F3, F4 etc.), e na ausência de uma clara dinâmica de transição na estrutura formântica em mudança gradual. Diferentemente de uma clara dinâmica de transição na estrutura formântica em mudança gradual, os sinais acústicos identificam mais uma fase estacionária na barra de vozeamento correspondente à frequência fundamental (F0) e nas áreas dos formantes logo acima (F1, F2, F3, F4 etc.), e uma concentração de energia compatível com a realização da vogal nasalizada [ũ] da sílaba tônica inicial da palavra analisada (UB77F0-muita-1). As evidências de apagamento (parcial) do aproximante palatal [j] do ditongo nasalizado [ũj] estão ilustradas com o destaque do cursor na área de realização da vogal nasalizada (parcialmente) monotongada [ũ] na figura 49:

Figura 49 - Plotagem do oscilograma em 2 canais e do espectrograma com formantes e intensidade e camadas: (1) segmentada dos seus constituintes fônicos, (2) transcrição fonética e (3) transcrição ortográfica. Com destaque para as características acústicas da realização da vogal [ũ], resultante da monotongação parcial do ditongo nasalizado [ũj], do item lexical dissilábico, paroxítono “muita” ['mũ.tʃjɐ] (UB77F0-muita-1).



Fonte: Elaborada por Antônio Félix de Souza Neto, com os recursos do *PRAAT (Textgrid)* (2019).

A fase que sucede a realização monotongada [ũ] corresponde à oclusão, obstrução/silêncio transitente. No oscilograma, as pistas mais evidentes da fase oclusiva [t] da realização africada [tʃ] são identificadas com as ondas de tipo e forma nitidamente irregulares (não-periódicas/aperiódicas) de baixa frequência e baixa amplitude até o momento em que começa a transição para a fase seguinte. No espectrograma, as pistas mais evidentes da fase oclusiva [t] da realização africada [tʃ] são identificadas com o nível de cinza contínuo mais claro relativamente às fases imediatamente precedente e seguinte. Em que pese a idade do falante (UB77F0) e/ou a idiosincrasia da realização, em UB77F0-muita-1, quase não identificamos macha escura na área da barra de vozeamento (correspondente à frequência fundamental (F0)), evidenciando ocorrência de tensão das pregas vocais durante sua realização.

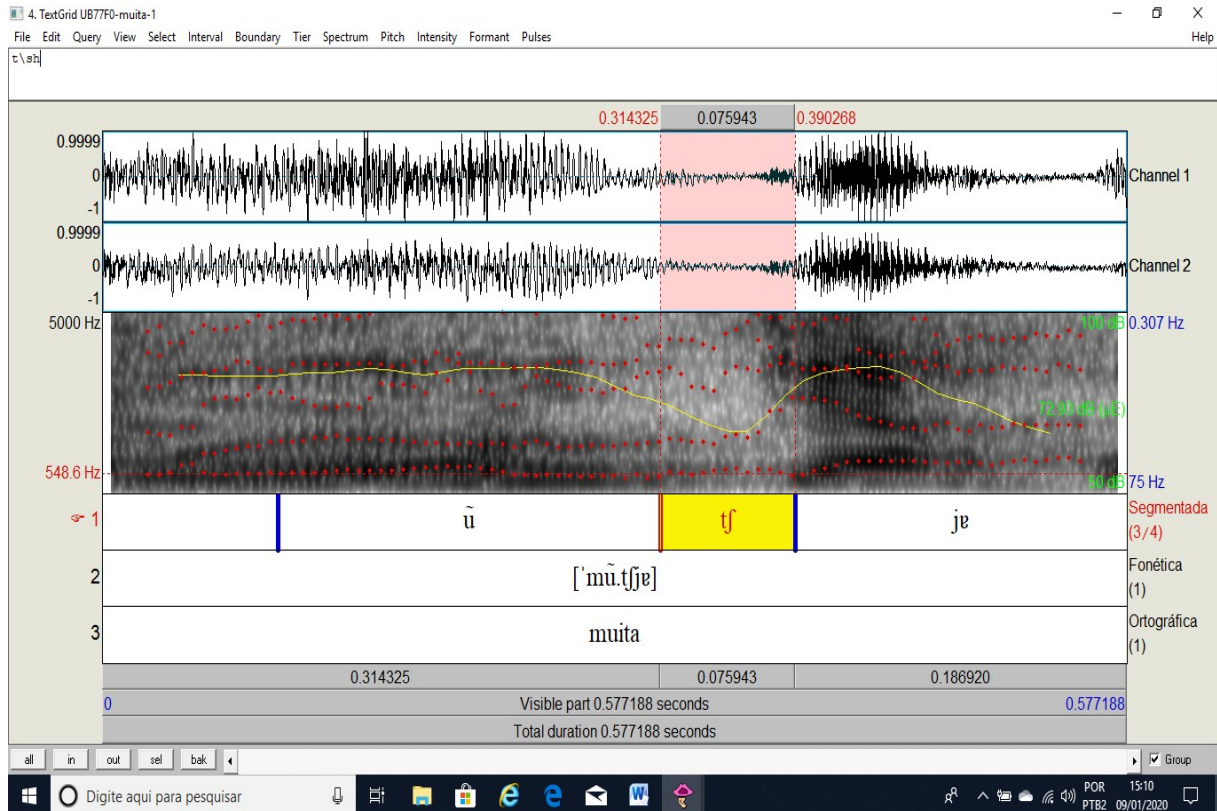
A fase que sucede a oclusão, obstrução/silêncio transiente corresponde à fricção, turbulência. No oscilograma, as pistas mais evidentes da curta fase fricativa [ʃ] da realização africada [tʃ] são identificadas com as ondas também nitidamente irregulares (não-periódicas/aperiódicas) de frequências mais altas (relativamente às da fase (oclusiva) imediatamente precedente). No espectrograma, as pistas mais evidentes dessa curta fase fricativa [ʃ] da realização africada [tʃ] são identificadas com o nível de cinza contínuo mais escuro (relativamente à fase (oclusiva) imediatamente precedente), na área do espectrograma correspondente aos formantes mais acima (F4, F5 etc.). Em que pese a idade do falante (UB77F0) e/ou a idiossincrasia da realização, em UB77F0-muita-1, também não identificamos evidência de tensão das pregas vocais durante a realização da fase fricativa desvozeada [ʃ].

Assim como em IT78F0-feita-1 (subseção 8.1.6) e em LA71M0-muita-2 (subseção 8.1.7), em UB77F0-muita-1, mesmo na ausência do aproximante palatal [j] no contexto fonético precedente, podemos atribuir à fase fricativa o fenômeno da africação por coarticulação preservatória do traço remanescente [palatal] do aproximante palatal [j] (parcialmente apagado) (seção 5.5), pois, conforme explicamos nas subseções 8.1.6 e 8.1.7, nos termos da FA, a fase fricativa (africação) pode corresponder ao espraiamento/à assimilação progressiva dos traços remanescentes ([contínuo, -anterior, palatal]) do aproximante palatal [j] precedente (parcialmente apagado), que gera um segmento intruso equivalente a [ʃ] (subseção 6.3.3). Por outro lado, assim como em JP82M0-muita-3 (8.1.8), a presença do aproximante palatal [j] epentético no contexto fonético seguinte já nos permite atribuir à fase fricativa o fenômeno de africação por coarticulação articulatória dos traços [contínuo, -anterior, palatal] do aproximante palatal [j] epentético seguinte (seção 5.5). Nos termos da FA, a fase fricativa (africação) corresponde ao espraiamento/à assimilação regressiva dos traços [contínuo, -anterior, palatal] do aproximante palatal [j] epentético seguinte, que gera um segmento intruso equivalente a [ʃ] (subseção 6.3.3). Não obstante a ausência do aproximante palatal [j] no contexto fonético precedente, podemos ainda atribuir à fase fricativa o fenômeno da africação por coarticulação preservatória – dos traços remanescentes [contínuo, -anterior, palatal] do aproximante palatal [j] precedente (parcialmente apagado) – e coarticulação antecipatória – dos traços [contínuo, -anterior,

palatal] do aproximante palatal [j] epentético seguinte - sucessivamente. Nos termos da FA, aqui também a fase fricativa (africação) corresponderia ao espraiamento/à assimilação progressiva/regressiva dos traços remanescentes [contínuo, -anterior, palatal] do aproximante palatal [j] precedente (parcialmente apagado) ou dos traços [contínuo, -anterior, palatal] do aproximante palatal [j] epentético seguinte, que gera um segmento intruso equivalente a [ʃ] (subseção 6.3.3). No nosso entendimento, a coincidência dos traços [contínuo, -anterior, palatal] do aproximante palatal [j] nos contextos fonéticos precedente e seguinte simultaneamente possibilita o compartilhamento (homorgânico) desse traço na fase fricativa equivalente a [ʃ].

Em que pesem o apagamento do aproximante palatal [j] precedente, a realização do aproximante palatal [j] seguinte, a expressividade ilocucionária, o curso da intensidade (linha amarela da área do espectrograma) e a duração da realização do item lexical analisado (UB77F0-muita-1) (seção 8.2), as duas fases (oclusiva e fricativa) juntas têm, em nossa segmentação, duração de 0.075943 segundos, e suas características acústicas são compatíveis com a realização da africada alveopalatal [tʃ], tal como ilustrado na parte destacada com o cursor na figura 50:

Figura 50 - Plotagem do oscilograma em 2 canais e do espectrograma com formantes e intensidade e camadas: (1) segmentada dos seus constituintes fônicos, (2) transcrição fonética e (3) transcrição ortográfica. Com destaque para a realização africada alveopalatal desvozeada [tʃ] (0.075943 segundos) do item lexical dissilábico paroxítono “muita” [ˈmũ.tʃjɐ] (UB77F0-muita-1).

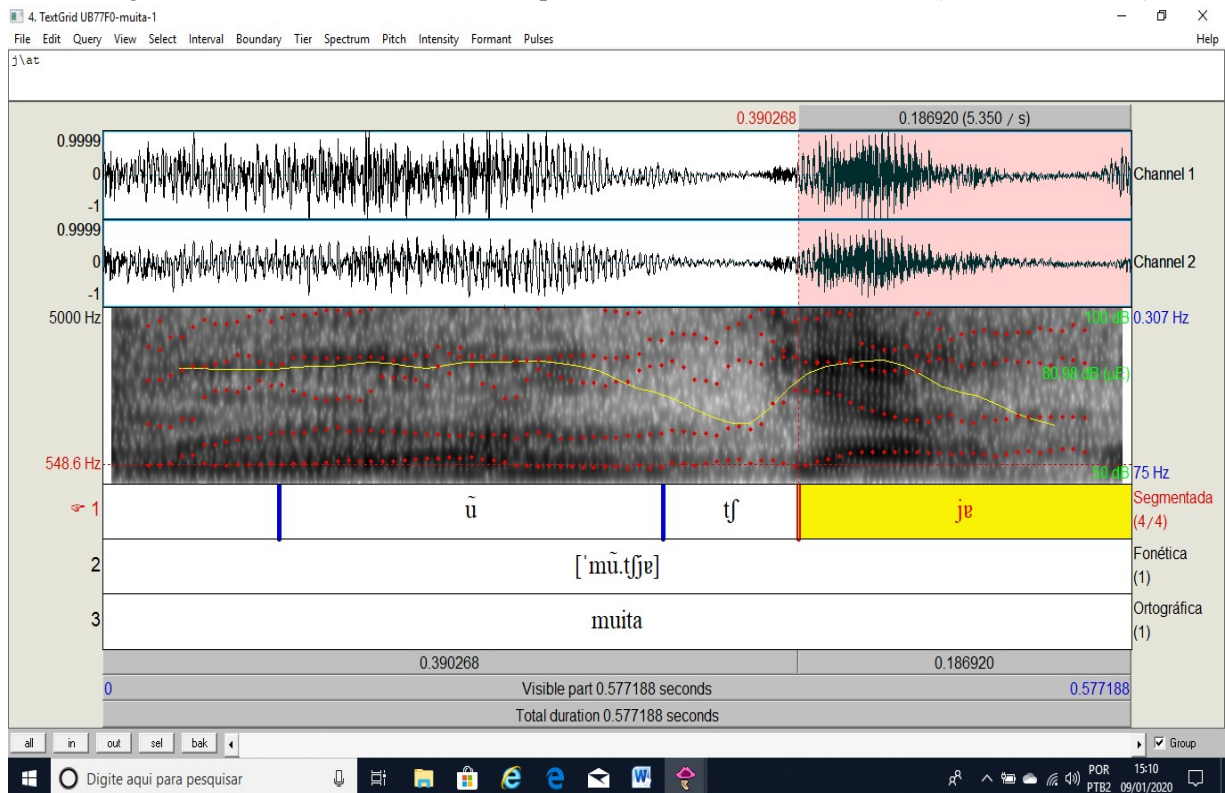


Fonte: Elaborada por Antônio Félix de Souza Neto, com os recursos do *PRAAT (Textgrid)* (2019).

Assim como em JP82M0-muita-3 (subseção 8.1.8), em UB77F0-muita-1, a fase que sucede a fricção/turbulência corresponde à realização do aproximante palatal [j] epentético do ditongo [jɐ] da sílaba pós-tônica [ˈ_ .tʃjɐ] da palavra analisada (UB77F0-muita-1- [ˈmũ.tʃjɐ]). A transição da fase fricativa [ʃ] (da realização africada [tʃ]) para a do aproximante palatal [j] epentético do ditongo [jɐ] da sílaba pós-tônica é evidenciada pela mudança brusca nos sinais acústicos do oscilograma e pela mudança gradual nos sinais acústicos do espectrograma. No oscilograma, as pistas mais evidentes da realização do aproximante palatal [j] do ditongo [jɐ] são identificadas com as ondas de tipo e forma regulares (periódicas e aperiódicas) de alta frequência e alta amplitude até o momento em que começa a transição para a fase seguinte. No espectrograma, as pistas mais evidentes da realização do aproximante palatal [j] do ditongo [jɐ] são identificadas com o nível de cinza contínuo mais escuro na área do espectrograma correspondente à frequência fundamental (F0)

e aos formantes logo acima (F1, F2 e F3), e na dinâmica da transição na estrutura formântica em mudança gradual: a descida gradual do terceiro formante (F3) na direção dos formantes abaixo deste (F2 e F1) é compatível com a realização do aproximante palatal [j] do ditongo [jɐ]. As evidências dessa realização do aproximante palatal [j] do ditongo nasalizado [jɐ̃] estão ilustradas com o destaque do cursor na área de realização desse ditongo na figura 51:

Figura 51 - Plotagem do oscilograma em 2 canais e do espectrograma com formantes e intensidade e camadas: (1) segmentada dos seus constituintes fônicos, (2) transcrição fonética e (3) transcrição ortográfica. Com destaque para as características acústicas do aproximante palatal [jɐ̃] epentético do ditongo [jɐ̃] do item lexical dissilábico paroxítono “muita” [ˈmũ.tʃjɐ̃] (UB77F0-muita-1).



Fonte: Elaborada por Antônio Félix de Souza Neto, com os recursos do *PRAAT (Textgrid)* (2019).

Assim como em LA71M0-muita-2 (subseção 8.1.7), a constatação do apagamento (parcial) do aproximante palatal [j] no contexto fonético precedente à realização em duas fases (oclusiva e fricativa, respectivamente) equivalentes à africada alveopalatal [tʃ] no item dissilábico paroxítono “muita” [ˈmũ.tʃjɐ̃] (UB77F0-muita-1) já valida a nossa hipótese de correlação entre o apagamento do aproximante [j] e a realização africada alveopalatal [tʃ] (capítulo 2). Assim como em JP82M0-muita-3 (subseção 8.1.8), a realização do aproximante

palatal [j] epentético no contexto fonético seguinte, no mesmo item dissilábico paroxítono “muita” ['mũ.tʃjɐ] (UB77F0-muita-1), também já válida a hipótese de correlação entre a realização do aproximante [j] e a realização em duas fases (oclusiva e fricativa, respectivamente) equivalentes à africada alveopalatal [tʃ] (capítulo 2). A ocorrência simultânea do apagamento (parcial) do aproximante palatal [j] no contexto fonético precedente e da realização do aproximante palatal [j] epentético no contexto fonético seguinte, no item lexical analisado, valida as duas hipóteses precedentes. Nesse caso, podemos interpretar as duas fases sucessivas (oclusiva e fricativa) como realização palatalizada de /t/ ([t^j]) e, por extensão, como segmento complexo (subseção 6.2.3), com articulação maior e menor, sendo esta última resultante do espraimento/assimilação progressivo(a) dos traços remanescentes [contínuo, -anterior, palatal] do aproximante palatal [j] precedente (parcialmente apagado) e do espraimento/assimilação regressivo(a) dos traços [contínuo, -anterior, palatal] do aproximante palatal [j] epentético seguinte (subseção 6.3.3). Contudo, conforme anunciamos na subseção 6.3.3 desta tese, mesmo reconhecendo a pertinência da simbolização formal ([t^j], segundo o IPA), para evitar confusão decorrente das interpretações possíveis da africada alveopalatal no modelo da FA (subseções 6.2.3, 6.2.4 e 6.3.3) que adotamos aqui, preferimos interpretá-la como segmento de contorno e, por conseguinte, simbolizá-la com [tʃ] (subseções 6.2.4 e 6.3.3). Embora essa realização africada [tʃ] do dissilábico paroxítono “muita” ['mũ.tʃjɐ] (UB77F0-muita-1) possa estar ocorrendo em duas fases homorgânicas (palatais), preferimos interpretá-la como em duas fases heterorgânicas (alveopalatal) (seção 5.1).

Ressaltamos o fato de a realização africada [tʃ] do item dissilábico “muita” ['mũ.tʃjɐ] (UB77F0-muita-1) ocorrer em posição pós-tônica final de palavra, em sílaba com padrões fonológico e fonético CCV. Nesse contexto fonético, [tʃ] também é categórica na variedade do PS pesquisada (seção 8.2), pois aí:

- a) [t] carregaria a realização ['mũ.tjɐ]; e
- b) [tʃ], por sua vez, carregaria a realização ['mũ.tʃjɐ].

Ambas sem correspondentes no léxico da variedade do PS pesquisada¹⁵³.

Ressaltamos que também em UB77F0-muita-1, a presença do aproximante palatal [j] epentético do ditongo [jɐ] da sílaba pós-tônica [' _ .tʃjɐ] evidencia uma correlação daquele aproximante com a realização africada alveopalatal desvozeada [tʃ], configurando uma restrição da gramática das africadas alveopalatais na variedade do português falado por sergipanos idosos.

Esses resultados da análise do item lexical dissilábico “muita” [' mũ.tʃjɐ] (UB77F0-muita-1) corroboram nossa hipótese de as realizações africadas [tʃ] e [dʒ] fazerem parte de uma gramática cuja regra as restringe a:

- a) contextos em que o aproximante palatal [j] de ditongo dos tipos vogal+[j] e [j]+vogal é esperado (incluindo aqueles cuja ditongação pode ocorrer por inserção do aproximante palatal [j] epentético), podendo o gatilho ([j]) que dispara a regra de africacão ser apagado logo em seguida; e
- b) itens lexicais nos quais têm potencialidades contrastivas.

Portanto, “muita” [' mũ.tʃjɐ] (UB77F0-muita-1) está também contemplado pela regra.

8.1.10 “sítio” (ocorrência 1: código IT72M0-sítio-1)

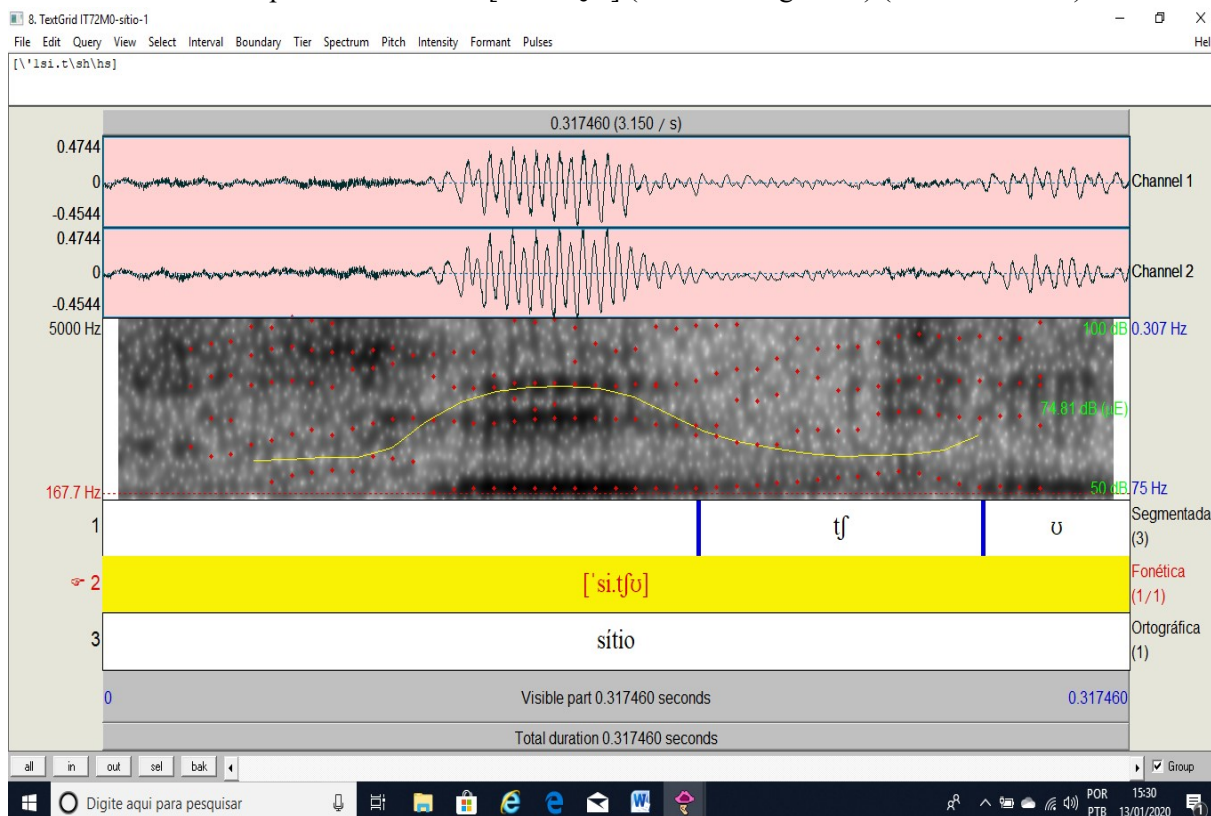
O item lexical “sítio” foi realizado pelo mesmo informante/colaborador codificado como IT72M0 (subseções 8.1.2 e 8.1.3), um colaborador do povoado Rio Fundo, município de Itaporanga, sexo masculino, com 72 anos de idade, que diz nunca ter frequentado a escola.

Nas oitavas, tivemos a impressão da realização [' sɪ.tʃu], ou seja, de uma realização africada alveopalatal desvozeada [tʃ] em posição pós-tônica final de palavra, precedida da vogal [i] e seguida da vogal [u], em um item lexical dissilábico paroxítono. As evidências dessa realização estão ilustradas na plotagem da figura 52. As fases da realização africada

¹⁵³ Cf. Banco de Dados Falaes Sergipanos, acessível em <https://docplayer.com.br/23574900-Banco-de-dados-falaes-sergipanos.html> ou DOI: <https://doi.org/10.5007/1984-8420.2013v14n2p156>.

[tʃ] e da vogal [u] estão ilustradas, respectivamente, nas plotagens das figuras de 53 e 54 e comentadas em seguida:

Figura 52 - Plotagem do oscilograma em 2 canais e do espectrograma com formantes e intensidade e camadas: (1) segmentada dos seus constituintes fônicos, (2) transcrição fonética e (3) transcrição ortográfica. Com destaque para as características acústicas da realização de todo o item lexical dissilábico paroxítono “sítio” [ˈsɪ.tʃu] (0.317460 segundos) (IT72M0-sítio-1).



Fonte: Elaborada por Antônio Félix de Souza Neto, com os recursos do PRAAT (*Textgrid*) (2019).

Em nossa segmentação, IT72M0-sítio-1 teve duração total de 0.317460 segundos, na forma registrada pelo PRAAT. Observando a figura 52, não podemos identificar com clareza duas fases sucessivas equivalentes a uma dinâmica de transição nos formatos de ondas e na estrutura formântica em mudança gradual, compatível com a realização do ditongo [ju] esperado. Não obstante, podemos identificar duas fases sucessivas equivalentes a uma oclusão seguida de fricção, compatíveis com uma realização africada alveopalatal desvozeada [tʃ].

Ao contrário de duas fases claramente distintas correspondentes ao ditongo [ju] esperado, observando as figuras 52, 53 e 54, podemos identificar em IT72M0-sítio-1 uma

realização compatível com a vogal monotongada [ʊ]. A realização desta vogal [ʊ] equivale ao apagamento (parcial) do aproximante palatal [j] do ditongo [jʊ].

As fases que precedem a realização monotongada [ʊ] correspondem à oclusão, obstrução/silêncio transiente seguida de fricção, turbulência. No oscilograma, as pistas mais evidentes da fase oclusiva [t] da realização africada [tʃ] são identificadas com as ondas de tipo e forma nitidamente irregulares (não-periódicas/aperiódicas) de baixa frequência e baixa amplitude até o momento em que começa a transição para a fase seguinte. No espectrograma, as pistas mais evidentes da fase oclusiva [t] da realização africada [tʃ] são identificadas com o nível de cinza contínuo mais claro relativamente às fases precedente e seguinte. Em que pese a idade do falante (IT72M0) e/ou a idiosincrasia da realização, em IT72M0-sítio-1, não identificamos macha escura na área da barra de vozeamento (correspondente à frequência fundamental (F0)), evidenciando ocorrência de tensão das pregas vocais durante sua realização.

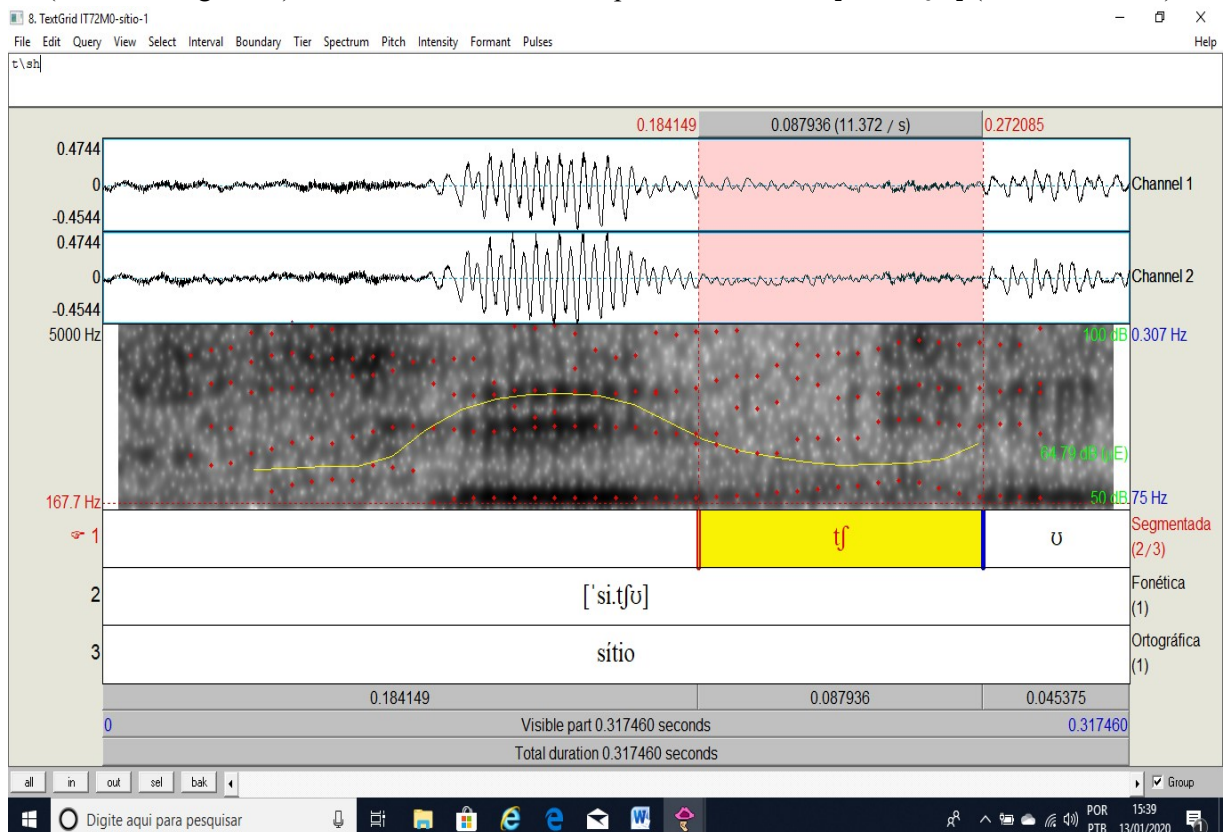
A fase que sucede a oclusão, obstrução/silêncio transiente corresponde à fricção, turbulência. No oscilograma, as pistas mais evidentes da fase fricativa da realização africada [tʃ] são identificadas com as ondas também nitidamente irregulares (não-periódicas/aperiódicas) de frequências mais altas relativamente às da fase (oclusiva) imediatamente precedente. No espectrograma, as pistas mais evidentes da fase fricativa da realização africada [tʃ] são identificadas com o nível de cinza contínuo mais escuro relativamente à fase (oclusiva) imediatamente precedente, na área do espectrograma correspondente aos formantes mais acima (F3, F4, F5 etc.). Em que pese a idade do falante (IT72M0) e/ou a idiosincrasia da realização, IT72M0-sítio-1, também não identificamos evidência de tensão das pregas vocais durante sua realização da fase fricativa desvozeada [ʃ].

Também em IT72M0-sítio-1, mesmo na ausência (parcial) do aproximante palatal [j] no contexto fonético seguinte, podemos atribuir à fase fricativa o fenômeno da africacção por coarticulação antecipatória do traço remanescente [palatal] do aproximante palatal [j] (parcialmente apagado) (seção 5.5), pois, conforme explicamos nas subseções 8.1.6 e 8.1.7, nos termos da FA, a fase fricativa (africacção) pode corresponder ao espraiamento/à assimilação regressiva dos traços remanescentes [contínuo, -anterior, palatal] do aproximante

palatal [j] seguinte (parcialmente apagado), que gera um segmento intruso equivalente a [ʃ] (subseção 6.3.3).

Em que pesem a presença da vogal [i] pós-tônica no contexto precedente, o apagamento (parcial) do aproximante palatal [j] seguinte, a expressividade ilocucionária, o curso da intensidade (linha amarela da área do espectrograma) e a duração da realização do item lexical analisado (IT72M0-sítio-1) (seção 8.2), as duas fases (oclusiva e fricativa) juntas têm, em nossa segmentação, duração de 0.087936 segundos, e suas características acústicas são compatíveis com a realização da africada alveopalatal [tʃ], tal como ilustrado na parte destacada com o cursor na figura 53:

Figura 53 - Plotagem do oscilograma em 2 canais e do espectrograma com formantes e intensidade e camadas: (1) segmentada dos seus constituintes fônicos, (2) transcrição fonética e (3) transcrição ortográfica. Com destaque para a realização africada alveopalatal desvozeada [tʃ] (0.087936 segundos) do item lexical dissilábico paroxítono “sítio” [ˈsi.tʃu] (IT72M0-sítio-1).

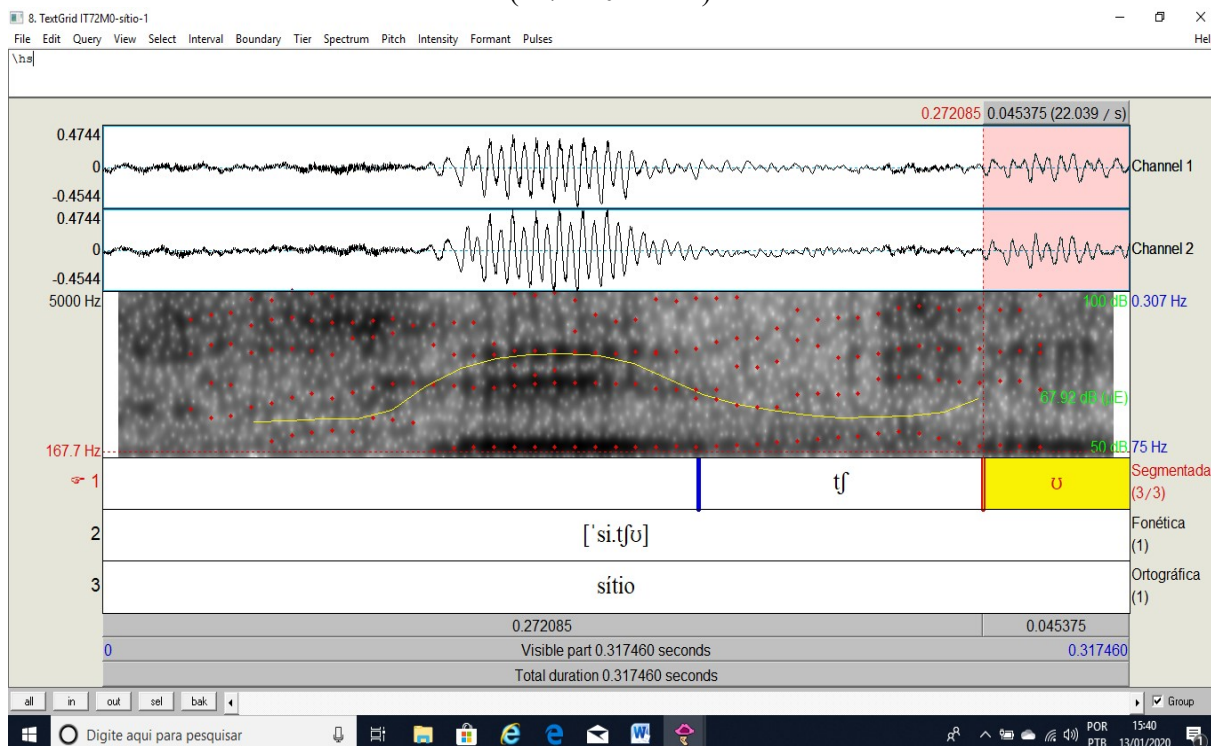


Fonte: Elaborada por Antônio Félix de Souza Neto, com os recursos do *PRAAT (Textgrid)* (2019).

A fase que sucede a fricção/turbulência corresponde à realização da vogal (parcialmente) monotongada [ʊ] da sílaba pós-tônica [ˈ_ .tʃʊ] da palavra analisada (IT72M0-sítio-1-[ˈsɪ.tʃʊ]). A transição da fase fricativa (da realização africada [tʃ]) para a da vogal (parcialmente) monotongada [ʊ] pós-tônica é evidenciada pela mudança brusca nos sinais do oscilograma e do espectrograma. No oscilograma, o tipo e a forma das ondas são um pouco mais regulares e de mais alta amplitude relativamente às fases (oclusiva e fricativa) imediatamente precedentes. No espectrograma, a fase estacionária desde a barra de vozeamento correspondente à frequência fundamental (F0) até as áreas dos formantes mais acima (F2, F3 etc.), a concentração de energia e a ausência de uma clara dinâmica de transição na estrutura formântica em mudança gradual são compatíveis com a realização da vogal [ʊ] pós-tônica final (*offset*) esmaecendo antes de pausa.

As evidências de apagamento (parcial) do aproximante palatal [j] do ditongo [jʊ] estão ilustradas com o destaque do cursor na área de realização da vogal monotongada [ʊ] na figura 54:

Figura 54 - Plotagem do oscilograma em 2 canais e do espectrograma com formantes e intensidade e camadas: (1) segmentada dos seus constituintes fônicos, (2) transcrição fonética e (3) transcrição ortográfica. Com destaque para as características acústicas da realização da vogal [ʊ] resultante da monotongação do ditongo [jʊ] do item lexical dissilábico paroxítono “sítio” [ˈsɪ.tʃʊ] (IT72M0-sítio-1).



Fonte: Elaborada por Antônio Félix de Souza Neto, com os recursos do PRAAT (Textgrid) (2019).

A constatação do apagamento do aproximante palatal [j] no contexto fonético seguinte à realização em duas fases (oclusiva e fricativa, respectivamente) equivalentes à africada alveopalatal [tʃ], no item dissilábico paroxítono do item dissilábico paroxítono “sítio” [ˈsɪ.tʃʊ] (IT72M0-sítio-1), valida a hipótese de correlação entre o apagamento do aproximante [j] e a realização africada alveopalatal [tʃ] (capítulo 2). Nesse caso, podemos interpretar as duas fases sucessivas (oclusiva e fricativa) como realização palatalizada de /t/ ([tʲ]) e, por extensão, como segmento complexo (subseção 6.2.3), com articulação maior e menor, sendo esta última resultante do espriamento/assimilação regressivo(a) dos traços remanescentes [contínuo, -anterior, palatal] do aproximante palatal [j] seguinte (parcialmente apagado) (subseção 6.3.3). Contudo, conforme anunciamos na subseção 6.3.3 desta tese, mesmo reconhecendo a pertinência da simbolização formal ([tʲ], segundo o IPA), para evitar confusão decorrente das interpretações possíveis da africada alveopalatal no modelo da FA

(subseções 6.2.3, 6.2.4 e 6.3.3) que adotamos aqui, preferimos interpretá-la como segmento de contorno e, por conseguinte, simbolizá-la com [tʃ] (subseções 6.2.4 e 6.3.3). Embora essa realização africada [tʃ] do item dissilábico paroxítono “sítio” [ˈsɪ.tʃu] (IT72M0-sítio-1) possa estar ocorrendo em duas fases homorgânicas (palatais), preferimos interpretá-la como em duas fases heterorgânicas (alveopalatal) (seção 5.1).

Ressaltamos o fato de a realização africada [tʃ] do item dissilábico “sítio” [ˈsɪ.tʃu] (IT72M0-sítio-1) ocorrer em posição pós-tônica final de palavra, em sílaba com padrões fonológico CCV e fonético CV. Nesse contexto fonético, [tʃ] também é categórico na variedade do PS pesquisada (seção 8.2), pois aí:

- a) [t] carregaria a realização [ˈsɪ.tu] (primeira pessoa do indicativo presente do verbo “citar”); e
- b) [tʃ], por sua vez, carregaria a realização [ˈsɪ.tʃu] que, embora não conste nos dados da nossa pesquisa (seção 8.2) (por não contrastar no léxico da variedade do PS pesquisada), pode estar em variação com [ˈsɪ.tu].

Esses resultados da análise do item lexical dissilábico “sítio” [ˈsɪ.tʃu] (IT72M0-sítio-1) corroboram nossa hipótese de as realizações africadas [tʃ] e [dʒ] fazerem parte de uma gramática cuja regra as restringe a:

- a) contextos em que o aproximante palatal [j] de ditongo dos tipos vogal+[j] e [j]+vogal é esperado, podendo o gatilho ([j]) que dispara a regra de africacão ser apagado logo em seguida; e
- b) itens lexicais nos quais têm potencialidades contrastivas.

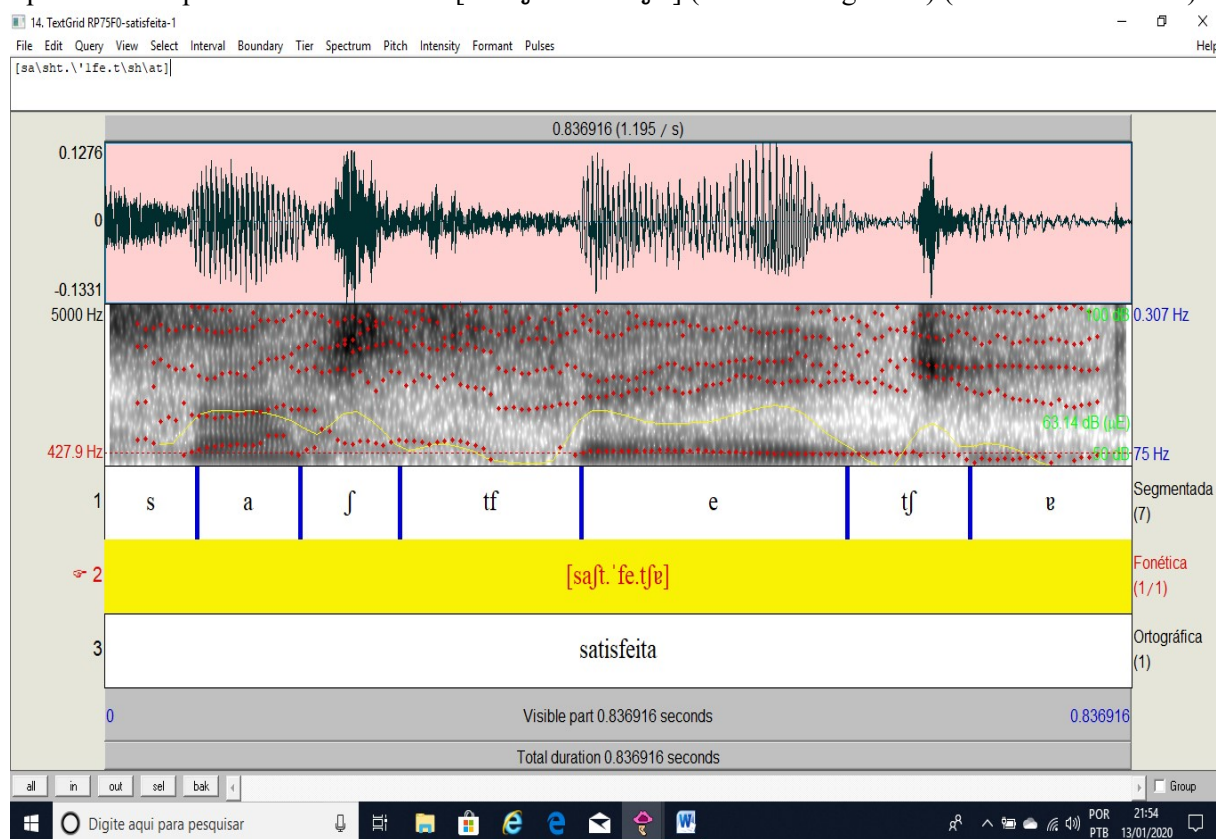
Portanto, “sítio” [ˈsɪ.tʃu] (IT72M0-sítio-1) está também contemplado pela regra.

8.1.11 “satisfeita” (ocorrência 1: código RP75F0-satisfeita-1)

O item lexical “satisfeita” foi realizado pela informante/colaboradora codificada como RP75F0, uma colaboradora do município de Ribeirópolis, sexo feminino, com 75 anos de idade, que diz nunca ter frequentado a escola.

Nas oitavas, tivemos a impressão da realização [saʃt.ˈfe.tʃɐ], ou seja, de uma realização africada alveopalatal desvozeada [tʃ] em posição pós-tônica final de palavra, precedida da vogal [e] e seguida da vogal [ɐ], em um item lexical trissilábico paroxítono. As evidências dessa realização estão ilustradas na plotagem da figura 55. As fases da realização da vogal [e] e da africada [tʃ] estão ilustradas, respectivamente, nas plotagens das figuras 56 e 57 e comentadas em seguida:

Figura 55 - Plotagem do oscilograma em 1 canal e do espectrograma com formantes e intensidade e camadas: (1) segmentada dos seus constituintes fônicos, (2) transcrição fonética e (3) transcrição ortográfica. Com destaque para as características acústicas da realização de todo o item lexical polissilábico paroxítono “satisfeita” [ˈsaʃt.ˈfe.tʃɐ] (0.836916 segundos) (RP75F0-satisfeita-1).



Fonte: Elaborada por Antônio Félix de Souza Neto, com os recursos do *PRAAT (Textgrid)* (2019).

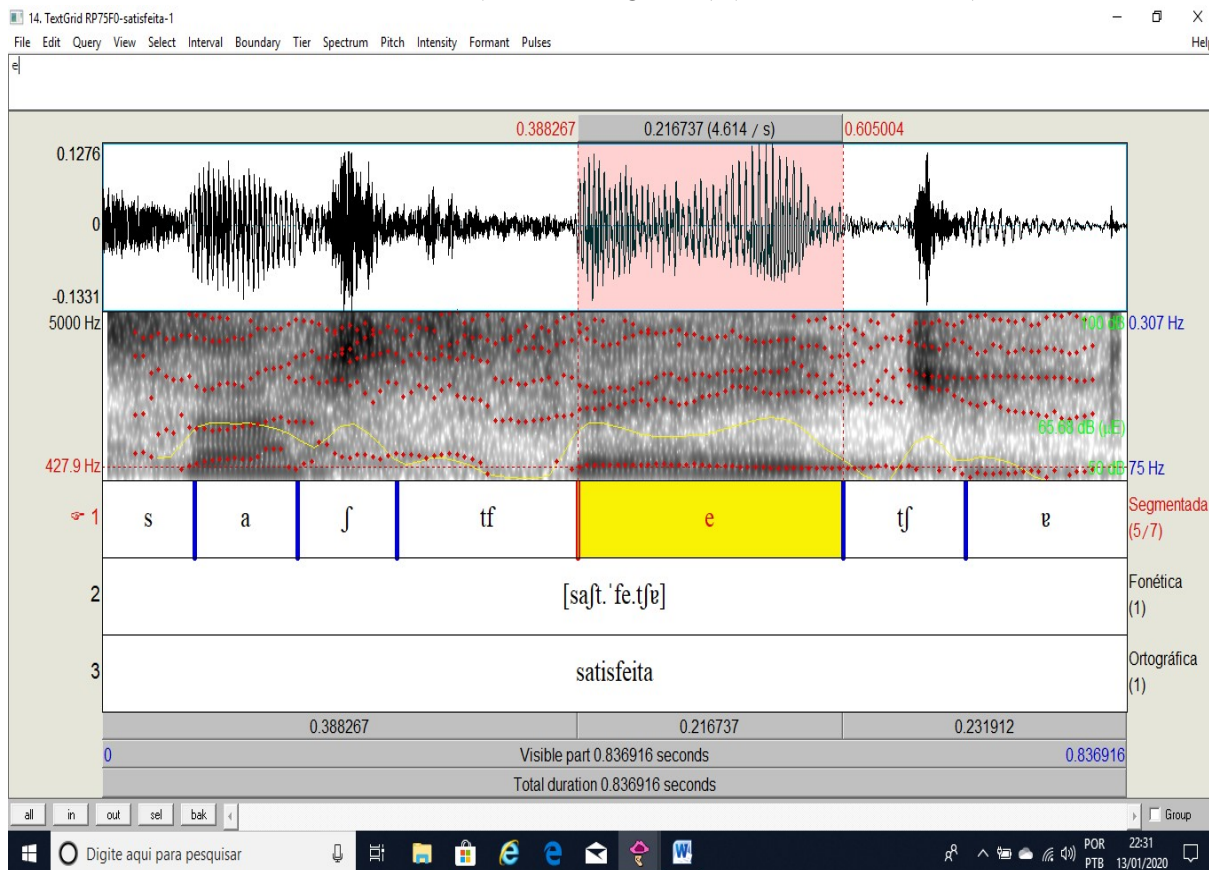
Em nossa segmentação, RP75F0-satisfeita-1 teve duração total de 0.836916 segundos, na forma registrada pelo PRAAT. Observando a figura 55, não podemos identificar com clareza duas fases sucessivas equivalentes a uma dinâmica de transição nos formatos de ondas e na estrutura formântica em mudança gradual, compatível com a realização do ditongo [ej]

esperado. Não obstante, podemos identificar duas fases sucessivas equivalentes a uma oclusão seguida de fricção, compatíveis com uma realização africada alveopalatal desvozeada [tʃ].

Ao contrário de duas fases claramente distintas correspondentes ao ditongo [ej], observando as figuras 55, 56 e 57, podemos identificar uma realização compatível com a vogal [e]. Assim como em IT78F0-feita-1 (subseção 8.1.6), em RP75F0-satisfeita-1, a realização desta vogal [e] equivale ao apagamento (parcial) do aproximante palatal [j] do ditongo [ej]. Embora na mudança de padrão das ondas no oscilograma possamos identificar leves sinais de ditongo, as pistas mais evidentes da realização da vogal (parcialmente) monotongada [e] são identificadas com as ondas de tipo e forma mais regulares (periódicas e aperiódicas) de alta frequência e alta amplitude até o momento em que começa a transição para a fase (oclusiva) seguinte. No espectrograma, as pistas mais evidentes da realização da vogal (parcialmente) monotongada [e] são identificadas com o nível de cinza contínuo mais escuro na área do espectrograma correspondente à frequência fundamental (F0) e aos formantes mais acima (F2, F3, F4 etc.), e na ausência de uma clara dinâmica de transição na estrutura formântica em mudança (subida) gradual. Diferentemente de uma clara dinâmica de transição na estrutura formântica em mudança (subida) gradual, os sinais acústicos identificam uma fase estacionária na barra de vozeamento correspondente à frequência fundamental (F0) e nas áreas dos formantes mais acima (F2, F3, F4 etc.), e uma concentração de energia compatível com a realização da vogal (parcialmente) monotongada [e] da sílaba tônica medial da palavra analisada (RP75F0-satisfeita-1).

As evidências de apagamento (parcial) do aproximante palatal [j] do ditongo [ej] estão ilustradas com o destaque do cursor na área de realização da vogal (parcialmente) monotongada [e] na figura 56:

Figura 56 - Plotagem do oscilograma em 1 canal e do espectrograma com formantes e intensidade e camadas: (1) segmentada dos seus constituintes fônicos, (2) transcrição fonética e (3) transcrição ortográfica. Com destaque para as características acústicas da realização da vogal [e] resultante da monotongação parcial do ditongo [ej] do item lexical polissilábico paroxítono “satisfeita” [ˈsats̺t̺.ˈfɛ.t̺ʃɛ] (0.836916 segundos) (RP75F0-satisfeita-1).



Fonte: Elaborada por Antônio Félix de Souza Neto, com os recursos do *PRAAT (Textgrid)* (2019).

A fase que sucede a realização (parcialmente) monotongada [e] corresponde à oclusão, obstrução/silêncio transitente. No oscilograma, as pistas mais evidentes da fase oclusiva [t] da realização africada [tʃ] são identificadas com as ondas de tipo e forma nitidamente irregulares (não-periódicas/aperiódicas) de baixa amplitude até o momento em que começa a transição para a fase seguinte. No espectrograma, as pistas mais evidentes da fase oclusiva [t] da realização africada [tʃ] são identificadas com o nível de cinza contínuo mais claro (relativamente às fases imediatamente precedente e seguinte). Em que pese a idade da falante (RP75F0) e/ou a idiossincrasia da realização, em RP75F0-satisfeita-1, não identificamos macha escura na área da barra de vozeamento (correspondente à frequência fundamental (F0)), evidenciando ocorrência de tensão das pregas vocais durante sua realização.

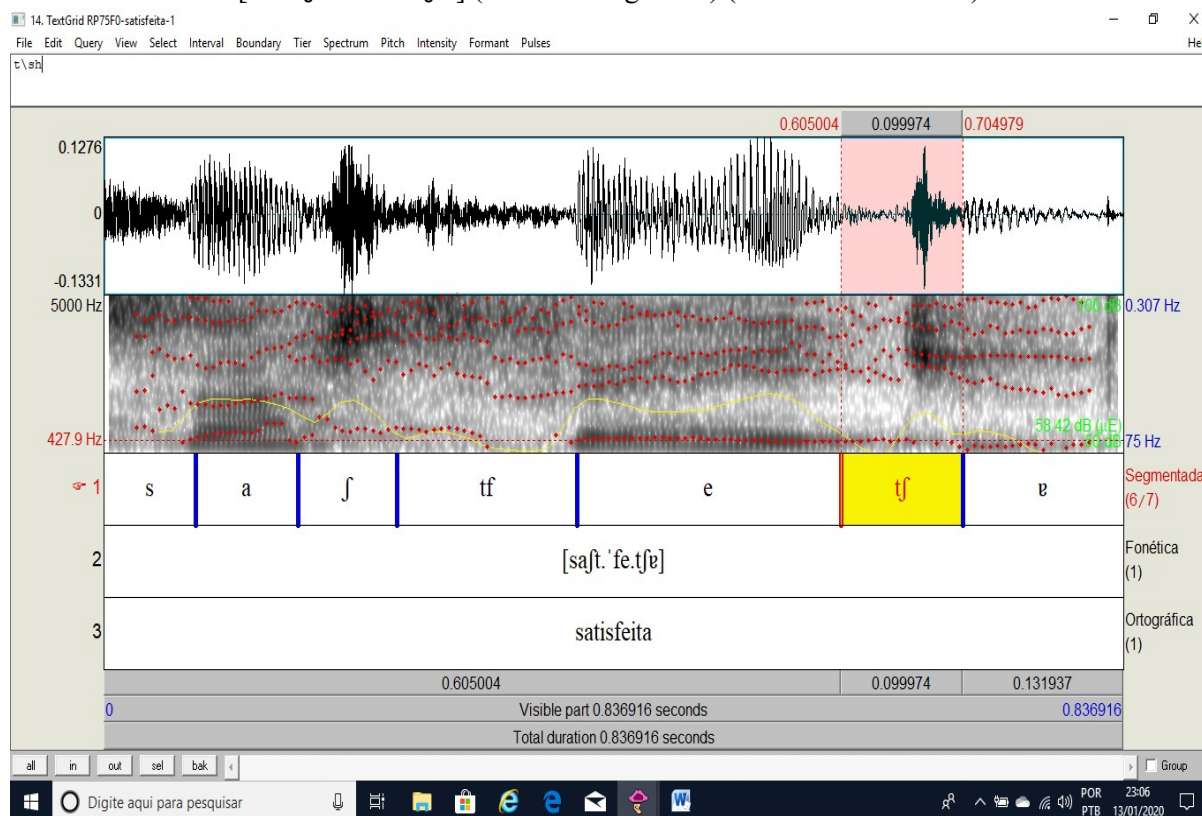
A fase que sucede a oclusão, obstrução/silêncio transiente corresponde à fricção, turbulência. No oscilograma, as pistas mais evidentes da fase fricativa [ʃ] da realização africada [tʃ] são identificadas com as ondas também nitidamente irregulares (não-periódicas/aperiódicas) de frequências claramente mais altas relativamente às da fase (oclusiva) imediatamente precedente. No espectrograma, as pistas mais evidentes da fase fricativa [ʃ] (da realização africada [tʃ]) são identificadas com o nível de cinza contínuo mais escuro (relativamente à fase (oclusiva) imediatamente precedente), na área do espectrograma correspondente aos formantes mais acima (F3, F4 etc.). Em que pese a idade da falante (RP75F0) e/ou a idiossincrasia da realização, em RP75F0-satisfeita-1, não identificamos macha escura na área da barra de vozeamento (correspondente à frequência fundamental (F0)), evidenciando ocorrência de tensão das pregas vocais durante sua realização.

A fase que sucede a fricção/turbulência corresponde à realização da vogal [ɐ] da sílaba pós-tônica final [' _ . t ʃ ɐ] da palavra analisada (RP75F0-satisfeita-1-[saʃt. 'fe.tʃɐ]). A transição da fase fricativa [ʃ] (da realização africada [tʃ]) para a da vogal [ɐ] pós-tônica final é evidenciada pela mudança brusca nos sinais do oscilograma e do espectrograma. No oscilograma, o tipo e a forma das ondas são nitidamente de mais baixa frequência e até mais baixa amplitude relativamente às fases (oclusiva e fricativa) imediatamente precedentes. No espectrograma, a fase estacionária desde a barra de vozeamento correspondente à frequência fundamental (F0) até as áreas dos formantes mais acima (F3, F4, F5 etc.) e a concentração de energia são compatíveis com a realização da vogal [ɐ] pós-tônica final (*offset*) esmaecendo antes de pausa.

Assim como em IT78F0-feita-1 (cf. subsecção 8.1.6), em RP75F0-satisfeita-1, na ausência do aproximante palatal [j] no contexto fonético precedente, podemos atribuir à fase fricativa o fenômeno da africacão por coarticulação preservatória dos traços remanescentes [contínuo, -anterior, palatal] do aproximante palatal [j] precedente (parcialmente apagado) (secção 5.5). Nos termos da FA, a fase fricativa (africacão) corresponde ao espraiamento/à assimilação progressiva dos traços remanescentes [contínuo, -anterior, palatal] do aproximante palatal [j] precedente (parcialmente apagado), que gera um segmento intruso equivalente a [ʃ] (cf. subsecção 6.3.3).

Em que pesem a presença da vogal [ɐ] pós-tônica no contexto seguinte, o apagamento do aproximante palatal [j] precedente, a expressividade ilocucionária, o curso da intensidade (linha amarela da área do espectrograma) e a duração da realização do item lexical analisado (RP75F0-satisfeita-1) (seção 8.2), as duas fases (oclusiva e fricativa) juntas tem, em nossa segmentação, duração de 0.099974 segundos, e suas características acústicas são compatíveis com a realização da africada alveopalatal [tʃ], tal como ilustrado na parte destacada com o cursor na figura 57:

Figura 57 - Plotagem do oscilograma em 1 canal e do espectrograma com formantes e intensidade e camadas: (1) segmentada dos seus constituintes fônicos, (2) transcrição fonética e (3) transcrição ortográfica. Com destaque para as características acústicas da realização africada alveopalatal desvozeada [tʃ] (0.099974 segundos) do item lexical polissilábico paroxítono “satisfeita” [ˈsatsʃt.ˈfe.tʃɐ] (0.836916 segundos) (RP75F0-satisfeita-1).



Fonte: Elaborada por Antônio Félix de Souza Neto, com os recursos do *PRAAT (Textgrid)* (2019).

A constatação do apagamento (parcial) do aproximante palatal [j] no contexto fonético precedente à realização em duas fases (oclusiva e fricativa, respectivamente) equivalentes à africada alveopalatal [tʃ] (no item trissilábico paroxítono “satisfeita”

[saʃt.ˈfɛ.tʃɐ] (RP75F0-satisfeita-1)) valida a hipótese de correlação entre o apagamento do aproximante [j] e a realização africada alveopalatal [tʃ] (capítulo 2). Nesse caso, podemos interpretar as duas fases sucessivas (oclusiva e fricativa) como realização palatalizada de /t/ ([tʲ]) e, por extensão, como segmento complexo (subseção 6.2.3), com articulação maior e menor, sendo esta última resultante do espraçamento/assimilação progressivo(a) dos traços remanescentes [contínuo, -anterior, palatal] do aproximante palatal [j] precedente (parcialmente apagado) (subseção 6.3.3). Contudo, conforme anunciamos na subseção 6.3.3 desta tese, mesmo reconhecendo a pertinência da simbolização formal ([tʲ], segundo o IPA), para evitar confusão decorrente das interpretações possíveis da africada alveopalatal no modelo da FA (subseções 6.2.3, 6.2.4 e 6.3.3) que adotamos aqui, preferimos interpretá-la como segmento de contorno e, por conseguinte, simbolizá-la com [tʃ] (subseções 6.2.4 e 6.3.3). Embora essa realização africada [tʃ] do item trissilábico paroxítono “satisfeita” [saʃt.ˈfɛ.tʃɐ] (RP75F0-satisfeita-1) possa estar ocorrendo em duas fases homorgânicas (palatais), preferimos interpretá-la como em duas fases heterorgânicas (alveopalatal) (seção 5.1).

Ressaltamos o fato de a realização africada [tʃ] do item polissilábico paroxítono “satisfeita” [saʃt.ˈfɛ.tʃɐ] (RP75F0-satisfeita-1) ocorrer em posição pós-tônica final de palavra, em sílaba com padrões fonológico e fonético CV. Nesse contexto fonético, a realização africada alveopalatal desvozeada [tʃ] é categórica (seção 8.2), pois:

- a) a realização plena [t] carrearia a realização [saʃt.ˈfɛ.tɐ]; e
- b) de modo análogo, a realização africada alveolar [ts] carrearia a realização [saʃt.ˈfɛ.tɐ].

Ambas sem correspondentes no léxico da variedade do PS pesquisada¹⁵⁴.

Em que pesem os processos dos quais resultam a realização da primeira sílaba ([saʃt.ˈ_._]) da palavra analisada (RP75F0-satisfeita-1), uma evidência de que não é o traço

¹⁵⁴ Cf. Banco de Dados Falares Sergipanos, acessível em <https://docplayer.com.br/23574900-Banco-de-dados-falares-sergipanos.html> ou DOI: <https://doi.org/10.5007/1984-8420.2013v14n2p156>.

[palatal] de qualquer segmento [palatal] (mas sim os [contínuo, -anterior, palatal] do aproximante [palatal] [j]) que engatilha a realização africada [tʃ] (na variedade aqui referida) está no fato de o traço [palatal] da fricativa palatal [ʃ] não engatilhar a africação da oclusiva [t] imediatamente seguinte ([saʃt. _ . _] não ([saʃtʃ. _ . _])).

Esses resultados da análise do item lexical trissilábico “satisfeita” [saʃt. 'fe.tʃe] (RP75F0-satisfeita-1) corroboram nossa hipótese de as realizações africadas [tʃ] e [dʒ] fazerem parte de uma gramática cuja regra as restringe a:

- a) contextos em que o aproximante palatal [j] de ditongo dos tipos vogal+[j] e [j]+vogal é esperado, podendo o gatilho ([j]) que dispara a regra de africação ser apagado logo em seguida; e
- b) itens lexicais nos quais têm potencialidades contrastivas.

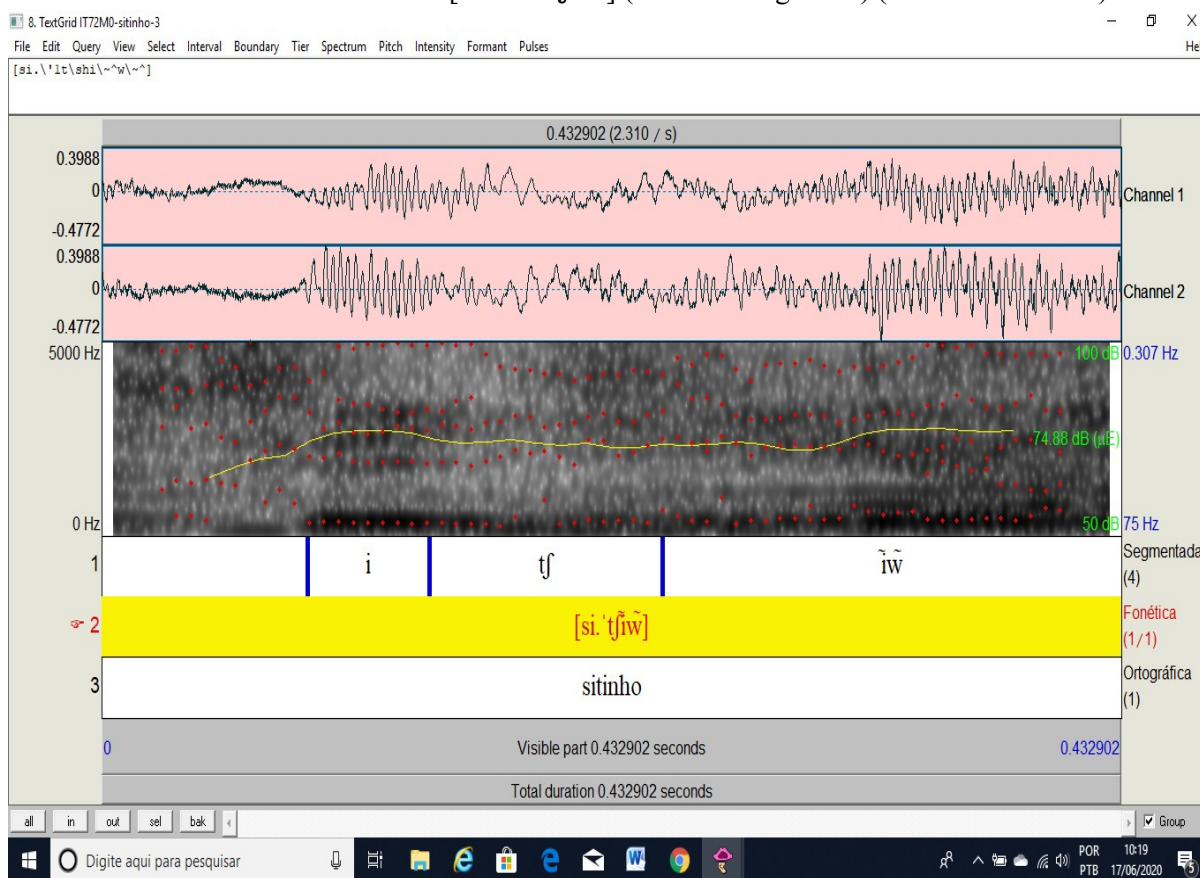
Portanto, “satisfeita” [saʃt. 'fe.tʃe] (RP75F0-satisfeita-1) está também contemplado pela regra.

8.1.12 “sitinho” (ocorrência 3: código IT72M0-sitinho-3)

O item lexical “sitinho” foi realizado pelo mesmo informante/colaborador codificada como IT72M0 (subseções 8.1.2, 8.1.3 e 8.1.10), um colaborador do município de Itaporanga D’Ajuda, sexo masculino, com 72 anos de idade, que diz nunca ter frequentado a escola.

Nas oitavas, tivemos a impressão da realização [si. 'tʃĩw̃], ou seja, de uma realização africada alveopalatal desvozeada [tʃ] em posição tônica da sílaba final da palavra, precedida da vogal [i] e seguida da vogal nasalizada [ĩ], em um item lexical dissilábico oxítono. As evidências dessa realização estão ilustradas na plotagem da figura 58. As fases da realização da vogal [i] precedente, da africada [tʃ] e da vogal nasalizada [ĩ] seguinte estão ilustradas, respectivamente, nas plotagens das figuras de 59 a 61 e comentadas em seguida:

Figura 58 - Plotagem do oscilograma em 2 canais e do espectrograma com formantes e intensidade e camadas: (1) segmentada dos seus constituintes fônicos, (2) transcrição fonética e (3) transcrição ortográfica. Com destaque para as características acústicas da realização de todo o item lexical dissilábico oxítono “sitinho” [ˈsi.ˈtʃĩw̃] (0.432902 segundos) (IT72M0-sitinho-3).



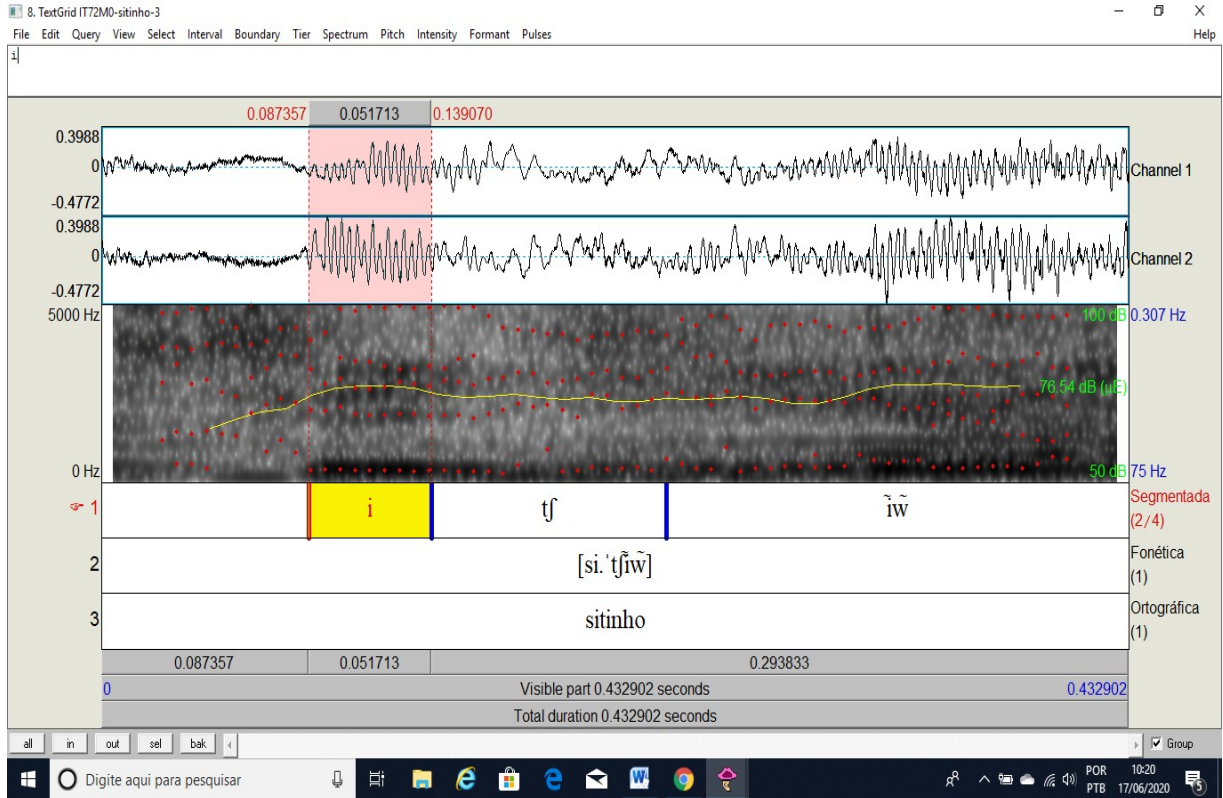
Fonte: Elaborada por Antônio Félix de Souza Neto, com os recursos do PRAAT (Textgrid) (2019).

Em nossa segmentação, IT72M0-sitinho-3 teve duração total de 0.432902 segundos, na forma registrada pelo PRAAT. Observando a figura 58, não podemos identificar duas fases sucessivas equivalentes a uma dinâmica de transição nos formatos de ondas e na estrutura formântica em mudança gradual, compatível com a realização do aproximante palatal [j] de um ditongo dos tipos [j]+vogal ou vogal+[j]. Não obstante, contrariando nossa hipótese de correlação entre realização do aproximante palatal [j] (ou o apagamento deste) e realização africada alveopalatal desvozeada [tʃ] (capítulo 2), podemos identificar duas fases sucessivas equivalentes a uma oclusão seguida de fricção, compatíveis com uma realização africada alveopalatal desvozeada [tʃ].

Em lugar de duas fases claramente distintas correspondentes a um ditongo dos tipos [j]+vogal ou vogal+[j], observando as figuras 58, 59, 60 e 61, podemos identificar uma

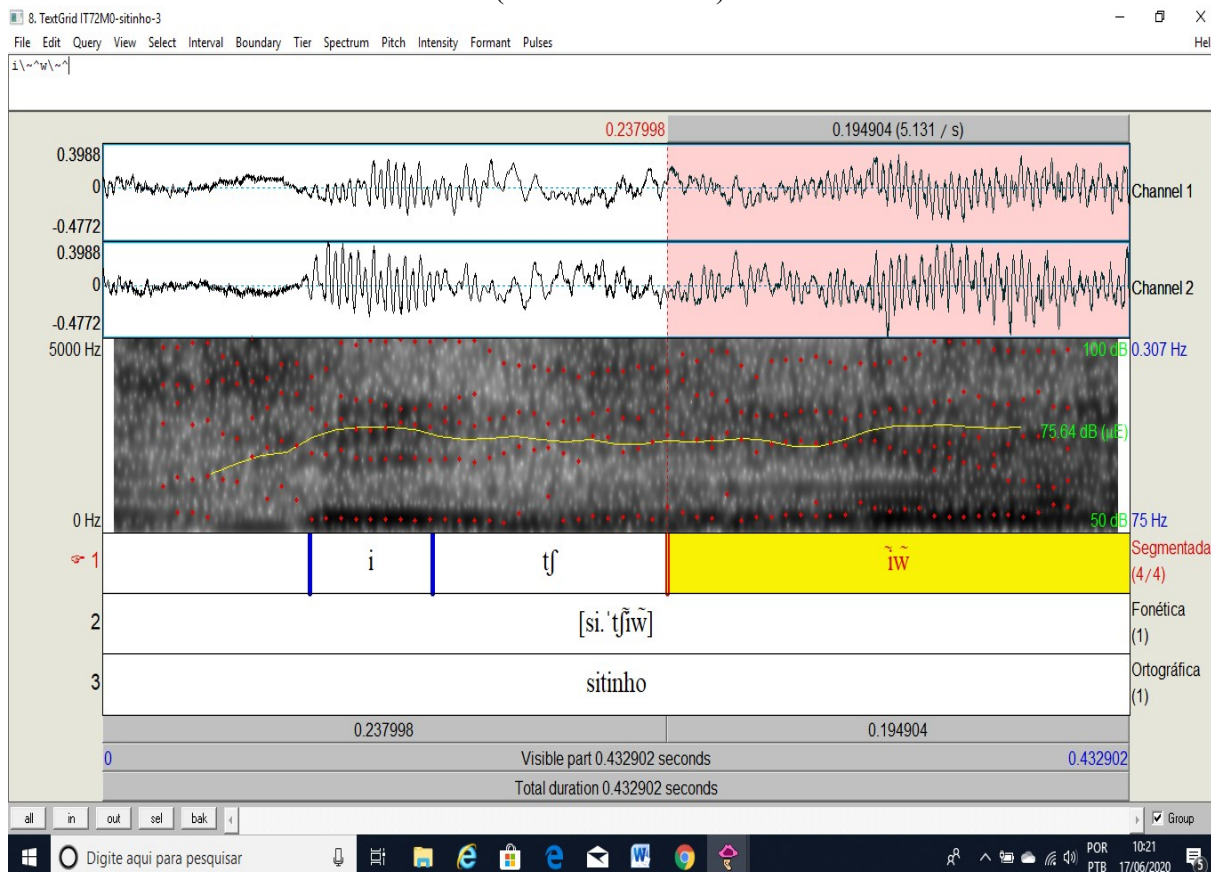
realização compatível com a vogal [i] precedendo a realização africada [tʃ] e uma realização compatível com a vogal nasalizada [ĩ] do ditongo [ĩw̃] (cujo aproximante [w̃] está parcialmente apagado) seguindo [tʃ]. Apesar de em meio a muito ruído externo, no oscilograma é possível identificar a ausência de sinais de ditongo dos tipos [j]+vogal ou vogal+[j]. No espectrograma, as pistas mais evidentes da ausência de sinais desses tipos de ditongo são identificadas na ausência de uma clara dinâmica de transição na estrutura formântica em mudança gradual que lhes sejam compatíveis. Diferentemente de uma clara dinâmica de transição na estrutura formântica em mudança gradual compatível como ditongo dos tipos [j]+vogal ou vogal+[j], os sinais acústicos imediatamente precedente e seguinte à realização africada [tʃ] se identificam mais com fases estacionárias na barra de vozeamento correspondentes à frequência fundamental (F0) e nas áreas dos formantes mais acima (F2, F3, F4 etc.), e concentrações de energia compatíveis com a realização da vogal [i] precedente da sílaba pré-tônica inicial e com a realização da vogal nasalizada [ĩ] do ditongo [ĩw̃] (cujo aproximante [w̃] está parcialmente apagado) da sílaba tônica final da palavra analisada (IT72M0-sitinho-3). As evidências de realização da vogal [i] precedente e da vogal nasalizada [ĩ] do ditongo [ĩw̃] (cujo aproximante [w̃] está parcialmente apagado) seguinte à realização africada [tʃ] que coincidem com a ausência de ditongo dos tipos [j]+vogal ou vogal+[j], precedendo e seguindo a realização africada [tʃ], estão ilustradas com o destaque do cursor na área de realização dessas vogais nas figuras 59 e 60:

Figura 59 - Plotagem do oscilograma em 2 canais e do espectrograma com formantes e intensidade e camadas: (1) segmentada dos seus constituintes fônicos, (2) transcrição fonética e (3) transcrição ortográfica. Com destaque para as características acústicas da realização da vogal [i] da primeira sílaba do item lexical dissilábico oxítono “sitinho” [ˈsi.ˈtʃĩw̃] (IT72M0-sitinho-3).



Fonte: Elaborada por Antônio Félix de Souza Neto, com os recursos do PRAAT (Textgrid) (2019).

Figura 60 - Plotagem do oscilograma em 2 canais e do espectrograma com formantes e intensidade e camadas: (1) segmentada dos seus constituintes fônicos, (2) transcrição fonética e (3) transcrição ortográfica. Com destaque para as características acústicas da realização da vogal nasalizada [ĩ] do ditongo nasalizado [ĩw̃] da sílaba tônica do item lexical dissilábico oxítono “sitinho” [ˈsi.ˈtʃĩw̃] (IT72M0-sitinho-3).



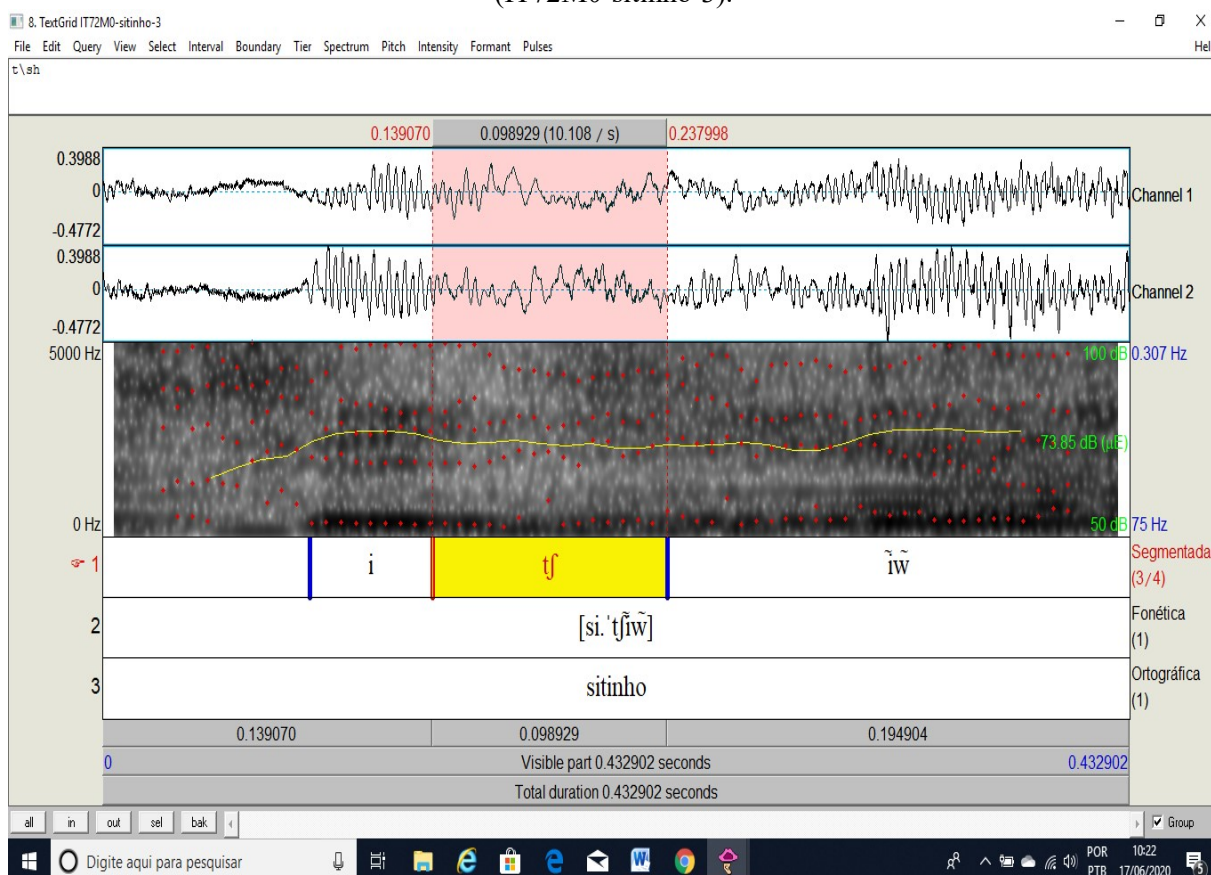
Fonte: Elaborada por Antônio Félix de Souza Neto, com os recursos do *PRAAT (Textgrid)* (2019).

Em IT72M0-sitinho-3, na ausência do aproximante palatal [j] coincidindo com as presenças de vogal [i] no contexto fonético precedente e vogal nasalizada [ĩ] do ditongo [ĩw̃] (cujo aproximante [w̃] está parcialmente apagado) no contexto fonético seguinte simultaneamente, poderíamos atribuir – a exemplo do que fizemos em Souza Neto (2014 [2008]) – à fase fricativa o fenômeno da africacão por coincidência de coarticulação preservatória e antecipatória dos traços [contínuo, -anterior, palatal] daquelas vogais ([i]_[ĩ]) adjacentes (seção 5.5). Nos termos da FA, a fase fricativa (africacão) também corresponderia ao espraiamento/à assimilação progressiva/regressiva dos traços [contínuo, -anterior, palatal] daquelas vogais, que também geraria um segmento intruso equivalente a [ʃ] (subseção 6.3.3). A coincidência da vogal [i] no contexto fonético precedente e da vogal nasalizada [ĩ] no

contexto fonético seguinte simultaneamente possibilitaria o compartilhamento (homorgânico) do traço [palatal] dessas realizações vocálicas na fase fricativa equivalente a [ʃ].

Em que pese a presença da vogal nasalizada [ĩ] da estrutura fônica de ditongo nasalizado [ĩw̃] coincidir com o morfema de diminutivo na variedade do PS pesquisada¹⁵⁵; em que pesem a expressividade ilocucionária, o curso da intensidade (linha amarela da área do espectrograma) e a duração da realização do item lexical analisado (IT72M0-sitinho-3) (seção 8.2), as duas fases (oclusiva e fricativa) juntas, em nossa segmentação, têm duração de 0.098929 segundos, e suas características acústicas são compatíveis com a realização da africada alveopalatal [tʃ], tal como ilustrado na parte destacada com o cursor na figura 61:

Figura 61 - Plotagem do oscilograma em 2 canais e do espectrograma com formantes e intensidade e camadas: (1) segmentada dos seus constituintes fônicos, (2) transcrição fonética e (3) transcrição ortográfica. Com destaque para as características acústicas da realização africada alveopalatal desvozeada [tʃ] (0.098929 segundos) item lexical dissilábico oxítono “sitinho” [ˈsi.ˈtʃĩw̃] (IT72M0-sitinho-3).



Fonte: Elaborada por Antônio Félix de Souza Neto, com os recursos do PRAAT (Textgrid) (2019).

¹⁵⁵ Em nossos dados, a realização africada alveopalatal vozeada [dʒ] também ocorre nesse tipo de contexto (cf. subseção 8.1.18).

A constatação da ausência do aproximante palatal [j] coincidindo com as presenças simultâneas de vogal [i] no contexto fonético precedente e vogal nasalizada [ĩ] no contexto fonético seguinte à realização em duas fases (oclusiva e fricativa, respectivamente) equivalentes à africada alveopalatal [tʃ] (no item dissilábico oxítono “sitinho” [si.ˈtʃĩw̃] (IT72M0-sitinho-3)) invalida a nossa hipótese de correlação entre realização ou apagamento do aproximante [j] e a realização africada alveopalatal [tʃ] (capítulo 2). Nesse caso, assim como Hora (1990), Bisol e Hora (1993), e como também o fizemos em Souza Neto (2014 [2008]), poderíamos interpretar a fase fricativa ([_ʃ]) como resultante do espriamento/assimilação progressivo(a) e regressivo(a) simultâneos(as) dos traços [contínuo, palatal, -anterior] da vogal [i] precedente e da vogal nasalizada [ĩ] seguinte (subseção 6.3.3). Poderíamos, por conseguinte, interpretar as duas fases sucessivas (oclusiva e fricativa) do item lexical “sitinho” [si.ˈtʃĩw̃] (IT72M0-sitinho-3) como segmento complexo (seção 6.2.3), com articulação maior e menor, e, por extensão, representá-las como realização palatalizada de /t/ ([tʲ]). Contudo, diante dos resultados da nossa análise quantitativa (estatístico/probabilístico) dos dados da pesquisa (seção 8.2) que documentamos aqui, preferimos interpretar as duas fases (oclusiva e fricativa, respectivamente) equivalentes à africada alveopalatal [tʃ], em IT72M0-sitinho-3, como excepcional do item lexical analisado (IT72M0-sitinho-3).

A principal evidência de que não é a vogal nasalizada [ĩ] seguinte do morfema diminutivo [ˈ_ĩw̃] que promove a realização africada [tʃ] em IT72M0-sitinho-3 está no fato de em outros itens lexicais diminutivos com o mesmo final [ˈ_ĩw̃]¹⁵⁶ (a exemplo de “pintinho” [pi.ˈtĩw̃], “ratinho” [ra.ˈtĩw̃] etc.) a africada [tʃ] não ser encontrada na variedade do PS pesquisada¹⁵⁷. Soma-se a isto o fato de “sitinho” [si.ˈtʃĩw̃] (IT72M0-sitinho-3) ter figurado como variante de “sitiozinho” [si.tʃu.ˈziw̃] (JP82F1-sitiozinho-1 e 2), com 2 ocorrências nos dados da nossa pesquisa. Em “sitiozinho” [si.tʃu.ˈziw̃] (JP82F1-sitiozinho-1 e 2), a africada [tʃ] ocorre em contexto precedente à vogal

¹⁵⁶ A única exceção encontrada em nossa pesquisa foi IT72M0-sitinho-3 (cf. subseção 8.1.12).

¹⁵⁷ Cf. Banco de Dados Falares Sergipanos, acessível em <https://docplayer.com.br/23574900-Banco-de-dados-falares-sergipanos.html> ou DOI: <https://doi.org/10.5007/1984-8420.2013v14n2p156>.

(parcialmente) monotongada [u] resultante do apagamento (parcial) do aproximante palatal [j] do ditongo [_ju_]. É, portanto, possível que a africada [tʃ] em “sitinho” [sɪ.ˈtʃĩw̃] (IT72M0-sitinho-3) ocorra por analogia à africada [tʃ] do seu equivalente lexical “sitiozinho” [sɪ.tʃu.ˈzĩw̃] (JP82F1-sitiozinho-1 e 2).

Conforme anunciamos na subseção 6.3.3 desta tese, mesmo reconhecendo a pertinência da simbolização formal ([tʃ], segundo o IPA), para evitar confusão decorrente das interpretações possíveis da africada alveopalatal no modelo da FA (subseções 6.2.3, 6.2.4 e 6.3.3) que adotamos aqui, preferimos interpretá-la como segmento de contorno e, por conseguinte, simbolizá-la com [tʃ] (subseções 6.2.4 e 6.3.3). Embora essa realização africada [tʃ] do item lexical dissilábico oxítono “sitinho” [sɪ.ˈtʃĩw̃] (IT72M0-sitinho-3) possa estar ocorrendo em duas fases homorgânicas (palatais), preferimos interpretá-la como em duas fases heterorgânicas (alveopalatal) (seção 5.1).

Ressaltamos o fato de a realização africada [tʃ] do item dissilábico oxítono “sitinho” [sɪ.ˈtʃĩw̃] (IT72M0-sitinho-3) ocorrer em posição tônica medial de palavra, em sílaba com padrões fonológico CV e fonético CVC. Nesse contexto fonético, [tʃ] é categórico na variedade do PS pesquisada (seção 8.2), pois aqui:

- a) [t] carregaria a realização [sɪ.ˈtĩw̃]; e
- b) [tʃ], por sua vez, carregaria a realização [ˈsɪ.ˈtʃĩw̃].

Embora não constem nos dados da nossa pesquisa (seção 8.2), nesse contexto, por não contrastarem no léxico da variedade do PS pesquisada, [t] e [tʃ] podem estar em variação com [tʃ].

Esses resultados da análise do item lexical dissilábico “sitinho” [sɪ.ˈtʃĩw̃] (IT72M0-sitinho-3) não corroboram nossa hipótese de as realizações africadas [tʃ] e [dʒ] fazerem parte de uma gramática cuja regra as restringe a:

a) contextos em que o aproximante palatal [j] de ditongo dos tipos vogal+[j] e [j]+vogal é esperado, podendo o gatilho ([j]) que dispara a regra de africacão ser apagado logo em seguida; e

b) itens lexicais nos quais têm potencialidades contrastivas.

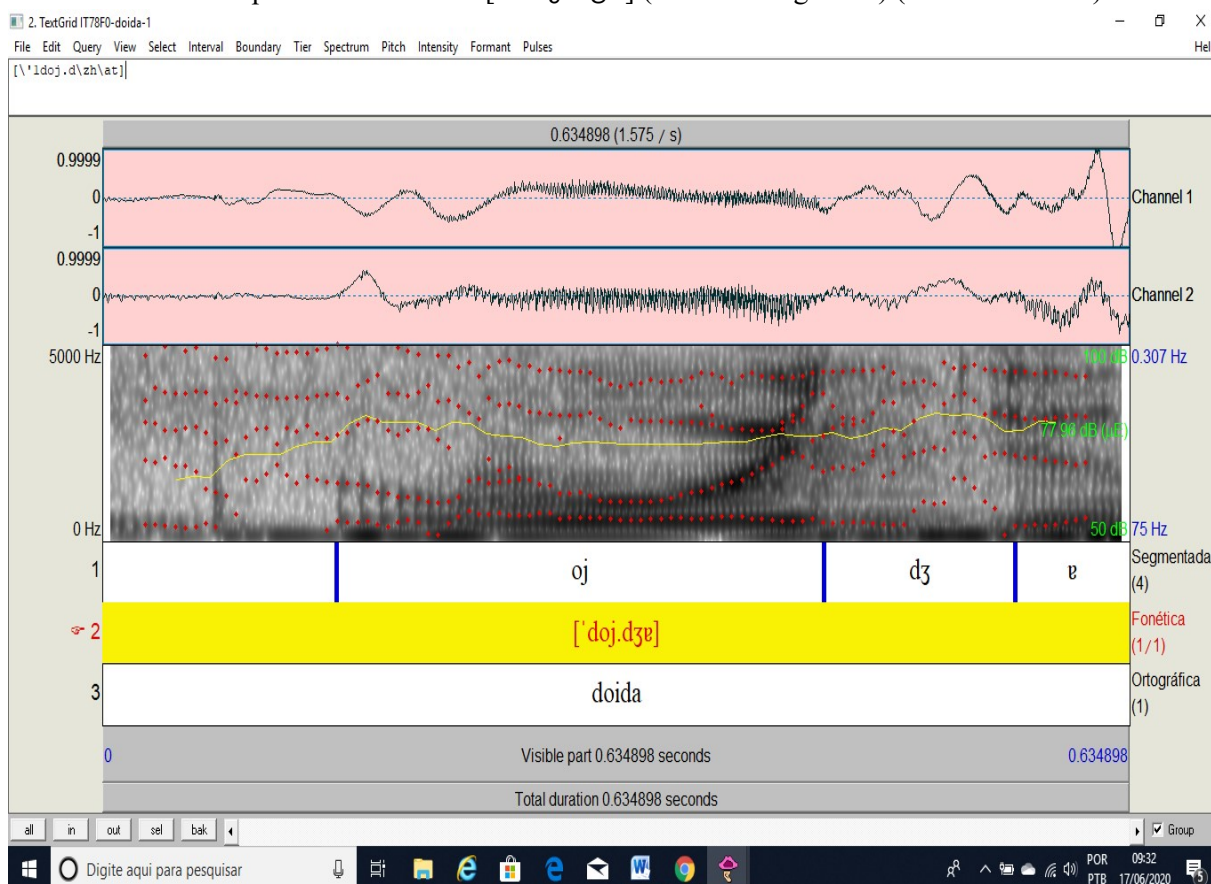
Portanto, “sitinho” [sɪ. 'tʃĩw̃] (IT72M0-sitinho-3) não está contemplado pela regra, constituindo exceção à regra.

8.1.13 “doida” (ocorrência 1: código IT78F0-doida-1)

O item lexical “doida” foi realizado pela mesma informante/colaboradora codificada como IT78F0 (subseções 8.1.5 e 8.1.6), uma colaboradora do povoado Rio Fundo, município de Itaporanga D’Ajuda, sexo feminino, com 78 anos de idade, que diz nunca ter frequentado a escola.

Nas oitivas, tivemos a impressão da realização ['doj.dʒɐ], ou seja, de uma realização africada alveopalatal vozeada ([dʒ]) em posição pós-tônica final de palavra, precedida do aproximante palatal [j] do ditongo [oj] e seguida da vogal [ɐ], em um item lexical dissilábico paroxítono. As evidências dessa realização estão ilustradas na plotagem da figura 62. As fases do ditongo [oj] e da africada [dʒ] estão ilustradas, respectivamente, nas plotagens das figuras 63 e 64 e comentadas em seguida:

Figura 62 - Plotagem do oscilograma em 2 canais e do espectrograma com formantes e intensidade e camadas: (1) segmentada dos seus constituintes fônicos, (2) transcrição fonética e (3) transcrição ortográfica. Com destaque para as características acústicas da realização de todo o item lexical dissilábico paroxítono “doida” [ˈdoj.dʒɐ] (0.634898 segundos) (IT78F0-doida-1).



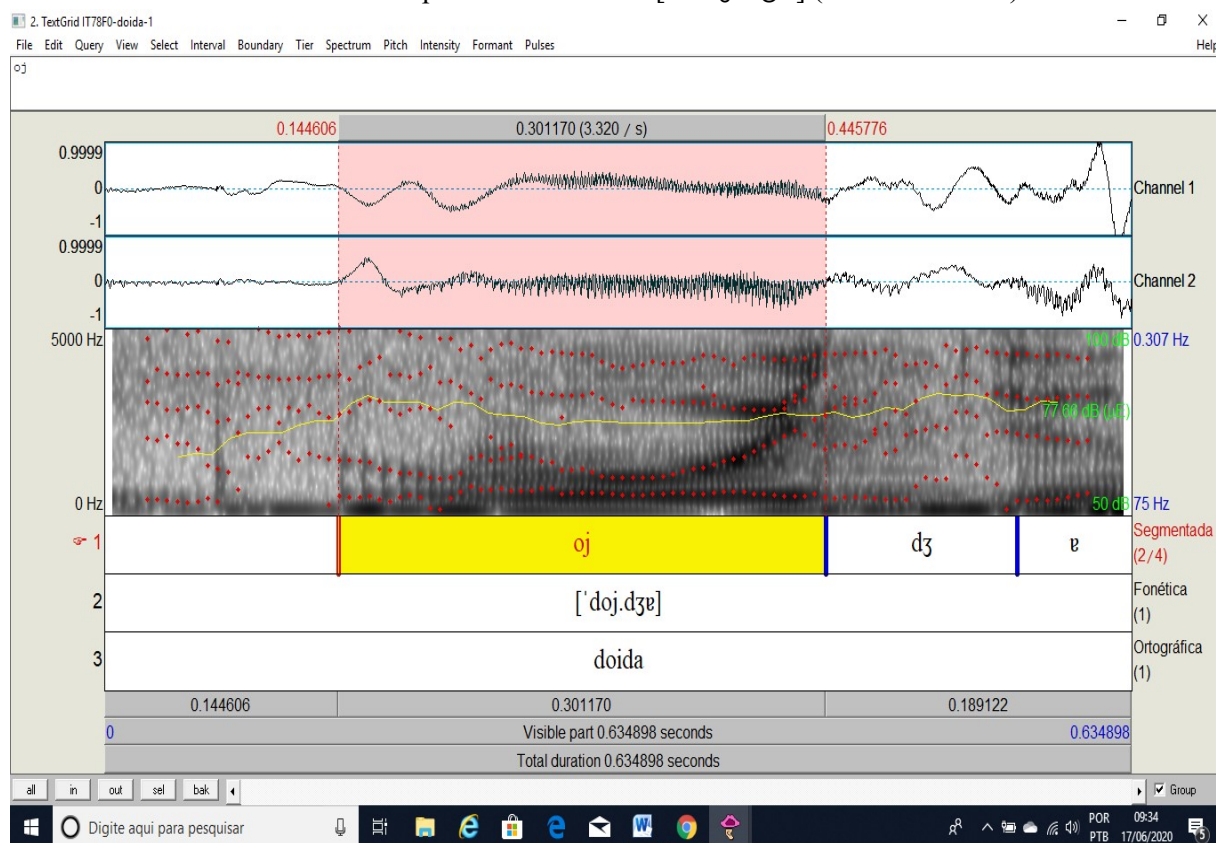
Fonte: Elaborada por Antônio Félix de Souza Neto, com os recursos do PRAAT (Textgrid) (2019).

Em nossa segmentação, IT78F0-doida-1 teve duração total de 0.634898 segundos, na forma registrada pelo PRAAT. Observando a figura 62, podemos identificar nas ondas do oscilograma e nas áreas do espectrograma, duas fases sucessivas equivalentes a uma dinâmica de transição nos formatos de ondas e na estrutura formântica em mudança gradual, compatível com a realização do ditongo [oj]. Também podemos identificar outras duas fases sucessivas equivalentes a uma oclusão seguida de fricção, compatíveis com uma realização africada alveopalatal vozeada [dʒ].

Em IT778F0-doida-1, as evidências da dinâmica de transição na estrutura formântica em mudança gradual compatíveis com a realização do ditongo [oj] precedente validam a nossa hipótese de o aproximante [j] servir de gatilho para a realização [dʒ] (capítulo 2).

Observando as figuras 62, 63 e 64, podemos identificar claramente os sinais acústicos correspondentes ao ditongo [oj]. No oscilograma, as pistas mais evidentes da realização do aproximante palatal [j] do ditongo [oj] são identificadas com as ondas de tipo e forma regulares (periódicas e aperiódicas) de alta frequência até o momento em que começa a transição para a fase (oclusiva) seguinte. No espectrograma, as pistas mais evidentes da realização do aproximante palatal [j] do ditongo [oj] são identificadas com o nível de cinza contínuo mais escuro na área do espectrograma correspondente à frequência fundamental (F0) e aos primeiros formantes (F1, F2 e F3), e na dinâmica da transição na estrutura formântica em mudança gradual: a subida gradual do segundo formante (F2) na direção do terceiro formante (F3) é compatível com a realização do aproximante palatal [j] do ditongo [oj]. As evidências dessa realização do aproximante palatal [j] do ditongo [oj] estão ilustradas com o destaque do cursor na área de realização desse ditongo na figura 63:

Figura 63 - Plotagem do oscilograma em 2 canais e do espectrograma com formantes e intensidade e camadas: (1) segmentada dos seus constituintes fônicos, (2) transcrição fonética e (3) transcrição ortográfica. Com destaque para as características acústicas da realização do ditongo [oj] do item lexical dissilábico paroxítono “doida” [ˈdoj.dʒə] (IT78F0-doida-1).



Fonte: Elaborada por Antônio Félix de Souza Neto, com os recursos do PRAAT (Textgrid) (2019).

A fase que sucede a realização do aproximante palatal [j] do ditongo [oj] corresponde à oclusão, obstrução/silêncio transiente. No oscilograma, as pistas mais evidentes da fase oclusiva [d] da realização africada [dʒ] são identificadas com as ondas de tipo e forma nitidamente irregulares (não-periódicas/aperiódicas) de baixa frequência e baixa amplitude até o momento em que começa a transição para a fase seguinte. No espectrograma, as pistas mais evidentes da fase oclusiva [d] da realização africada [dʒ] são identificadas com o nível de cinza um pouco mais claro (relativamente à fase imediatamente precedente), correspondente a uma obstrução/silêncio transiente. Uma leve macha clara na área da barra de vozeamento, correspondente à frequência fundamental (F0) evidencia vibração das pregas vocais durante sua realização.

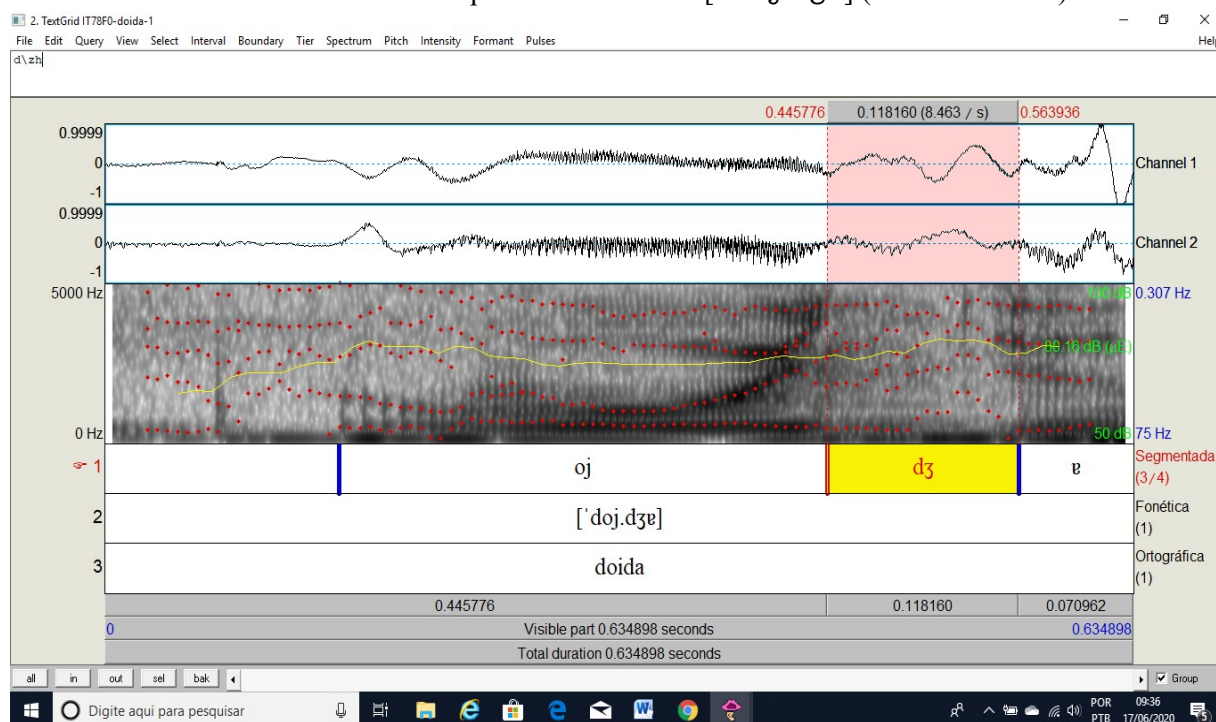
A fase que sucede a oclusão, obstrução/silêncio transiente corresponde à fricção, turbulência. Embora não sejam tão evidentes, podemos identificar sinais dessa fase. No oscilograma, as pistas da fase fricativa [ʒ] da realização africada [dʒ] são identificadas com as ondas nitidamente irregulares (não-periódicas/aperiódicas) de frequências um pouco mais altas, relativamente às da fase (oclusiva) imediatamente precedente. No espectrograma, as pistas da fase fricativa vozeada [ʒ] da realização africada vozeada [dʒ] são identificadas com o nível de cinza contínuo na área correspondente à frequência fundamental (F0), evidenciando ocorrência de vibração das pregas vocais durante sua realização, e com raras manchas de cinza mais escuro na área correspondente aos formantes mais acima (F3, F4 etc.).

A fase que sucede a fricção/turbulência corresponde à realização da vogal [e] da sílaba pós-tônica [' _ .dʒe] da palavra analisada (IT78F0-doida-1-[' doj.dʒe]). A transição da fase fricativa [ʒ] (da realização africada [dʒ]) para a da vogal [e] pós-tônica é evidenciada pela mudança nos sinais do oscilograma e do espectrograma. No oscilograma, o tipo e a forma das ondas são nitidamente de mais alta frequência e mais alta amplitude relativamente às duas fases (oclusiva e fricativa) imediatamente precedentes. No espectrograma, a predominância da fase estacionária desde a barra de vozeamento correspondente à frequência fundamental (F0) até as áreas dos formantes acima (F1, F2, F3, F4 etc.) e a concentração de energia são compatíveis com a realização da vogal [e] pós-tônica final da palavra analisada (IT78F0-doida-1).

Em IT78F0-doida-1, a presença do aproximante palatal [j] no contexto precedente nos permite atribuir à fase fricativa [ʒ] da palavra analisada (IT78F0-doida-1-['doj.dʒɐ]) o fenômeno da africacão por coarticulação preservatória dos traços [contínuo, -anterior, palatal] do aproximante palatal [j] precedente (seção 5.5). Nos termos da FA, a fase fricativa (africacão) corresponde ao espraiamento/à assimilação progressiva/regressiva dos traços [contínuo, -anterior, palatal] do aproximante palatal [j] precedente, que gera um segmento intruso equivalente a [ʒ] (subseção 6.3.3).

Em que pesem a presença da vogal [ɐ] tônica no contexto seguinte, a realização do aproximante palatal [j] precedente, a expressividade ilocucionária, o curso da intensidade (linha amarela da área do espectrograma) e a duração da realização do item lexical analisado (IT78F0-doida-1) (seção 8.2), as duas fases (oclusiva e fricativa) juntas têm, em nossa segmentação, duração de 0.118160 segundos, e suas características acústicas são compatíveis com a realização da africada alveopalatal vozeada [dʒ], tal como ilustrado na parte destacada com o cursor na figura 64:

Figura 64 - Plotagem do oscilograma em 2 canais e do espectrograma com formantes e intensidade e camadas: (1) segmentada dos seus constituintes fônicos, (2) transcrição fonética e (3) transcrição ortográfica. Com destaque para a realização africada alveopalatal vozeada [dʒ] (0.118160 segundos) do item lexical dissilábico paroxítono “doida” ['doj.dʒɐ] (IT78F0-doida-1).



Fonte: Elaborada por Antônio Félix de Souza Neto, com os recursos do *PRAAT (Textgrid)* (2019).

A constatação da realização do aproximante palatal [j] no contexto fonético precedente à realização em duas fases (oclusiva e fricativa, respectivamente) equivalentes à africada alveopalatal [dʒ], no item lexical dissilábico paroxítono “doida” [ˈdoj.dʒɐ] (IT78F0-doida-1), valida a nossa hipótese de correlação entre a realização do aproximante [j] e a realização africada alveopalatal [dʒ] (capítulo 2). Nesse caso, podemos interpretar as duas fases sucessivas (oclusiva e fricativa) como realização palatalizada de /d/ ([d^j]) e, por extensão, como segmento complexo (subseção 6.2.3), com articulação maior e menor, sendo esta última resultante do espriamento/assimilação progressivo(a) dos traços [contínuo, -anterior, palatal] do aproximante palatal [j] precedente (subseção 6.3.3). Contudo, conforme anunciamos na subseção 6.3.3 desta tese, mesmo reconhecendo a pertinência da simbolização formal ([d^j], segundo o IPA), para evitar confusão decorrente das interpretações possíveis da africada alveopalatal no modelo da FA (subseções 6.2.3, 6.2.4 e 6.3.3) que adotamos aqui, preferimos interpretá-la como segmento de contorno e, por conseguinte, simbolizá-la com [dʒ] (subseções 6.2.4 e 6.3.3).

Embora essa realização africada [dʒ] do item lexical dissilábico “doida” [ˈdoj.dʒɐ] (IT78F0-doida-1) possa estar ocorrendo em duas fases homorgânicas (palatais), preferimos interpretá-la como em duas fases heterorgânicas (alveopalatal) (seção 5.1).

Ressaltamos o fato de a realização africada [dʒ] do item lexical dissilábico “doida” [ˈdoj.dʒɐ] (IT78F0-doida-1) ocorrer em posição pós-tônica final de palavra, em sílaba com padrões fonológico e fonético CV. Nesse contexto fonético, a realização [dʒ] é categórica em nossos dados (seção 8.2), pois aqui:

- a) [d] carregaria a realização [ˈdoj.dɐ]; e
- b) [dz], por sua vez, carregaria a realização [ˈdoj.dzɐ].

Embora não constem nos dados da nossa pesquisa (seção 8.2), nesse contexto, por não contrastarem no léxico da variedade do PS pesquisada, [d] e [dz] podem estar em variação com [dʒ].

Esses resultados da análise do item lexical dissilábico “doida” [ˈdoj.dʒɐ] (IT78F0-doida-1) corroboram nossa hipótese de as realizações africadas [tʃ] e [dʒ] fazerem parte de uma gramática cuja regra as restringe a:

- a) contextos em que o aproximante palatal [j] de ditongo dos tipos vogal+[j] e [j]+vogal é esperado, podendo o gatilho ([j]) que dispara a regra de africacão ser apagado logo em seguida; e
- b) itens lexicais nos quais têm potencialidades contrastivas.

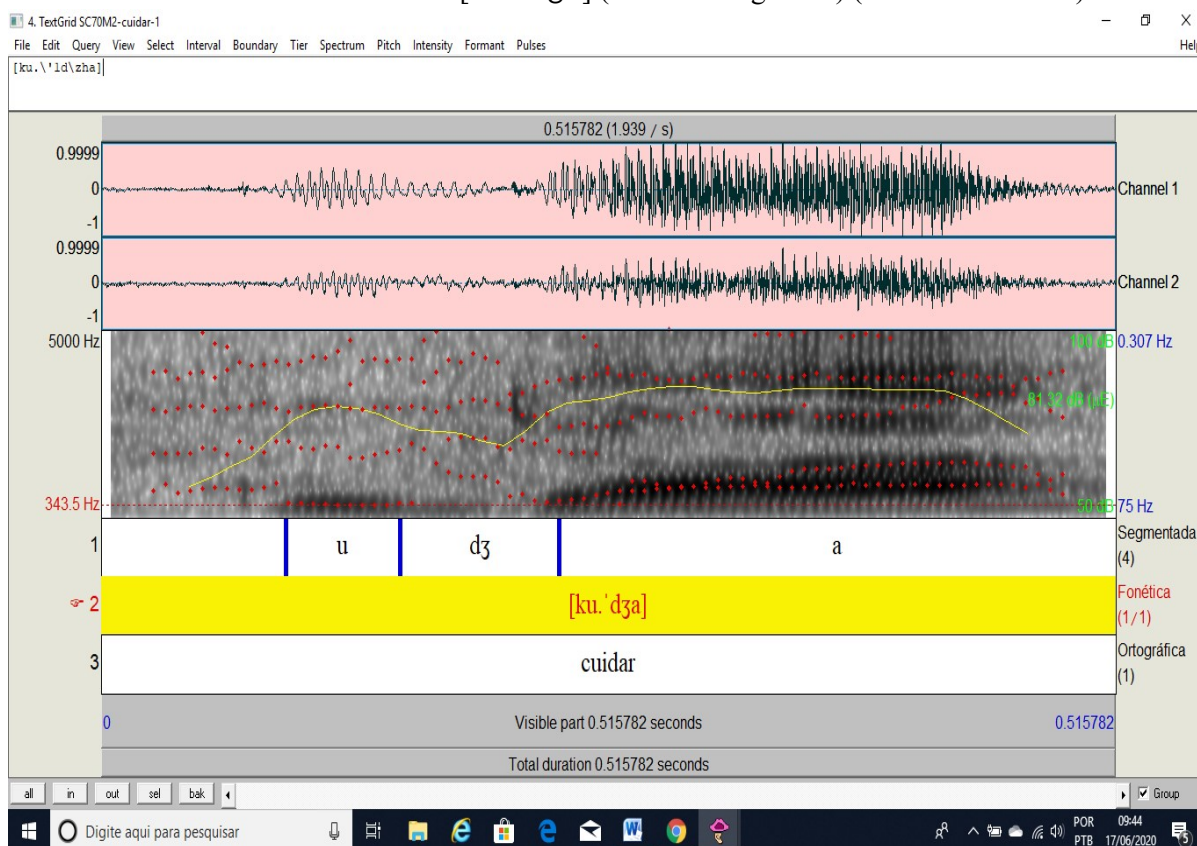
Portanto, “doida” [ˈdoj.dʒɐ] (IT78F0-doida-1) está também contemplado pela regra.

8.1.14 “cuidar” (ocorrência 1: código SC70M2-cuidar-1)

O item lexical “cuidar” foi realizado pelo informante/colaborador codificado como SC70M2, um colaborador do município de São Cristóvão, sexo masculino, com 70 anos de idade, que diz ter estudado até o científico (atual Ensino Médio).

Nas oitivas, tivemos a impressão da realização [ku.ˈdʒa], ou seja, de uma realização africada alveopalatal vozeada ([dʒ]) em posição tônica final de palavra, precedida da vogal [u] e seguida da vogal baixa [a], em um item lexical dissilábico oxítono. As evidências dessa realização estão ilustradas na plotagem da figura 65. As fases da vogal [u] e da africada [dʒ] estão ilustradas, respectivamente, nas plotagens das figuras 66 e 67 e comentadas em seguida:

Figura 65 - Plotagem do oscilograma em 2 canais e do espectrograma com formantes e intensidade e camadas: (1) segmentada dos seus constituintes fônicos, (2) transcrição fonética e (3) transcrição ortográfica. Com destaque para as características acústicas da realização de todo o item lexical dissilábico oxítono “cuidar” [ku. 'dʒa] (0.515782 segundos) (SC70M2-cuidar-1).



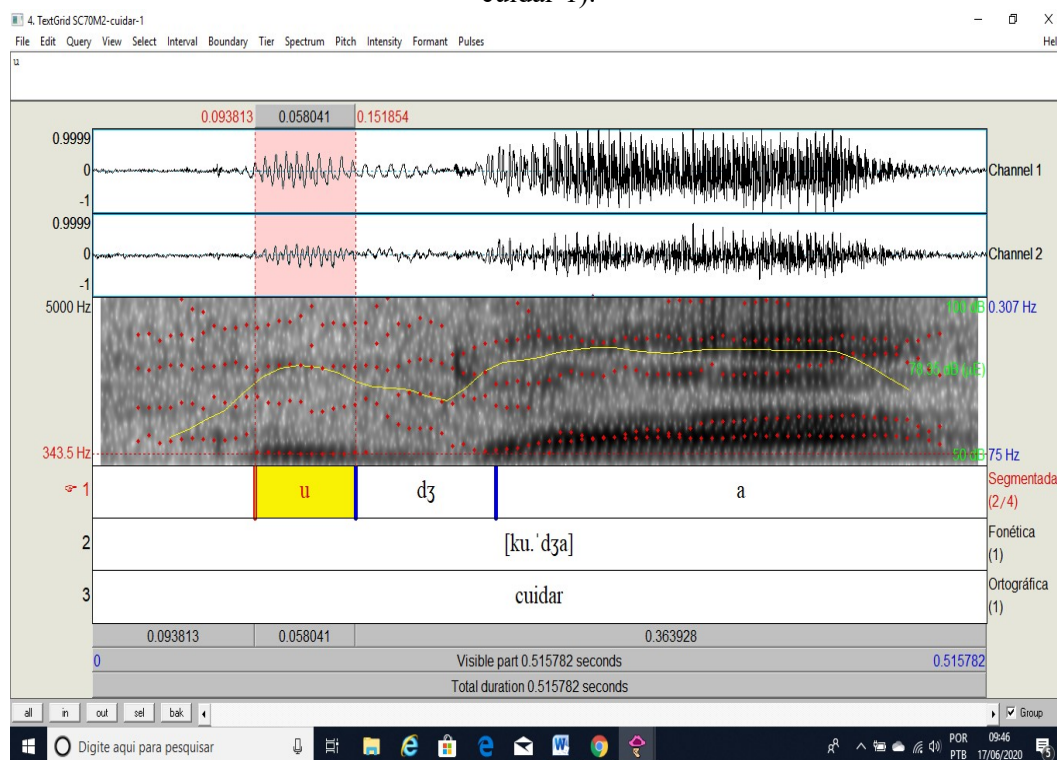
Fonte: Elaborada por Antônio Félix de Souza Neto, com os recursos do *PRAAT (Textgrid)* (2019).

Em nossa segmentação, SC70M2-cuidar-1 teve duração total de 0.515782 segundos, na forma registrada pelo PRAAT. Observando a figura 65, não podemos identificar duas fases sucessivas equivalentes a uma dinâmica de transição nos formatos de ondas e na estrutura formântica em mudança gradual, compatível com a realização do ditongo [u.j] esperado. Não obstante, podemos identificar duas fases sucessivas equivalentes a uma oclusão seguida de fricção, compatíveis com uma realização africada alveopalatal vozeada [dʒ].

Ao contrário de duas fases claramente distintas correspondentes ao ditongo [u.j], observando as figuras 65 e 66, podemos identificar uma realização compatível com a vogal [u]. A realização desta vogal [u] equivale ao apagamento (parcial) do aproximante palatal [j] do ditongo [u.j]. No oscilograma, as pistas mais evidentes da realização da vogal (parcialmente) monotongada [u] são identificadas com as ondas de tipo e forma nitidamente

mais regulares (periódicas e aperiódicas) e de mais alta amplitude relativamente às fases imediatamente precedente e seguinte. No espectrograma, em meio ao ruído externo, as únicas pistas da realização da vogal (parcialmente) monotongada [u] são identificadas com o nível de cinza contínuo mais escuro na área do espectrograma correspondente à frequência fundamental (F0), com algumas estrias muito pouco nítidas na área correspondente aos formantes mais acima (F2, F3, F4 etc.) e na ausência de uma clara dinâmica de transição na estrutura formântica em mudança gradual. Diferentemente de uma clara dinâmica de transição na estrutura formântica em mudança gradual, os sinais acústicos identificam mais uma fase estacionária na barra de vozeamento correspondente à frequência fundamental (F0) e uma concentração de energia compatível com a realização da vogal (parcialmente) monotongada [u] da sílaba pré-tônica inicial da palavra analisada (SC70M2-cuida-1). As evidências de apagamento (parcial) do aproximante palatal [j] do ditongo [uj] estão ilustradas com o destaque do cursor na área de realização da vogal monotongada [u] na figura 66:

Figura 66 - Plotagem do oscilograma em 2 canais e do espectrograma com formantes e intensidade e camadas: (1) segmentada dos seus constituintes fônicos, (2) transcrição fonética e (3) transcrição ortográfica. Com destaque para as características acústicas da realização da vogal [u] resultante da monotongação do ditongo [uj] do item lexical dissilábico oxítono “cuidar” [ku. 'dʒa] (SC70M2-cuidar-1).



Fonte: Elaborada por Antônio Félix de Souza Neto, com os recursos do PRAAT (Textgrid) (2019).

A fase que sucede a realização (parcialmente) monotongada [u] corresponde à oclusão, obstrução/silêncio transiente. No oscilograma, as pistas mais evidentes da fase oclusiva [d] da realização africada [dʒ] são identificadas com as ondas de tipo e forma irregulares (não-periódicas/aperiódicas) de baixa frequência e baixa amplitude. No espectrograma, as pistas mais evidentes da fase oclusiva [d] da realização africada [dʒ] são identificadas com o nível de cinza contínuo mais claro relativamente à fase imediatamente precedente. Uma leve macha um pouco mais clara na área da barra de vozeamento, correspondente à frequência fundamental (F0), evidencia vibração das pregas vocais durante sua realização.

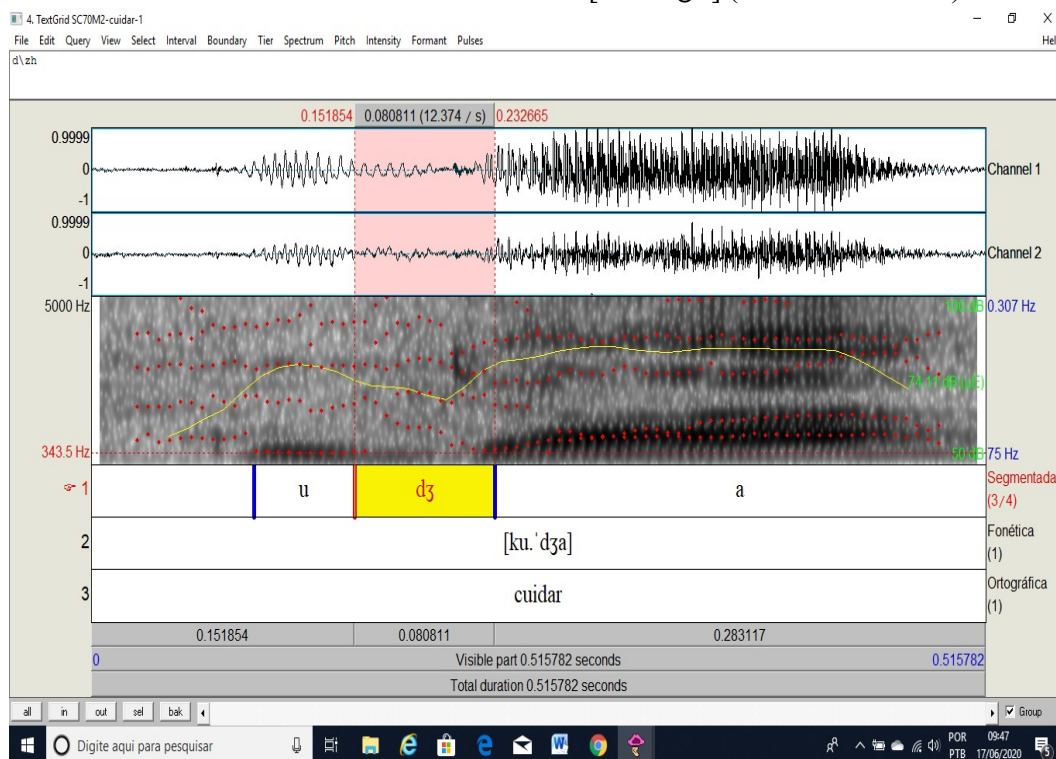
A fase que sucede a oclusão, obstrução/silêncio transiente corresponde à fricção, turbulência. No oscilograma, as pistas mais evidentes da fase fricativa [ʒ] da realização africada [dʒ] são identificadas com as ondas também nitidamente irregulares (não-periódicas/aperiódicas) de frequências um pouco mais altas relativamente às da fase (oclusiva) imediatamente precedente. No espectrograma, embora não tão evidentes, as pistas da fase fricativa vozeada [ʒ] da realização africada vozeada [dʒ] são identificadas com uma leve mancha escura na área da barra de vozeamento (correspondente à frequência fundamental (F0)) e com raras manchas de cinza mais escuro na área correspondente aos formantes mais acima (F3, F4 etc.).

A fase que sucede a fricção/turbulência corresponde à realização da vogal [a] da sílaba tônica [_. 'dʒə] da palavra analisada (SC70M2-cuidar-1-[ku. 'dʒa]). A transição da fase fricativa [ʒ] (da realização africada [dʒ]) para a da vogal [a] tônica é evidenciada pela mudança nos sinais do oscilograma e do espectrograma. No oscilograma, o tipo e a forma das ondas são nitidamente de mais alta frequência e mais alta amplitude relativamente às duas fases (oclusiva e fricativa) imediatamente precedentes. No espectrograma, a predominância da fase estacionária desde a barra de vozeamento correspondente à frequência fundamental (F0) até as áreas dos formantes mais acima (F1, F2, F3, F4 etc.) e a concentração de energia são compatíveis com a realização da vogal [a] tônica final da palavra analisada (SC70M2-cuidar-1).

Diferentemente de IT78F0-doida-1-[¹doj.dʒɐ] (subseção 8.1.13), em SC70M2-cuidar-1, embora na ausência do aproximante palatal [j] no contexto fonético precedente, podemos atribuir à fase fricativa o fenômeno da africacão por coarticulação preservatória dos traços remanescentes [contínuo, -anterior, palatal] do aproximante palatal [j] precedente (parcialmente apagado) (seção 5.5). Nos termos da FA, a fase fricativa (africacão) corresponde ao espriamento/à assimilação progressiva dos traços remanescentes [contínuo, -anterior, palatal] do aproximante palatal [j] precedente (parcialmente apagado), que gera um segmento intruso equivalente a [ʒ] (subseção 6.3.3).

Em que pesem a presença da vogal [a] tônica no contexto seguinte, o apagamento do aproximante palatal [j] precedente, a expressividade ilocucionária, o curso da intensidade (linha amarela da área do espectrograma) e a duração da realização do item lexical analisado (SC70M2-cuidar-1) (seção 8.2), as duas fases (oclusiva e fricativa) juntas têm, em nossa segmentação, duração de 0.080811 segundos, e suas características acústicas são compatíveis com a realização da africada vozeada [dʒ], tal como ilustrado na parte destacada com o cursor na figura 67:

Figura 67 - Plotagem do oscilograma em 2 canais e do espectrograma com formantes e intensidade e camadas: (1) segmentada dos seus constituintes fônicos, (2) transcrição fonética e (3) transcrição ortográfica. Com destaque para a realização africada palatal vozeada [dʒ] (0.080811 segundos) do item lexical dissilábico oxítono “cuidar” [ku. 'dʒa] (SC70M2-cuidar-1).



Fonte: Elaborada por Antônio Félix de Souza Neto, com os recursos do *PRAAT (Textgrid)* (2019).

A constatação do apagamento do aproximante palatal [j] no contexto fonético precedente à realização em duas fases (oclusiva e fricativa, respectivamente) equivalentes à africada alveopalatal [dʒ] (no item dissilábico oxítono “cuidar” [ku. 'dʒa] (JP82M0-cuidar-1)) valida a nossa hipótese de correlação entre o apagamento do aproximante [j] e a realização africada alveopalatal [dʒ] (capítulo 2). Nesse caso, podemos interpretar as duas fases sucessivas (oclusiva e fricativa) como realização palatalizada de /d/ ([dʲ]) e, por extensão, como segmento complexo (subseção 6.2.3), com articulação maior e menor, sendo esta última resultante do espraio/assimilação progressivo(a) dos traços remanescentes [contínuo, -anterior, palatal] do aproximante palatal [j] precedente (parcialmente apagado) (subseção 6.3.3). Contudo, conforme anunciamos na subseção 6.3.3 desta tese, mesmo reconhecendo a pertinência da simbolização formal ([dʲ], segundo o IPA), para evitar confusão decorrente das interpretações possíveis da africada alveopalatal no modelo da FA

(subseções 6.2.3, 6.2.4 e 6.3.3) que adotamos aqui, preferimos interpretá-la como segmento de contorno e, por conseguinte, simbolizá-la com [dʒ] (subseções 6.2.4 e 6.3.3).

Embora essa realização africada [dʒ] do item lexical dissilábico oxítono “cuidar” [ku. 'dʒa] (JP82M0-cuidar-1) possa estar ocorrendo em duas fases homorgânicas (palatais), preferimos interpretá-la como em duas fases heterorgânicas (alveopalatal) (seção 5.1).

Ressaltamos o fato de a realização africada [dʒ] do item lexical dissilábico oxítono “cuidar” [ku. 'dʒa] (JP82M0-cuidar-1) ocorrer em posição tônica final de palavra, em sílaba com padrões fonológico e fonético CV. Nesse contexto fonético, a realização [dʒ] é categórica em nossos dados (seção 8.2), pois qui:

- a) [d] carregaria a realização [ku. 'da]¹⁵⁸; e
- b) [dz], por sua vez, carregaria a realização [ku. 'dze].

Ambas sem correspondentes no léxico da variedade do PS pesquisada¹⁵⁹.

Esses resultados da análise do item lexical dissilábico “cuidar” [ku. 'dʒa] (JP82M0-cuidar-1) corroboram nossa hipótese de as realizações africadas [tʃ] e [dʒ] fazerem parte de uma gramática cuja regra as restringe a:

- a) contextos em que o aproximante palatal [j] de ditongo dos tipos vogal+[j] e [j]+vogal é esperado, podendo o gatilho ([j]) que dispara a regra de africacão ser apagado logo em seguida; e
- b) itens lexicais nos quais têm potencialidades contrastivas.

Portanto, “cuidar” [ku. 'dʒa] (JP82M0-cuidar-1) está também contemplado pela regra.

8.1.15 “remédio” (ocorrência 8: código GL02F0-remédio-8)

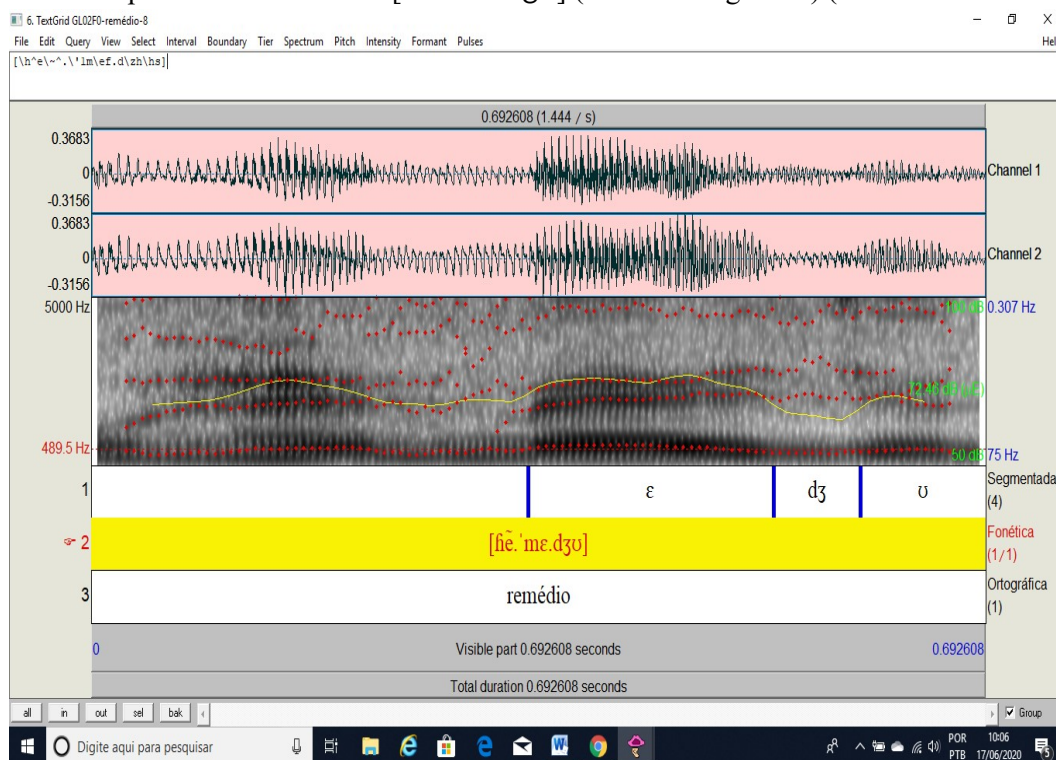
¹⁵⁸ No nível pós-lexical, a realização [ku# 'da] tem correspondente no PS.

¹⁵⁹ Cf. Banco de Dados Falares Sergipanos, acessível em <https://docplayer.com.br/23574900-Banco-de-dados-falares-sergipanos.html> ou DOI: https://doi.org/10.5007/1984-8420.2013v14n2p156_

O item lexical “remédio” foi realizado pela informante/colaboradora codificada como GL02F0, uma colaboradora do município de Nossa Senhora da Glória, sexo feminino, com 102 anos de idade, que diz nunca ter frequentado a escola.

Nas oitivas, tivemos a impressão da realização [fĩẽ.'mɛ.dʒʊ], ou seja, de uma realização africada alveopalatal vozeada ([dʒ]) em posição pós-tônica final de palavra, precedida da vogal [ɛ] e seguida da vogal [ʊ], em um item lexical trissilábico paroxítono. As evidências dessa realização estão ilustradas na plotagem da figura 68. As fases da realização africada alveopalatal ([dʒ]) e da vogal [ʊ] estão ilustradas, respectivamente, nas plotagens das figuras 69 e 70 e comentadas em seguida:

Figura 68- Plotagem do oscilograma em 2 canais e do espectrograma com formantes e intensidade e camadas: (1) segmentada dos seus constituintes fônicos, (2) transcrição fonética e (3) transcrição ortográfica. Com destaque para as características acústicas da realização de todo o item lexical trissilábico paroxítono “remédio” [fĩẽ.'mɛ.dʒʊ] (0.692608 segundos) (GL02F0-remédio-8).



Fonte: Elaborada por Antônio Félix de Souza Neto, com os recursos do *PRAAT (Textgrid)* (2019).

Em nossa segmentação, GL02F0-remédio-8 teve duração total de 0.692608 segundos, na forma registrada pelo PRAAT. Observando a figura 68, podemos identificar duas fases sucessivas equivalentes a uma oclusão seguida de fricção, compatíveis com uma realização

africada alveopalatal vozeada [dʒ]. Não obstante, não podemos identificar duas fases sucessivas equivalentes a uma dinâmica de transição nos formatos de ondas e na estrutura formântica em mudança gradual, compatível com a realização do ditongo [jʊ] esperado.

Ao contrário de duas fases claramente distintas correspondentes ao ditongo [jʊ], observando as figuras 68, 69 e 70, podemos identificar uma realização compatível com a vogal [ʊ] pós-tônica. A realização desta vogal [ʊ] equivale ao apagamento (parcial) do aproximante palatal [j] do ditongo [jʊ].

As fases que precedem a realização (parcialmente) monotongada [ʊ] correspondem à oclusão, obstrução/silêncio transiente seguida de fricção, turbulência. No oscilograma, as pistas mais evidentes da fase oclusiva [d] da realização africada [dʒ] são identificadas com as ondas de tipo e forma irregulares (não-periódicas/aperiódicas) de baixa frequência e baixa amplitude. No espectrograma, as pistas mais evidentes da fase oclusiva [d] da realização africada [dʒ] são identificadas com o nível de cinza contínuo mais claro (relativamente à fase vocálica imediatamente precedente), correspondente a uma obstrução/silêncio transiente. Uma macha escura na área da barra de vozeamento, correspondente à frequência fundamental (F0), evidencia vibração das pregas vocais durante sua realização.

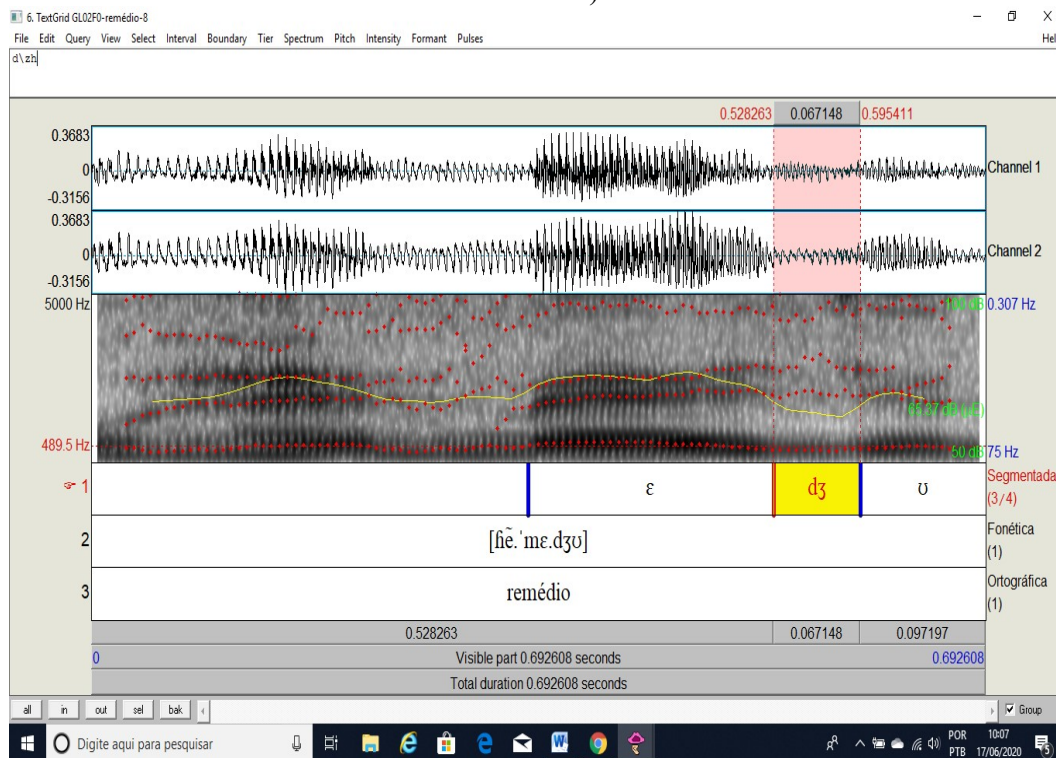
A fase que sucede a oclusão, obstrução/silêncio transiente corresponde à fricção, turbulência. No oscilograma, embora pouco evidentes, as pistas da fase fricativa [ʒ] da realização africada [dʒ] são identificadas com as ondas também irregulares (não-periódicas/aperiódicas) de frequências um pouco mais altas relativamente às da fase (oclusiva) imediatamente precedente. No espectrograma, embora não tão evidentes, as pistas da fase fricativa vozeada [ʒ] da realização africada vozeada [dʒ] são identificadas com o nível de cinza escuro na área da barra de vozeamento (correspondente à frequência fundamental (F0)), evidenciando ocorrência de vibração das pregas vocais durante sua realização, e raras manchas de cinza escuro na área correspondente aos formantes mais acima (F3, F4 etc.).

Em GL02F0-remédio-8, embora na ausência do aproximante palatal [j] no contexto fonético seguinte, podemos atribuir à fase fricativa o fenômeno da africação por coarticulação

antecipatória dos traços remanescentes [contínuo, -anterior, palatal] do aproximante palatal [j] seguinte (parcialmente apagado) (seção 5.5). Nos termos da FA, a fase fricativa (africação) corresponde ao espriamento/à assimilação regressiva dos traços remanescentes [contínuo, -anterior, palatal] do aproximante palatal [j] seguinte (parcialmente) apagado, que gera um segmento intruso equivalente a [ʒ] (subseção 6.3.3).

Em que pesem a presença da vogal [ɛ] tônica no contexto precedente, o apagamento do aproximante palatal [j] seguinte, a expressividade ilocucionária, o curso da intensidade (linha amarela da área do espectrograma) e a duração da realização do item lexical analisado (GL02F0-remédio-8) (seção 8.2), as duas fases (oclusiva e fricativa) juntas têm, em nossa segmentação, duração de 0.067148 segundos, e suas características acústicas são compatíveis com a realização da africada vozeada [dʒ], tal como ilustrado na parte destacada com o cursor na figura 69:

Figura 69 - Plotagem do oscilograma em 2 canais e do espectrograma com formantes e intensidade e camadas: (1) segmentada dos seus constituintes fônicos, (2) transcrição fonética e (3) transcrição ortográfica. Com destaque para as características acústicas da realização africada alveopalatal vozeada [dʒ] (0.067148 segundos) do item lexical trissilábico paroxítono “remédio” [fĩ. 'mɛ.dʒu] (GL02F0-remédio-8).

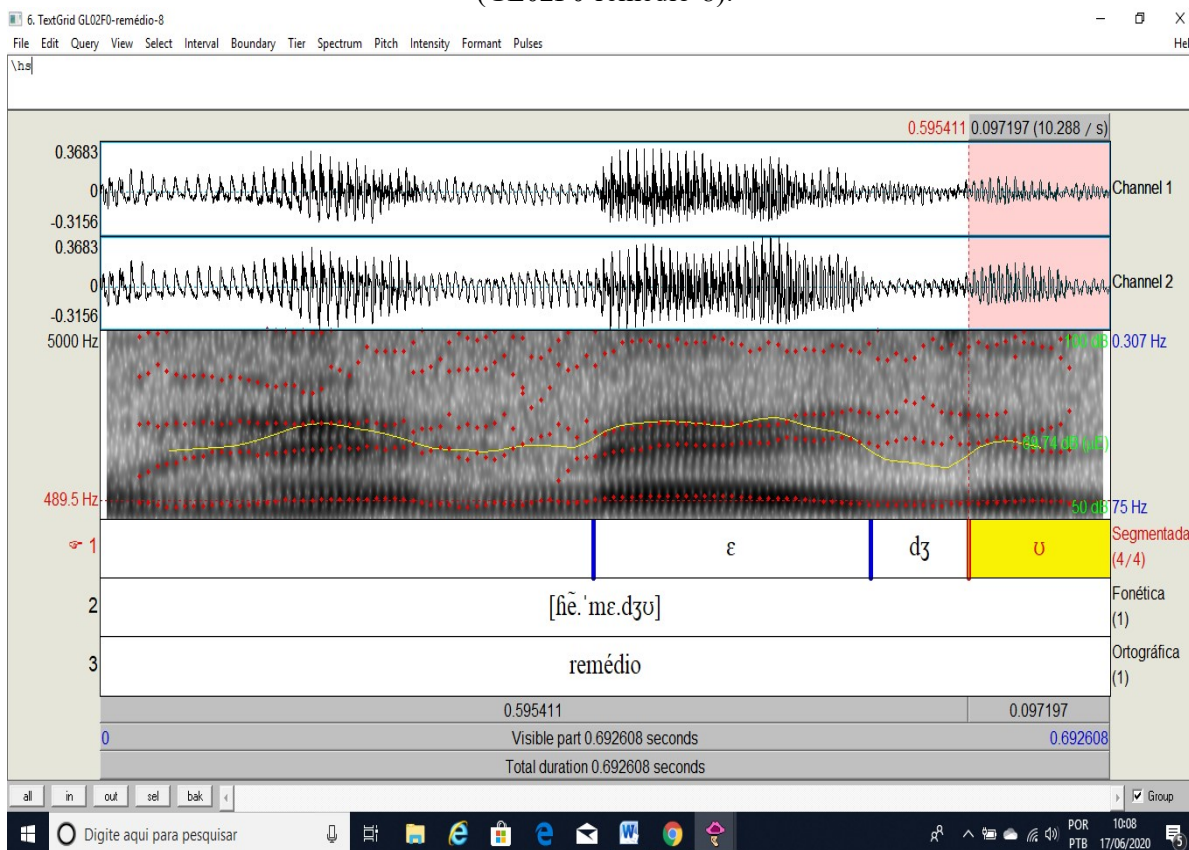


Fonte: Elaborada por Antônio Félix de Souza Neto, com os recursos do *PRAAT (Textgrid)* (2019).

A fase que sucede a fricção/turbulência corresponde à realização da vogal (parcialmente) monotongada [u] da sílaba pós-tônica [' _dʒu] da palavra analisada (GL02F0-remédio-8-[fĩ. 'mɛ.dʒu]). A transição da fase fricativa [ʒ] (da realização africada [dʒ]) para a da vogal (parcialmente) monotongada [u] pós-tônica é evidenciada pela mudança nos sinais do oscilograma e do espectrograma. No oscilograma, as pistas mais evidentes da realização da vogal (parcialmente) monotongada [u] são identificadas com as ondas de tipo e forma mais regulares (periódicas e aperiódicas) de mais alta amplitude (relativamente às fases (oclusiva e fricativa) imediatamente precedentes). No espectrograma, embora em meio ao ruído externo, as pistas mais evidentes da realização da vogal (parcialmente) monotongada [u] são identificadas com o nível de cinza contínuo mais escuro na área do espectrograma correspondente à frequência fundamental (F0) e na área correspondente aos formantes mais acima (F2, F3, F5 etc.), e na ausência de uma clara dinâmica de transição na estrutura formântica em mudança gradual. Diferentemente de uma clara dinâmica de transição na estrutura formântica em mudança gradual, os sinais acústicos se identificam com uma fase

estacionária na barra de vozeamento correspondente à frequência fundamental (F0) e nas áreas dos formantes mais acima (F2, F3, F5 etc.), e uma concentração de energia compatível com a realização da vogal (parcialmente) monotongada [ʊ] da sílaba pós-tônica final (*offset*) esmaecendo antes de pausa. As evidências de apagamento (parcial) do aproximante palatal [j] do ditongo [jʊ] do item analisado (GL02F0-remédio-8) estão ilustradas com o destaque do cursor na área de realização da vogal (parcialmente) monotongada [ʊ] na figura 70:

Figura 70 - Plotagem do oscilograma em 2 canais e do espectrograma com formantes e intensidade e camadas: (1) segmentada dos seus constituintes fônicos, (2) transcrição fonética e (3) transcrição ortográfica. Com destaque para as características acústicas da realização da vogal [ʊ] resultante da monotongação do ditongo [jʊ] do item lexical trissilábico paroxítono “remédio” [fĩ. 'mɛ.dʒʊ] (GL02F0-remédio-8).



Fonte: Elaborada por Antônio Félix de Souza Neto, com os recursos do *PRAAT (Textgrid)* (2019).

A constatação do apagamento (parcial) do aproximante palatal [j] no contexto fonético seguinte à realização em duas fases (oclusiva e fricativa, respectivamente) equivalentes à africada alveopalatal [dʒ] (no item trissilábico paroxítono “remédio” [fĩ. 'mɛ.dʒʊ] (GL02F0-remédio-8-)) valida a nossa hipótese de correlação entre o

apagamento do aproximante [j] e a realização africada alveopalatal [dʒ] (capítulo 2). Nesse caso, podemos interpretar as duas fases sucessivas (oclusiva e fricativa) como realização palatalizada de /d/ ([d^j]) e, por extensão, como segmento complexo (subseção 6.2.3), com articulação maior e menor, sendo esta última resultante do espraimento/assimilação regressivo(a) dos traços remanescentes [contínuo, -anterior, palatal] do aproximante palatal [j] seguinte (parcialmente) apagado (subseção 6.3.3). Contudo, conforme anunciamos na subseção 6.3.3 desta tese, mesmo reconhecendo a pertinência da simbolização formal ([d^j], segundo o IPA), para evitar confusão decorrente das interpretações possíveis da africada alveopalatal no modelo da FA (subseções 6.2.3, 6.2.4 e 6.3.3) que adotamos aqui, preferimos interpretá-la como segmento de contorno e, por conseguinte, simbolizá-la com [dʒ] (subseções 6.2.4 e 6.3.3).

Embora essa realização africada [dʒ] do item lexical trissilábico paroxítono “remédio” [fĩẽ. 'mɛ.dʒu] (GL02F0-remédio-8-) possa estar ocorrendo em duas fases homorgânicas (palatais), preferimos interpretá-la como em duas fases heterorgânicas (alveopalatal) (seção 5.1).

Ressaltamos o fato de a realização africada [dʒ] do item lexical trissilábico paroxítono “remédio” [fĩẽ. 'mɛ.dʒu] (GL02F0-remédio-8-) ocorrer em posição tônica final de palavra, em sílaba com padrões fonológico CCV e fonético CV. Nesse contexto fonético, a realização [dʒ] é categórica em nossos dados (seção 8.2), pois aí:

- a) [d] carregaria a realização [fĩẽ. 'mɛ.du]; e
- b) [dz], por sua vez, carregaria a realização [fĩẽ. 'mɛ.dzu].

Ambas sem correspondente no léxico da variedade do PS pesquisada¹⁶⁰.

¹⁶⁰ Cf. Banco de Dados Falares Sergipanos, acessível em <https://docplayer.com.br/23574900-Banco-de-dados-falares-sergipanos.html> ou DOI: https://doi.org/10.5007/1984-8420.2013v14n2p156_

Esses resultados da análise do item lexical trissilábico “remédio” [fĩẽ.¹mɛ.dʒʊ] (GL02F0-remédio-8-) corroboram nossa hipótese de as realizações africadas [tʃ] e [dʒ] fazerem parte de uma gramática cuja regra as restringe a:

- a) contextos em que o aproximante palatal [j] de ditongo dos tipos vogal+[j] e [j]+vogal é esperado, podendo o gatilho ([j]) que dispara a regra de africacão ser apagado logo em seguida; e
- b) itens lexicais nos quais têm potencialidades contrastivas.

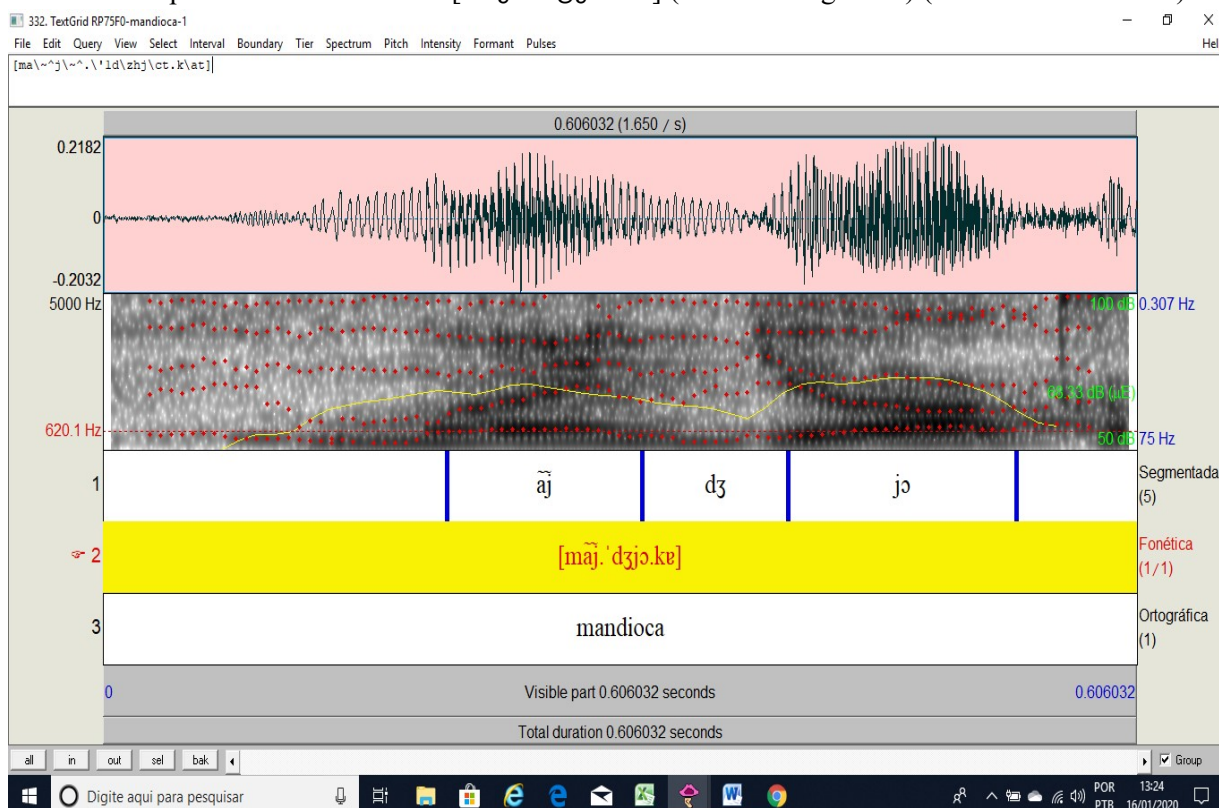
Portanto, “remédio” [fĩẽ.¹mɛ.dʒʊ] (GL02F0-remédio-8-) está também contemplado pela regra.

8.1.16 “mandioca” (ocorrência 1: código RP75F0-mandioca-1)

O item lexical “mandioca” foi realizado pela informante/colaboradora codificada como RP75F0, uma colaboradora do município de Ribeirópolis, sexo feminino, com 75 anos de idade, que diz nunca ter frequentado a escola.

Nas oitivas, tivemos a impressão da realização [mã̃j.¹dʒjɔ.kɐ], ou seja, de uma realização africada alveopalatal vozeada ([dʒ]) em posição tônica de sílaba medial de palavra, precedida do aproximante palatal nasalizado [j̃] (epentético), resultante da ditongação ([ã̃j]) da vogal pré-tônica [a], e seguida do aproximante [j] do ditongoônico [jɔ], em um item lexical trissilábico paroxítono. As evidências dessa realização estão ilustradas na plotagem da figura 71. As fases da realização do aproximante palatal nasalizado [j̃] epentético precedente, da africada alveopalatal vozeada [dʒ] e do aproximante palatal [j] seguinte estão ilustradas, respectivamente, nas plotagens das figuras 72 e 73 e comentadas em seguida:

Figura 71 - Plotagem do oscilograma em 1 canal e do espectrograma com formantes e intensidade e camadas: (1) segmentada dos seus constituintes fônicos, (2) transcrição fonética e (3) transcrição ortográfica. Com destaque para as características acústicas da realização de todo o item lexical trissilábico paroxítono “mandioca” [mãj. 'dʒjɔ.kɐ] (0.606032 segundos) (RP75F0-mandioca-1).



Fonte: Elaborada por Antônio Félix de Souza Neto, com os recursos do PRAAT (Textgrid) (2019).

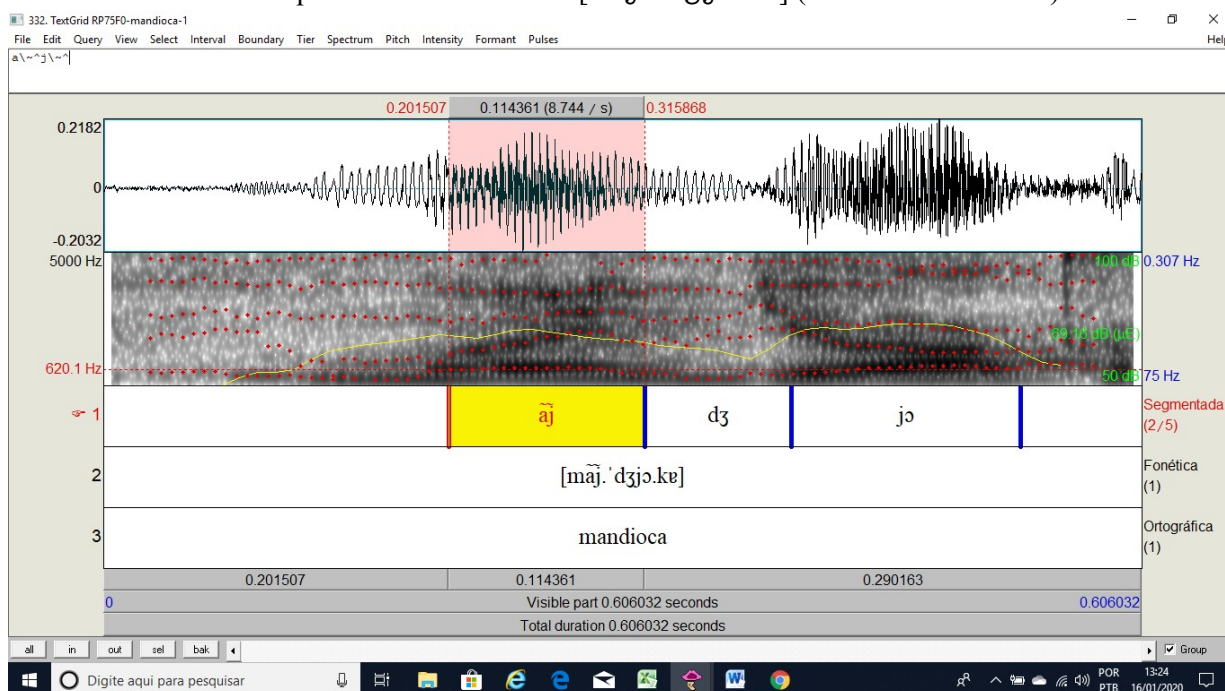
Em nossa segmentação, RP75F0-mandioca-1 teve duração total de 0.606032 segundos, na forma registrada pelo PRAAT. Observando a figura 71, podemos identificar nas ondas do oscilograma e nas áreas do espectrograma duas fases sucessivas equivalentes a uma dinâmica de transição nos formatos de ondas e na estrutura formântica em mudança gradual, compatível com a realização do ditongo ([ãj]). Em seguida, podemos identificar outras duas fases sucessivas equivalentes a uma oclusão seguida de fricção, compatíveis com uma realização africada alveopalatal vozeada [dʒ]. E podemos ainda identificar mais duas fases sucessivas equivalentes a uma dinâmica de transição nos formatos de ondas e na estrutura formântica em mudança gradual, compatível com a realização do ditongo [jɔ].

Em RP75F0-mandioca-1, as evidências da dinâmica de transição na estrutura formântica em mudança gradual compatíveis com a realização do ditongo ([ãj]) precedente e

com a realização do ditongo [jɔ] seguinte validam a nossa hipótese de correlação entre o aproximante [j] e a realização africada alveopalatal [dʒ] (capítulo 2).

Observando as figuras 71, 72 e 73, podemos identificar facilmente os sinais acústicos correspondentes ao ditongo nasalizado [ã̃j]. No oscilograma, as pistas mais evidentes da realização do aproximante palatal [j] do ditongo nasalizado [ã̃j] são identificadas com as ondas de tipo e forma regulares (periódicas e aperiódicas) de alta frequência e alta amplitude até o momento em que começa a transição para a fase (oclusiva) seguinte. No espectrograma, as pistas mais evidentes da realização do aproximante palatal [j] do ditongo nasalizado [ã̃j] são identificadas com o nível de cinza contínuo mais escuro na área do espectrograma correspondente à frequência fundamental (F0) e aos primeiros formantes (F1, F2 e F3), e na dinâmica da transição na estrutura formântica em mudança gradual: a subida gradual do segundo formante (F2) na direção dos formantes logo acima (F3, F4 etc.) é compatível com a realização do aproximante palatal [j] do ditongo [ã̃j]. As evidências dessa realização do aproximante palatal [j] do ditongo nasalizado [ã̃j] estão ilustradas com o destaque do cursor na área de realização desse ditongo na figura 72:

Figura 72 - Plotagem do oscilograma em 1 canal e do espectrograma com formantes e intensidade e camadas: (1) segmentada dos seus constituintes fônicos, (2) transcrição fonética e (3) transcrição ortográfica. Com destaque para as características acústicas da realização ditongada [ãj] do item lexical trissilábico paroxítono “mandioca” [mãj.ˈdʒjɔ.kɐ] (RP75F0-mandioca-1).



Fonte: Elaborada por Antônio Félix de Souza Neto, com os recursos do *PRAAT (Textgrid)* (2019).

As fases que sucedem a realização do aproximante palatal [j] do ditongo nasalizado [ãj] correspondem à oclusão, obstrução/silêncio transiente seguida de fricção, turbulência. No oscilograma, as pistas da fase oclusiva [d] da realização africada [dʒ] são identificadas com as ondas de tipo e forma irregulares (não-periódicas/aperiódicas) de mais baixa frequência e mais baixa amplitude, relativamente às fases do ditongo nasalizado [ãj] imediatamente precedentes. No espectrograma, as pistas da fase oclusiva [d] da realização africada [dʒ] são identificadas com o nível de cinza contínuo mais claro (relativamente às fases do ditongo nasalizado [ãj] imediatamente precedentes), correspondente a uma obstrução/silêncio transiente. Uma macha escura na área da barra de vozeamento, correspondente à frequência fundamental (F0), evidencia vibração das pregas vocais durante sua realização.

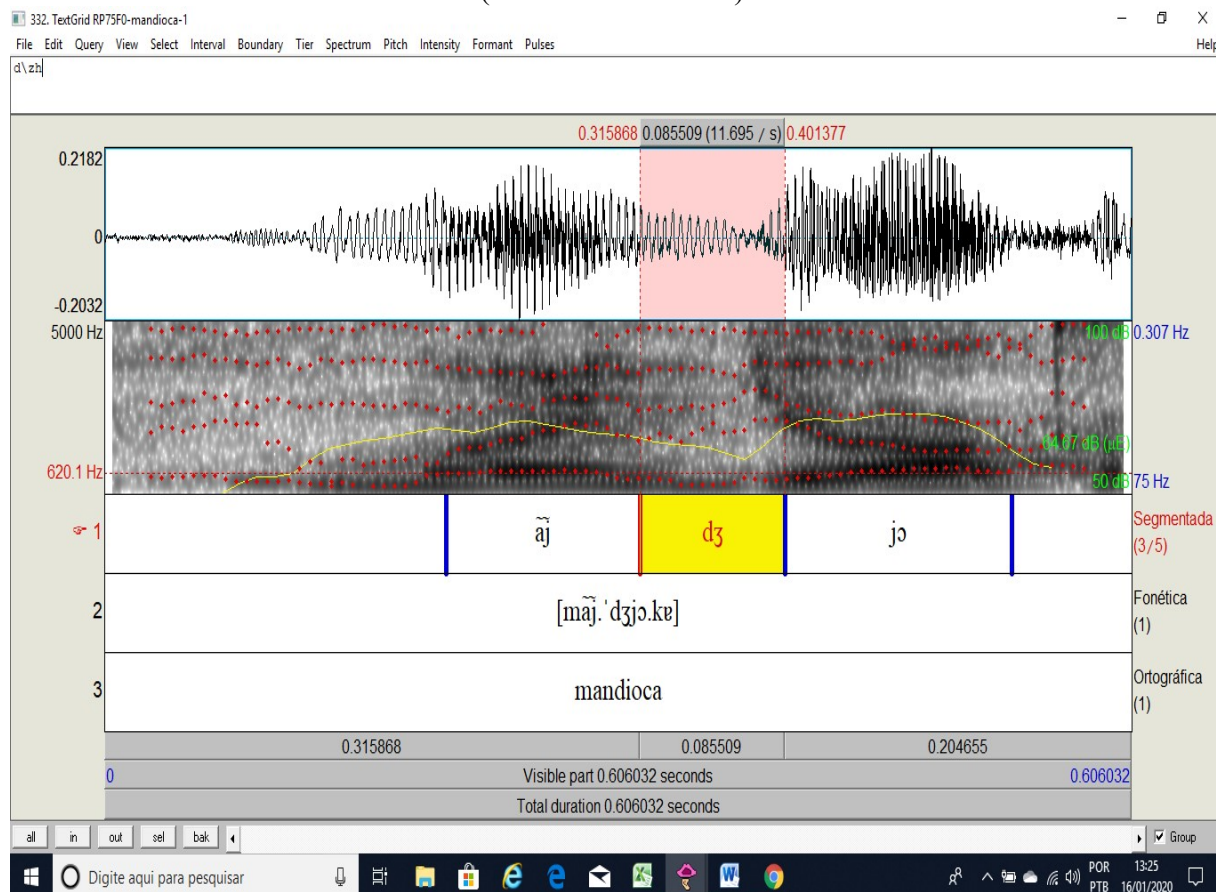
A fase que sucede a oclusão, obstrução/silêncio transiente corresponde à fricção, turbulência. No oscilograma, embora pouco evidentes, as pistas da fase fricativa [ʒ] da

realização africada [dʒ] são identificadas com as poucas ondas também irregulares (não-periódicas/aperiódicas) de frequências um pouco mais altas e amplitude um pouco mais baixa (relativamente às da fase (oclusiva) imediatamente precedente). No espectrograma, embora pouco evidentes também, as pistas da fase fricativa vozeada [ʒ] da realização africada vozeada [dʒ] são identificadas com uma leve mancha de cinza escuro na área da barra de vozeamento (correspondente à frequência fundamental (F0)), evidenciando ocorrência de vibração das pregas vocais durante sua realização, e com raras manchas de cinza mais escuro na área correspondente aos formantes mais acima (F4, F5 etc.).

Em RP75F0-mandioca-1, as presenças simultâneas do aproximante palatal nasalizado [j̃] (epentético) no contexto fonético precedente e do aproximante palatal [j] no contexto fonético seguinte nos permitem atribuir à fase fricativa o fenômeno de africacão por coarticulação preservatória e antecipatória dos traços [contínuo, -anterior, palatal] dos aproximantes palatais [j̃] precedente (epentético) e [j] seguinte simultaneamente (cf. seção 5.5). Nos termos da FA, a fase fricativa (africacão) corresponde ao espriamento/à assimilação progressiva/regressiva dos traços [contínuo, -anterior, palatal] dos aproximantes palatais ([j̃] e [j]) adjacentes, que geram um segmento intruso equivalente a [ʒ] (subseção 6.3.3). No nosso entendimento, a coincidência do aproximante palatal nasalizado [j̃] (epentético) no contexto fonético precedente e do aproximante palatal [j] no contexto fonético seguinte possibilita o compartilhamento (homorgânico) dos traços [contínuo, -anterior, palatal] dos aproximantes palatais na fase fricativa equivalente a [ʒ].

Em que pesem as realizações dos aproximantes palatais ([j̃] precedente e [j] seguinte), a expressividade ilocucionária, o curso da intensidade (linha amarela da área do espectrograma) e a duração da realização do item lexical analisado (RP75F0-mandioca-1) (seção 8.2), as duas fases (oclusiva e fricativa) juntas têm, em nossa segmentação, têm duração de 0.085509 segundos, e suas características acústicas são compatíveis com a realização da africada alveopalatal vozeada [dʒ], tal como ilustrado na parte destacada com o cursor na figura 73:

Figura 73 - Plotagem do oscilograma em 2 canais e do espectrograma com formantes e intensidade e camadas: (1) segmentada dos seus constituintes fônicos, (2) transcrição fonética e (3) transcrição ortográfica. Com destaque para as características acústicas da realização africana alveopalatal vozeada [dʒ] (0.085509 segundos) do item lexical trissilábico paroxítono “mandioca” [mã̃j. 'dʒjɔ.kɐ] (RP75F0-mandioca-1).

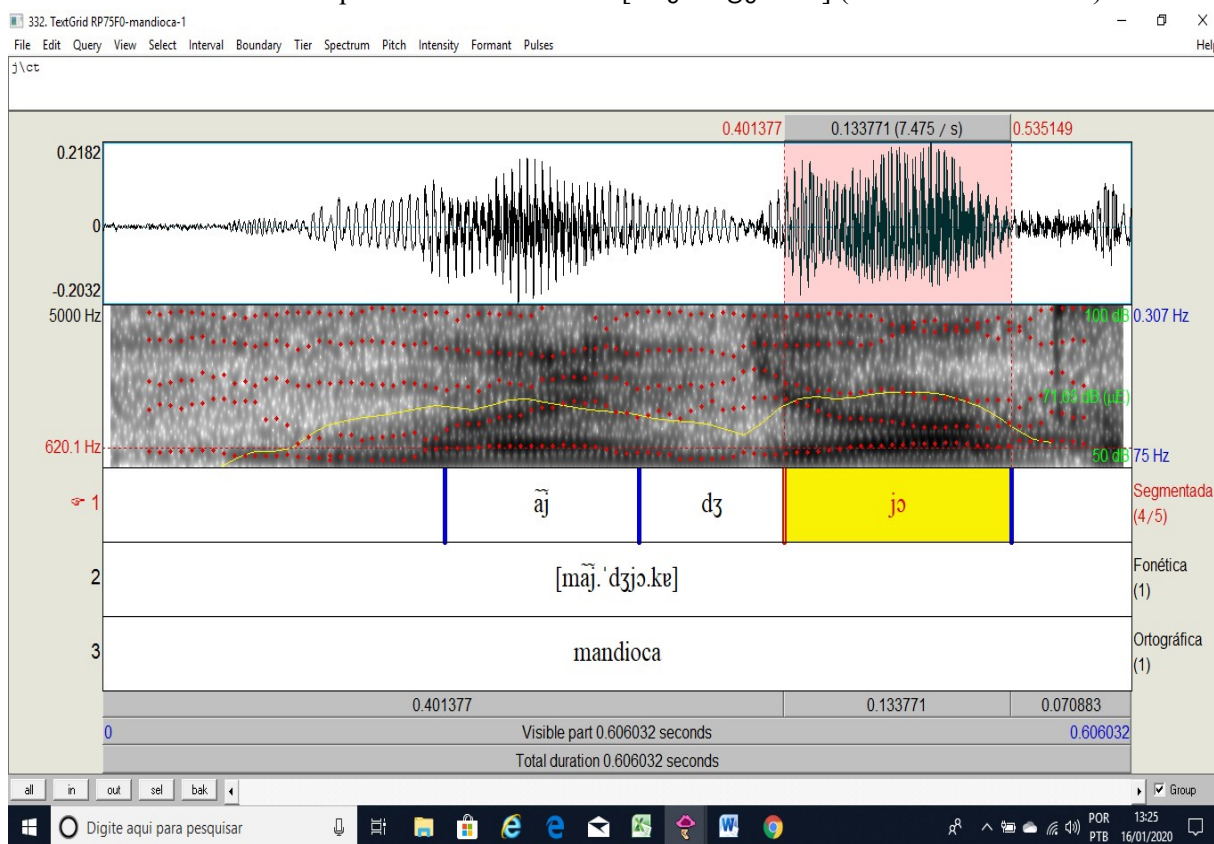


Fonte: Elaborada por Antônio Félix de Souza Neto, com os recursos do PRAAT (Textgrid) (2019).

A fase que sucede a fricção/turbulência corresponde à realização do aproximante palatal [j] do ditongo [jɔ] da sílaba tônica [_. 'dʒjɔ_] da palavra analisada (RP75F0-mandioca-1-[mã̃j. 'dʒjɔ.kɐ]). A transição da fase fricativa [ʒ] (da realização africana [dʒ]) para a do aproximante palatal [j] do ditongo [jɔ] da sílaba tônica é evidenciada pela mudança nos sinais acústicos do oscilograma e pela mudança gradual nos sinais acústicos do espectrograma. No oscilograma, as pistas mais evidentes da realização do aproximante palatal [j] do ditongo [jɔ] são identificadas com as ondas de tipo e forma nitidamente mais regulares (periódicas e aperiódicas) de alta frequência e alta amplitude até o momento em que começa a transição para a fase seguinte. No espectrograma, as pistas mais evidentes da realização do aproximante palatal [j] do ditongo [jɔ] são identificadas com o nível de cinza contínuo mais escuro na área do espectrograma correspondente à frequência fundamental (F0)

e aos formantes acima deste (F1, F2 e F3), e na dinâmica da transição na estrutura formântica em mudança gradual: a descida gradual do quarto formante (F4) na direção dos formantes logo abaixo (F3, F2 e F1) é compatível com a realização do aproximante palatal [j] do ditongo [jɔ]. As evidências dessa realização do aproximante palatal [j] do ditongo [jɔ] estão ilustradas com o destaque do cursor na área de realização desse ditongo na figura 74:

Figura 74 - Plotagem do oscilograma em 2 canais e do espectrograma com formantes e intensidade e camadas: (1) segmentada dos seus constituintes fônicos, (2) transcrição fonética e (3) transcrição ortográfica. Com destaque para as características acústicas da realização do ditongo [jɔ] do item lexical trissilábico paroxítono “mandioca” [mãj. 'dʒjɔ.kɐ] (RP75F0-mandioca-1).



Fonte: Elaborada por Antônio Félix de Souza Neto, com os recursos do PRAAT (Textgrid) (2019).

A constatação da realização simultânea do aproximante palatal nasalizado [j̃] (epentético) no contexto fonético precedente e do aproximante palatal [j] no contexto fonético seguinte à realização em duas fases (oclusiva e fricativa, respectivamente) equivalentes à africada alveopalatal [dʒ] (no item trissilábico “mandioca” [mãj. 'dʒjɔ.kɐ] (RP75F0-mandioca-1)) valida a hipótese de correlação entre a realização do aproximante [j]

e a realização africada alveopalatal [dʒ] (capítulo 2). Nesse caso, podemos interpretar as duas fases sucessivas (oclusiva e fricativa) como realização palatalizada de /d/ ([dʲ]) e, por extensão, como segmento complexo (subseção 6.2.3), com articulação maior e menor, sendo esta última resultante do espriamento/assimilação progressivo(a) e regressivo(a) simultâneos(as) dos traços [contínuo, -anterior, palatal] dos aproximantes [j] precedente (epentético) e [j] seguinte (subseção 6.3.3). Contudo, conforme anunciamos na subseção 6.3.3 desta tese, mesmo reconhecendo a pertinência da simbolização formal ([dʲ]), segundo o IPA), para evitar confusão decorrente das interpretações possíveis da africada alveopalatal no modelo da FA (subseções 6.2.3, 6.2.4 e 6.3.3) que adotamos aqui, preferimos interpretá-la como segmento de contorno e, por conseguinte, simbolizá-la com [dʒ] (subseções 6.2.4 e 6.3.3). Embora essa realização africada [dʒ] do item lexical trissilábico “mandioca” [mãj.ˈdʒjɔ.kɐ] (RP75F0-mandioca-1) possa estar ocorrendo em duas fases homorgânicas (palatais), preferimos interpretá-la como em duas fases heterorgânicas (alveopalatal) (seção 5.1).

Ressaltamos o fato de a realização africada [dʒ] do item lexical trissilábico “mandioca” [mãj.ˈdʒjɔ.kɐ] (RP75F0-mandioca-1) ocorrer em posição tônica medial de palavra, em sílaba com padrões fonológico e fonético CCV. Nesse contexto fonético, [dʒ] está em variação com [d] em nossos dados: além de “mandioca” [mãj.ˈdʒjɔ.kɐ] (RP75F0-mandioca-1), encontramos “mandioca” [mãj.ˈdjɔ.kɐ] (MU78M0-mandioca-2) (seção 8.2). A realização [dz], por sua vez, carregaria a realização [mãj.ˈdzjɔ.kɐ]. Embora não conste nos dados da nossa pesquisa (seção 8.2), nesse contexto, por não contrastarem no léxico da variedade do PS pesquisada, [dz] pode também estar em variação com [dʒ].

Esses resultados da análise do item lexical trissilábico “mandioca” [mãj.ˈdʒjɔ.kɐ] (RP75F0-mandioca-1) corroboram nossa hipótese de as realizações africadas [tʃ] e [dʒ] fazerem parte de uma gramática cuja regra as restringe a:

a) contextos em que o aproximante palatal [j] de ditongo dos tipos vogal+[j] e [j]+vogal é esperado (incluindo aqueles cuja ditongação pode ocorrer por inserção do

aproximante palatal [j] epentético), podendo o gatilho ([j]) que dispara a regra de africacão ser apagado logo em seguida; e

- b) itens lexicais nos quais têm potencialidades contrastivas.

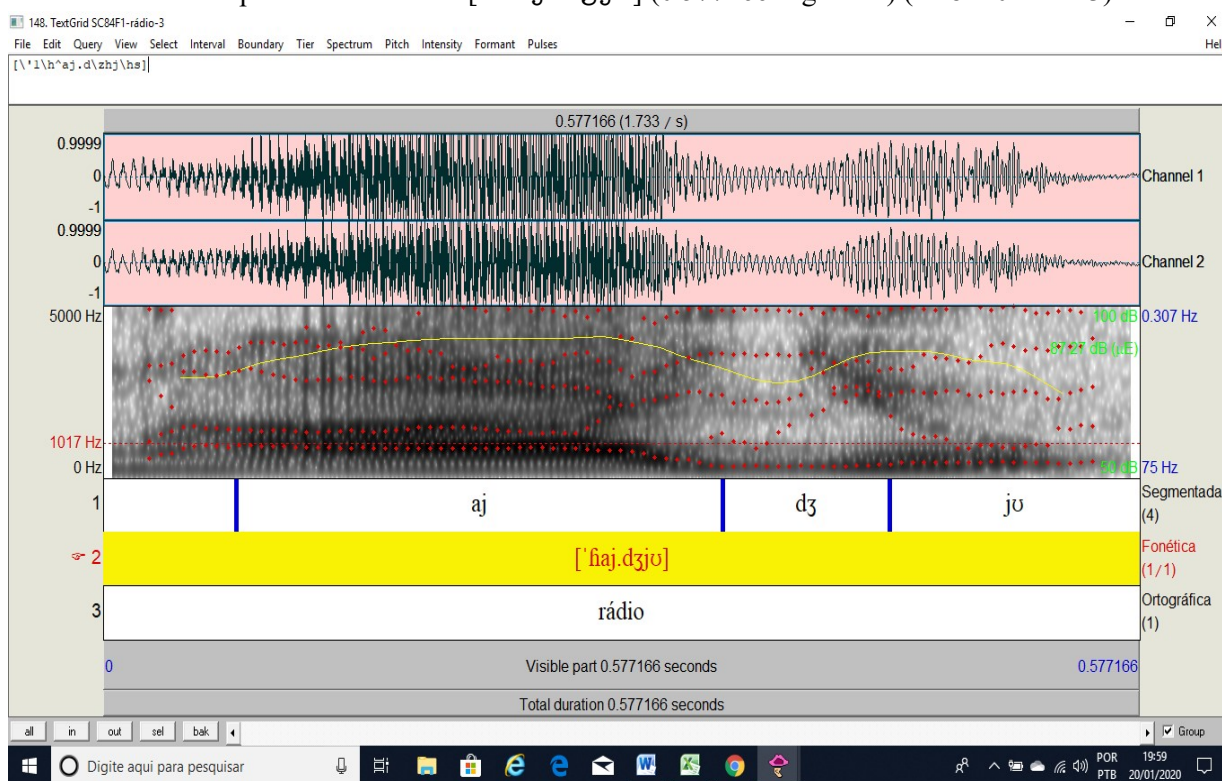
Portanto, “mandioca” [mã̃j. 'dʒjɔ.kɐ] (RP75F0-mandioca-1) está também contemplado pela regra.

8.1.17 “rádio” (ocorrência 3: código SC84F1-rádio-3)

O item lexical “rádio” foi realizado pela informante/colaboradora codificada como SC84F1, uma colaboradora do município de São Cristóvão, sexo feminino, com 84 anos de idade, que diz ter cursado o ginásio (atual Ensino Fundamental Maior).

Nas oitivas, tivemos a impressão da realização ['fiáj.dʒjɔ], ou seja, de uma realização africada alveopalatal vozeada ([dʒ]) em posição de sílaba pós-tônica final de palavra, precedida do aproximante palatal [j] (epentético) do ditongo [áj] e seguida do aproximante palatal [j] do ditongo [jɔ], em um item lexical dissilábico paroxítono. As evidências dessa realização estão ilustradas na plotagem da figura 75. As fases do aproximante palatal [j] (epentético) do ditongo [áj], da africada [dʒ] e do aproximante palatal [j] do ditongo [jɔ] estão ilustradas, respectivamente, nas plotagens das figuras 76 a 78 e comentadas em seguida:

Figura 75 - Plotagem do oscilograma em 1 canal e do espectrograma com formantes e intensidade e camadas: (1) segmentada dos seus constituintes fônicos, (2) transcrição fonética e (3) transcrição ortográfica. Com destaque para as características acústicas da realização de todo o item lexical dissilábico paroxítono “rádio” [ˈfaj. dʒju] (0.577166 segundos) (SC84F0-rádio-3).



Fonte: Elaborada por Antônio Félix de Souza Neto, com os recursos do PRAAT (Textgrid) (2019).

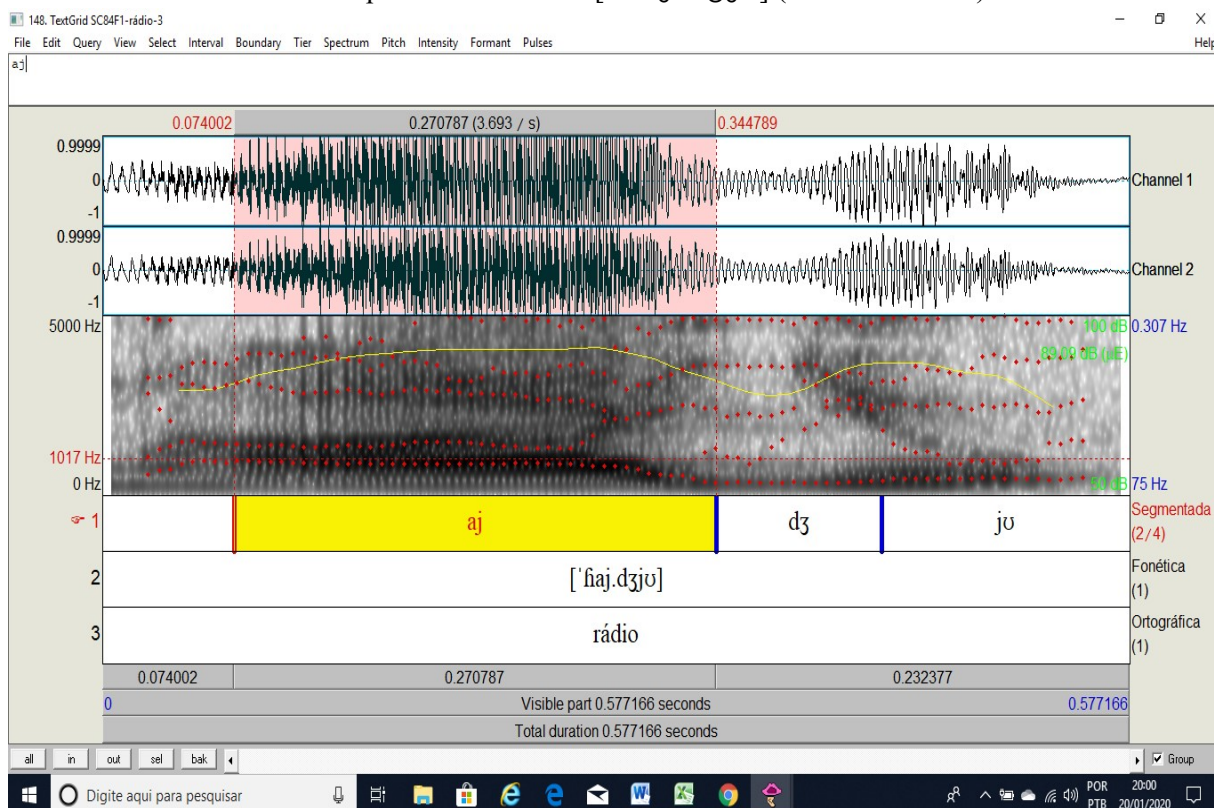
Em nossa segmentação, SC84F0-rádio-3 teve duração total de 0.577166 segundos, na forma registrada pelo PRAAT. Observando a figura 75, embora com pouca clareza, podemos identificar nas ondas do oscilograma e nas áreas do espectrograma duas fases sucessivas equivalentes a uma dinâmica de transição nos formatos de ondas e na estrutura formântica em mudança gradual, compatível com a realização do ditongo [aj]. Em seguida, podemos identificar outras duas fases sucessivas equivalentes a uma oclusão seguida de fricção, compatíveis com uma realização africada alveopalatal vozeada [dʒ]. E podemos ainda identificar mais duas fases sucessivas equivalentes a uma dinâmica de transição nos formatos de ondas e na estrutura formântica em mudança gradual, compatível com a realização do ditongo [ju].

Em SC84F0-rádio-3, as evidências da dinâmica de transição na estrutura formântica em mudança gradual compatíveis com a realização do ditongo ([aj]) precedente e com a

realização do ditongo [jʊ] seguinte validam a nossa hipótese de correlação entre o aproximante palatal [j] e a realização africada [dʒ] (capítulo 2).

Observando as figuras 75 e 76, podemos identificar os sinais acústicos correspondentes ao ditongo [aj]. No oscilograma, as pistas mais evidentes da realização do aproximante palatal [j] (epentético) do ditongo [aj] são identificadas com as ondas de tipo e forma nitidamente regulares (periódicas e aperiódicas) de alta frequência e alta amplitude até o momento em que começa a transição para a fase (oclusiva) seguinte. No espectrograma, as pistas mais evidentes da realização do aproximante palatal [j] (epentético) do ditongo [aj] são identificadas com o nível de cinza contínuo mais escuro na área do espectrograma correspondente à frequência fundamental (F0) e aos formantes logo acima (F1, F2 e F3 etc.), e na dinâmica da transição na estrutura formântica em mudança gradual: a subida gradual do segundo formante (F2) na direção dos formantes acima (F3, F4 etc.) no final desta fase é compatível com a realização do aproximante palatal [j] (epentético) do ditongo [aj]. As evidências dessa realização do aproximante palatal [j] (epentético) do ditongo [aj] estão ilustradas com o destaque do cursor na área de realização desse ditongo na figura 76:

Figura 76 - Plotagem do oscilograma em 1 canal e do espectrograma com formantes e intensidade e camadas: (1) segmentada dos seus constituintes fônicos, (2) transcrição fonética e (3) transcrição ortográfica. Com destaque para as características acústicas da realização ditongada [a.j] do item lexical dissilábico paroxítono “rádio” [ˈfʌj.dʒjʊ] (SC84F0-rádio-3).



Fonte: Elaborada por Antônio Félix de Souza Neto, com os recursos do *PRAAT (Textgrid)* (2019).

As fases que sucedem a realização do aproximante palatal [j] (epentético) do ditongo [a.j] correspondem à oclusão, obstrução/silêncio transiente seguida de fricção, turbulência. No oscilograma, as pistas mais evidentes da fase oclusiva [d] (da realização africada [dʒ]) são identificadas com as ondas de tipo e forma nitidamente irregulares (não-periódicas/aperiódicas) de mais baixa frequência e mais baixa amplitude relativamente à fase (aproximante) imediatamente precedente. No espectrograma, as pistas mais evidentes da fase oclusiva [d] (da realização africada [dʒ]) são identificadas com o nível de cinza contínuo mais claro (relativamente à fase (aproximante) imediatamente precedente), correspondente a uma obstrução/silêncio transiente. Uma macha escura na área da barra de vozeamento, correspondente à frequência fundamental (F0) evidencia vibração das pregas vocais durante sua realização.

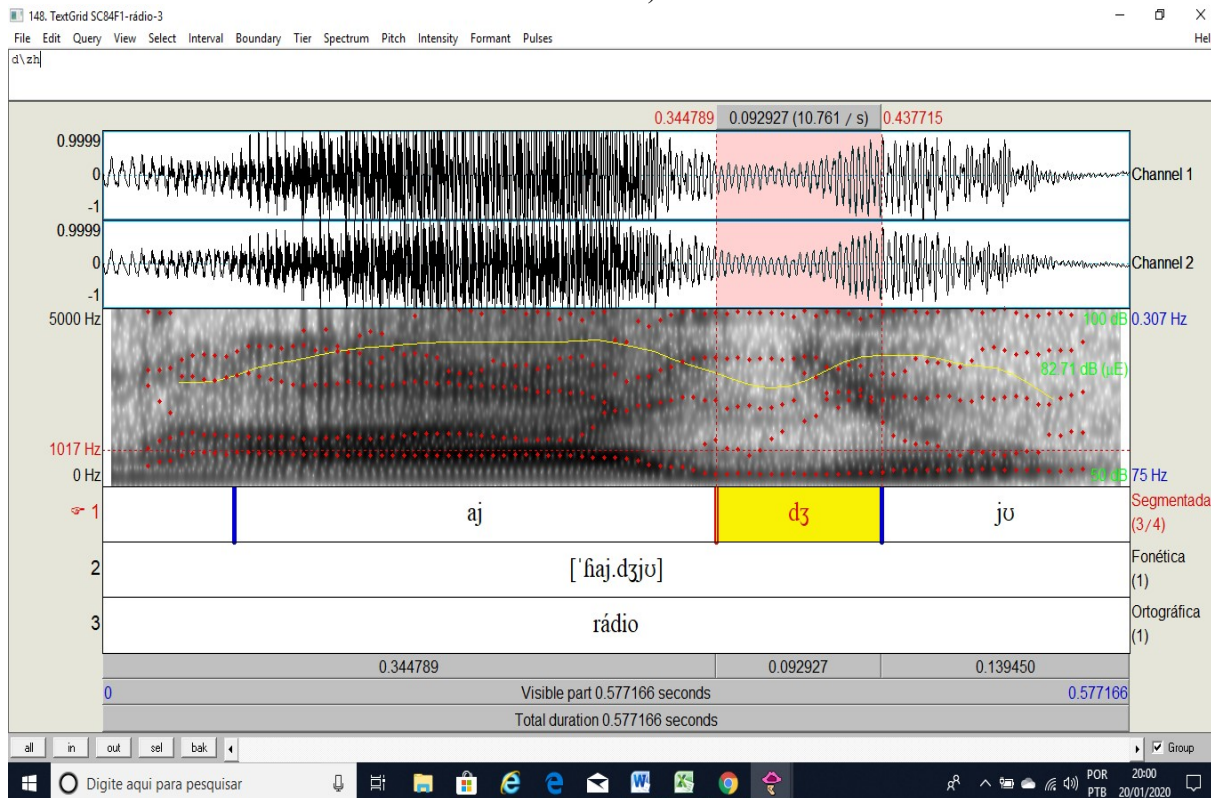
A fase que sucede a oclusão, obstrução/silêncio transiente corresponde à fricção, turbulência. No oscilograma, as pistas mais evidentes da fase fricativa [ʒ] (da realização

africada [dʒ]) são identificadas com as poucas ondas também irregulares (não-periódicas/aperiódicas) de frequência e amplitude um pouco mais alta relativamente às da fase (oclusiva) imediatamente precedente. No espectrograma, as pistas mais evidentes da fase fricativa vozeada [ʒ] (da realização africana vozeada [dʒ]) são identificadas com o nível de cinza escuro na área da barra de vozeamento (correspondente à frequência fundamental (F0)), evidenciando ocorrência de vibração das pregas vocais durante sua realização, e com algumas poucas manchas de cinza mais escuro na área correspondente aos formantes mais acima (F3, F4 etc.).

Em SC84F0-rádio-3, as presenças simultâneas do aproximante palatal [j] (epentético) no contexto fonético precedente e do aproximante palatal [j] no contexto fonético seguinte nos permite atribuir à fase fricativa o fenômeno de africação por coarticulação preservatória e antecipatória dos traços [contínuo, -anterior, palatal] dos aproximantes palatais ([j] (epentético) e [j]) adjacentes (seção 5.5). Nos termos da FA, a fase fricativa (africação) corresponde ao espraçamento/à assimilação progressiva/regressiva dos traços [contínuo, -anterior, palatal] dos aproximantes palatais [j] (epentético) precedente e [j] seguinte, que geram um segmento intruso equivalente a [ʒ] (subseção 6.3.3). No nosso entendimento, a coincidência do aproximante palatal [j] (epentético) no contexto fonético precedente e do aproximante palatal [j] no contexto fonético seguinte possibilita o compartilhamento (homorgânico) dos traços [contínuo, -anterior, palatal] do aproximante palatal [j] na fase fricativa equivalente a [ʒ].

Em que pesem as realizações dos aproximantes palatais ([j] (epentético) precedente e [j] seguinte), a expressividade ilocucionária, o curso da intensidade (linha amarela da área do espectrograma) e a duração da realização do item lexical analisado (SC84F0-rádio-3) (seção 8.2), as duas fases (oclusiva e fricativa) juntas têm, em nossa segmentação, duração de 0.085509 segundos, e suas características acústicas são compatíveis com a realização da africana alveopalatal [dʒ], tal como ilustrado na parte destacada com o cursor na figura 77:

Figura 77 - Plotagem do oscilograma em 2 canais e do espectrograma com formantes e intensidade e camadas: (1) segmentada dos seus constituintes fônicos, (2) transcrição fonética e (3) transcrição ortográfica. Com destaque para as características acústicas da realização africada alveopalatal vozeada [dʒ] (0.092927 segundos) do item lexical dissilábico paroxítono “rádio” [ˈʁa.j.dʒ.ju] (SC84F0-rádio-3).

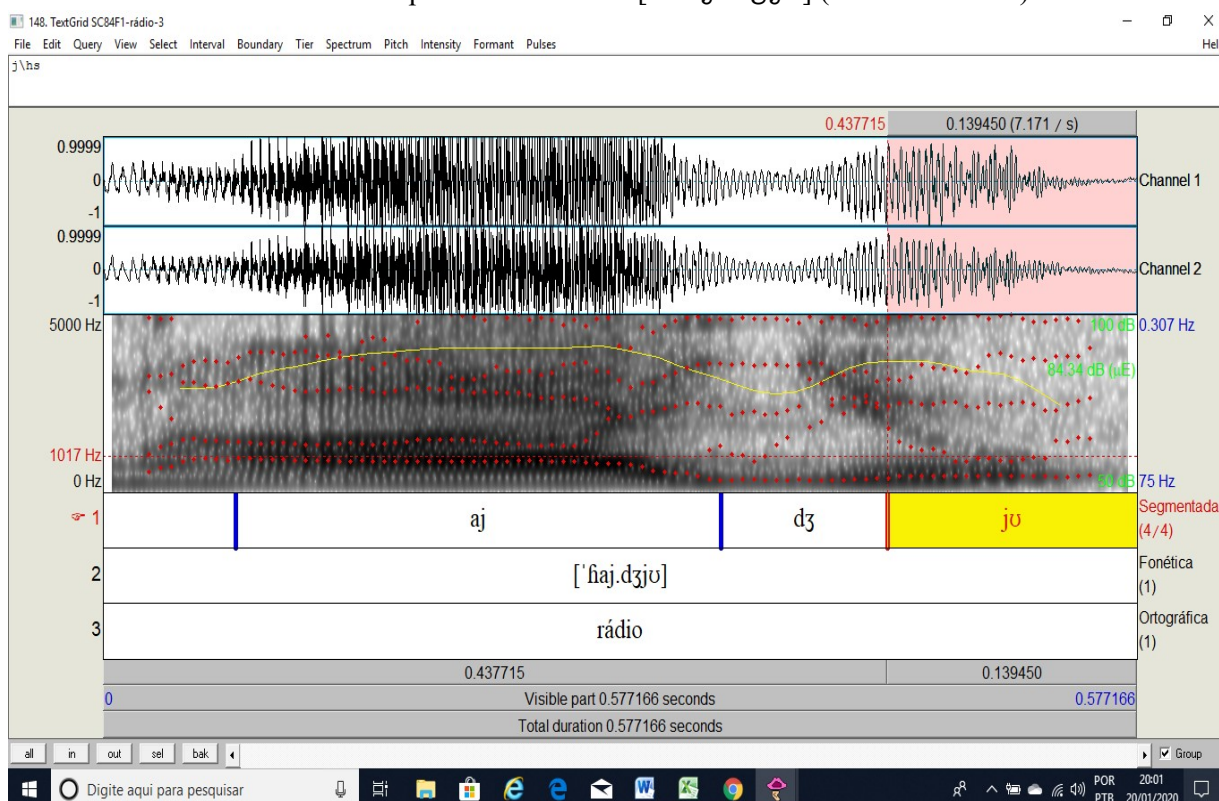


Fonte: Elaborada por Antônio Félix de Souza Neto, com os recursos do PRAAT (*Textgrid*) (2019).

A fase que sucede a fricção/turbulência corresponde à realização do aproximante palatal [j] do ditongo [ju] da sílaba pós-tônica [ˈ_ .dʒju] da palavra analisada (SC84F0-rádio-3-[ˈʁa.j.dʒ.ju]). A transição da fase fricativa [ʒ] (da realização africada [dʒ]) para a do aproximante palatal [j] do ditongo [ju] da sílaba pós-tônica é evidenciada pela leve mudança nos sinais acústicos do oscilograma e pela mudança gradual nos sinais acústicos do espectrograma. No oscilograma, embora pouco evidentes, as pistas da realização do aproximante palatal [j] do ditongo [ju] são identificadas com as ondas de frequência e amplitude um pouco mais alta (relativamente à fase (fricativa) precedente) até o momento em que começa a transição para a fase (vocálica) seguinte. No espectrograma, as pistas mais evidentes da realização do aproximante palatal [j] do ditongo [ju] são identificadas com o nível de cinza contínuo mais escuro na área do espectrograma correspondente à frequência fundamental (F0) e aos formantes logo acima (F1, F2 e F3), e na dinâmica da transição na estrutura formântica em mudança gradual: a descida gradual do quarto formante (F4) na

direção dos formantes logo abaixo (F3, F2 e F1) é compatível com a realização do aproximante palatal [j] do ditongo [ju]. As evidências dessa realização do aproximante palatal [j] do ditongo [ju] estão ilustradas com o destaque do cursor na área de realização desse ditongo na figura 78:

Figura 78 - Plotagem do oscilograma em 2 canais e do espectrograma com formantes e intensidade e camadas: (1) segmentada dos seus constituintes fônicos, (2) transcrição fonética e (3) transcrição ortográfica. Com destaque para as características acústicas da realização do ditongo [ju] do item lexical dissilábico paroxítono “rádio” [ˈfia.j.dʒju] (SC84F0-rádio-3).



Fonte: Elaborada por Antônio Félix de Souza Neto, com os recursos do PRAAT (Textgrid) (2019).

A constatação da realização simultânea do aproximante palatal [j] (epentético) no contexto fonético precedente e do aproximante palatal [j] no contexto fonético seguinte à realização em duas fases (oclusiva e fricativa, respectivamente) equivalentes à africada alveopalatal [dʒ] (no item dissilábico “rádio” [ˈfia.j.dʒju] (SC84F0-rádio-3-)) valida a hipótese de correlação entre a realização do aproximante [j] e a realização africada alveopalatal [dʒ] (capítulo 2). Nesse caso, podemos interpretar as duas fases sucessivas (oclusiva e fricativa) como realização palatalizada de /d/ ([dʲ]) e, por extensão, como segmento complexo (subseção 6.2.3), com articulação maior e menor, sendo esta última resultante do espriamento/assimilação progressivo(a) e regressivo(a) simultâneos(as) dos

traços [contínuo, -anterior, palatal] dos aproximantes [j] (epentético) precedente e [j] seguinte (subseção 6.3.3). Contudo, conforme anunciamos na subseção 6.3.3 desta tese, mesmo reconhecendo a pertinência da simbolização formal ([d^j], segundo o IPA), para evitar confusão decorrente das interpretações possíveis da africada alveopalatal no modelo da FA (subseções 6.2.3 e 6.2.4) que adotamos aqui, preferimos interpretá-la como segmento de contorno e, por conseguinte, simbolizá-la com [dʒ] (subseções 6.2.4 e 6.3.3). Embora essa realização africada [dʒ] do dissilábico “rádio” [ˈfia.j.dʒ.jʊ] (SC84F0-rádio-3-) possa estar ocorrendo em duas fases homorgânicas (palatais), preferimos interpretá-la como em duas fases heterorgânicas (alveopalatal) (seção 5.1).

Ressaltamos o fato de a realização africada [dʒ] do item dissilábico “rádio” [ˈfia.j.dʒ.jʊ] (SC84F0-rádio-3) ocorrer em posição de sílaba pós-tônica medial de palavra, em sílaba com padrões fonológico e fonético CCV. Nesse contexto fonético, [dʒ] é categórica em nossos dados (seção 8.2), pois aqui:

- a) [d] carregaria a realização [ˈfia.j.d.jʊ]; e
- b) [dz], por sua vez, carregaria a realização [ˈfia.j.dz.jʊ].

Embora não conste nos dados da nossa pesquisa (seção 8.2), nesse contexto, por não contrastarem no léxico da variedade do PS pesquisada, [d] e [dz] podem estar em variação com [dʒ].

Esses resultados da análise do item lexical dissilábico “rádio” [ˈfia.j.dʒ.jʊ] (SC84F0-rádio-3-) corroboram nossa hipótese de as realizações africadas [tʃ] e [dʒ] fazerem parte de uma gramática cuja regra as restringe a:

- a) contextos em que o aproximante palatal [j] de ditongo dos tipos vogal+[j] e [j]+vogal é esperado (incluindo aqueles cuja ditongação pode ocorrer por inserção do aproximante palatal [j] epentético), podendo o gatilho ([j]) que dispara a regra de africacão ser apagado logo em seguida; e
- b) itens lexicais nos quais têm potencialidades contrastivas.

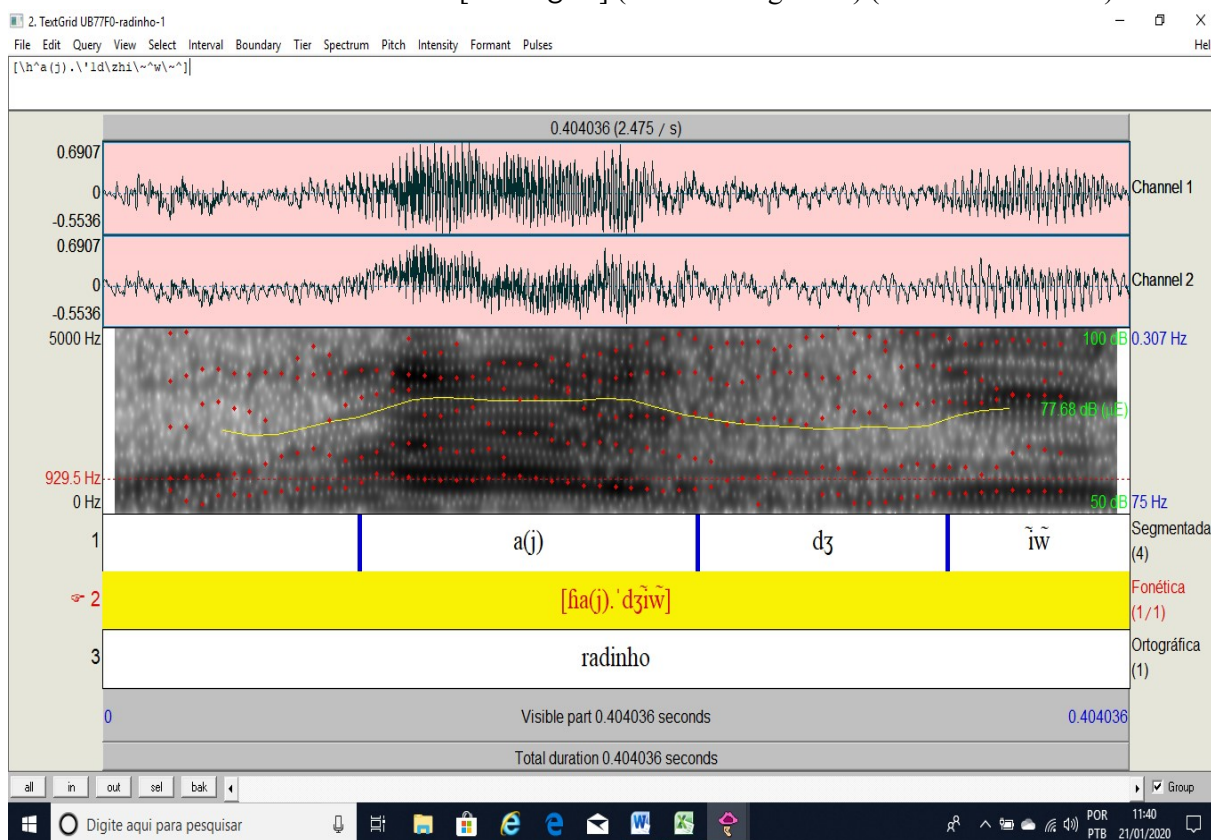
Portanto, “rádio” [ˈʁa.j.dʒjʊ] (SC84F0-rádio-3-) está também contemplado pela regra.

8.1.18 “radinho” (ocorrência 1: código UB77F0-radinho-1)

O item lexical “radinho” foi realizado pela informante/colaboradora codificada como UB77F0, uma colaboradora do município de Umbaúba, sexo feminino, com 77 anos de idade, que diz nunca ter frequentado a escola.

Nas oitavas, tivemos a impressão da realização [ʁa.ˈdʒĩw̃], ou seja, de uma realização africada alveopalatal vozeada ([dʒ]) em posição de sílaba tônica final de palavra, precedida da vogal [a] e seguida da vogal nasalizada [ĩ] do ditongo nasalizado [ĩw̃], em um item lexical dissilábico oxítono. As evidências dessa realização estão ilustradas na plotagem da figura 79. As fases da vogal [a], da vogal nasalizada [ĩ] do ditongo nasalizado [ĩw̃] e da africada [dʒ] estão ilustradas, respectivamente, nas plotagens das figuras 80, 81 e 82 e comentadas em seguida:

Figura 79 - Plotagem do oscilograma em 1 canal e do espectrograma com formantes e intensidade e camadas: (1) segmentada dos seus constituintes fônicos, (2) transcrição fonética e (3) transcrição ortográfica. Com destaque para as características acústicas da realização de todo o item lexical dissilábico oxítono “radinho” [ɦa. 'dʒĩw̃] (0.404036 segundos) (UB77F0-radinho-1).



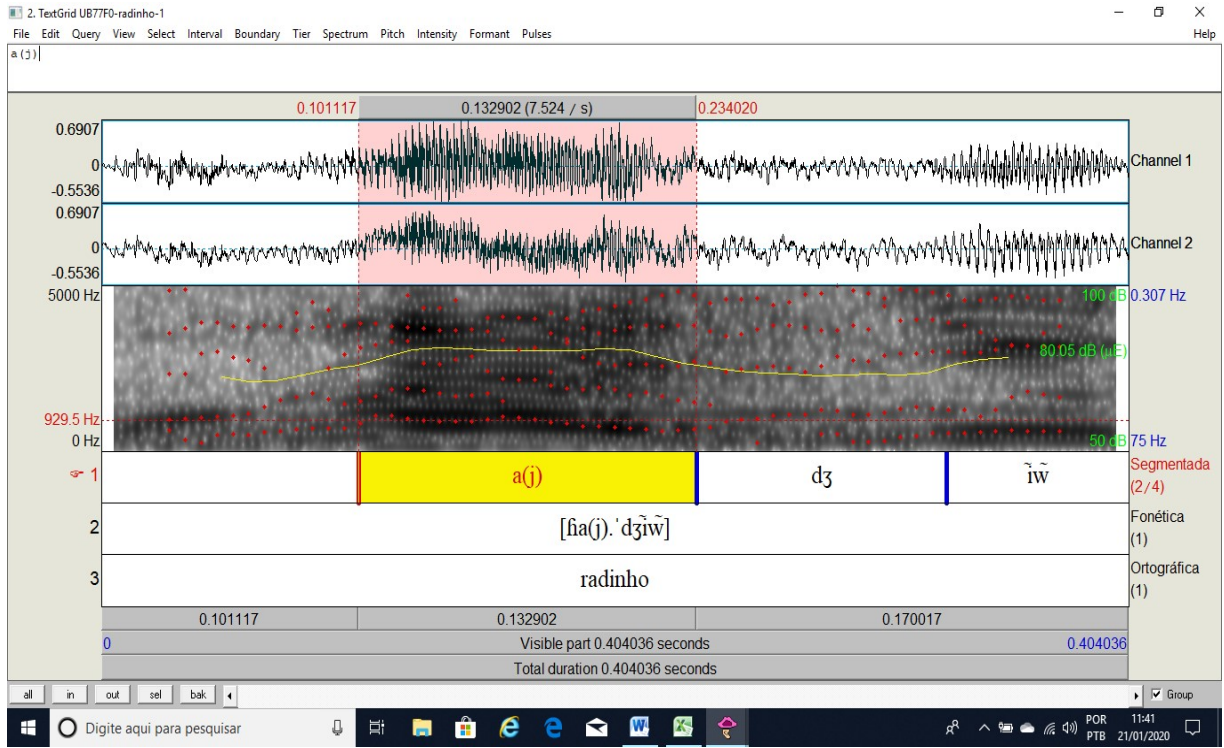
Fonte: Elaborada por Antônio Félix de Souza Neto, com os recursos do PRAAT (*Textgrid*) (2019).

Em nossa segmentação, UB77F0-radinho-1 teve duração total de 0.404036 segundos, na forma registrada pelo PRAAT. Observando a figura 79, não podemos identificar claramente duas fases sucessivas equivalentes a uma dinâmica de transição nos formatos de ondas e na estrutura formântica em mudança gradual, compatível com a realização do aproximante palatal [j] de um ditongo dos tipos [j]+vogal ou vogal+[j]. Não obstante, podemos identificar duas fases sucessivas equivalentes a uma oclusão seguida de fricção, compatíveis com uma realização africada alveopalatal desvozeada [dʒ].

Em lugar de duas fases claramente distintas correspondentes a um ditongo dos tipos [j]+vogal ou vogal+[j], observando as figuras 79 e 80, podemos identificar uma realização compatível com a vogal [a] precedendo a realização africada [dʒ] e uma realização compatível com a vogal nasalizada [ĩ] do ditongo [ĩw̃] (cujo aproximante [w̃] está parcialmente apagado) seguindo [dʒ]. Apesar de em meio a muito ruído externo, no

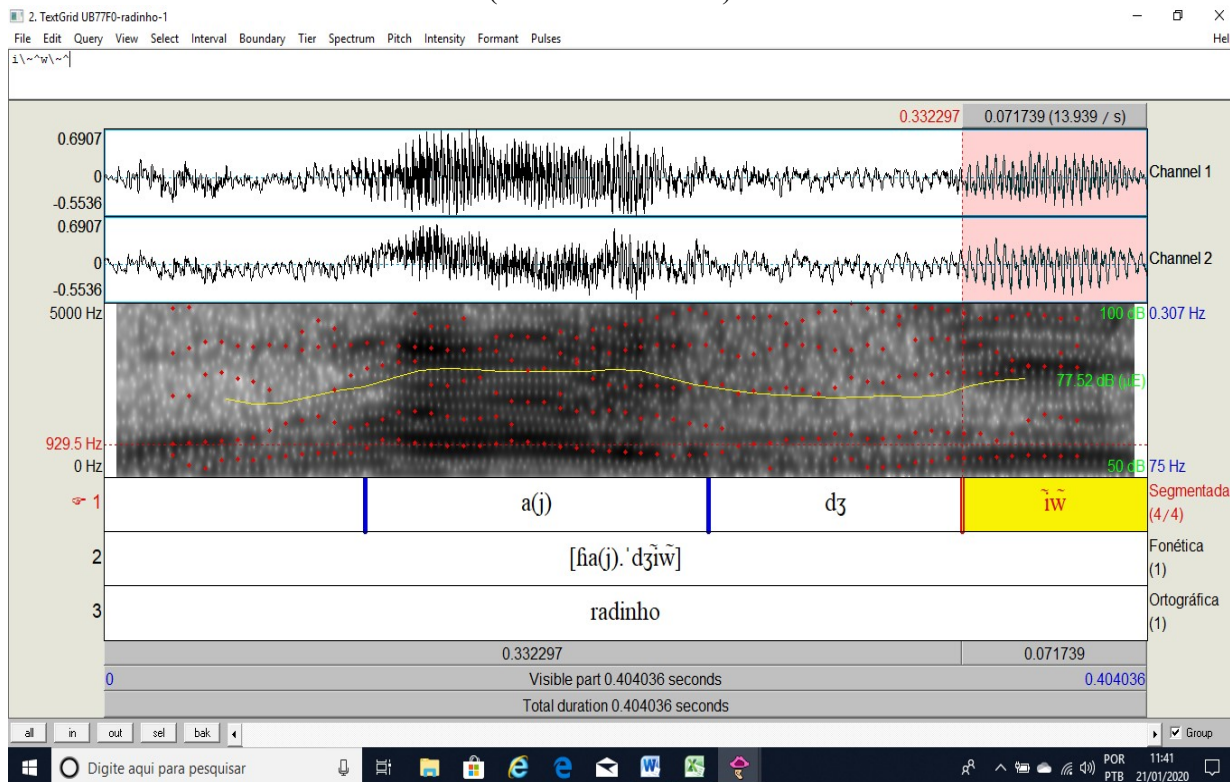
oscilograma é possível identificar a ausência de sinais claros de ditongo dos tipos [j]+vogal ou vogal+[j]. No espectrograma, as pistas mais evidentes da ausência de sinais desses tipos de ditongo são identificadas na ausência de uma clara dinâmica de transição na estrutura formântica em mudança gradual que lhes sejam compatíveis. Diferentemente de uma clara dinâmica de transição na estrutura formântica em mudança gradual compatível como ditongo dos tipos [j]+vogal ou vogal+[j], os sinais acústicos imediatamente antecedente e seguinte à realização africada [dʒ] se identificam mais com fases estacionárias na barra de vozeamento correspondentes à frequência fundamental (F0) e nas áreas dos formantes mais acima (F2, F3, F4 etc.), e concentrações de energia compatíveis com a realização da vogal [a] da sílaba pré-tônica inicial e com a realização da vogal nasalizada [ĩ] do ditongo [ĩw̃] (cujo aproximante [w̃] está parcialmente apagado) da sílaba tônica final da palavra analisada (UB77F0-radinho-1). As evidências de realização da vogal [a] precedente e da vogal nasalizada [ĩ] do ditongo [ĩw̃] (cujo aproximante [w̃] está parcialmente apagado) seguinte à realização africada [dʒ] que coincidem com a ausência de ditongo dos tipos [j]+vogal ou vogal+[j] precedendo e seguindo a realização africada [dʒ] estão ilustradas com o destaque do cursor nas respectivas áreas de realização dessas vogais nas figuras 80 e 81:

Figura 80 - Plotagem do oscilograma em 2 canais e do espectrograma com formantes e intensidade e camadas: (1) segmentada dos seus constituintes fônicos, (2) transcrição fonética e (3) transcrição ortográfica. Com destaque para as características acústicas da realização da vogal [a] da primeira sílaba do item lexical dissilábico oxítono “radinho” [fɪa. 'dʒĩw̃] (UB77F0-raadinho-1).



Fonte: Elaborada por Antônio Félix de Souza Neto, com os recursos do PRAAT (Textgrid) (2019).

Figura 81 - Plotagem do oscilograma em 2 canais e do espectrograma com formantes e intensidade e camadas: (1) segmentada dos seus constituintes fônicos, (2) transcrição fonética e (3) transcrição ortográfica. Com destaque para as características acústicas da realização da vogal nasalizada [ĩ] do ditongo nasalizado [ĩw̃] da sílaba tônica do item lexical dissilábico oxítono “radinho” [fia. 'dʒĩw̃] (UB77F0-radinho-1).

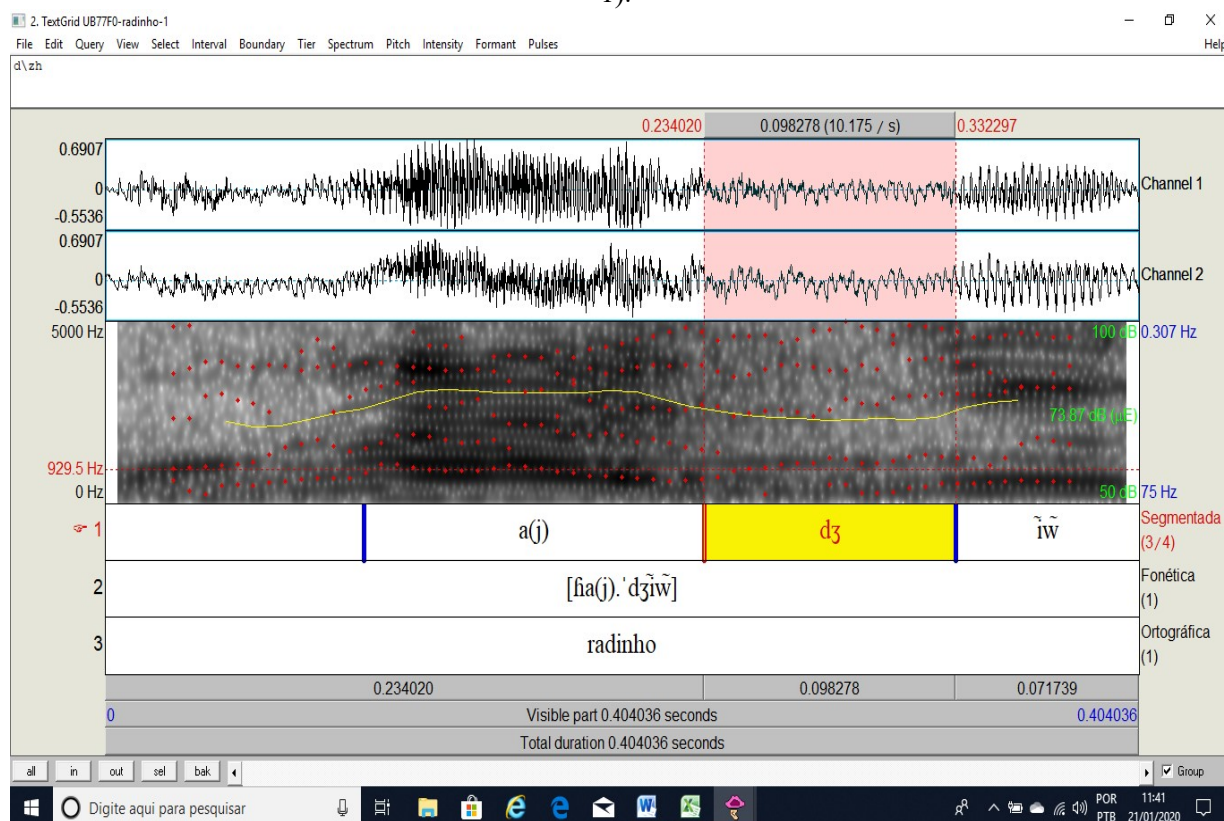


Fonte: Elaborada por Antônio Félix de Souza Neto, com os recursos do *PRAAT (Textgrid)* (2019).

Em UB77F0-radinho-1, na ausência do aproximante palatal [j] coincidindo com a presença da vogal nasalizada [ĩ] do ditongo [ĩw̃] (cujo aproximante [w̃] está parcialmente apagado) no contexto fonético seguinte, poderíamos atribuir – a exemplo do que fizemos em Souza Neto (2014 [2008]) – à fase fricativa o fenômeno da africacão por coarticulação antecipatória dos traços [contínuo, -anterior, palatal] da vogal nasalizada ([ĩ]) seguinte (seção 5.5). Nos termos da FA, a fase fricativa (africacão) também corresponderia ao espraçamento/à assimilação regressiva dos traços [contínuo, -anterior, palatal] daquela vogal, que também geraria um segmento intruso equivalente a [ʃ] (subseção 6.3.3). A presença da vogal nasalizada [ĩ] no contexto fonético seguinte possibilitaria o compartilhamento (homorgânico) do traço [palatal] dessas realizações vocálicas na fase fricativa equivalente a [dʒ].

Em UB77F0-radinho-1, em que pese a vogal nasalizada [ĩ] da estrutura fônica de ditongo nasalizado [ĩw̃] coincidir com o morfema de diminutivo na variedade do PS pesquisada¹⁶¹; em que pesem a expressividade ilocucionária, o curso da intensidade (linha amarela da área do espectrograma) e a duração da realização do item lexical analisado (UB77F0-radinho-1) (seção 8.2), as duas fases (oclusiva e fricativa) juntas têm, em nossa segmentação, duração de 0.098278 segundos, e suas características acústicas são compatíveis com a realização da africada alveopalatal [dʒ], tal como ilustrado na parte destacada com o cursor na figura 82:

Figura 82 - Plotagem do oscilograma em 2 canais e do espectrograma com formantes e intensidade e camadas: (1) segmentada dos seus constituintes fônicos, (2) transcrição fonética e (3) transcrição ortográfica. Com destaque para as características acústicas da realização africada alveopalatal vozeada [dʒ] (0.098278 segundos) item lexical dissilábico oxítono “radinho” [fia. ˈdʒĩw̃] (UB77F0-radinho-1).



Fonte: Elaborada por Antônio Félix de Souza Neto, com os recursos do *PRAAT (Textgrid)* (2019).

¹⁶¹ Em nossos dados, a realização africada alveopalatal desvozeada [tʃ] também ocorre nesse tipo de contexto (cf. subseção 8.1.12).

Assim como em IT72M0-sitinho-3 (subseção 8.1.12), em UB77F0-radinho-1, a constatação da ausência do aproximante palatal [j] coincidindo com a presença da vogal nasalizada [ĩ] no contexto fonético seguinte à realização em duas fases (oclusiva e fricativa, respectivamente) equivalentes à africada alveopalatal [dʒ] (no item dissilábico oxítono “radinho” [fia. 'dʒĩw̃] (UB77F0-radinho-1)) invalida a nossa hipótese de correlação entre realização do aproximante [j] (ou o apagamento deste) e a realização africada alveopalatal [dʒ] (capítulo 2). Também nesse caso, assim como Hora (1990), Bisol e Hora (1993), e como também o fizemos em Souza Neto (2014 [2008]), poderíamos interpretar a fase fricativa ([_ʒ]) como resultante do espraçamento/assimilação regressivo(a) dos traços [contínuo, palatal, -anterior] da vogal nasalizada [ĩ] seguinte (subseção 6.3.3). Poderíamos, por conseguinte, interpretar as duas fases sucessivas (oclusiva e fricativa) do item lexical “radinho” [fia. 'dʒĩw̃] (UB77F0-radinho-1) como segmento complexo (seção 6.2.3), com articulação maior e menor, e, por extensão, representá-las como realização como realização palatalizada de /d/ ([dʲ]) e, por extensão, como segmento complexo (subseção 6.2.3), com articulação maior e menor. Contudo, diante dos dados da pesquisa (seção 8.2) que documentamos aqui, preferimos interpretar as duas fases (oclusiva e fricativa, respectivamente) equivalentes à africada alveopalatal [dʒ], em UB77F0-radinho-1, como particular dos contextos em que pode ocorrer ditongação por inserção do aproximante palatal [j] epentético – em itens lexicais tais como “radinho” [faj. 'dʒĩw̃], “remedinho” [fê.mεj. 'dʒĩw̃] etc. (seção 8.2).

A principal evidência de que não é exatamente a vogal nasalizada [ĩ] seguinte do morfema diminutivo [' _ĩw̃] que promove a realização africada [dʒ] em “radinho” [fia. 'dʒĩw̃] (UB77F0-radinho-1) está no fato de em outros itens lexicais diminutivos com final [' _ĩw̃] (a exemplo de “cedinho” [se. 'dĩw̃], “dedinho” [de. 'dĩw̃] etc.) a africada [dʒ] não ser encontrada na variedade do PS pesquisada¹⁶².

¹⁶² Cf. Banco de Dados Falares Sergipanos, acessível em <https://docplayer.com.br/23574900-Banco-de-dados-falares-sergipanos.html> ou DOI: <https://doi.org/10.5007/1984-8420.2013v14n2p156>.

A evidência cabal de que não é a vogal nuclear [i] que promove a realização africada [dʒ] (na variedade do PS pesquisada) está no fato de em itens lexicais como “dia” [ˈdi.ɐ] – em que aquela vogal [i] figura no conexto seguinte a /d/ –, ocorre sempre a realização plena [d] (não a africada [dʒ]!) (seção 8.2); ao passo que, na composição “meio-dia” [me.j.ˈdʒi.ɐ]¹⁶³ (MU72F0-meio-dia-1) – em que o aproximante palatal [j] figura no contexto imediatamente precedente a /d/ –, ocorre sempre a africada [dʒ].¹⁶⁴

Conforme anunciamos na subseção 6.3.3 desta tese, mesmo reconhecendo a pertinência da simbolização formal ([dʲ], segundo o IPA), para evitar confusão decorrente das interpretações possíveis da africada alveopalatal no modelo da FA (cf. subseções 6.2.3, 6.2.4 e 6.3.3) que adotamos aqui, preferimos interpretá-la como segmento de contorno e, por conseguinte, simbolizá-la com [dʒ] (cf. subseções 6.2.4 e 6.3.3). Embora essa realização africada [dʒ] do item dissilábico oxítono “radinho” [fia.ˈdʒĩw̃] (UB77F0-radinho-1) possa estar ocorrendo em duas fases homorgânicas (palatais), preferimos interpretá-la como em duas fases heterorgânicas (alveopalatal) (cf. seção 5.1).

Ressaltamos o fato de a realização africada [dʒ] do item lexical dissilábico oxítono “radinho” [fia.ˈdʒĩw̃] (UB77F0-radinho-1) ocorrer em posição tônica final de palavra, em sílaba com padrões fonológico CV e fonético CVC. Nesse contexto fonético, [dʒ] está em variação com [d] na variedade do PS pesquisada (cf. seção 8.2). A realização [d], por sua vez, carregaria a realização [fia.ˈdzĩw̃]. Embora esta última não conste nos dados da nossa pesquisa (cf. seção 8.2), nesse contexto, por não contrastarem no léxico da variedade do PS pesquisada, [dz] pode também estar em variação com [dʒ].

¹⁶³ Em que pese a síncope da vogal [o] na realização do composto “meio-dia” [me.j.ˈdʒi.ɐ] (MU72F0-meio-dia-1), reiteramos aqui que, em contexto de ditongo dos tipos [j]+vogal e/ou vogal+ [j], estamos interpretando a realização africada [dʒ] como resultante de espraçamento de traço desse aproximante palatal [j] categórico ou parcialmente apagado na superfície (cf. seção 5.5). Ademais, não é do escopo desta tese dar conta dos demais processos dos quais resultam as realizações dos itens lexicais em análise aqui.

¹⁶⁴ Cf. Banco de Dados Falares Sergipanos, acessível em <https://docplayer.com.br/23574900-Banco-de-dados-falares-sergipanos.html> ou DOI: <https://doi.org/10.5007/1984-8420.2013v14n2p156>.

Esses resultados da análise do item lexical dissilábico “radinho” [fia. 'dʒĩw̃] (UB77F0-radinho-1) corroboram nossa hipótese de as realizações africadas [tʃ] e [dʒ] fazerem parte de uma gramática cuja regra as restringe a:

- a) contextos em que o aproximante palatal [j] de ditongo dos tipos vogal+[j] e [j]+vogal é esperado (incluindo aqueles cuja ditongação pode ocorrer por inserção do aproximante palatal [j] epentético), podendo o gatilho ([j]) que dispara a regra de africacão ser apagado logo em seguida; e
- b) itens lexicais nos quais têm potencialidades contrastivas.

Portanto, “radinho” [fia. 'dʒĩw̃] (UB77F0-radinho-1) está contemplado pela regra.

Depois dessa análise acústica – de uma amostra dos dados da pesquisa – que dá a dimensão qualitativa desta tese –, apresentamos, na seção (8.2) que segue, a análise estatística/probabilística – de todos os dados da pesquisa – que dá a dimensão quantitativa da tese.

8.2 Tratamento quantitativo (estatístico/probabilístico) dos dados da pesquisa, com os recursos do *software R*

Conforme informamos desde a metodologia da pesquisa (capítulo 3) aqui documentada, a nossa proposta de um tratamento quantitativo (estatístico/probabilístico) para os dados da pesquisa decorre exclusivamente do nosso interesse em identificar correlações sistemáticas entre as realizações africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ] (bem como suas contrapartes oclusivas plenas [t] e [d] e africada alveolar [tʂ]) analisadas e as forças potenciais dos contextos de suas ocorrências. Além disso, com esse tratamento, damos uma dimensão quantitativa à pesquisa que enseja esta tese: o que os dados da pesquisa significam em termos quantitativos, percentuais e probabilísticos, considerando as nossas hipóteses nesta tese. Na prática, o tratamento quantitativo (estatístico/probabilístico) tem por finalidade apresentar os números absolutos e percentuais dos dados da pesquisa, e apontar as probabilidades de ocorrência das realizações africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ] (nos contextos em que foram encontradas), diante da constatação de coocorrências de suas contrapartes oclusivas plenas [t] e [d] e africada alveolar [tʂ]. Outrossim, os resultados

desta abordagem quantitativa (estatística/probabilística) corroboram nossas hipóteses e dão sustentação à nossa tese.

Por estarmos descrevendo a gramática das realizações africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ], em nosso tratamento quantitativo (estatístico/probabilístico), consideramos somente os aspectos linguísticos, ou seja, o que é concenente aos itens lexicais que constituem o *corpus* da pesquisa (em detrimento do que concerne aos falantes/informantes/colaboradores). Assim, as realizações investigadas ([tʃ] e [dʒ]) e suas contrapartes ([t] e [d] e [ts] e [dz]) se converteram em variáveis dependentes, ao passo que, tudo o que compreende os contextos linguísticos (o item lexical e sua constituição) se converteu em variáveis independentes.

Para darmos o tratamento quantitativo (estatístico/probabilístico) aos dados da pesquisa, recorreremos aos recursos do *software R*¹⁶⁵. Este *software* nos possibilitou a identificação dos números absolutos e percentuais, e as probabilidades de ocorrência das realizações africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ] investigadas (bem como de suas contrapartes africadas alveolares [ts] e [dz] e oclusivas plenas [t] e [d]), nos itens lexicais e nos contextos identificados nos dados da pesquisa.

Ao convertermos o *corpus* da pesquisa em pacote de dados para análise estatística/probabilística, demos às variáveis a seguinte conformação:

- a) Variáveis dependentes: africadas alveopalatais ([tʃ] e [dʒ]), africadas alveolares ([ts] e [dz]) e oclusivas plenas ([t] e [d]);
- b) Variáveis independentes:
 - b1) item lexical;
 - b2) duração de realização do item lexical;
 - b3) número de sílabas da palavra;
 - b4) posição da sílaba em que a realização (africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ], africadas alveolares [ts] e [dz] e oclusivas plenas [t] e [d]) ocorre;
 - b5) tonicidade da sílaba em que a realização (africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ], africadas alveolares [ts] e [dz] e oclusivas plenas [t] e [d]) ocorre;

¹⁶⁵ Acessível em: <https://cran.r-project.org>

b6) contexto precedente à realização (africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ], africadas alveolares [tʂ] e [dʑ] e oclusivas plenas [t] e [d]);

b7) contexto seguinte à realização (africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ], africadas alveolares [tʂ] e [dʑ] e oclusivas plenas [t] e [d]);

b8) aproximante palatal [j] do contexto precedente;

b9) aproximante palatal [j] do contexto seguinte;

b10) nasalidade do contexto precedente;

b11) nasalidade do contexto precedente;

b12) duração da realização (africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ], africadas alveolares [tʂ] e [dʑ] e oclusivas plenas [t] e [d]);

b13) vozeamento da realização (desvozeadas [tʃ], [tʂ] e [t] ou vozeadas [dʒ], [dʑ] e [d]).

Para criar o banco de dados, optamos pelo formato Arquivo de Valores Excel (“csv. separado por vírgula”) compatível com o *software*.

Para comporem o banco de dados requerido pelo *software R*, rotulamos os dados tal como seguem:

a) variáveis dependentes: “africadalveopalatal” equivale a [tʃ] e [dʒ]; “africadalveolar” equivale a [tʂ]; “oclusivalveolar” equivale a [t] e [d];

b) variáveis independentes:

b3) número de sílabas da palavra: duas, três, mais;

b4) posição da sílaba em que a realização (africadalveopalatal, africadalveolar, oclusivalveolar) ocorre: final e não-final;

b5) tonicidade da sílaba em que a realização (africadalveopalatal, africadalveolar, oclusivalveolar) ocorre: pós-tônica, não-pós-tônica;

b6) qualidade da vogal do contexto precedente à realização (africadalveopalatal, africadalveolar, oclusivalveolar): anterior, alta posterior, baixa, média-alta-anterior, pausa;

b7) qualidade da vogal do contexto seguinte à realização (africadalveopalatal, africadalveolar, oclusivalveolar): alta, baixa, média;

b8) aproximante palatal [j] do contexto precedente: realizado, apagado, epentético, “não” (equivale a não se aplica), pausa;

b9) aproximante palatal [j] do contexto seguinte: realizado, apagado, epentético, “não” (equivale a não se aplica);

b10) nasalidade do contexto precedente: oral, nasal;

b11) nasalidade do contexto seguinte: oral, nasal;

b12.1) tempo médio de duração da realização no contexto precedente: “t” equivale a [t], “tS” equivale a [tʃ]; “d” equivale a [d], “dZ” equivale a [dʒ];

b12.2) tempo médio de duração da realização no contexto seguinte: “t” equivale a [t], “tS” equivale a [tʃ]; “d” equivale a [d], “dZ” equivale a [dʒ];

b12.3) tempo médio de duração da realização da africadalveopalatal, em função da realização/apagamento do aproximante no contexto precedente: “sim” equivale a realizado, “não” equivale a apagado;

b12.4) tempo médio de duração da realização da africadalveopalatal, em função da realização/apagamento do aproximante no contexto seguinte: “sim” equivale a realizado, “não” equivale a apagado;

b13) vozeamento da realização: desvozeadas [tʃ], [tʃS] e [t]; vozeadas [dʒ] e [d];

b14) item lexical (o próprio item);

b15) linha de intensidade na realização do item: estacionária, ascendente, descendente.

Depois de comandadas as rotinas, o *software* selecionou como de relevância (significância) para a análise estatística as seguintes variáveis (e seus respectivos fatores):

a) variáveis dependentes: africadalveopalatal, africadalveolar, oclusivalveolar

b) variáveis independentes:

b3) número de sílabas da palavra: duas, três, mais;

b4) posição da sílaba em que a realização ocorre: final e não-final;

b5) tonicidade da sílaba em que a realização ocorre: pós-tônica, não-pós-tônica;

b6) qualidade da vogal do contexto precedente à realização: anterior, alta posterior, baixa, média-alta-anterior, pausa;

b7) qualidade da vogal do contexto seguinte à realização: alta, baixa, média;

b8) aproximante palatal [j] do contexto precedente: realizado, apagado, epentético, não, pausa;

b9) aproximante palatal [j] do contexto seguinte: realizado, apagado, epentético, não;

b10) nasalidade do contexto precedente: oral, nasal;

b11) nasalidade do contexto seguinte: oral, nasal;

b12.1) tempo médio de duração da realização (africadalveopalatal, africadalveolar, oclusivalveolar) no contexto precedente;

b12.2) tempo médio de duração da realização (africadalveopalatal, africadalveolar, oclusivalveolar) no contexto seguinte;

b12.3) tempo médio de duração da realização da africadalveopalatal, em função da realização/apagamento do aproximante no contexto precedente: “sim”, “não”;

b12.4) tempo médio de duração da realização da africadalveopalatal, em função da realização/apagamento do aproximante no contexto: “sim”, “não”;

b13) vozeamento da realização: desvozeadas [tʃ], [tʃs] e [t]; vozeadas [dʒ] e [d].

Os resultados da análise estatística/probabilística são apresentados em gráficos legendados (com os valores correspondentes à significância de cada modelo de análise selecionado pelo *software*), com os respectivos comentários (considerando as nossas hipóteses nesta tese (cf. capítulo 2)), nas subseções de 8.2.1 a 8.2.10 que seguem:

8.2.1 Distribuição das formas alvo

Num total de 1.115 (100%) itens lexicais que constituem o *corpus* da pesquisa, as realizações africadas alveopalatais ([tʃ] e [dʒ]) estão assim distribuídas:

a) ocorrem em 4 itens lexicais (cf. subseções 8.1.1 “Tchá” (antropônimo/apelido) (JP82M0-Tchá-1), 8.1.2 “tchá” (onomatopeia) (IT72M0-tchá-1), 8.1.3 “tchou” (onomatopeia) (IT72M0-tchou-1) e 8.1.4 “tchopo” (onomatopeia) (IT72M0-tchopo-1), em contextos inesperados, ou seja, contextos nos quais nenhuma realização nuclear da vogal /i/ ou marginal (o aproximante [j]) figura na adjacência;

b) ocorrem em 3 itens lexicais (a saber, “sitinho” ocorrências: 1, 2 e 3, IT72M0-sitinho-1, 2 e 3), em contextos nos quais a vogal nuclear /i/ tem realização plena ([i]) no

contexto precedente e nasalizada ([ĩ]) na sílaba tônica do contexto seguinte (subseção 8.1.12 “sitinho”-IT72M0-sitinho-3), constituindo o ditongo nasalizado [ĩw̃] do morfema diminutivo;

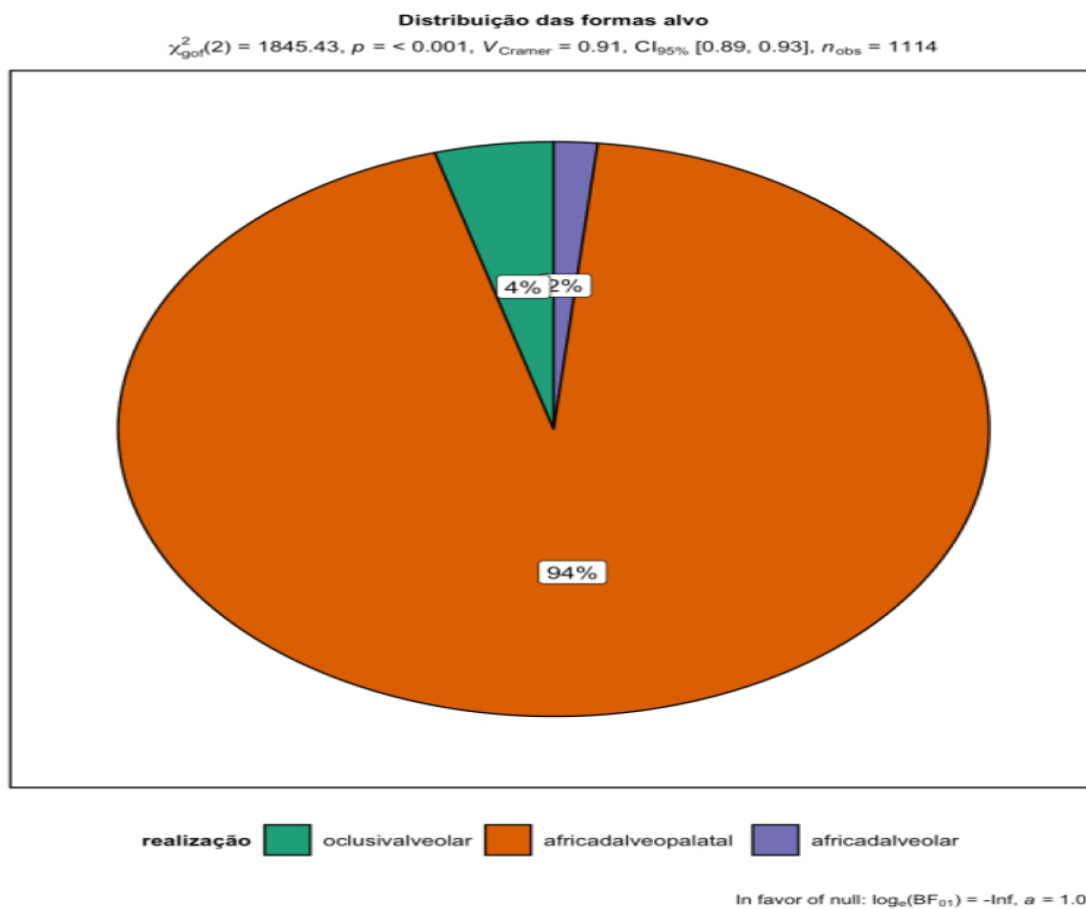
c) e ocorrem em 1.041 itens lexicais, em contextos de ditongo dos tipos vogal+[j] e [j]+vogal (incluindo aqueles cuja ditongação pode ocorrer por inserção do aproximante palatal [j] epentético).

Portanto, subtraídas as 4 ocorrências em contextos inesperados e as 3 ocorrências em contextos nos quais a vogal nuclear /i/ tem realização plena ([i]) no contexto precedente e nasalizada ([ĩ]) na sílaba tônica do contexto seguinte, dos 1108 itens lexicais restantes, nos contextos em que o aproximante palatal [j] de ditongo dos tipos vogal+[j] e [j]+vogal é esperado (incluindo aqueles cuja ditongação pode ocorrer por inserção do aproximante palatal [j] epentético), as africadas alveopalatais ([tʃ] e [dʒ]) predominaram com 1.041 (94%) ocorrências, contra 45 (4%) ocorrências de oclusivas alveolares ([t] e [d]) e 22 (2%) ocorrências da africada alveolar desvozeada ([tʂ]), pois não houve ocorrência da africada alveolar vozeada ([dʒ]).

Desses 1108 itens lexicais restantes, nos quais o aproximante palatal [j] de ditongo dos tipos vogal+[j] e [j]+vogal é esperado (incluindo aqueles cuja ditongação pode ocorrer por inserção do aproximante palatal [j] epentético), decorre a distribuição das formas alvo ([tʃ] e [dʒ]; [tʂ]; e [t] e [d]) da análise estatística/probabilística, tal como representada no gráfico 1.

Ressaltamos que, no gráfico 1, [tʃ] e [dʒ] estão representadas por “africadalveopalatal”, [tʂ] está representada por “africadalveolar” e [t] e [d] estão representadas por “oclusivalveolar”:

Gráfico 1 - Distribuição das formas alvo com realizações africada alveopalatal, africada alveolar e oclusiva alveolar.



Fonte: Elaborado por Antônio Félix de Souza Neto, com os recursos do *R studio (plot)* (2019).

O modelo de análise da distribuição das formas alvo (do qual resulta o gráfico 1) teve significância estatística com $p < 0.001$. Dito de outro modo, considerando as mesmas variáveis, nas mesmas condições, os números do gráfico 1 devem representar uma probabilidade estatística segura.

A predominância das realizações africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ] em 94% dos dados da pesquisa corrobora a nossa hipótese principal nesta tese, qual seja a de uma gramática na qual as realizações africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ] estão restritas a:

- a) contextos em que o aproximante palatal [j] de ditongo dos tipos vogal+[j] e [j]+vogal é esperado (incluindo aqueles cuja ditongação pode ocorrer por

inserção do aproximante palatal [j] epentético), podendo o gatilho ([j]) que dispara a regra de africacão ser apagado logo em seguida; e

- b) itens lexicais nos quais têm potencialidades contrastivas.

Nesses contextos, as realizações africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ] tendem a ocorrer, na fala de sergipanos idosos.

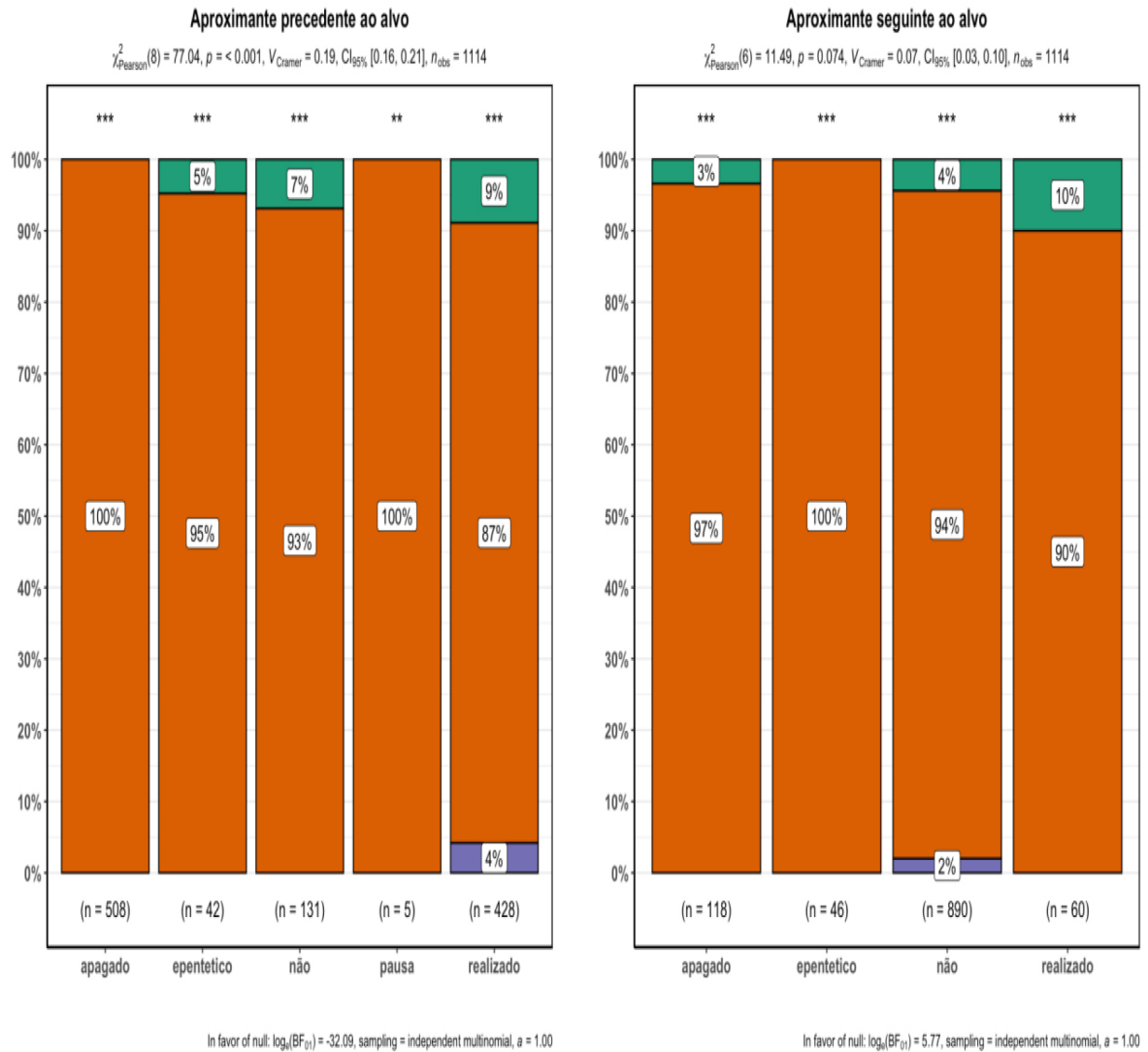
8.2.2 Distribuição dos alvos quanto aos contextos adjacentes: aproximante

Conforme informamos no início da seção 8.2, entre as variáveis independentes, o *software R* selecionou:

b8) aproximante palatal [j] do contexto precedente: realizado, apagado, epentético, não, pausa;

b9) aproximante palatal [j] do contexto seguinte: realizado, apagado, epentético, não.

Dos 1108 itens lexicais nos quais o aproximante palatal [j] de ditongo dos tipos vogal+[j] e [j]+vogal é esperado (incluindo aqueles cuja ditongação ocorreu pela inserção do aproximante palatal [j] epentético) decorre a distribuição das formas alvo ([tʃ] e [dʒ]; [tʃ] e [dʒ] e [t] e [d]) da análise estatística/probabilística tal como representada no gráfico 2. No gráfico 2, [tʃ] e [dʒ] estão representadas pela cor de abóbora; [tʃ] está representada pela cor lilás; e [t] e [d] estão representadas pela cor verde:

Gráfico 2 - Distribuição das formas alvo quanto aos contextos adjacentes: aproximante.

Fonte: Elaborado por Antônio Félix de Souza Neto, com os recursos do *R studio (plot)* (2019).

O modelo de análise da distribuição das formas alvo correlacionadas aos contextos adjacentes – aproximante – (do qual resulta o gráfico 2) teve significância estatística com $p < 0.001$, quando considerado o contexto precedente; e significância estatística com $p < 0.074$, quando considerado o contexto seguinte. Dito de outro modo, os números referentes ao contexto precedente, no gráfico 2, devem representar uma probabilidade estatística segura, ao passo que os números referentes a contexto seguinte não podem representar uma probabilidade estatística segura. Não obstante sua significância estatística, os resultados desse modelo podem explicar o fenômeno pesquisado.

Conforme demonstramos no gráfico 2, as realizações africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ] (representadas pela área cor de abóbora do gráfico 2) predominam sobre a realização africada alveolar [tʂ] (representada pela área de cor lilás do gráfico 2) e sobre as realizações oclusivas plenas [t] e [d] (representadas pela área de cor verde do gráfico 2), em todos os contextos fonéticos nos quais o aproximante palatal [j] de ditongo dos tipos vogal+[j] e [j]+vogal é esperado (incluindo aqueles cuja ditongação ocorreu pela inserção do aproximante palatal [j] epentético). Considerando a relação de complementaridade (salvo algumas exceções que comentamos a seguir) dos contextos precedente e seguinte – ou seja, considerando que à inexistência de ditongo do tipo vogal+[j] (esperado) no contexto precedente deve corresponder a existência de ditongo do tipo [j]+vogal (esperado) no contexto seguinte e vice-versa –, as duas figuras do gráfico 2 são também complementares uma da outra. Assim, à inexistência de ditongo do tipo vogal+[j] (esperado) no contexto precedente (representada pelo fator “não” no gráfico 2) deve obrigatoriamente corresponder a existência de ditongo do tipo [j]+vogal (seja com o aproximante “realizado”, “epentético” ou “apagado”) no contexto seguinte e vice-versa. Disto decorrem nossas interpretações dos resultados do gráfico 2:

- a) quando o aproximante palatal [j] (esperado) esteve (parcialmente) apagado (representado por “apagado” no gráfico 2) no contexto precedente (a exemplo de “muita” [ˈmũ.tʃɐ] (LA71M0-2), subseção 8.1.7), as realizações africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ] (representadas pela área cor de abóbora do gráfico 2) foram categóricas (cf. primeira coluna da figura da esquerda do gráfico 2). Essa constatação confirma nossa hipótese de correlação sistemática entre as realizações africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ] e o apagamento do aproximante palatal [j] (esperado) (cf. capítulo 2). Posto que, nesse contexto fonético, o apagamento do aproximante palatal [j] pode gerar um ambiente favorável a contraste das realizações africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ] com suas contrapartes africada alveolar [tʂ] (representada pela área de cor lilás do gráfico 2) e oclusivas plenas [t] e [d] (representadas pela área de cor verde do gráfico 2), a exemplo de: a) [ˈmũ.tɐ] (terceira pessoa do indicativo

- presente de “montar”); e b) ['mũ.tʃɐ] “muita” (modificador/intensificador); e em c) ['mũ.tʃɐ], que não tem correspondente no léxico da variedade do PS pesquisada (subseção 8.1.7), o resultado expresso na primeira coluna da figura da esquerda do gráfico 2 também corrobora nossa hipótese de que essa restrição tem por finalidade preservar o léxico da variedade do PS pesquisada;
- b) quando o aproximante palatal [j] (esperado) esteve apagado (representado por “apagado” no gráfico 2) no contexto seguinte (a exemplo de “sítio” ['si.tʃu] (IT72M0-sítio-1), cf. subseção 8.1.10), as realizações africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ] (representadas pela área cor de abóbora do gráfico 2), embora predominem em 97% dos dados, não foram categóricas (primeira coluna da figura da direita do gráfico 2), coocorrendo com 3% de sua contraparte oclusivas plenas [t] e [d] (representadas pela área de cor verde do gráfico 2). Embora não sendo categórica nesse contexto fonético, essa constatação confirma nossa hipótese de correlação sistemática entre as realizações africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ] e o apagamento do aproximante palatal [j] (esperado) (capítulo 2). Posto que, nesse contexto fonético, o apagamento do aproximante palatal [j] pode gerar um ambiente favorável a contraste das realizações africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ] com suas contrapartes africada alveolar [ts] (representada pela área de cor lilás do gráfico 2) e oclusivas plenas [t] e [d] (representadas pela área de cor verde do gráfico 2), a exemplo de: a) ['si.tʃu] (substantivo); e b) ['si.tu] (primeira pessoa do indicativo presente do verbo “citar”); e em c) ['si.tsu], embora não conste nos dados da nossa pesquisa, por não contrastarem no léxico da variedade do PS pesquisada, pode estar em variação com ['si.tu];
- c) quando o aproximante palatal [j] epentético ocorreu no contexto precedente (a exemplo de “rádio” ['fia.j.dʒju] (SC84F1-rádio-1), subseção 8.1.17), as realizações africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ] (representadas pela área cor de abóbora do gráfico 2), embora predominem em 95% dos dados, não foram categóricas (cf. segunda coluna da figura da esquerda do gráfico 2), coocorrendo com 5% de sua contraparte oclusivas plenas [t] e [d] (representadas pela área de cor verde do gráfico 2). Embora não sendo categórica nesse contexto fonético, essa constatação confirma nossa hipótese de correlação sistemática entre as realizações africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ] e o

- aproximante palatal [j] (capítulo 2), pois, entendemos que a realização epentética do aproximante palatal [j] ou do traço [palatal] remanescente deste (quando o [j] epentético não se realizada categoricamente na superfície) é a maior evidência da correlação;
- d) quando o aproximante palatal [j] ocorreu como resultado de epêntese no contexto seguinte (a exemplo de “muita” [' mũ.tʃjɐ]), as realizações africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ] (representadas pela área cor de abóbora do gráfico 2) foram categóricas (cf. segunda coluna da figura da direita do gráfico 2). Essa constatação confirma nossa hipótese de correlação sistemática entre as realizações africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ] e o aproximante palatal [j] (cf. capítulo 2), pois, entendemos que a realização epentética do aproximante palatal [j] ou do traço [palatal] remanescente deste (quando o [j] epentético não se realizada categoricamente na superfície) é a maior evidência da correlação;
- e) quando o aproximante palatal [j] foi inexistente (representado por “não” no gráfico 2) no contexto precedente (a exemplo de “prédio” [' prɛ.dʒu] (SC70M2-prédio-1)), as realizações africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ] (representadas pela área cor de abóbora do gráfico 2), embora predominem em 93% dos dados, não foram categóricas (cf. terceira coluna da figura da esquerda do gráfico 2), coocorrendo com 7% de sua contraparte oclusivas plenas [t] e [d] (representadas pela área de cor verde do gráfico 2). Ressaltamos que, dada a complementaridade dos contextos de ditongo precedente (do tipo vogal+[j]) e seguinte ([j]+vogal), à inexistência do aproximante [j] no contexto precedente (representada por “não” no gráfico 2) corresponde a realização (representada por “realizado” no gráfico 2) ou o apagamento (representado por “apagado”) deste [j] no contexto seguinte. Essa constatação também confirma nossa hipótese de correlação sistemática entre as realizações africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ] e o aproximante palatal [j] (cf. capítulo 2), pois, entendemos que a realização do aproximante palatal [j] ou o traço [palatal] remanescente deste evidencia a correlação;
- f) quando o aproximante palatal [j] foi inexistente (representado por “não” no gráfico 2) no contexto seguinte (a exemplo de “feita” [' fe.tʃɐ] (IT78F0-feita-1), subseção 8.1.6), as realizações africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ] (representadas pela área cor

de abóbora do gráfico 2), embora predominem em 94% dos dados, não foram categóricas (terceira coluna da figura da direita do gráfico 2), coocorrendo com 4% de sua contraparte oclusivas plenas [t] e [d] (representadas pela área de cor verde do gráfico 2) e com 2% de sua contraparte africada alveolar [tʂ] (representada pela área de cor lilás do gráfico 2). Ressaltamos que, dada a complementaridade dos contextos de ditongo precedente (do tipo vogal+[j]) e seguinte ([j]+vogal), à inexistência do aproximante [j] no contexto seguinte (representada por “não” no gráfico 2) corresponde a realização (representada por “realizado” no gráfico 2) ou o apagamento (representado por “apagado”) deste [j] no contexto precedente. Essa constatação também confirma nossa hipótese de correlação sistemática entre as realizações africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ] e o aproximante palatal [j] (capítulo 2), pois, entendemos que a realização do aproximante palatal [j] ou o traço [palatal] remanescente deste evidencia a correlação;

- g) quando houve pausa (representada por “pausa” no gráfico 2) no contexto precedente, as realizações africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ] (representadas pela área cor de abóbora do gráfico 2) foram categóricas (quarta coluna da figura da esquerda do gráfico 2). Nesse contexto, tivemos apenas 4 ocorrências da africada alveopalatal desvozeada [tʃ]: “Tchá” (antropônimo/apelido) (JP82M0-Tchá-1) (subseção 8.1.1), “tchá” (onomatopeia) (IT72M0-tchá-1) (subseção 8.1.2), “tchou” (onomatopeia) (IT72M0-tchou-1) (subseção 8.1.3) e “tchopo” (onomatopeia) (RP75F0-tchopo-1) (subseção 8.1.4). Essas ocorrências contrariam nossa hipótese de correlação entre as realizações africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ] e o aproximante palatal [j] (capítulo 2), mas corroboram nossa hipótese de que essas ocorrências se devem ao fato de [tʃ], nesse contexto, poder contrariar com suas contrapartes oclusiva plena [t] (representadas pela área de cor verde do gráfico 2) e africada alveolar [tʂ] (representada pela área de cor lilás do gráfico 2) (capítulo 2);
- h) como as africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ] estão restritas a sílabas com padrões fonológicos e fonéticos CV e CVC, não houve ocorrência de [tʃ] e/ou [dʒ] com pausa (representada por “pausa” no gráfico 2) no contexto seguinte;

- i) quando o aproximante palatal [j] (esperado) foi realizado (representado por “realizado” no gráfico 2) no contexto precedente (a exemplo de “coitada” [kɔj.ˈtʃa.dɐ] (IT78F0-coitada-1), subseção 8.1.5), as realizações africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ] (representadas pela área cor de abóbora do gráfico 2), embora predominem em 87% dos dados, não foram categóricas (quinta e última coluna da figura da direita do gráfico 2), coocorrendo com 9% de sua contraparte oclusivas plenas [t] e [d] (representadas pela área de cor verde do gráfico 2) e com 4% de sua contraparte africada alveolar [ts] (representada pela área de cor lilás do gráfico 2). Embora não sendo categórica nesse contexto fonético, essa constatação confirma nossa hipótese de correlação sistemática entre as realizações africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ] e o aproximante palatal [j] (esperado) (capítulo 2);
- j) quando o aproximante palatal [j] (esperado) foi realizado (representado por “realizado” no gráfico 2) no contexto seguinte (a exemplo de “remédio” [fĩ.ˈmɛ.dʒjʊ] (LA74F0-remédio-1)), as realizações africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ] (representadas pela área cor de abóbora do gráfico 2), embora predominem em 90% dos dados, não foram categóricas (quarta e última coluna da figura da direita do gráfico 2), coocorrendo com 10% de sua contraparte oclusivas plenas [t] e [d] (representadas pela área de cor verde do gráfico 2). Embora não sendo categórica nesse contexto fonético, essa constatação confirma nossa hipótese de correlação sistemática entre as realizações africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ] e o aproximante palatal [j] (esperado) (capítulo 2).

8.2.3 Distribuição do alvo quanto aos contextos adjacentes: vogal

Conforme informamos no início da seção 8.2, entre as variáveis independentes, o *software R* selecionou também:

b6) qualidade da vogal do contexto precedente à realização (africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ], africada alveolar [ts] e oclusivas plenas [t] e [d]): anterior, alta posterior, baixa, média-alta-anterior, pausa;

b7) qualidade da vogal do contexto seguinte à realização (africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ], africadas alveolares [tʂ] e [dʒ] e oclusivas plenas [t] e [d]): alta, baixa, média.

Conforme informamos na subseção 8.2.1, dos 1.115 (100%) itens lexicais que constituíram o *corpus* da pesquisa, as realizações africadas alveopalatais ([tʃ] e [dʒ]) ocorreram em:

a) apenas 4 itens lexicais nos quais nenhuma realização nuclear da vogal /i/ ou marginal (o aproximante [j]) é esperado na adjacência (subseções 8.1.1 “Tchá” (antropônimo/apelido) (JP82M0-Tchá-1), 7.1.2 “tchá” (onomatopeia) (IT72M0-tchá-1), 7.1.3 “tchou” (onomatopeia) (IT72M0-tchou-1) e 7.1.4 “tchopo” (onomatopeia) (IT72M0-tchopo-1));

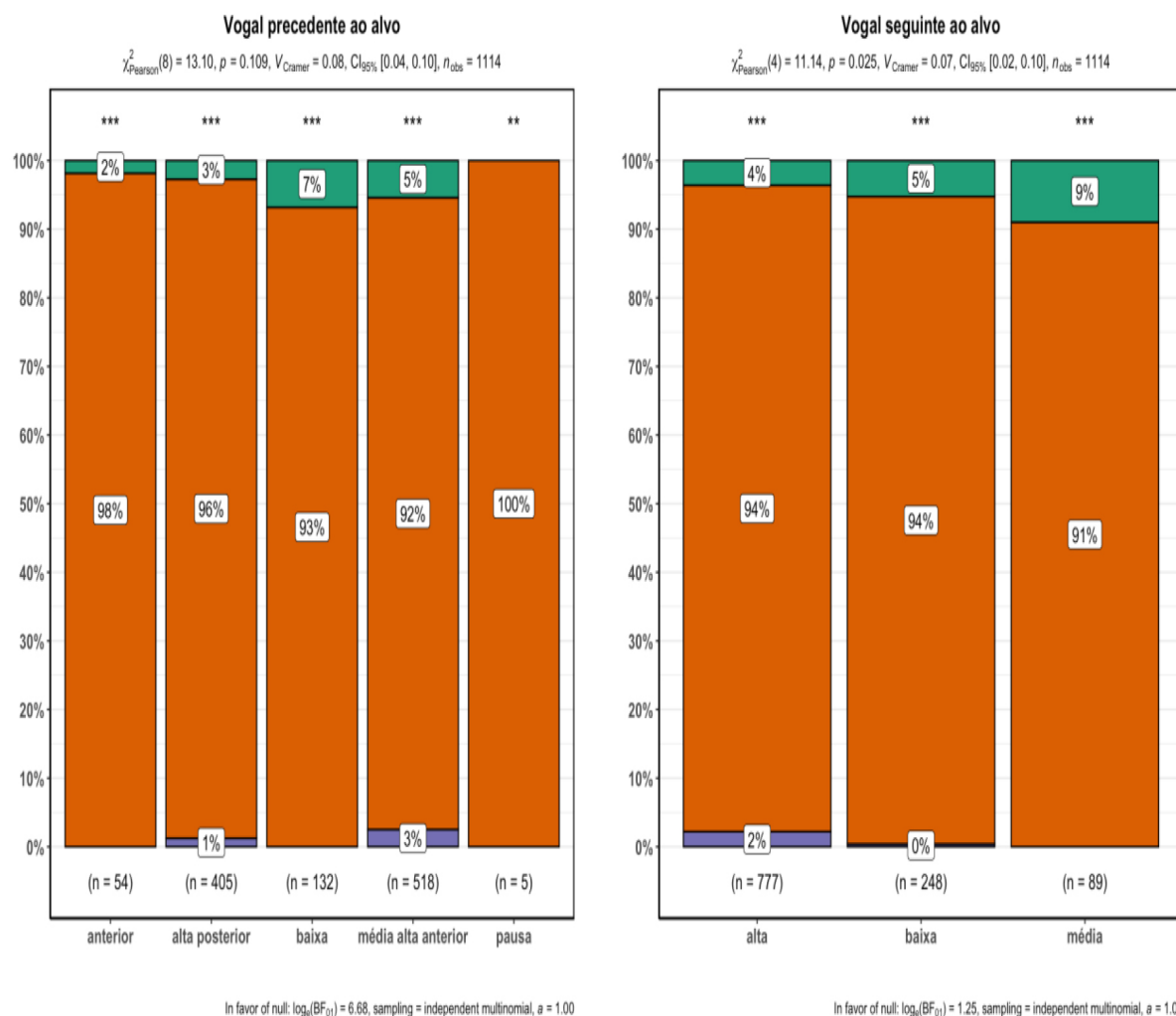
b) e apenas 3 itens lexicais nos quais a vogal nuclear /i/ tem realização nasalizada ([ĩ]) na sílaba tônica do contexto seguinte (subseção 8.1.12 “sitinho”-IT72M0-sitinho-3), constituindo o ditongo nasalizado [ĩw̃] do morfema diminutivo na variedade do PS pesquisada (a saber, “sitinho” ocorrências: 1, 2 e 3, IT72M0-sitinho-1, 2 e 3).

Todas as 1.041 realizações africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ] ocorreram em itens lexicais constituídos de ditongo dos tipos vogal+[j] e [j]+vogal (incluindo aqueles cuja ditongação pode ocorrer por inserção do aproximante palatal [j] epentético).

Não obstante os 1.041 itens lexicais restantes estarem constituídos de ditongo dos tipos vogal+[j] e [j]+vogal, com o [j] “realizado” ou “pagado” (incluindo aqueles cuja ditongação pode ocorrer por inserção do aproximante palatal [j] epentético), a distribuição do alvo quanto aos contextos adjacentes (vogal) que ilustramos no gráfico 3 corresponde não somente a todos os 7 itens lexicais (JP82M0-Tchá-1, IT72M0-tchá-1, IT72M0-tchou-1, IT72M0-tchopo-1 e IT72M0-sitinho-1, 2 e 3) não constituídos de ditongo dos tipos vogal+[j] e [j]+vogal (incluindo aqueles cuja ditongação pode ocorrer por inserção do aproximante palatal [j] epentético), mas também àqueles nos quais o aproximante palatal [j] esperado não se realizou: 508 “apagado” no contexto precedente (primeira coluna da figura da esquerda do gráfico 2) e 118 “apagado” no contexto seguinte (primeira coluna da figura da direita do gráfico 2). Nesses 626 itens lexicais nos quais o aproximante palatal [j] figurou como

“apagado” (total ou parcialmente), os contextos precedente e/ou seguinte estavam ocupados pela vogal resultante da monotongação. Disso decorre a distribuição do alvo quanto aos contextos adjacentes (vogal) do gráfico 3:

Gráfico 3 - Distribuição das formas alvo quanto aos contextos adjacentes: vogal.



Fonte: Elaborado por Antônio Félix de Souza Neto, com os recursos do *R studio (plot)* (2019).

O modelo de análise da distribuição das formas alvo correlacionadas aos contextos adjacentes – vogal – (do qual resulta o gráfico 3) teve os seguintes resultados: significância estatística com $p=0.109$, quando com vogal precedente ao alvo; e significância estatística com $p=0.025$, quando com vogal seguinte ao alvo. Dito de outro modo, os números referentes a vogal nos contextos precedente e/ou seguinte, no gráfico 3, não podem representar uma probabilidade estatística segura. Não obstante sua significância estatística, os resultados desse modelo podem explicar o fenômeno pesquisado.

Conforme demonstramos no gráfico 3, as realizações africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ] (representadas pela área cor de abóbora do gráfico 3) só foram categóricas depois de pausa (nos itens lexicais JP82M0-Tchá-1, IT72M0-tchá-1, IT72M0-tchou-1 e IT72M0-tchopo-1), mas predominaram em todos os demais contextos. Considerando que somente à pausa no contexto precedente (subseções 8.1.1 “Tchá” (antropônimo/apelido) (JP82M0-Tchá-1), 7.1.2 “tchá” (onomatopeia) (IT72M0-tchá-1), 7.1.3 “tchou” (onomatopeia) (IT72M0-tchou-1) e 7.1.4 “tchopo” (onomatopeia) (IT72M0-tchopo-1)) e aos itens lexicais não constituídos de ditongo dos tipos vogal+[j] e [j]+vogal (a exemplo de “sitinho” [sɪ.ˈtʃĩw] (IT72M0-sitinho-1, 2 e 3)) corresponde uma vogal nuclear no contexto seguinte, as demais vogais do gráfico 3 ou são monotongadas e representam o apagamento do aproximante palatal [j] – quer seja no contexto precedente (a exemplo de “feita” [ˈfɛ.tʃɐ] (IT78F0-feita-1), subseção 8.1.6), quer no seguinte (a exemplo de “remédio” [fĩ.ˈmɛ.dʒu] (GL02F0-remédio-8), subseção 8.1.15) – ou coocorrem com ditongo dos tipos vogal+[j] e [j]+vogal (incluindo aqueles cuja ditongação pode ocorrer por inserção do aproximante palatal [j] epentético) no contexto inverso (a exemplo de “intermédia” [ĩ.tɛfɪ.ˈmɛ.dʒjɐ] (UB72M0-intermédia-1) e “coitada” [koj.ˈtʃa.dɐ] (IT78F0-coitada-1), subseção 8.1.5). Disto decorrem nossas interpretações dos resultados do gráfico 3:

a) quando no contexto fonético precedente ocorreu uma vogal anterior – resultante de monotongação (a exemplo de “feita” [ˈfɛ.tʃɐ] (IT78F0-feita-1), subseção 8.1.6) ou não (a exemplo de “intermédia” [ĩ.tɛfɪ.ˈmɛ.dʒjɐ] (UB72M0-intermédia-1)) –, as realizações africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ] (representadas pela área cor de abóbora do gráfico 3) predominaram em 98% dos dados, coocorrendo com 2% das realizações oclusivas plenas [t] e [d] (representadas pela área de cor verde do gráfico 3);

b) quando no contexto fonético precedente ocorreu uma vogal alta posterior (ou sua contraparte aproximante [w]) – resultante de monotongação (a exemplo de “muita” [ˈmũ.tʃɐ] (LA71M0-2), subseção 8.1.7) ou não (a exemplo de “Cláudio” [ˈkrɔw.dʒju] (LG74F0-Cláudio-1)) –, as realizações africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ] (representadas pela área cor de abóbora do gráfico 3) predominaram em 96% dos dados, coocorrendo com 3% das

realizações oclusivas plenas [t] e [d] (representadas pela área de cor verde do gráfico 3) e com 1% da realização africada alveolar [ts] (representada pela área de cor lilás do gráfico 3);

c) quando no contexto fonético precedente ocorreu uma vogal baixa – resultante de monotongação (sem exemplo nos dados da pesquisa) ou não (a exemplo de “rádio” [ˈfia.dʒju] (JP82M0-rádio-1)) –, as realizações africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ] (representadas pela área cor de abóbora do gráfico 3) predominaram em 93% dos dados, coocorrendo com 7% das realizações oclusivas plenas [t] e [d] (representadas pela área de cor verde do gráfico 3);

d) quando no contexto fonético precedente ocorreu uma vogal média-alta anterior – resultante de monotongação (a exemplo de “feita” [ˈfe.tʃe] (IT78F0-feita-1), subseção 8.1.6) ou não (sem exemplo nos dados da pesquisa) –, as realizações africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ] (representadas pela área cor de abóbora do gráfico 3) predominaram em 92% dos dados, coocorrendo com 5% das realizações oclusivas plenas [t] e [d] (representadas pela área de cor verde do gráfico 3) e com 3% da realização africada alveolar [ts] (representada pela área de cor lilás do gráfico 3);

e) quando no contexto fonético precedente ocorreu uma pausa (subseções 8.1.1 “Tchá” (antropônimo/apelido) (JP82M0-Tchá-1), 8.1.2 “tchá” (onomatopeia) (IT72M0-tchá-1), 8.1.3 “tchou” (onomatopeia) (IT72M0-tchou-1) e 8.1.4 “tchopo” (onomatopeia) (IT72M0-tchopo-1)) –, as realizações africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ] (representadas pela área cor de abóbora do gráfico 3) foram categóricas ocorrendo em 100% dos dados;

f) quando no contexto fonético seguinte ocorreu uma vogal alta – resultante de monotongação (a exemplo de “sítio” [ˈsi.tʃu] (IT72M0-sítio-1), subseção 8.1.10) ou não (a exemplo de “oito” [ˈo.j.tʃu] (GL88M0-oito-3)) –, as realizações africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ] (representadas pela área cor de abóbora do gráfico 3) predominaram em 94% dos dados, coocorrendo com 4% das realizações oclusivas plenas [t] e [d] (representadas pela área de cor verde do gráfico 3) e com 2% da realização africada alveolar [ts] (representada pela área de cor lilás do gráfico 3);

g) quando no contexto fonético seguinte ocorreu uma vogal baixa – resultante de monotongação (a exemplo de “média” [ˈmɛ.dʒe] (MU78M0-média-1)) ou não (a exemplo de “feita” [ˈfe.tʃe] (IT78F0-feita-1), cf. subseção 8.1.6) –, as realizações africadas

alveopalatais [tʃ] e [dʒ] (representadas pela área cor de abóbora do gráfico 3) predominaram em 94% dos dados, coocorrendo com 5% das realizações oclusivas plenas [t] e [d] (representadas pela área de cor verde do gráfico 3) e com menos de 1% da realização africada alveolar [ts] (representada pela área de cor lilás do gráfico 3);

h) quando no contexto fonético seguinte ocorreu uma vogal média – resultante de monotongação (a exemplo de “mandioca” [mã. 'dʒɔ.kɐ] (MU78M0-mandioca-3)) ou não (a exemplo de “oitenta” [oj. 'tʃẽ.tɐ] (RP83M0-oitenta-1)) –, as realizações africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ] (representadas pela área cor de abóbora do gráfico 3) predominaram em 91% dos dados, coocorrendo com 9% das realizações oclusivas plenas [t] e [d] (representadas pela área de cor verde do gráfico 3).

Esses resultados asseguram que não é a qualidade da vogal precedente ou seguinte – quer resultante de monotongação, quer não – que promove (ou inibe) as realizações africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ], pois, em todos os ambientes fonéticos nos quais se encontravam precedendo ou seguindo um segmento vocálico (quer resultante de monotongação, quer não), as realizações africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ] predominaram em mais de 90% dos dados da pesquisa.

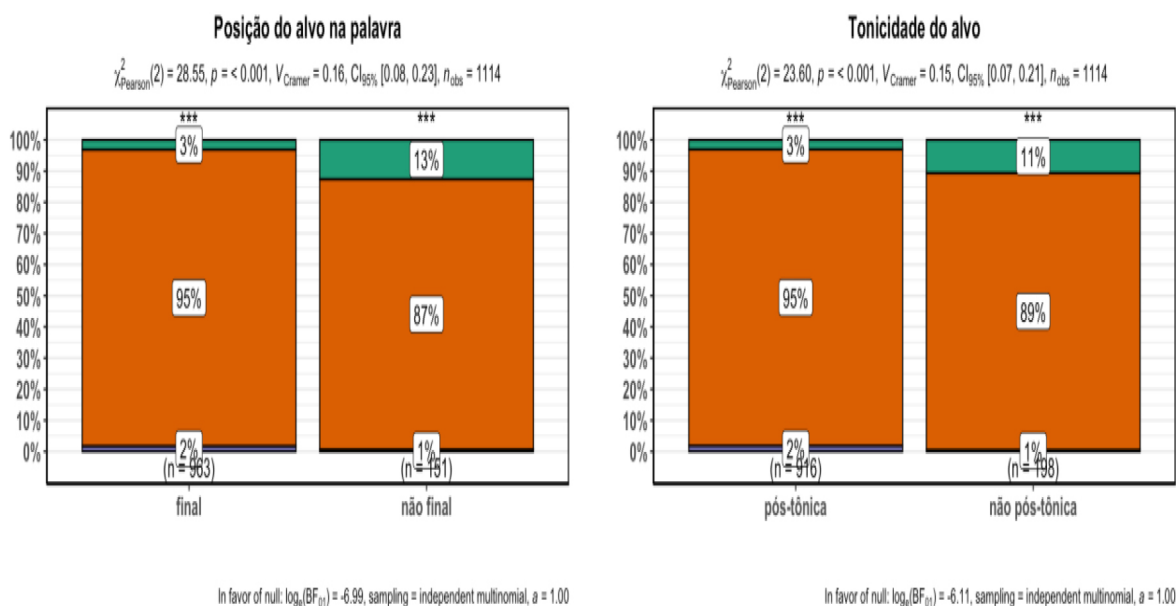
8.2.4 Distribuição do alvo quanto aos contextos linguísticos: número de sílabas da palavra e posição da sílaba na palavra

Conforme informamos no início da seção 8.2, entre as variáveis independentes, o *software R* selecionou também:

- b4) posição da sílaba em que a realização (africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ], africada alveolar [ts] ou oclusivas plenas [t] e [d]) ocorre: final, não-final;
- b5) tonicidade da sílaba em que a realização (africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ], africadas alveolares [ts] e [dz] e oclusivas plenas [t] e [d]) ocorre: pós-tônica, não-pós-tônica.

Da combinação dessas variáveis com seus respectivos fatores decorre a distribuição do alvo quanto aos contextos linguísticos (“posição do alvo na palavra” e “tonicidade do alvo”) ilustrada no gráfico 4:

Gráfico 4 - Distribuição das formas alvo quanto aos contextos linguísticos: posição do alvo na palavra, tonicidade do alvo.



Fonte: Elaborado por Antônio Félix de Souza Neto, com os recursos do *R studio (plot)* (2019).

O modelo de análise da distribuição das formas alvo correlacionadas aos contextos linguísticos – posição do alvo na palavra; tonicidade do alvo – (do qual resulta o gráfico 4) teve significância estatística com $p < 0.001$. Dito de outro modo, os números referentes a posição do alvo na palavra e a tonicidade do alvo, no gráfico 4, devem representar uma probabilidade estatística segura.

Conforme demonstramos no gráfico 4, considerando as variáveis “posição do alvo na palavra” e “tonicidade do alvo”, as realizações africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ] (representadas pela área cor de abóbora do gráfico 4) não foram categóricas em nenhum contexto, mas predominaram com percentual igual ou acima de 87% em todos eles. Dos fatores (inicial, medial e final) da variável posição do alvo na palavra, o modelo estatístico apontou como de relevância (significância) somente 2 (representados por “final” e “não-final” no gráfico 4). Dos fatores (pré-tônica, tônica e pós-tônica) da variável tonicidade do alvo,

modelo estatístico apontou como de relevância (significância) somente 2 (representados por “pós-tônica” e “não pós-tônica” no gráfico 4). Disto decorrem nossas interpretações dos resultados do gráfico 4:

- a) quando em sílaba final (representada por “final” no gráfico 4) (coluna à direita da parte esquerda do gráfico 4) (a exemplo de “feita” [ˈfɛ.tʃɐ] (IT78F0-feita-1), subseção 8.1.6), as realizações africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ] (representadas pela área cor de abóbora do gráfico 4) predominaram em 95% dos dados, coocorrendo com 3% das realizações oclusivas plenas [t] e [d] (representadas pela área de cor verde do gráfico 4) e com 2% da realização africada alveolar [tʃ] (representada pela área de cor lilás do gráfico 4);
- b) quando em sílaba inicial ou medial (representada por “não-final” no gráfico 4) (coluna à direita da parte esquerda do gráfico 4) (a exemplo de “tchopo” [ˈtʃo.pu] (onomatopeia) (RP75F0-tchopo-1), subseção 8.1.4) e “coitada” [ko.j.ˈtʃa.dɐ] (IT78F0-coitada-1), subseção 8.1.5), as realizações africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ] (representadas pela área cor de abóbora do gráfico 4) predominaram em aproximadamente 87% dos dados, coocorrendo com aproximadamente 13% das realizações oclusivas plenas [t] e [d] (representadas pela área de cor verde do gráfico 4) e com aproximadamente 2% da realização africada alveolar [tʃ] (representada pela área de cor lilás do gráfico 4);
- c) quando em sílaba pós-tônica (representada por “pós-tônica” no gráfico 4) (coluna à esquerda da parte direita do gráfico 4) (a exemplo de “intermédia” [ĩ.tɛ̃.ˈmɛ.dʒjɐ] (UB72M0-intermédia-1)), as realizações africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ] (representadas pela área cor de abóbora do gráfico 4) predominaram em aproximadamente 95% dos dados, coocorrendo com aproximadamente 3% das realizações oclusivas plenas [t] e [d] (representadas pela área de cor verde do gráfico 4) e com aproximadamente 2% da realização africada alveolar [tʃ] (representada pela área de cor lilás do gráfico 4);
- d) quando em sílaba pré-tônica ou tônica (representada por “não pós-tônica” no gráfico 4) (coluna à direita da parte direita do gráfico 4) (a exemplo de “deitadinho” [de.j.tʃja.ˈdĩw̃] (MU72F0-deitadinho-1) e “mandioca” [mã.ˈdʒo.kɐ] (MU78M0-

mandioca-3)), as realizações africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ] (representadas pela área cor de abóbora do gráfico 4) predominaram em aproximadamente 89% dos dados, coocorrendo com aproximadamente 11% das realizações oclusivas plenas [t] e [d] (representadas pela área de cor verde do gráfico 4) e com aproximadamente 1% da realização africada alveolar [tʂ] (representada pela área de cor lilás do gráfico 4).

Esses resultados asseguram que:

- a) ou essas variáveis (“posição do alvo na palavra” e “tonicidade do alvo”) favorecem as realizações africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ]; ou
- b) nenhuma dessas variáveis (“posição do alvo na palavra” e “tonicidade do alvo”) interfere nas realizações africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ];

pois, considerando essas variáveis, as realizações africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ] predominaram com percentual igual ou acima de 87% dos dados da pesquisa.

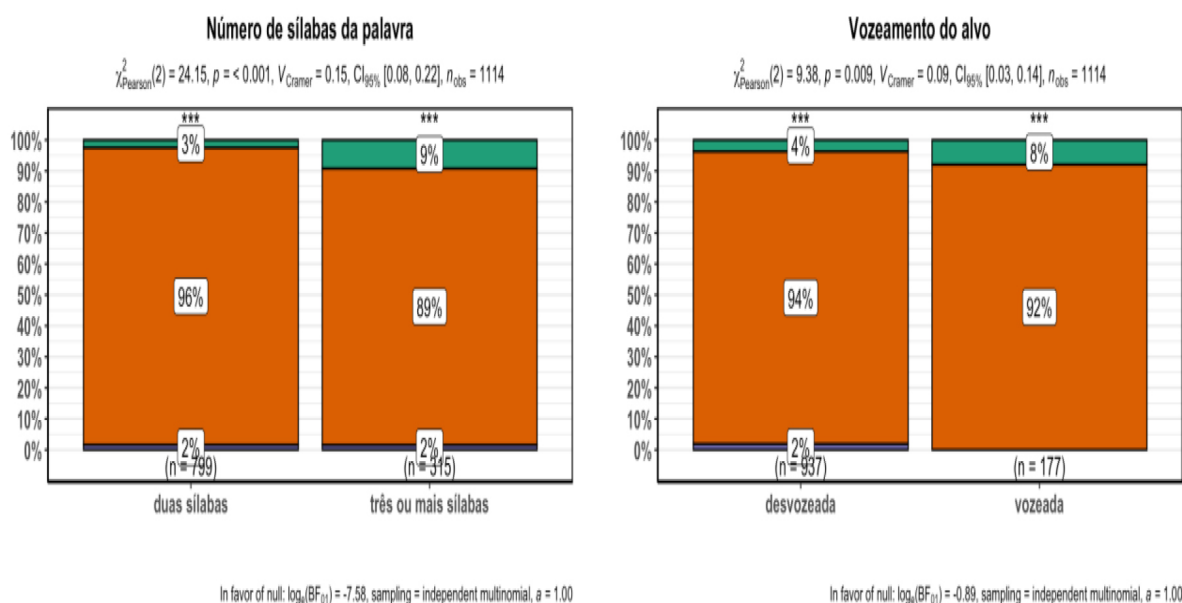
8.2.5 Distribuição do alvo quanto aos contextos linguísticos: tonicidade da sílaba e vozeamento da realização

Conforme informamos no início da seção 8.2, entre as variáveis independentes, o *software R* selecionou também:

- b3) número de sílabas da palavra: duas, três, mais;
- b13) vozeamento da realização: desvozeadas [tʃ], [tʂ], [t]; vozeadas [dʒ], [d].

Da combinação dessas variáveis com seus respectivos fatores decorre a distribuição do alvo quanto aos contextos linguísticos (“número de sílabas da palavra” e “vozeamento do alvo”) ilustrada no gráfico 5:

Gráfico 5 - Distribuição das formas alvo quanto aos contextos linguísticos: número de sílabas da palavra, vozeamento do alvo.



Fonte: Elaborado por Antônio Félix de Souza Neto, com os recursos do *R studio (plot)* (2019).

O modelo de análise da distribuição das formas alvo correlacionadas aos contextos linguísticos – número de sílabas da palavra; vozeamento do alvo – (do qual resulta o gráfico 5) teve significância estatística com $p < 0.001$, quando considerado o número de sílabas da palavra; e significância estatística com $p = 0.009$, quando considerado o vozeamento do alvo. Dito de outro modo, os números referentes a número de sílabas da palavra devem representar uma probabilidade estatística segura, ao passo que os números referentes a vozeamento do alvo não podem representar uma probabilidade estatística segura. Não obstante sua significância estatística, os resultados desse modelo podem explicar o fenômeno pesquisado.

Conforme demonstramos no gráfico 5, considerando as variáveis “número de sílabas da palavra” e “vozeamento do alvo”, as realizações africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ] (representadas pela área cor de abóbora do gráfico 5) não foram categóricas em nenhum contexto, mas predominaram com percentual igual ou acima de 89% em todos eles. Como no *corpus* da pesquisa havia somente 3 itens lexicais monossilábicos (a saber JP82M0-Tchá-1, IT72M0-tchá-1 e IT72M0-tchou-1), todos os outros eram dissilábicos, trissilábicos ou polissilábicos (representadas por “duas sílabas” e “três ou mais sílabas” no gráfico 5). O modelo estatístico apontou como relevantes (significantes) os 2 fatores da variável

vozeamento (representados por “vozeado” e “desvozeado” no gráfico 5). Disto decorrem nossas interpretações dos resultados do gráfico 5:

a) quando em item lexical dissilábico (representado por “duas sílabas” no gráfico 5) (coluna à esquerda da parte esquerda do gráfico 5) (a exemplo de “feita” [ˈfɛ.tʃɐ] (IT78F0-feita-1), subseção 8.1.6), as realizações africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ] (representadas pela área cor de abóbora do gráfico 5) predominaram em aproximadamente 96% dos dados, coocorrendo com aproximadamente 3% das realizações oclusivas plenas [t] e [d] (representadas pela área de cor verde do gráfico 5) e com aproximadamente 2% da realização africada alveolar [tʃ] (representada pela área de cor lilás do gráfico 5);

b) quando em item lexical trissilábico ou polissilábico (representado por “três ou mais sílabas” no gráfico 5) (coluna à direita da parte esquerda inferior do gráfico 5) (a exemplo de [ko.j.ˈtʃa.dɐ] (IT78F0-coitada-1), subseção 8.1.5) e “intermédia” [ĩ.tɛ̃.ˈmɛ.dʒɐ] (UB72M0-intermédia-1)), as realizações africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ] (representadas pela área cor de abóbora do gráfico 5) predominaram em 89% dos dados, coocorrendo com 9% das realizações oclusivas plenas [t] e [d] (representadas pela área de cor verde do gráfico 5) e com 2% da realização africada alveolar [tʃ] (representada pela área de cor lilás do gráfico 5);

c) quando o alvo foi a oclusiva desvozeada /t/ (representada por “desvozeada” no gráfico 5) (coluna à esquerda da parte direita do gráfico 5) (a exemplo de “oito” [ˈoj.tʃu] (GL88M0-oito-3)), a realização africada alveopalatais [tʃ] (representada pela área cor de abóbora do gráfico 5) predominou em 94% dos dados, coocorrendo com 4% da realização oclusiva plena [t] (representada pela área de cor verde do gráfico 5) e com 2% da realização africada alveolar [tʃ] (representada pela área de cor lilás do gráfico 5);

d) quando o alvo foi a oclusiva vozeada /d/ (representada por “vozeada” no gráfico 5) (coluna à direita da parte direita inferior do gráfico 5) (a exemplo de “doido” [ˈdoj.dʒɐ] (RP75F0-doida-1)), as realizações africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ] (representadas pela área cor de abóbora do gráfico 5) predominaram em 92% dos dados, coocorrendo com 8% da realização oclusiva plena [d] (representada pela área de cor verde do gráfico 5).

Esses resultados asseguram que:

e) ou essas variáveis (“número de sílabas da palavra” e “vozeamento do alvo”) favorecem as realizações africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ]; ou

f) nenhuma dessas variáveis (“número de sílabas da palavra” e “vozeamento do alvo”) interfere nas realizações africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ];

pois, considerando todas essas variáveis, as realizações africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ] predominaram com percentual igual ou acima de 89% dos dados da pesquisa.

8.2.6 Distribuição do alvo quanto aos contextos adjacentes: nasalidade

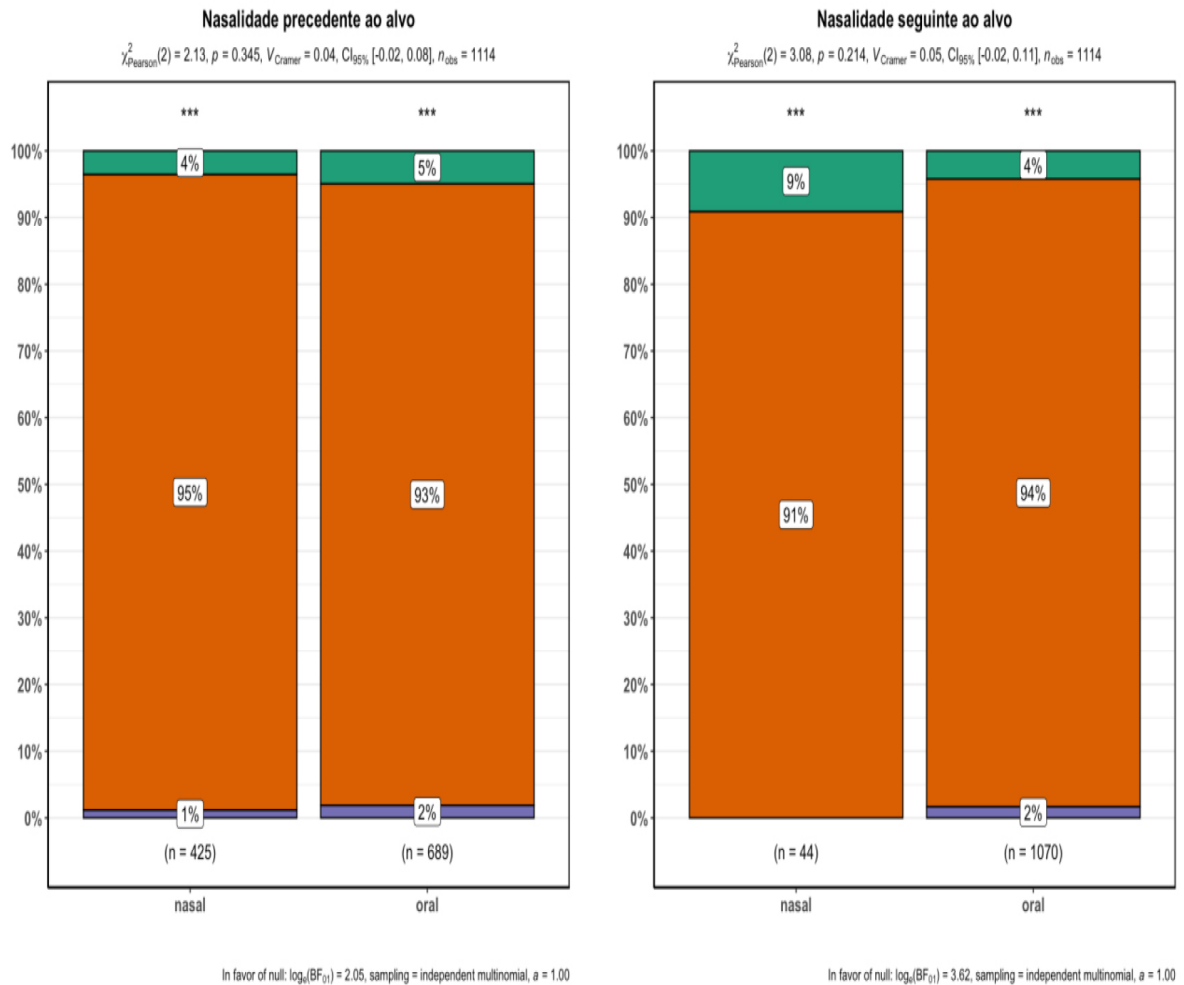
Conforme informamos no início da seção 8.2, entre as variáveis independentes, o *software R* selecionou também a nasalidade dos contextos precedente e seguinte, sendo os fatores tal como segue:

b10) nasalidade do contexto precedente: oral, nasal;

b11) nasalidade do contexto seguinte: oral, nasal;

Da complementaridade dessa variável com seus respectivos fatores decorre a distribuição do alvo quanto aos contextos linguísticos (nasalidade) ilustrada no gráfico 6:

Gráfico 6 - Distribuição do alvo quanto aos contextos linguísticos: nasalidade.



Fonte: Elaborado por Antônio Félix de Souza Neto, com os recursos do *R studio (plot)* (2019).

O modelo de análise da distribuição das formas alvo correlacionadas aos contextos adjacentes – nasalidade – (do qual resulta o gráfico 6) teve o seguintes resultados: significância estatística com $p=0.345$, quando com nasalidade precedente ao alvo; e significância estatística com $p=0.345$, quando com nasalidade seguinte ao alvo. Dito de outro modo, os números referentes a nasalidade no contexto adajacente não podem representar uma probabilidade estatística segura. Não obstante sua significância estatística, os resultados desse modelo podem explicar o fenômeno pesquisado.

Conforme demonstramos no gráfico 6, considerando a variável “nasalidade” do contexto adjacente (precedente e/ou seguinte), as realizações africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ] (representadas pela área cor de abóbora do gráfico 6) não foram categóricas em nenhum

contexto, mas predominaram com percentual igual ou acima de 91% em todos eles. No *corpus* da pesquisa, a nasalidade do contexto precedente coincidiu sempre com uma vogal nuclear nasalizada ou com um aproximante palatal nasalizado ([j̃]) de um ditongo do tipo vogal+[j], ao passo que a nasalidade do contexto seguinte coincidiu sempre com uma vogal nasalizada – inclusive o constituinte [ĩ] do ditongo [ĩw̃] (morfema diminutivo na variedade do PS pesquisada). Disto decorrem nossas interpretações dos resultados do gráfico 6:

a) quando precedidas de segmento nasalizado (representado por “nasal” no gráfico 6) (coluna à esquerda da parte esquerda do gráfico 6) (a exemplo de “mandioca” [mã. 'dʒɔ.kɐ] (MU78M0-mandioca-3) e “mandioca” [mãj̃. 'dʒɔ.kɐ] (RP75F0-mandioca-1), subseção 8.1.6), as realizações africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ] (representadas pela área cor de abóbora do gráfico 6) predominaram em 95% dos dados, coocorrendo com 4% das realizações oclusivas plenas [t] e [d] (representadas pela área de cor verde do gráfico 6) e com 1% da realização africada alveolar [ts] (representada pela área de cor lilás do gráfico 6);

b) quando precedidas de segmento oral (representado por “oral” no gráfico 5) (cf. coluna à direita da parte esquerda do gráfico 6) (a exemplo de “doido” ['do.j.dʒɐ] (RP75F0-doida-1)), as realizações africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ] (representadas pela área cor de abóbora do gráfico 6) predominaram em 93% dos dados, coocorrendo com aproximadamente 5% das realizações oclusivas plenas [t] e [d] (representadas pela área de cor verde do gráfico 6) e com aproximadamente 2% da realização africada alveolar [ts] (representada pela área de cor lilás do gráfico 6);

c) quando seguidas de segmento nasalizado (representado por “nasal” no gráfico 6) (coluna à direita da parte direita do gráfico 6) (a exemplo de “oitenta” [o.j. 'tʃẽ.tɐ] (RP83M0-oitenta-1) e “sitinho” [si. 'tʃĩw̃] (IT72M0-sitinho-1, 2 e 3)), as realizações africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ] (representadas pela área cor de abóbora do gráfico 5) predominaram em 91% dos dados, coocorrendo com 4% das realizações oclusivas plenas [t] e [d] (representadas pela área de cor verde do gráfico 6);

d) quando seguidas de segmento oral (representado por “oral” no gráfico 6) (coluna à direita da parte direita do gráfico 6) (a exemplo de “doido” ['do.j.dʒɐ] (RP75F0-doida-1)), as realizações africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ] (representadas pela área cor de abóbora do gráfico 6) predominaram em 94% dos dados, coocorrendo com aproximadamente

4% das realizações oclusivas plenas [t] e [d] (representadas pela área de cor verde do gráfico 6) e com aproximadamente 2% da realização africada alveolar [tʃ] (representada pela área de cor lilás do gráfico 6).

Esses resultados asseguram que:

- a) ou a variável nasalidade (nos contextos precedente e seguinte) favorece as realizações africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ]; ou
- b) a variável nasalidade (nos contextos precedente e seguinte) não interfere nas realizações africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ];

pois, considerando a variável nasalidade (nos contextos precedente e seguinte), as realizações africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ] predominaram com percentual igual ou acima de 91% dos dados da pesquisa.

8.2.7 Tempo médio de duração das realizações [t] e [d], [tʃ] e [dʒ]

Conforme informamos no início da seção 8.2, entre as variáveis independentes, o *software R* selecionou também o tempo médio de duração das realizações [t] e [d], [tʃ] e [dʒ], sendo os fatores dessa variável os seguintes:

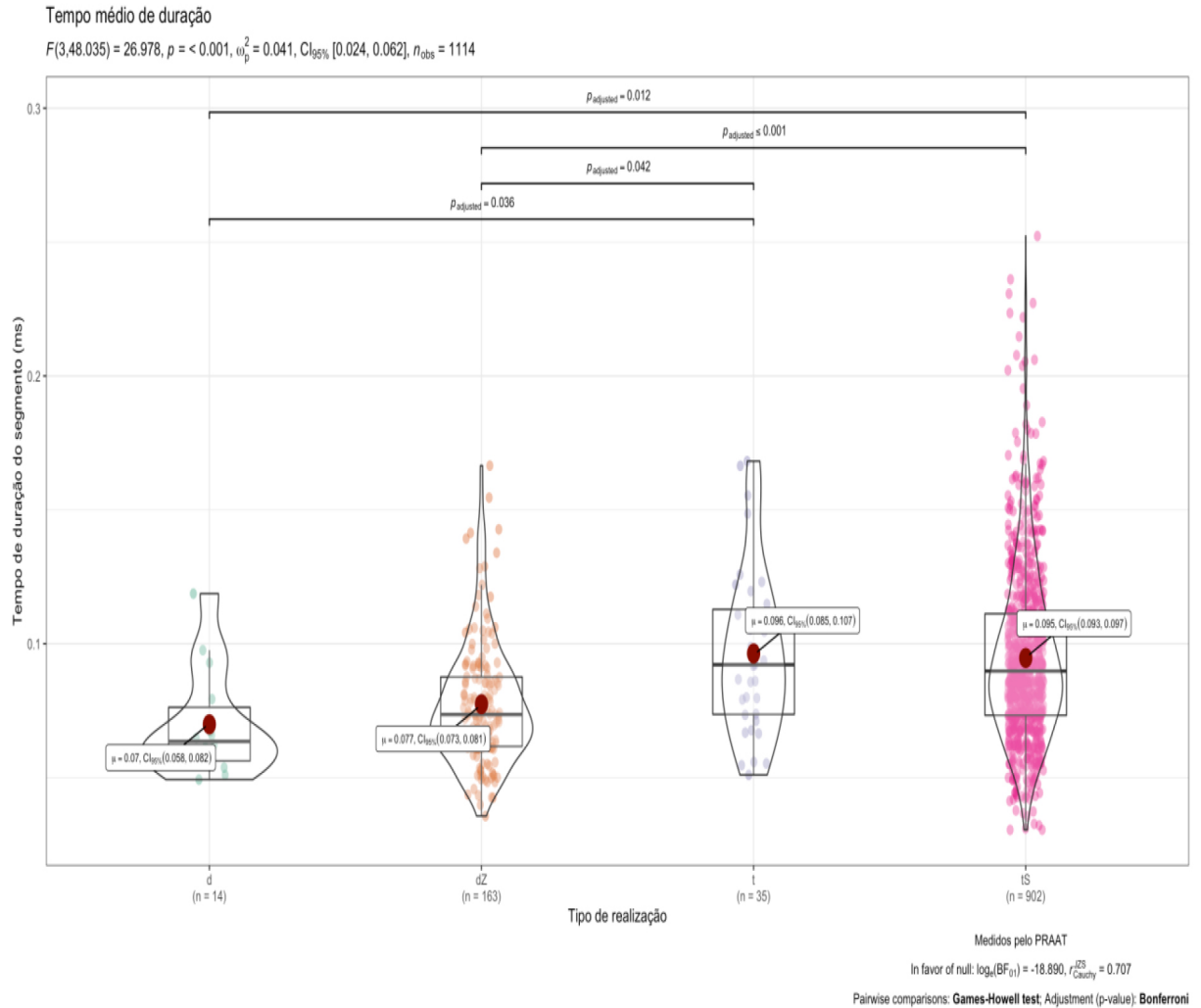
b12.1) tempo médio de duração da realização no contexto precedente: “t” equivale a [t], “tS” equivale a [tʃ]; “d” equivale a [d], “dZ” equivale a [dʒ];

b12.2) tempo médio de duração da realização no contexto seguinte: “t” equivale a [t], “tS” equivale a [tʃ]; “d” equivale a [d], “dZ” equivale a [dʒ].

Conforme informamos em Nossas Hipóteses (cf. capítulo 2), a variável tempo médio de duração das realizações [t] e [d], [tʃ] e [dʒ] teve por finalidade a testagem da hipótese do alongamento compensatório das realizações africadas alveopalatais, em contextos em que houve apagamento do segmento aproximante palatal [j] adjacente. Para tanto, primeiramente medimos as durações de [t] e [d], [tʃ] e [dʒ] em todos os contextos (investigados) de sua ocorrência nos dados da pesquisa. Da medição dessa variável com seus respectivos fatores

decorre o tempo médio de duração das realizações [t] e [d], [t̥] e [d̥] ilustrado no gráfico 7:

Gráfico 7 - Tempo médio de duração das realizações [t] e [d], [t̥] e [d̥].



Fonte: Elaborado por Antônio Félix de Souza Neto, com os recursos do *R studio (plot)* (2019).

O modelo de análise do tempo médio de realização de [t], [d]; [t̥] e [d̥] (do qual resulta o gráfico 7) teve significância estatística com $p < 0.001$. Dito de outro modo, os números referentes a tempo médio de realização de [t], [d]; [t̥] e [d̥] devem representar uma probabilidade estatística segura.

Conforme demonstramos no gráfico 7, há uma gradação no tempo médio de duração das realizações vozeadas [d] e [d̥] relativamente às realizações desvozeadas [t] e [t̥]. Essa

gradação já é previsível na literatura da Fonética Acústica (KENT e READ, 2015; BARBOSA e MADUREIRA, 2015). Disto decorrem nossas interpretações dos resultados do gráfico 7:

- a) considerando o contexto precedente, a realização oclusiva alveolar vozeada [d] (representada por “d” no gráfico 7) teve duração média de 0.058 segundos;
- b) considerando o contexto seguinte, a realização oclusiva alveolar vozeada [d] (representada por “d” no gráfico 7) teve duração média de 0.082 segundos;
- c) considerando o contexto precedente, a realização africada alveopalatal vozeada [dʒ] (representada por “dZ” no gráfico 7) teve duração média de 0.073 segundos;
- d) considerando o contexto seguinte, a realização africada alveopalatal vozeada [dʒ] (representada por “dZ” no gráfico 7) teve duração média de 0.081 segundos;
- e) considerando o contexto precedente, a realização oclusiva alveolar desvozeada [t] (representada por “t” no gráfico 7) teve duração média de 0.085 segundos;
- f) considerando o contexto seguinte, a realização oclusiva alveolar desvozeada [t] (representada por “t” no gráfico 7) teve duração média de 0.107 segundos;
- g) considerando o contexto precedente, a realização africada alveopalatal desvozeada [tʃ] (representada por “tS” no gráfico 7) teve duração média de 0.093 segundos;
- h) considerando o contexto seguinte, a realização africada alveopalatal desvozeada [tʃ] (representada por “tS” no gráfico 7) teve duração média de 0.097 segundos.

Embora não permitam tirar conclusões, esses resultados serviram para serem comparados a resultados das análises acústicas dos tempos médios de duração da realização africada alveolar ([tʃ]) e da conjugação das realizações oclusivas alveolares ([t] e [d]) assim como das africadas alveopalatais ([tʃ] e [dʒ]) (subseção 8.2.7).

8.2.8 Tempo médio de duração das realizações: “oclusivas alveolares”, “africadas alveolares” e “africadas alveopalatais”

Nos testes de relevância (significância) estatística das variáveis independentes, o *software R* selecionou as conjunções de fatores tal como segue:

- a) tempo médio de duração das realizações oclusivas alveolares ([t] e [d]) nos contextos precedente e seguinte (representadas por “oclusivalveolar” no gráfico 8)

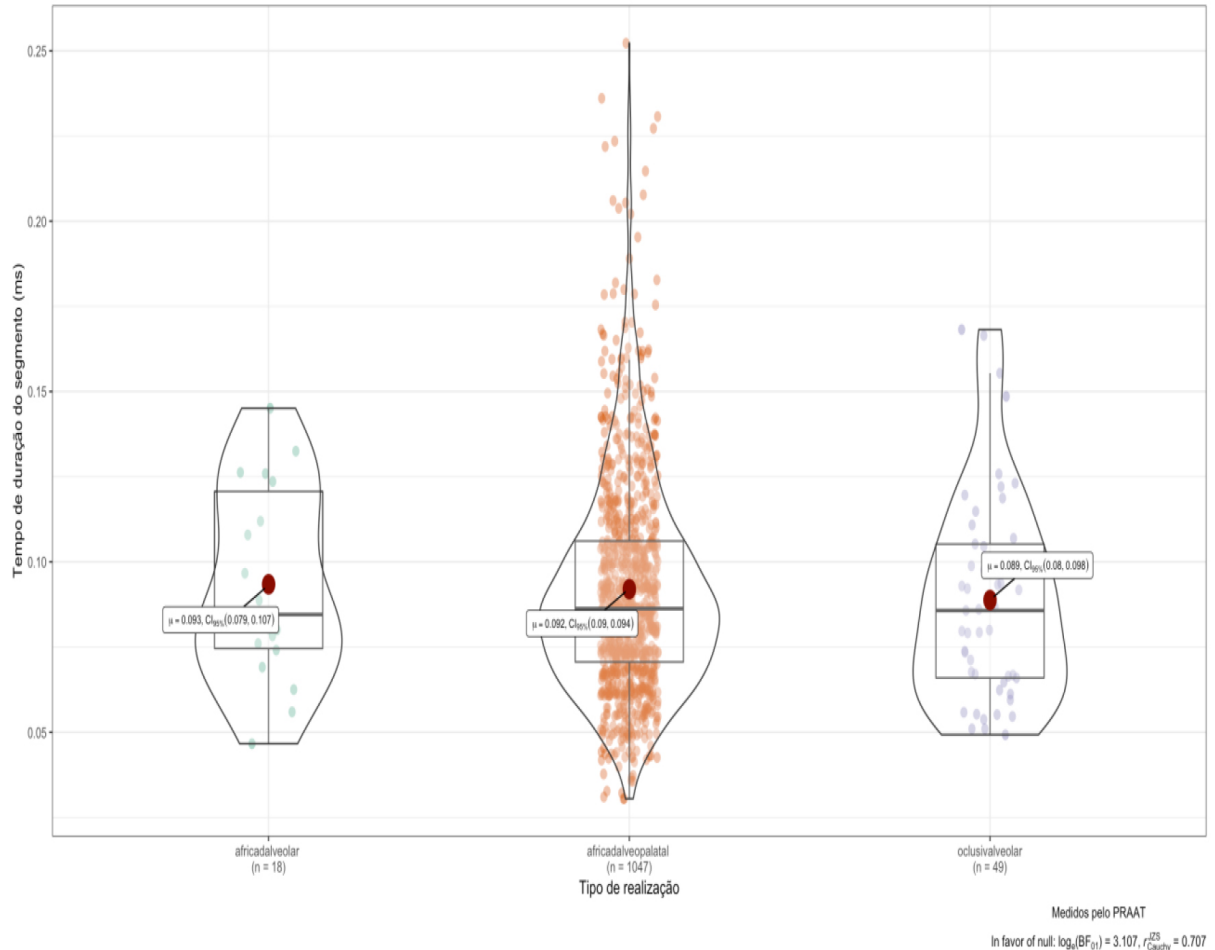
- b) tempo médio de duração da realização africada alveolar ([tʃ]) nos contextos precedente e seguinte (representada por “africadalveolar” no gráfico 8)
- c) tempo médio de duração das realizações africadas alveopalatais ([tʃ] e [dʒ]) nos contextos precedente e seguinte (representadas por “africadalveopalatal” no gráfico 8).

De modo semelhante ao que fizemos na subseção 8.2.6, justificamos o teste da variável tempo médio de duração da realização africada alveolar ([tʃ]) e da conjugação das realizações oclusivas alveolares ([t] e [d]) assim como das africadas alveopalatais ([tʃ] e [dʒ]) nos contextos precedente e seguinte com a finalidade de testar a hipótese do alongamento compensatório das realizações africadas alveopalatais (cf. capítulo 2), em contextos em que houve apagamento do segmento aproximante palatal [j] adjacente. Para tanto, medimos as durações da realização africada alveolar ([tʃ]) e a conjugação das realizações oclusivas alveolares ([t] e [d]) assim como as africadas alveopalatais ([tʃ] e [dʒ]) em todos os contextos (investigados) de sua ocorrência nos dados da pesquisa. Da medição dessa variável com seus respectivos fatores decorre o tempo médio de duração da realização africada alveolar ([tʃ]) e a conjugação das realizações oclusivas alveolares ([t] e [d]) assim como as africadas alveopalatais ([tʃ] e [dʒ]) ilustrado no gráfico 8:

Gráfico 8 - Tempo médio de duração da realização africada alveolar ([tʃ]) e a conjugação das realizações oclusivas alveolares ([t] e [d]) assim como as africadas alveopalatais ([tʃ] e [dʒ]).

Tempo médio de duração

$F(2,35.310) = 0.276, p = 0.760, \omega_p^2 = -0.001, CI_{95\%} [-0.005, 0.006], n_{obs} = 1114$



Fonte: Elaborado por Antônio Félix de Souza Neto, com os recursos do *R studio (plot)* (2019).

O modelo de análise do tempo médio de duração da realização africada alveolar ([tʃ]) e a conjugação das realizações oclusivas alveolares ([t] e [d]) assim como as africadas alveopalatais ([tʃ] e [dʒ]) (do qual resulta o gráfico 8) teve significância estatística com $p=0.760$. Dito de outro modo, os números referentes a tempo médio de duração da realização africada alveolar ([tʃ]) e a conjugação das realizações oclusivas alveolares ([t] e [d]) assim como as africadas alveopalatais ([tʃ] e [dʒ]) não podem representar uma probabilidade estatística segura. Não obstante sua significância estatística, os resultados desse modelo podem explicar o fenômeno pesquisado.

Conforme demonstramos no gráfico 8, considerando os contextos precedente e seguinte, há uma gradação no tempo médio de duração das realizações investigadas na seguinte direção: africada alveolar ([ts]) (representada por “africadalveolar” no gráfico 8) – oclusivas alveolares ([t] e [d]) (representadas por “oclusivalveolar” no gráfico 8) – africadas alveopalatais ([tʃ] e [dʒ]) (representadas por “africadalveopalatal” no gráfico 8). Disto decorrem nossas interpretações dos resultados do gráfico 8:

- a) considerando o contexto precedente, a realização africada alveolar ([ts]) (representada por “africadalveolar” no gráfico 8) teve duração média de 0.079 segundos;
- b) considerando o contexto seguinte, a realização africada alveolar ([ts]) (representada por “africadalveolar” no gráfico 8) teve duração média de 0.107 segundos;
- c) considerando o contexto precedente, as realizações africadas alveopalatais ([tʃ] e [dʒ]) (representadas por “africadalveopalatal” no gráfico 8) tiveram duração média de 0.09 segundos;
- d) considerando o contexto seguinte, as realizações africadas alveopalatais ([tʃ] e [dʒ]) (representadas por “africadalveopalatal” no gráfico 8) tiveram duração média de 0.094 segundos;
- e) considerando o contexto precedente, as realizações oclusivas alveolares ([t] e [d]) (representadas por “oclusivalveolar” no gráfico 8) tiveram duração média de 0.08 segundos;
- f) considerando o contexto seguinte, as realizações oclusivas alveolares ([t] e [d]) (representadas por “oclusivalveolar” no gráfico 8) tiveram duração média de 0.098 segundos.

Embora sejamos tentados a interpretá-los como contrariando nossa hipótese do alongamento compensatório das realizações africadas alveopalatais ([tʃ] e [dʒ]) – posto que estas derivam de /t/ e /d/ (capítulo 2) –, esses resultados não refletem nossa hipótese da correlação do apagamento do aproximante palatal [j] adjacente (esperado) com as africadas alveopalatais ([tʃ] e [dʒ]) (capítulo 2). Não obstante, decore desses resultados uma pergunta inusitada e intrigante, qual seja: considerando o contexto seguinte, por que as realizações oclusivas alveolares ([t] e [d]) tiveram duração média maior (0.98) do que sua contraparte

africadas alveopalatais ([tʃ] e [dʒ]) (0.94)? Embora não sendo do escopo desta tese, apresentamos uma proposta de interpretação para isto nas subseções 8.2.8 e 8.2.9.

8.2.9 Tempo médio de duração das realizações africadas alveopalatais ([tʃ] e [dʒ]) em função do aproximante palatal [j] no contexto precedente

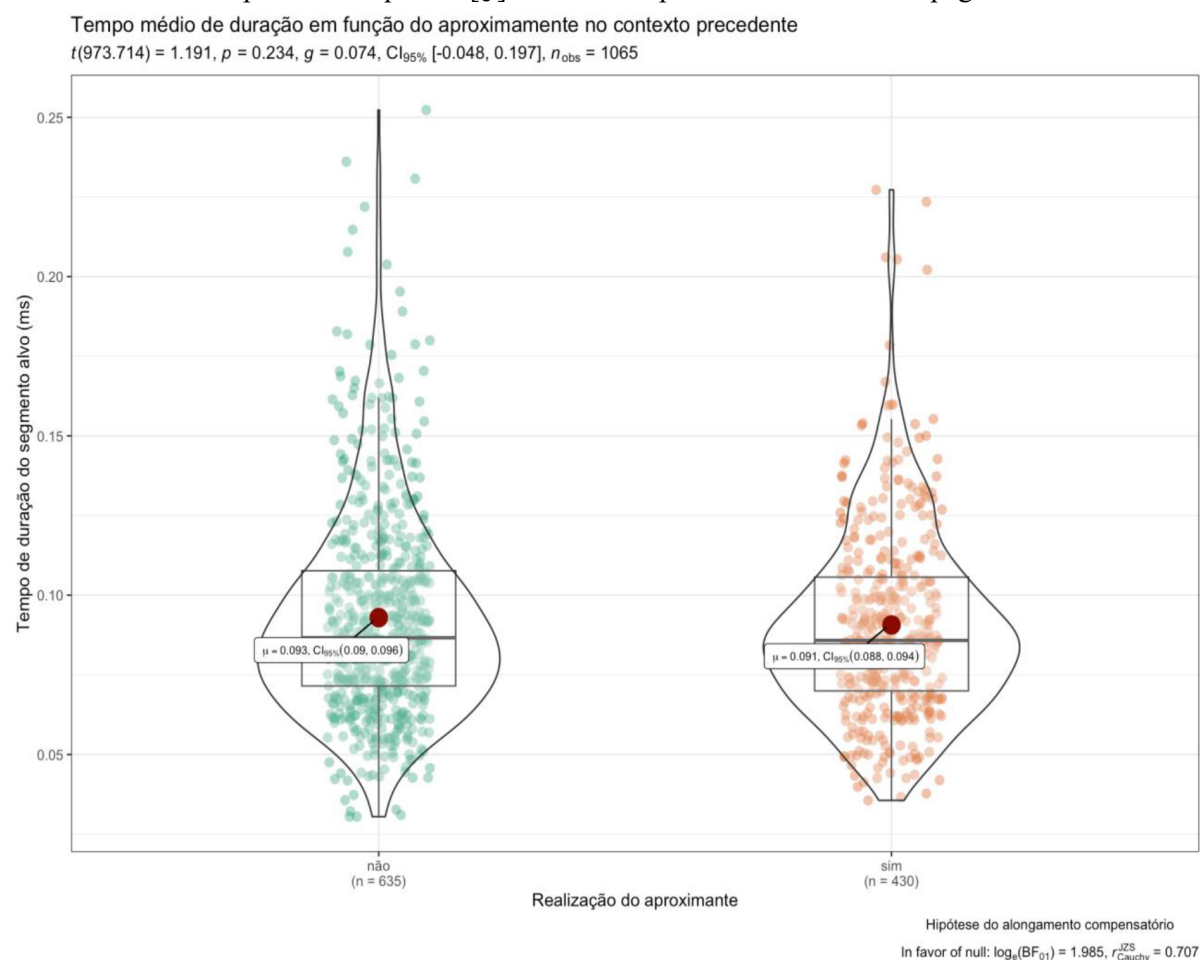
Conforme informamos no início da seção 8.2, entre as variáveis independentes, o *software R* selecionou também o tempo médio de duração das realizações africadas alveopalatais ([tʃ] e [dʒ]) em função do aproximante no contexto precedente, sendo os fatores dessa variável os seguintes:

b12.3) tempo médio de duração da realização das africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ], em função da realização/apagamento do aproximante no contexto precedente: realizado=sim, apagado=não;

b12.4) tempo médio de duração da realização das africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ], em função da realização/apagamento do aproximante no contexto seguinte: realizado=sim, apagado=não.

Conforme informamos em Nossas Hipóteses (capítulo 2), a variável tempo médio de duração das realizações africadas alveopalatais ([tʃ] e [dʒ]) em função do aproximante no contexto precedente teve por finalidade a testagem da hipótese do alongamento compensatório das realizações africadas alveopalatais (capítulo 2), em contextos em que houve apagamento do segmento aproximante palatal [j] adjacente. Para tanto, medimos as durações das realizações africadas alveopalatais ([tʃ] e [dʒ]) nos referidos contextos e em contextos nos quais esse aproximante palatal [j] adjacente se realizou. Da medição dessa variável com seus respectivos fatores decorre o tempo de duração das realizações africadas alveopalatais ([tʃ] e [dʒ]) em função do aproximante no contexto precedente ilustrado no gráfico 9:

Gráfico 9 - Tempo médio de duração das realizações africadas alveopalatais ([tʃ] e [dʒ]) em função do aproximante palatal [j] no contexto precedente: realizado/apagado.



Fonte: Elaborado por Antônio Félix de Souza Neto, com os recursos do *R studio (plot)* (2019).

O modelo de análise do tempo médio de duração das realizações africadas alveopalatais ([tʃ] e [dʒ]) em função do aproximante palatal [j] no contexto precedente – realizado/apagado – (do qual resulta o gráfico 9) teve significância estatística com $p=0.234$. Dito de outro modo, os números referentes a tempo médio de duração das realizações africadas alveopalatais ([tʃ] e [dʒ]) em função do aproximante palatal [j] no contexto precedente não podem representar uma probabilidade estatística segura. Não obstante sua significância estatística, os resultados desse modelo podem explicar o fenômeno pesquisado.

Conforme demonstramos no gráfico 9, considerando o contexto precedente, o tempo médio de duração das realizações africadas alveopalatais ([tʃ] e [dʒ]) foi maior quando o aproximante palatal [j] adjacente esteve apagado na superfície (representado por “não” no gráfico 9). Disto decorrem nossas interpretações dos resultados do gráfico 9:

- a) considerando o contexto precedente, quando o aproximante palatal [j] adjacente esteve apagado na superfície (representado por “não” no gráfico 9), as realizações africadas alveopalatais ([tʃ] e [dʒ]) tiveram duração média de 0.09 segundos relativamente ao contexto precedente e 0.096 segundos relativamente ao contexto seguinte;
- b) considerando o contexto precedente, quando o aproximante palatal [j] adjacente esteve realizado na superfície (representado por “sim” no gráfico 9), as realizações africadas alveopalatais ([tʃ] e [dʒ]) tiveram duração média de 0.088 segundos relativamente ao contexto precedente e 0.094 segundos relativamente ao contexto seguinte.

Embora sendo muito pequena a diferença, o fato de o tempo de duração das realizações africadas alveopalatais ([tʃ] e [dʒ]) ser maior quando o aproximante palatal [j] adjacente esteve apagado na superfície já corrobora nossa hipótese de o apagamento do aproximante palatal [j] adjacente coincidir com o alongamento compensatório das realizações africadas alveopalatais ([tʃ] e [dʒ]). Não obstante, não descartamos a possibilidade de essa maior duração se dever à transição do segmento vocálico ditongado precedente para a fase oclusiva das realizações africadas ([tʃ] e [dʒ]), tal como já assinaláramos em estudo prévio (SOUZA NETO, 2017, p. 128-129).

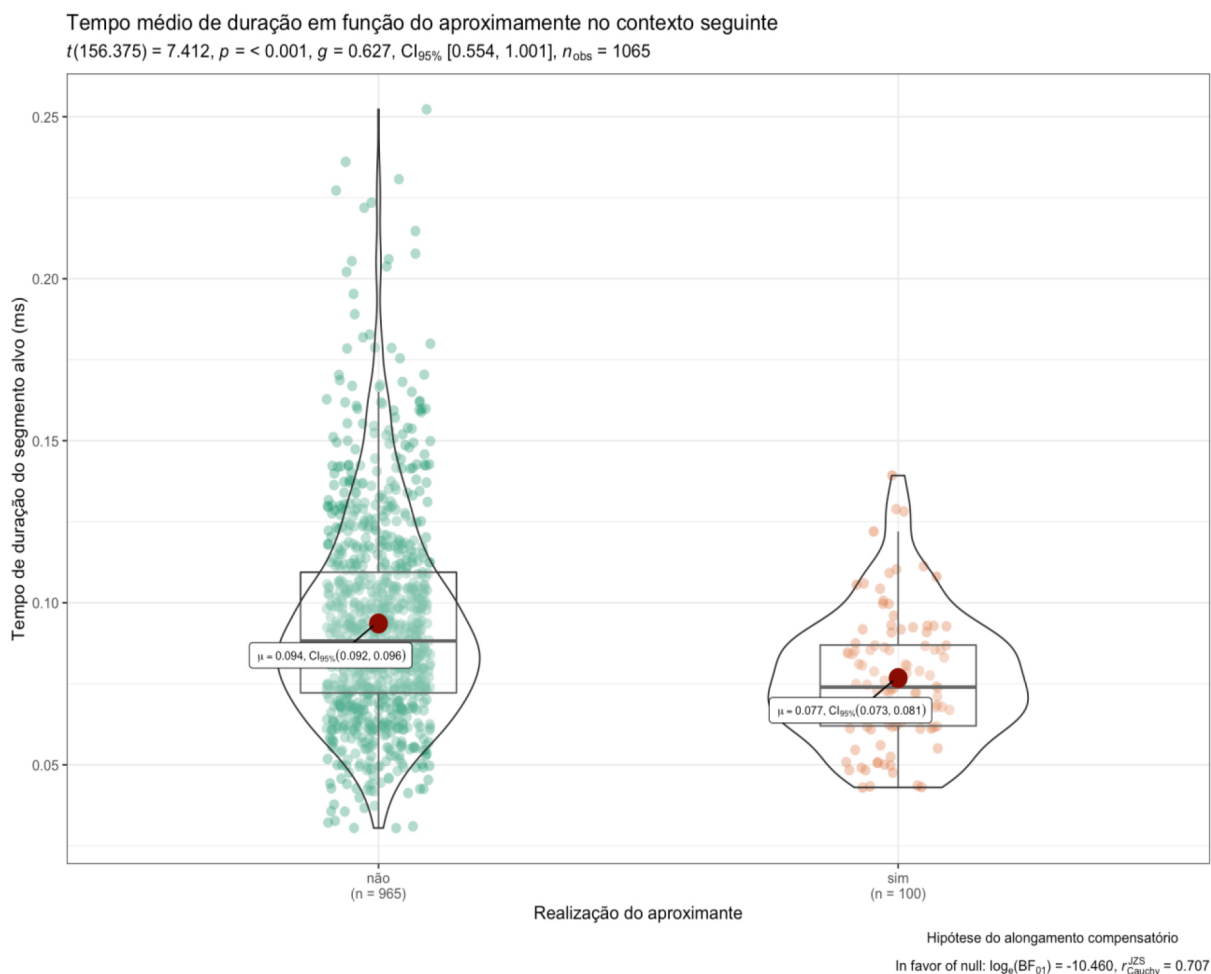
8.2.10 Tempo de duração das realizações africadas alveopalatais ([tʃ] e [dʒ]) em função do aproximante palatal [j] no contexto seguinte

Conforme informamos no início da seção 8.2, entre as variáveis independentes, o *software R* selecionou também o tempo médio de duração das realizações africadas alveopalatais ([tʃ] e [dʒ]) em função do aproximante no contexto seguinte, sendo os fatores dessa variável os seguintes:

- b12.4) tempo médio de duração da realização das africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ], em função da realização/apagamento do aproximante no contexto seguinte: realizado=sim, apagado=não.

Da medição dessa variável com seus respectivos fatores decorre o tempo de duração das realizações africadas alveopalatais ([tʃ] e [dʒ]) em função do aproximante no contexto seguinte ilustrado no gráfico 10:

Gráfico 10 - Tempo médio de duração das realizações africadas alveopalatais ([tʃ] e [dʒ]) em função do aproximante palatal [j] no contexto seguinte: realizado/apagado.



Fonte: Elaborado por Antônio Félix de Souza Neto, com os recursos do *R studio (plot)* (2019).

O modelo de análise do tempo médio de duração das realizações africadas alveopalatais ([tʃ] e [dʒ]) em função do aproximante palatal [j] no contexto seguinte – realizado/apagado – (do qual resulta o gráfico 10) teve significância estatística com $p < 0.001$. Dito de outro modo, os números referentes a tempo médio de duração das realizações africadas alveopalatais ([tʃ] e [dʒ]) em função do aproximante palatal [j] no contexto seguinte devem representar uma probabilidade estatística segura.

Conforme demonstramos no gráfico 10, considerando o contexto seguinte, o tempo médio de duração das realizações africadas alveopalatais ([tʃ] e [dʒ]) foi maior quando o aproximante palatal [j] adjacente esteve apagado na superfície (representado por “não” no gráfico 10). Disto decorrem nossas interpretações dos resultados do gráfico 10:

- a) considerando o contexto seguinte, quando o aproximante palatal [j] adjacente esteve apagado na superfície (representado por “não” no gráfico 10), as realizações africadas alveopalatais ([tʃ] e [dʒ]) tiveram duração média de 0.092 segundos relativamente ao contexto precedente e 0.096 segundos relativamente ao contexto seguinte;
- b) considerando o contexto seguinte, quando o aproximante palatal [j] adjacente esteve realizado na superfície (representado por “sim” no gráfico 10), as realizações africadas alveopalatais ([tʃ] e [dʒ]) tiveram duração média de 0.073 segundos relativamente ao contexto precedente e 0.081 segundos relativamente ao contexto seguinte.

Assim como nos resultados da análise do tempo médio de duração das realizações africadas alveopalatais ([tʃ] e [dʒ]) em função do aproximante no contexto precedente (subseção 8.2.8), o fato de o tempo de duração das realizações africadas alveopalatais ([tʃ] e [dʒ]) ser maior quando o aproximante palatal [j] adjacente esteve apagado na superfície já corrobora nossa hipótese de o apagamento do aproximante palatal [j] adjacente coincidir com o alongamento compensatório das realizações africadas alveopalatais ([tʃ] e [dʒ]). De modo análogo ao que fizemos diante dos resultados da análise do tempo médio de duração das realizações africadas alveopalatais ([tʃ] e [dʒ]) em função do aproximante no contexto precedente (subseção 8.2.8), não descartamos a possibilidade de essa maior duração se dever à transição da fase fricativa das realizações africadas ([tʃ] e [dʒ]) para o segmento vocálico ditongado seguinte, tal como já assinaláramos em estudo prévio (SOUZA NETO, 2017, p. 128-129).

8.2.11 Teste de regressão linear: duração~realização+contexto adjacente

O teste de regressão linear com o *software R* permitiu que fizéssemos um experimento com a seguinte fórmula: duração~realização+contexto adjacente. Nesta fórmula, a duração de cada realização africana alveopalatal ([tʃ] ou [dʒ]) bem como de cada realização oclusiva

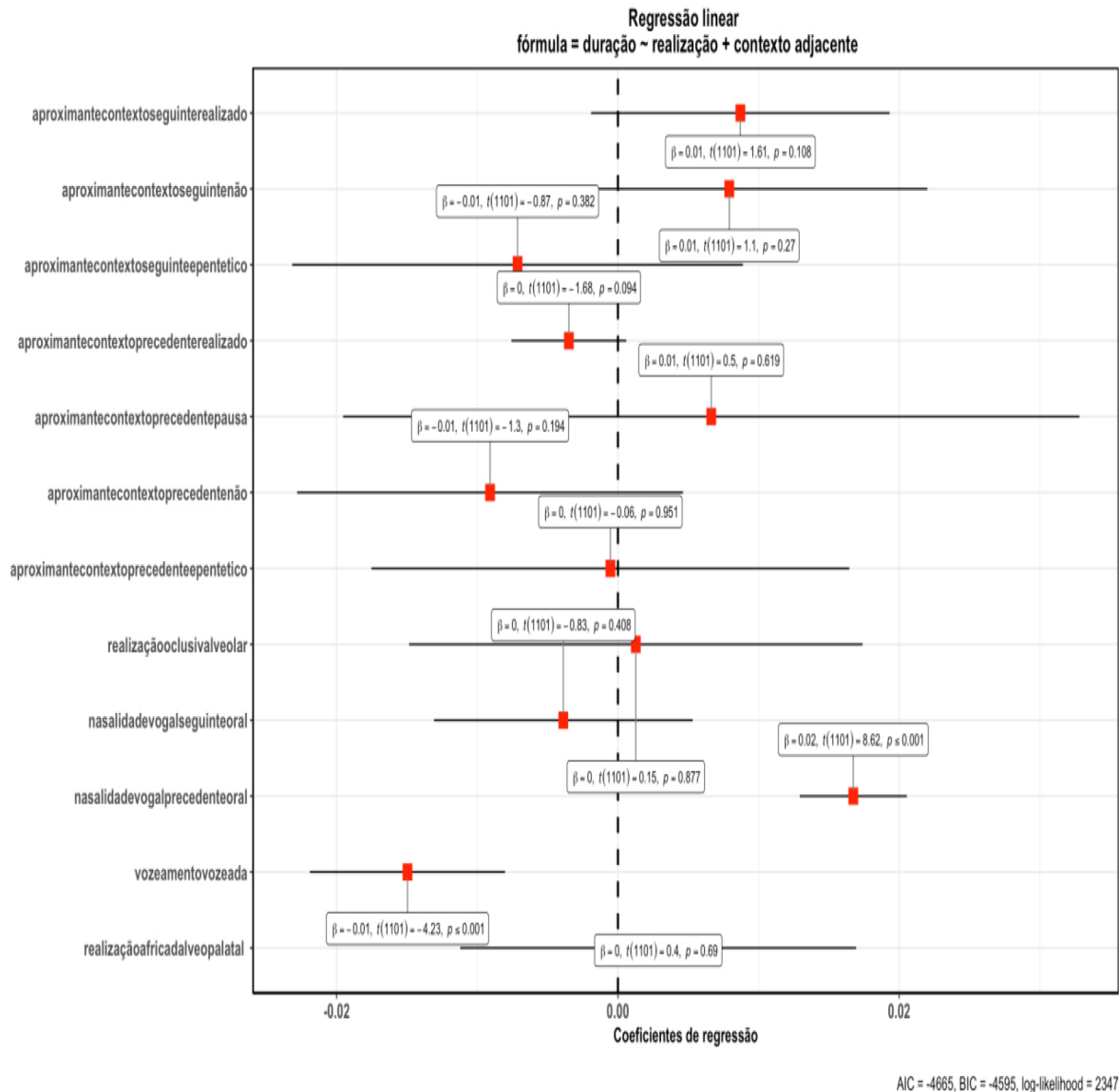
plena ([t] ou [d]) estava sendo testada em sua correlação com os contextos adjacentes de sua ocorrência. Dessa correlação decorrem os seguintes fatores:

- a) Das variáveis dependentes:
 - a1) africadas alveopalatais ([tʃ] e [dʒ]); e
 - a2) oclusivas plenas ([t] e [d]);
- b) Das variáveis independentes:
 - b6) + b8) aproximante palatal [j] realizado no contexto precedente às realizações africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ];
 - b6) + b8) aproximante palatal [j] realizado no contexto precedente às realizações oclusivas plenas [t] e [d];
 - b14) aproximante palatal [j] apagado no contexto precedente às realizações africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ];
 - b15) aproximante palatal [j] apagado no contexto precedente às realizações oclusivas plenas [t] e [d];
 - b16) pausa no contexto precedente simultaneamente a aproximante palatal [j] esperado no contexto seguinte;
 - b17) aproximante palatal [j] epentético no contexto precedente às realizações africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ];
 - b18) aproximante palatal [j] epentético no contexto precedente às realizações oclusivas plenas [t] e [d];
 - b19) vogal precedente oral;
 - b7) + b9) aproximante palatal [j] realizado no contexto seguinte às realizações africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ];
 - b7) + b9) aproximante palatal [j] realizado no contexto seguinte às realizações oclusivas plenas [t] e [d];
 - b20) aproximante palatal [j] apagado no contexto seguinte às realizações africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ];

- b21) aproximante palatal [j] apagado no contexto seguinte às realizações oclusivas plenas [t] e [d];
- b22) aproximante palatal [j] epentético no contexto seguinte às realizações africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ];
- b23) aproximante palatal [j] epentético no contexto seguinte às realizações oclusivas plenas [t] e [d];
- b24) vogal seguinte oral;
- b25) vozeamento da realização (desvozeadas [tʃ] e [t] ou vozeadas [dʒ] e [d]).

Da interação desses fatores com a duração das realizações africadas alveopalatais ([tʃ] ou [dʒ]) e/ou das realizações oclusivas plenas ([t] ou [d]) decorre o teste de regressão linear ilustrado no gráfico 11:

Gráfico 11 - Regressão linear: duração~realização+contexto adjacente.



Fonte: Elaborado por Antônio Félix de Souza Neto, com os recursos do *R studio (plot)* (2019).

Conforme demonstramos no gráfico 11, considerando as interações dos fatores das variáveis dependentes com os fatores das variáveis independentes, somente as interações dos fatores da nasalidade do contexto precedente (representados por “nasalidadevogalprecedenteoral” $p \leq 0.001$, no gráfico 11) e vozeamento das realizações africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ] e oclusivas plenas [t] e [d] (representados por “vozeamentovozeada” $p \leq 0.001$, no gráfico 11) tiveram significância estatística nos coeficientes de regressão linear entre -0.02 e 0.02. Disto decorrem nossas interpretações dos resultados do gráfico 11:

- a) o contexto precedente ocupado por uma vogal oral – inclusive vogal resultante de apagamento do aproximante palatal [j] de ditongo do tipo vogal+[j] – favorece (com $p \leq 0.001$, no coeficiente 0.02) o aumento da duração tanto da realização africada alveopalatal ([tʃ] ou [dʒ]) quanto da oclusiva plena ([t] ou [d]); e
- b) o traço [+voz.] inibe (com $p \leq 0.001$, no coeficiente -0.02) o aumento da duração das realizações vozeadas – seja da africada alveopalatal ([dʒ]), seja da oclusiva plena ([d]).

Assim, os resultados do experimento da fórmula “duração~realização+contexto adjacente” não corroboram nossa hipótese da correlação entre apagamento do aproximante palatal [j] e um alongamento compensatório das realizações africadas alveopalatais ([tʃ] e [dʒ]) (seção 2.2), posto que, a exceção da posição inicial de palavra (depois de pausa), em nossos dados, [tʃ] e [dʒ] só foram identificadas sucedendo uma vogal – inclusive vogal resultante de apagamento do aproximante palatal [j] de ditongo do tipo vogal+[j] – ou este aproximante, quando realizado (Quadro 6). Outrossim, o resultado do experimento da fórmula “duração~realização+contexto adjacente” permitiu que reconhecêssemos que o traço [+voz.] inibe o aumento da duração das realizações vozeadas – seja da africada alveopalatal ([dʒ]), seja da oclusiva plena ([d])¹⁶⁶.

Essas análises dão as dimensões qualitativa (seção 8.1) e quantitativa (seção 8.2) desta tese. Depois destas análises, entendemos melhor o significado da frase que, não aleatoriamente, escolhemos para epígrafe desta tese, e fazemos questão de reproduzi-la aqui:

[...] Segmentar em unidades discretas o que é variação contínua (a fala) é uma atividade complexa e expõe o paradoxo entre a invariância e a variabilidade da matéria fônica. (PERKELL; KLATT, 1986, p. 123).

É, portanto em meio ao paradoxo da semelhança (nas quantidades) na dissemelhança (das qualidades) das formas irregulares dos sinais acústicos, “entre a invariância e a

¹⁶⁶ De acordo com a literatura especializada em Fonética Linguística (Acústica), as realizações vozeadas (a exemplo de [d], [dʒ] e [dʒ]) do *onset* tendem a ter duração menor do que sua contraparte desvozeada ([t], [ts] e [tʃ]) no mesmo contexto silábico, devido ao *VOT* (*Voice Onset Time*) (cf. (KENT; READ, 2015); (BARBOSA; MADUREIRA, 2015); etc.)).

variabilidade da matéria fônica” que, depois das análises qualitativa (acústica, seção 8.1) e quantitativa (estatística/probabilística, seção 8.2), chegamos à conclusão desta tese, tal como apresentamos no capítulo 9 que segue.

9 CONCLUSÃO

Conforme anunciamos desde o capítulo 1, é da carência de estudo que identifique e explique as realizações africadas [tʃ] e [dʒ] na variedade do português falado por sergipanos (com idade igual ou acima de 60 anos) que decorre a tese aqui documentada. Com esta tese, constituímos referência acerca do objeto de pesquisa que lhe dá ensejo, e a situamos na esteira da evolução dos estudos das realizações africadas (“palatalizadas”) [tʃ] e [dʒ] no PS. Seguindo concepções de foneticistas e fonólogos, e diante dos dados de fala desses sergipanos, propomos uma abordagem integradora e descrevemos uma gramática a partir de evidências fonéticas e fonológicas.

Constatamos que, na variedade do PS pesquisada, as realizações africadas [tʃ] e [dʒ] estão assim distribuídas:

- a) [tʃ] restrita a certos itens lexicais de natureza onomatopaica e antroponímica nos quais (o provável) gatilho (/i/) e (o provável) alvo (/t/ e /d/) do (provável) processo (“palatalização”, segundo Hora (1990) e Bisol e Hora (1993)) do qual resultariam não figuram na adjacência; e
- b) [tʃ] e [dʒ] restritas a contextos em que o aproximante palatal [j] de ditongo dos tipos vogal+[j] e [j]+vogal é esperado, nos quais (o provável) gatilho ([j]) e (o provável) alvo (/t/ e /d/) do (provável) processo do qual resultam as precedem (em sílabas distintas) ou as seguem (na mesma sílaba).

Essa distribuição das africadas [tʃ] e [dʒ] (no português falado por sergipanos) já as distingue de suas correspondentes já pesquisadas no PB em Hora (1990), Bisol e Hora (1993), Souza Neto (2008, 2014) entre vários outros.

Mas não é somente no reconhecimento da distribuição das africadas [tʃ] e [dʒ] no português dos sergipanos idosos que está a importância desta tese. A importância desta tese está ainda em outras contribuições que traz para os estudos das africadas [tʃ] e [dʒ] no PS (quicá no PB/PVB e alhures), na medida em que:

- c) identificamos uma gramática dessas africadas [tʃ] e [dʒ];

- d) deduzimos a regra generalizante dessa gramática: as realizações africadas alveopalatais ([tʃ] e [dʒ]) se aplicam a alguns itens lexicais de natureza onomatopaica e antroponímica, e a contextos nos quais o gatilho ([j]) que dispara a regra de africacão (da qual [tʃ] e [dʒ] resultam) pode ser apagado logo em seguida;
- e) reconhecemos uma correlação sistemática entre monotongação – ou o apagamento do aproximante palatal [j] adjacente (precedente ou seguinte) dos decursos vogal+[j] e [j]+vogal – e as realizações africadas alveopalatais ([tʃ] e [dʒ]);
- f) constatamos que a interação do apagamento do aproximante palatal [j] com as realizações africadas alveopalatais ([tʃ] e [dʒ]) pode evitar contraste no léxico do PS;
- g) reconhecemos a propriedade preservatória do léxico dessa gramática restritiva;
- h) reconhecemos as potencialidades fonêmicas/fonológicas dessas africadas ([tʃ] e [dʒ]) na variedade pesquisada;
- i) testamos a hipótese de a correlação entre apagamento do aproximante palatal [j] e as realizações africadas [tʃ] e [dʒ] ter como reflexo um alongamento compensatório destas últimas.

Ressaltamos aqui que, diferentemente das variedades do PB cujas africadas (“palatalizadas”) [tʃ] e [dʒ] se evidenciam como meras realizações dos fonemas /t/ e /d/, na variedade do PS falada por idosos, as africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ] têm potencialidades fonêmicas/fonológicas. O potencial contrastivo (fonêmico/fonológico) das africadas alveopalatais ([tʃ] e [dʒ]) – embora restrito a alguns itens lexicais (marginais) e a contextos em que o aproximante palatal [j] de ditongo dos tipos vogal+[j] e [j]+vogal está apagado – evidencia, por conseguinte, o potencial dispersivo (a força centrífuga) dessa variedade dialetal.

Ademais, além de constituir referência na evolução dos estudos das realizações africadas (“palatalizadas”) [tʃ] e [dʒ] do PS (quicá do PB e alhures, considerando a possível existência de [tʃ] e [dʒ] em outras variedades do português em outros lugares do planeta) e de corroborar estudos prévios que encontram evidências de uma possível mudança em curso no PS Souza Neto (2008, 2014), Freitag (2015), Andrade, Evangelista e Santana (2016), Pinheiro, Silva e Cardoso (2018) e Corrêa (2019), esta tese descreve e documenta uma

gramática (fonética-fonológica) das realizações africadas [tʃ] e [dʒ] que, por ser própria dos sergipanos idosos e caracterizar o português falado por sergipanos de “menor escolarização” e de “regiões não urbanas” (FREITAG; SOUZA NETO; CORRÊA, 2019, p. 68), pode estar em vias de obsolescência. Se a mudança em curso/progresso (relativamente às realizações africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ]) prevista para Aracaju (SOUZA NETO, 2014) se verifica nos demais municípios do estado de Sergipe, esta tese registra fatos do estágio final dessa (possível) mudança, que levará consigo uma marca da diversidade linguística do PVB.

Apesar de as coletas dos dados terem sido feitas a partir de entrevistas sociolinguísticas com narrativa de vida, seguindo o modelo laboviano (LABOV, 2008) – em detrimento do método de coleta a partir de frase veículo etc., em laboratório, cabine acústica etc. –, e em meio a ruídos do ambiente (algum compartimento domiciliar do entrevistado), realizamos nosso plano de coletar as realizações investigadas com a qualidade suficiente para uma análise acústica. Neste particular, os recursos do aparelho gravador *H4n Pro (Handy Recorder)* se revelaram de fundamental importância para a captação das realizações africada alveolar ([tʃ]), oclusivas alveolares ([t] e [d]) e africadas alveopalatais ([tʃ] e [dʒ]), assim como da realização e do apagamento (parcial) do aproximante palatal [j] dos decursos vogal+[j] e [j]+vogal e dos demais contextos nos quais as africadas alveopalatais ([tʃ] e [dʒ]) foram identificadas.

Os recursos do *software PRAAT*, por sua vez, também foram de fundamental importância para confirmação/negação das nossas impressões nas escutas e na geração de imagens acústicas dos itens lexicais selecionados para análise, bem como na identificação dos sinais acústicos das realizações investigadas em seus respectivos contextos de ocorrência.

À luz da FA, tal como proposta por Goldsmith (1995), apresentamos uma explicação fonológica para as realizações africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ] na variedade do PS pesquisada: salvo nos itens de natureza onomatopáica e antropônima, nos quais [tʃ] e [dʒ] se realizam plenamente na ausência do (provável) gatilho (/i/) do (provável) processo do qual poderiam resultar, as africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ] devem resultar de espriamento/assimilação/compartilhamento – bidirecional – do traço [palatal] do aproximante palatal [j] realizado ou parcialmente apagado.

Ao adotarmos o modelo de representação da Geometria de Traços, (GT), tal como proposta por Clements e Hume (1995), demonstramos como as realizações africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ] devem ser representadas num modelo arbóreo, seguindo a interpretação da FA. De acordo com esse modelo fonológico, as realizações africadas alveopalatais da variedade do PS pesquisada devem ser interpretadas tal como segue:

- a) como “segmentos de contorno” (simbolizados por [tʃ] e [dʒ]) – nos itens lexicais de natureza onomatopaica e antroponímica nos quais (o provável) gatilho (/i/) do (provável) processo do qual resultariam não figura na adjacência;
- b) como “segmentos complexos” (simbolizados por [t^j] e [d^j]) ou como “segmentos de contorno” (simbolizados por [tʃ] e [dʒ]) – nos contextos em que o aproximante palatal [j] de ditongo dos tipos vogal+[j] e [j]+vogal é esperado (incluindo aqueles que podem ocorrer por inserção (epêntese) desse aproximante palatal [j]), nos quais (o provável) gatilho ([j]) do (provável) processo do qual resultam essas realizações as precedem (em sílabas distintas) ou as seguem (na mesma sílaba).

Contudo, devemos distinguir os processos referentes a cada uma dessas interpretações:

- a) como “segmentos complexos”, resultam de espriamento de traços do nó ponto de vogal para a consoante /t/ e /d/ adjacente; e
- b) como “segmento de contorno”, resultam do desligamento solidário dos traços do nó cavidade oral do aproximante [j] na direção da raiz de /t/ e /d/.

Seja “complexo” seja “de contorno” gera um segmento fonético fricativo [palatal] ([ʃ] ou [ʒ]) intruso, cujo resultado final é um segmento africado alveopalatal [tʃ] e [dʒ].

Não obstante, para não violarmos o Princípio do Contorno Obrigatório – PCO (*Obligatory Contour Principle – OCP*), nesta tese preferimos interpretá-los como “segmento de contorno”, tal como acabamos de descrever.

Além de não violar o PCO, a preferência por “segmento de contorno” tem a vantagem de coincidir com o entendimento dos foneticistas, de acordo com os quais cada realização

investigada deve apresentar evidências fonéticas que possibilitem uma representação/simbolização fonética unívoca, mesmo em correlação sistemática com os contextos de sua ocorrência. Assim, ao interpretarmos as africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ] como “segmentos de contorno”, conciliamos concepções da Fonética Linguística – as fundantes de Pike (1971) e as propostas de foneticistas como Ladefoged e Maddieson (1996), Ladefoged (2001), Ladefoged e Johnson (2011), Barbosa e Madureira (2015), Kent e Read (2015) – e da Fonologia Não-linear – a FA proposta por Goldsmith (1995) e a GT proposta por Clements e Hume (1995) – para uma interpretação dos fatos fonéticos correspondentes a essas realizações africadas num subsistema do português sergipano.

Nossa opção por interpretá-las como [alveopalatais] em detrimento de [palatais] decorre do nosso entendimento de que, na variedade do PS pesquisada, [tʃ] e [dʒ] correspondem a realizações em duas fases, cada um das quais com modo e ponto distintos: oclusão alveolar e fricção palatal. A motivação principal para as interpretarmos como [alveopalatais] em detrimento de [palatais] decorre de concepções da Fonética Articulatória, tal como documentada em Ladefoged e Maddieson (1996), Ladefoged (2001), Ladefoged e Johnson (2011), Barbosa e Madureira (2015), Kent e Read (2015). Nos termos da Fonética Articulatória, quando em contextos em que o aproximante palatal [j] de ditongo dos tipos vogal+[j] e [j]+vogal é esperado (incluindo aqueles que podem ocorrer por inserção (epêntese) desse aproximante palatal [j]), as realizações africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ] são compatíveis com coarticulação preservatória e/ou antecipatória (dos traços [contínuo, -anterior, palatal]) do aproximante [j] precedente e/ou seguinte. A fase fricativa ([ʃ] ou [ʒ]) de [tʃ] e [dʒ] pode, pois, ser interpretada como um segmento intruso, decorrente da coarticulação.

Diante das impressões acústicas de correlação sistemática entre monotongação – ou o apagamento do aproximante palatal [j] adjacente (precedente ou seguinte) dos decursos vogal+[j] e [j]+vogal – e as realizações africadas alveopalatais ([tʃ] e [dʒ]), recorreremos à Fonética Acústica. À luz da Fonética Acústica – tal como documentada em Ladefoged e Maddieson (1996), Ladefoged (2001), Ladefoged e Johnson (2011), Barbosa e Madureira (2015), Kent e Read (2015) – e com os recursos do *software* PRAAT, testamos uma das nossas hipóteses nesta tese, qual seja a de a interação do apagamento do aproximante palatal

[j] com a africação de /t/ e /d/ coincidir com um alongamento compensatório dos segmentos africados [tʃ] e [dʒ] adjacentes. Apesar de os resultados corroborarem parcialmente esta nossa hipótese, não descartamos a possibilidade de o alongamento corresponder à transição da fase fricativa das realizações africadas ([tʃ] e [dʒ]) para o segmento vocálico ditongado seguinte, tal como já assinalámos em estudo prévio (SOUZA NETO, 2017, p. 128-129). Do mesmo modo que em Souza Neto (2017), em nossa análise acústica desta tese, constatamos que a transição do segmento aproximante palatal [j] para a fase oclusiva dos segmentos africados alveopalatais [tʃ] e [dʒ] seguinte, assim como da fase fricativa destes para o segmento aproximante palatal [j] seguinte, é mais curta do que na transição relativamente a qualquer vogal. Do ponto de vista articulatorio, isto se justifica pelo fato de o segmento aproximante palatal [j], enquanto homorgânico da vogal [i], ser o mais próximo dos segmentos vocóides passíveis de ocorrerem no contexto de ditongo. Dito de outro modo, dentre os segmentos vocóides envolvidos no fenômeno das realizações investigadas, o segmento aproximante [j] é aquele cujo ponto de articulação é o mais próximo, seja da fase oclusiva (quando antecedendo aqueles), seja da fase fricativa (quando os sucedendo).

Ao corroborarem nossas hipóteses, os resultados da nossa abordagem estatística/probabilística dão sustentação à nossa tese. Além de possibilitar a testagem da hipótese da interação do apagamento do aproximante palatal [j] com a africação de /t/ e /d/ coincidir com um alongamento compensatório dos segmentos africados [tʃ] e [dʒ] adjacentes; além de nos permitir constatar correlações sistemáticas de outros fatores contextuais linguísticos; além de possibilitar a plotagem de gráficos que nos serviram na ilustração dos resultados da análise, nossa análise quantitativa (estatística/probabilística) com os recursos do *software R* nos permitiu concluir que as realizações africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ] predominam (com percentuais iguais e acima de 87%) sobre suas contrapartes oclusiva dental/alveolar ([t] e [d]) e africada alveolar ([tʃ] e [dʒ]) diante de todas as variáveis consideradas na pesquisa.

Reconhecemos que uma abordagem que prestigiasse também a perspectiva da percepção – um teste de percepção dos contrastes fonêmicos/fonológicos entre [tʃ] e [dʒ] e suas contrapartes [tʃ] e [dʒ] e [t] e [d], e da variação dessas realizações junto aos

sergipanos pesquisados – poderia corroborar nossas hipótese e agregaria valor a esta tese. Justificamos a ausência de uma tal abordagem com a nossa proposta, anunciada desde o capítulo 1, de focalizarmos a estrutura, de descrevermos a gramática das africadas [tʃ] e [dʒ] na variedade pesquisada, em detrimento da consciência do falante.

Por fim, ressaltamos que, além de corroborar concepções da Fonologia Autossegmental Goldsmith (1995), Clements e Hume (1995); da Fonética Pike (1971), Ladefoged e Maddieson (1996), Ladefoged (2000), Ladefoged e Johnson (2011), Barbosa e Madureira (2015), Kent e Read (2015) e resultados de alguns estudos prévios do PB (capítulo 4), esta tese representa um avanço nos estudos fonético-fonológicos das realizações africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ] do PS. Reiteramos que um dos reflexos desta tese é a sugestão de uma reinterpretação das realizações [tʃ] e [dʒ] – em função do contexto fonético de sua realização – em outras variedades do PB/PVB e alhures (onde quer que haja ocorrência das realizações africadas [tʃ] e [dʒ] em itens lexicais e contextos equivalentes aos descritos nesta tese, em outras variedades do português, em outros lugares do planeta).

Por outro lado – considerando a concepção saussureana de diacronia como a uma sucessão de sincronias (SAUSSURE, 2006), e considerando que realizações africadas “[d]entais-alveolares” e “[p]alatais” são atestadas com valor fonêmico/fonológico já no galego-português, depois ficando restrita a algumas áreas dialetais de Portugal (TESSIER, 2001, p. 32, 59, 64) –, é possível que estudos longitudinais (diacrônicos) das realizações africadas [tʃ] e [dʒ] no PVB (bem como em outras variedades de língua portuguesa mundo afora) – que considerem os processos sociohistóricos da colonização, os reflexos linguísticos do histórico de contatos das línguas do colonizador europeu com as dos povos colonizados na constituição do PVB ((LUCCHESI; BAXTER, 2006), (LUCCHESI; BAXTER; RIBEIRO, 2009), (PETTER; CUNHA, 2015), sobretudo de contatos de variedades do superstrato português do colonizador com línguas do substrato dos povos em processo de colonização, cujas africadas [tʃ] e [dʒ] constem em seus inventários fonético-fonológicos – possa dar outras explicações para tais realizações africadas do PS.

REFERÊNCIAS

- ADANT, J. A. da S. **Difusão Dialetal**: o caso dos alagoanos em Brasília. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília (UnB), 1988.
- AGUILERA, V. de A. et al. Variação fônica e léxico-semântica no português do Brasil a partir de dados do projeto ALiB. In: SÁ JÚNIOR, L. A. de; MARTINS, M. A. (orgs.). **Rumos da linguística brasileira no século XXI**: historiografia, gramática e ensino. São Paulo: Blucher, 2016. p. 73-95.
- ANDRADE, T. R. C.; EVANGELISTA, F. R. S.; SANTANA, R. R. de. A palatalização das oclusivas dentais [tʃ] e [dʒ] antecedidas por glide em São Cristóvão/SE. **Web-Revista Sociodialecto**, Mato Grosso do Sul, MS, v.6, p. 622-637. 2016.
- AZEVEDO, G. M. C. de. **Língua Kiriri**: descrição do dialeto Kipeá. 1965. 116 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade de Brasília, Brasília, 1965.
- BARBOSA, P. A.; MADUREIRA, S. **Manual de Fonética Acústica Experimental**: aplicações a dados do português. São Paulo: Cortez, 2015.
- BARRENA, R. P. Natalino. **Gramática Annobonesa**. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1957.
- BISOL, L.; HORA, D. O. da. Palatalização da oclusiva dental e Fonologia Lexical. **Letras**, Santa Maria, SM, v. 5, p. 25-40, jan./jun. 1993. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11447/6921>>. Acesso em: 21 jul. 2019.
- BISOL, L. (org.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 4. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.
- _____. Fonologia Lexical. In: HORA, D. da; MATZENAUER, C. L. (orgs.). **Fonologia, fonologias**: uma introdução. São Paulo: Contexto, 2017, p. 81-92.
- _____. Palatalization and its variable restriction. **Int. J of Sociol. Lang.**, Alemanha, v.89, p. 107-124.1990.
- BLEVINS, J. **Evolutionary Phonology**: the emergency of sound patterns. New York: Cambridge University Press, 2004.
- BOERSMA, P. ; WEENINK, D. **Praat**: doing phonetics by computer. Disponível em: <<http://www.fon.hum.uva.nl/praat/>>. Acesso em: 20 de jun. 2016.
- CALLOU, D.; LEITE, Y. **Iniciação à Fonética e à Fonologia**. 9. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2003.
- CÂMARA JÚNIOR, J. M. **Problemas de Linguística Descritiva**. 6. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes Limitada, 1973.

_____. **Estrutura da Língua Portuguesa**. 35. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2002.

_____. **Para o Estudo da Fonêmica Portuguesa**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2008.

CARDOSO, D. P. **Atitudes Linguísticas e Avaliações Subjetivas de Alguns Dialeto Brasileiros**. São Paulo: Blucher, 2015.

CARDOSO, E. A. **O crioulo da Ilha de São Nicolau de Cabo Verde**. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1989.

CARDOSO, S. A. M. et al. **Atlas linguístico do Brasil**. Londrina: EDUEL, 2014.

CARDOSO, S. A. M. **Atlas Linguístico de Sergipe - II**. Salvador: EDUFBA, 2005.

CARDOSO, J. H. da C. **Uma análise contrastiva entre os padrões acentuais do inglês e do português brasileiro no processo de nativização de termos técnicos da área de informática**. 2010. 120 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2010. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufal.br/handle/riufal/547>>. Acesso em: 20 jun. 2016.

CLEMENTS, G.; HUME, E. The internal Organization of Speech Sounds. In: GOLDSMITH, J. A. (Ed.) **The Handbook of Phonological Theory**. Oxford: Blackwell, 1995. p. 245-306.

CORRÊA, T. R. A. **A variação na realização de /t/ e /d/ na comunidade de práticas da UFS: mobilidade e integração**. 2019. 120 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Sergipe, 2019. Disponível em: <<http://ri.ufs.br/jspui/handle/riufs/11472>>. Acesso em: 04 mar. 2019.

DE PAULA, A. S. de. **A língua dos índios Yawanawá do Acre**. Maceió: EDUFAL, 2007.

FERRAZ, I. L. **The Creole of São Tomé**. Johannesburg: Witwatersrand University Press, 2001.

FERREIRA, C. et al. **Diversidade do Português do Brasil: estudos de dialetologia rural e outros**. 2. ed. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1994.

FREITAG, R. M. K.; SANTOS, A. de O. Percepção e atitudes linguísticas em relação às africadas pós-alveolares em Sergipe. In: LOPES, N. S.; ARAÚJO, S. S. de F.; FREITAG, R. M. K. (orgs.). **A fala nordestina: entre a sociolinguística e a dialetologia**. São Paulo: Blucher, 2016. p. 109-122.

FREITAG, R. M. K.; SOUZA NETO, A. F. de; CORRÊA, T. R. A. Panorama da Palatalização em Sergipe. In: **Língua e Sociedade: Diferentes Perspectivas, Fim Comum**. São Paulo: Blucher, 2019. p. 63-80.

FREITAG, R. M. K. Banco de dados falares sergipanos. **Working Papers em Linguística**, Santa Catarina, SC, v. 14, n. 2, p. 156-164. 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/view/1984-8420.2013v14n2p156>>. Acesso em: 10 abr. 2018.

_____. Socio-stylistic aspects of linguistic variation: schooling and monitoring effects. **Acta Scientiarum. Language and Culture**, v. 37, n. 2, p. 127-136, 2015. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciLangCult/article/view/24240>>. Acesso em: 05 maio 2019.

_____. Effects of the on-line linguistic processing: palatals in Brazilian Portuguese and the Sociolinguistic Monitor. **Upenn Working Papers in Linguistics**, Pensilvânia, v. 25, n. 2, p. 18-30.2020.
<https://www.researchgate.net/publication/338689424_Effects_of_the_Linguistics_Processing_Palatals_in_Brazilian_Portuguese_and_the_Sociolinguistic_Monitor>. Acesso em: 21 mar. 2020.

GOLDSMITH, J. A. **Autossegmental and Metrical Phonology**. Cambridge, Massachusetts: BLACKWELL, 1995.

_____. The internal Organization of Speech Sounds. **The Handbook of Phonological Theory**. Blackwell Publishing, 1996.
<http://www.blackwellreference.com/subscriber/book?id=g9780631201267_9780631201267>. Acesso em: 04 mar. 2019.

HORA, D. de O. da; VOGLEY, A. Fonologia Autossegmental. In: HORA, D. de O. da; MATZENAUER, C. L. (orgs.). **Fonologia, fonologias: uma introdução**. São Paulo: Contexto, 2017. p. 63-80.

HORA, D. de O. da. **A palatalização das oclusivas dentais: variação e representação não-linear**. 1990. 278 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1990.

_____. **Diversidade linguística no Brasil**. João Pessoa: Idéia, 1997.

_____. (org.). **Estudos Sociolinguísticos: perfil de uma comunidade**. João Pessoa: Palloti, 2004.

KENT, R. D.; READ, C. **Análise Acústica da Fala**. Tradução de Alexandre Meireles. São Paulo: Cortez, 2015.

KOUWENBERG, S.; MURRAY, E. **Papiamentu**. München: Europa, 1994.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LADEFOGED, P.; MADDIESON, I. **The Sounds of the World's Languages**. Oxford: Blackwell, 1996.

LADEFOGED, P.; JOHNSON, K. **A Course in Phonetics**. 6th ed. Boston: Cengage, 2011.

LADEFOGED, P. **Vowels and Consonants: an introduction to the sounds of languages**. Oxford: Blackwell, 2001.

LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. (Orgs.). **O Português Afro-Brasileiro**. Salvador: EDUFBA, 2009

LUCCHESI, D.; BAXTER, A. Processos de Crioulização na História Sociolinguística do Brasil. In: CARDOSO, S. A. M.; MOTA, J. A.; MATTOS e SILVA, R. V. (orgs.). **Quinhentos Anos de História Linguística do Brasil**. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia, 2006. p. 163-218.

MARIANI, B. **Colonização linguística: línguas, política e religião no Brasil (séculos XVI a XVIII) e nos Estados Unidos da América (século XVIII)**. Campinas, SP: Pontes Livros, 2004.

MAURER, P. **L'Angolar: um créole afro-potugais parlé à São Tomé: notes de grammaire, textes e vocabulaires**. Hamburg: Helmut Buske Verlag, 1995.

MOTA, J. A.; ROLLEMBERG, V. Variantes africadas palatais em Salvador. In: HORA, D. (Org.). **Diversidade linguística no Brasil**. João Pessoa: Idéia, 1997. p. 131-140.

ORLANDI, E. P. (org). **Política Linguística na América Latina**. Campinas, SP: Pontes Livros, 1988.

OSHIRO, L. Tratamento de dados com o R para análises sociolinguísticas. In: FREITAG, R. M. K. (Org). **Metodologia de Coleta e Manipulação de Dados em Sociolinguística**. São Paulo: Blucher, 2014. p. 129 - 172.

PAGOTTO, E. G. **Variação e (*) identidade**. Maceió: EDUFAL, 2004.

PERKELL, J. S.; KLATT, D. H. (Eds.). **Invariance and variability in speech processes**. Lawrence Erlbaum Associates: Inc., 1986.

PETTER, M.; CUNHA, A. S. Línguas africanas no Brasil. In: PETTER, M. (org.). **Introdução à Linguística Africana**. São Paulo: Cortez, 2015. p. 221-250.

PIKE, K. L. **Phonemics: a technique for reducing language to writing**. 1947. Michigan: The University of Michigan Press, 1971.

PINHEIRO, B. F. M.; SILVA, L. S.; CARDOSO, P. B. Como estudantes do ensino médio acham que falam? crenças sobre a palatalização de oclusivas e expressão da 1ª pessoa do plural. **Revista A Cor das Letras**, v. 19, n. 41, p. 180-195. 2018. Disponível em: <<http://periodicos.uefs.br/index.php/acordasletras/article/view/2866>>. Acesso em: 20 maio 2019.

ROSSI, N. et al. **Atlas Linguístico de Sergipe**. (carta I-XI e 1-156). Salvador: UFBA/Instituto de Letras/Fundação Estadual de Cultura de Sergipe, 1987.

ROSSI, N.; ISENSÉE, D. M.; FERREIRA, C. **Atlas Prévio dos Falares Baianos**. Rio de Janeiro: INL, 1963.

SANTOS, L. de F. **Realização das oclusivas /t/ e /d/ na fala de Maceió**. 1996. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 1996.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 26. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SEPLAN. **Aracaju em Dados**. Aracaju: Secretaria Municipal de Planejamento, 2005.

SERGOBE, A. Z. **Gramática Descritiva del Fhá d'ambô II**. Barcelona: CEIBA Ediciones, 2010.

SCATAMBURLO, L. **Dicionário do Guineense**: introdução e notas gramaticais. Lisboa: Edições Colibri, 1699. 1 v.

SILVA, T. C. **Fonética e fonologia do português**. São Paulo: Contexto, 2001.

SOUZA, G. G. A. **Palatalização de oclusivas alveolares em Sergipe**. 2016. 76 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2016. Disponível em: <<https://ri.ufs.br/handle/riufs/5843>>. Acesso em: 22 jun. 2019.

SOUZA NETO, Antônio Félix de. **Realizações dos fonemas /t/ e /d/ em Aracaju-SE**. 2008. 143 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2008.

_____. Realizações Palatalizadas de /t/ e de /d/: segmentos de contorno ou segmentos complexos? O caso de Sergipe. **Interdisciplinar – Revista de Estudos em Língua e Literatura**, v.10, n. especial, p. 141-149. 2010. Disponível em: <<https://seer.ufs.br/index.php/interdisciplinar/article/view/1237>>. Acesso em: 22 jun. 2019.

_____. **Realizações dos fonemas /t/ e /d/ em Aracaju-SE**. Editora da UFS, 2014.

_____. Realizações palatalizadas (/t^j/ e /d^j/) e/ou africadas palatais (/tʃ/ e /dʒ/) e sua correlação com ditongos no nordeste do Brasil. In: LOPES, N. da S.; OLIVEIRA, J. M. de; PARCERO, L. M. de J. (Orgs.). **Estudos Sobre o Português do Nordeste: língua, lugar e sociedade**. São Paulo: Blucher, 2017. p. 107-130.

TEYSSIER, Paul. **História da Língua Portuguesa**. Tradução: Celso Cunha. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

APÊNDICE

APÊNDICE A – GLOSSÁRIO

Aceita: v., 3ª sing., Ind. Pres. aceitar, com conotação de acatar.

Aceitar: v., Inf. aceitar, acatar.

Aceitava: v., 3ª sing., Pret. Imperf. Ind. aceitar, acatar.

Aceitou: v., 3ª sing., Pret. Perf. Ind. aceitar, acatar.

Acoita: v., 3ª sing., Ind. Pres. acoitar, acolher, acompanhar constantemente.

Ajeitando: Gerund. ajeitar.

Ajeitava: v., 3ª sing., Pret. Imperf. Ind. ajeitar, arrumar, adaptar.

Ajeitar: Inf. ajeitar

Ajeitaram: v., 3ª Pl., Pres. Ind. ajeitar.

Aproveitei: v., 3ª sing., Pret. Perf. Ind. aceitar.

Aproveito: v., 1ª sing., Pres. Ind. aproveitar.

Aprovetado: Part. Pass. aproveitar, fazer uso.

Anoiteceu: v., 3ª sing., Pret. Perf. Ind. anoitecer, tornar-se noite.

Biscoito: s., alimento, lanche.

Cãndinho: Antrop.

Cláudia: Antrop.

Cláudio: Antrop.

Coitada: Adj. Fem. sing., digna de pena.

Coitadinha: Adj. Fem. sing., g. Dim., sofrida, digna de pena.

Coitado: Adj. Masc. sing., sofrido, digno de pena.

Coitados: Adj. Masc. Pl., sofridos, dignos de pena.

Coito: s., Masc. sing., companhia constante.

Confeite: s., Masc. sing., bala, doce usado para ornar bolos.

Cuida (1): v., 3ª sing., Pres. Ind. cuidar, zelar.

Cuida (2): s., Fem. sing., cabaça seca cortada ao meio, cuia de cabaça.

Cuidado: s., Masc. sing., relativo a zelo.

Cuidar: v., Inf., acompanhar, zelar.

Cuidava: v., 3ª sing., Pret. Imperf. Ind. cuidar, zelar.

Cuidei: v., 1ª sing., Pret. Perf. Ind. cuidar, acompanhar, zelar.

Deitada: Adj., Fem., sing., acomodada, em repouso na cama.

Deitadiho: Adj., Masc., sing., g. Dim., bem acomodado.

Deitando (1): Gerund. deitar, indo para a cama para descansar, dormir.

Deitando (2): Gerund. deitar, com conotação sexual pejorativa.

Deitar (1): v., Inf., repousar, dormir.

Deitar (2): v., Inf., com conotação sexual pejorativa.

Deitava (1): v., 3ª sing., Pret. Imperf. Ind. deitar, descansar, dormir.

Deitava (2): v., 3ª sing., Pret. Imperf. Ind. deitar, com conotação sexual pejorativa.

Deitei: v., 1ª sing., Pret. Perf. Ind. deitar, descansar, dormir.

Deito: v., 1ª sing., Pres. Ind. deitar, descansar, dormir.

Deitou (1): v., 3ª sing., Pret. Perf. Ind. deitar, descansar, dormir.

Deitou (2): v., 3ª sing., Pret. Perf. Ind. deitar, com conotação sexual pejorativa.

Despeitado: Adj., Masc., sing., relativo a despeita, cisma, inveja.

Dezoito: Num.

Direita: Adj., Fem., sing., relativo a pessoa de respeito, em que se pode confiar.

Direitinho: Adj., Masc., sing., g. Dim., relativo a correção, muito correto.

Direito: Adj., Masc., sing., relativo a pessoa de respeito, em que se pode confiar.

Doida: Adj., Fem., sing., relativo a pessoa sem juízo.

Doidão: Adj., Masc., sing., g. Aum., muito desordenado, muito desequilibrado.

Doido: Adj., Masc., sing., desordenado.

Egídio: Antrop.

Eleito: Part. Pass. eleger, escolher.

Endireitasse: v., 3ª sing., Pret. Imperf. Subj. endireitar, consertar.

Enfeitado: Adj. Masc., sing., relativo a indumentária, adereço.

Enfeitava: v., 3ª sing., Pret. Imperf. Ind. enfeitar, ornar.

Enfeite: s., Masc., sing., adereço, ornamento.

Enfeite: fezes fora do seu lugar próprio, com conotação pejorativa, cocô.

Estreito: s., Masc., sing., relativo a adversidade, dificuldade.

Feita: Adj., Fem., sing., relativo a fazer.

Feito: Adj., Masc., sing., relativo a fazer.

Feito: s., Masc., sing., relativo a acontecimento.

Feitor: s., Masc., sing., função de protetor do proprietário das terras, capataz, observador e algoz de escravos.

Fruta: s., Fem., sing., alimento natutal do campo.

Índio: s., Masc., sing./plur., povo autóctone, primeiros habitantes das terras brasileiras.

Intermédio: s., Masc., sing., relativo a interstício, intervalo, acontecimentos simultâneos.

Jeito: s., Masc., sing., relativo a maneira de proceder.

Leite: s., Masc., sing., produção da fêmea do gado bovino, caprino, ovino.

Leitinho: s., Masc., sing., g. Dim., produção da vaca (fêmea do gado bovino) ou da cabra (fêmea do gado caprino), alimento, com conotação afetiva.

Leitura: s., Fem., sing., relativo a letramento alfabético.

Mandioca: s., Fem., sing., raiz muito cultivada até mesmo em quintais, alimento comum das refeições do café da manhã e/ou da janta à noite.

Média: Adj., Fem., sing., relativo a tamanho, medida intermediária entre grande e pequeno.

Médio: Adj., Fem., sing., relativo a tamanho, medida intermediária entre grande e pequeno.

Meio-dia: s., Masc., sing., correspondente à décima segunda HORA do dia, hora de almoço.

Moita: s., Fem., sing., arbusto que serve também para se esconder.

Muita: Int., Quant., Fem., sing., além do suficiente.

Muitão: Int., Quant., Masc., sing., g. Aum., muito além do suficiente.

Muitas: Quant., Fem., Pl., além do suficiente.

Muito: Int., Quant., Masc., sing., além do suficiente.

Muitos: Quant., Masc., Pl., além do suficiente.

Nadjo: Antrop.

Neide: Antrop.

Night: Top., nome de restaurante.

Noite: s., Fem., sing., relativo ao período escuro do dia.

Noitinha: s., Fem., sing., g. Dim., relativo ao período do dia logo após a tarde.

Ódio: s., Masc., sing., estado de fúria.

Oitão: s., Masc., sing., parte lateral do lado de fora de uma casa (edificação).

Oiteirinhos: Top.

Oiteiro: s., Masc., sing., área rural com árvore, próxima da habitação, que pode facilmente ser vista de dentro de casa.

Oitenta: Num.

Oito: Num.

Oitos: Num., Pl., coletivo referente a oito coisas.

Prédio: s., Masc., sing., edificação alta, construção verticalizada em mais de um piso.

Prefeita: s., Fem., sing., administradora do município.

Prefeito: s., Masc., sing., administrador do município.

Prefeitura: s., Fem., sing., relativo à administração ou seu prédio municipal.

Prefeituras: s., Fem., sing., Pl., relativo à administração municipal.

Presídio: s., Masc., sing., casa de detenção permanente de maiores infratores, delinquentes etc..

Rádio (1): s., Masc., sing., aparelho reproduzidor de emissão de programas de áudio difusão.

Rádio (2): s., Fem., sing., emissora de programas de áudio difusão.

Raidinho: s., Masc., sing., g. Dim., pequeno aparelho reproduzidor de emissão de programas de áudio difusão.

Receita: s., Fem., sing., relativo a indicação, prescrição médica.

Receitar: v., Inf., prescrever.

Receitei: v., 1ª sing., Pret. Perf. Ind. receitar, indicar, prescrever.

Remedinho: s., Masc., sing., g. Dim., com conotação afetiva.

Remédio: s., Masc., sing., medicamento alopático.

Remédios: s., Masc., Pl., medicamentos alopáticos de uso contínuo.

Respeita: v., 3ª sing., Pres. Ind. respeitar.

Respeitar: v., Inf., ter consideração.

Respeito: s., Masc., sing., relativo a comportamento subordinado.

Satisfeita: Adj., Fem., sing., relativo a provisão alimentar.

Satisfeito (1): Adj., Masc., sing., relativo a provisão alimentar.

Satisfeito (2): Adj., Masc., sing., relativo a realização pessoal na vida.

Sitinho: s., Masc., sing., g. Dim., pequena propriedade de terra, com conotação afetiva.

Sítio: s., Masc., sing., g. Dim., pequena propriedade de terra.

Sítios: s., Masc., Pl., pequenas propriedades de terras.

Sítiozinho: s., Masc., Pl., g. Dim., pequena propriedade de terra, com conotação afetiva.

Tchá (1): Antrop.

Tchá (2): Onom., relativa a barulho de água corrente.

Tchopo: Onom., relativa a um golpe com objeto cortante.

Tchou Onom., relativa a barulho de grande quantidade de água corrente, enxurrada.

Tireoide: s., Fem., sing., relativo à glândula hormonal.

Tresnoitado: Adj., Masc., sing., relativo a quem perde noite sem dormir.

Vídeo: s., Masc., sing., relativo a exibição de imagem e som de cena (s) em tela de TV.

ANEXOS

ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Caro informante,

Estamos te convidando para participar como voluntário de uma pesquisa de campo a ser realizada por meio da gravação de entrevista sobre temas relacionados a experiências de vida. A coleta será realizada com o objetivo de desenvolvermos um trabalho acadêmico vinculado ao Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe. A entrevista coletada ficará disponível no Banco de Dados Falares Sergipanos, para ser utilizada em pesquisas futuras. Serão resguardadas todas as informações de identificação de forma que se mantenha o anonimato. Não será cobrado nada, não haverá gastos e não estão previstos ressarcimentos ou indenizações. Você poderá solicitar esclarecimento sobre a pesquisa em qualquer etapa do estudo. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação na pesquisa a qualquer momento, seja por motivo de constrangimento e/ou outros motivos. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios. Desde já, agradecemos sua atenção e participação e colocamo-nos à disposição para maiores informações.

Consentimento para participação

Eu, _____, idade: _____, estado civil: _____, RG: _____, estou de acordo com a participação no estudo descrito acima. Eu fui devidamente esclarecido quanto os objetivos da pesquisa, aos procedimentos aos quais serei submetido e os possíveis riscos envolvidos na minha participação. Os pesquisadores me garantiram disponibilizar qualquer esclarecimento adicional a que eu venha a solicitar durante o curso da pesquisa e o direito de desistir da participação em qualquer momento, sem que a minha desistência implique qualquer prejuízo à minha pessoa ou à minha família, sendo garantido anonimato e o sigilo dos dados referentes à minha identificação, bem como de que a minha participação neste estudo não me trará nenhum benefício econômico. Ao mesmo tempo, libero a utilização de minha entrevista para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), em favor dos pesquisadores, obedecendo ao que está previsto na Resolução do CNS nº 196/96. Autorizo também que ela fique disponível no banco de dados acima referido para ser utilizada em pesquisas futuras.

_____, ____ de _____ de _____

Assinatura do (a) participante:

Assinatura do (a) pesquisador (a):

Assinatura do (a) coordenador (a)/orientador(a):
